TESE DE DOUTORAMENTO

CALE e os *CALLAECI*

Territórios e comunidades na foz do rio Douro
entre a Proto-história e a Romanidade

António Manuel dos Santos Pinto da Silva

Vol. II - Inventários

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO
EN ESTUDOS CULTURAIS: MEMORIA, IDENTIDADE, TERRITORIO E LINGUAXE

LUGO
2021

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

INVENTÁRIOS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

I. CIDADES DO PORTO E GAIA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de registos

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
ACH01	Rio Douro, São Miguel-o-Anjo (?) ESCULTURA ROMANA («Togado»)	Achados dispersos	
ACH02	Miragaia. TESOURO NUMISMÁTICO	Miragaia	Miragaia
ACH03	Sé do Porto, imediações. FUSTES DE COLUNAS	Penaventosa	Sé
ACH04	Seminário Maior do Porto. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ACH05	D. Hugo (Rua de), 13. FUSTES DE COLUNAS	Penaventosa	Sé
ACH06	D. Hugo (Rua de), 41. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ACH07	Ribeira (Praça da), 25-26. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH08	Baixo (Rua de), 9-11 e 8-10. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH09	Terreirinho (Largo do), 15. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH10	Terreirinho (Largo do), 5. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH11	Barredo (Travessa do), 7. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH12	Barredo (Travessa do), 4-6. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH13	Barredo (zona do). ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH14	Passos (Lugar de). ACHADOS DIVERSOS	Achados dispersos	Nevogilde
ACH15	Sé do Porto, imediações. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ACH16	Rio Douro, junto ao paredão do farolim de Felgueiras. ÂNCORA	Achados dispersos	
ACH17	ACHADOS DIVERSOS - Acus crinales	Cividade	Sé
ACH18	Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atualmente renumerado 67-71) - ESCULTURA ANTROPOMORFA	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
ACH19	Lóios (Largo dos). PLACA DE XISTO GRAVADA	Vitória	Vitória
ADS18.98	Aldas (Rua das), 18. Ilha das Aldas	Penaventosa	Sé
AMD378.19	Almada (Rua do), 378-384	Achados dispersos	Santo Ildefonso
APH.19	D. Hugo (Rua de), 29-39	Penaventosa	Sé
BAI.09	Bainharia (Quarteirão da); Bainharia (Rua da); São Sebastião (Rua de); Escura (Rua)	Penaventosa	Sé
BAI102.18	Bainharia (Rua da), 102-104; Penaventosa (Rua da), 69-71	Penaventosa	Sé
BAI119.11	Bainharia (Rua da), 117-121; Anjo (Viela do), 28-30	Penaventosa	Sé
BAI50.12	Bainharia (Rua da), 50-52	Penaventosa	Sé
BAI66-70.96	Bainharia (Rua da), 66-72	Penaventosa	Sé
BAN78.04	Bandeirinha (Rua da), 78-80	Miragaia	Miragaia
BJD.18	Bonjardim (Rua do), 79-101 e Congregados (Trav. dos), 20-22	Achados dispersos	Santo Idefonso
BLS44.05	Bolsa (Rua da), 44. Hospital da Ordem de São Francisco	Vila Baixa	São Nicolau
BNR67.15	Bainharia (Rua da), 67-69; Gaveto com Rua da Ponte Nova e Viela do Anjo	Penaventosa	Sé
BP1.00	Relação (Praça da); Mártires da Pátria (Campo dos) e outras. Requalificação da Baixa Portuense. Lote 1	Vitória	Vitória
BUR24.13	Buraco (Viela do), 24	Vila Baixa	São Nicolau
CAL.02	Condominhas (Rua das); Aleixo (Rua do); Gaveto - Empreendimento D'Ouro Villa	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
CAT22.10	Cativo (Rua do), 22-28	Cividade	Sé
CC.84 - CC.00	São Sebastião (Rua de). Antiga Casa da Câmara	Penaventosa	Sé
CDF.01-02	Igreja de Cedofeita e área envolvente (renovação de infraestruturas de águas pluviais)	Cedofeita	Cedofeita

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
CHA109.17	Chã (Rua), 109-115	Cividade	Sé
CI.91	Alfândega (Rua da), 10	Vila Baixa	São Nicolau
CIV.90	Terrenos a sul da Travessa do Loureiro (Alto da Cividade)	Cividade	Sé
CLD131.12	Caldeireiros (Rua dos), 131-135	Vitória	Vitória
CLO.01	Ouro (Calçada do)	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
CMGJ.94	D. Hugo (Rua de), 30-32. Casa Museu Guerra Junqueiro	Penaventosa	Sé
CNOV.01	Monchique (Rua de). Armazém do Cais Novo	Achados dispersos	Massarelos
CPR21.17	Campo do Rou (Trav. do), 21-23	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CQ5.94	Sant'Ana (Rua de); Bainharia (Rua da). Quarteirão da Sé Q5	Penaventosa	Sé
CRM.00	Campo do Rou; Fonte de Massarelos (Rua da); Casal do Pedro (Rua do)	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CSP3.03	Casal do Pedro (Rua do), 3-5	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CSP-E3.13	Casal do Pedro (Rua do), 3	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CTO.09	Ouro (Rua do), 151-153; Mocidade da Arrábida (Rua da); Central Termoeléctrica do Ouro	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
DHG19.10	D. Hugo (Rua de), 19	Penaventosa	Sé
E21	Castelo (Esplanada do). Castelo de São João da Foz (F.87) - ARA VOTIVA	Achados dispersos	Foz do Douro
E22	São Pedro de Miragaia (Largo de) - ESTELA FUNERÁRIA	Miragaia	Miragaia
E23	São Pedro de Miragaia, Igreja (?) - ARA VOTIVA	Miragaia (?)	Miragaia (?)
E24	Sé do Porto, imediações - ARA VOTIVA	Penaventosa	Sé
E25	Sé do Porto - ARA VOTIVA	Penaventosa	Sé
E26	Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO	Penaventosa	Sé
E27	Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO	Penaventosa	Sé
ERV.06	Fez (Rua de); Afonso Baldaia (Rua de) - Terrenos do Forte. Espaldão militar da Ervilha	Achados dispersos	Nevogilde
ESL.10	Escola (Rua da). Centro Educativo de Nevogilde	Monte Crasto	Nevogilde
FLO137.13	Flores (Rua das), 135-145	Vitória	Vitória
FLO301.17	Flores (Rua das), 301-305; Almeida Garrett (Praça de), 7-10	Vitória	Vitória
FLO326.07	Flores (Rua das), 326-332; Mouzinho da Silveira (Rua de), 335-341	Vitória	Vitória
FLO69.02	Flores (Rua das), 69. Fundação da Juventude	Vitória	Vitória
FLR19.17	Flora (Rua da), 19-23	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
FLR304.13	Mouzinho da Silveira (Rua de), 311-315; Flores (Rua das), 304-306	Vitória	Sé
FRB.02	Ribeira (Praça da), Estiva (Cais da), Ribeira (Cais da). Requalificação da Frente da Ribeira	Vila Baixa	São Nicolau
FTA101.06	Fonte Taurina (Rua da), 99-101; Bacalhoeiros (Muro dos), 111-114	Vila Baixa	São Nicolau

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
FTA12.97	Fonte Taurina (Rua da), 12-24	Vila Baixa	São Nicolau
FTA14.13	Fonte Taurina (Rua da), 14-22	Vila Baixa	São Nicolau
FTA87.97	Fonte Taurina (Rua da), 87-93	Vila Baixa	São Nicolau
FTB.13	Fonte Taurina (Rua da), 35-57; Bacalhoeiros (Muro dos), 82-94	Vila Baixa	São Nicolau
GIM.00	Infante D. Henrique (Rua do); Mouzinho da Silveira (Rua de). Gaveto	Vila Baixa	São Nicolau
GSD.15	General Sousa Dias (Rua do); S. Luís (Rua de), 10-14. Universidade Lusófona do Porto	Achados dispersos	Sé
HPC.09-1	Dr. Pedro Vitorino (Largo do)	Penaventosa	Sé
HPC.09-2	Colégio (Largo do)	Penaventosa	Sé
HPC.09-3	D. Hugo (Rua de)	Penaventosa	Sé
HPC.09-4	Vandoma (Largo de) [Designação toponímica não oficial]	Penaventosa	Sé
HPC.09-5	Colégio (Largo do) - Miradouro junto à igreja de São Lourenço	Penaventosa	Sé
HUG.84-92	D. Hugo (Rua de), 5	Penaventosa	Sé
HUG17.18	D. Hugo (Rua de), 17	Penaventosa	Sé
HUG2.17	D. Hugo (Rua de), 2-6; Vandoma (Calçada de), 3	Penaventosa	Sé
HUG23.09	D. Hugo (Rua de), 23	Penaventosa	Sé
HUG33.10	D. Hugo (Rua de), 33	Penaventosa	Sé
HUG37.14	D. Hugo (Rua de), 37-39	Penaventosa	Sé
HUG9.16	D. Hugo (Rua de), 9-11; Vímara Peres (Avenida de), 59-67	Penaventosa	Sé
ILD.04	Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
ILD.07	Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
INF19.15	Infante D. Henrique (Rua do), 19-29 - Hotel Carris (Ampliação)	Vila Baixa	São Nicolau
INF9.09	Infante D. Henrique (Rua do), 1-15 ; São João (Rua de), 1-39 - Hotel Carris	Vila Baixa	São Nicolau
IPA.21	Igreja de Paranhos (Largo da)	Achados dispersos	Paranhos
LCR143.17	Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atualmente renumerado 67-71)	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
LCR160.18	Luís Cruz (Rua de), 150-160	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
LPM1.19	São Pedro de Miragaia (Largo de), 1-2	Miragaia	Miragaia
MCR.89	Escola (Rua da). Infantário «Cantinho ao Sol» (Monte Crasto)	Monte Crasto	Nevogilde
MIRG.96	Miragaia (Rua de), 75-76	Miragaia	Miragaia
MOU.21	Dr. Nuno Pinheiro Torres (Rua do) / Mouteira (Rua da) / Serralves (Rua de)	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
MPC.00	Gonçalves Zarco (Praça de) e áreas envolventes. Frente Marítima do Parque da Cidade / Av. Marginal do Parque da Cidade	Achados dispersos	Nevogilde
MRC116.02	Mercadores (Rua dos), 116-122	Penaventosa	São Nicolau
MRC116.12	Mercadores (Rua dos), 116-122	Penaventosa	Sé
MRGA.96	Miragaia (Rua de), 123-124	Miragaia	Miragaia

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
MSF.12	Mouzinho da Silveira (Rua de); Flores (Rua das). Trabalhos de Requalificação Urbana	Vila Baixa/Vitória	São Nicolau; Sé; Vitória
MVT1.16	Moinho de Vento (Largo do), 1-3; Sá Noronha (Rua de), 54-58	Achados dispersos	Vitória
MZS157.14	Mouzinho da Silveira (Rua de), 157-167; Ponte Nova (Rua da), 42-48	Vitória	Sé
MZS174.17	Mouzinho da Silveira (Rua de), 174-180; Bainharia (Rua da), 51-61	Penaventosa	Sé
MZS218.16	Mouzinho da Silveira (Rua de), 216-220	Penaventosa	São Nicolau
MZS222.07	Mouzinho da Silveira (Rua de), 222-226	Penaventosa	Sé
MZS240.14	Mouzinho da Silveira (Rua de), 240-244	Penaventosa	Sé
MZS54.09	Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56	Vila Baixa	São Nicolau
MZS56.02	Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56	Vila Baixa	São Nicolau
NAL16.06	Nova da Alfândega (Rua), 16-18	Vila Baixa	São Nicolau
OTR25.01	Outeiro (Rua do), 25	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
PCH.96-98	Ribeira (Praça da), Fonte Taurina (Rua da), Carvão (Postigo do), Bacalhoeiros (Muro dos). Porto Carlton Hotel	Vila Baixa	São Nicolau
PIF.98-99	Infante D. Henrique (Praça do) - Parque de Estacionamento da Praça do Infante	Vila Baixa	São Nicolau
PLM20.12	Pelames (Rua dos), 20-38	Penaventosa	Sé
PNV21.02	Penaventosa (Largo da), 17-21	Penaventosa	Sé
PNV21.12	Penaventosa (Largo da), 17-21	Penaventosa	Sé
PNV25.02	Penaventosa (Largo da), 23-27	Penaventosa	Sé
PNV25.12	Penaventosa (Largo da), 23-27	Penaventosa	Sé
PNV27.03	Penaventosa (Rua da), 25-27	Penaventosa	Sé
PNV27.12	Penaventosa (Rua da), 25-27	Penaventosa	Sé
PNV39.98	Penaventosa (Rua da), 39-43	Penaventosa	Sé
PNV45.98	Penaventosa (Rua da), 45-47	Penaventosa	Sé
PNV51.97	Penaventosa(Rua da), 49-51	Penaventosa	Sé
PNV57.98	Penaventosa (Rua da), 53-57	Penaventosa	Sé
PRD20.11	Priorado (Largo do), 20	Cedofeita	Cedofeita
PRD94.19	Priorado (Largo do), 94-100	Cedofeita	Cedofeita
PRI.80	Ribeira (Praça da)	Vila Baixa	São Nicolau
PTN50.00	Ponte Nova (Rua da), 50-54	Vitória	São Nicolau
QLC.98	Largo do Colégio (Quarteirão do)	Penaventosa	Sé
RCR14.00	Ribeira (Cais da), 14-16	Vila Baixa	São Nicolau
REB52.14	Reboleira (Rua da), 52-62. Associação Social e Cultural de S. Nicolau	Vila Baixa	São Nicolau
RIB17.21	Ribeira (Praça da), 17-18; Baixo (Rua de), 15	Vila Baixa	São Nicolau
RIC11.06	Igreja de Cedofeita (Rua da), 11	Cedofeita	Cedofeita
ROU9.17	Campo do Rou (Rua do) , 9; e Flora (Rua da)	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
RS.96-1	Bainharia (Rua da), frente ao 139. Sond. 1 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-13	São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 13 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
RS.96-14	Dr. Pedro Vitorino (Largo do). Sond. 14 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-15	São Sebastião (Rua de), frente ao nº 45-50. Sond. 15 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-5	Escura (Rua). Sond. 5 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-9	São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 9 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RST105.18	Restauração (Rua da), 105-117 e Entre Quintas (Rua de), 7-11	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
SBM59.18	Senhor da Boa Morte (Rua do), 59-61	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
SBT.01-05	Almeida Garrett (Praça de); Loureiro (Rua do) (extremo poente)	Cividade	Sé
SCT1.17	Senhor da Boa Morte (Rua do), 215A; Santa Catarina (Largo de), 1	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
SEB35.10	São Sebastião(Rua de), 31-35	Penaventosa	Sé
SEB42.96	São Sebastião (Rua de), 42-44 (antigo Aljube eclesiástico)	Penaventosa	Sé
SEB55.95	São Sebastião (Rua de), 45-50. «Casa Amarela»	Penaventosa	Sé
SIL.98	Mouzinho da Silveira (Rua de), 208-214	Penaventosa	Sé
SNT12.98 / LGC12.04	Sant'Ana (Rua de); Colégio (Largo do), 9-12	Penaventosa	Sé
SNT16.14	Sant'Ana (Rua de), 16-18; Penaventosa (Largo da), 1	Penaventosa	Sé
SNT25.99	Sant'Ana (Rua de), 25	Penaventosa	Sé
SPM20.17	São Pedro de Miragaia (Rua de), 18-20	Miragaia	Miragaia
SPM26.16	São Pedro de Miragaia (Rua de), 26-58	Miragaia	Miragaia
SPT.03	Sé do Porto. Pátio da Sacristia Pequena	Penaventosa	Sé
SPT.12	Sé do Porto. Áreas de apoio e instalações do Cabido da Sé	Penaventosa	Sé
TGN3.04	Tomás Gonzaga (Rua de), 3-13	Miragaia	Miragaia
TLC130.19	Luís Cruz (Travessa de), 130-136	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
TVA.13	Tareija Vaz de Altaro (Rua) - Arranjo urbanístico junto à Sé do Porto	Penaventosa	Sé
VLA.96	Anjo (Viela do)	Penaventosa	Sé
VMP.03	Vímara Peres (Avenida de). Metro do Porto	Penaventosa	Sé
VNC.20	Vila Nova (Rua de); Costibela (Travessa de)	Achados dispersos	Aldoar
VSL.15	São Lourenço (Viela de)	Penaventosa	Sé

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de subsítios

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
BJD.18	Bonjardim (Rua do), 79-101 e Congregados (Trav. dos), 20-22	Achados dispersos	Santo Idefonso
MVT1.16	Moinho de Vento (Largo do), 1-3; Sá Noronha (Rua de), 54-58	Achados dispersos	Vitória
ACH01	Rio Douro, São Miguel-o-Anjo (?) ESCULTURA ROMANA («Togado»)	Achados dispersos	
ACH14	Passos (Lugar de). ACHADOS DIVERSOS	Achados dispersos	Nevogilde
ACH16	Rio Douro, junto ao paredão do farolim de Felgueiras. ÂNCORA	Achados dispersos	
AMD378.19	Almada (Rua do), 378-384	Achados dispersos	Santo Ildefonso
CNOV.01	Monchique (Rua de). Armazém do Cais Novo	Achados dispersos	Massarelos
E21	Castelo (Esplanada do). Castelo de São João da Foz (F.87) - ARA VOTIVA	Achados dispersos	Foz do Douro
ERV.06	Fez (Rua de); Afonso Baldaia (Rua de) - Terrenos do Forte. Espaldão militar da Ervilha	Achados dispersos	Nevogilde
GSD.15	General Sousa Dias (Rua do); S. Luís (Rua de), 10-14. Universidade Lusófona do Porto	Achados dispersos	Sé
IPA.21	Igreja de Paranhos (Largo da)	Achados dispersos	Paranhos
MPC.00	Gonçalves Zarco (Praça de) e áreas envolventes. Frente Marítima do Parque da Cidade / Av. Marginal do Parque da Cidade	Achados dispersos	Nevogilde
VNC.20	Vila Nova (Rua de); Costibela (Travessa de)	Achados dispersos	Aldoar
CPR21.17	Campo do Rou (Trav. do), 21-23	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CRM.00	Campo do Rou; Fonte de Massarelos (Rua da); Casal do Pedro (Rua do)	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CSP3.03	Casal do Pedro (Rua do), 3-5	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CSP-E3.13	Casal do Pedro (Rua do), 3	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
FLR19.17	Flora (Rua da), 19-23	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
OTR25.01	Outeiro (Rua do), 25	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
ROU9.17	Campo do Rou (Rua do) , 9; e Flora (Rua da)	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
RST105.18	Restauração (Rua da), 105-117 e Entre Quintas (Rua de), 7-11	Campo do Rou/Cristelo	Massarelos
CDF.01-02	Igreja de Cedofeita e área envolvente (renovação de infraestruturas de águas pluviais)	Cedofeita	Cedofeita
PRD20.11	Priorado (Largo do), 20	Cedofeita	Cedofeita
PRD94.19	Priorado (Largo do), 94-100	Cedofeita	Cedofeita
RIC11.06	Igreja de Cedofeita (Rua da), 11	Cedofeita	Cedofeita
ACH17	ACHADOS DIVERSOS - Acus crinales	Cividade	Sé
CAT22.10	Cativo (Rua do), 22-28	Cividade	Sé
CHA109.17	Chã (Rua), 109-115	Cividade	Sé
CIV.90	Terrenos a sul da Travessa do Loureiro (Alto da Cividade)	Cividade	Sé

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de subsítios

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
SBT.01-05	Almeida Garrett (Praça de); Loureiro (Rua do) (extremo poente)	Cividade	Sé
ILD.04	Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
ILD.07	Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
MOU.21	Dr. Nuno Pinheiro Torres (Rua do) / Mouteira (Rua da) / Serralves (Rua de)	Lordelo/Mouteira	Lordelo do Ouro
ACH02	Miragaia. TESOURO NUMISMÁTICO	Miragaia	Miragaia
BAN78.04	Bandeirinha (Rua da), 78-80	Miragaia	Miragaia
E22	São Pedro de Miragaia (Largo de) - ESTELA FUNERÁRIA	Miragaia	Miragaia
LPM1.19	São Pedro de Miragaia (Largo de), 1-2	Miragaia	Miragaia
MIRG.96	Miragaia (Rua de), 75-76	Miragaia	Miragaia
MRGA.96	Miragaia (Rua de), 123-124	Miragaia	Miragaia
SPM20.17	São Pedro de Miragaia (Rua de), 18-20	Miragaia	Miragaia
SPM26.16	São Pedro de Miragaia (Rua de), 26-58	Miragaia	Miragaia
TGN3.04	Tomás Gonzaga (Rua de), 3-13	Miragaia	Miragaia
E23	São Pedro de Miragaia, Igreja (?) - ARA VOTIVA	Miragaia (?)	Miragaia (?)
ESL.10	Escola (Rua da). Centro Educativo de Nevogilde	Monte Crasto	Nevogilde
MCR.89	Escola (Rua da). Infantário «Cantinho ao Sol» (Monte Crasto)	Monte Crasto	Nevogilde
ACH03	Sé do Porto, imediações. FUSTES DE COLUNAS	Penaventosa	Sé
ACH04	Seminário Maior do Porto. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ACH05	D. Hugo (Rua de), 13. FUSTES DE COLUNAS	Penaventosa	Sé
ACH06	D. Hugo (Rua de), 41. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ACH15	Sé do Porto, imediações. ACHADOS DIVERSOS	Penaventosa	Sé
ADS18.98	Aldas (Rua das), 18. Ilha das Aldas	Penaventosa	Sé
APH.19	D. Hugo (Rua de), 29-39	Penaventosa	Sé
BAI.09	Bainharia (Quarteirão da); Bainharia (Rua da); São Sebastião (Rua de); Escura (Rua)	Penaventosa	Sé
BAI102.18	Bainharia (Rua da), 102-104; Penaventosa (Rua da), 69-71	Penaventosa	Sé
BAI119.11	Bainharia (Rua da), 117-121; Anjo (Viela do), 28-30	Penaventosa	Sé
BAI50.12	Bainharia (Rua da), 50-52	Penaventosa	Sé
BAI66-70.96	Bainharia (Rua da), 66-72	Penaventosa	Sé
BNR67.15	Bainharia (Rua da), 67-69; Gaveto com Rua da Ponte Nova e Viela do Anjo	Penaventosa	Sé
CC.84 - CC.00	São Sebastião (Rua de). Antiga Casa da Câmara	Penaventosa	Sé
CMGJ.94	D. Hugo (Rua de), 30-32. Casa Museu Guerra Junqueiro	Penaventosa	Sé
CQ5.94	Sant'Ana (Rua de); Bainharia (Rua da). Quarteirão da Sé Q5	Penaventosa	Sé
DHG19.10	D. Hugo (Rua de), 19	Penaventosa	Sé
E24	Sé do Porto, imediações - ARA VOTIVA	Penaventosa	Sé
E25	Sé do Porto - ARA VOTIVA	Penaventosa	Sé
E26	Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO	Penaventosa	Sé
E27	Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO	Penaventosa	Sé

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de subsítios

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
HPC.09-1	Dr. Pedro Vitorino (Largo do)	Penaventosa	Sé
HPC.09-2	Colégio (Largo do)	Penaventosa	Sé
HPC.09-3	D. Hugo (Rua de)	Penaventosa	Sé
HPC.09-4	Vandoma (Largo de) [Designação toponímica não oficial]	Penaventosa	Sé
HPC.09-5	Colégio (Largo do) - Miradouro junto à igreja de São Lourenço	Penaventosa	Sé
HUG.84-92	D. Hugo (Rua de), 5	Penaventosa	Sé
HUG17.18	D. Hugo (Rua de), 17	Penaventosa	Sé
HUG2.17	D. Hugo (Rua de), 2-6; Vandoma (Calçada de), 3	Penaventosa	Sé
HUG23.09	D. Hugo (Rua de), 23	Penaventosa	Sé
HUG33.10	D. Hugo (Rua de), 33	Penaventosa	Sé
HUG37.14	D. Hugo (Rua de), 37-39	Penaventosa	Sé
HUG9.16	D. Hugo (Rua de), 9-11; Vímara Peres (Avenida de), 59-67	Penaventosa	Sé
MRC116.02	Mercadores (Rua dos), 116-122	Penaventosa	São Nicolau
MRC116.12	Mercadores (Rua dos), 116-122	Penaventosa	Sé
MZS174.17	Mouzinho da Silveira (Rua de), 174-180; Bainharia (Rua da), 51-61	Penaventosa	Sé
MZS218.16	Mouzinho da Silveira (Rua de), 216-220	Penaventosa	São Nicolau
MZS222.07	Mouzinho da Silveira (Rua de), 222-226	Penaventosa	Sé
MZS240.14	Mouzinho da Silveira (Rua de), 240-244	Penaventosa	Sé
PLM20.12	Pelames (Rua dos), 20-38	Penaventosa	Sé
PNV21.02	Penaventosa (Largo da), 17-21	Penaventosa	Sé
PNV21.12	Penaventosa (Largo da), 17-21	Penaventosa	Sé
PNV25.02	Penaventosa (Largo da), 23-27	Penaventosa	Sé
PNV25.12	Penaventosa (Largo da), 23-27	Penaventosa	Sé
PNV27.03	Penaventosa (Rua da), 25-27	Penaventosa	Sé
PNV27.12	Penaventosa (Rua da), 25-27	Penaventosa	Sé
PNV39.98	Penaventosa (Rua da), 39-43	Penaventosa	Sé
PNV45.98	Penaventosa (Rua da), 45-47	Penaventosa	Sé
PNV51.97	Penaventosa(Rua da), 49-51	Penaventosa	Sé
PNV57.98	Penaventosa (Rua da), 53-57	Penaventosa	Sé
QLC.98	Largo do Colégio (Quarteirão do)	Penaventosa	Sé
RS.96-1	Bainharia (Rua da), frente ao 139. Sond. 1 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-13	São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 13 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-14	Dr. Pedro Vitorino (Largo do). Sond. 14 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-15	São Sebastião (Rua de), frente ao nº 45-50. Sond. 15 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-5	Escura (Rua). Sond. 5 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
RS.96-9	São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 9 Ruas da Sé. Projeto PPUBS	Penaventosa	Sé
SEB35.10	São Sebastião(Rua de), 31-35	Penaventosa	Sé
SEB42.96	São Sebastião (Rua de), 42-44 (antigo Aljube eclesiástico)	Penaventosa	Sé

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de subsítios

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
SEB55.95	São Sebastião (Rua de), 45-50. «Casa Amarela»	Penaventosa	Sé
SIL.98	Mouzinho da Silveira (Rua de), 208-214	Penaventosa	Sé
SNT12.98 / LGC12.04	Sant'Ana (Rua de); Colégio (Largo do), 9-12	Penaventosa	Sé
SNT16.14	Sant'Ana (Rua de), 16-18; Penaventosa (Largo da), 1	Penaventosa	Sé
SNT25.99	Sant'Ana (Rua de), 25	Penaventosa	Sé
SPT.03	Sé do Porto. Pátio da Sacristia Pequena	Penaventosa	Sé
SPT.12	Sé do Porto. Áreas de apoio e instalações do Cabido da Sé	Penaventosa	Sé
TVA.13	Tareija Vaz de Altaro (Rua) - Arranjo urbanístico junto à Sé do Porto	Penaventosa	Sé
VLA.96	Anjo (Viela do)	Penaventosa	Sé
VMP.03	Vímara Peres (Avenida de). Metro do Porto	Penaventosa	Sé
VSL.15	São Lourenço (Viela de)	Penaventosa	Sé
ACH18	Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atualmente renumerado 67-71) - ESCULTURA ANTROPOMORFA	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
CAL.02	Condominhas (Rua das); Aleixo (Rua do); Gaveto - Empreendimento D'Ouro Villa	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
CLO.01	Ouro (Calçada do)	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
CTO.09	Ouro (Rua do), 151-153; Mocidade da Arrábida (Rua da); Central Termoeléctrica do Ouro	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
LCR143.17	Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atualmente renumerado 67-71)	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
LCR160.18	Luís Cruz (Rua de), 150-160	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
SBM59.18	Senhor da Boa Morte (Rua do), 59-61	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
SCT1.17	Senhor da Boa Morte (Rua do), 215A; Santa Catarina (Largo de), 1	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
TLC130.19	Luís Cruz (Travessa de), 130-136	Santa Catarina/Ouro	Lordelo do Ouro
ACH07	Ribeira (Praça da), 25-26. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH08	Baixo (Rua de), 9-11 e 8-10. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH09	Terreirinho (Largo do), 15. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH10	Terreirinho (Largo do), 5. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH11	Barredo (Travessa do), 7. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH12	Barredo (Travessa do), 4-6. ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
ACH13	Barredo (zona do). ACHADOS DIVERSOS	Vila Baixa	São Nicolau
BLS44.05	Bolsa (Rua da), 44. Hospital da Ordem de São Francisco	Vila Baixa	São Nicolau
BUR24.13	Buraco (Viela do), 24	Vila Baixa	São Nicolau
CI.91	Alfândega (Rua da), 10	Vila Baixa	São Nicolau
FRB.02	Ribeira (Praça da), Estiva (Cais da), Ribeira (Cais da). Requalificação da Frente da Ribeira	Vila Baixa	São Nicolau
FTA101.06	Fonte Taurina (Rua da), 99-101; Bacalhoeiros (Muro dos), 111-114	Vila Baixa	São Nicolau
FTA12.97	Fonte Taurina (Rua da), 12-24	Vila Baixa	São Nicolau
FTA14.13	Fonte Taurina (Rua da), 14-22	Vila Baixa	São Nicolau
FTA87.97	Fonte Taurina (Rua da), 87-93	Vila Baixa	São Nicolau
FTB.13	Fonte Taurina (Rua da), 35-57; Bacalhoeiros (Muro dos), 82-94	Vila Baixa	São Nicolau

INVENTÁRIO I.A Por ordem alfabética de subsítios

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
GIM.00	Infante D. Henrique (Rua do); Mouzinho da Silveira (Rua de). Gaveto	Vila Baixa	São Nicolau
INF19.15	Infante D. Henrique (Rua do), 19-29 - Hotel Carris (Ampliação)	Vila Baixa	São Nicolau
INF9.09	Infante D. Henrique (Rua do), 1-15 ; São João (Rua de), 1-39 - Hotel Carris	Vila Baixa	São Nicolau
MZS54.09	Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56	Vila Baixa	São Nicolau
MZS56.02	Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56	Vila Baixa	São Nicolau
NAL16.06	Nova da Alfândega (Rua), 16-18	Vila Baixa	São Nicolau
PCH.96-98	Ribeira (Praça da), Fonte Taurina (Rua da), Carvão (Postigo do), Bacalhoeiros (Muro dos). Porto Carlton Hotel	Vila Baixa	São Nicolau
PIF.98-99	Infante D. Henrique (Praça do) - Parque de Estacionamento da Praça do Infante	Vila Baixa	São Nicolau
PRI.80	Ribeira (Praça da)	Vila Baixa	São Nicolau
RCR14.00	Ribeira (Cais da), 14-16	Vila Baixa	São Nicolau
REB52.14	Reboleira (Rua da), 52-62. Associação Social e Cultural de S. Nicolau	Vila Baixa	São Nicolau
RIB17.21	Ribeira (Praça da), 17-18; Baixo (Rua de), 15	Vila Baixa	São Nicolau
MSF.12	Mouzinho da Silveira (Rua de); Flores (Rua das). Trabalhos de Requalificação Urbana	Vila Baixa/Vitória	São Nicolau; Sé; Vitória
ACH19	Lóios (Largo dos). PLACA DE XISTO GRAVADA	Vitória	Vitória
BP1.00	Relação (Praça da); Mártires da Pátria (Campo dos) e outras. Requalificação da Baixa Portuense. Lote 1	Vitória	Vitória
CLD131.12	Caldeireiros (Rua dos), 131-135	Vitória	Vitória
FLO137.13	Flores (Rua das), 135-145	Vitória	Vitória
FLO301.17	Flores (Rua das), 301-305; Almeida Garrett (Praça de), 7-10	Vitória	Vitória
FLO326.07	Flores (Rua das), 326-332; Mouzinho da Silveira (Rua de), 335-341	Vitória	Vitória
FLO69.02	Flores (Rua das), 69. Fundação da Juventude	Vitória	Vitória
FLR304.13	Mouzinho da Silveira (Rua de), 311-315; Flores (Rua das), 304-306	Vitória	Sé
MZS157.14	Mouzinho da Silveira (Rua de), 157-167; Ponte Nova (Rua da), 42-48	Vitória	Sé
PTN50.00	Ponte Nova (Rua da), 50-54	Vitória	São Nicolau

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Rio Douro, São Miguel-o-Anjo. ESCULTURA ROMANA**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**ACH01**
Concelho	Porto	Freguesias	Foz do Douro	Lugar	Rio Douro
X:	-8.666934°	Y:	41.145951°	SRC	WGS84 (localização estimada)
Altit.		Inicio	08/06/1868	Fim	08/06/1868
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

A estátua apareceu no Rio Douro em junho de 1868, encontrada por mergulhadores ocupados em obras de melhoria dos acessos da barra do rio. Faria parte de um templete renascentista mandado erguer por um bispo renascentista, D. Miguel da Silva, em 1527 (FERREIRA, 1926: 101).

Recolhida a estátua por Joaquim Possidónio da Silva, deu entrada no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, onde ainda se encontra.

Trata-se de uma escultura de vulto, em granito, com 1,27 metros, representando uma figura masculina, em pose, com a perna esquerda levemente avançada e a cabeça um pouco voltada à direita. Apresenta-se vestido com túnica curta e toga, apertada por um cinto, cujas dobras estão representadas de forma esquemática. O braço direito, truncado, está fletido sob a vestimenta e repousa na dobra da toga, enquanto o braço esquerdo, pendente, segura um objeto indeterminado (SILVA, 2006a).

Com exceção de M. J. BARROCA (2001: 45, n. 43), que chegou a considerar a peça como uma réplica renascentista, opinião que rebatemos (SILVA, 2010c: 220-221, 247, n. 8) e que terá contribuído para alterar a opinião daquele investigador (BARROCA, 2012: 289), a generalidade dos autores (MATOS 1966; 2005; SOUZA 1990; SCHATTNER 2003; 2004) não tem dúvida em admitir a natureza da peça como exemplo de arte provincial dos inícios do domínio romano no noroeste ibérico, sendo mesmo apresentada como típica dos modelos de transição cultural e artística (GARCIA BELLIDO 1949: 192; CANTO, 2001: 466ss.; NOGALES BASARRATE, 2015a: 342-343).

Espólio

Estado espólio | Localização espólio: Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa

Refs.

BARROCA, Mário J. (2001) – As fortificações do litoral portuense. Colecção Portucale. Lisboa: Inapa

BARROCA, Mário J. [2012] – Porto. In ALARCÃO, Jorge de; BARROCA, Mário (coord.) – Dicionário de Arqueologia Portuguesa. Porto: Figueirinhas, [DL 2012], p. 288-289

CANTO, Alicia M.ª (2001) – Sinoicismo y stolati en Emerita, Caesaraugusta y Pax: Una relectura de Estrabón III, 2, 15. Gerión. Revista de Historia Antigua, 19. Madrid, p. 425-476

FERREIRA, Pedro Augusto (1926) – O pharol mais antigo de Portugal. O Tripeiro, 3.ª Série, 7 (127). Porto, p. 101-102

GARCIA Y BELLIDO, António (1949) – Esculturas romanas de España y Portugal. Madrid: CSIC

MATOS, José L. (1966) – Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Texto datilog.

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

MATOS, José L. (2005) – Escultura Romana. In ARNAUD, José M.; FERNANDES, C. V. (coord.) – Construindo a Memória: as colecções do Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa: Assoc. Arqueólogos Portugueses, p. 235-240

NOGALES BASARRATE, Trinidad (2015a) – El lenguaje escultórico en Lusitania Romana. In ÁLVAREZ MARTINEZ, José M.; CARVALHO, António; FABIÃO, Carlos, eds. (2015) – Lusitania Romana: Origen de dos pueblos/ Lusitânia Romana: Origem de dois povos. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 341-353

SCHATTNER, Thomas G. (2003) – Stilistische und formale Beobachtungen na den Kriegerstatuen. Madrider Mitteilungen. 44. Madrid, p. 127-49

SCHATTNER, Thomas G. (2004) – Novas aproximações às estátuas de guerreiros lusitano-galaicos. O Arqueólogo Português. Série IV. 22. Lisboa, p. 9-66

SILVA, António Manuel S. P. (2006a) – O Togado, um enigma vindo do fundo do rio. Portvs. Boletim de Arqueologia Portuense. 10. Porto, p. 10

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-261

SOUZA, Vasco de (1990) – Corpus Signorum Imperii Romani. Corpus der Skulpturen der Römischen Welt. Portugal. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Miragaia. TESOURO NUMISMÁTICO**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**ACH02**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.619747°	Y:	41.142896°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.		Inicio	01/01/1901	Fim	31/12/1910
Tipo	**Tesouro**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Século IV - 1ª met. séc. V
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Segundo informações reunidas por M. Castro Hipólito, neste caso de natureza oral, um tesouro numismático romano teria aparecido em local incerto de Miragaia nos começos do século XX. Segundo os dados apurados, tratar-se-ia de um conjunto de «uns milhares de pequenos bronzes», acervo que se perdeu ou dispersou, de forma desconhecida (HIPÓLITO, 1961: 47; SILVA, 2010c: 247, n.º 4).

Mesmo com estes parcos informes, a notícia parece credível, devendo tratar-se, a avaliar pela quantidade e tipo, de um dos muito comuns tesouros tardo-romanos, com emissões da segunda metade do século IV, cujo entesouramento poderá ser algumas décadas posterior (MENDES-PINTO (2007: 106).

Espólio

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

HIPÓLITO, Mário de Castro (1960-1961) – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. Conimbriga. 2-3. Coimbra, p. 1-166

MENDES-PINTO, José M. (2005-2007) – Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega. [Sep. de Nvmmvs, 2ª série, 28-30]. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 247, n.º 4

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto, imediações. FUSTES DE COLUNAS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ACH03**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611846°	Y:	-8.611847°	SRC	WGS84 (localização aproximada)
Altit.	75	Inicio		Fim	
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

No topo da Penaventosa, nas imediações da Sé do Porto, recolheram-se dois fustes de colunas romanas, em calcário, e identificaram-se outros dois, entretanto desaparecidos.

A primeira peça (A) apareceu em Fevereiro de 1940, juntamente com a conhecida ara dedicada aos Lares Marinhos (ficha E24), durante as vastas demolições realizadas para «desafogar» o terreiro da Sé para as comemorações oficiais dos centenários nacionais (PERES, 1962: 33), medindo 1,24 m de altura. O segundo exemplar (B), com 1,48 m de altura, entrou no acervo municipal em condições que se desconhecem, todavia, proveniente de local e data próximos à coluna A (CRUZ, 1983: 16-18; il.; PERES, ibidem). Na década de 1950 (?), outros dois fustes, de aspeto muito similar aos anteriores, foram localizados num quintal da Rua de D. Hugo, a pouco mais de uma centena de metros (ficha ACH05 e BRANDÃO, 1963).

Estas colunas, encontradas como material arquitetónico reaproveitado, têm dado ocasião a diversas interpretações – que em local próprio se discutem – mas, em revisão recente, foi sugerido que estes quatro elementos, certamente «importados» de geografia mais meridional, podem ter chegado à cidade para incorporar o primitivo templo cristão, alto-medieval, que antecedeu a construção da catedral (REAL, 2017: 51-52; SILVA; REAL, no prelo).

Espólio

Estado espólio		Localização espólio	C. M. Porto - Museu da Cidade

Refs.

CRUZ, António (1983) - O Porto nas Navegações e na Expansão. Lisboa: ICLP

PERES, Damião (1962) – Origens do Porto. In PERES, Damião; CRUZ, António, dir. – História da Cidade do Porto. Vol. 1. Porto: Portucalense Editora, p. 15-93

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1963) – Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos do Morro da Sé do Porto. Lucerna. 3. Porto, p. 236-245

REAL, Manuel L. (2017) – A Sé Catedral do Porto no momento da restauração da Diocese e a subsequente reforma romano-gótica. In AMARAL, Luís C. (coord.) – Um poder entre poderes. Nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense. Porto: Cabido Portucalense; Universidade Católica Portuguesa, p. 47-117

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 248, n.º 7

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo) – A cidade do Porto no período tardo-antigo e alto-medieval. In Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança». Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Seminário Maior do Porto. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ACH04**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612228°	Y:	41.141402°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	50	Inicio	01/01/1950	Fim	31/12/1959
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Interessado por epigrafia e arqueologia, o bispo D. Domingos de Pinho Brandão coletou e noticiou diversos achados ocasionais de objetos de época romana, feitos sobretudo durante a década de 1950 nos terrenos do Seminário Maior, onde foi docente.

Registaram-se, assim, dormentes de mós giratórias, um peso de tear em cerâmica e uma dezena de moedas do século IV, que aliás classificou (BRANDÃO, 1963; 1984).

Na verdade, os terrenos daquela instituição foram afetos ao colégio jesuíta em finais do século XVI, mantendo, desde então, amplas zonas sem construção, o que releva o seu potencial arqueológico, do que estes achados constituem seguro sinal.

Espólio

Mós manuais, moedas, um «pondus» de tear e outros objetos, que, aparentemente, se dispersaram.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1963) – Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos do Morro da Sé do Porto. Lucerna. 3. Porto, p. 236-45

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-8

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 248, n.º 9

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 13. FUSTES DE COLUNAS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ACH05**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610377°	Y:	41.142769°	SRC	WGS84 (localização aproximada)
Altit.	75	Inicio	01/01/1950	Fim	31/12/1959
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Provavelmente na década de 1950, foram localizados, semienterrados num logradouro de uma casa da Rua de D. Hugo, dois fustes de colunas, em calcário, que designámos como C e D, pela sua semelhança com os fustes A e B, descritos na ficha ACH03. Observados por historiadores locais, conservam-se algumas imagens no Arquivo Histórico Municipal, sem outras informações.

Coube a Domingos de Pinho BRANDÃO (1963) dar a notícia da sua descoberta, indicando então que mediriam cerca de um metro de comprimento (na parte exposta) por 0,32 m de diâmetro. Destas peças tratou ainda duas décadas depois (BRANDÃO, 1984), dando então esses elementos como extraviados. Segundo M. REAL (2017: 51) as peças terão sido vendidas pelo proprietário a um particular.

A similitude destas peças com as duas anteriormente descobertas (BRANDÃO 1963: 244-5) permite supor que terão integrado a mesma construção, tendo ultimamente sido proposta a possibilidade de - não pertencendo a qualquer edifício romano original - terem chegado à cidade para integrar a basílica paleocristã que antecedeu a catedral medieval (REAL, 2017: 51-52; SILVA; REAL, no prelo).

Espólio

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1963) – Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos do Morro da Sé do Porto. Lucerna. 3. Porto, p. 236-45

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-8

REAL, Manuel L. (2017) – A Sé Catedral do Porto no momento da restauração da Diocese e a subsequente reforma romano-gótica. In AMARAL, Luís C. (coord.) – Um poder entre poderes. Nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense. Porto: Cabido Portucalense; Universidade Católica Portuguesa, p. 47-117

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 248, n.º 10

SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo) – A cidade do Porto no período tardo-antigo e alto-medieval. In Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança». Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 41. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ACH06**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:		Y:		SRC	
Altit.	73	Inicio	01/01/1967	Fim	31/12/1967
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc. Numa época em que os achados arqueológicos eram vistos, essencialmente, como mera curiosidade, sem que existisse qualquer política de salvaguarda regular, algumas ocorrências foram, todavia, registadas. Em 1967, durante a execução de obras de saneamento numa moradia da Rua D. Hugo, nas traseiras da Sé, apareceu o dormente de uma mó giratória em granito, como noticiou Pinho BRANDÃO (1984:17).

Espólio Desconhece-se se a peça foi conservada ou onde se encontra.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 248, n.º 11

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Praça da), 25-26. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH07**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.612800°	Y:	41.140771°	SRC	WGS84
Altit.	5	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc.

Numa época em que a arqueologia urbana no Porto estava apenas a começar, o registo de certos achados - hoje triviais - merece destaque, como sucedeu com a notícia de fragmentos de tegulae (à cota dos alicerces) e cerâmica interpretada como correspondendo à Idade do Ferro (no estrato mais profundo), encontrados durante uma obra de saneamento (MENDONÇA 1984:60, 63).

A localização de materiais proto-históricos, a crer na sua correta datação, a uma cota tão baixa em relação ao castro da Penaventosa, é bastante incomum.

Espólio

Desconhece-se a localização dos objetos.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Baixo (Rua de), 9-11 e 8-10. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH08**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.612544°	Y:	41.140910°	SRC	WGS84
Altit.	13	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc.

A notícia de achados romanos na área da Ribeira era incomum nos começos da década de 1980. Furtado Mendonça, na altura ligado à reabilitação urbana, registou informalmente e arquivou várias ocorrências. Neste local, noticiou a identificação, por ocasião de escavações para a instalação de infraestruturas de saneamento, de «fragmentos de tegulae e de ânforas no estrato mais profundo» e, muito em particular, «um tramo de parede em posição ortogonal ao plano de dois plintos de granito bem aparelhado assente em bases regulares» (MENDONÇA 1984: 60-61), descoberta que ainda não foi confirmada por trabalhos arqueológicos na área.

Espólio

Desconhece-se o paradeiro das peças recolhidas.

Estado espólio: Desconhecido

Localização espólio: Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Terreirinho (Largo do), 15. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH09**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.612121°	Y:	41.140951°	SRC	WGS84
Altit.	11	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc. Na altura em que foram informalmente registadas, nesta área da Ribeira-Barredo, outras ocorrências arqueológicas, noticia-se também a localização e recolha de uma mó manual giratória (dormente), reaproveitada numa parede, sendo bastante plausível a sua cronologia romana (MENDONÇA 1984:60-61).

Espólio: Desconhece-se o paradeiro desta mó.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Terreirinho (Largo do), 5. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH10**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.612003°	Y:	41.141019°	SRC	WGS84
Altit.	12	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc. Próximo do local onde apareceu também uma mó giratória de tipo romano (ficha ACH09), verificou Furtado Mendonça, ao observar uma vala junto às fundações do edifício, que as mesmas assentavam num depósito de aterro que apresentava pedaços de tégulas (MENDONÇA 1984: 60-61).

Espólio Desconhece-se se as peças foram recolhidas ou conservadas.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Barredo (Travessa do), 7. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH11**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Barredo
X:	-8.611949°	Y:	41.140866°	SRC	WGS84
Altit.	11	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc. Não sendo arqueólogo, mas arquiteto, o autor de diversas notícias de achados, feitos na transição da década de 1970 para a seguinte, soube ler a estratigrafia e a sequência construtiva de alguns vestígios, que certamente teriam merecido uma pequena intervenção arqueológica. Na Travessa do Barredo, registou Furtado Mendonça que à profundidade de 0,70 m e «sobre um possível pavimento de saibro, fino, claro e batido, assente em terra negra, com a espessura média de 10 cm», apareciam pedaços de tégulas no corte de uma vala, o que nos dá a ideia das cotas a que poderão encontrar-se os derrubes ou aterros de época romana naquele ponto da cidade (MENDONÇA 1984:62).

Espólio Desconhece-se a localização dos materiais.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Barredo (Travessa do), 4-6. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH12**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.611921°	Y:	41.140862°	SRC	WGS84
Altit.	11	Inicio	01/01/1979	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc. Notícia sucinta de que no Barredo, provavelmente por ocasião de uma obra, terão sido recolhidos fragmentos de tégulas «no estrato junto ao terreno natural» (MENDONÇA 1984:62), certamente correspondendo a uma primeira ocupação romana no local.

Espólio Desconhece-se se os materiais cerâmicos foram conservados.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. Arqueologia. 10. Porto, p. 58-63

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Barredo (zona do). ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**ACH13**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Barredo
X:	-8.612267°	Y:	41.141093°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	15	Inicio	01/01/1980	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade	C. M. Porto		

Desc.

Num texto de síntese sobre achados de época romana feitos na cidade, Domingos de Pinho Brandão refere que durante os trabalhos de reabilitação urbana promovidos pelo CRUARB (o serviço municipal então responsável por essa área) na zona do Barredo, terão sido identificados, em momentos distintos, elementos de ânforas, material de construção romana e o dormente de uma mó giratória (BRANDÃO,1984:16). É possível que esta informação aluda aos achados noticiados pelo arqtº Furtado MENDONÇA (1984) e de que tratam as fichas ACH07 a ACH12.

Espólio

Desconhece-se o paradeiro de tais objetos.

Estado espólio: Desconhecido

Localização espólio: Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Passos (Lugar de). ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**ACH14**
Concelho	Porto	Freguesias	Nevogilde	Lugar	Passos
X:	-8.666471°	Y:	41.159762°	SRC	WGS84 (localização aproximada)
Altit.	59	Inicio	01/01/1980	Fim	31/12/1989
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Prospeção	Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

De acordo com uma notícia dos anos '80 do século XX, perto do antigo lugar de Passos, junto à praça de D. Afonso V e ao convento de Cristo Rei, terá aparecido, num corte de terreno, «um fragmento de cerâmica romana tardia» (ilustrada em desenho) e, nas proximidades, «fragmentos de tegulae e dois pondera», sendo que nas vizinhanças (Rua de Sagres) ocorreram, igualmente, fragmentos de louça antiga, que não foram caracterizados (BRANDÃO, 1984:16).

O achado faz pensar em um local de habitação, mas nunca pôde localizar-se com precisão o sítio - hoje profundamente urbanizado -, nem alguns trabalhos arqueológicos feitos nas imediações revelaram quaisquer elementos de cronologia romana.

Espólio

A forma cerâmica representada, aparentemente em cerâmica comum, parece imitar a forma 5 da TSHT. Desconhece-se o paradeiro destes objetos.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto, imediações. ACHADOS DIVERSOS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ACH15**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611735°	Y:	41.142806°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	76	Inicio	01/01/1983	Fim	31/12/1983
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc. Informação sumária - recolhida apenas pelo valor historiográfico - sobre o achado de fragmentos de vidraria romana, certamente em alguma intervenção de arranjo de infraestrutras, algures «junto da Sé» (BRANDÃO 1984:17).

Espólio Desconhece-se o paradeiro de tais elementos, ou sequer se foram conservados.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 22

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Oceanno Atlântico, junto ao farolim de Felgueiras. ÂNCORA**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**ACH16**
Concelho	Porto	Freguesias	Foz do Douro	Lugar	Rio Douro
X:	-8.678213°	Y:	41.147340°	SRC	WGS84 (localização aproximada)
Altit.		Inicio	01/01/1995	Fim	31/12/1995
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

No ano de 1995, a atividade de caça submarina proporcionou o achado de um cepo de âncora antigo, em chumbo, posteriormente entregue às autoridades e classificado como Bem Móvel de Interesse Cultural. Do ponto de vista tipológico, é uma peça muito comum desde os séculos IV-III a.C. até pelo menos aos finais do Império Romano (ALVES et al. 1988-89), sendo normalmente classificados como romanos os exemplares que ocorrem na costa portuguesa. Muito frequentes até, sensivelmente, à latitude das Berlengas, estas peças são, todavia, mais raras nas águas setentrionais.

Considerando o peso (56,5 kg) e as dimensões pouco significativas, foi sugerido que âncoras deste tipo podem ter equipado qualquer embarcação de pequeno calado (talvez inferior a 25 toneladas), mais própria à navegação de cabotagem ou fluvial que o trânsito de alto mar (BLOT 2000: 575 ss.), mas esta possibilidade é algo especulativa, até porque, correntemente, as embarcações possuíam vários ferros de ancoragem.

Espólio

A peça encontra-se em depósito na Câmara Municipal do Porto e, presentemente, exposta no núcleo do Reservatório do Museu da Cidade.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

ALVES, Francisco J. S.; REINER, Francisco; ALMEIDA, Mário R.; VERÍSSIMO, Luís (1988-89) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. O Arqueólogo Português. Série IV. 6-7. Lisboa, p. 109-85

BLOT, Jean-Yves (2000) – Elementos para a tonelagem dos navios na costa ibero-atlântica na Antiguidade: o testemunho dos vestígios de âncoras (cepos em chumbo). In MARTINS, Manuela et al. (coord.) – "Terrenos" da arqueologia na Península Ibérica [3º Congresso de Arqueologia PenInsular. Actas, Vol. 8]. Porto: ADECAP, p. 571-94

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**ACHADOS DIVERSOS - Acus crinales**	Sítio	Cividade	Acrón.	**ACH17**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Cividade
X:		Y:		SRC	não cartografado
Altit.	65	Inicio		Fim	
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Há registo do achado de diversos alfinetes de toucado romanos, em bronze, aparecidos na cidade, designadamente, um exemplar nas escavações conduzidas por Mendes Correia, na década de 1930, na Cividade (CORREIA, 1950: 229), datado do século I ou II da nossa era (BARROCA, 1984: 23); outro, nos trabalhos de abertura da Avenida de D. Afonso Henriques, na década de 1950, noticiando-se ainda uma terceira peça proveniente do Porto, embora se desconheça o local do achado (BRANDÃO, 1984: 17).

Espólio

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Antigo Museu do Instituto Antropologia do Porto

Refs.

CORREIA, A. A. Mendes (1950) – O Porto, suas origens, evolução e perspectivas. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 13 (3-4). Porto, p. 218-237

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

BARROCA, Mário J. (1984) – II - As escavações de Mendes Correia na Cividade (1932) e as origens da cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 21-29

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atual 67-71) - ESCULTURA**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**ACH18**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Santa Catarina
X:	-8.650195°	Y:	41.149332°	SRC	WGS (localização aproximada)
Altit.	27	Inicio	01/01/2017	Fim	31/12/2017
Tipo	**Achado(s) Isolado(s)**	Datação achados	Idade do Ferro	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Prospeção	Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.	Marcos Couto; Miguel Rodrigues	Entidade	Império Arqueologia		

Desc.

Por ocasião das sondagens arqueológicas realizadas no imóvel (ficha LRC143.17) encontrava-se no logradouro do edifício, utilizada como decoração de uma «churrasqueira» informal, uma peça esculpida, em granito, com patine e aspeto arcaico.

De acordo com as imagens disponíveis, tratava-se de uma cabeça masculina, aproximadamente em tamanho natural, representando uma figura barbada (com a barba aparada, limitada ao queixo e parte inferior das faces), de olhos salientes e orelhas ainda mais destacadas, com o cabelo curto, preso ou rapado na testa (podendo ter pequena concavidade no topo da cabeça, o que não pode confirmar-se pelas imagens).

Em visita ao sítio, uma arqueóloga do serviço municipal de arqueologia identificou a peça e dela deu nota aos responsáveis pela intervenção, que todavia não consta da Nota Técnica preliminar.

A proximidade do local ao monte de Santa Catarina - eventualmente um pequeno castro romanizado - permite colocar a possibilidade da origem proto-histórica da escultura. Todavia, apresentando a mesma atributos formais com paralelos mais ou menos similares nas dezenas de «cabeças castrejas» conhecidas (CALO LOURIDO, 1994: 703-707), a própria variabilidade destas representações impede qualquer aproximação mais segura, podendo a obra, simplesmente, resultar de uma escultura de qualquer época.

Não obstante, considerando a proximidade ao sítio arqueológico referido, e mesmo o achado, nas imediações, de alguns elementos sidéricos (bastante débeis, mas presentes) regista-se a peça, igualmente discutida no texto.

Espólio

O paradeiro da peça é, de momento, desconhecido.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2017) – Nota Preliminar. Projecto de recuperação e ampliação de uma moradia unifamiliar sito na Rua Luís Cruz nº 143/145, freguesia Lordelo do Ouro, concelho do Porto. Porto: Império Arqueologia. Texto datilog., s.d. [c. 2017]

CALO LOURIDO, Francisco (1994) – A plástica da Cultura Castrexa galego-portuguesa. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza. 2 vols.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Lóios (Largo dos). PLACA DE XISTO GRAVADA**	Sítio	Vitória	Acrón.	**ACH19**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	Largo dos Lóios
X:	-8.612200°	Y:	41.145421°	SRC	WGS84
Altit.	57	Inicio	01/01/2012	Fim	31/12/2012
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Idade do Ferro	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.	Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

No âmbito do projeto arqueológico de salvaguarda e minimização de impactes de extensivos trabalhos de requalificação da via pública (MSF.12), encontrou-se numa sondagem feita no Largo dos Lóios, em depósito com materiais romanos, aparentemente tardios, mas não homogéneo, uma pequena placa em xisto (5,2 x 4,5 cm com 1 cm de espessura), exibindo gravuras, incisas, com motivos claramente barquiformes (EMPATIA, s.d; De onde se partiu…, 2014: 49). A datação de uma peça como esta é complexa por mera análise gráfica (PEREIRA; ARRUDA, 2017), mas julgamos admissível uma proposta enquadrável ainda na Idade do Ferro.

Espólio

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto - Museu da Cidade

Refs.

NASCIMENTO, André; LOUREIRO, Carlos Alberto; PEREIRA, Gabriel R. (2012) – À Redescoberta. In DELGADO, Ana P.; VALENÇA, Paulo Q.; GUIMARÃES, Margarida M. (coord.) – Eixo Mouzinho/Flores: Território do Recolhimento e do Mercadejar. Porto: PortoVivo, SRU, p. 11

De onde se partiu… (2014) – De onde se partiu: a leitura histórica através da arqueologia. O Porto debaixo deste Porto. In VALENÇA, Paulo (coord.) – Mouzinho/Flores – Um Eixo de Mudança para o Centro Histórico. Porto: Porto Vivo, SRU, p. 25-53. [Texto não assinado]

PEREIRA, Gabriel R.; ARRUDA, Ana M. (2017) – Boats carved on the Atlantic coast of the Iberian peninsula. Landscape, symbols and people. In BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS ESTÉVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo A.; CARDOSO, Daniela (eds.) – Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock-art of the Iberian Atlantic north-west. Oxford: BAR Int. Series 2878, p. 193-207

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Aldas (Rua das), 18. Ilha das Aldas**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**ADS18.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612673°	Y:	41.142857°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	01/01/1998	Fim	31/12/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Leonor Sousa Pereira	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

Numa intervenção arqueológica realizada em 1998 na designada «Ilha das Aldas», conjunto edificado para o qual se preparava um projeto de recuperação arquitetónica, a meia encosta poente da Penaventosa, registámos na ocasião (e confirmámos por informação pessoal posterior) a presença de algum espólio romano, aparentemente em depósito secundário, sem que possam precisar-se outros detalhes por falta de informação publicada.

Espólio

Algum espólio romano, aparentemente em deposição secundária.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

Resultados não publicados

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 46.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Almada (Rua do), 378-384**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**AMD378.19**
Concelho	Porto	Freguesias	Santo Ildefonso	Lugar	
X:	-8.612010°	Y:	41.150003°	SRC	WGS84
Altit.	83	Inicio	01/02/2019	Fim	31/12/2019
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Lídia Batista	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc. Numa intervenção arqueológica recente realizada na Rua do Almada - de avaliação preventiva de um projeto construtivo em licenciamento para o local - foi recolhido um fragmento de tégula. No talude da sondagem, sob a atual parede da fachada do imóvel, apareceram, a certa profundidade, evidências de uma estrutura (muro?) de aspeto antigo, o que não pôde ser averiguado por razões de segurança e pelo facto de tais vestígios não serem afetados pelo projeto de obras de construção civil.

Espólio Referência ao achado de um fragmento de rebordo de tégula.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs. Dados obtidos por informação pessoal da diretora da escavação, que agradecemos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 29-39**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**APH.19**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610985°	Y:	41.141873°	SRC	WGS84
Altit.	67	Inicio	01/01/2019	Fim	
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império: Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Executada no âmbito da avaliação prévia e minimização de impactes negativos sobre o património arqueológico decorrentes da implementação de novos projetos arquitetónicos (neste caso para uma função hoteleira), esta intervenção arqueológica engloba três edifícios do mesmo arruamento (números 29-31, 33 e 37-39), dando continuidade aos anteriores trabalhos de HUG33.10 e HUG37.14, cujas fichas podem consultar-se para complementar a informação sobre o local.

No edifício da Rua de D. Hugo, 29-31 (intervencionado pela primeira vez), foram escavadas quatro sondagens abrangendo uma área de 22 m2: duas no logradouro exterior (sondagens 1 e 2), que não proporcionaram vestígios de estruturas, aparentemente, anteriores à época moderna; uma terceira, no interior do imóvel (sondagem 4) com fraca possança estratigráfica e vestígios irrelevantes e, finalmente, a sondagem 3, aberta de encontro à parede tardoz do edifício, que revelou uma estrutura possante, em granito, sobre a qual assenta, aliás, a parede do imóvel existente: «trata-se de uma estrutura em pedra de granito irregular, com argamassa amarelada de saibro, compacta, que apresenta uma largura de cerca de dois metros. Ainda que nesta fase não tenhamos dados suficientes que nos permitam afirmar com total certeza que nos encontramos perante uma das cercas defensivas que delimitavam o morro da Penaventosa, a sua localização, orientação e características construtivas parecem indiciar tal facto» (FONSECA, 2020: 16).

Já em fase de obra, a posterior escavação do logradouro exterior do imóvel revelou que a mesma estrutura antiga, apresentando argamassa similar, servia de sapata, com o mesmo alinhamento, à parede tardoz da construção atual, verificando-se que foi assente (tanto no interior como na sua face externa) sobre níveis de sedimentos exclusivamente com materiais cerâmicos da Idade do Ferro. Como mais detalhadamente explicamos na dissertação, julgamos que este muro antigo constitui o alicerce da muralha tardo-romana do povoado.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

A intervenção atualmente em curso tem proporcionado significativo espólio cerâmico, datado de entre o Bronze Final e o período tardo-romano.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

FONSECA, Jorge (2020) - Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Rua de D. Hugo nº 29-39. (APH.19). Porto 2020. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Ver também, para o mesmo local, HUG33.10 e HUG37.14. O desdobramento do acrónimo APH significa Alaia Porto Hotel.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

No edifício número 33, durante a fase dos trabalhos prévios à obra, o estado de ruína em que se encontrava o edifício inviabilizou qualquer tipo de intervenção. Em momento de obra, a escavação em área deu continuidade aos resultados de HUG33.10.

No que concerne à casa com os números 37-39, a intervenção em curso é mais contida, tendo inicialmente apenas sido escavada uma área reduzida na sala 2, respeitando os restantes trabalhos, sobretudo, a limpezas, preservação de estruturas e ações de registo relativamente a contextos da escavação anterior (HUG37.14), cujo espólio é essencial estudar para se tentar obter cronologias de ocupação deste espaço.

Remetendo os principais aspetos descritivos para o texto da dissertação - com o necessário apoio de plantas e imagens - podemos dizer, em síntese, que neste espaço foram encontradas ruínas de, pelo menos, três construções de planta circular, a que se associam pisos em argila e empedrados exteriores; a mais completa, na sala 1, descoberta a dois metros de profundidade, tem um diâmetro interno na ordem dos 4,56 metros, muros de 0,45 m de espessura e aparelho «helicoidal» (BARBOSA, 2015: 3); possuía no interior um «piso [1038], formado por saibro compactado integrando restos cerâmicos e pequenos fragmentos de materiais de construção» (Id, ibid.), e, ao centro, uma laje aplanada sobre a qual assentaria o poste de sustentação da cobertura, parecendo talvez ter abertura voltada a Oeste, onde se situa uma área de pavimento lajeado (Idem, 4). Pequenos tramos de muros de outras construções circulares parecem detetar-se junto ao corte SO. da mesma sala e igualmente na sala 5 (Idem, ibid., 11).

A par destas construções de planta redonda, descobriram-se no imóvel vários tramos de muros retilíneos, aparentemente posteriores aos primeiros. Na sala 2, um tramo de parede de orientação NE.-SO. parece datar do século IV, atendendo a uma moeda aparecida na respetiva vala fundacional (Idem, p. 6). Na intervenção mais recente encontrou-se um outro muro, que se adossa ao anterior a partir de SE. (FONSECA, 2020: 19-20), desconhecendo-se se coincide também na cronologia. Na sala 3, voltada à Rua de D. Hugo, localizaram-se dois muros de relevante alçado (sobrepostos a estruturas anteriores), quase contíguos, tendo um deles duas paredes em ângulo reto, a maior com 3,5 metros de extensão; não obstante, a estratigrafia desta área encontrava-se muito perturbada por obras modernas e a cronologia destas estruturas é duvidosa, propondo J. Barbosa, por razões que não chega a expor, a cronologia baixo-medieval de um deles, que também não discrimina (BARBOSA, 2015: 15). No respeitante às estruturas exumadas nas restantes salas, este arqueólogo propõe uma cronologia «preliminarmente, dos séculos I-III d.C.», entendendo como mais tardio o muro da sala 2 (Idem, ibid.).

As sondagens feitas no logradouro não revelaram ainda vestígios de particular antiguidade, salvo a face exterior da muralha, como indicado. Mas encontraram-se, mesmo à superfície, tégulas e um tambor de coluna, em granito, de aspeto arcaico (BARBOSA, 2015: 13, fig. 10).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Quarteirão da); Bainharia (Rua da); São Sebastião (Rua de); Escura (Rua)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BAI.09**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611970°	Y:	41.143225°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	57	Inicio	09/02/2009	Fim	02/10/2009
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império	Datação precisa	Sécs. I aC-I dC
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	293	Interv. local	**1**
Resp.	Jorge Fonseca; Ricardo J. A. Teixeira; Vítor Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Apesar de interrompida há mais de uma década – supomos que por constrangimentos do projeto público de construção que lhe deu origem – esta intervenção arqueológica é, certamente, uma das mais importantes e promissoras jamais feitas na cidade do Porto. Situada num quarteirão compreendido pelas ruas de São Sebastião, a sudeste, Escura, a nordeste, e Bainharia, a noroeste, todos eles importantes eixos do burgo medieval primitivo e coração do castro da Penaventosa, esta área é estrutural, em nosso entender, para a compreensão da diacronia de ocupação do morro da Sé.

Na primeira fase dos trabalhos foram abertas 36 sondagens, para cobrir, praticamente, toda a área de afetação prevista, tendo sido escavada uma superfície na ordem dos 293m2. Certamente que os vestígios mais notáveis (mas não únicos) correspondem às linhas defensivas, sendo este, por ora, um dos dois locais da cidade (o outro é no Largo do Colégio, a sudoeste), onde, de forma clara e inequívoca, o traçado da muralha medieval se distingue de um perímetro anterior, ambos em muito razoável estado de conservação e com a possibilidade – rara – de poder escavar-se quer a face interna, quer a exterior.

Espólio

O espólio proveniente da intervenção é abundante e diversificado, destacando-se, em diversas sondagens, os fragmentos de ânfora, mas também outros materiais, como consta dos relatórios disponíveis.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

FONSECA, Jorge; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2009a) – Relatório de Progresso. Quarteirão da BaInharia. Sé. BAI.09. Porto: Arqueologia & Património. Texto datilog.

FONSECA, Jorge; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2009b) – Relatório Preliminar. Intervenção Arqueológica. Quarteirão da Bainharia. Sé. BAI.09. Porto: Arqueologia & Património. Texto datilog.

TEIXEIRA, Ricardo (2011b) – Aljube eclesiástico, muralha castreja, rua de S. Sebastião 53-55. In DELGADO, A.; VALENÇA, P.; GUIMARÃES, M. (coord.) – Morro da Sé de porta a porta. Porto: Porto Vivo, SRU, p. 50

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 86

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Na sondagem 1 (originalmente com 4x2 metros), situada na Parcela 36 da obra (Rua de São Sebastião), correspondente ao antigo edifício do aljube eclesiástico (onde tinha já tido lugar outra intervenção – cfr. ficha SEB42.96), apareceu a escassa profundidade um alinhamento murário de orientação OSO.ENE., que viria a revelar um alçado muito bem preservado, em aparelho poligonal de evidente filiação autóctone, e uma espessura original de 1,90 metros, ampliados para 2,5 metros pela presença de um contraforte de reforço exterior, elementos que – a par dos materiais associados – levaram os responsáveis a datar este tramo de muralha de uma fase «pré-romana», talvez do século II ou I a.C.; mas também nesse ponto se observaria, no corte SE. da sondagem, o alicerce da muralha românica, aqui bem distintas as duas cercas (FONSECA; TEIXEIRA; FONSECA, 2009b: 5), o que seria de pronto confirmado na sondagem 3, onde foi identificado o alinhamento da muralha «com a mesma orientação e distanciamento em relação à muralha românica» (Idem, p. 7), e igualmente na sondagem 24.

CONFIRMAR SE NÃO FALTA TEXTO

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), 102-104; Penaventosa (Rua da), 69-71**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BAI102.18**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612593°	Y:	41.143109°	SRC	WGS84
Altit.	62	Inicio	06/02/2018	Fim	13/02/2018
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Nexo, Património Cultural		

Desc.

O diagnóstico de pré-avaliação arqueológica do imóvel, anterior à sua remodelação, implicou a abertura de duas sondagens na parte superior do prédio (concretamente, na cave da parcela voltada à Rua da Penaventosa). Na sondagem 2 detetou-se o possível embasamento da muralha românica, o que, infelizmente, não pôde de todo aferir-se, pela exiguidade do espaço (PEREIRA, 2018).

Os depósitos conservados encontravam-se muito perturbados por obras diversas, ocorrendo apenas escassos materiais romanos.

Espólio

Indicação (inf. pessoal de G. Pereira) de escasso material de construção romano, não referido em relatório.

Estado espólio: Desconhecido

Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

PEREIRA, Gabriel R. (2018) – Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos – Imóvel sito na Rua da Bainharia, n.º 102-104 (União Freguesias Cedofeita, Miragaia, Santo Ildefonso, Sé, São Nicolau & Vitória/Porto). Esmoriz: Nexo Património Cultural. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), 117-121; Anjo (Viela do), 28-30**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BAI119.11**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612498°	Y:	41.143308°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	23/11/2011	Fim	28/02/2012
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	15	Interv. local	**1**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

A intervenção arqueológica neste imóvel, com frente para a Rua da Bainharia e tardoz para a Viela do Anjo, realizou-se como diagnóstico prévio ao projeto de remodelação do edifício.

Envolveu esta intervenção a escavação de três sondagens, tendo sido detetados, sob os níveis e estruturas modernos e contemporâneos, vestígios de construções romanas em dois pontos. Na sondagem 1, localizada sensivelmente a meio do imóvel, uma estrutura «caracterizada por um muro com cerca de 1,00m de largura rasgado sobre o afloramento rochoso, disposto no sentido N-S e composto por três fiadas em aparelho pseudo-isódomo», estrutura sobre a qual assenta o alçado sul do edifício atual e à qual se associam «dois depósitos [U.E.'s 133, 137] (…) com inclusões culturais, nomeadamente fragmentos de materiais de construção e cerâmica comum de cronologia romana, a par de outros, em menor quantidade, de cronologia medieval» (PEREIRA, 2012: 20). Também na sondagem 3, voltada à Viela do Anjo - onde já se haviam detetado vestígios romanos - cfr. ficha VLA.96 - foi identificada uma segunda estrutura (UE 318), assente «em níveis claramente datáveis de cronologia romana [U.E. 316], dos quais se destacam alguns fragmentos de ânfora», e composta por três fiadas de pedra, podendo corresponder ao cunhal de um edifício (Idem, ibid.).

Espólio

Refere-se espólio de cronologia romana, aparentemente em quantidade significativa, salientando-se, em particular, a presença de fragmentos de ânfora.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PEREIRA, Gabriel R. (2012) – Sondagens Arqueológicas na Rua da Bainharia, 117-121, Sé, Porto. Relatório Preliminar. Vila Nova de Gaia: Empatia – Arqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Foi proposta no relatório das sondagens, como medida de salvaguarda complementar, a escavação integral da área disponível, ação da qual - a ter sido realizada - não há ainda relatório.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), 50-52**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BAI50.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613149°	Y:	41.143032°	SRC	WGS84
Altit.	43	Inicio	26/01/2012	Fim	05/02/2013
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Gina Dias; Lília Basílio; Ricardo Santos; Susana Nunes	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

Para avaliação do potencial arqueológico do imóvel e minimização da afetação negativa de obras de reabilitação, foram escavadas três sondagens arqueológicas, abrangendo 12 m2. Foram detetadas diversas estruturas, nomeadamente um poço de água, que não pôde ser datado e, principalmente, uma estratigrafia «potente», como descrito pelos responsáveis, correspondendo, no essencial, a «depósitos de vertente que integram materiais cerâmicos atribuíveis à Época Romana e Castreja» (BASÍLIO et al., 2012: 8; NUNES et al. 2015).

Desta forma, o espólio arqueológico integra, entre um pouco mais de um milhar de itens recolhidos, cerca de 9% de cerâmica manual da Idade do Ferro e cerca de 34% de materiais romanos, quase exclusivamente compostos por ânfora (c. de 340 fragmentos).

Curiosamente, não se assinala a presença de tegula ou imbrex entre os achados.

Espólio

Cerâmicas proto-históricas, abundante ânfora (não classificada) e alguma cerâmica comum romana, presente sobretudo nas UE 112.1, 113, 114, 117, 211b, 213, 213.1 e 215b.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

BASÍLIO, Lília; NUNES, Susana; DIAS, Gina; SANTOS, Ricardo (2012) - Rua da Bainharia, 50 - 52. Nota Técnica 1. Relatório 08/2012. Março 2012. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

NUNES, Susana; DIAS, Gina; SANTOS, Ricardo; BASÍLIO, Lília (2015) – Intervenção de Arqueologia Preventiva. Rua da Bainharia, 50 a 52 (…), Sé, Porto. Relatório Final. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), 66-72**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BAI66-70.96**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612982°	Y:	41.143115°	SRC	WGS84
Altit.	43	Inicio	01/01/1996	Fim	31/12/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Joel Cleto	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

O acompanhamento arqueológico de uma obra de reabilitação de um imóvel na Rua da Bainharia, 66-68, permitiu a localização de significativo espólio de cronologia romana, sobretudo numerosos fragmentos de ânfora, com destaque para a forma Haltern 70.

Também na parcela vizinha (Bainharia, 70-72) foram feitos, no mesmo ano, recolhas ou acompanhamento de obra (?), de que resultaram materiais cerâmicos romanos, nomeadamente, bastantes fragmentos de ânfora. Este espólio foi - a par dos materiais provenientes do imóvel n.º 66 da mesma rua - recentemente incorporado nas reservas do serviço municipal de arqueologia da C. M. Porto. Não se conhecendo outros detalhes da intervenção, optámos por agregar as duas parcelas numa única ficha.

Espólio: Basicamente fragmentos de ânfora.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 33.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bandeirinha (Rua da), 78-80**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**BAN78.04**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	
X:	-8.620386°	Y:	41.145420°	SRC	WGS84
Altit.	67	Inicio	13/05/2004	Fim	09/06/2004
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	14	Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

A avaliação do potencial arqueológico do imóvel envolveu a execução de três sondagens arqueológicas, totalizando uma superfície de 14 metros quadrados. Não há evidência de estruturas de época romana ou anterior, tão só espólio arqueológico.

O edifício atual data da primeira metade do século XIX e terá sido erguido, de raíz, numa zona de campos ou jardins, pelo que os materiais mais arcaicos deverão provir, segundo os responsáveis, de escorrimentos de encosta ou nivelamentos de terreno.

Trata-se de materiais em pequena quantidade, provenientes sobretudo da UE 103 e que aparecem em conjunto com espólio moderno e contemporâneo, ilustrando-se, essencialmente, fragmentos de dolium e de cerâmica comum romana e um vidro, que não ultrapassarão 0,9% da totalidade do espólio coletado.

Assim, entendem os autores que «o aparecimento destes fragmentos em camadas não isoladas leva-nos a concluir que poderão ser resultado de escorrimentos e não indício de uma ocupação tão remota do local» (PEREIRA; FONSECA, 2007: 35), assumindo que aqueles materiais, todavia, «possam indiciar uma ocupação mais antiga nas proximidades» (Idem, 36).

Espólio

Sond. 1 - presença na UE 103 de um bordo de dolium e um bordo de provável cerâmica comum romana; em contexto de limpeza, encontrado um vidro romano (PEREIRA; FONSECA, 2007: 31, Fig. 60) . Ilustrações nas figuras 36, 37 e 60 do mesmo relatório.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

PEREIRA, Graça; FONSECA, Vítor (2004) – Sondagens arqueológicas. Rua da Bandeirinha, 78-80. Relatório preliminar. Porto. 2004. Porto: Arqueologia & Património. Texto datilog.

PEREIRA, Graça; FONSECA, Vítor (2007) – Relatório. Trabalhos arqueológicos no âmbito do projecto imobiliário de remodelação do edifício na Rua da Bandeirinha 78-80. Porto: Arqueologia & Património. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 77

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bonjardim (Rua do), 79-101 e Congregados (Trav. dos), 20-22**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**BJD.18**		
Concelho	Porto	Freguesias	Santo Idefonso	Lugar			
X:	-8.609918	Y:	41.147004	SRC	WGS84	Altit.	68
Inicio	01/01/2018	Fim	31/12/2020				
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	48	Interv. local	**1**		
Resp.	Lídia Batista	Entidade	Arqueologia e Património				

Desc. A avaliação de diagnóstico incidiu na área correspondente a quatro edifícios do centro histórico do Porto, tendo sido executadas 11 sondagens arqueológicas, cobrindo uma superfície de 48 metros quadrados. Todas as sondagens atingiram o substrato rochoso natural. A generalidade dos vestígios detetados correspondem às épocas moderna e contemporânea, mas foram recolhidos dois fragmentos de tégula na UE 707 da Sondagem 7 e outros tantos na UE 810 da sondagem 8 (BAPTISTA, 2018: 22, 24, 33).

Espólio Apareceram fragmentos de tégula e alguma cerâmica comum de aspeto romano (observação pessoal e informação de L. Baptista).

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs. BAPTISTA, Lídia G. (2018) - Nota Técnica. Trabalhos Arqueológicos. Rua do Bonjardim, 79-101. Travessa dos Congregados, 20-22. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bolsa (Rua da), 44. Hospital da Ordem de São Francisco**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**BLS44.05**		
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar			
X:	-8.615952°	Y:	41.141922°	SRC	WGS84 (ponto central)	Altit.	28
Inicio	30/05/2005	Fim	13/07/2006				
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação	Área escav. (m2)	500	Interv. local	**1**		
Resp.	André Nascimento; Carlos Delgado; Laura C. P. Sousa	Entidade	Empatia Arqueologia				

Desc.

Neste local da zona baixa do centro histórico foi realizada entre 2005 e 2006 uma vasta escavação em área - antecedendo as obras projetadas para aquele complexo hospitalar -, com uma superfície superior a 500 metros quadrados, para além de posterior acompanhamento arqueológico de obra.

Para além de uma extensa necrópole de época moderna, encontrou-se algum espólio de datação romana, disperso e descontextualizado. Porém, em alguns pontos da área intervencionada, foram descritos depósitos mais antigos com «escasso material medieval e romano» (NASCIMENTO; DELGADO; SOUSA 2005: 9), referindo-se também um «nível residual com material cerâmico medieval e tardo-romano que assentava no afloramento» (NASCIMENTO; SOUSA; DELGADO 2006: 4), para dar dois exemplos.

Aguarda-se a execução do relatório final da intervenção para uma melhor caracterização e contextualização destes materiais.

Espólio

Espólio «romano» não tipificado.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

NASCIMENTO, André M.; DELGADO, Carlos S.; SOUSA, Laura P. (2005) – Sondagens arqueológicas na Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto. Rua da Bolsa, nº 44 (S. Nicolau, Porto). Relatório prelimInar dos trabalhos arqueológicos. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P. (2005) – Relatório de progresso. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P. (2006) – Relatório de progresso. 3ª fase – 1ª etapa. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P.; DELGADO, Carlos S. (2006) – Relatório de progresso. 3ª fase – 2ª etapa. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 80

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), 67-69; Gaveto com Rua da Ponte Nova e Viela do Anjo**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**BNR67.15**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613016°	Y:	41.143252°	SRC	WGS84
Altit.	44	Inicio	07/06/2015	Fim	16/06/2015
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	14,6	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; João Miguel Matos Soares	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

Foram escavadas 3 valas das 4 programadas para a avaliação do potencial arqueológico do imóvel antes da sua reabilitação, reservando-se a quarta para a fase de obra, no âmbito da qual se previu igualmente acompanhamento arqueológico.

Não foram detetadas estruturas de época romana ou anterior, tão só alguns materiais relativamente avulsos, nomeadamente fragmentos de tégula e cerâmica comum.

Espólio

O relatório preliminar dos trabalhos elenca o achado de fragmentos de tegula (Vala 1, Est. 9) e «11 frags. de tegula, 1 frag. castrejo, 2 cerâmica comum romana» na camada 9 da mesma Vala 1 (ALMEIDA; SOARES, 2015: 4, 6).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2015) – Relatório preliminar (Sondagens arqueológicas). Rua da Banharia, nº 67-69 – Porto – 2015. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Relação (Praça da); Mártires da Pátria (Campo dos) e outras. Requalificação da Baixa Portuense. Lote 1**	Sítio	Vitória	Acrón.	**BP1.00**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.615925°	Y:	41.145222°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	84	Inicio	24/10/2000	Fim	08/10/2001
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; José Jorge Argüello Menéndez	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Um amplo programa de requalificação urbana desenvolvido no âmbito da Sociedade Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura, que incluiu renovação de infraestruturas e pavimentos, suscitou um acompanhamento de obras extensivo em diversos arruamentos da parte superior da freguesia da Vitória, Praça da Relação e arruamentos envolventes. Não foram detetadas estruturas antigas de particular relevo, tão só algum espólio romano - apenas fragmentos de tégula - descontextualizados, sendo, ainda assim, de relevar a sua presença neste ponto da cidade (SILVA, 2010c: 253, n.º 60; ARGÜELLO; SILVA, em prep.).

Espólio

Apareceram na zona da Praça da Relação alguns fragmentos de tegula, muito rolada, descontextualizada, em aterros secundários.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge; SILVA, António Manuel S. P. (em prep.) – Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação Urbana da Baixa Portuense. Lote 1 – Clérigos/Cordoaria. Relatório Final. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 60

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O projeto abrangeu os seguintes locais: Relação (Pr. da); São Bento da Vitória (Rua de); São Bento da Vitória (Tv. de); Taipas (R. das); Mártires da Pátria (Campo dos); Cordoaria (Jardim da); Parada Leitão (Pr. de); Dr. Ferreira da Silva (R. do) e outras.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Buraco (Viela do), 24**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**BUR24.13**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira/Barredo
X:	-8.612736°	Y:	41.140722°	SRC	WGS84
Altit.	8	Inicio	12/08/2014	Fim	04/09/2014
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos limitaram-se ao acompanhamento da obra de reabilitação do imóvel. Não obstante, verificou-se que nos depósitos mais antigos de uma vala que foi objeto de acompanhamento (UE 104 e 106) havia espólio medieval «misturado com espólio romano» (MARÇAL, 2015: 20).

Acrescenta ainda o mesmo relatório que «nos depósitos com cronologia contemporânea surgem, também, alguns materiais de construção romanos» (Idem, ibid.).

Espólio

Num total de 343 ocorrências de espólio, há 27 fragmentos de louça comum romana, 1 sigillata (muito deteriorada) e 21 fragmentos de material cerâmico de construção romano (MARÇAL, 2015, passim).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

MARÇAL, Helena (2015) – Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Viela do Buraco, nº 24. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Condominhas (Rua das); Aleixo (Rua do); Gaveto - Empreendimento D'Ouro Villa**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**CAL.02**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Condominhas
X:	-8.649490°	Y:	41.149840°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	24	Inicio	07/10/2002	Fim	10/11/2002
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Pedro Miguel Brochado de Almeida	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

O extenso terreno afeto ao empreendimento imobiliário (cerca de 15300 m2), situado a E./NE. do monte de Santa Catarina, na margem esquerda de uma pequena linha de água (atualmente encanada) afluente do Douro, apresentava interessante potencial arqueológico. Todavia, a sua avaliação começou tardiamente, numa altura em que a maior parte dos desaterros da obra já haviam sido realizados, tendo apenas sido possível efetuar uma pequena sondagem, no extremo sul do terreno, e posterior acompanhamento de obra.

Na sondagem, de 8 m2, os estratos 2 a 14 incluíam, na expressão do relatório, materiais de coluvião com cerâmicas romanas (ALMEIDA 2002a: 4); e o estrato 14 «um rebordo de uma tegula» (ibid.).

No acompanhamento de obra subsequente, confirmou-se que os estratos 4 e 5 eram «camadas de escorrimento (…) do alto de Santa Catarina», com «pequenos fragmentos cerâmicos de época romana» (ALMEIDA 2003b: 4), «de tal modo fragmentados que não permitem observações mais consistentes» (Idem, ibid.).

Espólio

A sondagem proporcionou 158 fragmentos de cerâmica, destacando-se o estrato 12, no qual todos são romanos: 8 fragmentos de cerâmica comum, um de disco de lucerna (?), 4 de tegula; no estrato 10 recolheram-se c. de 6 fragmentos cerâmicos romanos (ALMEIDA, 2002a: 4, 6). Do acompanhamento de obra resultaram apenas pequenos fragmentos de cerâmica romana (ALMEIDA, 2003b: 4).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002a) – Relatório das sondagens arqueológicas. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Lordelo do Ouro - Porto - 2002. Vila do Conde. Texto datilog.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003b) – Relatório do acompanhamento arqueológico. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Porto. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255, n.º 68

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Cativo (Rua do), 22-28**	Sítio	Cividade	Acrón.	**CAT22.10**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar			
X:	-8.608984°	Y:	41.144172°	SRC	WGS84	Altit.	74
Inicio	20/12/2010	Fim	12/01/2011				
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	4	Interv. local	**1**		
Resp.	João Paulo G. Barbosa; Roger Prieto de la Torre	Entidade	Logiark				

Desc.

A intervenção arqueológica teve razões preventivas e de avaliação, face à análise de um projeto construtivo para o local. Os trabalhos revelaram que a maior parte dos eventuais sedimentos antigos tinham já sido removidos pela construção do edifício atual, sendo muito escassa a possança estratigráfica.

Não obstante, numa camada humosa (UE 106) e noutra similar (UE 107) apareceram, descontextualizados, «um possível fragmento castrejo em cerâmica cinzenta» e «quatro fragmentos de tijolo ou telha de época romana» (PRIETO; BARBOSA, 2011: 7), que os AA. justificam «pela proximidade do antigo castro existente no Morro da Sé» (Idem, 8), o que não nos parece razoável, dado serem bem distintos ambos os relevos, o da Penaventosa e o da Cividade.

Espólio

Apenas um possível fragmento de louça castreja e quatro de eventual cerâmica de construção romana entre os 323 objetos recolhidos na intervenção.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

PRIETO DE LA TORRE, Roger; BARBOSA, João Paulo (2011) – Rua do Cativo, 22 a 28. Sé, Porto. Sondagem de avaliação prévia e acompanhamento arqueológico. Relatório final. Matosinhos: Logiark, Serviços Arqueológicos Unipessoal, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de). Antiga Casa da Câmara**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**CC.84 - CC.00**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611756°	Y:	41.143039°	SRC	WGS84
Altit.	66	Inicio	01/01/1984	Fim	18/05/2000
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	Manuel Luis Real; Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

O espaço dos antigos Paços do Concelho medievais foi objeto de duas intervenções arqueológicas bastante desfasadas no tempo. A primeira, em 1984, constou de sondagens dirigidas por M. Real e M. I. Osório, não se tendo detetado quaisquer estruturas anteriores à Idade Média, se bem que tenha aparecido espólio romano diversificado.

Já em 2000 (de 23/03/2000 a 18/05/2000), no âmbito da reconstrução do imóvel, foi feito acompanhamento arqueológico da obra por parte de M. Ribeiro, tendo-se localizado entre os depósitos remanescentes no interior do edifício o dormente de uma mó manual giratória, de aparência romana (RIBEIRO 2004:10, Fig. 33).

Espólio

Além da mó recolhida em 2000, o restante espólio romano não se encontra discriminado nos relatórios e publicações disponíveis.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

REAL, Manuel L. (1986) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Relatório-síntese (Dezembro de 1986). Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.
REAL, Manuel L. (s.d.) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1986. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.
REAL, Manuel L.; BARROCA, Mário J.; TAVARES, Rui (1985) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1984. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.
REAL, Manuel L.; TÁVORA, Maria José; OSÓRIO, Isabel P.; TEIXEIRA, Filipe F. (1987) - Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1987. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.
RIBEIRO, Manuela C. S. (2004) – Casa da Câmara (Sé, Porto). Relatório final do Acompanhamento Arqueológico. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog
REAL, Manuel L. (1984) – Arqueologia portuense em 1984. Notícia sobre as operações de salvamento no morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB. Arqueologia. 10. Porto, p. 75-9
REAL, Manuel L. et al.(1985-86) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 2ª Série (3/4). Porto, p. 7-60
SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 24

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Igreja de Cedofeita e área envolvente (renovação de infraestruturas de águas pluviais)**	Sítio	Cedofeita	Acrón.	**CDF.01-02**
Concelho	Porto	Freguesias	Cedofeita	Lugar	Cedofeita
X:	-8.621635°	Y:	41.155662°	SRC	WGS84
Altit.	80	Inicio	06/12/2001	Fim	30/06/2003
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	18	Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira; José Jorge Argüello Menéndez; Mafalda Castel-Branco B. Capela	Entidade	J. Menéndez Unipessoal		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos realizados na área adjacente à igreja românica de Cedofeita, importante templo de tradição alto-medieval, desenrolaram-se em duas fases. A primeira fase (CDF.01), através de sondagens arqueológicas (direção de J. Argüello e G. Pereira), entre 06/12/2001 e 18/12/2001; a segunda (CDF.02), de acompanhamento arqueológico de obra com sondagens pontuais (direção de J. Argüello e M. Capela), entre Outubro de 2002 e Junho de 2003.

Em depósitos não homogéneos apareceram alguns materiais romanos, nomeadamente uma tegula (UE 33) e 11 fragmentos considerados como de vidro romano (UE 33, 39, 44 e 45), alguns talvez duvidosos, pelas suas pequenas dimensões, mas outros seguramente daquela cronologia, como pudemos constatar pessoalmente. O facto de praticamente só terem ocorrido vidros, sem qualquer evidência de cerâmica comum romana, levou o Autor a sugerir que tais recipientes vítreos resultariam da sua reutilização, na Alta Idade Média, para fins litúrgicos (ARGÜELLO, 2002: 20), atendendo à tradição das origens suevas do primitivo templo de Cedofeita.

Os materiais classificados como tardo-romanos (?) não têm coerência estratigráfica e encontram-se em depósitos relacionados com obras realizadas no templo entre os séculos XVI-XVII e XVIII.

Na intervenção de 2002-2003 não ocorreram materiais romanos, tão só um fragmento de tegula, sem indicação de contexto e classificada como medieval (ARGÜELLO, 2003: 49).

Espólio

Em CDF.01 registam-se, na Fase 2 (séc. XVI-XVII) - UE 39, 1 vidro; na Fase 3 (séc. XVII) - UE 33, 1 tegula e 3 vidros; e na Fase 5 (séc. XVIII) - UE 44, 5 vidros; UE 45, 2 vidros. No total, 11 vidros considerdos romanos (ARGÜELLO, 2002: Figs. 27 a 29 e 38).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge (2002) – Igreja de Cedofeita. Porto. Relatório preliminar das sondagens de avaliação arqueológica. Porto: J. Menéndez, Lda. Texto datilog.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge (2003) – Informação preliminar dos resultados do Acompanhamento Arqueológico das obras de renovação de infra-estruturas de águas pluviais no exterior da Igreja românica de Cedofeita - Porto. Junho de 2003. Porto: J. Menéndez, Lda. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 63

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Chã (Rua), 109-115**	Sítio	Cividade	Acrón.	**CHA109.17**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar			
X:	-8.609859°	Y:	41.144247°	SRC	WGS84	Altit.	74
Inicio	28/11/2017	Fim	05/02/2018				
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	43,5	Interv. local	**1**		
Resp.	Mário Gonçalves; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia				

Desc.

A avaliação de eventuais pré-existências de interesse arqueológico no imóvel, antecedendo a sua reabilitação, fez-se através da escavação de seis sondagens arqueológicas, totalizando 43,5 m2.

O edifício desenvolve-se em dois planos, pelo que cinco das sondagens foram feitas, sensivelmente, à cota da Rua Chã, enquanto a sondagem 1 foi implantada num patamar superior, praticamente à cota culminante do que resta do antigo Morro da Cividade.

Precisamente à cota superior (sondagem 1), ocorreram fragmentos de tegula (e possivelmente, cerâmica comum romana, não discriminada) em vários depósitos (UE 107, 114 e 118), surgindo igualmente algumas estruturas de grande porte (UE 119 e UE 115/125/129), não datadas no relatório preliminar (SOARES; GONÇALVES, 2018), mas inseridas na fase mais antiga (Fase 7) e que poderão, eventualmente, integrar-se em cronologia romana.

Espólio

Apenas são identificados fragmentos de tégula, podendo ocorrer outros materiais romanos, não discriminados (SOARES; GONÇALVES, 2018), uma vez que o espólio não se encontra ainda caracterizado.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SOARES, Sofia Pinho; GONÇALVES, Mário (2018) - Sondagens arqueológicas na Rua Chã, 109-115. Sé, Porto. Nota Técnica. Janeiro 2018. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Alfândega (Rua da), 10**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**CI.91**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.614339°	Y:	41.140760°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	12	Inicio	01/01/1991	Fim	31/12/2003
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Tardo-antiguidade	Datação precisa	Sécs. I-II (?) / sécs. IV-V
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)	1500	Interv. local	**1**
Resp.	Manuel Luis Real; Paulo Dordio Gomes; Ricardo J. A. Teixeira	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

As escavações arqueológicas extensivas (área superior a 1500 m2) que precederam as obras de remodelação e ampliação do Arquivo Histórico Municipal/Casa do Infante, onde desde o séc. XIV estiveram instaladas a Casa da Moeda e a Alfândega da cidade, forneceram abundantes vestígios de ocupação da época romana, com destaque para os primeiros pavimentos de mosaicos encontrados no Porto.

Os dois painéis musivos fazem parte de dois compartimentos de uma construção que Manuel Real, coordenador do projeto de investigação, por vezes apresentou como um «palácio romano, datável do séc. IV, com um grande armazém voltado para a zona portuária», sugerindo mesmo que tal edifício pudesse ter tido «funções aduaneiras ou, pelo menos, de apoio à actividade portuária, já que possuía um grande armazém ligado à praia fluvial» (REAL 2005; REAL et al. 2009).

De uma forma mais prudente, Paulo Dordio – outro dos responsáveis pelos trabalhos arqueológicos – indica que os vestígios de construções romanas «correspondem a estruturas descontínuas constituídas por curtos troços de muros, ou tão só a valas de fundação (…) dispersas por uma área alargada, reconhecendo-se em planta articulações que revelam a existência de vários edifícios» (DORDIO, 2011: 838), o que aliás é patente na leitura espacial das estruturas romanas, onde é visível a dificuldade de interpretação da planta ou plantas dos edifícios, parecendo ver-se, a poente, alinhamentos algo divergentes, junto a um poço.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio arqueológico romano recolhido na intervenção é muito vasto e diversificado, incluindo moedas (mais de 250 exemplares, MENDES-PINTO, 1999 e 2004), sigillatas, vidros, lucernas, ânfora, cerâmica comum e de construção, etc.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (em prep.) – Relatório da sequência estratigráfica da escavação arqueológica da Casa do Infante, Porto (1992-2002). Porto: Ed. AA. Texto datilog.

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1994) – Intervenção arqueológica na Casa do Infante (Porto). Câmara Municipal do Porto. Relatório da actividade desenvolvida (1991-1994). Avaliação e planificação de actividades a desenvolver para a conclusão do projecto. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto datilog.

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 1998. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto datilog.

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1999) – Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 1999. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto datilog.

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Não obstante, este mesmo Autor interpreta o núcleo central das ruínas como pertencendo a um único edifício, de orientação NO./SE., com cerca de 24 x 20 metros, definido por um pátio central, lajeado, rodeado por quatro alas sensivelmente modulares (DORDIO, 2011: 839). A sul, para vencer o forte desnível topográfico na direção do Rio Douro, detetaram-se elementos de contrafortagem que sugerem mesmo a possibilidade da existência de diversos pisos, o que parece sustentar a proposta de Manuel Real em relação às eventuais funções de armazenamento ou ligação à vida fluvial (REAL 2005; REAL et al. 2009).

Os dois compartimentos com o pavimento revestido a mosaico policromo, situam-se no que parece ser a ala norte de um edifício provido de um pátio, atentas as dificuldades atrás apontadas. O mosaico I, na sala do ângulo noroeste, que se encontrava muito deteriorado, apresenta dois painéis justapostos, evidenciando uma «composição linear de arcadas de peltas em arcos geminados», na cercadura, e «composição ortogonal de rodas de peltas com nós de Salomão ao centro» (DORDIO: 2011: 841). O mosaico II é um «mosaico de tapete único de composição ortogonal e painel quadrado axial interrompendo a composição», mostrando uma «composição linear de círculos secantes e tangentes determinando fusos brancos e escamas afrontadas» na margem, sendo a zona central definida por uma «composição ortogonal de quadrilóbulos de peltas flanqueando um quadrado com quatro folhas tangentes e florzinhas em cruz nos intervalos» (DORDIO, 2011: 841). No quadro inserto, enquadrado por várias séries molduradas, não se conservou o tema central. Paulo Dordio propõe para estes mosaicos uma datação dentro do séc. IV, consistente com a proposta para a generalidade das ruínas romanas da Casa do Infante (GOMES, 2011; 2019).

Não obstante a ocupação romana mais marcante ser claramente tardia, registam-se elementos (sigillatas, moedas, etc.), em quantidade não despicienda, que evidenciam que a área estaria já ocupada no Alto Império, em condições que não puderam ainda ser determinadas (DORDIO, 2011: 838). Certamente que o relatório final da intervenção, de momento em execução (DORDIO; TEIXEIRA, em prep.), permitirá aclarar alguns destes aspetos estruturais e cronológicos.

REFERÊNCIAS

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (2000) – Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 2000. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto datilog.

GOMES, Paulo D. (2011) – Os Mosaicos da Casa do Infante e o contexto urbano na zona ribeirinha do Porto. In: O mosaico romano nos centros e nas periferias: originalidades, influências e identidades: actas do X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA), Museu Monográfico de Conimbriga (…) 2005. Lisboa: Inst. Museus e Conservação, p. 837-47

MENDES-PINTO, José M. (1999) – Circulação monetária em torno a Cale no Baixo-Império. In CENTENO, Rui M. S. et al., coord. (1999) – Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, p. 401-13

MENDES-PINTO, José M. (2004) – Circulação monetária em torno a Cale nos finais da época romana. O Tripeiro. 7ª Série. 23 (11). Porto, p. 328-331

REAL, Manuel L. (2005) – Primórdios da história urbana do Porto. Entre a pré-história e a Idade Média. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Documento electrónico. Microsoft PowerPoInt [Apresentação de apoio a uma conferência proferida na Associação Comercial Portuense]

REAL, Manuel L. et al. (2009) – Quarteirão da Casa do Infante. Razões de ser de uma Intervenção. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto datilog.

REAL, Manuel L.; SILVA, António Manuel S. P. (2018) – Portumcalem Castrum Novum na época sueva. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios. Ourense: Deputación Provincial, p. 205-210

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 27

TEIXEIRA, Ricardo; DORDIO, Paulo (2000) – Intervenção arqueológica na Casa do Infante: dezassete séculos de História na zona ribeirInha do Porto. Al-Madan. 2ª Série. 9. Almada, p. 132-4

Interv./ local	**Terrenos a sul da Travessa do Loureiro (Alto da Cividade)**	Sítio	Cividade	Acrón.	**CIV.90**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Cividade
X:	-8.610128°	Y:	41.144563°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	79	Inicio	09/04/1990	Fim	30/04/1991
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	50	Interv. local	**3**
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva; Manuel Luis Real; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana; Universidade do Porto		

Desc.

Neste local da cidade antiga – essencial para a tese das origens da urbe de A. A. Mendes Correia – realizou aquele professor da Faculdade de Ciências do Porto sondagens, em 1932, traduzidas por duas valas alongadas, de dimensão desconhecida. Localizaram-se estes trabalhos no quintal de uma casa no topo do antigo morro da Cividade em terrenos aparentemente muito revolvidos, que não possibilitaram o achado de ruínas de época romana ou anterior, mas apenas algum espólio que, apesar de desvalorizado por Mendes CORREIA (1932: 52-4; 1950: 229), não deixa de ter algum significado, como provou M. BARROCA (1984), identificando-se, nomeadamente, um exemplar de acus crinalis em bronze, datável do séc. I/II, alguma tegula e cerâmica comum romana, de aspeto tardio (10,3% do conjunto) e, ainda, 5,2% de cerâmica castreja (BARROCA 1984: 23-5).

Posteriormente, aproveitando as profundas escavações decorrentes da abertura da Avenida de D. Afonso Henriques – obra que destruiu, irremediavelmente, a maior parte da antiga zona da Cividade – outros docentes e colaboradores da mesma instituição académica, Alves Moreira e Santos Júnior, procederam a recolhas avulsas de materiais e escavações pontuais, ordenadas pelo próprio Município, nos anos de 1950, 1953 e 1954, pelo menos, trabalhos muito mal documentados, mas nos quais foram exumados alguns materiais arqueológicos antigos (FERREIRA, 1959). A revisão desse espólio por parte de Mário BARROCA (1984) permitiu verificar que nele se inclui cerâmica comum romana, de aspeto tardio, representando, segundo o mesmo investigador, apenas 5,9% do total do conjunto, sendo o restante espólio de datação posterior (BARROCA, Id.: 24).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio recolhido na última intervenção (CIV.90) inclui tegula e imbrex, cerâmica comum romana, ânfora, cerâmica romana pintada, cinzenta fina, algum vidro romano e uma moeda do séc. IV (total 4,7% do conjunto), para além de espólio da Idade do Ferro, muito residual (1,2%) (OSÓRIO et al. 2008). Dos materiais procedentes de recolhas mais antigas, faz-se menção, com remissão bibliográfica, no texto descritivo do campo anterior.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto; Museus da UP

Refs.

BARROCA, Mário J. (1984) – II - As escavações de Mendes Correia na Cividade (1932) e as origens da cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 21-9

CORREIA, A. A. Mendes (1932a) – As Origens da cidade do Pôrto. V. N. Gaia: Edições Pátria

CORREIA, A. A. Mendes (1950) – O Porto, suas origens, evolução e perspectivas. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 13 (3-4). Porto, p. 218-37

FERREIRA, J. A. Pinto (1959) – Arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos na avenida de D. Afonso Henriques quando do seu rompimento em 1950-1954. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 22 (1-2). Porto, p. 369-70

GONÇALVES, António H. B. (1984) – I - O diário das escavações do Prof. Doutor Mendes Corrêa na Cividade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 18-21

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Por fim, em 1990-1991, uma colaboração entre a Câmara Municipal do Porto e a Faculdade de Letras da cidade permitiu a realização de novas sondagens arqueológicas, abrangendo uma superfície de cerca de 50 m2, nos terrenos sobrantes e por edificar na área Leste da Cividade, numa plataforma sobre a Av. de D. Afonso Henriques. Os resultados destes trabalhos documentaram solos muito revolvidos, se bem que tenham sido observados alguns restos de construções antigas, de difícil caracterização, certamente de cronologia medieval e posterior. Não obstante, recolheu-se relevante quantidade de espólio cerâmico romano e da Idade do Ferro (c. 160 fragmentos), bem como uma moeda e quatro vidros romanos (OSÓRIO et al., 2008).

REFERÊNCIAS

OSÓRIO, Maria Isabel P.; REAL, Manuel L.; SILVA, Armando C. F.; SILVA, António Manuel S. P. Silva (2008) – Sondagens arqueológicas no Morro da Cividade (Sé, Porto). Relatório dos trabalhos realizados em 1990-1991. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 247, n.º 5

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Caldeireiros (Rua dos), 131-135**	Sítio	Vitória	Acrón.	**CLD131.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.613258°	Y:	41.145249°	SRC	WGS.84
Altit.	68	Inicio	02/05/2012	Fim	30/05/2013
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; João Miguel Matos Soares	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

Para avaliação do potencial arqueológico do edifício, prévia a um projeto de construção, foram abertas duas valas de sondagem, totalizando 12 metros quadrados de superfície, que apenas revelaram aterros de época moderna, com materiais heterogéneos.

Descontextualizado apareceu, ainda assim, um fragmento de imbrex de fabrico romano.
O posterior acompanhamento de obra não detetou qualquer outro espólio antigo.

Espólio

Na camada 4 da Vala 1 localizou-se um fragmento de imbrex, sem contexto, numa camada de aterro (ALMEIDA; SOARES, 2012b: 6; 2014: 6).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2012b) – Relatório final. Sondagens Arqueológicas. Rua dos Caldeireiros, nº 131-135 – Porto – 2012. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2014) – Relatório final. Sondagens e Acompanhamento Arqueológico. Rua dos Caldeireiros, nº 131-135 – Porto – 2012. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ouro (Calçada do)**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**CLO.01**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	
X:	-8.648719°	Y:	41.148433°	SRC	WGS84
Altit.	8	Inicio	05/03/2001	Fim	15/03/2001
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. II/I aC - Sécs. IV/V
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Paula Barreira Abranches; Sandra Maria Salazar Ribeiro	Entidade	Archeo'Estudos		

Desc.

A pequena sondagem de avaliação, prévia à instalação de uma infraestrutura, atingiu 1,60 metros de profundidade e não revelou quaisquer estruturas. Não obstante, proporcionou a recolha de interessante lote de espólio compreendido entre a Idade do Ferro e o período romano.

Não é muito clara a relação entre a estratigrafia e o espólio, que aparenta ser predominantemente antigo a partir da UE 103. Segundo as responsáveis, «os níveis mais antigos, apesar de uma maior uniformidade de materiais, não apresentam grupos homogéneos, uma vez que existe uma certa promiscuidade entre materiais considerados romanos e materiais que nos reportam à época do Ferro» (ABRANCHES, 2001: 13), sugerindo-se o deslizamento de materiais a partir da «área envolvente da Capela de Santa Catarina» (Ibidem).

Espólio

O espólio descrito inclui 2 frags. de uma panela de perfil em S dos séculos II-I aC; 1 frag. da Idade do Ferro «podendo ser de importação»; 1 frag. TSH Drag. 35/36 (?) 70-120/150; 1 frag. de lucerna «talvez pertencente ao Baixo Império»; 1 objeto semelhante a um cossoiro, podendo pertencer ao Alto Império (p. 9); 2 frags. cerâmica cinzenta polida (I aC - meados I dC); frags. de cerâmica comum romana (I aC - I dC); 1 prato de engobe vermelho (III - V dC) (p.10). Além deste espólio, contabilizam-se 11 frags. de ânfora e 34 de tegula. Entre 488 fragmentos cerâmicos, o material romano e do Ferro representa, no mínimo, cerca de 24%.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ABRANCHES, Paula B. (2001) – Intervenção arqueológica no Largo da Calçada do Ouro. Porto. Relatório final. Perosinho: Archeo'estudos. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 65

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 30-32. Casa Museu Guerra Junqueiro**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**CMGJ.94**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610810°	Y:	41.142351°	SRC	WGS84
Altit.	73	Inicio	09/03/1994	Fim	24/02/1997
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Séc. IV (2.ª metade)
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Antecedendo as obras de remodelação deste espaço museológico municipal, foram feitas escavações relativamente extensivas, embora não pudessem avançar muito em profundidade (nem, consequentemente, atingir níveis mais antigos) porquanto, a norte, os depósitos achavam-se muito perturbados pela instalação de um cemitério medieval; enquanto a sul, a presença de ruínas bem preservadas de uma habitação de época moderna impediu, de certo modo, a identificação de contextos mais antigos, que apenas foram alcançados numa pequena sondagem dentro desse mesmo edifício.

Ainda assim, detetaram-se restos de algumas estruturas da Idade do Ferro ou da romanização, a par de espólio coevo, que todavia ainda não foi estudado.

A Norte (Zona 2 da escavação), parte da necrópole medieval da Sé (que fica contígua) assentava em depósitos tardo-romanos, onde se observaram restos de estruturas muito desmanteladas. A Sul, na Zona 1, encontrou-se o tramo de um muro, associado a um piso de argila com um buraco de poste. Este ambiente foi datado da 2ª metade do séc. IV, assim como a generalidade dos vestígios romanos localizados nesta escavação (OSÓRIO; SILVA 2002: 87-88), o que coloca questões interessantes, pois tratando-se de um espaço central do Morro da Sé, no coração do castro romanizado, é curioso não ser evidente a ocupação alto-imperial (ou mesmo castreja) neste ponto do povoado. No entanto, repetimos, estas observações ficaram condicionadas pela pouca extensão dos depósitos mais antigos exumados.

Espólio

Material da Idade do Ferro e de época romana relativamente abundante e diversificado, mas que não se encontra ainda estudado.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P. (1995) – Escavações arqueológicas na Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto). Relatório dos trabalhos de 1994. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P. (1996b) – Intervenção arqueológica na Casa-museu Guerra Junqueiro (Porto). Relatório dos trabalhos de 1995. Porto: Câmara Municipal (Gab. Arqueologia Urbana). Texto datilog.

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P. (1994) – Intervenção arqueológica municipal no Porto - resultados, problemas e potencialidades, Bracara Augusta. 45 [Actas do 2º Encontro de Arqueologia Urbana]. Braga: C.M.B., p. 87-102

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P.; (2002) – Arqueologia de um Espaço Urbano. A Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto): primeira notícia. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 83-95

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249-250, n.º 28

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Monchique (Rua de). Armazém do Cais Novo**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**CNOV.01**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	
X:	-8.626330°	Y:	41.144949°	SRC	WGS84
Altit.	9	Inicio	07/08/2001	Fim	22/05/2002
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Após uma primeira intervenção dentro do edifício - um armazém da época moderna - em 1999, que não proporcionou quaisquer vestígios arqueológicos anteriores ao séc. XVI (ARGÜELLO MENÉNDEZ; SILVA, 2000), novos trabalhos, mais amplos, foram desenvolvidos em 2001-2002 no exterior do imóvel, do lado nascente, confirmando-se que os vestígios mais antigos de ocupação remontarão aos começos da Época Moderna. Não obstante, em contexto secundário, ocorreram seis fragmentos de tegula (BARBOSA, 2018: 32)

Uma eventual relação destes achados com o núcleo de povoamento do Campo do Rou/Cristelo, algumas centenas de metros a noroeste, não é de descartar, mas os dados disponíveis são ainda frágeis para afirmá-lo.

Espólio

Regista-se o achado de 6 fragmentos de tegula, descontextualizados (BARBOSA, 2018: 32).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge; SILVA, António Manuel S. P. (2000) – Armazém do Cais Novo. Alfândega de Massarelos, Porto. Relatório das sondagens de avaliação arqueológica. Porto: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia Urbana). Texto datilog.

BARBOSA, Sandra C. P. (2001) – Armazém do Cais Novo. Massarelos, Porto. Relatório preliminar das sondagens arqueológicas de avaliação no exterior do imóvel. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

BARBOSA, Sandra C. P. (2018) – Cais Novo. Relatório final dos Trabalhos de Acompanhamento e das Sondagens Arqueológicas. [Porto]: [Câmara Municipal]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 55

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Campo do Rou (Trav. do), 21-23**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**CPR21.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.630384°	Y:	41.147441°	SRC	WGS84
Altit.	18	Inicio	20/09/2017	Fim	03/10/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Nexo, Património Cultural		

Desc.

Como reconhece o autor das sondagens de avaliação do imóvel (feitas como medida de avaliação preventiva de um projeto imobiliário), este «insere-se numa das vertentes do Morro do Palácio de Cristal (…), abrindo para o encaixado vale da ribeira de Vilar, com uma exposição potencialmente interessante à fixação humana desde épocas remotas» (PEREIRA, 2017: 4).

Foram abertas duas sondagens de 4 m2 cada. A Sondagem 1 atingiu 1,70 m de profundidade (substrato rochoso) e a Sondagem 2 chegou aos 1,60 m.

Embora a maior parte do espólio seja moderno e contemporâneo, registou-se a ocorrência de «vestígios cerâmicos de cronologia medieval e romana», nomeadamente nos depósitos [208] e [114], ilustrando-se fragmentos de rebordo de tegula e o que parece ser cerâmica comum romana (PEREIRA, 2017: 8).

Espólio

Referência ao achado de tegula e cerâmica comum romana.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PEREIRA, Gabriel R. (2017) - Intervenção Arqueológica Imóvel sito na Travessa Campo de Rou, n.º 21-23 (Porto). CPR21.17. Nota técnica. Esmoriz: Nexo, Património Cultural. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sant'Ana (Rua de); Bainharia (Rua da). Quarteirão da Sé Q5**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**CQ5.94**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613354°	Y:	41.142766°	SRC	WGS84
Altit.	39	Inicio	01/01/1994	Fim	31/12/1994
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva; Rui Manuel Sobral Centeno	Entidade	Etnos - Patr. e Turismo Cult.		

Desc.

No âmbito da reabilitação de um quarteirão do Bairro da Sé, promovida pelo Município no ângulo das ruas de Baiharia e de Sant'Ana, foi efetuada uma intervenção arqueológica com sondagens e acompanhamento de obra (?). Os dados vindos a público, pouco desenvolvidos, não identificam qualquer estrutura particularmente antiga, mas tão só a ocorrência de tegula, em contexto impreciso (SILVA; CENTENO, 1995).

Espólio

Num saguão do imóvel, refere-se que a intervenção «forneceu, de conjunto com materiais recentes, diversos fragmentos de tegula, não em estratigrafia, mas no entulho sobre rocha natural» (SILVA; CENTENO, 1995: 13).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

SILVA, Armando C. F.; CENTENO, Rui M. S. (1995) – Intervenção arqueológica no centro histórico do Porto. Campanha de escavações no Quarteirão da Sé Q5 (Ângulo das ruas da Bainharia e Santana). 1994. Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural, Lda.. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo desta intervenção encontra-se registado na base de dados LOCVS, do serviço municipal de arqueologia, como SE-Q5.94.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Campo do Rou; Fonte de Massarelos (Rua da); Casal do Pedro (Rua do)**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**CRM.00**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.631045°	Y:	41.146985°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	16	Inicio	30/10/2000	Fim	25/06/2001
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Sandra Nogueira	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

No quadro de um projeto de requalificação do espaço público, inserido nos programas da Sociedade Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura («Caminhos do Romântico»), foi feito acompanhamento de obra, complementado com observações estratigráficas, em diversos arruamentos da área do Campo do Rou.

Foi detetada a presença, bastante recorrente, de cerâmica comum, sigillata e material de construção de cronologia romana, em níveis aparentemente homogéneos e indiciadores, por certo, de ocupação desta época nas proximidades. Não se encontraram, todavia, restos de estruturas coevas.

Espólio

Os materiais referidos (terra sigillata, cerâmica comum romana e material de construção) não se encontram ainda inventariados ou estudados, não sendo possível, desta forma, adiantar outros dados.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S.; NOGUEIRA, Sandra (em prep.) – Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação dos "Caminhos do Romântico". Relatório Final. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253-254, n.º 61-62

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Casal do Pedro (Rua do), 3-5**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**CSP3.03**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.630929°	Y:	41.147547°	SRC	WGS84
Altit.	8	Inicio	09/07/2003	Fim	22/07/2003
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	16	Interv. local	**1**
Resp.	Pedro Miguel Brochado de Almeida	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

Como avaliação prévia de um projeto de construção, foram feitas duas valas de escavação arqueológica no imóvel, totalizando 16 metros quadrados. Ambas atingiram os 2,50 m de profundidade sem, contudo, chegarem ao nível geológico.

Na vala 1 detetaram-se materiais cerâmicos romanos, designadamente tegula, cerâmica comum e até TSH, encontrando-se o depósito mais antigo a cerca de 1,30 metros de profundidade em relação à cota de circulação atual (ALMEIDA, 2003c; 2013).

De acordo com a opinião do diretor dos trabalhos, «não parece que as cerâmicas romanas estejam in situ, mas que provenham de uma ocupação relacionada com a colina que está sobranceira ao local intervencionado» (ALMEIDA, 2013: 11).

Espólio

São referenciados nos relatórios os seguintes materiais: Vala 1, estrato 13 - «camada de entulho» com materiais recentes e «fragmentos de tegula» (ALMEIDA, 2013: 4); na mesma vala, e sobretudo na camada 9, registam-se 5 frags. de «cerâmica comum», 1 frag. de tegula e 1 frag. de TSH Drag 24-25 ou 27, já sem verniz (Idem, p. 7-8), materiais com pouca representatividade estatística entre os cerca de dois milhares de objetos recolhidos.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003c) – Relatório preliminar das sondagens arqueológicas. Rua Casal de Pedro, nº 3 - Porto - 2003. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2013) – Relatório final. Sondagens arqueológicas. Rua Casal de Pedro, nº 5, Porto – 2003. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255-256, n.º 73

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Casal do Pedro (Rua do), 3**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**CSP-E3.13**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.630850°	Y:	41.147487°	SRC	WGS84
Altit.	8	Inicio	21/06/2013	Fim	21/06/2013
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento - Via Pública	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa	Entidade	Logiark		

Desc.: Numa zona onde têm vindo a ser identificadas ocorrências de espólio de época romana (cfr. fichas CSP3.13, CRM.00 e outras deste núcleo), foi feito o acompanhamento arqueológico de uma pequena intervenção na via pública, uma simples ligação a um ramal de eletricidade. Na vala aberta, com 1,30m x 1,00m x 1,00m de profundidade, foram detetados fragmentos de tegula romana (BARBOSA, 2013: 9-10).

Espólio: Registo de «dois pequenos pedaços de tegulae (telha romana) com vestígios de desgaste por rolamento» numa camada heterogénea (UE 05), que incluía materiais do século XX (BARBOSA, 2013: 9-10, com foto das peças).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.: BARBOSA, João Paulo (2013) - Acompanhamento arqueológico. Rua Casal do Pedro, 3 (CSP-E3.13) (Painhas, SA/EDP), Massarelos - Porto. Relatório Final. Porto: Logiark, Serviços Arqueológicos Unipessoal, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.:

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ouro (Rua do), 151-153; Mocidade da Arrábida (Rua da); Central Termoeléctrica do Ouro**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**CTO.09**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Ouro
X:	-8.646496°	Y:	41.149093°	SRC	WGS84
Altit.	21	Inicio	12/10/2009	Fim	07/01/2010
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	263	Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira; Helena Marçal; Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc. A avaliação do potencial arqueológico dos terrenos foi feita de forma bastante extensiva, tendo sido coberta uma superfície de 263 m2, distribuída por 16 sondagens dispersas pela área de afetação. Na Sondagem 12, situada na área do Palacete, no vértice SO. do complexo, próximo da Calçada do Ouro, foi detetado um fragmento de cerâmica classificado pelos AA. como romano (MARÇAL; SAMPAIO; FONSECA, 2013: 75, fig. 118). Parece ser uma asa interior, em pasta comum, e provém da UE 1212 (= 1213), um nível de aterro com mais de um metro de profundidade que forneceu bastante cerâmica moderna e contemporânea.

Espólio Fragmento de vaso de asa interior, classificado pelos Autores como de época romana (MARÇAL; SAMPAIO; FONSECA, 2013: 75, fig. 118).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs. MARÇAL, Helena; SAMPAIO, Maria da Luz; FONSECA, Jorge; SOUSA, Paulo, P. (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Central Termoeléctrica do Ouro. Porto 2012. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 19**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**DHG19.10**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610715°	Y:	41.142081°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	05/03/2010	Fim	23/04/2010
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Séculos III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; Marta Miranda Marques; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

O projeto de reabilitação de um imóvel foi precedido, dada a sensibilidade arqueológica da área, de trabalhos de pré-avaliação arqueológica, que consistiram na realização de sondagens e posterior acompanhamento de obra.

Foram escavadas 3 valas com 4m2 cada. Em duas delas (Vala 1 e Vala 3) apareceu um lajeado com fragmentos de tegula entre as pedras, que os Autores consideraram de cronologia tardo-romana.

Na Vala 2 apareceu um tramo de muralha, com argamassa, que os diretores da escavação entenderam ser romana ou mesmo de possível origem proto-histórica (ALMEIDA; SOARES; MARQUES, 2010).

A escavação foi feita só até à cota de obra, o que inviabilizou a eventual deteção de níveis mais antigos, e os desaterros dos níveis arqueológicos, bem como outras ações, foram feitos apenas com acompanhamento arqueológico de obra.

Em relação ao espólio, descrito no ponto próprio do relatório, surpreende a quase inexistência de olaria da Idade do Ferro, o que poderá significar que a escavação revelou ambientes tardios e profundamente transformados.
A cronologia e outros aspetos deste troço de muralha, que já nos mereceram alguma discussão (SILVA, 2011: 48-49), são abordados no ponto próprio do texto da dissertação.

Espólio

Para além de espólio moderno e contemporâneo, regista-se um total de perto de 300 frags. de cerâmica romana e anterior, incluindo: 1 frag. de cerâmica da Idade do Ferro, muita tegula e imbrex, cerca de uma dezena de frags. de ânfora, cerca de 6 sigillatas, incluindo 2 TSCD e 1 TSH Drag. 15-17, 1 frag. de engobe vermelho, 1 "anforeta", 1 cinzenta tardia, muita comum romana (ALMEIDA; SOARES; MARQUES, 2010: 8-12).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, Sofia C. P.; MARQUES, Marta M. (2010) – Relatório das Sondagens (1ª e 2ª fase). Rua D. Hugo, nº 19 – Porto – 2009. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, Sofia C. P.; MARQUES, Marta M. (2012) – Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Rua D. Hugo, nº 19 – Porto – 2009. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

ESPÓLIO

No acompanhamento arqueológico a recolha de espólio foi seletiva, não se apresentando quantificação ou descrição (ALMEIDA; SOARES; MARQUES, 2012: 5-6).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Castelo (Esplanada do). Castelo de São João da Foz (F.87) - ARA VOTIVA**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**E21**
Concelho	Porto	Freguesias	Foz do Douro	Lugar	Foz do Douro
X:	-8.674580°	Y:	41.149004°	SRC	WGS84
Altit.	9	Inicio	13/05/1987	Fim	15/12/1992
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados		Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)	0	Interv. local	
Resp.	Manuel Luis Real; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Dos alicerces da ermida pré-românica de São João da Foz do Douro é proveniente uma ara, aparecida em contexto de escavação arqueológica (SILVA, 2010c: 249, n.º 25), que levanta sérios problemas de interpretação epigráfica, em consequência do seu mau estado de conservação geral e profunda degradação do campo epigráfico (OSÓRIO, 1993b: 27; 1994b: 75).

Armando C. F. Silva, identificou uma dedicatória às «Aquis [/] Magaudiis (?)», as «Águas Imensas», que relacionou com o Oceano e interpretou o monumento como uma ara votiva dos séculos II-III (GABINETE, 1993: 4, n.º 87; OSÓRIO, 1993b: 27; SILVA, 1994: 97; 2007: 441, n.º 713). Mais recentemente, A. Redentor ensaiou uma outra leitura, interpretando como a identificação do dedicante as primeiras duas linhas – Aquila Gandi – e vislumbrando na última Ae(ternis?) D(i)u(is), as Deidades Eternas (REDENTOR, 2017a: I, 494; II, 110-111, n.º 132).

Espólio

A peça encontra-se em depósito na Câmara Municipal do Porto e, presentemente, exposta no núcleo do Reservatório do Museu da Cidade.

Estado espólio | Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

DIAS, Lino T.; REAL, Manuel L.; TÁVORA, Maria J.; OSÓRIO, Maria Isabel P.; TEIXEIRA, Filipe F. (1988) – Escavações arqueológicas no Castelo de S. João da Foz do Douro (Porto). Relatório. 1987. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; OSÓRIO, Maria Isabel P.;TEIXEIRA, Filipe F.; TÁVORA, Maria J. (1990) – Escavações arqueológicas no Castelo de S. João da Foz do Douro (Porto). Relatório 1989. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; TÁVORA, Maria J.; OSÓRIO, Maria Isabel P.; TEIXEIRA, Filipe F. (1989) – Escavações arqueológicas no Castelo de S. João da Foz do Douro (Porto). Relatório. 1988. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; TEIXEIRA, Filipe F.; OSÓRIO, Maria Isabel P. (1991) – Escavações no Castelo de S. João da Foz. Relatório de 1990. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; TEIXEIRA, Filipe F.; OSÓRIO, Maria Isabel P. [1992] – Relatório das escavações arqueológicas do Castelo da Foz. 1991. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog., s.d. [1992]

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

GABINETE de Arqueologia Urbana, coord. (1993) – O Porto das Mil Idades: Arqueologia na Cidade. Exposição. Casa Tait. Roteiro. Porto: Câmara Municipal

OSÓRIO, Maria Isabel P. (1993b) – Um lugar na cidade - S. João da Foz. In OSÓRIO, Maria Isabel P. (coord.) - O Porto das Mil Idades... Porto: Câmara Municipal., p. 25-34

OSÓRIO, Maria Isabel P. (1994b) – A intervenção arqueológica no Castelo de São João da Foz: novos elementos para a reconstituição dos espaços. In PAULINO, Francisco F. (coord.) – A arquitectura militar na expansão portuguesa. Porto (…) 1994 [Catálogo]. s/l.: CNCDP, p. 71-80

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-62

SILVA, Armando C. Ferreira da (1994) – Origens do Porto. In RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) – História do Porto. Porto: Porto Editora, p. 46-117

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007) – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Pedro de Miragaia (Largo de) - ESTELA FUNERÁRIA**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**E22**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Igreja de Miragaia
X:	-8.620029°	Y:	41.142771°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	01/01/1995	Fim	31/12/1995
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Em 1994, arqueólogos do Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto detetaram numa obra de construção civil em curso junto à igreja paroquial de Miragaia - trabalhos feitos, ao tempo, sem quaisquer cuidados de salvaguarda arqueológica - algumas pedras de anteriores construções, designadamente um fragmento de imposta e o monumento epigráfico que agora se documenta, embora tenha sido objeto de divulgação sumária em trabalho académico (SILVA, 2009: 41, figs. 63-64).

A peça, que mede 78 x 59,5 x 31 cm, achando-se bastante mutilada, apresenta decoração arquitetónica em relevo, exibindo duas arcarias paralelas, separadas por linha incisa vertical, sobre o campo epigráfico rebaixado. Neste, reduzido a cerca de 3 cm de altura pela fratura da parte inferior do monumento, percebem-se ainda algumas letras da primeira linha, nomeadamente uma de desenho circular (O ou Q), seguida de outra, impercetível. Pela tipologia da peça, é plausível propor que possa corresponder a uma inscrição funerária, mas a escassez do campo epigráfico conservado não permite ir mais além.

Não obstante, a juntar a outra inscrição, perdida, mas usualmente atribuída a este local (E23) e a diversos achados romanos nas proximidades, esta «nova» epígrafe constitui mais um elemento de realce para a definição do núcleo de povoamento de Miragaia.

Espólio

Estado espólio | Localização espólio: C. M. Porto - Museu da Cidade

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (2009) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Reflexões sobre Cale e a romanização da fachada atlântica. Trabalho de investigação tutelado apresentado à Universidade de Santiago de Compostela no âmbito do Doutorado em Arqueologia, História da Antiguidade e Ciências e Técnicas Historiográficas

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Pedro de Miragaia, Igreja (?) - ARA VOTIVA**	Sítio	Miragaia (?)	Acrón.	**E23**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia (?)	Lugar	Igreja de Miragaia (?)
X:	-8.619773°	Y:	41.142961°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.		Inicio		Fim	
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	Século I
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Regista HÜBNER (CIL, II, 2370), a partir de fonte literária renascentista, uma inscrição, entretanto desaparecida, localizada «nos subúrbios do Porto», onde poderia ler-se DVRI / C. IVLIVS / PYLADES, que foi divulgada em Portugal por Leite de VASCONCELOS (1905: 234). Estudiosos mais recentes (CORREIA, 1940: 184; GARCIA, 1991: 309), talvez com pouco fundamento, atribuíram a epígrafe à igreja de São Pedro de Miragaia.

Apesar de alguns autores duvidarem do carácter votivo da inscrição (ENCARNAÇÃO, 1975: 180; TRANOY, 1981: 275), considerando a primeira linha como um antropónimo (GARCIA FERNANDEZ-ALBALAT, 1995: 173), a sua natureza religiosa é assumida pela maior parte dos estudiosos, que a consideram como dedicada ao próprio rio Douro, não obstante as dificuldades gramaticais levantadas pelo suposto dativo Duri. A interpretação mais recente classifica esta epígrafe como consagrada a «divindade(s) desconhecida(s) relacionada(s) com o Douro», propondo a sua eventual datação dentro do século I (REDENTOR, 2017a: II, 114-115, n.º 138).

Espólio

Estado espólio | Localização espólio

Refs.

CORREIA, A. A. Mendes (1940) – Fontes Antiquitatum Portucalensium. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 3 (2). Porto, p. 181-202

HÜBNER, Ernst W. Emil (1869) – Inscriptiones Hispaniae latinae. (Corpus Inscriptionem Latinarum, vol. II). Consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae (…). Berolini [= CIL II]

ENCARNAÇÃO, José (1975) – Divindades Indígenas sob o domínio romano em Portugal. Subsídios para o seu estudo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

GARCIA, José Manuel (1991) – Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda

GARCIA FERNANDEZ-ALBALAT, Maria Blanca (1995 [1986]) – Un ara votiva a Dvrivs? Valor religioso de los rios en la Antigüedad. Gaya. 6 (1988-1994). Vila Nova de Gaia, p. 155-76

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 225, 247, n.º 2

TRANOY, Alain (1981) – La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité. Paris: Diffusion de Boccard

VASCONCELOS, José Leite de (1905) – Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal. Vol 2. Lisboa: Imprensa Nacional

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto, imediações - ARA VOTIVA**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**E24**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé		
X:	-8.611847°	Y:	41.142379°	SRC	WGS84	Altit.	75
Inicio	13/02/1940	Fim	15/02/1940				
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	Século II		
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local			
Resp.		Entidade					

Desc.

Ara votiva descoberta nas proximidades da Sé do Porto, por ocasião da demolição de alguns imóveis em 1940 (CORREIA, 1940: 187-189; ARA VOTIVA, 1945). Foi dedicada aos Lares Marinhos por Ulpius Flaus, talvez um liberto ou um cidadão, porventura até um negotiator, segundo sugere REDENTOR (2017a: I, 490-1). O monumento datará do século II (LE ROUX; TRANOY, 1973: 205) e parece evocar a importância do comércio flúvio-marítimo na vida do aglomerado em época romana (LE ROUX; TRANOY, 1973: 205; SILVA, 1994: 97; BLOT, 2003: 189; SILVA, 2010c: 232), aspetos que melhor se discutem no capítulo respetivo da dissertação.

Espólio

Estado espólio | Localização espólio: C. M. Porto - Museu da Cidade

Refs.

ARA VOTIVA… (1945) – Ara votiva aos Lares Marinhos. O Tripeiro. 5ª Série. 1 (6). Porto, p. 125

CORREIA, A. A. Mendes (1940) – Fontes Antiquitatum Portucalensium. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 3 (2). Porto, p. 181-202

LE ROUX, Patrick; TRANOY, Alain (1973) – Rome et les Indigènes dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire. In: Mélanges de la Casa de Velázquez, tomo 9. Madrid, p. 177-231

GARCIA, José Manuel (1991) – Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda [421, n.º 382]

SILVA, Armando C. Ferreira da (1994) – Origens do Porto. In RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - História do Porto. Porto: Porto Editora, p. 46-117

REAL, Manuel L. (1998) – Ara consagrada aos Lares Marinhos. In PEREIRA, F. B. et al. (coord.) – A Arte e o Mar. Museu Calouste Gulbenkian. [Catálogo de exposição]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 45

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

BLOT, Maria Luísa P. (2003) – Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. ["Trabalhos de Arqueologia", 28]. Lisboa: MInistério da Cultura/IPA

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 225, 247-248, n.º 6

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto - ARA VOTIVA**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**E25**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611366°	Y:	41.142847°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.		Inicio	01/01/1983	Fim	31/12/1983
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Descoberta provavelmente por ocasião de obras realizadas na Sé do Porto, foi noticiada por Pinho BRANDÃO (1983: 69-71; 1984: 15) uma árula, mutilada e reduzida à sua parte inferior, em granito de grão fino, de cuja inscrição apenas pode recuperar-se o nome da dedicante e a fórmula final de consagração: [---] VAL(eria) / MATER / NA VOT(um) / SOL(uit) L(ibens) M(erito). O mesmo autor data o pequeno altar dos séculos III-IV, mas A. REDENTOR (2017a: II, 119-120, n.º 147) situa entre 151-250 a cronologia do altar ao nume desconhecido.

Espólio

Estado espólio | Localização espólio: Sé Catedral do Porto

Refs.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1983) – Nótulas de História Diocesana. III. Fragmento de ara encontrado na Sé do Porto. Igreja Portucalense. 74-76 (Nov. 1983), Porto, p. 69-72

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 225, 249, n.º 21

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**E26**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611366°	Y:	41.142847°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.		Inicio		Fim	
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Nas paredes da Catedral terão estado expostas, pelo menos até começos do século XVII, duas lápides romanas, funerárias, cuja lição foi recolhida por Hübner, reproduzindo informes de Benedetto Ramberti (1503-1547).

Uma das inscrições registadas pelo epigrafista alemão (CIL, II, 2371) apresentaria o texto CASSIA M I / DVTIA / H • S • E, desdobrado como Cassia M(arci) f(ilia) / Dutia / h(ic) s(ita) e(st) (BRANDÃO, 1963: 241; 1983: 71-72; 1984: 15-16), interpretação que não suscita particulares reparos a Redentor, que data a epígrafe do século I (REDENTOR, 2017a: II, 173, n.º 231).

Espólio

Estado espólio | Localização espólio: Desconhecida

Refs.

HÜBNER, Ernst W. Emil (1869) – Inscriptiones Hispaniae latinae. (Corpus Inscriptionem Latinarum, vol. II). Consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae (…). Berolini [= CIL II]

CORREIA, A. A. Mendes (1940) – "Fontes Antiquitatum Portucalensium". Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 3 (2). Porto, p. 181-202

BRANDÃO, DomIngos de Pinho (1963) – Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos do Morro da Sé do Porto. Lucerna. 3. Porto, p. 236-45

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1983) – Nótulas de História Diocesana. III. Fragmento de ara encontrado na Sé do Porto. Igreja Portucalense. 74-76 (Nov. 1983), Porto, p. 69-72

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 226, 247, n.º 1

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé Catedral do Porto - EPITÁFIO**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**E27**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Sé do Porto
X:	-8.611366°	Y:	41.142847°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.		Inicio		Fim	
Tipo	**Epígrafe**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Desc.

Nas paredes da Catedral terão estado expostas, pelo menos até começos do século XVII, duas lápides romanas, funerárias, cuja lição foi recolhida por Hübner, reproduzindo informes de Benedetto Ramberti (1503-1547).

Uma das inscrições registadas pelo epigrafista alemão (CIL, II, 2372) apresentaria o texto IVLIA • M • F • AVITA / H • S • E, desdobrado como Iulia M(arci) f(ilia) Auita / h(ic) s(ita) e(st) (BRANDÃO, 1963: 241; 1983: 71-72; 1984: 15-16), interpretação que não suscita particulares reparos a Redentor, que data a epígrafe do século I (REDENTOR, 2017a: II, 191, nº 256).

Espólio

Estado espólio		Localização espólio	Desconhecida

Refs.

HÜBNER, Ernst W. Emil (1869) – Inscriptiones Hispaniae latinae. (Corpus Inscriptionem Latinarum, vol. II). Consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae (…). Berolini [= CIL II]

CORREIA, A. A. Mendes (1940) – "Fontes Antiquitatum Portucalensium". Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 3 (2). Porto, p. 181-202

BRANDÃO, DomIngos de Pinho (1963) – Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos do Morro da Sé do Porto. Lucerna. 3. Porto, p. 236-45

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1983) – Nótulas de História Diocesana. III. Fragmento de ara encontrado na Sé do Porto. Igreja Portucalense. 74-76 (Nov. 1983), Porto, p. 69-72

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – Inventário de objectos do período da romanização encontrados na cidade do Porto. Arqueologia. 10. Porto, p. 13-18

REDENTOR, Armando (2017a) – A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 226, 247, n.º 1

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fez (Rua de); Afonso Baldaia (Rua de) - Terrenos do Forte. Espaldão militar da Ervilha**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**ERV.06**
Concelho	Porto	Freguesias	Nevogilde	Lugar	Ervilha
X:	-8.669947°	Y:	41.159500°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	53	Inicio	19/06/2006	Fim	21/11/2006
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	100	Interv. local	**2**
Resp.	Isabel Andrade; Jorge Fonseca; Lídia Batista	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

O local foi condicionado arqueologicamente pela existência de uma estrutura militar, um fortim, relacionado com as linhas do cerco do Porto, na fase final das guerras liberais (1833-1834), o que foi confirmado por uma pequena intervenção em 2005 (ERV.05 - RODRIGUES; COUTO; FREITAS, 2005).

Subsequentemente, novos trabalhos, prévios à urbanização dos terrenos, que implicaram acompanhamento arqueológico de obra e a escavação de quatro sondagens (100 m2), ampliaram a informação sobre o sítio oitocentista, com a deteção de fossos, paliçadas e trincheiras, para além de relevante espólio de natureza militar (FONSECA, 2006; ANDRADE, FONSECA, 2016).

Todavia, sem contexto homogéneo, foram identificadas «cerâmicas manuais» atribuíveis à Idade do Ferro, em quantidade ainda significativa. O relatório final refere, concretamente, a presença de 75 fragmentos desta louça (cerca de 4% do espólio) nas UE 5006, 5202, 5205 e outras, e 5209 (Sd. 4). Acrescenta-se ainda que «quanto à restante cerâmica comum (…) não é de descartar a presença de alguns fragmentos de produções mais antigas, nomeadamente medievais ou mesmo romanas, claramente descontextualizadas». Ocorreram também alguns líticos, como quatro «pesos de rede» feitos sobre seixo, com duplo entalhe lateral (ANDRADE; FONSECA, 2016: 39-44).

Como conclusão, entendem os autores que tais materiais, «enquadráveis no período proto-histórico», deverão estar ligados, «muito provavelmente, à ocupação do Monte do Crasto nas imediações. Também associados a períodos

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Presença de cerâmicas proto-históricas, provavelmente da Idade do Ferro - algumas ilustradas no relatório - e, eventualmente, de produção romana (ANDRADE, FONSECA, 2016: 39-44).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

RODRIGUES, Miguel; COUTO, Marcos; FREITAS, Teresa A. (2005) – Sondagens de diagnóstico. Porto. Rua de Fez/Rua Dr. Afonso Baldaia. Relatório dos trabalhos arqueológicos. Porto: Era Arqueologia. Texto datilog.

FONSECA, Jorge (2006) – Sondagens arqueológicas. Quinta do Forte – ERV.06. Relatório Preliminar. Porto, 2006. Porto: Arqueologia & Património. Texto datilog.

ANDRADE, Isabel; FONSECA, Jorge (2016) – Relatório Final. Terrenos do Forte – Rua de Fez e Rua Dr. Afonso Baldaia. Porto, 2006. Matosinhos: Arqueologia e Património, datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

cronológicos mais recuados identificaram-se alguns líticos talhados, nomeadamente os referidos pesos de rede e fragmentos de utensílios retocados, nomeadamente em sílex» (Idem, p. 41-42).

A possibilidade de relação deste sítio com o Monte Crasto, que dista cerca de 750 m para NO., é de considerar, mas difícil de sustentar com os dados disponíveis para qualquer dos sítios.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Escola (Rua da). Centro Educativo de Nevogilde**	Sítio	Monte Crasto	Acrón.	**ESL.10**
Concelho	Porto	Freguesias	Nevogilde	Lugar	Monte Crasto
X:	-8.679641°	Y:	41.159323°	SRC	WGS84
Altit.	35	Inicio	01/01/2010	Fim	01/09/2010
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	40	Interv. local	**2**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira; Sandra Ribeiro	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos de avaliação prévia do centro escolar de Nevogilde integraram a escavação de 7 sondagens, totalizando 40m2, e acompanhamento arqueológico de obra. O local insere-se no antigo «Monte do Crasto», onde esteve instalado um forte militar no século XIX, podendo em época antiga ter correspondido a um povoado proto-histórico.

Na sondagem 4, a UE 407, um depósito pouco espesso, a 0,75m de profundidade, considerado como um nível de aterro posterior ao abandono do Forte do Crasto, revelou «fragmentos de cerâmica comum [romana (?) e], tegula» (RIBEIRO; PEREIRA, 2010: 31, 53), materiais que há que relacionar com um fragmento de ânfora já em intervenção anterior identificado no local (cfr. ficha MCR.89).

Espólio

«Com excepção do fragmento de tegula, todo o espólio parece ser de cronologia contemporânea» (RIBEIRO; PEREIRA, 2010: 53).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

RIBEIRO, Sandra; PEREIRA, Gabriel (2010) – Sondagens arqueológicas na Rua da Escola, Nevogilde, Porto. Relatório Preliminar. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia.Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Flores (Rua das), 135-145**	Sítio	Vitória	Acrón.	**FLO137.13**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.613156°	Y:	41.144590°	SRC	WGS84
Altit.	62	Inicio	31/10/2013	Fim	15/01/2015
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	45	Interv. local	**1**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

A intervenção, que incidiu na área de um conhecido hospital de época moderna (Hospital de D. Lopo), teve como motivo um projeto de reabilitação do edificado, tendo identificado vestígios de época moderna e contemporânea, com destaque para uma área de cemitério.

Nos trabalhos de acompanhamento de obra, realizados numa primeira fase (PEREIRA, 2013), não se detetaram quaisquer vestígios de maior antiguidade. Na fase de escavação, apareceram em quantidade muito vestigial (6 objetos entre cerca de 5 800), materiais que o responsável caracterizou como 3 pequenos fragmentos de cerâmica manual, hipoteticamente da Idade do Ferro, 2 fragmentos de imbrex (?) romano e ainda um fragmento de terra sigillata, peças ilustradas por fotografia no relatório (PEREIRA, 2015), onde se conclui que: «destacamos ainda o aparecimento de um fragmento de terra sigillata no enchimento de uma sepultura [149]. A este fragmento, em contexto secundário e com um certo rolamento, acresce um pequeno conjunto de materiais de fabrico manual (Idade do Ferro) e de restos de materiais de construção (imbrex?). Estes vestígios, ainda que descontextualizados sugerem a existência de níveis e/ou estruturas de cronologia romana nas plataformas superiores do morro da Vitória. Aliás este achado deverá ser adicionado à listagem de vestígios de igual cronologia, identificados no decurso das intervenções arqueológicas de cariz urbano, recentemente recenseados (Silva 2010)» (PEREIRA, 2015: 56).

Espólio

Um fragmento de terra sigillata (ilustrado mas não caracterizado), 3 de cerâmica manual, talvez da Idade do Ferro, e 2 de aparente cerâmica de cobertura de tipo romano.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Arqueólogo responsável

Refs.

PEREIRA, Gabriel R. (2013) – Relatório Final dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. FLO137.12 (Porto). Esmoriz: Ed. A. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R. (2015) – Relatório Final dos Trabalhos de Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico.FLO137.14 (Porto). Esmoriz: Ed. A. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Flores (Rua das), 301-305; Almeida Garrett (Praça de), 7-10**	Sítio	Vitória	Acrón.	**FLO301.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.611354°	Y:	41.145305°	SRC	WGS84
Altit.	53	Inicio	29/11/2017	Fim	31/10/2018
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	16	Interv. local	**1**
Resp.	Ricardo Erasun	Entidade	Arqueoges		

Desc.

Antecedendo um projeto imobiliário de assinalável expressão, foi feita a pré-avaliação arqueológica de um conjunto de três parcelas (dois edifícios), formalmente designados em obra como lotes 12, 13 e 14, situados na ligação entre a Rua das Flores e a Praça de Almeida Garrett.

Os trabalhos arqueológicos incluíram a realização de 4 sondagens, distribuídas pela área afeta ao empreendimento (16 m2), registo do edificado e acompanhamento arqueológico de obra.
Em três das quatro sondagens ocorreram, nos níveis mais fundos, depósitos com materiais classificados como tardo-antigos (séculos IV-V), devendo notar-se que tal verificou-se tanto na sondagem 4, junto à cota da Rua das Flores (52 m), como na parte posterior dos imóveis, uns 12 a 15 metros a noroeste. Tais materiais arqueológicos apareceram nas UE 10 e 11 (Sondagem 1), que atingiu 2,05 m de profundidade, na UE 27, localizada imediatamente sob o pavimento atual (Sondagem 2), que chegou aos 1,80 m, e na UE 51 (Sondagem 4).

Estes depósitos foram descritos como sendo constituídos por «limos castanhos muito escuros, homogéneos e compactos» (UE 10, 27, 51) e «areias finas de cor castanha clara, com pedras e seixos de rio» (UE 11) (ERASUN CORTÉS, 2017b: 4, 5, 9; ERASUN CORTÉS, SOUSA, 2018), parecendo notório o seu carácter aluvionar, uma vez que o local se situa a poucos metros do leito do Rio de Vila, presentemente encanado.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Como provenientes da escavação descrevem-se e, em parte, ilustram-se por fotografia, 20 fragmentos de cerâmica, datados dos séculos IV-V («cerâmica comum de cozedura oxidante, provavelmente atribuível a cerâmica comum romana, caracterizados por pastas alaranjadas claras, bem

(CONTINUA NO VERSO)

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ERASUN CORTÉS, Ricardo (2017b) – Rua das Flores, n.º 301, Porto. Nota Técnica. Guimarães: Arqueoges. Texto datilog.

ERASUN CORTÉS, Ricardo; SOUSA, Ana Maria S. (2018) – Escavação e Acompanhamento Arqueológico. Rua das Flores, n.º 301-305 e Praça de Almeida Garrett, n.º 7-10, Porto. Relatório Final. Guimarães: Arqueoges. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Nesta linha, a interpretação dos Autores (ERASUN CORTÉS; SOUSA, 2018: 25), segundo os quais os materiais arqueológicos da UE 27 – e depósitos similares – poderão corresponder «a uma deposição secundária, consequentes de escorrências provenientes do Morro da Cividade, hipótese esta já defendida no relatório de 2011, relativo à intervenção arqueológica realizada no Sistema de Metro (BOTELHO; GOMES, 2011: 50)» parecer-nos-ia plausível se não fosse, precisamente, a presença do Rio de Vila (na antiguidade um curso de água relativamente expressivo), que necessariamente proporcionaria distintos ambientes aluvionares em cada uma das suas margens.

Outros materiais da mesma cronologia tardo-antiga foram depois detetados em fase de acompanhamento, relacionados com depósitos estratigráficos congéneres.

ESPÓLIO

depuradas, com e.n.p. finos e homogéneas», e 2 fragmentos de tegula. Resultantes do acompanhamento arqueológico da obra, referem-se mais fragmentos de tégula e cerâmica comum, incluindo um fragmento de almofariz (ERASUN CORTÉS; SOUSA, 2018).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Flores (Rua das), 326-332; Mouzinho da Silveira (Rua de), 335-341**	Sítio	Vitória	Acrón.	**FLO326.07**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.611346°	Y:	41.145032°	SRC	WGS84
Altit.	51	Inicio	16/04/2007	Fim	30/04/2007
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	7	Interv. local	**1**
Resp.	José Jorge Argüello Menéndez; Mafalda Castel-Branco B. Capela	Entidade	J. Menéndez Unipessoal		

Desc.

A reabilitação do imóvel foi precedida, como é de lei, por trabalhos arqueológicos preventivos e de diagnóstico, que envolveram a escavação de uma única sondagem, com 7 metros quadrados e que atingiu 2,30 metros de profundidade.

Além de espólio de época romana, foi detetada, nos níveis basais, sobre o afloramento natural, uma "canalização romana", de pequena dimensão, constituída por pedras de granito, de pequena e média dimensão, e orientação norte-sul (CAPELA; ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2007: 11). Associavam-se a esta estrutura depósitos homogéneos, que os responsáveis pela escavação consideraram como camadas de ocupação. Regista-se espólio romano, em apreciável quantidade, nas UE 105, 110, 111, 112, 113, 116 e 117 (Idem: 7-13).

Espólio

O relatório preliminar dos trabalhos especifica a recolha de, pelo menos, dois fragmentos de vidro romano, cerâmica comum romana, alguma terra sigillata e tegula (CAPELA; ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2007).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

CAPELA, Mafalda C. B.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, José J.; REIS, António O. (2007) – Relatório dos trabalhos de sondagens arqueológicas de avaliação. Mouzinho da Silveira 335-341/Rua das Flores 326-332 (Porto). Porto: J. Menéndez Unip., Lda. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 83

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Flores (Rua das), 69. Fundação da Juventude**	Sítio	Vitória	Acrón.	**FLO69.02**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.613804°	Y:	41.144092°	SRC	WGS84
Altit.	47	Inicio	07/01/2002	Fim	18/10/2003
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Século I (?)
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	200	Interv. local	**1**
Resp.	Francisco Carvalho Fernandes; Pedro Miguel Brochado de Almeida	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

A avaliação preliminar da eventual afetação arqueológica das obras de reabilitação do imóvel levou à realização de extensivas sondagens (200m2) e posterior acompanhamento de obra, resultando a maior parte do espólio de crivagem de depósitos resultantes de demolições ilegais entretanto efetuadas.

Entre materiais de outras épocas, apareceram durante o acompanhamento «dois fragmentos de ânfora e provavelmente mais dois outros com pastas muito semelhantes a outros de cerâmica comum romana» (ALMEIDA 2003a: 66). Noutro ponto esclarece-se que as ânforas poderão ser, pela observação da pasta, Haltern 70 (Idem, p. 62), o que poderá sugerir uma cronologia alto-imperial para eventuais vestígios existentes nas proximidades.

Espólio

Referência à localização de fragmentos de ânfora e, talvez, de cerâmica comum romana (ALMEIDA, 2003a; 2005)

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003a) – Relatório final da Intervenção arqueológica. Rua das Flores nº 69. Porto, 2002. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2005) – Relatório final da Intervenção arqueológica. Rua das Flores nº 69. Porto, 2002-2003. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255, n.º 70

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Flora (Rua da), 19-23**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**FLR19.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.631078°	Y:	41.147163°	SRC	WGS84
Altit.	14	Inicio	11/04/2017	Fim	30/04/2018
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Roger Prieto de la Torre	Entidade	Barqueno		

Desc.

O acompanhamento arqueológico de uma obra particular de construção civil apenas revelou materiais dos séculos XIX e XX. Contudo, nas ilustrações do espólio figura um fragmento (cerca de metade da peça) do dormente de uma mó manual giratória, em pedra (PRIETO; PAZ, 2018: 4, 14, fig. 17), peça que - atendendo ao contexto arqueológico já bem documentado na zona - poderá, talvez, ser valorizada como de possível cronologia romana.

Espólio

Fragmento (cerca de metade) do dormente de uma mó circular, em pedra (PRIETO; PAZ, 2018, Fig. 17).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PRIETO, Roger; PAZ, Alexandra (2018) - Acompanhamento Arqueológico. Relatório Final. FLR19.17. Rua da Flora, 19-23 (…).Porto. Porto: Barqueno. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 311-315; Flores (Rua das), 304-306**	Sítio	Vitória	Acrón.	**FLR304.13**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	
X:	-8.611529°	Y:	41.144927°	SRC	WGS84
Altit.	51	Inicio	11/11/2013	Fim	19/03/2014
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa	Entidade	Logiark		

Desc.

A execução de obras de reabilitação do imóvel foi acompanhada arqueologicamente. O edifício já tinha cave, mas ainda assim as obras revelaram depósitos de aluvião, certamente ligados ao Rio da Vila. Aliás, em relação com esta circunstância, só apareceram materiais arqueológicos na parte da cave voltada à Rua de Mouzinho da Silveira. Estes materiais mais antigos, nomeadamente os romanos (cerâmica comum, ânfora e tegula), encontrados a cerca de 2,5 metros de profundidade, foram interpretados pelo responsável dos trabalhos como de procedência coluvionar «por exemplo, das encostas da zona do Olival ou de onde actualmente se encontra o Largo dos Lóios» (BARBOSA, 2014a: 23-25, 27).

Espólio

O relatório dos trabalhos regista a presença de 7 frags. de ânfora, 9 de cerâmica comum romana e 32 frags. de construção (4 tegulae), materiais muito rolados. Uma das ânforas foi classificada como Lusitana 7 (BARBOSA 2014a: 23-25).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

BARBOSA, João P. (2014e) – Acompanhamento arqueológico de obra. Rua de Mouzinho da Silveira, 311/315; Rua das Flores, 304/306, Sé – Porto (FLR304.13). Relatório Final. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Praça da), Estiva (Cais da), Ribeira (Cais da). Requalificação da Frente da Ribeira**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FRB.02**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira; Cais da Estiva
X:	-8.613065°	Y:	41.140397°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	4	Inicio	16/02/2002	Fim	16/09/2003
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Alexandre Gonçalves; Alexandre Sarrazola; Mulize Ferreira; Teresa Alves de Freitas	Entidade	Era Arqueologia		

Desc.

A implementação de um projeto de renovação de infraestruturas e requalificação urbana da «frente ribeirinha» da cidade suscitou a abertura de diversas sondagens arqueológicas e um acompanhamento arqueológico de larga escala.

Praticamente todos os vestígios identificados são posteriores a meados do séc. XIV, salvo um contexto na Sondagem 2 da Zona B, que se considerou anterior, sem contudo poder ser datado (GONÇALVES 2002:28; FREITAS 2004:36). Registou-se apenas o achado de um fragmento de tegula romana.

Espólio

Aparentemente descontextualizado, há notícia do aparecimento de, pelo menos, um fragmento de tegula na Sondagem 2 da Zona B (informação pessoal dos diretores científicos, uma vez que o objeto não foi individualizado nos relatórios).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

GONÇALVES, Alexandre [2002] – Requalificação da Frente da Ribeira. Sondagens arqueológicas. Relatório Preliminar. [Lisboa]: Era – Arqueologia, SA, s.d. [2002]. Texto datilog.

FREITAS, Teresa A. (2004) – Requalificação da Frente da Ribeira, Porto. Trabalhos Arqueológicos. Relatório final. Lisboa: Era-Arqueologia, Lda. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255, n.º 69

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fonte Taurina (Rua da), 99-101; Bacalhoeiros (Muro dos), 111-114**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FTA101.06**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.614254°	Y:	41.140431°	SRC	WGS84
Altit.	5	Inicio	21/08/2006	Fim	22/08/2007
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	10	Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa	Entidade	Logiark		

Desc.

Os trabalhos de avaliação de potencial arqueológico prévios à execução de um projeto de reabilitação do imóvel consistiram na escavação de duas sondagens, totalizando 10 metros quadrados.

Na sondagem 1, o nível freático foi atingido aos 3,56 m s.n.m.; na sondagem 2, o nível freático apareceu aos 2,80 m s.n.m. (rio Douro = 2.00 m).

Sem outros achados de relevo, os relatórios registam a identificação de algumas cerâmicas de fabrico romano (BARBOSA, 2006; 2008).

Espólio

Segundo J. P. BARBOSA (2008: 8-9, fig. 13), na Sondagem 1 (UE 113) recolheu-se «alguma cerâmica romana de construção com desgaste provocado pelo rio» (2 frags.); e na mesma sondagem, uma «bolsa com espólio romano (…) idêntico ao da [113]» (5 frags. - UE 116); e na UE 113, «um frag. de cerâmica de tradição púnica».

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

BARBOSA, João P. (2006) – Arqueologia no Porto. Sondagens de avaliação preliminar prévia. Rua da Fonte Taurina 99/101 - Rua de Cimo do Muro dos Bacalhoeiros 111/114. S. Nicolau - Porto (FTA101.06). Relatório preliminar. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2008) – Arqueologia no Porto. Sondagens de avaliação prévia e Acompanhamento Arqueológico. Rua da Fonte Taurina 99/101 - Rua de Cimo do Muro dos Bacalhoeiros 111/114. S. Nicolau - Porto (FTA101.06). Relatório final. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 81

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fonte Taurina (Rua da), 12-24**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FTA12.97**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.613497°	Y:	41.140733°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	01/01/1997	Fim	31/12/1997
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva; Rui Manuel Sobral Centeno	Entidade	Etnos - Patr. e Turismo Cult.		

Desc.

A intervenção arqueológica antecedeu a execução de um projeto de reabilitação do imóvel e constou da escavação de sondagens, desconhecendo-se a sua localização e área.

Por informação dos responsáveis registámos a recolha de espólio romano, não sabemos se associado a níveis de ocupação.

Não foram executados, aparentemente, quaisquer relatórios e extraviaram-se registos e espólio, mas em algumas fotografias conservadas no serviço municipal de arqueologia observam-se trabalhos já em cota de nível freático, parecendo ver-se estacarias em madeira, talvez de suporte de edifícios.

Espólio

Aparentemente foram identificados materiais romanos, não discriminados.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 44

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

No mesmo local viria, mais tarde, a realizar-se outra intervenção arqueológica (cfr. ficha FTA14.13).

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fonte Taurina (Rua da), 14-22**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FTA14.13**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.613497°	Y:	41.140733°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	01/01/2013	Fim	31/12/2013
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	André Nascimento	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Como medida prévia à reabilitação de alguns edifícios foi feita uma intervenção arqueológica, aparentemente no mesmo local (ou contíguo) ao constante da ficha FTA12.97.

Segundo informações do responsável, terá sido encontrado algum espólio romano, aparentemente descontextualizado, e uma estrutura, composta por um «tanque», com revestimento impermeabilizante.

Não pudemos recolher outras informações, uma vez que o respetivo relatório não se encontra ainda disponível, mas face a achados posteriores (RIB17.21), a hipótese de ali poder ter sido encontrada alguma cetária não é despicienda.

Espólio

Não discriminado. Aparentemente algum material cerâmico romano, descontextualizado.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fonte Taurina (Rua da), 87-93**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FTA87.97**		
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar			
X:	-8.614165°	Y:	41.140409°	SRC	WGS84	Altit.	5
Inicio	01/01/1997	Fim	31/12/1997				
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**		
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva; Rui Manuel Sobral Centeno	Entidade	Etnos - Patr. e Turismo Cult.				

Desc.

Foram executados trabalhos arqueológicos prévios à execução do projeto de reabilitação do edifício. Desconhece-se a implantação e área das sondagens, bem como outras informações, pelo extravio dos registos e espólio, sem que tenha sido executado qualquer relatório técnico.

Por informação dos responsáveis e observação direta, registámos nesta escavação a recolha de espólio romano, talvez associado a níveis de ocupação.

Encontrou-se o alinhamento de um muro, paralelo ao rio, aparentemente espesso e possante, embebido em depósitos com materiais romanos, que poderia ter constituído um elemento de alguns cais de acostagem ou outra estrutura portuária daquela época, sendo por isso de lamentar que não tenha sido preservada qualquer documentação sobre os trabalhos.

Espólio

Desconhecido. Observados, na ocasião da intervenção, materiais cerâmicos romanos.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 43

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Fonte Taurina (Rua da), 35-57; Bacalhoeiros (Muro dos), 82-94**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**FTB.13**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.613534°	Y:	41.140527°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	01/01/2013	Fim	31/12/2015
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal; Teresa Silva	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

O alargamento para poente do Pestana Porto Hotel, situado na Praça da Ribeira, envolveu a afetação de seis edifícios, sendo precedido de trabalhos de estudo do edificado, sondagens arqueológicas e acompanhamento arqueológico de obra.

Não se encontra ainda disponível o respetivo relatório, mas há informação sobre a identificação de espólio cerâmico romano, nomeadamente cerâmica comum, ânfora e terra sigillata, materiais «que não se encontram em depósitos selados, mas misturados com depósitos posteriores» (MARÇAL, 2019: 177).

Espólio

Referência genérica a terra sigillata, ânfora e louça comum romana (MARÇAL, 2019: 177).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

MARÇAL, Helena (2018-2019) – Diacronia da ocupação do edifício N.P. 47-49/89-90, Rua da Fonte Taurina/Muro dos Bacalhoeiros. Oppidum. Revista de Arqueologia, História e Património, 11 (2008-2009). Lousada, p. 173-190

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Infante D. Henrique (Rua do); Mouzinho da Silveira (Rua de). Gaveto**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**GIM.00**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.614383°	Y:	41.141288°	SRC	WGS84
Altit.	18	Inicio	02/06/2000	Fim	07/06/2000
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	10	Interv. local	**1**
Resp.	Maria João Neves; Miguel Almeida	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

A reabilitação do imóvel foi precedida por trabalhos arqueológicos de diagnóstico, concretizados através de uma sondagem e registo de uma vala, entretanto aberta já em contexto de obra, totalizando, ambas, uma observação de cerca de 10m2.

A sondagem revelou que a sapata de um muro interior tinha uma vala de fundação escavada «numa camada de aparente génese coluvionar que inclui (…) algum material cerâmico de construção, muito rolado e fragmentado, mas de aparência romana», registando-se expressamente o achado de um fragmento de tegula (ALMEIDA; NEVES 2000c: 4).

Espólio

Menciona-se a ocorrência de uma tegula e outro material de aspeto romano, muito rolado e fragmentado (ALMEIDA; NEVES 2000c: 4).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2000c) – Avaliação de impacte arqueológico - Gaveto da Rua Infante D. Henrique/Rua Mouzinho da Silveira (S. Nicolau, Porto, Porto). Relatório Preliminar. Coimbra: Dryas Arqueologia, s.d. [2000]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 57

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**General Sousa Dias (Rua do); S. Luís (Rua de), 10-14. Universidade Lusófona do Porto**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**GSD.15**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	
X:	-8.606392°	Y:	41.142575°	SRC	WGS84
Altit.	74	Inicio	15/05/2015	Fim	04/06/2015
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	20	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Loureiro; Filipe Manuel Soares Pinto	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Como avaliação prévia de um projeto imobiliário, foram escavadas 4 sondagens, cobrindo uma superfície de 20 metros quadrados. Entre outros elementos, o relatório preliminar informa que «entre o acervo cerâmico (…) registaram-se alguns fragmentos que poderão remontar ao período romano» (PINTO; LOUREIRO, 2015a: 21).

Espólio

Registo de fragmentos de cerâmica comum romana (PINTO; LOUREIRO, 2015a: 21 e informação pessoal de Filipe Pinto, que agradecemos).

Estado espólio: Desconhecido

Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

PINTO, Filipe Soares; LOUREIRO, Carlos A. (2015a) – Sondagens arqueológicas na Rua General Sousa Dias (Universidade Lusófona do Porto). Sé, Porto. Nota Prévia. Junho 2015. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda.. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Dr. Pedro Vitorino (Largo do)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HPC.09-1**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612410°	Y:	41.142471°	SRC	WGS84
Altit.	69	Inicio	17/08/2009	Fim	18/07/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	Graça Pereira; Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Pelo acrónimo HPC (por vezes desdobrado em HPC.09, sondagens, realizadas entre 17/08/2009 e 09/09/2009; e HPC.10, acompanhamento de obra - que por vezes deu origem a sondagens -, desenvolvido entre 30/09/2010 e 18/07/2011), designa-se uma extensa intervenção arqueológica que antecedeu e acompanhou trabalhos de requalificação do espaço público e de infraestruturas num conjunto de ruas do Morro da Sé, essencialmente a Rua de D. Hugo, Largo do Dr. Pedro Vitorino, Largo do Colégio, Rua de São Sebastião e envolvente da Igreja de São Lourenço. Como da mesma resultaram diversas ocorrências de estruturas e materiais, espacialmente diversas, subdividimos o acrónimo - utilizando apenas HPC.09 - para efeitos de análise e cartografia.

A sondagem 1, implantada no Largo do Dr. Pedro Vitorino (localizada no canto nascente, entre o chafariz e as escadas de acesso ao terreiro da Sé) não forneceu dados arqueológicos relevantes, pois o pavimento atual encontrava-se quase à cota do afloramento (PEREIRA, 2009; MARÇAL, PEREIRA, 2013); mas do posterior acompanhamento de obra resultaram elementos importantes em duas valas de instalação de infraestruturas (MARÇAL, PEREIRA, 2013).
Na vala 15 (que, vinda da Rua de D. Hugo, corria junto à parte nascente da parede do Seminário), definiu-se a estrutura [15002] (OBS 72), o tramo de um muro, de orientação sensivelmente N-S, de grande dimensão, com cerca de 0,65 m de largura. Na vala 13, que atravessou a parte mais a sul do Largo do Dr. Pedro Vitorino, entre o chafariz e os degraus de acesso ao miradouro, encontraram-se, em corte, várias estruturas (não se percebe do Relatório Final se foram seccionadas pela vala, uma vez que não se representam em planta, tão só em desenho de perfil, e não se indica a sua orientação) - os muros [13010], [13011], [13010] e [13040], e ainda o empedrado [13012].

Espólio

Regista-se nesta área específica a recolha de 28 itens de época romana, incluindo tegulae, cerâmica comum, ânfora, dolium, um fragmento de terra sigillata, com grafito, e fragmentos de um recipiente e um anel em vidro. Apareceu também um fragmento de cerâmica manual, pré-romana (MARÇAL, PEREIRA, 2013: 101).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

PEREIRA, Graça (2009) - Intervenção arqueológica no «Espaço Público do Morro da Sé». Porto, 2009. Relatório preliminar. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2010) – Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação do Espaço Público do Morro da Sé. Freguesia da Sé, Porto. Relatório mensal. Outubro. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2013) – Tipologias de ocupação da Rua D. Hugo (Morro da Sé, Porto). Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património. 6 (2012-2013). Lousada, p. 77-88 [p. 79]

USC DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo HPC desdobra-se em Hugo-Pedro[Vitorino]-Colégio, com referência às principais áreas abrangidas pelo projeto.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Como sugere o mesmo relatório (MARÇAL, PEREIRA, 2013 - Anexos - estratigrafia), as estruturas [13011] e [13012] deverão ser a continuação do murete e empedrado que foram localizados em 1997 (v. ficha RS.96-14).

Desta forma, estes trabalhos visaram, essencialmente, minimizar o impacte negativo sobre os vestígios arqueológicos do subsolo decorrente da instalação de infraestruturas e não qualquer estudo ou perceção planimétrica das ruínas romanas ali existentes. Curiosamente, anote-se a ausência de ruínas ou espólio castrejo, que poderá refletir profundas remodelações daquele espaço da Penaventosa, em algum momento da época romana.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Colégio (Largo do)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HPC.09-2**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612845°	Y:	41.142365°	SRC	WGS84
Altit.	49	Inicio	17/08/2009	Fim	18/07/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira; Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Pelo acrónimo HPC (por vezes desdobrado em HPC.09, sondagens, realizadas entre 17/08/2009 e 09/09/2009; e HPC.10, acompanhamento de obra - que por vezes deu origem a sondagens -, desenvolvido entre 30/09/2010 e 18/07/2011), designa-se uma extensa intervenção arqueológica que antecedeu e acompanhou trabalhos de requalificação do espaço público e de infraestruturas num conjunto de ruas do Morro da Sé, essencialmente a Rua de D. Hugo, Largo do Dr. Pedro Vitorino, Largo do Colégio, Rua de São Sebastião e envolvente da Igreja de São Lourenço. Como da mesma resultaram diversas ocorrências de estruturas e materiais, espacialmente diversas, subdividimos o acrónimo - utilizando apenas HPC.09 - para efeitos de análise e cartografia.

A sondagem 2, com 15m2, foi implantada no Largo do Colégio, em local próximo do muro do miradouro, e não permitiu a deteção de estruturas romanas ou anteriores; tão só espólio relativamente abundante destas cronologias (PEREIRA, 2009).

Já em fase de acompanhamento de obra, as valas 21 e 22 permitiram a observação de algumas evidências estruturais e volumoso espólio castrejo e romano. Na vala 21 (que correu junto à base do escadório da igreja de São Lourenço, infletindo para noroeste no alinhamento da rua de Sant'Ana), apareceu a «base de assentamento de uma estrutura ou derrube», que não pôde ser definida com maior clareza (MARÇAL; PEREIRA, 2013: 72), surgindo também diversos depósitos com materiais romanos, alguns homogéneos, tanto na sondagem como no acompanhamento arqueológico (por exemplo, nas UE 21003, 21006, 22010, 22024 e 22025).

Espólio

Regista-se a ocorrência de espólio romano e da Idade do Ferro, diversificado e em quantidade. Na sondagem 2, que proporcionou cerca de 1400 itens, c. de 25% são romanos, incluindo cerâmica comum, paredes finas (20 exs.), sigillata (10), ânfora (51), um peso de tear, vidros, tegulae e outros elementos; da mesma sondagem exumaram-se 177 fragmentos de olaria castreja. O espólio do acompanhamento é menos abundante, mas igualmente variado (cfr. MARÇAL; PEREIRA, 2013: Anexos, tabelas de espólio).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

PEREIRA, Graça (2009) - Intervenção arqueológica no «Espaço Público do Morro da Sé». Porto, 2009. Relatório preliminar. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2010) – Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação do Espaço Público do Morro da Sé. Freguesia da Sé, Porto. Relatório mensal. Outubro. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo HPC desdobra-se em Hugo-Pedro[Vitorino]-Colégio, com referência às principais áreas abrangidas pelo projeto.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HPC.09-3**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611143°	Y:	41.141859°	SRC	WGS84
Altit.	66	Inicio	17/08/2009	Fim	18/07/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Pelo acrónimo HPC (por vezes desdobrado em HPC.09, sondagens, realizadas entre 17/08/2009 e 09/09/2009; e HPC.10, acompanhamento de obra - que por vezes deu origem a sondagens -, desenvolvido entre 30/09/2010 e 18/07/2011), designa-se uma extensa intervenção arqueológica que antecedeu e acompanhou trabalhos de requalificação do espaço público e de infraestruturas num conjunto de ruas do Morro da Sé, essencialmente a Rua de D. Hugo, Largo do Dr. Pedro Vitorino, Largo do Colégio, Rua de São Sebastião e envolvente da Igreja de São Lourenço. Como da mesma resultaram diversas ocorrências de estruturas e materiais, espacialmente diversas, subdividimos o acrónimo - utilizando apenas HPC.09 - para efeitos de análise e cartografia.

No âmbito do acompanhamento arqueológico das valas abertas para instalação de infraestruturas ao longo da Rua de D. Hugo, foram descobertas evidências estruturais da maior relevância, sensivelmente defronte aos números 39 e 41, que conduziram a uma escavação relativamente extensa, tanto quanto o permitiu a largura do arruamento, que não chega aos 6 metros.

O que ali se encontrou, em descrição necessariamente sumária, foi uma parte muito substancial (talvez cerca de 40%) de uma construção circular da Idade do Ferro, associada a um empedrado exterior, sobre o qual despontavam arranques de vários muros romanos.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio recolhido durante o acompanhamento arqueológico e sondagens pontuais em toda a Rua D. Hugo, para as épocas que nos importam, ascende a mais de um milhar de itens, contabilizando-se 158 fragmentos de sigillata, 289 pedaços de ânfora, 224 fragmentos castrejos e ainda cerâmica comum, pintada, duas lucernas, etc. (MARÇAL, PEREIRA, 2013: Anexos, tabelas de contagem de espólio), material que ainda não foi estudado.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2013) – Tipologias de ocupação da Rua D. Hugo (Morro da Sé, Porto). Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património. 6 (2012-2013). Lousada, p. 77-88 [p. 79]

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo HPC desdobra-se em Hugo-Pedro[Vitorino]-Colégio, com referência às principais áreas abrangidas pelo projeto.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

A construção de planta redonda (UE 2182) apresentava alicerces assentes no saibro natural, ainda com duas fiadas de alçado, com 0,50 m de espessura, exibindo aparelho de duas faces, de corte tendencialmente poligonal, ligadas no miolo por argamassa de saibro amarelada, devendo o diâmetro original da hipotética habitação rondar os três metros (a nossa medição, a partir da planta, ultrapassa os quatro metros de diâmetro interior). No interior, encontraram-se dois níveis de pavimento em terra batida, muito finos, e três buracos de poste, em posição aparentemente excêntrica (MARÇAL, 2013: 83; MARÇAL, PEREIRA, 2013: 50-52). As responsáveis colocam ainda a possibilidade de um pequeno murete, que arranca da estrutura a norte, poder corresponder a restos de um vestíbulo «em caranguejo», o que parece plausível.

A sul e a nascente da construção circular, existem restos de um lajeado coevo (perturbado apenas no eixo da via por uma canalização moderna), indiciando arruamento antigo ou, mais seguramente, talvez, que a casa redonda faria parte de um núcleo ligado por um pátio lajeado, como sucede em tantos castros. Estratigraficamente sobre esse «pátio» arrancam, do lado este da rua D. Hugo, emergindo sob os alicerces das habitações atuais, dois muretes retilíneos de fábrica romana (MARÇAL, 2013: 83-87; MARÇAL, PEREIRA, 2013: 46-47).

Infelizmente, ainda que possa apresentar-se uma cronologia relativa da atividade construtiva deste núcleo «castrejo-romano», nas unidades estratigráficas mais relevantes não existe praticamente espólio, pelo que, só com eventuais datações radiométricas poderemos aproximar-nos de uma datação dos contextos da Idade do Ferro, se nesse ambiente crono-cultural se inserir a construção circular, naturalmente.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Vandoma (Largo de) [Designação toponímica não oficial]**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HPC.09-4**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610665°	Y:	41.143034°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	75	Inicio	17/08/2009	Fim	18/07/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Pelo acrónimo HPC (por vezes desdobrado em HPC.09, sondagens, realizadas entre 17/08/2009 e 09/09/2009; e HPC.10, acompanhamento de obra - que por vezes deu origem a sondagens -, desenvolvido entre 30/09/2010 e 18/07/2011), designa-se uma extensa intervenção arqueológica que antecedeu e acompanhou trabalhos de requalificação do espaço público e de infraestruturas num conjunto de ruas do Morro da Sé, essencialmente a Rua de D. Hugo, Largo do Dr. Pedro Vitorino, Largo do Colégio, Rua de São Sebastião e envolvente da Igreja de São Lourenço. Como da mesma resultaram diversas ocorrências de estruturas e materiais, espacialmente diversas, subdividimos o acrónimo - utilizando apenas HPC.09 - para efeitos de análise e cartografia.

O acompanhamento arqueológico das valas abertas para instalação de infraestruturas ao longo da Rua de D. Hugo, conduziu à descoberta, no alargamento do seu topo norte (informalmente conhecido como Largo de Vandoma) de diversas e importantes estruturas e depósitos homogéneos, elementos que teremos de sintetizar nesta ordenação topográfica, podendo ver-se mais em detalhe nas publicações de referência (MARÇAL; PEREIRA, 2013; MARÇAL, 2013).

Destaca-se, pelo seu ineditismo na cidade, a descoberta de quatro silos escavados no saibro natural, de boca subcircular, considerados pelas Autoras de época romana, embora o enchimento dos dois que foram escavados incluísse, além de materiais romanos, outros modernos e contemporâneos; a maior das estruturas escavadas (UE 3023) tinha cerca de um metro de fundo por 1,20 metros de diâmetro (MARÇAL, 2013: 79-80).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Nestes contextos apareceu material cerâmico romano e da Idade do Ferro abundante e diversificado, para cuja contabilização devem consultar-se as tabelas, ordenadas por tipo e UE, no relatório final da intervenção (MARÇAL; PEREIRA, 2013). Fazemos uma apreciação de conjunto sobre o espólio desta zona na ficha HPC.09-3, relativa ao corpo mais central da Rua de D. Hugo.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2013) – Tipologias de ocupação da Rua D. Hugo (Morro da Sé, Porto). Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património. 6 (2012-2013). Lousada, p. 77-88

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo HPC desdobra-se em Hugo-Pedro[Vitorino]-Colégio, com referência às principais áreas abrangidas pelo projeto.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Entre os tramos murários de época romana, elencam-se, principalmente, um alongado muro (UE 1005), de orientação quase N-S, com 0,50 m de largura e seis metros de extensão na parte conservada e visível, aparentemente em ligação angular com outro tramo (UE 1006), voltado na direção poente (MARÇAL, 2013: 80-81); mas outros muros romanos apareceram, incluindo um troço igualmente com 0,50 m de espessura e orientação N-S (UE 2003 e 3030), próximo do chafariz ali existente, onde uma observação pontual em profundidade permitiu registar um alçado ainda com oito fiadas de pedras (MARÇAL, 2013: 80-81).

Um outro elemento muito significativo, que melhor se destaca no texto da dissertação, é a circunstância de se ter detetado um troço de uma construção de vulto (1002), de grande espessura (dois metros) e pedras argamassadas com saibro, cuja fundação corta um depósito da Idade do Ferro e «que encostou ao muro romano [1005] sem o danificar», estrutura identificada como um eventual pano da muralha romana (Idem, p. 80; MARÇAL; PEREIRA, 2013: 44), proposta com a qual concordamos.

Por fim, regista-se ainda um outro tramo murário, também de orientação aproximada N-S, junto à esquina da casa n.º 5 da Rua de D. Hugo, em cujo interior se escavaram muros romanos provavelmente conectados com os agora aparecidos na via pública (MARÇAL, 2013: 82; no geral, cfr. MARÇAL; PEREIRA, 2013: 43ss.).

Como é salientado, «todos estes achados se encontravam muito à superfície, a cerca de 0,10-0,30 m de profundidade (MARÇAL; PEREIRA, 2013: 47).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Colégio (Largo do) - Miradouro junto à igreja de São Lourenço**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HPC.09-5**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612958°	Y:	41.142102°	SRC	WGS84
Altit.	49	Inicio	17/08/2009	Fim	18/07/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Pelo acrónimo HPC (por vezes desdobrado em HPC.09, sondagens, realizadas entre 17/08/2009 e 09/09/2009; e HPC.10, acompanhamento de obra - que por vezes deu origem a sondagens -, desenvolvido entre 30/09/2010 e 18/07/2011), designa-se uma extensa intervenção arqueológica que antecedeu e acompanhou trabalhos de requalificação do espaço público e de infraestruturas num conjunto de ruas do Morro da Sé, essencialmente a Rua de D. Hugo, Largo do Dr. Pedro Vitorino, Largo do Colégio, Rua de São Sebastião e envolvente da Igreja de São Lourenço. Como da mesma resultaram diversas ocorrências de estruturas e materiais, espacialmente diversas, subdividimos o acrónimo - utilizando apenas HPC.09 - para efeitos de análise e cartografia.

Aproveitando a abertura de valas para infraestruturas na área do miradouro junto à igreja de São Lourenço, foram feitos trabalhos de limpeza e registo do troço da muralha românica aí encontrada, tendo sido igualmente detetados depósitos considerados como de época romana, nomeadamente na vala 26, referenciados pelas UE 26031, 26032 e 26033 (MARÇAL; PEREIRA, 2013: 73, 83).

Espólio

O espólio destes contextos é bastante escasso, contabilizando o relatório, essencialmente, fragmentos de tégula.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O acrónimo HPC desdobra-se em Hugo-Pedro[Vitorino]-Colégio, com referência às principais áreas abrangidas pelo projeto.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 5**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG.84-92**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610567°	Y:	41.142957°	SRC	WGS84
Altit.	75	Inicio	01/01/1984	Fim	20/05/1992
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Tardo-antiguidade	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)	80	Interv. local	**1**
Resp.	Filipe F. Silva Teixeira; Manuel Luis Real; Maria Isabel Pinto Osório; Mário J. Barroca	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana; Administração Central		

Desc.

A intervenção arqueológica antecedeu preventivamente - numa época em que tal não era ainda norma nem obrigação legal - o projeto de reabilitação do imóvel (REAL, 1984). Os trabalhos desenvolveram-se em duas fases descontínuas: a primeira entre 1984 e 1987, e a segunda, de curta duração, apenas para concluir áreas pendentes, em maio de 1992.

Da escavação, alargada a toda a parcela, resultou a identificação de uma estratigrafia bastante longa e bem preservada, caracterizada por 20 camadas arqueológicas datadas pelo menos entre o século V a.C. e a atualidade. Os níveis de ocupação romana, entre os primórdios da romanização e os finais do Império, correspondem às camadas situadas entre os números 6/7 e 16b (REAL et al. 1986).

As estruturas localizadas respeitam essencialmente ao resto de uma construção de planta ortogonal com as esquinas arredondadas e pavimento interior lajeado, datada do séc. I, cortada por um muro de bom aparelho (do qual só pôde observar-se uma das faces, pois está incorporado no alicerce do edifício moderno) interpretado como correspondente a um amuralhamento, erguido provavelmente em finais do século III. Apareceram ainda, noutros pontos, diferentes tramos de muros romanos, bem como pavimentos empedrados e em terra batida, de cronologia afim (REAL et al. 1986), para além de duas construções circulares da Idade do Ferro, em níveis inferiores, uma mais percetível e outra da qual se encontrou apenas um pequeno tramo no ângulo norte do edifício atual.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio arqueológico romano é rico e diversificado, integrando cerâmica comum e de construção, ânfora, terra sigillata, vidros e algumas moedas. Recolheu-se, igualmente, um volume significativo de cerâmica indígena da Idade do Ferro e algumas peças importadas, nomeadamente dois fragmentos de cerâmicas gregas de imitação e um fragmento de anforisco, em pasta de vidro, procedente do Mediterrâneo Oriental (REAL et al. 1986; REAL; OSÓRIO 1993). As cerâmicas dos contextos tardo-antigos foram objeto de estudo recente (VELOSO, 2020; 2021).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

REAL, Manuel L. (1986) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Relatório-síntese (Dezembro de 1986). Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L. (s.d.) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1986. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; BARROCA, Mário J.; TAVARES, Rui (1985) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1984. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; TÁVORA, Maria José; OSÓRIO, Isabel P.; TEIXEIRA, Filipe F. (1987) - Escavações arqueológicas no Morro da Sé (Porto). Relatório. 1987. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

REAL, Manuel L. (1984) – Arqueologia portuense em 1984. Notícia sobre as operações de salvamento no morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB. Arqueologia. 10. Porto, p. 75-9

Observ.

Como corresponsáveis da 1ª fase dos trabalhos intervieram ainda Rui B. Tavares e Maria José Távora.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Desta forma, o intervalo de ocupação - para o período que aqui nos interessa - foi fixado entre um momento dos finais da Idade do Bronze/Ferro inicial, marcado por alguns buracos de poste e escassas cerâmicas manuais (SILVA, 1994: 73), e a Alta Idade Média.

Em 1992 tiveram lugar trabalhos de conservação e conclusão de intervenções pontuais, que nada acrescentaram de substancial aos dados obtidos na primeira fase.

REFERÊNCIAS

REAL, Manuel L. et al. (1985-1986) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 2ª Série (3/4). Porto, p. 7-
60

REAL, Manuel L.; OSÓRIO, Maria Isabel (1993) - A Cidade: lugares primeiros. Rua D. Hugo, nº 5. In OSÓRIO, Maria Isabel P. (coord.) - O Porto das Mil Idades. Arqueologia na Cidade. Porto: Câmara Municipal, p. 15-24

SILVA, António Manuel S. P. (2000b) – Rua D. Hugo, 5 – um arqueossítio fundador. Al-Madan. 2ª Série. 9. Almada, p. 136-137

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 23

VELOSO, João L. (2020) – «Portucalem Castrum Novum». Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do Arqueossítio da Rua de D. Hugo, n.º 5 (Porto). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1619-1625. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa119

VELOSO, João L. (2021) – Ocupação e Consumos no Porto através do Arqueossítio da Rua de D. Hugo, Nº. 5 (séculos V-VIII). Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 17**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG17.18**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610670°	Y:	41.142118°	SRC	WGS84
Altit.	69	Inicio	01/01/2018	Fim	31/12/2019
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	55	Interv. local	**1**
Resp.	Marcos Couto	Entidade	Império Arqueologia		

Desc.

A avaliação arqueológica prévia de um edifício com um projeto de obras de edificação foi feita em 2018 através de diversas sondagens arqueológicas, ampliadas no ano seguinte, em consequência da alteração do promotor e do projeto de arquitetura. Desta forma, foram escavadas cerca de dez sondagens, abrangendo uma superfície total na ordem dos 55 m2 (COUTO, 2018; 2019).

Durante a 1.ª fase de trabalhos foram escavadas três sondagens no logradouro exterior do imóvel, situado a nascente e disposto em duas plataformas altimétricas, duas das quais foram escavadas até uma profundidade de 2,80 m e revelaram, aparentemente, apenas vestígios modernos (?) e contemporâneos, em depósitos secundários de aterro para nivelamento do terreno (infelizmente, uma estrutura situada no fundo da sondagem 2, de aspeto antigo, não foi caracterizada) (COUTO, 2018: 14-18, foto 4). Já no interior do imóvel, a sondagem 4 (4x4 metros) proporcionou diversos muros sobrepostos, expressando o autor da escavação que «tendo em linha de conta o espólio cerâmico exumado nos diferentes depósitos associados às estruturas, cremos estar na presença de muros tardo-medievais, medievos e, eventualmente romanos» (Idem, 19).

Nas sondagens 5 e 6, junto à fachada do imóvel voltada à Rua de D. Hugo, apareceram outras estruturas, não datadas, e um conjunto de interfaces de estruturas negativas, abertas «num depósito (aterro) de onde foi exumado significativo espólio arqueológico: "terra sigillata", ânforas, "tegula", cerâmica comum, entre outros. Este depósito assenta sobre um nível homogéneo, castanho-amarelado, compacto, que aparenta corresponder a um piso» (Idem, p. 22), sem que possam tirar-se outras conclusões.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio é referido de forma muito genérica nos relatórios, mencionando-se a presença de material de construção, ânfora, cerâmica comum romana, terra sigillata, etc.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

COUTO, Marcos (2018) - Relatório Preliminar. Edificação e Reabilitação de Edifício localizado na Rua de Dom Hugo, nº 17. Porto: Império Arqueologia, s.d. [2018]. Texto datilog.

COUTO, Marcos (2019) - Relatório Preliminar n.º 2. Edificação e Reabilitação de Edifício localizado na Rua de Dom Hugo, nº 17. Porto: Império Arqueologia, s.d. [2019]. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Já na segunda etapa de trabalhos (COUTO, 2019) apareceram outras estruturas e depósitos aparentemente de cronologia romana, mas os relatórios preliminares disponíveis não permitem tirar outras ilações nem, tão pouco, articulam as estruturas com o espólio. Nesta fase, porém, foi feita uma sondagem (a n.º 9) no exterior da parede tardoz do edifício, que avançou em profundidade até à base da mesma parede. Após a remoção dos aterros mais superficiais, esclarece o relatório que «ia-se revelando, no alçado Norte, a base de fundação da parede da fachada tardoz caracterizada e formada por grandes blocos pétreos (em granito) dispostos de forma regular e em escada garantindo assim a sustentabilidade desta parede», sendo que, após os mesmos depósitos mais modernos, «foi detetada uma outra camada com respetivo interface de corte para implantação da fundação da fachada tardoz. Esta camada, embora não intervencionada na íntegra, integrava uma matriz artefactual composta unicamente por materiais romanos e pré-romanos» (COUTO, 2019: 16). Embora o Autor não avance tal interpretação, a observação de uma fotografia desse paramento (Idem, p. 17, foto 4) faz-nos crer que o que ali foi descoberto foi, tão só, a parede da casa assente numa estrutura subjacente, mais larga (daí o aspeto escalonado) e aparentemente com argamassas amareladas, a qual, com bastante verosimilhança deverá ser a muralha que tem aparecido, com o mesmo traçado, nas parcelas vizinhas.

Como esta zona, ao que parece, não será em princípio afetada pela obra e apenas será feito acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção civil, esta proposta dificilmente poderá ser validada ou infirmada, destino, provavelmente, comum às restantes estruturas aparecidas nas sondagens.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 2-6; Vandoma (Calçada de), 3**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG2.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610795°	Y:	41.142989°	SRC	WGS84
Altit.	75	Inicio	29/03/2017	Fim	30/03/2017
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Edite Martins de Sá	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Como avaliação arqueológica prévia do imóvel, antecedendo a aprovação de um projeto de reabilitação arquitetónica, foram escavadas duas sondagens (8 m2), que não revelaram, praticamente, quaisquer depósitos antrópicos entre o pavimento atual e a rocha natural.

Não obstante, regista-se que «durante a escavação arqueológica foi exumado um reduzido número de fragmentos de cerâmica comum, mas que parecem abarcar um amplo espectro cronológico, porquanto inseríveis em época moderna, medieval e contemporânea, e, possivelmente, na Idade do Ferro, bem como material de construção e faiança» (SÁ, 2017: 12).

A responsável pela intervenção aponta ainda, com reservas, a interpretação de uma «estrutura negativa de contorno subcircular e paredes irregulares, com profundidade máxima de 35 cm e diâmetro em planta de cerca de 70 cm (UE 202)» como eventualmente de origem proto-histórica, acrescentando que «apesar do único nível sedimentar que preenchia esta estrutura (U.E. [201]) ter apresentado materiais inseríveis em várias cronologias (entre a Época Contemporânea e a Idade do Ferro), o facto de estarmos em plena zona arqueológica do Castro da Pena Ventosa (…), faz-nos considerar a hipótese de que esta estrutura poderá eventualmente inserir-se em época proto-histórica» (SÁ, 2017: 13).

Espólio

Cerâmicas da Idade do Ferro referidas de modo vago, devendo aguardar-se pelo relatório final para dados mais consistentes.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

SÁ, Edite Martins de (2017) – Sondagens arqueológicas na Rua D. Hugo, 2-6 e Calçada da Vandoma, 3. Sé, Porto. Nota Técnica. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 23**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG23.09**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610740°	Y:	41.142047°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	11/10/2009	Fim	25/10/2009
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	9,8	Interv. local	**1**
Resp.	José Jorge Argüello Menéndez; Sofia Alexandra da Silva Teixeira	Entidade	J. Menéndez Unipessoal		

Desc.

A execução do projeto de arquitetura para a reabilitação do prédio foi precedida de trabalhos arqueológicos de diagnóstico, para registo e salvaguarda da informação arqueológica conservada.

Para o efeito, foram abertas duas sondagens, cobrindo uma superfície próxima dos 10 metros quadrados. Na Sondagem 1, que não proporcionou estruturas, os níveis romanos apareceram a cerca de meio metro de profundidade, sobre a rocha natural. O depósito inferior deste horizonte [107] era estéril em espólio; o que lhe estava imediatamente superior [106] forneceu apenas 16 fragmentos de cerâmica comum romana, não datada (ARGÜELLO; TEIXEIRA 2012: 9, 28-31).

Já a sondagem 2, localizada junto à parede posterior do imóvel, revelou-se bem mais interessante, tendo-se detetado, a cerca de 0,75 m da cota atual, uma estrutura pétrea de grande porte que os arqueólogos interpretaram como o alicerce da muralha românica da cidade. A construção, feita em pedras de granito dispostas irregularmente e ligadas por forte argamassa amarelada, apresentava uma extensão de 1,7 m entre o limite da sondagem e a parede nordeste da habitação, que naturalmente truncou a estrutura antiga; a sua espessura média rondava cerca de um metro, contra a parede sudeste da casa, a que serviu de fundação, não tendo sido possível obter outras informações dado não ter sido feita qualquer escavação no exterior. O alçado visível era de c. de 0,50 m, não tendo todavia a escavação atingido a rocha de base, por razões de segurança (ARGÜELLO; TEIXEIRA 2012: 12).

Discutimos já as características e a datação deste troço de muralha (SILVA, 2011: 49), temas que igualmente abordamos no ponto próprio da dissertação.

Espólio

O espólio contabilizado nos relatórios inclui 16 fragmentos de cerâmica comum romana, na UE 106, entre c. de 70 itens da sondagem 1. Já na sondagem 2, que proporcionou mais de duas centenas de fragmentos cerâmicos, são de fabrico romano 68 objetos, incluindo tegulae e imbrices, cerâmica comum, duas «paredes finas», um fragmento de sigillata e dois de «possível imitação» de TS.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge; TEIXEIRA, Sofia A. S. (2009) – Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos na Rua de D. Hugo, nº 23, Porto. Porto: [J. Menéndez, Unip.] Texto datilog.

[ARGÜELLO] MENÉNDEZ, Jorge; TEIXEIRA, Sofia A. S. (2012) – Relatório Final da Intervenção Arqueológica. HUG23.09 (Rua de D. Hugo, nº 23, Porto). Porto: Ed. AA. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 33**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG33.10**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610877°	Y:	41.141932°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	27/09/2010	Fim	06/05/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	18,8	Interv. local	**1**
Resp.	Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

A intervenção arqueológica precedeu a execução do projeto de arquitetura para a reabilitação do imóvel e concretizou-se pela escavação de quatro sondagens, abrangendo uma superfície total na ordem dos 19 metros quadrados.

Uma das sondagens, a n.º 3, foi implantada no interior do edifício, em local mais próximo da Rua de D. Hugo e atingiu uma profundidade média de 2 metros; a sondagem 1, igualmente no interior mas a uma cota inferior, junto ao alçado tardoz, foi escavada até cerca de 0,65 metros; a sondagem 2, por sua vez, foi efetuada no logradouro exterior, a sudeste, e atingiu c. de 0,50 m de profundidade; por fim, a sondagem 4, com a mesma profundidade, foi também feita no logradouro, perto já do limite do patamar, tendo sido interrompida à cota indicada por razões de segurança estrutural (FONSECA, 2011; 2016).

A maior parte das sondagens não revelou evidências estruturais particularmente antigas, se bem que ocorressem, de um modo geral descontextualizadas, cerâmicas romanas e proto-históricas. Na sondagem 2 (logradouro) localizaram-se, «sobre um piso em argila alaranjado», significativas quantidades de cerâmica da Idade do Ferro e atribuível ao Bronze Final (FONSECA, 2011: 15), parecendo corresponder a um depósito homogéneo. Esta ocorrência - não obstante os materiais não estarem ainda estudados - corresponderá, por ora, ao mais expressivo contexto cerâmico do Bronze Final da cidade.

Os trabalhos neste local viriam a ficar abrangidos por outro projeto, devendo por isso ver-se, para a sua continuidade, a ficha APH.19.

Espólio

Os materiais encontram-se descritos nos relatórios disponíveis, elencando-se, além do conjunto da Idade do Bronze referido, materiais castrejos e romanos, por vezes em grande quantidade (UE 3 e 314), 4 fragmentos de terra sigillata, 5 de ânfora, fragmentos de cinzenta fina com grafito alfabético e outros itens, como um moinho e respetivo movente, em granito (FONSECA, 2011: Figs. 20-23, 32-33; 2016: 28, passim).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

FONSECA, Jorge (2011) – Relatório Preliminar. Intervenção arqueológica. Rua D. Hugo, nº 33. Freguesia da Sé. Porto. HUG33.10. Matosinhos: Arqueologia & Património. Texto datilog.

FONSECA, Jorge (2016) – Relatório Final. Intervenção arqueológica. Rua D. Hugo, nº 33. Porto, 2010. Matosinhos: Arqueologia & Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Ver também, sobre este local, APH.19.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 37-39**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG37.14**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610985°	Y:	41.141873°	SRC	WGS84
Altit.	67	Inicio	01/06/2014	Fim	31/12/2014
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	24	Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa	Entidade	Logiark		

Desc.

A execução do projeto arquitetónico de reabilitação do imóvel foi precedida de um estudo histórico-espacial (GRAÇA, 2014) e concretizada, mais tarde, pela abertura de diversas sondagens arqueológicas (BARBOSA, 2014c; 2014d; 2015). Nas cinco sondagens iniciais, distribuídas pelas diferentes salas do prédio e abrangendo uma superfície de 24 m2, apareceram em todas elas níveis de ocupação antigos (romanos e pré-romanos), descrevendo-se sinteticamente os resultados das que se realizaram no interior da casa:

Sondagem 1 - No compartimento situado no ângulo NE do edifício (depois designado como Sala 5) surgiram níveis de ocupação romana a cerca de 0,70 metros de profundidade (com «grande número de fragmentos (…) de tegulae, de cerâmica comum, terra sigillata hispânica, ânfora e vidro da mesma época», tendo aparecido a 1,20m os restos de um possível enterramento humano, o que levou à suspensão temporária dos trabalhos nesse ponto (BARBOSA, 2014c: 3).

Sondagem 2 - Situada numa sala interior, junto a um lanço de escadas de acesso aos pisos superiores (depois Sala 4), encontrou-se aqui o nível romano à mesma profundidade (0,70 m), surgindo depois um piso em argila e grande quantidade de cerâmica romana (BARBOSA, 2014c: 4).

Sondagem 3 - situada numa sala posterior (que veio a designar-se como Sala 2), central ao edifício e voltada ao logradouro do tardoz, encontrou-se aqui um panorama idêntico, quer no tocante à cota das camadas antigas, quer em relação à abundância de material, sobretudo romano (BARBOSA, 2014c: 5).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O volumoso espólio arqueológico procedente desta intervenção não foi ainda tratado ou inventariado, mas inclui «alguns fragmentos castrejos de forma residual, fragmentos de ânforas, vidros romanos e terra sigillata hispânica e africana», além de tégula e outros materiais (BARBOSA, 2015; 2016).

Estado espólio	Não tratado	Localização espólio	Arqueologia e Património

Refs.

BARBOSA, João P. (2014c) – Sondagens arqueológicas de diagnóstico. Rua D. Hugo, 37/39, Sé – Porto. Relatório intermédio. Matosinhos: Logiark (junho 2014). Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2014d) – Sondagens arqueológicas de diagnóstico. Rua D. Hugo, 37/39, Sé – Porto. Relatório intermédio. Matosinhos: Logiark (outubro 2014). Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2015) – Escavações arqueológicas. Rua D. Hugo, 37/39, Sé – Porto (HUG37.14). Informação Preliminar. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2016) – Escavações arqueológicas. Rua D. Hugo, 37/39, Sé – Porto (HUG37.14). Relatório Preliminar. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

GRAÇA, Manuel de Sampayo (2014) - A Casa do Vigário-Geral na Rua de Dom Hugo, n.ºs 37-39. Sé, Porto. Estudo Histórico Espacial. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Ver também, sobre esta intervenção, APH.19.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Perante este panorama, caracterizado pela abundância de vestígios antigos, o arqueólogo responsável recomendou uma escavação integral do espaço (BARBOSA, 2014c: 6), desenvolvendo-se, em consequência, trabalhos ulteriores, que viriam a revelar importantes níveis de ocupação castrejo-romanos, traduzidos, nomeadamente, pela presença de uma construção de plano circular, conservada em cerca de metade da planta, lajeados, diversos muros romanos, alguns de apreciável alçado, e muitos outros vestígios (BARBOSA, 2014d; 2015). Entretanto, por razões pessoais e empresariais do executante, as escavações foram interrompidas, elaborando-se um relatório de ponto de situação (BARBOSA, 2016) e passando a continuidade dos trabalhos a ser enquadrada por um outro projeto (APH.19), razão pela qual remetemos para essa ficha uma mais detalhada descrição dos resultados desta intervenção arqueológica.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**D. Hugo (Rua de), 9-11; Vímara Peres (Avenida de), 59-67**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**HUG9.16**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.610467°	Y:	41.142793°	SRC	WGS84
Altit.	67	Inicio	18/08/2016	Fim	04/11/2016
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	45	Interv. local	**1**
Resp.	Edite Martins de Sá; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

A intervenção arqueológica teve um carácter preventivo, antecedendo o projeto de reabilitação do imóvel. Os trabalhos incidiram num prédio com frentes para a Rua de D. Hugo e, a cota substancialmente inferior, para a Avenida de Vímara Peres. Foram abertas seis sondagens arqueológicas, com diferentes dimensões, cinco na parte voltada a Vímara Peres e uma a D. Hugo (a Sondagem 1, com 3x3 metros de superfície). Nas sondagens 2 a 6 não ocorreram vestígios de ocupação anterior à Época Moderna; na Sondagem 1, porém, apareceram nos níveis estratigráficos mais fundos duas estruturas murárias, sendo a mais antiga (UE 123) correspondente a um «muro composto por pedra granítica de médio porte» (SOARES; SÁ, 2016: 18 e fotografias 2 a 4). Embora o espólio não seja descrito ou classificado, as Autoras integram o referido muro na fase IVb de ocupação do local, «apontando para realidades do mundo tardo-romano/alti-medieval» (Idem, p. 36).

Na verdade, como pode observar-se nas fotografias, o referido muro [123], com cerca de 3 metros de extensão e 0,50 m de largura, apresenta um aparelho de dupla face, com pedra média e miolo incorporando fragmentos de telha, características muitos presentes nos muros tardo-romanos da região. Embora as AA. não o afirmem, o piso [128] e a sua preparação [129], aparentemente associados àquele muro, poderão ter cronologia similar.

Espólio

O espólio não é descrito nem classificado, referindo-se, porém, no que toca à Sondagem 1, a presença de cerâmica doméstica, material cerâmico de construção e vidros, pelo menos nas UE 114, 116, 117, 118 e 119 (SOARES; SÁ, 2016).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SOARES, Sofia; SÁ, Edite M. (2016) - Sondagens arqueológicas na Rua de D. Hugo, 9-11 e Avenida Vímara Peres, 59-67, Sé, Porto. Relatório preliminar. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

O relatório não propõe quaisquer medidas cautelares, pelo que desconhecemos se a intervenção arqueológica teve continuidade.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro**	Sítio	Lordelo/Mouteira	Acrón.	**ILD.04**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Condominhas
X:	-8.649178°	Y:	41.152916°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	47	Inicio	03/03/2004	Fim	11/05/2004
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. III-IV a VI-VII
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	115	Interv. local	**1**
Resp.	André Nascimento; Carlos Delgado; Laura C. P. Sousa	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

A avaliação do potencial arqueológico de um extenso terreno contíguo à igreja matriz de Lordelo do Ouro, templo de origens medievas, e para onde se projeta a construção de um equipamento social, foi feita pela escavação de oito sondagens, abrangendo uma superfície total de 115 m2.

Verificou-se que em todas elas apareciam estruturas, especialmente muros antigos, mas também pisos de circulação e outras evidências, não tendo sido possível, dada a extensão da área, compreender a sua organização planimétrica.

Não obstante, observou-se uma constância construtiva, pois todas as estruturas «assentam directamente no afloramento, sem vala de fundação, apresentam tegula e imbrex no seu miolo e têm entre 50 e 60 cm de largura» (NASCIMENTO; DELGADO; SOUSA 2004: 17), características habituais nos muros do Baixo Império na região.

O espólio, essencialmente tardo-romano, integra material de construção (tegula e imbrex), cerâmica comum e um fragmento de lucerna.

Espólio

Não se encontra ainda inventariado ou estudado, mas inclui, para a época que nos interessa, abundante material cerâmico de construção e louça comum, sendo, aparentemente, raras as peças de louça fina, como sigillata.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

NASCIMENTO, André M.; DELGADO, Carlos S.; SOUSA, Laura P. (2004) – Sondagens arqueológicas na Rua das Condominhas, nº 701, Lordelo do Ouro, Porto. Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

Centro Social e Paroquial de Lordelo do Ouro. Intervenção Arqueológica. V. N. Gaia: Empatia – Arqueologia, Lda., 2006. Desdobrável

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 78

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Condominhas (Rua das), 701. Igreja paroquial de Lordelo do Ouro**	Sítio	Lordelo/Mouteira	Acrón.	**ILD.07**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Condominhas
X:	-8.649178°	Y:	41.152916°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	47	Inicio	18/06/2007	Fim	05/11/2007
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. III-IV a VI-VII
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	208	Interv. local	**2**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Laura C. P. Sousa; Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Miguel Carlos Areosa Rodrigues; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana; Direção Regional de Cultura		

Desc.

Na sequência das sondagens realizadas neste local em 2004 (ILD.04), foi desenvolvida uma colaboração institucional para levar a cabo uma nova fase de escavações, desta vez mais extensivas (se bem que ainda por sondagens descontínuas), abrangendo uma área superior a 200 metros quadrados.

Os resultados mostraram-se na linha dos anteriores, exumando-se novos tramos de muros, de um modo geral reduzidos à primeira fiada ou à própria vala de fundação, dada a profunda afetação negativa das estruturas em consequência de trabalhos agrícolas. Infelizmente, mesmo este alargamento substancial da área escavada não logrou uma perceção muito mais clara da planimetria do complexo, provavelmente um núcleo rural tardo-romano (SILVA et al., 2007).

O espólio, desta mesma cronologia, inclui essencialmente tegulae, imbrices e tijolos, cerâmica comum romana e alguma sigillata, para além de mós giratórias e um numisma de Galieno, datado do séc. III.

Espólio

O espólio recolhido, cujo estudo não foi ainda concluído parece incluir, sobretudo, materiais cerâmicos do Baixo-Império, constituindo uma moeda do reinado de Galieno (séc. III) a única ocorrência numismática. Regista-se também a presença de material de construção e mós giratórias em granito.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; RODRIGUES, Miguel; SOUSA, Laura; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (2007) – Sondagens arqueológicas na área prevista para a construção do Centro Social e Paroquial de S. Martinho de Lordelo do Ouro – Porto. Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal/Direcção Regional de Cultura do Norte. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 78

SILVA, António Manuel S. P.; RODRIGUES, Miguel; SOUSA, Laura; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (no prelo) – Trabalhos arqueológicos na área prevista para a construção do Centro Social e Paroquial de S. Martinho de Lordelo do Ouro – Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal/Direção Regional de Cultura do Norte. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Infante D. Henrique (Rua do), 19-29 - Hotel Carris (Ampliação)**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**INF19.15**		
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar			
X:	-8.613932°	Y:	41.141086°	SRC	WGS84	Altit.	17
Inicio	15/06/2015	Fim	30/09/2017				
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	110	Interv. local	**1**		
Resp.	João Silva; Paulo André de Pinho Lemos; Rita Costa; Sandra Nogueira	Entidade	Ágora, Arqueologia; Serviço liberal				

Desc.

Passados cerca de cinco anos da conclusão da intervenção arqueológica prévia e de acompanhamento da construção do Hotel Carris, no gaveto entre as ruas de S. João e do Infante D. Henrique (ver ficha INF9.09), o alargamento para a área de quatro imóveis situados a poente do mesmo estabelecimento hoteleiro, justificou a realização de nova intervenção arqueológica preventiva e de diagnóstico, iniciada pelo estudo histórico do edificado existente (NOGUEIRA, 2015) e prosseguida por sondagens (cerca de 110 m2, no mínimo) e acompanhamento arqueológico de desaterros, demolições e outras obras.

Além de importantes vestígios de outras épocas, encontraram-se ruínas e abundante e diversificado espólio do período romano. No que respeita às estruturas romanas, destacam-se, em dois desses imóveis (os mais próximos do núcleo original do hotel), a descoberta de três tramos de muros, dois deles diretamente relacionáveis com a planta dos edifícios romanos de INF9.09 (NOGUEIRA et al., 2017: 119). Um pouco mais a sul, encontraram-se restos de estruturas artesanais, com vestígios de combustão, que os responsáveis relacionam com eventuais trabalhos de metalurgia ou de produção de vidro (NOGUEIRA et al., 2019: 99, 184; 2017: 115-118; 2018: 435-437).

A cronologia de ocupação do local, aferida essencialmente pelas cerâmicas de importação, terra sigillata, ânforas e cerâmicas de engobe vermelho, como também pelos vidros e pelos numismas, é claramente tardia, sendo muito residuais os materiais claramente atribuíveis ao Alto Império (NOGUEIRA et al., 2019: 99, 183-189; 2017: 118-119; 2018: 437-438).

Espólio

O espólio cerâmico inclui cerca de 11.200 itens, de todas as épocas, entre o qual se incluem assinaláveis quantidades de cerâmica comum romana, cerâmica pintada, cinzenta, cerca de 120 fragmentos de sigillata, três dezenas de fragmentos de ânfora, louça de engobe vermelho, dolia, material cerâmico de construção, etc.

(CONTINUA NO VERSO)

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

NOGUEIRA, Sandra; LEMOS, Paulo; COSTA, Rita; SILVA, João (2019) – Alargamento do Hotel Carris Porto Ribeira, Porto. Escavação Arqueológica. Acompanhamento Arqueológico. Junho 2015 – Setembro 2017. Relatório Final. Braga: Ed. dos Autores. Texto datilog.

NOGUEIRA, Sandra; LEMOS, Paulo; COSTA, Rita; SILVA, João (2017) – Alargamento do Hotel Carris Porto Ribeira. Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos. Oppidum. Revista de Arqueologia, História e Património. 10. Lousada, p. 103-20

NOGUEIRA; Sandra; LEMOS, Paulo A. P.; COSTA, Rita; SILVA, João (2018) – Ampliação do Hotel Carris da Ribeira, Porto. Resultados Preliminares dos Trabalhos Arqueológicos. In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo (coord.) – Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016). Valladolid: Glyphos Publicaciones, p. 428-38

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

ESOÓLIO

Ocorreram também 8 moedas romanas, vidros e um interessante conjunto de bronzes, com destaque para asas de sítula, uma fechadura e o cabo de uma pátera com terminação zoomórfica, além de alguns elementos líticos do mesmo período (NOGUEIRA et al., 2019: 136-183 e Anexos; NOGUEIRA et al., 2017 e 2018).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Infante D. Henrique (Rua do), 1-15 ; São João (Rua de), 1-39 - Hotel Carris**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**INF9.09**		
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar			
X:	-8.613607°	Y:	41.141183°	SRC	WGS84	Altit.	14
Inicio	12/07/2009	Fim	31/12/2010				
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	500	Interv. local	**1**		
Resp.	Gabriel Rocha Pereira; José Jorge Argüello Menéndez; Sofia Alexandra da Silva Teixeira	Entidade	Vessants Arqueologia				

Desc.

A intervenção arqueológica do «Hotel Carris» desenrolou-se entre os anos de 2009 e 2011 e incidiu num conjunto de cinco parcelas que ocupam a esquina das ruas do Infante D. Henrique e de São João e ainda uma parte do interior do quarteirão, correspondendo a uma das mais extensas superfícies avaliadas arqueologicamente em zona próxima do Douro. Os trabalhos integraram estudo histórico prévio (PEREIRA; ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2009b), sondagens e acompanhamento arqueológico de obra, tendo sido escavadas 23 sondagens, que afetaram uma área superior aos 500 m2 (ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2009; PEREIRA, ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2009a; TEIXEIRA, 2010a; 2010b; 2011; 2015).

Para além de importantes vestígios de época medieval e moderna, as escavações revelaram notáveis evidências da ocupação romana da zona, tanto no que se refere a espólios, como a estruturas, contabilizando-se diversos tramos de muros de construções, pisos, buracos de poste, etc.

Como resultado mais relevante destaca-se a descoberta de diversos muros de um edifício (ou talvez dois, com um arruamento, de três metros de largura, a separá-los), por vezes com alçados ainda significativos, que foram encontrados nas parcelas voltadas à Rua do Infante D. Henrique. Estas construções tinham uma orientação geral OSO.-ENE. (70-80º), ou seja, distinta do parcelário medieval e moderno e igualmente diferente da orientação das construções encontradas mais a poente na Casa do Infante (ficha CI.91).

Todos os muros eram construídos com dupla face de média silharia granítica, geralmente em opus uittatum, com enchimento de argamassa de saibro. Apresentavam uma espessura padronizada na ordem dos 0,46 metros. Identificaram-se vários tramos murários, configurando aparentemente alguma compartimentação.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Diversas moedas e objetos em metal, cerâmica romana comum, louça de paredes finas, pintada, cinzenta fina, terra sigillata do Alto e Baixo Império, ânfora, uma lucerna, etc., além de tegula e imbrex.

Estado espólio	Lavado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009) – Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos nos edifícios do Hotel Carris (Porto). Porto: Ed. A. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009a) – Intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39. INF09.09. Relatório preliminar. Porto: Ed. AA. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009b) – Intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39. INF09.09. Estudo histórico e relatório preliminar das sondagens de avaliação. Porto: Ed. AA. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2015) – Relatório preliminar da intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39. Porto: Ed. A. Texto dactilog.

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Como elementos curiosos, destacavam-se no edifício, ou parcela do edifício, situado mais a norte a reutilização de um capitel de imposta, colocado a meio de um muro como base de pilastra embebida na parede; já no complexo imediatamente a sul, a construção apresenta, igualmente como reaproveitamento, uma pedra de umbral, almofadada, servindo de soleira de porta.

A cronologia do complexo está em discussão, até porque ainda não foi inventariado o espólio recolhido. Após uma primeira impressão que apontava para a datação tardia da generalidade das construções romanas, a opinião da responsável inclinou-se, com base na análise dos aparelhos e fases construtivas, para dois momentos de ocupação, um do Alto Império e outro dos séculos III-IV (TEIXEIRA, 2011: 17-19; 2015: 152-153).

Não obstante, a observação que fizemos de alguns materiais de valas de fundação, e outros elementos discutidos no texto, mormente a presença da base/capitel de imposta, sugerem-nos que todo o complexo será do Baixo-Império, sem prejuízo de ter sido feito reformulando construções anteriores, considerando o significativo registo de sigillata e outros materiais alto-imperiais. Em intervenção posterior – para o alargamento do mesmo estabelecimento hoteleiro – realizada imediatamente a poente (INF19.15), encontraram-se outros muros romanos, alguns na continuidade física dos aqui descritos.

REFERÊNCIAS

TEIXEIRA, Sofia A. S. [2010a] – Relatório de progresso dos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito da construção do Hotel Carris. Porto, Ribeira. Porto: Vessants, Arqueologia i Cultura, SL. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2010b) – 2º Relatório de progresso dos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito da construção do Hotel Carris. Porto, Ribeira. Porto: Vessants, Arqueologia i Cultura, SL. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2011) – INF.09. Intervenção arqueológica efectuada no âmbito da construção do Hotel Carris. Ribeira, Porto. Intervenção Arqueológica nos Edifícios B e C. Relatório de Progresso. Porto: Ed. A. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 87

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Igreja de Paranhos (Largo da)**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**IPA.21**
Concelho	Porto	Freguesias	Paranhos	Lugar	Igreja
X:	-8.605182°	Y:	41.174464°	SRC	WGS84
Altit.	114	Inicio	17/05/2021	Fim	19/07/2021
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Séculos III-V (?)
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	60	Interv. local	**1**
Resp.	Edite Martins de Sá	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

O licenciamento de uma operação urbanística junto à igreja paroquial de Paranhos, uns três quilómetros a norte do centro histórico do Porto, foi condicionada a trabalhos arqueológicos de avaliação prévia. Em terreno contíguo, uma outra intervenção arqueológica, feita em 2019, havia já revelado restos de tégula (TEIXEIRA; COSTA, 2019: 6), mas descontextualizados e sem que se entendesse, na altura, a sua proveniência, tanto mais que se encontravam em contexto de cemitério de época contemporânea.

A intervenção mais recente - ainda em curso à data da redação desta ficha - abrangeu uma área bastante maior, cobrindo uma superfície de 60m2 através de 7 sondagens dispersas pelo terreno a afetar (SÁ, 2021).

Em praticamente todas as sondagens foram descobertos restos cerâmicos romanos, nomeadamente abundante tegula e imbrex, mas também cerâmica comum, ânfora e alguma sigillata. Com exceção da sondagem 5, onde a escavação foi interrompida por razões de segurança, em todas as restantes apareceram níveis estratigráficos associados a esta ocupação antiga (UE 104, 205, 305, 505, 610, 704), e em diversas sondagens derrubes ou interfaces negativos à cota do solo natural (SÁ, 2021), mas a estrutura mais marcante, por ora, apareceu na sondagem 1 e é composta pelo tramo de um muro em granito (UE 107), de dupla face, com 0,40 m de espessura e cerca de três metros de extensão, com orientação norte-sul. Segundo a interpretação da autora da escavação, estas ruínas poderão inserir-se em horizontes tardo-romanos (SÁ, 2021), o que, certamente, a continuidade dos trabalhos deverá permitir aferir com maior precisão, com base no espólio e outros elementos, tanto mais que a sigillata e ânfora já documentadas podem sugerir um momento de ocupação anterior.

Espólio

Além de abundantes fragmentos de tégula e imbrex, foram já exumados elementos de cerâmica comum romana, dolium, uma asa de ânfora e um fragmento de TSH, classificado como Drag. 27.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

TEIXEIRA, Óscar F. Ferreira de; COSTA, Fátima Duarte (2019) – Alteração/ampliação de Capelas Mortuárias. Largo da Igreja de Paranhos, n.º 73, Porto. Nota Técnica. Sondagens de Diagnóstico. Arouca: Ed. A. Texto datilog.

SÁ, Edite Martins de (2021) - Construção de imóvel no Largo de Paranhos. Largo da Igreja de Paranhos. Freguesia de Paranhos, Porto. Relatório preliminar. Julho 2021. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog., não paginado

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Agradecemos a Edite M. Sá as informações pessoais e a autorização para o uso destes dados inéditos.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Luís Cruz (Rua de), 143-145 (atualmente renumerado 67-71)**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**LCR143.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	
X:	-8.650195°	Y:	41.149332°	SRC	WGS84
Altit.	27	Inicio	01/01/2017	Fim	01/01/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Marcos Couto; Miguel Rodrigues	Entidade	Império Arqueologia		

Desc.

A avaliação prévia do potencial arqueológico do imóvel, antecedendo a execução de um projeto imobiliário, foi feita através de duas sondagens (com 12 m2 no total), a sondagem 1 no logradouro exterior e a sondagem 2 no interior do edifício. A sondagem 2 revelou escassa possança e nulo interesse arqueológico. Na sondagem 1 o momento mais antigo corresponde a depósitos datáveis dos séculos XVI-XVII; porém, se bem que misturados com materiais mais recentes, foram recolhidos «possíveis fragmentos de mó (…) [e] uma possível lasca em sílex preto e um possível fragmento disforme de tegulae/imbrice descontextualizados» (COUTO; RODRIGUES, 2017: 15).

Espólio

Referência a fragmentos (?) de dormente de mó, aparentemente de vai-vém (COUTO; RODRIGUES, 2017: 15, foto 2), além de material de construção romano e uma lasca em sílex (Idem, ibid.).
No logradouro deste imóvel achava-se, à data das sondagens, um elemento escultórico (cabeça masculina), de aspeto arcaico, eventualmente relacionável com os contextos proto-históricos do monte de Santa Catarina (cfr. ficha ACH18).

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2017) – Nota Preliminar. Projecto de recuperação e ampliação de uma moradia unifamiliar sito na Rua Luís Cruz nº 143/145, freguesia Lordelo do Ouro, concelho do Porto. Porto: Império Arqueologia. Texto datilog., s.d. [c. 2017]

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Luís Cruz (Rua de), 150-160**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**LCR160.18**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Santa Catarina
X:	-8.650557°	Y:	41.149964°	SRC	WGS84
Altit.	34	Inicio	03/08/2018	Fim	14/08/2018
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	24	Interv. local	**1**
Resp.	Francisco Raimundo; Rui Ramos; Sérgio Amorim	Entidade	Omniknos		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos tiveram um carácter preventivo e antecederam a execução de obras de reabilitação do imóvel.

Foram escavadas cinco sondagens, abrangendo uma área de 24 m2. Os resultados apontam para algumas estruturas modernas e contemporâneas, aparentemente sem especial relevância arqueológica, não se sinalizando no relatório disponível quaisquer materiais mais antigos.

Não obstante, no inventário que acompanhou o depósito do espólio nos serviços municipais de arqueologia, indica-se a presença de um fragmento de material de construção (procedente da UE 1004) e de um «bojo de ânfora», classificados, com dúvidas, como romanos.

Espólio

Um fragmento de «material de construção» e um «bojo de ânfora», presumivelmente de cronologia romana.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RAIMUNDO, Francisco (2018) - Requalificação de Edifícios sitos na Rua de Luís Cruz, n.º 150-160, Porto. Minimização de Impactes. Sondagens Arqueológicas. Nota Técnica. Porto: Omniknos Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Pedro de Miragaia (Largo de), 1-2**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**LPM1.19**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.619871°	Y:	41.143098°	SRC	WGS84
Altit.	8	Inicio	16/12/2019	Fim	20/01/2020
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.; Tardo-antiguidade	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	10,6	Interv. local	**1**
Resp.	Mário Gonçalves; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

A intervenção arqueológica teve como motivo a necessidade de avaliação patrimonial prévia à reabilitação do edifício e consistiu na escavação de duas sondagens, com 4 metros quadrados cada, tendo sido a Sondagem 2 ampliada posteriormente em mais 2,6 m2.

As sondagens atingiram uma profundidade máxima de 0,80 m na Sd. 1, cota à qual foi interrompida por ter-se atingido o nível freático; e 0,50 m na Sd. 2. Os níveis superiores revelaram cronologias modernas e contemporâneas, mas registou-se a ocorrência de tégula na Sd. 1 (UE 114 e 115, pelo menos), enquanto na Sd. 2 apareceram restos de muros antigos, pertencentes a um edifício de grande envergadura que se desenvolveria para o atual largo fronteiro à igreja matriz (SOARES; GONÇALVES, 2020: 38), cujos muros basais, com cerca de 0,70 m de largura, apresentavam fragmentos de tegula como elemento de enchimento. No cunhal visível foi reaproveitado um elemento arquitetónico, em granito, composto por um bloco paralelipipédico, facetado e polido em algumas faces, com cerca de 0,45 m de lado por mais de 0,90 m de comprimento, que apresentava um dos topos lavrado com três molduras escalonadas, tendo todo o aspeto de ter pertencido anteriormente a uma cornija.

Não obstante os autores terem considerado que o referido bloco «se enquadra perfeitamente na tipologia romana» (Idem, 27), não entenderam adequado conservá-lo, tendo sido destruído em fase de obra. O relatório preliminar não permite aferir se o edifício onde se integrava este bloco tinha apenas uma ou mais fases construtivas.

Espólio

O relatório preliminar menciona a ocorrência de fragmentos de tegula (sempre indicada como «medieval») na Sondagem 1, materiais que terão igualmente aparecido - em fase de acompanhamento de obra - tanto na Sondagem 2 como em outros locais do imóvel intervencionado (inf. pessoal de M. Gonçalves).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SOARES, Sofia; GONÇALVES, Mário (2020) – Sondagens Arqueológicas no Largo de São Pedro de Miragaia, 1-2. Miragaia, Porto. Nota Técnica. Dezembro 2019 – Janeiro 2020. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

As datas indicadas não incluem o período, posterior, de acompanhamento arqueológico, que se realizou posteriormente à «Nota Técnica» disponível.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Escola (Rua da). Infantário «Cantinho ao Sol» (Monte Crasto)**	Sítio	Monte Crasto	Acrón.	**MCR.89**
Concelho	Porto	Freguesias	Nevogilde	Lugar	Monte Crasto
X:	-8.679870°	Y:	41.159419°	SRC	WGS84
Altit.	37	Inicio	20/11/1989	Fim	26/03/1990
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	Sécs. III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	4	Interv. local	**1**
Resp.	Filipe F. Silva Teixeira	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Numa pequena sondagem exploratória, de apenas 4 m2, feita pelo Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto, por solicitação da Junta de Freguesia de Nevogilde, em 1989, identificou-se, a metro e meio de profundidade, sobre o solo natural, um pequeno fragmento cerâmico, rolado, com pasta de ânfora (TEIXEIRA, 1995), material que não pode atribuir-se a aterro ou mobilizações de solos modernos.

Espólio

Fragmento de ânfora, junto ao solo natural, talvez do Baixo Império (TEIXEIRA, 1995).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

TEIXEIRA, Filipe F. S. (1995) – Intervenção arqueológica no Monte do Crasto, Nevogilde. Porto: Câmara Municipal (Gab. Numismática). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 26

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Miragaia (Rua de), 75-76**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**MIRG.96**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.620259°	Y:	41.142856°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	25/03/1996	Fim	26/04/1996
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	11	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Duas pequenas sondagens arqueológicas antecederam, com propósitos de avaliação prévia, a reabilitação de um imóvel junto à igreja matriz da freguesia de Miragaia. Não ocorreram estruturas, mas entre materiais de outras épocas apareceram diversos fragmentos de tegula e de cerâmica comum romana, tendo a escavação sido interrompida ao atingir-se o nível freático do Rio Frio, que corre nas imediações (OSÓRIO; SILVA, 1996a).

Espólio

Pequenos fragmentos de tegula e cerâmica comum de aspeto romano, de difícil classificação e atribuição cronológica (OSÓRIO; SILVA, 1996a).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P. (1996a) – Intervenção arqueológica de emergência na Rua de Miragaia, 75-76 – Porto. Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 31

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Dr. Nuno Pinheiro Torres (Rua do) / Mouteira (Rua da) / Serralves (Rua de)**	Sítio	Lordelo/Mouteira	Acrón.	**MOU.21**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Mouteira/Serralves
X:	-8.650510°	Y:	41.154148°	SRC	WGS84
Altit.	50	Inicio	01/06/2021	Fim	30/06/2021
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Prospeção	Área escav. (m2)	0	Interv. local	**1**
Resp.	Carla Stockler; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Serv. Arqueologia		

Desc.

O local dos achados foi identificado, acidentalmente, por uma arqueóloga (M. I. P. O.) do serviço de arqueologia da C. M. Porto. Caracterizou-se, inicialmente, pela localização, num talude de terreno que estava a ser terreplanado, de alguns fragmentos de tégula. Uma pequena intervenção de registo estratigráfico confirmou a existência de material cerâmico de cobertura de tipo romano, bem como alguns fragmentos de cerâmica comum de idêntica cronologia, aparentemente depositados em estrato homogéneo.

O sítio localiza-se a menos de 200 metros para NO. da estação da Igreja de Lordelo (ILD.04 e ILD.07), onde foram localizados vestígios de instalações agrícolas tardo-romanas.

Espólio

Fragmentos de tegulae e cerâmica comum, em pequena quantidade, recolhidos em limpeza de corte estratigráfico.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

Apenas informações internas do serviço de arqueologia C. M. Porto.
Local registado por observação direta e informação pessoal da achadora.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Gonçalves Zarco (Praça de) e áreas envolventes. Frente Marítima do Parque da Cidade / Av. Marginal do Parque da**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**MPC.00**
Concelho	Porto	Freguesias	Nevogilde	Lugar	
X:	-8.688646°	Y:	41.167895°	SRC	WGS84 (localização convencional
Altit.	9	Inicio	16/08/2000	Fim	30/11/2001
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Ana Quelhas Nascimento; Mulize Ferreira; Sérgio Gomes	Entidade	Era Arqueologia		

Desc.

No âmbito de extensas obras de requalificação urbanística da frente marítima da cidade, foram feitos trabalhos arqueológicos preventivos, incluindo escavações e acompanhamento de obra, entre os anos de 2000 e 2001. A relevância da intervenção advém do facto de, pela primeira vez, terem sido escavados contextos da pré-história antiga na cidade do Porto. Em fase de acompanhamento arqueológico apareceu um fragmento de tegula, descontextualizado.

O sítio arqueológico mais próximo com o qual poderia relacionar-se este achado é o Monte Crasto, que dista cerca de 1 200 metros para sudeste, o que torna a ligação, talvez, pouco plausível.

Espólio

Registo de um fragmento de telha de rebordo, de tipo romano (informação pessoal dos responsáveis, não registada nos relatórios da intervenção).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ERA-ARQUEOLOGIA [2002] – Acompanhamento arqueológico na Avenida Marginal do Parque da Cidade. Porto. Relatório final dos trabalhos arqueológicos. Lisboa: Era-Arqueologia, Lda., s.d. [2002]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 59

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mercadores (Rua dos), 116-122**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MRC116.02**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613369°	Y:	41.142119°	SRC	WGS84
Altit.	26	Inicio	02/07/2002	Fim	26/07/2002
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Séculos IV-VI
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	35	Interv. local	**1**
Resp.	Paula Barreira Abranches; Susana Maria Rodrigues Cosme	Entidade	Archeo'Estudos		

Desc.

Foram feitas sondagens arqueológicas de avaliação prévia à reabilitação do imóvel, afetando área ainda significativa (35 m2) sendo pouca a profundidade (média de 0,65 metros).

As estruturas detetadas, de antiguidade duvidosa, resumiram-se a um poço e a uma «possível estrutura de lagar composta por um tanque redondo, de cerca de um metro de diâmetro com ligação a um outro tanque de forma rectangular», aparentemente associada a outras estruturas negativas (COSME; ABRANCHES 2006:23), elementos de cronologia incerta mas que as Autoras admitem poderem ser de época romana e estarem ligados a qualquer instalação agrícola.

Espólio

Regista-se escassa cerâmica romana, muito mal conservada por se encontrar essencialmente «dentro dos tanques de lagar e dentro do enchimento do poço» (COSME; ABRANCHES, 2006:49). Segundo as AA. pode tratar-se de fragmentos de cerâmica provenientes de escorrimentos de níveis de ocupação superior do morro (idem. ibid.).
Cerâmica comum atribuída aos séculos IV-V até VI (ibidem), além de um fragmento de cerâmica romana pintada, muito rolado (Idem:50).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

COSME, Susana M. R; ABRANCHES, Paula B. (2002) – Intervenção arqueológica na Rua dos Mercadores, nº 116 - Porto. Relatório prelimInar. Porto: Archeo'estudos. Texto datilog.

COSME, Susana M. R; ABRANCHES, Paula B. (2006) – Intervenção arqueológica na Rua dos Mercadores, nº 116-122. Relatório fInal. PerosInho: Archeo'estudos. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 67

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Foram retomados trabalhos arqueológicos neste local em 2012. V. ficha MRC116.12

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mercadores (Rua dos), 116-122**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MRC116.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613369°	Y:	41.142119°	SRC	WGS84
Altit.	26	Inicio	05/09/2012	Fim	22/02/2013
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	Paula Barreira Abranches; Paulo André de Pinho Lemos	Entidade	Archeo'Estudos		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos realizados em 2012 neste imóvel deram continuidade aos que já ali haviam sido desenvolvidos em 2002 (MRC116.02), limitando-se agora a acompanhamento arqueológico de obra.

Os terrenos nas traseiras do edifício desenvolvem-se em patamares, não tendo sido intervencionado o último deles, situado junto ao muro do Largo do Colégio - e onde foram descobertos vestígios romanos (SNT12.98) - por não integrar o lote em questão.

Ao nível do piso térreo, relocalizou-se o poço identificado em 2002, que apresentava aduelas de granito, e descobriram-se dois tanques e outras estruturas negativas, que não puderam ser datadas (LEMOS, 2013).

Espólio

O espólio consta, apenas, de 65 objetos de várias épocas, incluindo 2 fragmentos de tegula, 2 fragmentos de peso de tear e 1 fragmento de mó circular (dormente), considerados de época romana (LEMOS, 2013).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

LEMOS, Paulo A. P. (2013) – Acompanhamento Arqueológico. Operação B do Programa do Morro da Sé. Rua dos Mercadores, 116-122. Porto. Relatório Final. [Perosinho]: Archeo'estudos. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Estes trabalhos arqueológicos retomaram os que ali foram feitos em 2002. V. ficha MRC116.02

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Miragaia (Rua de), 123-124**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**MRGA.96**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.621114°	Y:	41.143734°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	05/12/1996	Fim	13/12/1996
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	7	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Maria Isabel Pinto Osório	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Numa pequena sondagem arqueológica, de apenas 7 m2, que antecedeu, para efeitos de diagnóstico de potencial patrimonial, as obras de recuperação do edifício, foram recolhidos no nível mais profundo da sondagem apenas dois fragmentos de tégula, sem contexto arqueológico evidente, pelo facto de entretanto se ter atingido os níveis freáticos (SILVA; OSÓRIO, 1996).

Espólio

Dois pequenos fragmentos de tegula romana (SILVA; OSÓRIO, 1996).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; OSÓRIO, Maria Isabel P. (1996) – Sondagem arqueológica de avaliação. Rua de Miragaia, 123-124 – Porto. Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 32

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de); Flores (Rua das). Trabalhos de Requalificação Urbana**	Sítio	Vila Baixa/Vitória	Acrón.	**MSF.12**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau; Sé; Vitória	Lugar	Arruamentos diversos
X:	-8.613574	Y:	41.143212	SRC	WGS 84 (ponto central)
Altit.	40	Inicio	01/01/2012	Fim	31/12/2013
Tipo	**Núcleo de Povoamento; Vicus**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	André Nascimento; Carlos Alberto Loureiro; Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Trabalhos de acompanhamento arqueológico e sondagens realizados no âmbito da requalificação de um conjunto de arruamentos da Baixa do Porto levaram à deteção de vestígios de várias épocas, incluindo cerca de uma dezena de ocorrências de época romana. Os escassos dados vindos a público (apenas uma breve Nota Técnica e textos em publicações de divulgação) permitem apenas aferir a sua localização genérica e alguns dados gerais, como segue:

Rua do Infante D. Henrique: «um conjunto de níveis romanos associados a três estruturas. Numa primeira análise o material levantado aponta para uma cronologia entre os séculos I e IV, em consonância com elementos estudados em intervenções anteriores naquela área» (NASCIMENTO, LOUREIRO, PEREIRA, 2012, com foto); «níveis preservados da época tardo romana, incluindo dois muros junto aos passeios entre o cruzamento com a Rua de S. João e o entroncamento com a Rua Mouzinho da Silveira» (EMPATIA, s.d.; De onde se partiu…, 2014: 40).

Rua de Mouzinho da Silveira: «um muro de datação romana» (NASCIMENTO, LOUREIRO, PEREIRA, 2012); «uma estrutura bastante desmantelada pelas infraestruturas actuais, cujos depósitos associados permitiram a recolha significativa de um conjunto de materiais cerâmicos de cronologia romana» (EMPATIA, s.d.; De onde se partiu…, 2014: 38).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Não discriminado, mas aparentemente relevante em quantidade, no que se refere a materiais de datação romana.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

EMPATIA ARQUEOLOGIA (s.d.) – O acompanhamento arqueológico da requalificação urbana do Eixo de Mouzinho/Flores. Nota Técnica. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

NASCIMENTO, André; LOUREIRO, Carlos Alberto; PEREIRA, Gabriel R. (2012) – À Redescoberta. In DELGADO, Ana P.; VALENÇA, Paulo Q.; GUIMARÃES, Margarida M. (coord.) – Eixo Mouzinho/Flores: Território do Recolhimento e do Mercadejar. Porto: PortoVivo, SRU, p. 11

PEREIRA, Gabriel R.; ARRUDA, Ana M. (2017) – Boats carved on the Atlantic coast of the Iberian peninsula. Landscape, symbols and people. In BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS ESTÉVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo A.; CARDOSO, Daniela (eds.) – Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock-art of the Iberian Atlantic north-west. Oxford: BAR Int. Series 2878, p. 193-207

De onde se partiu… (2014) – De onde se partiu: a leitura histórica através da arqueologia. O Porto debaixo deste Porto. In VALENÇA, Paulo (coord.) – Mouzinho/Flores – Um Eixo de Mudança para o Centro Histórico. Porto: Porto Vivo, SRU, p. 25-53. [Texto não assinado]

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Largo dos Lóios: nesta área, foram identificados níveis romanos em dois locais, tendo sido exumada uma pequena placa em xisto, com gravuras de embarcações, peça que se acredita poder remontar à Idade do Ferro (EMPATIA, s.d; De onde se partiu…, 2014: 48; PEREIRA; ARRUDA, 2017).

Face à sua repartição espacial, distribuímos estes achados por dois dos nossos «núcleos de povoamento», o da Vitória, e o uicus da Vila Baixa.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Moinho de Vento (Largo do), 1-3; Sá Noronha (Rua de), 54-58**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**MVT1.16**
Concelho	Porto	Freguesias	Vitória	Lugar	
X:	-8.614898°	Y:	41.148246	SRC	WGS84
Altit.	98	Inicio	01/01/2016	Fim	31/12/2018
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc. Durante os desaterros e escavações decorrentes da implementação de um projeto imobiliário foram identificados diversos fragmentos de tégula, sem que pudesse determinar-se com segurança qualquer contexto arqueológico.

Espólio Diversos fragmentos de tégula, que tivemos ocasião de observar.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs. Relatório não disponível. Dados provenientes de informação pessoal da arqueóloga responsável pelo trabalho, Helena Marçal.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 157-167; Ponte Nova (Rua da), 42-48**	Sítio	Vitória	Acrón.	**MZS157.14**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	
X:	41.143711	Y:	-8.613147	SRC	WGS84
Altit.	40	Inicio	20/05/2014	Fim	03/07/2014
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Alta Idade Média; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	21	Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa	Entidade	Logiark		

Desc.

No âmbito da reabilitação do imóvel, foram abertas na cave duas sondagens. A sondagem 1 revelou o alicerce de um muro em granito, apenas com uma fiada de pedras, com 0,80 m de largura, que foi escavado numa extensão de 3,80 metros. Tanto no seu miolo como na respetiva vala de fundação, encontraram-se fragmentos de tegulae e de cerâmica comum romana (BARBOSA, 2014b: 16-18).

Embora caracterizando diversos depósitos (UE 114, 117, 118 e 119) como datados de entre a época romana e a Idade Média, o arqueólogo responsável conclui que «embora se tenham identificado materiais de construção de época romana na sua vala de fundação e entre as pedras que o constituem, observando com a atenção a sua tipologia construtiva, pensamos ser correto interpretá-lo como o alicerce de um muro de suporte de terras, paralelo ao Rio da Vila, construído na Alta Idade Média ou pouco depois» (BARBOSA, 2014b: 27).

O nível freático foi detetado à cota de 36,39 metros.

Espólio

Identificaram-se fragmentos de cerâmica comum romana, bem como de tégula, em número e tipo não discriminado no relatório disponível.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

BARBOSA, João P. (2014b) – Rua de Mouzinho da Silveira, 157/167; Rua da Ponte Nova, 42/48. Sé – Porto. (MZS157.14). Relatório Preliminar. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 174-180; Bainharia (Rua da), 51-61**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MZS174.17**
Concelho		Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613216°	Y:	41.143238°	SRC	WGS84
Altit.	40	Inicio	01/01/2017	Fim	01/12/2017
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Lídia Batista	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

A reabilitação de um conjunto de imóveis situados entre as ruas de Mouzinho da Silveira e da Bainharia deu lugar, nos termos legais, a uma intervenção prévia de diagnóstico e avaliação arqueológica, que decorreu em 2017.

De acordo com uma pequena nota de divulgação, «a intervenção permitiu identificar vestígios (…) desde a época romana até aos nossos dias. A fase mais antiga está representada pela presença de uma estrutura pétrea e depósitos com materiais cerâmicos diversos de cronologia coeva como fragmentos de cerâmica comum, tégula e terra sigillata» (BAPTISTA, 2019: 13), vendo-se, em imagem junto, um muro de bom aparelho, com cerca de um metro de espessura, que julgamos corresponder a esses contextos.

Espólio

Referência sumária a «cerâmica comum, tégula e terra sigillata» (BAPTISTA, 2019: 13).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

BAPTISTA, Lídia (2019) - Rua Mouzinho da Silveira, 174-180 e Rua da Bainharia, 51-61, Porto. Arte factus, 3. Matosinhos: Arqueologia e Património, p. 12-13

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Agradecemos a Lídia Baptista a chamada de atenção para esta publicação.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 216-220**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MZS218.16**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612629°	Y:	41.143683°	SRC	WGS84
Altit.	34	Inicio	22/09/2016	Fim	03/02/2017
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Francisco Raimundo; Nuno Miguel Ferreira; Rui Pedro Barbosa	Entidade	Palimpsesto		

Desc.

A intervenção arqueológica nesta parcela deveria ter servido, nos termos da lei, para avaliar o potencial patrimonial do lote antes das respetivas obras de reabilitação. Infelizmente, por desrespeito do promotor, quando a equipa de arqueologia chegou ao local, já tinham sido efetuados praticamente todos os desaterros e apenas uma pequena franja com sedimentos pôde ser escavada, situação a todos os títulos lamentável.

Na verdade, a pequena sondagem realizada foi praticamente inconclusiva, mas o registo dos poucos sedimentos conservados permitiu detetar uma unidade estratigráfica (UE 14), um pouco mais afastada da Rua de Mouzinho da Silveira, com materiais romanos ainda em quantidade apreciável e de valor tipológico, uma vez que incluíam cinco fragmentos de ânfora, um de terra sigillata hispânica, uma ficha de jogo e - permita-se-nos realçar, «um fragmento de reboco pintado de vermelho», aliás ilustrado no relatório (FERREIRA; RAIMUNDO; BARBOSA, 2017: 13, 45, foto 24), elemento que - a confirmar-se a sua datação romana - parece ser o primeiro testemunho de reboco parietal desta época encontrado na cidade. Infelizmente, as condições em que decorreu a observação arqueológica, pouco mais nos permitem dizer a este respeito.

Espólio

Foram recolhidos fragmentos de material cerâmico de construção romano (tegula, imbrex e tijolo), algumas cerâmicas micáceas, de tradição castreja, e fragmentos de cerâmica comum romana, além dos referidos cinco fragmentos de ânfora, um de TSH, uma ficha de jogo e outros elementos, ilustrados em relatório.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

FERREIRA, Nuno M.; RAIMUNDO, Francisco J.; BARBOSA, Rui P. (2017) - Remodelação de edifício sito na Rua Mouzinho da Silveira, n.º 216 a 220 – Porto. Relatório Final da Intervenção Arqueológica. Coimbra: Palimpsesto. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 222-226**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MZS222.07**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612788°	Y:	-8.612745°	SRC	WGS84
Altit.	40	Inicio	26/11/2007	Fim	08/04/2008
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Séculos III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	42	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; Marta Miranda Marques	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos de diagnóstico prévio de um imóvel a reabilitar incluiram, em várias fases de escavação, a abertura de três valas, com uma superfície superior a 40m2.

Na Vala 1, a camada 5 (que era a última), foi descrita como «camada de entulho onde apareceram cerâmicas de época romana». Todavia, convém registar, a vala de sondagem não atingiu o nível natural, por razões de segurança, quando se achava já a mais de 2 metros de profundidade (cerca de 5 metros abaixo da cota da rua).

Espólio

Espólio romano apenas na Vala 1: «cerca de uma dezena de fragmentos» de cerâmicas comuns, «características de produções do mundo tardo-romano», e dois fragmentos de tegula (ALMEIDA; MARQUES, 2009).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; MARQUES, Marta Miranda (2008a) – Relatório prelimInar. Rua MouzInho da Silveira, nº 222 – Porto – 2007. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; MARQUES, Marta Miranda (2008b) – Relatório prelimInar da 2ª fase. Rua MouzInho da Silveira, nº 222-226 – Porto – 2007. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto datilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; MARQUES, Marta M. (2009) – Relatório final. Rua Mouzinho da Silveira, nº 222 – Porto – 2007. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 84

USC DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 240-244**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**MZS240.14**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612500°	Y:	41.143755°	SRC	WGS84
Altit.	43	Inicio	06/11/2014	Fim	17/12/2014
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	18	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Loureiro; Filipe Manuel Soares Pinto	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Como medida preventiva prévia à reabilitação do imóvel, foram realizadas sondagens arqueológicas, inicialmente três, afetando uma área total de 18 m2, depois alargadas em extensão.

Apareceram várias estruturas antigas, muros, empedrados, pavimentos, canalizações, etc., datados no relatório preliminar a partir da Época Moderna, embora não se faça referência à classificação do espólio.

Uma das estruturas, o muro [313] da sondagem 3, é descrita pelos responsáveis como sendo, pelo menos numa das faces, composta «por silhares, muitos deles reaproveitados, provenientes de possíveis contextos de época romana» (PINTO; LOUREIRO, 2015: 24, 39), informação que permitirá, talvez, identificar a presença de materiais antigos quando o espólio e outros dados da intervenção forem estudados.

Espólio

Referência ao reaproveitamento de silhares de muros, presumivelmente romanos.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PINTO, Filipe S.; LOUREIRO, Carlos Alberto (2015b) – Sondagens arqueológicas na Rua de Mouzinho da Silveira, 240-244, Sé. Porto. Relatório de Progresso. Dezembro 2014. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**MZS54.09**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.614306°	Y:	41.141839°	SRC	WGS84
Altit.	26	Inicio	01/01/2009	Fim	31/12/2009
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Alta Idade Média; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	34	Interv. local	**2**
Resp.	Gabriel Rocha Pereira; Nuno Garcia	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Após uma primeira fase de trabalhos arqueológicos (MZS56.02), feitos no âmbito da avaliação do imóvel prévia a obras, realizou-se uma segunda fase de sondagens arqueológicas, sem relação física ou institucional com as primeiras.

A área escavada foi agora maior (34m2) e distribuiu-se por três sondagens, cuja implantação se desconhece. O relatório preliminar não menciona a identificação de estruturas (salvo a «preparação de um piso» e um buraco de poste), mas apenas diversos níveis de «abandono» e «ocupação», datados como «tardo-romanos/alti-medievais». Enquadram-se neste âmbito as UE 108 (Sondagem 1), 221 a 231 (Sond. 2) e 318 (que preenche o interface 326, um buraco de poste) na sondagem 3 (GARCIA; PEREIRA, 2009).

Mais em particular, refere-se a UE 222, por exemplo, como constituída por «terra castanha avermelhada, homogénea, com bastantes fragmentos de material de construção: tegulae» (Idem, 34), sendo a [223] um «segundo nível de abandono (alto-medieval/tardo-romano) (…) [com] tegulae, ânfora, vidro romano e cerâmica comum» e a [224] um «primeiro nível de abandono/destruição (alto-medieval/tardo-romano). Depósito de pedras irregulares de pequeno e médio porte. Provavelmente estas pedras terão origem numa destruição de uma estrutura. Estas pedras cobrem um estrato homogéneo (UE 225), aparentemente uma preparação de piso» (Ibid, 35-36).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio romano não é discriminado no relatório disponível, mencionando-se apenas material de construção (tegula), cerâmica comum romana, vidros (ditos em grande quantidade) e ânfora. Na UE 227 exumou-se um «fundo cerâmico aparentemente castrejo» (GARCIA; PEREIRA, 2009: 39).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

GARCIA, Nuno; PEREIRA, Gabriel (2009) - Sondagens arqueológicas na Rua de Mouzinho da Silveira, 54-56, São Nicolau, Porto. Relatório Preliminar. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 66

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Ver também MZS56.02.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

O relatório consultado (preliminar) não indica qualquer articulação com a localização e resultados das sondagens antes feitas no mesmo imóvel (MZS56.02), nem, tão pouco, se cita o respetivo relatório ou publicação formal, não se percebendo, nomeadamente, se as estruturas então detetadas foram confirmadas (ou, por qualquer razão, desconsideradas) no quadro da intervenção mais recente.

Do ponto de vista da interpretação do local, à luz dos resultados desta intervenção, N. Garcia e G. Pereira apenas propõem duas fases de ocupação antiga: a Fase IB, de abandono ou destruição, marcada pela ocorrência de muitas pedras e abundante espólio, constituindo «um momento de abandono/ destruição decorrido algures durante o período altimedieval»; e a Fase IA, com escasso espólio e a que corresponderia o buraco de poste encontrado, articulando-se, sobretudo, com «níveis de circulação (preparação de pisos) de cronologia tardo-romana» (Idem, p. 62).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 54-56**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**MZS56.02**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.614306°	Y:	41.141839°	SRC	WGS84
Altit.	26	Inicio	12/08/2002	Fim	27/08/2002
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. I-II (?) - IV-V
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	20,8	Interv. local	**1**
Resp.	Pedro Miguel Brochado de Almeida	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

A avaliação arqueológica prévia de um imóvel, antecedendo a execução de um projeto de reabilitação, levou à realização de sondagens de diagnóstico. Foram, assim, escavadas duas sondagens no piso térreo do edifício (que não possuía cave), uma na parte posterior (Vala 1, 11,2 m2); outra mais próxima da fachada (Vala 2, 9,6 m2).

A vala 1, que atingiu 1,40 m de profundidade, não revelou evidências arqueológicas de particular antiguidade ou interesse. Já a vala 2, que chegou aos 1,20 metros, tornou patente um muro (M8) e depósitos associados (estrato 18, vala de fundação do M8), além de um piso, articulado com o muro (estrato 13), descritos como «tardo-romanos» (ALMEIDA, 2002b: 5).

Em conclusão, entenderam os responsáveis que a intervenção revelou níveis de ocupação tardo-romanos, que relacionam até com os vestígios aparecidos na Casa do Infante (ALMEIDA, 2002c: 16; ALMEIDA, ALMEIDA, 2002: 174), podendo tratar-se de «uma mesma sequência ocupacional, mesmo que sejam focos de ocupação distintos» (ALMEIDA, ALMEIDA, 2002: 174).

Mais importante, observam que não existem, no local, vestígios de ocupação da Idade do Ferro. Todavia, nas camadas mais antigas apareceram «cerâmicas romanas que, pelo seu fabrico e tipologia, pertencem ao Alto Império. Referimo-nos, de um modo muito especial, a alguns pequenos fragmentos de terra sigillata hispânica [Drag. 24-25] e ao bordo de uma ânfora da forma Dressel 7/11» (ALMEIDA, ALMEIDA, 2002: 174). Não obstante, os AA. alertam para as pequenas dimensões da sondagem (vala 2), recomendando alguma prudência nesta interpretação (Idem, ibid.).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Vala 1 - algum imbrex e tegula (total 276 frags.)
Vala 2 - total 410 frags = 49% romanos e tardo-romanos
Refere-se, em particular, a presença de TSH, alguma ânfora, cerâmica comum romana e de construção. Uma parte dos materiais encontra-se desenhada e descrita em ALMEIDA, 2002c e ALMEIDA, ALMEIDA, 2002.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002b) – Relatório preliminar das sondagens arqueológicas. Rua Mouzinho da Silveira, 56 – Porto - 2002. Vila do Conde. Texto datilog.

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002c) – Relatório final das sondagens arqueológicas. Rua Mouzinho da Silveira, 56 – Porto - 2002. Vila do Conde. Texto datilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; ALMEIDA, Pedro Brochado (2002) – Vestígios romanos encontrados na Rua Mouzinho da Silveira – Porto. Portugalia. Nova Série. 23. Porto, p. 155-84

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 66

USC DE COMPOSTELA

Observ.

Ver também MZS54.09.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

No mesmo local foi mais tarde realizada outra intervenção (MZS54.09), cuja ficha deve ser consultada para melhor compreensão destes contextos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Nova da Alfândega (Rua), 16-18**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**NAL16.06**		
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar			
X:	-8.616908°	Y:	41.140875°	SRC	WGS84	Altit.	13
Inicio	28/03/2006	Fim	07/07/2006				
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	56	Interv. local	**1**		
Resp.	José Marcelo Mendes Pinto; Maria Cristina Félix da Silva; Rui Manuel Sobral Centeno	Entidade	Etnos - Patr. e Turismo Cult.				

Desc.

A avaliação prévia do imóvel, antecedendo a execução de um projeto de reabilitação (que, aliás, não chegou a ser concretizado), levou à abertura de 5 sondagens, totalizando uma superfície de 56m2.

A escavação atingiu cerca de 4 metros de profundidade (estando a subcave do imóvel já a cerca de 4 metros abaixo da cota da Rua Nova da Alfândega), sendo interrompida por razões de segurança. Foram exumados materiais entre o séc. XVI e o séc. XX e estruturas urbanas (casas e arruamento) dos séculos XVII-XVIII. Num dos depósitos escavados (Sd. C, UE 3) apareceram treze fragmentos de tegula, considerada romana ou alto-medieval (CENTENO; MENDES-PINTO; SILVA, 2006; CENTENO; MENDES-PINTO; SILVA, 2008: 18, 23).

O local corresponde, como se atesta por várias notícias históricas, ao antigo quarteirão medieval dos Banhos, o que poderá traduzir uma tradição anterior de termas romanas (MENDES-PINTO; SILVA, 2008:6-7; REAL; SILVA, 2018: 206; SILVA; REAL, no prelo), pelo que muito há a esperar da conclusão ou ampliação desta escavação.

Espólio

Na Sondagem C, situada junto da Rua de São Francisco, a UE 3 apresentava 13 fragmentos de tegula num aterro com materiais do século XIX (CENTENO; MENDES-PINTO; SILVA, 2006. 6; CENTENO; MENDES-PINTO; SILVA, 2008: 18, 23).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

CENTENO, Rui M. S.; MENDES-PINTO, José M.; SILVA, Maria C. F. (2006) – Sondagens arqueológicas na Rua Nova de Alfândega, 16-18 (…). Informações preliminares. Porto: Etnos, Turismo e Património Cultural. Texto datilog.

CENTENO, Rui M. S.; MENDES-PINTO, José M.; FÉLIX, Maria C. (2008) – Sondagens arqueológicas na Rua Nova de Alfândega, 16-18 (NAL16.06). Relatório Final. Porto: Etnos, Turismo e Património Cultural. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; SILVA, António Manuel S. P. (2018) – Portumcalem Castrum Novum na época sueva. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios. Ourense: Deputación Provincial, p. 205-210

SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo) – A cidade do Porto no período tardo-antigo e alto-medieval. In Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança». Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Outeiro (Rua do), 25**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**OTR25.01**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.631242°	Y:	41.146805°	SRC	WGS84
Altit.	10	Inicio	18/06/2001	Fim	22/06/2001
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	4	Interv. local	**1**
Resp.	José Jorge Argüello Menéndez; Susana Maria Rodrigues Cosme	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

A avaliação do potencial arqueológico do imóvel, prévia à execução do respetivo projeto construtivo, fez-se através de uma sondagem de 4 metros quadrados no logradouro. A escavação revelou apenas níveis de aterro, provavelmente contemporâneos, mas entre os quais se recolheram, descontextualizados, um fragmento de tegula e um fragmento de lucerna de volutas (UE 004) (ARGÜELLO; COSME, 2001).

Espólio

Registo, apenas, de um fragmento de tegula e um fragmento de lucerna de volutas, aparecidos na UE 004 (ARGÜELLO; COSME, 2001).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge; COSME, Susana R. (2001) – Rua do Outeiro, 25. Massarelos, Porto. Relatório das sondagens de avaliação arqueológica. Porto: [s.n.]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Praça da), Fonte Taurina (Rua da), Carvão (Postigo do), Bacalhoeiros (Muro dos). Porto Carlton Hotel**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**PCH.96-98**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.613339°	Y:	41.140479°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	01/10/1996	Fim	31/05/1998
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.; Romano-República	Datação precisa	Sécs. Iac/IdC - sécs. III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	220	Interv. local	**1**
Resp.	António Baptista Lopes; Armando Coelho Ferreira da Silva; João Paulo G. Barbosa; Maria Benedita G. Barbosa; Rui Manuel Sobral Centeno	Entidade	Etnos - Patr. e Turismo Cult.		

Desc.

Ocupando um quarteirão estratégico - do ponto de vista da eventual ocupação antiga da cidade - entre a Praça da Ribeira, a Rua da Fonte Taurina e o Muro dos Bacalhoeiros, a construção do Porto Carlton Hotel foi sujeita a sondagens arqueológicas de avaliação prévia. Os trabalhos desenvolveram-se em duas fases, que aqui se agregam para simplificar a consulta, uma vez que foram os mesmos os responsáveis científicos: PCH 96: 00/10/1996 a 00/11/1996 e PCH 98: 00/04/1998 a 00/05/1998.

As áreas escavadas distribuiram-se por 4 zonas de intervenção: Setor A (edifício voltado à Rua da Fonte Taurina, 40m2); Setor B (Postigo do Carvão, c. 28m2); Setor C (junto ao Muro dos Bacalhoeiros, 140m2); Setor D (exterior - Praça da Ribeira, 8 m2). Em 1998 (PCH.98) a intervenção realizou-se apenas no Setor C e áreas adjacentes. No total foram escavados cerca de 220 metros quadrados.

A escavação não revelou evidência de estruturas, porventura localizadas abaixo do nível freático, que se encontrou a 3,90 metros da cota de circulação atual. No que se refere ao espólio arqueológico, além da disseminada presença de tégula e louça comum romana, os relatórios assinalam que no sector A, o estrato 06d apresentava «vários fragmentos de cerâmica comum romana, tegula e ânfora, que o datam do século I d.C.; enquanto que a última (06e) é composta por areia mais escura (…), com espólio romano possivelmente do século I a.C.» (SILVA; CENTENO; LOPES 1998: 8-9). No Sector B ocorreram também materiais romanos, bem como pré-romanos e de importação. No Sector C, várias camadas (05, 06, 07, 08, 09) proporcionaram a recolha de telha e outro espólio romano, sublinhando os responsáveis «a presença de níveis claramente romanos, a documentar a ocupação desta zona nessa época» (SILVA et al. 1998: 20).

Espólio

O espólio romano é abundante, mencionando-se nos relatórios a presença de tegula, cerâmica comum, ânfora e ainda «cerâmica importada», com cronologia que começa nos séculos I a.C. e I d.C.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, Armando Coelho F.; CENTENO, Rui M. S.; BARBOSA, Maria Benedita; BARBOSA, João Paulo. (1998) – Escavações arqueológicas na Ribeira (Porto). Intervenção no Porto Carlton Hotel. Relatório. Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural. Texto datilog.

SILVA, Armando Coelho F.; CENTENO, Rui M. S.; LOPES, António B. (1996) – Escavações arqueológicas na Ribeira (Porto). Intervenção no Porto Carlton Hotel. Relatório. Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 42

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Infante D. Henrique (Praça do) - Parque de Estacionamento da Praça do Infante**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**PIF.98-99**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.614912°	Y:	41.141311°	SRC	WGS84
Altit.	20	Inicio	28/09/1998	Fim	30/07/1999
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	474	Interv. local	**1**
Resp.	Carla Maria Braz Martins; Paula Barreira Abranches	Entidade	Archeo'Estudos		

Desc.

A construção de um parque de estacionamento subterrâneo, sob a Praça do Infante, foi precedida de diversos trabalhos de avaliação arqueológica, que envolveram prospeção geofísica, sondagens a trado e sondagens arqueológicas, contando ainda a obra com acompanhamento arqueológico.
Os vestígios de estruturas, bem como a generalidade dos elementos artefactuais, são de época moderna e contemporânea, mas regista-se a recolha de elementos de época romana, em pequena quantidade e em contextos heterogéneos.

A área sondada (474 m2) corresponderá a cerca de 15% da área afetada, o que é significativo para os padrões comuns de política de salvaguarda em Portugal, em termos de proporção de avaliação. A discriminação dos achados de materiais mais antigos, por sondagem, é a seguinte:

Sondagem A (5m2) - mostrou enchimentos até à rocha de base: «uma grande mistura de materiais tardo-romanos e alti-medievais (UE 501, 502, 504, 505 e 506) com materiais do séc. XVII/XVIII e mais recentes» (MARTINS; ABRANCHES, 1999: 11). Salientam-se duas pequenas tesselas na UE 501 (nº regº 12, fig. 43.2) (Ibidem). São duas tesselas negras (em cerâmica?), fotografadas, p. 74. Profundidade média da sondagem de 2,30m.
Sd. D (8m2) - revelou enchimentos com espólio essencialmente moderno e contemporâneo, mais «um fundo fragmentado de sigillata hispânica» (nº reg. 5, fig. 44.2) (Idem, p. 18, 75). Profundidade média de 1,66m.
Sd. G (14m2) - com enchimentos até à base, revelando espólio essencialmente moderno e contemporâneo, com exceção de «um fundo de ânfora na UE 109» (Ibidem, nº regº 4, fig. 44.1, p. 23, 75). A profundidade média da sondagem foi de 1,50m.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Descrito acima. Destaque para uma moeda do século IV, cerâmica comum romana e alguma ânfora e terra sigillata. Sobre o espólio romano, sem acrescentar dados novos, cfr. também MARTINS; ABRANCHES 2011: 109.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

MARTINS, Carla B.; ABRANCHES, Paula B. (1999) – Relatório final da Intervenção arqueológica realizada na Praça do Infante D. Henrique (S. Nicolau, Porto). Porto: Archeo'estudos. Texto datilog.

MARTINS, Carla B.; ABRANCHES, Paula B. (2000) – Intervenção arqueológica em área na Praça do Infante. Porto. Relatório final. Porto: Archeo'estudos. Texto datilog.

MARTINS, Carla M. B.; ABRANCHES, Paula B. (2011) – Memória (i)material da Praça do Infante, Porto. CEM – Cultura, Espaço & Memória. 2. Porto, p. 95-119

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 54

USC DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

Na segunda fase (1999) procedeu-se ao alargamento de sondagens, tendo-se verificado apenas, como mais relevante, o achado de uma moeda, na Sondagem C (129m2), composta por camadas de entulho e revolvimento, sem espólio antigo, com exceção da referida moeda romana, na UE 1002 (MARTINS; ABRANCHES, 2000: nº 37), do tipo PROVIDENTIA CAESS, reinado de Constantinus, 325-326 dC (MARTINS; ABRANCHES 2011: 104, Fig. 16, p. 38). A profundidade média do alargamento desta sondagem foi de 2,30m.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Pelames (Rua dos), 20-38**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PLM20.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Pelames
X:	532580.26 E	Y:	4554797.46 N	SRC	UTM 29T
Altit.	53	Inicio	30/01/2012	Fim	09/08/2013
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	37	Interv. local	**1**
Resp.	Javier Larrazabal Galarza	Entidade	Novarqueologia		

Desc.

A intervenção arqueológica, prévia à reabilitação arquitetónica do imóvel, foi feita em várias parcelas da Rua dos Pelames, situada na encosta norte do morro da Sé. Foram escavadas 8 sondagens (37m2), a que se seguiu o acompanhamento arqueológico da abertura de algumas valas e, supostamente, de demolições, feito de forma incompleta por desrespeito das condicionantes por parte do promotor (LARRAZABAL GALARZA, 2015).

Apareceram apenas níveis de ocupação modernos e contemporâneos, com escasso material romano, descontextualizado, que se descreve em ponto próprio.

Espólio

O relatório discrimina os materiais romanos aparecidos durante os trabalhos: na Sondagem 5, UE 511 - 1 frag. tegula, 1 de paredes finas e 2 comuns romanas alto-imperiais; UE 514 - 1 frag. tegula; na Sondagem 6 - 2 frags. tegula (UE 613 e 617) (LARRAZABAL GALARZA, 2015: passim).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

LARRAZABAL GALARZA, Javier (2015) – Programa de Realojamento para o Morro da Sé -Operação H - Rua dos Pelames 20-38. PLM20.11/13. Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico e Acompanhamento Arqueológico da Obra. Relatório final. Alcanena: Novarqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Largo da), 17-21**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV21.02**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613197°	Y:	41.142787°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	09/12/2002	Fim	16/04/2003
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	meados séc. I - 1ª met. séc. II
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	13,8	Interv. local	**1**
Resp.	Anabela Pereira de Sá; António Manuel S. P. Silva; Sandra Carla Pais Barbosa; Susana C. S. Borges	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

No ângulo noroeste do Largo da Penaventosa situa-se uma parcela que, juntamente com outras vizinhas, foi alvo de trabalhos arqueológicos de avaliação prévia - antecedendo projetos de reabilitação arquitetónica - nos primeiros anos do presente século.

A avaliação fez-se pela escavação de duas sondagens, a sondagem 2, junto à fachada (5,8 m2), e a sondagem 1 (8 m2), de encontro à parede tardoz da casa, cobrindo cerca de 41% da superfície disponível da parcela. Na sondagem 2 não se detetaram estruturas de época romana ou anterior, tão só um último depósito (UE 131), com predomínio de cerâmicas romanas e castrejas. Na sondagem 1, em parte sob a parede posterior do edifício (voltada para a Rua da Bainharia, a cota substancialmente inferior), encontrou-se um troço de muralha antiga. Trata-se de um muro de orientação NE./SO., com cerca de 2,30 metros de extensão e uma espessura máxima de 0,70 metros (não tendo sido possível observar a face externa, pela razão apontada), conservando-se o seu alçado interno em 1,20 metros.

Este tramo de muralha parece evidenciar dois momentos construtivos, ou eventual reformulação, propondo os autores da escavação, pela análise do espólio associado a esses elementos, uma fase entre meados e a 2ª metade do século I, e outra, pouco distanciada no tempo, entre a 2ª metade deste século e a 1ª do século II, aspetos que se discutem no ponto atinente da dissertação (SILVA et al., 2006; SILVA, 2011: 47).

Espólio

O espólio arqueológico romano integra cerâmica comum e de construção, cerca de duas dezenas de fragmentos de terra sigillata, ânfora, cinzenta fina, vidros, etc., totalizando, em conjunto com a olaria indígena, cerca de 2100 objetos (23% da recolha total da intervenção).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra C. P.; SÁ, Anabela P.; BORGES, Susana C.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2006) – Largo de Penaventosa, 21. Porto. Relatório Final das Sondagens de Avaliação Arqueológica (PNV21.02). Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255, n.º 72

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Largo da), 17-21**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV21.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613197°	Y:	41.142787°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	24/02/2012	Fim	28/03/2012
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	9,7	Interv. local	**2**
Resp.	Gina Dias; Lília Basílio; Ricardo Santos; Susana Nunes	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

Nesta parcela, escavada pelo GAU/CMP em 2002 (PNV21.02), foram feitas novas sondagens uma década depois, ainda como necessidade decorrente da recuperação arquitetónica do imóvel, que desde os primeiros trabalhos tinha ficado devoluto.

A área intervencionada em 2012 foi menor, considerando a significativa dimensão da superfície já escavada em 2002, as condições do imóvel e os critérios técnicos de avaliação. Foram assim abertas mais duas sondagens, com uma superfície total de cerca de 10 m2. Os níveis mais antigos identificados, segundo os AA. da escavação, foram um conjunto de pisos em terra batida de época medieval, relacionados com evidências similares registadas na intervenção de 2002.

Ainda assim, foi identificado em depósitos secundários um pequeno conjunto de cerâmicas romanas (basicamente rebordos de tegula e escassos fragmentos de cerâmica classificada como comum romana, sem outros detalhes, que todavia não ultrapassa os 6% do total cerâmico exumado (NUNES; DIAS; BASÍLIO 2012).

Não tendo sido registadas evidências de estruturas, esta subrepresentação dos materiais antigos não parece ter consequências particulares, merecendo talvez alguma reflexão a nível da interpretação do processo deposicional e pós-deposicional, questão que extravasa esta ficha de sítio.

Espólio

O espólio de tipo romano, pouco discriminado, não chega à centena de exemplares, computando-se outros 80 objetos entre o material cerâmico de construção não recolhido. A olaria de origem indígena não é mencionada, presumindo-se ausente ou muito residual.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

NUNES, Susana; DIAS, Gina; BASÍLIO, Lília (2012a) – Intervenção de arqueologia preventiva. Largo da Penaventosa, 17-27 (…) Sé, Porto. Relatório final. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Largo da), 23-27**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV25.02**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613148°	Y:	41.142826°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	11/11/2002	Fim	06/01/2003
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	Meados/2.ª met. séc. I
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	24,5	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Lídia Lopes; Sandra Carla Pais Barbosa; Susana Guimarães	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Projetando-se a reabilitação do imóvel, em avançado estado de degradação, o Gabinete de Arqueologia Urbana foi solicitado para proceder à respetiva pré-avaliação arqueológica, o que foi realizado pela escavação de duas sondagens, que totalizaram uma superfície de um pouco mais de 24 m2 (46% da área disponível da parcela).

A sondagem 2, localizada junto à fachada do edifício, não proporcionou estruturas ou materiais relevantes de época antiga. A sondagem 1 (17,75 m2), pelo contrário, evidenciou importantes testemunhos da fase «castrejo-romana» de ocupação do local, nomeadamente um tramo de muralha, sobre o qual assenta a parede tardoz do imóvel. O muro, com orientação NE./SO., exibia cerca de 2 metros de extensão e uma espessura máxima entre 1,60 e 1,85 metros, considerando a sapata de fundação (não foi possível observar a face externa, situada sob a parede da casa), conservando-se o seu alçado interno em 1,10 metros. Do ponto de vista arquitectónico, ressalta a circunstância da muralha possuir, se assim pode dizer-se, dois alinhamentos internos, sendo o mais largo e inferior cronologicamente posterior ao tramo principal. Isto poderá ter resultado, segundo os responsáveis pela escavação, de diferentes fases construtivas, reforços estruturais, ou significar mesmo um escalonamento interno dos muros da cerca defensiva.

Pelos materiais associados a esta estrutura monumental, apesar de parcos, propôs-se datar a sua construção de meados ou da 2ª metade do século I da nossa era.

A Nascente, na mesma sondagem mas sem ligação estratigráfica à muralha, encontraram-se outras estruturas da mesma época, representadas por restos de uma construção de traçado curvilíneo, muito desmantelada, e um buraco de poste (SILVA et al, 2003; SILVA, 2011: 47).

Espólio

O espólio arqueológico romano integra cerâmica comum e de construção, três fragmentos de terra sigillata, ânfora (40 fragmentos), cinzenta fina, um vidro, etc., numa proporção de 3,5% do total de recolhas da intervenção (os materiais sidéricos, perto de uma centena de fragmentos, representam apenas 1,1%).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; LOPES, Lídia; GUIMARÃES, Susana; BARBOSA, Sandra C. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2003) – Largo de Penaventosa, 25. Porto. Relatório final das sondagens de avaliação arqueológica. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 255, n.º 71

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Largo da), 23-27**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV25.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613148°	Y:	41.142826°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	24/02/2012	Fim	28/03/2012
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	5,85	Interv. local	**2**
Resp.	Gina Dias; Lília Basílio; Ricardo Santos; Susana Nunes	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

Nesta parcela, já intervencionada pelo GAU/CMP em 2002 (PNV25.02), como medida prévia à reabilitação do imóvel (que acabou por não se concretizar), foram escavadas em 2012 outras duas sondagens, totalizando apenas 5,9 m2.

Identificaram-se apenas estruturas relacionadas com o edificado actual (fundações de paredes, canalizações, degraus internos e pisos) que não recuam além do séc. XIX, segundo os dados do relatório (NUNES; DIAS; BASÍLIO, 2012: 39-43), não tendo sido, sequer, registado qualquer espólio de época romana ou pré-romana, salvo um fragmento de pança de ânfora com arranque de asa, datado dos sécs. I-II (Idem: peça 571 do inventº espólio e fig. 28).

Segundo as AA. do relatório (Idem), os níveis de ocupação mais antigos detectados nas quatro sondagens datarão da Idade Média, época que consideram assim a fase I de ocupação do sítio, resultados que não deixam de surpreender face aos obtidos nas sondagens anteriores.

Espólio

O total de itens cerâmicos da intervenção foi de 958 exemplares, incluindo 752 de material cerâmico de construção não recolhido. De mais antigo, regista-se apenas um fragmento de ânfora alto-imperial (NUNES; DIAS; BASÍLIO 2012).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

NUNES, Susana; DIAS, Gina; BASÍLIO, Lília (2012a) – Intervenção de arqueologia preventiva. Largo da Penaventosa, 17-27 (…) Sé, Porto. Relatório final. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Rua da), 25-27**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV27.03**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613100°	Y:	41.142852°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	19/02/2003	Fim	21/03/2003
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	2ª met. sé. I - sécs. III-IV
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	7,5	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Lídia Lopes; Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Sandra Carla Pais Barbosa; Susana Guimarães	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Nos começos do presente século, esta parcela integrou um lote de edifícios objeto de avaliação arqueológica prévia à sua reabilitação arquitetónica (a qual, todavia, tardaria ainda uma década), trabalhos de que se encarregou o Gabinete de Arqueologia Urbana do Município.

A única sondagem, implantada junto às paredes norte e oeste do imóvel, abrangeu uma superfície de 7,5 m2, o que, dadas as dimensões do lote, representou 25% da área disponível.

Desta intervenção, destaca-se como resultado principal a identificação de níveis de ocupação romana, nos quais se insere um tramo de muralha antiga, servindo de alicerce à parede posterior do imóvel, voltada para a Rua da Bainharia, a cota substancialmente mais baixa.

Trata-se de um paramento de orientação NE./SO., com cerca de 2,30 metros de extensão e uma espessura máxima de 1,30 metros (não foi possível observar a face externa, pela razão apontada). O seu alçado, que atinge os 1,75 metros de altura, revela o que parece corresponder a duas fases construtivas, discerníveis quer pelo aparelho, quer até por divergências sensíveis na orientação dos muros. Estas observações, relacionadas com a análise do espólio, apesar de escasso, permitiram aos responsáveis pela intervenção propor uma cronologia entre a 2ª metade do séc. I e a 1ª metade do séc. II para a primeira fase da muralha (coincidindo com as interpretações feitas para PNV21.02 e PNV25.02), podendo datar-se a segunda fase talvez dos séculos III-IV, aspetos que discutimos no corpo da dissertação (Alicerces… 2003; SILVA et al., 2008; SILVA, 2011: 47).

Espólio

O espólio arqueológico romano integra cerâmica comum e de construção (esta em grande quantidade), alguns fragmentos de terra sigillata, um vidro, etc. Globalmente, os materiais romanos representam (sem contar a telha) c. de 12% do espólio total da intervenção, sendo residuais as cerâmicas castrejas (2,8%) (SILVA et al., 2008, Quadro II).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. Silva; RIBEIRO, Manuela C. S.; BARBOSA, Sandra C. P.; LOPES, Lídia; GUIMARÃES, Susana (2008) – Rua da Penaventosa, 27 (Freguesia da Sé, Porto). Relatório fInal da sondagem de avaliação arqueológica. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

Alicerces da muralha romana descobertos na Penaventosa (2003). Portvs. Boletim de Arqueologia Portuense. 4 (Jun. 2003). Porto, p. 4-5

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 74

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Rua da), 25-27**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV27.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613100°	Y:	41.142852°	SRC	WGS84
Altit.	54	Inicio	09/02/2012	Fim	23/10/2012
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados		Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8,5	Interv. local	**2**
Resp.	Gina Dias; Lília Basílio; Ricardo Santos; Susana Nunes	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

A sondagem realizada pelo GAU/CMP nesta parcela da Rua da Penaventosa, no ano de 2003, que proporcionou a identificação de um tramo de muralha romana (PNV27.03), teve continuidade em 2012, altura em que no mesmo imóvel se executou finalmente o projeto de reabilitação do prédio.

Desta vez foram escavadas duas sondagens um pouco menores, totalizando 8,5 m2, encostadas à parede Oeste do imóvel e confinantes com a sondagem feita na primeira fase (NUNES; DIAS; BASÍLIO 2012). Curiosamente, não obstante a superfície intervencionada ser similar à de 2003 (c. de 7,5 m2) e parecidos também os volumes de sedimentos exumados (c. de 9,6 m3 em 2003; 8,1 m3 em 2012), não só as novas escavações proporcionaram apenas estruturas das épocas contemporânea e moderna, como também não foi registado qualquer espólio romano ou pré-romano.

Aliás, é flagrante a diferença no volume de recolhas artefactuais entre os trabalhos de 2003 e 2012: enquanto nos trabalhos do GAU se exumaram 3367 fragmentos cerâmicos (1911 Cerâmica Doméstica, 1456 Material Cerâmico de Construção), sendo castrejo-romanos 43,6% de todos os items identificados (com distribuição mais ou menos regular ao longo da sequência estratigráfica); a intervenção mais recente colheu apenas 143 (117 CD, 26 MCC), sem olaria antiga identificada, para além de espólio numismático e de outra natureza evidentemente moderno e contemporâneo. Tudo indica, deste modo, que a continuada ocupação do local, aparentemente com obras de vulto nos séculos XVIII ou XIX, terá eliminado a sedimentação primitiva e porventura nivelado até o substrato geológico, conservando-se apenas depósitos antigos no extremo setentrional da parcela, onde o alinhamento das muralhas romana e medieval, sobrepostas, serviram de elemento de contenção.

Espólio

Não se encontra registado qualquer item romano ou anterior.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

NUNES, Susana; DIAS, Gina; BASÍLIO, Lília (2012b) – Intervenção de arqueologia preventiva. Rua da Penaventosa, 25 a 27 (…) Sé, Porto. Relatório final. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Apesar de nesta intervenção não terem ocorrido estruturas ou espólio romano ou anterior, executámos a ficha pelo facto de registar uma nova intervenção em local onde vestígios daquela natureza tinham já sido inventariados em 2003 (PNV27.03).

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Rua da), 39-43**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV39.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612961°	Y:	41.142955°	SRC	WGS84
Altit.	58	Inicio	30/05/1998	Fim	13/11/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império	Datação precisa	Séc. I (?)
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	26	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Como não era incomum, à época, esta intervenção teve carácter de emergência, após afetação negativa de obras de construção civil realizadas sem pré-avaliação ou acompanhamento arqueológico. Com efeito, aqui, como em outras casas da Penaventosa, os níveis de ocupação de época romana apareceram imediatamente por debaixo do piso de cimento contemporâneo.

As escavações permitiram identificar diversas estruturas datáveis do período da ocupação romana, se bem que bastante truncadas, como um espesso e duro pavimento de argamassa, revestido a seixos de rio e delimitado por um murete de pedras igualmente argamassadas, que parecia constituir a base de um tanque; dois alinhamentos de muros castrejo-romanos, parcialmente sobrepostos, estando o muro inferior associado a um buraco de poste rasgado no saibro basal; e ainda uma profunda vala para eventual escoamento de águas.

Entre estas evidências, destacava-se o alicerce de um muro relativamente largo, de aparelho um pouco irregular mas com tendência para a isodomia, exposto em cerca de três metros de extensão e com orientação NE./SO., sobre o qual assentava a parede tardoz do edifício moderno.

Pelos materiais arqueológicos associados, este tramo de muro - certamente relacionado com a cerca defensiva do povoado - poderá datar-se, com a devida prudência, do século I da nossa era (SILVA 1998c; SILVA; BARBOSA 1998; SILVA, 2011).

Espólio

Além de significativa quantidade de restos de olaria castreja, apareceu igualmente espólio de época romana, bastante diversificado, incluindo cerâmica comum e de construção, terra sigillata, cerâmica cinzenta fina, de paredes finas, ânfora, etc., materiais que não se encontram ainda estudados, parecendo globalmente poder classificar-se entre os finais do século I a.C. e o século I da nossa era.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (1998c) - Intervenção Arqueológica de Emergência na Rua da Penaventosa, 39-43. Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra C. P. (1998) – Conclusão da Intervenção arqueológica na Rua da Penaventosa, 39, 45 e 57 (Jun. – Set. 1998). Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (em prep.) – Escavações arqueológicas na Rua da Penaventosa, números 39 a 57, Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252, n.º 49

USC DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Rua da), 45-47**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV45.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612910°	Y:	41.142975°	SRC	WGS84
Altit.	60	Inicio	30/05/1998	Fim	13/11/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

A habitação fez parte de um conjunto de parcelas onde foram realizados trabalhos arqueológicos como medida preventiva, face à iminência de obras de reabilitação do imóvel.

Foram abertas apenas duas sondagens de escavação, totalizando uma superfície de 12 metros quadrados. Entre as estruturas arroladas regista-se, na sondagem A, o cunhal, arredondado, de uma construção de época romana, com bom espólio associado, aterrada no momento da edificação do prédio atual. Na outra sondagem, já em momento final da intervenção, localizou-se o alicerce de um muro relativamente largo, de que se via um pouco mais de um metro, de orientação sensivelmente NE./SO., com cerca de 2 metros de extensão e um alçado preservado na ordem dos 1,20 metros, estrutura impossível de datar de momento mas que nos parece poder articular-se com um tramo da muralha alto-imperial naquele ponto da encosta, como se discute no capítulo próprio da dissertação.

Espólio

Regista-se nesta intervenção abundante espólio castrejo e romano: tegula e imbrex, cerâmica comum romana e alguma castreja, ânfora, sigillata, alguns vidros, etc.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra C. P. (1998) – Conclusão da Intervenção arqueológica na Rua da Penaventosa, 39, 45 e 57 (Jun. – Set. 1998). Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (em prep.) – Escavações arqueológicas na Rua da Penaventosa, números 39 a 57, Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252, n.º 51

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa(Rua da), 49-51**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV51.97**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612860°	Y:	41.142989°	SRC	WGS84
Altit.	61	Inicio	14/01/1998	Fim	10/03/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	30	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Nesta parcela do centro histórico da cidade, foram iniciadas obras de reabilitação sem prévia notificação aos serviços de arqueologia do município, pelo que a primeira intervenção serviu como minimização do impacte negativo resultante de valas de obra com cerca de 8 metros quadrados, tendo-se, em consequência, procedido à escavação integral dos depósitos conservados.

Dos trabalhos resultou essencialmente a recolha de espólio arqueológico de época romana e da Idade do Ferro, uma vez que eventuais estruturas antigas achavam-se bastante destruídas por intervenções da Época Moderna e infraestruturas contemporâneas.

Todavia, uma sondagem num logradouro posterior permitiu observar depósitos homogéneos de cronologia romana e restos de uma estrutura, igualmente mal conservada, que pode relacionar-se com a muralha. Trata-se de uma sapata composta por pedras de grande e médio calibre, argamassadas com um ligante amarelado, relativamente larga, de orientação NE./SO., com cerca de 1,80 metros de extensão visível por 1,4 metros de espessura e um alçado próximo dos 0,60 metros. Sugerimos para estes contextos uma cronologia essencialmente dos finais da Idade do Ferro e Alto Império, embora ocorram também artefactos tardo-romanos (SILVA, 2011: 46).

Espólio

O espólio, que se encontra ainda em caracterização, corresponde sobretudo aos finais da Idade do Ferro e Alto Império, embora ocorram também materiais mais tardios.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (em prep.) – Escavações arqueológicas na Rua da Penaventosa, números 39 a 57, Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252, n.º48

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Penaventosa (Rua da), 53-57**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**PNV57.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612802°	Y:	41.143000°	SRC	WGS84
Altit.	63	Inicio	09/01/1998	Fim	02/07/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos tiveram carácter preventivo e de diagnóstico, face a um projeto de reabilitação do imóvel.

Numa pequena sondagem, implantada num anexo da habitação, detetou-se um troço de um pátio lajeado, moderno, de acesso a outros prédios, aterrado pouco antes da construção desse anexo. Levantado o mesmo lajeado, apareceu um entulhamento de grandes blocos, que não pôde ser retirado por razões de segurança.

Os depósitos associados apresentavam espólio romano, de cronologia variável, e também da Idade do Ferro.

A possibilidade de localização da muralha romana, ou de outras estruturas antigas neste ponto, ficou, assim, reduzida pela dificuldade de alargamento da área da sondagem.

Espólio

Ocorreram na intervenção cerâmicas castrejas e romanas, em volume pouco significativo, que não se encontram estudadas.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra C. P. (1998) – Conclusão da Intervenção arqueológica na Rua da Penaventosa, 39, 45 e 57 (Jun. – Set. 1998). Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (em prep.) – Escavações arqueológicas na Rua da Penaventosa, números 39 a 57, Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252, n.º 50

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Priorado (Largo do), 20**	Sítio	Cedofeita	Acrón.	**PRD20.11**
Concelho	Porto	Freguesias	Cedofeita	Lugar	Cedofeita
X:	-8.621131°	Y:	41.156099°	SRC	WGS84
Altit.	80	Inicio	29/05/2011	Fim	11/06/2011
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; João Miguel Matos Soares	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

A avaliação do potencial arqueológico da parcela, antecedendo obras de reabilitação, fez-se através da escavação de duas sondagens, cobrindo uma superfície total de 8 metros quadrados. Não foram observadas evidências estruturais ou artefactos de particular interesse, mas entre o espólio, aliás pouco abundante, ocorreu um fragmento de tegula (ALMEIDA; SOARES, 1012a: 5).

Espólio

Das sondagens resultaram 184 fragmentos cerâmicos, incluindo «1 fragmento muito erosionado de uma tegula» (ALMEIDA; SOARES, 2012a: 5).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2012a) – Relatório final. Sondagens Arqueológicas. Largo do Priorado, nº 20 – Porto – 2011. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Priorado (Largo do), 94-100**	Sítio	Cedofeita	Acrón.	**PRD94.19**		
Concelho	Porto	Freguesias	Cedofeita	Lugar	Cedofeita		
X:	-8.622097°	Y:	41.156092°	SRC	WGS84	Altit.	80
Inicio	04/09/2019	Fim	11/09/2019				
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	24	Interv. local	**1**		
Resp.	Hernâni Lamego; João Silva; Martinha Serras; Nuno Gomes	Entidade	Civitas Arqueologia				

Desc.

A avaliação prévia arqueológica do imóvel foi realizada através da escavação de seis sondagens, totalizando 24 m2. Não foram encontradas evidências arqueológicas relevantes, verificando-se, até, que a construção oitocentista terá sido, provavelmente, a primeira ocupação significativa do local, dada a escassa antropização dos depósitos escavados (LAMEGO et al., 2019: 9). Porém, na sondagem 3, identificaram-se, descontextualizados, alguns fragmentos de tegulae (Idem, p. 7).

Espólio

Referência a fragmentos de tegula (LAMEGO et al., 2019: 7).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

LAMEGO, Hernâni; GOMES, Nuno; SILVA, João; SERRAS, Martinha (2019) - Largo do Priorado nº. 94 a 100, Porto. Nota Técnica. Porto: Civitas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Praça da)**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**PRI.80**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.612972°	Y:	41.140815°	SRC	WGS (localização aproximada)
Altit.	5	Inicio	01/01/1980	Fim	31/12/1980
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	144	Interv. local	**1**
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva	Entidade	Universidade do Porto		

Desc.

Acompanhando outras observações arqueológicas, não sistemáticas, feitas nas imediações (cfr. fichas ACH07 a ACH13), foi executada uma sondagem na Praça da Ribeira, inaugurando a fase moderna da arqueologia urbana na cidade.

Entre achados de outras épocas, verificou-se, segundo os dados publicados, que a camada inferior da sondagem realizada era caracterizada por «terra argilosa amarelada compacta sobre o saibro com alguns fragmentos de cerâmica comum in situ de cronologia provável do Baixo Império» (SILVA 1980: 3; 1984: 74). Descontextualizados, terão aparecido ainda outros materiais, esparsos, de cronologia romana e até mesmo da Idade do Ferro (inf. pessoal A. C. Ferreira da Silva, que agradecemos).

Espólio

Materiais cerâmicos romanos e da Idade do Ferro, não discriminados.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

SILVA, Armando C. Ferreira da (1980) – Investigação arqueológica na área urbana Ribeira-Barredo (Porto) realizada em 1980. Porto: Faculdade de Letras Univ. Porto. Texto datilog.

SILVA, Armando C. Ferreira da (1984a) – Sondagem arqueológica na Praça da Ribeira. Arqueologia, 10, Porto, p. 72-75

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 248, n.º 18

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ponte Nova (Rua da), 50-54**	Sítio	Vitória	Acrón.	**PTN50.00**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.613302°	Y:	41.143774°	SRC	WGS84
Altit.	41	Inicio	11/07/2000	Fim	15/07/2000
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	10	Interv. local	**1**
Resp.	Maria João Neves; Miguel Almeida	Entidade	Dryas Arqueologia		

Desc.

Para a avaliação arqueológica do imóvel que antecedeu a execução de um projeto de reabilitação, foram abertas 3 sondagens, totalizando 10 m2. Entre outras evidências, a intervenção identificou um depósito de coluvião castanho onde se registou, numa primeira análise, uma «concentração importante de fragmentos de tegulae», melhor especificados como «numerosos fragmentos de cerâmica de construção de época romana, provavelmente tardia», «em nítida posição secundária» (ALMEIDA; NEVES 2000b:3-4).

No relatório final dos trabalhos caracterizou-se melhor este depósito de vertente, onde não se observaram quaisquer estruturas, em particular a UE3c, que forneceu «diversos fragmentos de tegulae romanas, 6 dos quais apresentando ainda parte da zona do rebordo, 2 fragmentos de imbrex e 6 fragmentos de cerâmica doméstica» (ALMEIDA; NEVES 2002:11).

A recolha de materiais romanos, ainda que em posição secundária, como o demonstra o elevado grau de fragmentação e rolamento, nestes depósitos, «claramente relacionados com a localização de uma antiga linha de água afluente da Ribeira da Vila, hoje encanada sob a Rua Mouzinho da Silveira», assume «particular relevância científica, por até à data não serem conhecidas quaisquer ocupações romanas nesta vertente, ao contrário do que acontece com a vertente oposta, o morro da Sé» (ALMEIDA; NEVES 2002:13).

Espólio

Cerâmica comum romana e fragmentos de tegula, em depósitos de coluvião (ALMEIDA; NEVES 2000d; 2002).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2000d) – Relatório preliminar de avaliação. Intervenção arqueológica de emergência na Rua da Ponte Nova, 50-54 (Porto). Coimbra: Dryas Arqueologia, s.d. [2000]. Texto datilog.

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2002) – Intervenção arqueológica de emergência. Rua da Ponte Nova, nº 50 e 54 (S. Nicolau, Porto, Porto). Relatório final. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 56

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Largo do Colégio (Quarteirão do)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**QLC.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613006°	Y:	41.142546°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	52	Inicio	01/01/1998	Fim	31/12/1998
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Joel Cleto	Entidade	Serviço liberal		

Desc. A avaliação arqueológica preliminar de diversos projetos municipais de reabilitação arquitetónica e urbanística foi, na década de 1990, adjudicada a diversas empresas e arqueólogos liberais. Nesse enquadramento, foram realizados em 1998 trabalhos arqueológicos, envolvendo sondagens, neste quarteirão do Bairro da Sé.

Espólio Recentemente, foi incorporado espólio desta intervenção no serviço municipal de arqueologia da C. M. Porto, incluindo materiais cerâmicos romanos e castrejos, que ainda não puderam ser caracterizados.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs. SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251-252, n.º 47

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Cais da), 14-16**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**RCR14.00**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.610741°	Y:	41.140859°	SRC	WGS84
Altit.	4	Inicio	05/02/2000	Fim	21/06/2000
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	18	Interv. local	**1**
Resp.	Anabela Pereira de Sá; Iva Teles Botelho	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

A reabilitação de um edifício na zona da Ribeira foi precedida de trabalhos arqueológicos de avaliação, que não revelaram particulares estruturas antigas.

Todavia, entre o espólio reportado no respetivo relatório (BOTELHO; SÁ, 2000), regista-se a identificação de fragmentos de tegula (nas UE 610 e 612), bem como de uma possível lucerna (UE 307).

Trata-se, assim, de uma das ocorrências de materiais romanos da Vila Baixa situadas mais a nascente no centro histórico da cidade do Porto.

Espólio

Regista-se o achado de tegula e do fragmento de uma possível lucerna, não descrita nem classificada no relatório.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Desconhecida

Refs.

BOTELHO, Iva T.; SÁ, Anabela P. (s.d.) – Relatório preliminar dos trabalhos de avaliação do potencial arqueológico do edifício nº 14, 16 da Rua Cais da Ribeira. S.l.: Autores, s.d. [c. 2000]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 58

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Reboleira (Rua da), 52-62. Associação Social e Cultural de S. Nicolau**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**REB52.14**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	
X:	-8.615505°	Y:	41.140287°	SRC	WGS84
Altit.	14	Inicio	19/05/2014	Fim	08/08/2014
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Ana Rita Filipe; Miguel Rodrigues; Teresa Alves de Freitas	Entidade	Era Arqueologia		

Desc.

Precedendo a execução de um projeto de reabilitação do edifício, foi feita a devida pré-avaliação arqueológica. Assim, foram abertas três valas de sondagem, totalizando 12 m2, com profundidade escassa, variando entre 0,20 m (Sd. 1) e 0,85 metros. Todos os contextos identificados são de datação contemporânea, ocorrendo, porém, um fragmento de mó rotativa em granito.

Espólio

Não apareceu espólio arqueológico antigo, salvo um pequeno fragmento de dormente de mó circular, muito incaracterístico, ilustrado no relatório da intervenção nas figuras 17 e 18 (FILIPE; RODRIGUES; FREITAS, 2014: 17), podendo, genericamente, interpretar-se como de origem romana.

Estado espólio: Tratado

Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

FILIPE, Ana R.; RODRIGUES, Miguel; FREITAS, Teresa (2014) – Relatório final dos Trabalhos Arqueológicos (…) na Rua da Reboleira, 52-62, S. Nicolau, Porto. Sondagens de diagnóstico. Lisboa: Era, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Ribeira (Praça da), 17-18; Baixo (Rua de), 15**	Sítio	Vila Baixa	Acrón.	**RIB17.21**
Concelho	Porto	Freguesias	São Nicolau	Lugar	Ribeira
X:	-8.612858°	Y:	41.140896°	SRC	WGS84
Altit.	6	Inicio	01/05/2021	Fim	31/05/2021
Tipo	**Vicus**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	18	Interv. local	**1**
Resp.	Ricardo Erasun	Entidade	Arqueoges		

Desc.

O diagnóstico prévio à reabilitação do imóvel foi realizado através de duas sondagens, uma de 6 m2 (sondagem 1), na parte do imóvel com acesso pela Praça da Ribeira; e outra (sondagem 2), de 12 m2, no corpo do edifício voltado para a Rua de Baixo.

Na sondagem 2, detetaram-se apenas estruturas, aparentemente, de época moderna e contemporânea, tendo-se encontrado, no entanto, «um fragmento de "tegula", cuja pasta isenta de e.n.p. cerâmicos aponta para uma cronologia medieval» (ERASUN, 2021: 9).

Na sondagem 1, na base de um compartimento antigo, de abóboda em arco quebrado, identificaram-se dois tanques abertos no solo rochoso, preenchidos por aterros com materiais de época moderna e contemporânea. Um dos tanques, de planta quadrangular, media 0.79 x 0.80 m, com uma profundidade de 0.53m; o segundo, parcialmente destruído por uma obra subatual, de maior dimensão, com 1.18m de lado e 0.58m de profundidade (ERASUN, 2021: 7).

Embora o relatório preliminar (ERASUN, 2021) não o mencione, o arqueólogo responsável considera que a possibilidade dos tanques poderem corresponder a cetárias não será descabida, aguardando-se que o posterior acompanhamento da obra possa acrescentar algum esclarecimento a esta hipótese.

Espólio

Para a época que nos interessa, regista-se apenas um fragmento de tegula.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

ERASUN CORTÉS, Ricardo (2021) – Praça da Ribeira, n.º 17, Porto. Relatório preliminar. Guimarães: Arqueoges. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Igreja de Cedofeita (Rua da), 11**	Sítio	Cedofeita	Acrón.	**RIC11.06**
Concelho	Porto	Freguesias	Cedofeita	Lugar	Cedofeita
X:	-8.620378°	Y:	41.155919°	SRC	WGS84
Altit.	82	Inicio	29/08/2006	Fim	04/09/2006
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Loureiro; Marta M. G. Piedade	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Para a avaliação prévia do potencial arqueológico do imóvel foram realizadas duas sondagens arqueológicas, cobrindo uma área de oito metros quadrados. Entre outros elementos, mais modernos, terão sido detetadas, segundo os responsáveis pela escavação, camadas de nivelamento antigas, consideradas como de cronologia medieval (PIEDADE; LOUREIRO, 2006: 2).Na UE 13 da sondagem 1, a cerca de 1,15 m de profundidade, verificou-se a presença de «espólio de época romana/medieval: cerâmica comum cinzenta, tegula» (Idem, 14), aparentemente em escassa quantidade.

Espólio

Referida a presença de tegula e «cerâmica comum cinzenta», sem maiores detalhes.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PIEDADE, Marta G.; LOUREIRO, Carlos F. (2006) – Relatório Preliminar. Sondagens arqueológicas. Rua da Igreja de Cedofeita, nº 11. Porto. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda.. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 82

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Campo do Rou (Rua do) , 9; e Flora (Rua da)**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**ROU9.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Campo do Rou
X:	-8.630855°	Y:	41.147196°	SRC	WGS84
Altit.	18	Inicio	19/07/2017	Fim	25/07/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Edite Martins de Sá; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

No local foram abertas duas sondagens de diagnóstico, como avaliação prévia a um projeto imobiliário. A Sondagem 1 (2 x 1 metros), voltada ao Campo do Rou (nascente), e a Sondagem 2 (3 x 2 metros), localizada num compartimento voltado à Rua da Flora (poente) e a uma cota significativamente inferior, dada a pendente da encosta.

Os depósitos e estruturas superiores são datáveis da Idade Média e das épocas moderna e contemporânea.

Na Sondagem 1, o último depósito arqueológico (UE 114), situado entre um enrocamento potente (preparação de um piso) e a rocha de base, foi descrito como um «sedimento de coloração cinzento-escuro e com leves tons acastanhados, pouco compacto, areno-limoso e com granulometria média. Contém algumas inclusões de nódulos esbranquiçados de areia e saibro, bem como pedras de pequeno porte. Trata-se de um nível preservado de cronologia romana» (SÁ; SOARES, 2017, p. 8-9 e fotografia 4). Este depósito foi apenas escavado numa superfície de 1 m2 e não revelou vestígios de estruturas.

Espólio

Na pequena sondagem de um metro quadrado subdividida da Sondagem 1, «foi exumada uma quantidade considerável de espólio que atesta a cronologia deste depósito (fragmentos de ânforas, cerâmica comum, cinzentas finas, produções locais, imitações de sigillatas, um possível fragmento de almofariz, etc.)» (SÁ; SOARES, 2017: 17). Espólio não ilustrado no relatório.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SÁ, Edite Martins; SOARES, Sofia Pinho (2017) - Sondagens arqueológicas no Campo do Rou, 9 e Rua da Flora, Massarelos, Porto. Nota técnica. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Bainharia (Rua da), frente ao 139. Sond. 1 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-1**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612176°	Y:	41.143353°	SRC	WGS84
Altit.	51	Inicio	14/05/1996	Fim	19/06/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	4,5	Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

No âmbito dos trabalhos de requalificação de infraestruturas da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS) foram executadas diversas sondagens de avaliação prévia em arruamentos daquela área, separadas em termos de registo pelo facto de serem fisicamente descontínuas e terem, igualmente, proporcionado resultados distintos.

Numa pequena sondagem feita na Rua da Bainharia, identificaram-se vestígios de um nível de ocupação da época romana, já bastante residual, que proporcionou espólio cerâmico escasso e relativamente incaracterístico.

Espólio

Cerâmica comum de feição romana, algo incaracterística.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 34

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 13 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-13**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611597°	Y:	41.143164°	SRC	WGS84
Altit.	64	Inicio	16/10/1996	Fim	13/12/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	5,9	Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

No âmbito dos trabalhos de requalificação de infraestruturas da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS) foram executadas diversas sondagens de avaliação prévia em arruamentos daquela área, separadas em termos de registo pelo facto de serem fisicamente descontínuas e terem, igualmente, proporcionado resultados distintos.

Numa das sondagens feitas na Rua de São Sebastião, junto à antiga Casa da Câmara medieval, com uma área de cerca de seis metros quadrados, registou a arqueóloga responsável «a presença de uma vestigial camada de ocupação antiga com cerâmica de época romana» (RIBEIRO 1999: 32).

Espólio

Cerâmica romana, escassa e pouco característica.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 37

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Dr. Pedro Vitorino (Largo do). Sond. 14 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-14**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé		
X:	-8.612389°	Y:	41.142431°	SRC	WGS84	Altit.	70
Inicio	31/10/1996	Fim	15/11/1996				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	5,8	Interv. local	**1**		
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto				

Desc.

No âmbito dos trabalhos de requalificação de infraestruturas da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS) foram executadas diversas sondagens de avaliação prévia em arruamentos daquela área, separadas em termos de registo pelo facto de serem fisicamente descontínuas e terem, igualmente, proporcionado resultados distintos.

Foi localizado nesta sondagem - de apenas 6 metros quadrados - um fino depósito com esparsos materiais romanos, que cobria os restos de uma estrutura composta pela primeira fiada de dois muros, sensivelmente perpendiculares, assentes no afloramento granítico. Associado a esta estrutura encontrou-se um empedrado de médio calibre, delimitado por um alinhamento de pedras maiores. Entre a argamassa que ligava o empedrado identificaram-se fragmentos de tegula (RIBEIRO 1999: 34).

Espólio

Cerâmica comum romana, algo incaracterística, e fragmentos de tégula.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 38

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de), frente ao nº 45-50. Sond. 15 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-15**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612167°	Y:	41.142946°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	14/11/1996	Fim	12/08/1997
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. IV-V
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	22,2	Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

A intervenção neste local resultou da deteção de materiais arqueológicos numa vala de infraestruturas, aberta inadvertidamente, o que levou a que fosse enquadrada nos trabalhos de requalificação da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS), projeto municipal então em desenvolvimento.

Na escavação, que abrangeu uma área de 22 metros quadrados, apareceram estruturas de época romana, com diferentes alinhamentos e revelando fases construtivas diversas. Destaca-se, em particular, «um pequeno compartimento de planta rectangular, com cerca de 2,80 por 2,10 metros, de que se conservaram três dos muros ainda com várias fiadas de pedras, com um alçado máximo de cerca de 0,80 metros» (RIBEIRO, 1999: 37-38). Este compartimento apresentava, internamente, a base revestida por uma camada de terra argilosa, «bordejada por blocos de pedra miúda e pedaços de tegula» (Ibidem), com claras funções de impermeabilização, criando-se assim um receptáculo que escoava, aparentemente, através de um pequeno vão existente na parede Este da construção, estrutura que deverá ter tido utilização para fins sanitários ou industriais (RIBEIRO, 1999; 2002: 29).

Para além de outros alinhamentos de muros (devendo um deles dar continuidade a um alinhamento detetado no interior da casa nº 45-50, objeto da intervenção SEB55.95), observaram-se ainda pisos em terra pisada e diversos buracos de poste.

Espólio

O espólio arqueológico deste horizonte, muito abundante, inclui cerâmicas, um numisma do século IV e vidros de datação similar (com realce para uma taça bastante completa), parecendo apontar, globalmente, para uma ocupação do Baixo Império/Antiguidade Tardia. Em níveis mais fundos identificaram-se ainda cerâmicas da Idade do Ferro (RIBEIRO 1999: 37-38).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250-251, n.º 39

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Escura (Rua). Sond. 5 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-5**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611331°	Y:	41.143289°	SRC	WGS84
Altit.	60	Inicio	17/07/1996	Fim	13/08/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	2,4	Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

No âmbito dos trabalhos de requalificação de infraestruturas da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS) foram executadas diversas sondagens de avaliação prévia em arruamentos daquela área, separadas em termos de registo pelo facto de serem fisicamente descontínuas e terem, igualmente, proporcionado resultados distintos.

A pequena dimensão da sondagem aqui efetuada não permitiu mais clara compreensão dos contextos detetados, que incluíam um nível de derrube, com materiais cerâmicos romanos, sobre outros depósitos de idêntica cronologia e um empedrado feito com pedra miúda, talvez de pavimento.

Espólio

Alguns fragmentos de material de construção, dois pesos de tear e cerâmica comum romana, dando a impressão de ser tardia.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 35

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de), frente à Casa da Câmara. Sond. 9 Ruas da Sé. Projeto PPUBS**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**RS.96-9**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611832°	Y:	41.143063°	SRC	WGS84
Altit.	67	Inicio	09/09/1996	Fim	18/09/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	3,4	Interv. local	**1**
Resp.	Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto		

Desc.

No âmbito dos trabalhos de requalificação de infraestruturas da via pública do Projeto Piloto Urbano do Bairro da Sé (PPUBS) foram executadas diversas sondagens de avaliação prévia em arruamentos daquela área, separadas em termos de registo pelo facto de serem fisicamente descontínuas e terem, igualmente, proporcionado resultados distintos.

Na pequena sondagem aqui realizada pôde apenas observar-se a presença de «derrubes de pedras de pequena e média dimensão associados a cerâmica romana» (RIBEIRO 1999:23), não tendo sido possível determinar-se a origem ou natureza de tais contextos.

Espólio

Cerâmica romana comum e de construção, de difícil datação.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – Obras de recuperação urbana no Bairro da Sé (Porto). 2ª e 3ª fases de arruamentos (PPUBS-CMP). Relatório dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. Porto: s.e. [Câmara Municipal]. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S. (2002) – Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação urbana nas Ruas do Bairro da Sé (Porto). Metodologia e resultados preliminares. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) - 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). Actas. Almada: Museu Municipal, p. 23-35

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 36

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Restauração (Rua da), 105-117 e Entre Quintas (Rua de), 7-11**	Sítio	Campo do Rou/Cristelo	Acrón.	**RST105.18**
Concelho	Porto	Freguesias	Massarelos	Lugar	Entrequintas
X:	-8.629245°	Y:	41.146420°	SRC	WGS84
Altit.	25	Inicio	01/01/2018	Fim	31/12/2021
Tipo	**Forno; Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Alta Idade Média; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**
Resp.	Gil Vilarinho; Mário Gonçalves; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc. A intervenção arqueológica, iniciada em 2018 como avaliação prévia de um projeto imobiliário, encontra-se ainda em curso. Dos trabalhos da primeira fase (3 sondagens, 12 metros quadrados) não há qualquer referência a achados de cronologia mais antiga (SOARES; VILARINHO, 2018), mas uma segunda fase, de alargamento de sondagens, proporcionou a identificação de uma estrutura de combustão - aparentemente um forno - tendo-se igualmente encontrado na área fragmentos de cerâmicas, provisoriamente classificados como «medievais» e diversos fragmentos de tegula, que os responsáveis sugerem possa também ser de cronologia alto medieval (inf. pessoal de Mário Gonçalves, corresponsável pelos trabalhos).

Espólio Diversos fragmentos de tégula.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs. SOARES, Sofia Pinho; VILARINHO, Gil (2018) – Sondagens arqueológicas na Rua da Restauração, 105-107, 111-117, e Rua de Entre-Quintas, 7-11. Massarelos, Porto. Nota Técnica. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ. Observámos diretamente a área do forno. Acerca dos materiais, agradecemos a informação pessoal de Mário Gonçalves, co-responsável pelos trabalhos.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Senhor da Boa Morte (Rua do), 59-61**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**SBM59.18**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Santa Catarina
X:	-8.649439°	Y:	41.148670°	SRC	WGS84
Altit.	13	Inicio	01/05/2018	Fim	31/12/2018
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Henriqueta Cepeda; João Silva; Mariana Fafiães	Entidade	AFA - Artur Fontinha		

Desc.

As visitas a uma obra de construção civil, que, por lapso administrativo, não havia sido condicionada arqueologicamente, permitiram a uma arqueóloga do serviço municipal de arqueologia detetar materiais antigos, num talude de desaterro, o que deu origem a uma pequena intervenção com acompanhamento de obra e sondagens.

Para além dos materiais recolhidos nas visitas iniciais à obra, descritos abaixo, do acompanhamento e sondagens resultaram, como eventuais elementos antigos, «alguns possíveis artefactos líticos (um fragmento de sílex (?), um seixo lascado e um peso de rede)» (SILVA; FAFIÃES; CEPEDA, 2019: 13).

Espólio

Os materiais recolhidos compreendem alguns fragmentos cerâmicos de cronologia romana e pré-romana, bem como um pequeno machado em pedra polida.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SILVA, João; FAFIÃES, Mariana; CEPEDA, Henriqueta (2019) - Alteração de edifício sito na Rua do Senhor da Boa Morte, n.º 59, Lordelo do Ouro. Sondagens Arqueológicas; Acompanhamento Arqueológico de Obra. Relatório Final. Maia: AFA Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Os dados relativos às visitas à obra devem-se a informação pessoal de Manuela C. S. Ribeiro, arqueóloga do serviço municipal de arqueologia, que agradecemos.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Almeida Garrett (Praça de); Loureiro (Rua do) (extremo poente)**	Sítio	Cividade	Acrón.	**SBT.01-05**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	
X:	-8.610896°	Y:	41.145552°	SRC	WGS84 (ponto convencional)
Altit.	53	Inicio	01/01/2001	Fim	31/12/2005
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**2**
Resp.	António Cheney; Iva Teles Botelho; Luís Filipe Coutinho Gomes; Susana Maria Rodrigues Cosme	Entidade	Metro do Porto; Archeo'Estudos; ArqueoHoje		

Desc.

Durante cerca de cinco anos decorreram trabalhos arqueológicos de avaliação prévia, através de escavação, acompanhamento arqueológico de obra e outras ações de minimização de impactes negativos relacionados com o desvio de redes de infraestruturas, do Rio de Vila e da própria construção da linha de Metro e da correspondente Estação de São Bento. Pontualizar espacialmente os achados ou entrar em análise estratigráfica excede o âmbito deste trabalho, dada a extensa superfície afetada e a própria complexidade da obra e da intervenção arqueológica. Optámos, desta forma, por cartografar dois pontos convencionais: um no extremo poente da Rua do Loureiro; outro em área mais central da Praça de Almeida Garrett.

Em relação às observações arqueológicas sobre eventuais vestígios de ocupação humana durante a proto-história ou a romanização, os mesmos são bastante esparsos, resumidos, quando muito, a aparentes restos de níveis de circulação, pouco seguros; do mesmo modo, são escassos os materiais cerâmicos, ou de outra natureza, com aquelas cronologias.

Na confluência da Praça de Almeida Garrett com a Rua do Loureiro regista-se o aparecimento, na intervenção de 2002, de vários vidros, datados dos séculos IV-V, tégula, cossoiros, alguns fragmentos de ânfora e TSHT (muito rolados), cerâmica comum romana, etc. (COSME, 2003b; 2003a: 36-37, 59-64, com fotos). Na mesma área e em zonas mais para norte, outros relatórios registam material similar, nomeadamente vidro romano tardio (BOTELHO; CHENEY, 2006: 57) e cerâmicas diversas, tanto romanas como da Idade do Ferro. Como conclusão destas recolhas e observações, entendeu-se que o primeiro grande momento de antropização do local, com

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Os diversos relatórios citados mencionam e ilustram, em muitos casos, os materiais arqueológicos acima referidos. Todavia, não encontrámos descrição explícita dos artefactos mais antigos (remontando ao século VIII a.C.) igualmente indicados.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Metro do Porto

Refs.

COSME, Susana M. R. (2003a) – Intervenção Arqueológica na Rua do Loureiro e Praça Almeida Garrett (Porto). Fase 3 – MP-SBT.03.02. Fase 4 – MP-SBT.04.02. Relatório final. Porto: Archeo'Estudos. Texto datilog.

COSME, Susana M. R. (2003b) – Intervenção Arqueológica na Rua do Loureiro e Praça Almeida Garrett (Porto). Fase 3 – MP-SBT.03.02 e Fase 4 – MP-SBT.04.02. Resumo não técnico. Porto: Archeo'Estudos. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T.; CHENEY, António (2006) – Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT07-05. Acompanhamento e Escavação Arqueológica na Rua do Loureiro de Minimização dos Desvios de Redes (Santo Ildefonso, Porto). Relatório Preliminar. MP-569751/06. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T. (2007) – Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de São Bento). MP-SBT07.05. Acompanhamento e escavação arqueológica na Rua do Loureiro de minimização dos desvios de rede (Santo Ildefonso, Porto). Relatório final. M1-LS-0109-PT-RT-AOH-SBT701-01. Setembro de 2007. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.
(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Rigorosamente, não deveriam talvez ser afetos à «Cividade» os materiais arqueológicos que ocorreram em áreas

(CONTINUA NO VERSO)

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

reflexos edilícios, terá decorrido da construção do Mosteiro de São Bento da Avé-Maria, em 1518, obra que poderá ter destruído depósitos com vestígios anteriores. Nesta linha, os «parcos vestígios cerâmicos datáveis desde o século VIII a.C. até V d.C. serão resultado de escorrimentos provenientes do Morro da Cividade» (BOTELHO; CHENEY, 2006: 70; BOTELHO, 2007: 7, 15; BOTELHO; GOMES, 2011; 2017).

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Iva T.; GOMES, Luís F. C. (2011) – Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT – Final. Trabalhos Arqueológicos na Praça de Almeida Garrett e na Rua do Loureiro – 2001-2005 (Santo Ildefonso, Porto). M1-LS-0109-PT-RT-AOH-SBT001-03. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T.; GOMES, Luís F. C. (2017) – Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT – Resumo Não Técnico. Trabalhos Arqueológicos na Praça de Almeida Garrett e na Rua do Loureiro – 2001-2005 (Santo Ildefonso, Porto). M1-LS-0109-PT- MD-AOH-SBT007-07. março de 2017. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 79

OBSERVAÇÕES

mais a norte, já longe do sopé daquela elevação, ou na margem direita do Rio de Vila. Porém, a escala a que trabalhamos não permite tal detalhe de análise, aliás de escassas consequências para a interpretação dos achados.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Senhor da Boa Morte (Rua do), 215A; Santa Catarina (Largo de), 1**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**SCT1.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Santa Catarina
X:	-8.651079°	Y:	41.149438°	SRC	WGS84
Altit.	41	Inicio	24/01/2017	Fim	28/12/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	20	Interv. local	**1**
Resp.	Rui Couto	Entidade	AFA - Artur Fontinha		

Desc.

A ESE. da capela de Santa Catarina, em plano imediatamente inferior à cota de 40 metros que define a plataforma culminante onde se ergue o templo, situa-se o imóvel que foi objeto de avaliação patrimonial prévia a uma nova construção.

Para o efeito foram abertas cinco sondagens arqueológicas, com uma superfície total de 20m2, que revelaram basicamente aterros de época contemporânea. Numa delas, todavia, a sondagem 1, apareceram materiais romanos, descritos no relatório como fragmentos de louça comum e de tégula, especialmente na UE 102, situada imediatamente sobre a rocha natural, embora tais materiais tenham surgido descontextualizados e misturados com objetos mais recentes (COUTO, 2019: 9, 13). Como o autor reconhece, este espólio, mesmo escasso, não deixa de indiciar ocupação antiga no local (Idem, p. 15).

Do acompanhamento arqueológico posterior não parecem ter surgido dados novos a este respeito.

Espólio

Sondagem 1: «Entre os materiais cerâmicos de cronologias recentes (moderna/contemporânea) detetaram-se alguns fragmentos que apontam para uma cronologia anterior, do período romano, assim como um par de fragmentos de tegulae, de igual período. Nesta sondagem, apesar de os depósitos identificados constituírem aterros, a presença de materiais de cronologia romana deixa aberta a possibilidade de eventual existência de vestígios arqueológicos preservados na área envolvente» (COUTO, 2017: 7; 2019: 9).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

COUTO, Rui (2017) – Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Execução de Sondagens Arqueológicas de Avaliação. (…) Nota técnica/Relatório Preliminar, 2017. Vila Nova de Gaia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

COUTO, Rui (2019) – Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Sondagens Arqueológicas Prévias. Acompanhamento Arqueológico de Obra. Relatório Final. Moreira da Maia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião(Rua de), 31-35**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SEB35.10**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé		
X:	-8.612468°	Y:	41.142828°	SRC	WGS84	Altit.	71
Inicio	29/11/2010	Fim	12/01/2011				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12	Interv. local	**1**		
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; Liliana dos Santos Delindro	Entidade	Mola Olivarum				

Desc.

Como diagnóstico prévio ao projeto de reabilitação do imóvel, para efeitos de salvaguarda arqueológica, foram abertas duas sondagens.

A vala 1 (4x2m) foi apenas escavada parcialmente, por causa de canalizações ativas; na vala 2, com 4 metros quadrados, o estrato 14 foi descrito em relatório preliminar como uma «camada de entulho (…) com alguns fragmentos de tegula» (ALMEIDA; DELINDRO, 2011: 6). Esta última sondagem foi interrompida no estrato 16, também devido a infiltrações de água.

Espólio

Segundo o relatório, com exceção de «poucos fragmentos de tegula», todo o espólio é moderno (ALMEIDA; DELINDRO, 2011: 7).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; DELINDRO, Liliana dos Santos (2011) – Relatório Preliminar. Rua de S. Sebastião, nº 35 – Porto – 2010. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de), 42-44 (antigo Aljube eclesiástico)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SEB42.96**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611740°	Y:	41.143305°	SRC	WGS84
Altit.	58	Inicio	01/01/1996	Fim	31/12/1997
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Joel Cleto	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

Como ação de diagnóstico arqueológico prévia a um projeto de reabilitação do imóvel, foram realizados em 1996 trabalhos de acompanhamento de obra e sondagens relativamente extensivas e de grande profundidade, do que decorreu a recolha de um volumoso espólio romano, incluindo cerâmica comum, sigillata, cinzentas finas, lucernas, ânforas e diversas moedas, aparentemente procedente de níveis de aterro e sem associação a qualquer estrutura (CLETO, 1997).

Embora os trabalhos não tenham sido publicados, têm vindo a ser conhecidos diversos estudos temáticos, designadamente sobre o material numismático romano, que inclui alguma moeda republicana (MENDES-PINTO 1999; 2004), e as ânforas (MORAIS; CARRERAS 2004; MORAIS 2013; 2018a), relevando-se, em especial, a enorme quantidade do tipo Halt. 70.

Esta área foi, entretanto, englobada num outro projeto arqueológico (entretanto interrompido), designado como Quarteirão da Bainharia (BAI.09).

Espólio

No que respeita aos materiais mais antigos, destacam-se grandes quantidades de material anfórico, cerâmica comum, sigillata, material cerâmico de construção, moedas, etc., ocorrendo também olaria castreja em significativo volume.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

CLETO, Joel A. C. (1997) – Relatório preliminar do acompanhamento arqueológico na Intervenção do "Edifício do Aljube" – Rua de S. Sebastião (Sé, Porto). S.l.: Matriz – Sociedade de Construções. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 40

MORAIS, Rui; CARRERAS, César (2004) – Geografia del consum de les Haltern 70. In VV.AA. - Culip VIII i les Àmfores Haltern 70 (Monografies del CASC, 5). Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 93-112

MORAIS, Rui (2013) – Durius e Lethes: dois percursos de um mesmo itinerário. Problemáticas em torno das ânforas Haltern 70. Portugalia. Nova Série. 34 (2013). Porto, p. 101-136

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto:

REFERÊNCIAS

MORAIS, Rui (2018a) – Douro, um rio aquém do esquecimento, In DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro (coord.) — Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade. Porto: CITCEM, p. 21-43. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8351-95-1/cons

MENDES-PINTO, José M. (1999) – Circulação monetária em torno a Cale no Baixo-Império. In CENTENO, Rui M. S. et al., coord. (1999) – Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, p. 401-13

MENDES-PINTO, José M. (2004) – Circulação monetária em torno a Cale nos finais da época romana. O Tripeiro. 7ª Série. 23 (11). Porto, p. 328-331

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Sebastião (Rua de), 45-50. «Casa Amarela»**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SEB55.95**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612271°	Y:	41.142919°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	01/01/1995	Fim	31/12/1996
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. I/II - III/IV
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	30	Interv. local	**1**
Resp.	Teresa Pires de Carvalho	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

Antecedendo os trabalhos de reabilitação do prédio para a instalação de um equipamento municipal de cariz social, foram feitos trabalhos arqueológicos de diagnóstico, que envolveram a escavação de várias sondagens no interior do imóvel, abrangendo uma superfície mínima de 30 m2.

Tais trabalhos proporcionaram o achado de, pelo menos, dois muros, angulares, pertencentes a construções romanas indefinidas, com espólio associado. O relatório disponível refere «um muro em cunhal, da época romana, provavelmente de um período tardio, do Baixo Império, que forneceu razoável material, sobretudo anfórico». Teresa P. Carvalho adianta ainda que «os materiais mais antigos (nomeadamente cerâmicas «castrejas» e romanas dos sécs. I e II) encontravam-se em níveis muito baixos, agrupados, perto do afloramento, o que parece apontar para o seu «varrimento» aquando da ocupação relacionada com o muro» (CARVALHO, 1996).

Espólio

Para além de espólio castrejo e do Alto Império, aparentemente em pequena quantidade, regista-se espólio do Baixo Império, designadamente de tipo anfórico.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Refs.

CARVALHO, Teresa P. (1996) – Escavação arqueológica na Rua de S. Sebastião nº 45-50. Relatório preliminar da segunda fase dos trabalhos. Porto. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 250, n.º 29

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Mouzinho da Silveira (Rua de), 208-214**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SIL.98**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612871°	Y:	41.143527°	SRC	WGS84
Altit.	40	Inicio	19/11/1998	Fim	30/09/1999
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	35	Interv. local	**1**
Resp.	Isabel Alexandra Lopes; Susana Maria Rodrigues Cosme	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

A avaliação arqueológica prévia precedeu, como é de norma legal, a implementação de um projeto de reabilitação da parcela. Realizaram-se várias sondagens, abrangendo uma superfície total de 35 metros quadrados.

Na Sondagem 2 da intervenção observou-se, à profundidade de 2,80 m, um último nível estratigráfico, sobre a rocha de base, «com terras vermelhas barrentas onde a maioria dos materiais são cerâmica comum atribuível ao período tardo-romano, sendo de salientar o aparecimento de alguns fragmentos de terra sigillata e de tegula» (COSME; LOPES 2000: 4.1. – Sond. 2), ocorrendo situação similar na Sondagem 4, com espólio igualmente atribuído à época tardo-romana. O elenco de materiais romanos engloba sigillatas, ânfora, comuns e cinzentas finas, aparecendo também algum espólio da Idade do Ferro. Como não foram detectadas «estruturas ou níveis de ocupação» associados a este espólio, as Autoras entenderam que «os materiais poderão possivelmente provir de escorrimentos» do morro da Penaventosa (Id.: 7.2. – Conclusões).

Espólio

O relatório descrimina, com algum pormenor, o espólio romano, identificando-se sigillata, maioritariamente hispânica (como Drag. 37), algumas ânforas (não classificadas), cerâmicas comuns, cinzentas finas, material de construção, e cerâmicas castrejas, manuais micáceas, que S. Cosme e I. Lopes atribuem a um momento intermédio da Idade do Ferro, «do séc. VII a.C. ao séc. V a.C., mas que podem chegar até ao séc. II a.C.» (COSME; LOPES 2000: Espólio - As Cerâmicas Castrejas).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

COSME, Susana M. R; LOPES, Isabel A. (2000) – Relatório final da Intervenção arqueológica. Rua Mouzinho da Silveira, nº 208-214. Porto: Ed. AA. Texto datilog. (não paginado)

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 253, n.º 53

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sant'Ana (Rua de); Colégio (Largo do), 9-12**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SNT12.98 / LGC12.04**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613091°	Y:	41.142321°	SRC	WGS84
Altit.	49	Inicio	01/09/1998	Fim	15/03/2004
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Sécs. I - IV/V
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	56	Interv. local	**1-2**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Joel Cleto; José Manuel Varela; Leonor Sousa Pereira; Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana; Serviço liberal		

Desc.

A intervenção arqueológica foi motivada pela necessidade de avaliação prévia ao projeto de reabilitação do imóvel. As escavações, com acompanhamento de obra, realizaram-se entre setembro de 1998 e maio de 1999 (SNT12.98 - CLETO, VARELA, 2000; VARELA, CLETO, 2001). Uma segunda intervenção, em 2004, foi da responsabilidade do Gabinete de Arqueologia Urbana e respeitou, apenas, ao levantamento da sepultura ali encontrada, por exigência de obras estruturais no prédio que entretanto se tornaram inevitáveis, devido a razões de segurança.

Os trabalhos arqueológicos trouxeram relevantes informações para a história da cidade, uma vez que, além dos contextos mais antigos, ali se encontrou extenso tramo da muralha românica do Porto.

No que respeita aos vestígios de épocas anteriores, identificaram-se diversas estruturas de época romana, com destaque para uma construção de planta ortogonal, que apresentava piso com lareira, definida por pequenas pedras, uma sepultura (a primeira aparecida no Porto) e um muro dotado de grande monumentalidade o qual, com grande probabilidade, corresponderá a um amuralhamento romano. Entre os testemunhos de anteriores ocupações, estará ainda parte de uma construção de planta circular, da Idade do Ferro (VARELA; CLETO, 2001: 7, 36), sobreposta por uma estrutura datada dos séculos II-III (Idem: 36).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio da intervenção é bastante numeroso e diversificado, desde a olaria indígena do povoado castrejo à cerâmica comum e de construção romanas até à sigillata, ânfora, vidros, etc., cobrindo toda a cronologia do Império, o que, a par da tipologia das estruturas, confirma a ocupação continuada no local entre a Idade do Ferro e a Idade Média.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

CLETO, Joel A. C.; VARELA, José M. (2000) – Largo do Colégio, 9-12: entre a muralha romana e a românica? Al-Madan. 2ª Série. 9. Almada, p. 133-135

VARELA, José M.; CLETO, Joel A. C. (2001) – Intervenção arqueológica no edifício do Largo do Colégio, nº 9/12 (Freguesia da Sé, Porto). Relatório dos trabalhos realizados. Porto: Ed. A. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (em prep.) – Trabalhos arqueológicos de levantamento da base da sepultura romana do Largo do Colégio, Porto. Relatório. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252-253, n.º 52

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. Portvgalia. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

A sepultura, que só pôde escavar-se parcialmente, uma vez que estava coberta por outras estruturas, era de inumação e constituída por uma base de tegulae, assente no saibro natural, e com as paredes laterais feitas no mesmo material, formando uma cobertura em duas águas colmatada superiormente por imbrex (CLETO; VARELA 2000). Todo o conjunto estava recoberto por um amontoado de pequenas pedras. O sepulcro, com as medidas aproximadas de 1,60 x 0,60 metros, estava orientado no sentido Leste/Oeste e foi datado dos séculos IV-V (Idem: 36).

No exterior do imóvel e da muralha medieval, numa zona de forte pendente, detetou-se, sob um derrube de blocos de grandes dimensões, com materiais romanos, uma estrutura de grande aparelho, em opus vittatum com boa isodomia, que aparenta possuir planta subcircular. Infelizmente, por razões de segurança, a escavação neste ponto não pôde ser prosseguida; todavia, tem vindo a interpretar-se este elemento como eventual testemunho de um torreão da muralha tardo-romana, aspeto que comentamos no corpo da dissertação (SILVA, 2011).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sant'Ana (Rua de), 16-18; Penaventosa (Largo da), 1**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SNT16.14**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613182°	Y:	41.142542°	SRC	WGS84
Altit.	46	Inicio	25/02/2014	Fim	27/02/2014
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Loureiro; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos serviram de instrumento de avaliação prévia, como é habitual, à execução do projeto de arquitetura de reabilitação do imóvel.

Foram abertas apenas duas sondagens, totalizando uma área de escavação de 8 metros quadrados.

A possança estratigráfica revelou-se bastante reduzida e, bem assim, os vestígios antigos detetados, que parecem resumir-se, com algumas dúvidas, a um troço de muro (UE 206), talvez de época romana. Para esta incerteza concorre o escasso volume de espólio, menos de duas dezenas de fragmentos, quase na sua totalidade tégula e outro material de construção romano (UE 204 e 211), que os Autores incluem numa fase 3 de ocupação, com a designação «Medieval/Romano» (LOUREIRO; SOARES, 2014b).

Espólio

Referência a escasso material romano (menos de 20 fragmentos), na sua maioria correspondentes a material cerâmico de construção.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

LOUREIRO, Carlos Alberto; SOARES, Sofia P. (2014b) – Sondagens arqueológicas na Rua de Sant'Ana, 16-18 e Largo da Penaventosa, 1. Sé, Porto. Relatório Final. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sant'Ana (Rua de), 25**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SNT25.99**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613366°	Y:	41.142549°	SRC	WGS84
Altit.	42	Inicio	11/02/1999	Fim	04/03/1999
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa	Séculos IV-V
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	35	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Manuela do Carmo Santos Ribeiro; Sandra Carla Pais Barbosa	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc.

Os trabalhos arqueológicos precederam, como forma de avaliação, o projeto de reabilitação arquitetónica do imóvel. Após uma primeira intervenção na cave da pequena parcela, em 1997, que não revelou quaisquer vestígios anteriores à contemporaneidade, em 1999 escavou-se integralmente o piso térreo, onde foram detetadas ruínas de uma construção de época romana.

Num dos ambientes detetaram-se dois muros, com largura entre 0,45 e 0,50 metros, em ângulo levemente obtuso, um com perto de 3 metros (NE./SO.) e outro com 2,6 metros (NO./SE.), tendo o primeiro um alçado conservado na ordem dos 0,90 metros. Um segundo ambiente, contíguo e localizado num espaço exíguo, era composto por uma espécie de umbral, aparentemente associado a uma soleira de porta (SILVA; RIBEIRO, 2006). Estas estruturas foram datadas, pelo espólio associado, da época tardo-romana (séculos IV/V) (Idem).

Espólio

Os materiais romanos, que incluíam, além de cerâmica comum e de construção, sigillata, cinzenta fina, ânfora e vidros (materiais essencialmente tardo-romanos, se bem que estejam presentes elementos mais antigos) representaram 17,2% do total recolhido (0,6% de espólio da Idade do Ferro).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S.; BARBOSA, Sandra C. P.; (2006) – Rua de Santana, 25. Porto. Relatório das sondagens de avaliação arqueológica. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 45

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Pedro de Miragaia (Rua de), 18-20**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**SPM20.17**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.619809°	Y:	41.143350°	SRC	WGS84
Altit.	9	Inicio	01/01/2017	Fim	31/12/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	16	Interv. local	**1**
Resp.	Ricardo Erasun	Entidade	Arqueoges		

Desc.

No local foram abertas duas sondagens, como forma de pré-avaliação arqueológica de um imóvel sujeito a obras de reabilitação. A primeira das sondagens, com 11 m2, localizada no logradouro do imóvel, apenas forneceu materiais modernos e contemporâneos, mas como a escavação só atingiu a cota de obra, não foi possível averiguar a eventual existência de níveis mais antigos; já a sondagem 2, com 5 m2, proporcionou essencialmente a recolha de materiais modernos e medievais, mas o autor não deixou de registar, na «Nota Técnica» preliminar, «a abundante presença de fragmentos de tegula e imbrex, em menor proporção, em todos os depósitos a partir da U.E.25» (ERASUN CORTÉS, 2017a: 6).

Espólio

O relatório preliminar regista, na sondagem 2, «a abundante presença de fragmentos de tegula e imbrex, em menor proporção, em todos os depósitos a partir da U.E.25» (ERASUN, 2017a: 6).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ERASUN CORTÉS, Ricardo (2017a) - Rua de S. Pedro de Miragaia, n.º 18-20, Porto. Nota técnica. Guimarães: S.e. [Arqueoges]. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Pedro de Miragaia (Rua de), 26-58**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**SPM26.16**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.619666°	Y:	41.143843°	SRC	WGS84
Altit.	9	Inicio	28/08/2016	Fim	05/09/2016
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	28	Interv. local	**1**
Resp.	Carlos Alberto Brochado de Almeida; João Miguel Matos Soares	Entidade	Mola Olivarum		

Desc.

Antecedendo a execução de um projeto imobiliário, foi feito diagnóstico do potencial arqueológico do local, através da realização de 7 valas de sondagem, abrangendo uma área de 28m2.

Entre vestígios de épocas mais modernas, ocorreram igualmente alguns materiais cerâmicos romanos, em escassa quantidade e descontextualizados, levando os autores a referir, no que respeita às diferentes fases históricas observadas, «… um quinto momento [de ocupação] que está representado unicamente por cerâmica e que é representativo do período romano. No entanto, este momento não tem outro contexto que o enquadre» (ALMEIDA; SOARES, 2016: 10).

Espólio

Referência breve a material cerâmico de construção e olaria comum de feição romana.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2016) – Relatório final (Sondagens arqueológicas). Rua de S. Pedro de Miragaia, nº 26-58, – Porto – 2016. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto. Pátio da Sacristia Pequena**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SPT.03**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611061°	Y:	41.142664°	SRC	WGS84
Altit.	63	Inicio	01/07/2003	Fim	30/11/2004
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	José Jorge Argüello Menéndez; Mafalda Castel-Branco B. Capela; Paulo Dordio Gomes	Entidade	J. Menéndez Unipessoal		

Desc.

Para avaliação da sensibilidade arqueológica de um pátio interior da Catedral do Porto, foram feitas sondagens, que acabaram por evoluir para uma escavação em área, atendendo à descoberta de uma necrópole medieval.

Nessa área, designada como «pátio pequeno» da Sé, apareceram alguns tramos de muros romanos, de cronologia aparentemente tardia, dois deles formando um ângulo, bem como, a maior profundidade, restos do alinhamento de uma ou duas construções de planta circular, da Idade do Ferro.

Para além de uma curta notícia de divulgação (RUÍNAS, 2004), apenas a necrópole foi objeto de publicação (DORDIO, 2005), aguardando-se ainda o relatório da intervenção.

Espólio

Por conhecimento pessoal e pequenas notas de imprensa, temos informação de materiais da Idade do Ferro, romanos e tardo-antigos, diversificados.

Estado espólio	Não tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

Ruínas romanas na Sé do Porto (2004). Portvs. Boletim de Arqueologia Portuense. 7 (Dez. 2004). Porto, p. 3

DORDIO, Paulo (2005) – Projecto de estudo histórico e arqueológico da Sé do Porto – o cemitério. Estudos/Património. 8. Lisboa, p. 26-34

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 76

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Informações gerais resultantes de conhecimento direto e informação pessoal de J. Argüello Menéndez, a quem agradecemos, bem como à permissão para o uso de material gráfico.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Sé do Porto. Áreas de apoio e instalações do Cabido da Sé**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**SPT.12**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611053°	Y:	41.142639°	SRC	WGS84
Altit.	63	Inicio	01/01/2012	Fim	01/01/2012
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**2**
Resp.	André Nascimento; Gabriel Rocha Pereira	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Como ação preventiva de obras previstas para o local, foram escavadas duas sondagens arqueológicas. A sondagem 1 incidiu no local de uma sondagem anterior, feita em 2003; na sondagem 2, com 4 m2 de superfície, os responsáveis mencionam um «possível aterro romano» (UE 205), caracterizando a UE 208 como «derrube», cronologicamente situado «entre a Idade do Ferro e o período romano» (NASCIMENTO; PEREIRA, 2012: 10).

Em conformidade, são definidos dois momentos de ocupação: Fase II - Romano (UE 205) e Fase I - Romano/Idade do Ferro (UE 208) (Idem, 14).

Espólio

Nas UE 205 e 208 recolheram-se tegulae, cerâmica romana e da Idade do Ferro (Idem, p. 13 e 15)

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

NASCIMENTO, André; PEREIRA, Gabriel (2012) - Sondagens arqueológicas nas áreas de apoio e instalações do Cabido da Sé, Sé, Porto. Relatório Preliminar. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Parte da área já havia sido intervencionada em 2003. Cfr. SPT.03. Temos conhecimento que o acompanhamento arqueológico posterior evoluiu para escavação em área, designadamente na «Crasta Velha, aguardando-se o respetivo relatório.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Tomás Gonzaga (Rua de), 3-13**	Sítio	Miragaia	Acrón.	**TGN3.04**
Concelho	Porto	Freguesias	Miragaia	Lugar	Miragaia
X:	-8.619082°	Y:	41.142981°	SRC	WGS84
Altit.	38	Inicio	03/09/2004	Fim	10/01/2005
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	6	Interv. local	**1**
Resp.	António Manuel S. P. Silva; Manuela do Carmo Santos Ribeiro	Entidade	C. M. Porto - Gabinete de Arqueologia Urbana		

Desc. A intervenção arqueológica, que visou, muito em particular, uma aproximação à fábrica de cerâmica setecentista de Miragaia (RIBEIRO; SILVA, 2008), realizou-se numa área de encosta, a uma cota muito superior (38 metros) à da igreja e zona «baixa» do lugar (que ronda os 4-6 metros). Na pequena sondagem efetuada apareceram descontextualizados, entre materiais contemporâneos e a cerca de dois metros de profundidade, alguns fragmentos de cerâmica comum romana (RIBEIRO; SILVA, no prelo).

Espólio Pequenos fragmentos cerâmica comum romana, aparecidos de mistura com materiais contemporâneos, em níveis claramente de vertente (RIBEIRO; SILVA, no prelo).

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: C. M. Porto

Refs.

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (no prelo) – Uma sondagem arqueológica na Fábrica de Louça de Miragaia (Rua de Tomás Gonzaga, 3-13, Porto). Relatório. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (2008) – Uma sondagem arqueológica na Fábrica de Cerâmica de Miragaia. In CORREIA, Margarida R. (Coord.) – Fábrica de Louça de Miragaia. Museu Nacional de Soares dos Reis (…) Museu Nacional do Azulejo (…) [Catálogo]. Lisboa: Ministério da Cultura/IMC, p. 85-89

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ. SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 257, n.º 85 (onde a intervenção, por gralha, está datada de 2008).

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Luís Cruz (Travessa de), 130-136**	Sítio	Santa Catarina/Ouro	Acrón.	**TLC130.19**
Concelho	Porto	Freguesias	Lordelo do Ouro	Lugar	Santa Catarina
X:	-8.651029°	Y:	41.149660°	SRC	WGS84
Altit.	41	Inicio	01/01/2019	Fim	31/12/2019
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	12,5	Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

A pré-avaliação arqueológica do projeto de remodelação do imóvel, situado junto à capela de Santa Catarina, no topo da colina, implicou a execução de 3 sondagens arqueológicas, prevendo-se trabalhos complementares em fase de obra.

As sondagens revelaram essencialmente aterros de época contemporânea e parcas estruturas, com destaque para interfaces negativos, escavados na rocha-de-base, interpretando-se um deles como saibreira para extração de inertes. Não obstante, nas 3 sondagens ocorreram, se bem que descontextualizados, materiais romanos e um fragmento atribuído à Idade do Ferro. Concretamente, na sondagem 1, recolheram-se «um fragmento de tégula, um fragmento de cerâmica comum e um peso de tear em cerâmica, de cronologia romana» (PEREIRA, 2019: 12); na sondagem 2, «um fragmento de tégula, de cronologia romana» (Idem, p. 14); e na sondagem 3, «um fragmento de um bordo de vaso, inserível em produções da Idade do Ferro» (Idem, p. 16).

O relatório disponível, preliminar, não ilustra o espólio nem adianta outras interpretações dos contextos, não deixando de assinalar, contudo, que «as próprias características topográficas do sítio - local elevado, com ampla vista sobre a foz do rio - são bastante propícias a ocupações humanas nestes períodos cronológicos mais recuados, não sendo de descartar a possibilidade de existirem ainda níveis de ocupação preservados noutros locais. A proximidade do edifício à Capela de Santa Catarina, cuja fundação remonta aos finais do século XIV, é outro fator a ter em conta numa fase subsequente da intervenção arqueológica» (PEREIRA, 2019: 19).

Espólio

No que respeita a materiais antigos, são identificados, na sondagem 1, um fragmento de tégula, um fragmento de cerâmica comum e um peso de tear em cerâmica, de cronologia romana; na sondagem 2, um fragmento de tegula (UE 210); e, na sondagem 3, «um fragmento de um bordo de vaso, inserível em produções da Idade do Ferro» (PEREIRA, 2019).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PEREIRA, Graça (2019) – Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Travessa Luís Cruz n.º 130. Porto 2019. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

A intervenção não foi ainda concluída, faltando realizar uma sondagem e acompanhamento arqueológico de obra.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Tareija Vaz de Altaro (Rua) - Arranjo urbanístico junto à Sé do Porto**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**TVA.13**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.611077°	Y:	41.143039°	SRC	WGS84
Altit.	74	Inicio	09/09/2013	Fim	22/01/2014
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

O projeto municipal de «Arranjo Urbanístico junto à Sé do Porto – Rua Tareija Vaz de Altaro» englobou uma série de trabalhos, tais como, levantamento de pavimentos, desaterros e abertura de valas em arruamentos e zonas ajardinadas situadas, genericamente, entre a Calçada de Vandoma e a Avenida de D. Afonso Henriques, implicando, portanto, a afetação do subsolo e a consequente necessidade de medidas preventivas do foro arqueológico.

Desta forma, foi feito o acompanhamento arqueológico da abertura de dez valas para instalação de infraestruturas e renovação de pavimentos, bem como uma «sondagem de observação» no âmbito da vala 7, ao cimo da Rua Tareija Vaz de Altaro.

De facto, a generalidade dos trabalhos de acompanhamento apenas revelou aterros recentes e algumas ruínas de época moderna e contemporânea, do edificado antigo ali existente até meados do século XX. Todavia, o acompanhamento da escavação da vala 7, que necessitava de atingir 1,20 metros de profundidade, ao longo da Calçada de Vandoma - zona de elevada sensibilidade arqueológica em resultado das observações de outros trabalhos, designadamente HPC.09, de que G. Pereira foi também corresponsável - revelou «um tramo de muro com uma pedra almofadada e a recolha de um número significativo de espólio com cronologia romana e castreja» (PEREIRA, 2016: 40), suscitando a escavação de uma pequena sondagem, que viria a evidenciar a existência de

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio antigo recolhido na intervenção - quase todo na vala 7 e na sondagem - inclui bastante cerâmica indígena da Idade do Ferro, muita cerâmica comum romana, paredes finas, sigillata e bastante ânfora, tendo alguma sido classificada por G. Pereira como Halt. 70, Dressel 7-11, 14 e 20 e Pascual 1 (PEREIRA, 2016: 59), formas que parecem remeter (salvo, eventualmente, a Dr. 20) para contextos do Alto Império.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

PEREIRA, Maria da Graça (2016) – Relatório Final. Intervenção arqueológica. Rua Tareija Vaz de Altaro – Arranjo urbanístico junto à Sé do Porto. Porto 2013/2014. Matosinhos: Arqueologia e Património, datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

DESCRIÇÃO

«uma estrutura em granito (obs. 04, UE 724), formada por dois tramos de muros, que se unem formando um cunhal. Um dos muros, com orientação S/N, apresenta aproximadamente 2,40m de extensão, com uma parte destruída pela vala de um cano, o outro, tem orientação E/O e 1,60m de extensão. Ambos apresentam um alçado conservado com cerca de 1m de altura», merecendo particular destaque o cunhal «constituído por uma base de pedra granítica quadrada, de grande porte, muito bem talhada, sobre a qual assentava uma pedra almofadada, retangular com, sensivelmente, 90cm de altura. Seria almofadada dos dois lados apesar de, no lado voltado a nascente, o almofadado estar quase completamente desgastado.» (Idem, 40-43). De um momento anterior a esta estrutura, reconheceram-se ainda dois pisos de saibro compactado (UE 721 e 745).

Não foi possível datar esta estrutura [724] dentro do período de ocupação romana, dado que as suas valas de fundação não revelaram espólio, mas o conhecimento que a Autora tem desta zona da cidade levou-a a comparar com as características de um outro muro romano, em tudo similar, aparecido um pouco mais a SO., no âmbito da intervenção HPC.09, e, até, a esboçar uma hipotética ligação planimétrica dos dois tramos, o que configuraria, porventura, uma construção com, pelo menos, 9,80 metros (do lado norte) por 10,20 metros (do lado oeste), dimensões consentâneas com alguma monumentalidade sugerida pelo reaproveitamento (?) de uma pedra lavrada com almofadado para cunhal do edifício (Idem, p. 44).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Anjo (Viela do)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**VLA.96**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.612644°	Y:	41.143451°	SRC	WGS84
Altit.	47	Inicio	01/01/1996	Fim	31/12/1997
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Joel Cleto; Teresa Pires de Carvalho	Entidade	Serviço liberal		

Desc.

Em meados da década de 1990, diversos projetos municipais de reabilitação urbana no Morro da Sé levaram à realização de trabalhos arqueológicos preventivos e de diagnóstico, feitos à margem do Gabinete de Arqueologia Urbana.

Tal sucedeu, entre outros casos, na Viela do Anjo, um pequeno arruamento interior, paralelo à Rua da Bainharia. No seu limite nordeste, numa área onde foi demolido um conjunto de casas, realizou-se uma escavação extensiva, de um modo geral com pouca possança estratigráfica, mas onde, por informação dos responsáveis e observação pessoal, se anota a recolha de espólio romano, aparentemente associado a níveis de ocupação, não se conhecendo outros detalhes por extravio da maior parte dos registos.

Espólio

Recentemente, foi incorporado espólio desta intervenção no serviço municipal de arqueologia da C. M. Porto, incluindo materiais cerâmicos romanos e castrejos, que ainda não puderam ser caracterizados.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	C. M. Porto

Refs.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 251, n.º 41

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Vímara Peres (Avenida de). Metro do Porto**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**VMP.03**		
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar			
X:	-8.610186°	Y:	41.142487°	SRC	WGS84 (ponto central)	Altit.	68
Inicio	01/02/2003	Fim	31/10/2004				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Bronze; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Séc. IV		
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**		
Resp.	Iva Teles Botelho; João A. Perpétuo	Entidade	Metro do Porto; ArqueoHoje				

Desc.

Os trabalhos de instalação da linha do Metropolitano de Superfície - neste ponto a entrar em túnel após o atravessamento do tabuleiro superior da ponte Luís I - implicaram extensos e complexos trabalhos arqueológicos de avaliação e minimização de impactes sobre eventuais vestígios arqueológicos conservados nesta área, situada no sopé nascente do morro da Penaventosa.

Além de acompanhamento arqueológico de obra foram escavados com metodologia arqueológica 285 m2. Não foram identificadas estruturas comprovadamente de época romana ou proto-histórica, tão só recolhidos materiais destas cronologias, na sua maior parte descontextualizados e em proporção residual (cerca de 2% do total de recolhas, não contando com os materiais de construção), ou seja, à volta de 1200 fragmentos cerâmicos, incluindo olaria da Idade do Ferro, cerâmica romana comum e de construção, alguma terra sigillata e outros elementos. Os únicos depósitos homogéneos de época romana apareceram a uma cota inferior em 10 metros ao piso atual, na encosta, e exibiam, igualmente, escasso conteúdo artefactual. No geral, todo este material mais arcaico foi interpretado como resultante de escorrimento da vizinha elevação da Penaventosa, considerando-se como representando horizontes do século IV os escassos contextos romanos aparentemente homogéneos (BOTELHO; PERPÉTUO, 2013: 32-33, 53-56, 59-61, passim).

Espólio

O relatório dos trabalhos enumera materiais cerâmicos da Idade do Ferro, em pequena quantidade, e também olaria comum de tipo romano, tegula e imbrex, terra sigillata e outros materiais.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

BOTELHO, Iva T.; PERPÉTUO, João A. (2013) – Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – T01.08. MP-VMP Final – Trabalhos Arqueológicos na Av. Vímara Peres. 2003-2004 (Freguesia da Sé, Porto). Relatório final. C-M1-LS-0108-PT-RT-AOH-VMP001-07 (setembro 2013). [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. Gallaecia. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 75

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Vila Nova (Rua de); Costibela (Travessa de)**	Sítio	Achados dispersos	Acrón.	**VNC.20**
Concelho	Porto	Freguesias	Aldoar	Lugar	Vila Nova
X:	-8.669205°	Y:	41.174122°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	57	Inicio	25/07/2020	Fim	14/10/2020
Tipo	**Vestígios Diversos**	Datação achados	Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	Sécs. III-IV (?)
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	67	Interv. local	**1**
Resp.	Filipe Manuel Soares Pinto; Mário Gonçalves	Entidade	Empatia Arqueologia		

Desc.

Com base nos resultados de uma intervenção de diagnóstico num terreno vizinho daquele que foi abrangido por um projeto de requalificação da via pública, foi também este condicionado a medidas de avaliação arqueológica prévia.

Nos trabalhos de 2019 na Travessa de Costibela (CBL.19) foram identificadas estruturas negativas (buracos de poste), pisos e paleossolos, bem assim como cerâmicas, indiciadores de ocupação, provavelmente, da Idade do Bronze (SOARES; GONÇALVES, 2019).

Os trabalhos de VNC.20, que se traduziram pela escavação de 7 sondagens (67m2), implantadas ao longo dos arruamentos, detetaram, igualmente, vestígios da ocupação proto-histórica, ou da pré-história recente, mas também, em alguns depósitos descontextualizados, «fragmentos cerâmicos cujas características nos permitem datá-los de época romana» (GONÇALVES; PINTO, 2020: 17), apontando-se, mesmo, uma eventual cronologia tardo-romana (Idem: 27, 85).

Espólio

Ocorreram materiais romanos, pelo menos, nas UE 112 e 223, elencando-se um fragmento de «bracarense» e «um fragmento cujas características apontam para um possível ladrilho romano», descriminando-se igualmente, como exemplo destes objetos, um «pequeno bordo de recipiente feito à roda com acabamento exterior de cor alaranjada e pasta interior acinzentada» (GONÇALVES; PINTO, 2020: 27, 85-87, fotografias 55-56).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Refs.

SOARES, Sofia; GONÇALVES, Mário (2019) - Sondagens Arqueológicas na Travessa da Costibela. Lugar de Vila Nova, Aldoar, Porto. Nota Técnica. Novembro 2019. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

GONÇALVES, Mário; PINTO, Filipe M. S. (2020) - Sondagens arqueológicas de avaliação prévia no âmbito do Projeto Rua Direita - Projeto 1.1. Rua de Vila Nova (Poente) e Travessa da Costibela, Aldoar, Porto. Nota Técnica. Novembro 2020. Vila Nova de Gaia: Tabela do Tempo, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

ESPÓLIO

Observados em fotografia (Idem, ibidem), estes materiais, todavia, parecem-nos algo incaracterísticos, devendo aguardar-se o relatório final da intervenção para uma classificação mais detalhada dos materiais.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Lourenço (Viela de)**	Sítio	Penaventosa	Acrón.	**VSL.15**
Concelho	Porto	Freguesias	Sé	Lugar	Morro da Sé
X:	-8.613277°	Y:	41.142357°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	43	Inicio	01/01/2015	Fim	31/12/2015
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	16	Interv. local	**1**
Resp.	Graça Pereira; Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Desc.

Antecedendo os trabalhos de requalificação urbana da Viela de São Lourenço, uma antiga viela medieval que corria pelo exterior da muralha românica, foram realizadas três sondagens arqueológicas, espaçadas cerca de dez metros entre si.

A grande sensibilidade arqueológica deste ponto do Morro da Sé confirmou-se integralmente, pois em todas elas ocorreram vestígios romanos ou anteriores.

Na sondagem 1 (situada mais a SE., no início do arruamento atual), a possança estratigráfica era reduzida, tendo-se encontrado, todavia, depósitos com materiais romanos e restos de uma estrutura, eventualmente antiga, indefinida (FONSECA; PEREIRA, 2015: 13). Na sondagem 2, que atingiu 1,8 metros de profundidade, encontraram-se três metades de mós rotativas a capear uma canalização moderna, ocorrendo cerâmica de construção romana, ânfora e cerâmica castreja em depósitos subjacentes (Idem: 15-16). Na sondagem 3, finalmente, que chegou a mais de dois metros de profundidade sem que se alcançasse o solo natural, encontrou-se um fragmento de «pia» em granito e, plausivelmente (embora o relatório preliminar não o descrimine), mais cerâmicas romanas e castrejas.

Espólio

O relatório disponível (preliminar) não discrimina nem classifica os materiais, mencionando, tão só, tégulas, ânforas e cerâmica doméstica castreja.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Refs.

FONSECA, Jorge; PEREIRA, Graça (2015) – Relatório Preliminar. Intervenção arqueológica. Viela de S. Lourenço. Porto, 2015. Matosinhos: Arqueologia & Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Acrónimo	Intervenção	Núcleo de povoamento	Freguesias
BJES.88	Igreja do Bom Jesus	Castelo	Santa Marinha
CAND.83	Castelo de Gaia	Castelo	Santa Marinha
CTL7.20	Castelo (Largo do), 7-9	Castelo	Santa Marinha
E42	Inscrição funerária das Escadas da Boa Passagem	Castelo	Santa Marinha
EQ-SM.05	Entre Quintas (Rua de) e São Marcos (Gaveto)	Castelo	Santa Marinha
LC22.17	Castelo (Largo do), 22	Castelo	Santa Marinha
LPL.09	Castelo (Rua do) - Lar Pereira de Lima	Castelo	Santa Marinha
QSA.07	Quinta de Santo António	Castelo	Santa Marinha
QSM.07	Quinta de São Marcos (Ruas de São Marcos e do Salgado)	Castelo	Santa Marinha
QSM.15	Salgado (Escadas do), Lote 10	Castelo	Santa Marinha
REB.18	Cais de Gaia (Rua); Rei Ramiro (Rua); Pereira da Costa (Rua) - Rebello Hotel	Castelo	Santa Marinha
RR.16	Rei Ramiro (Rua do)/Cais de Gaia/ Pereira da Costa (Rua) - (antigo Hard Club)	Castelo	Santa Marinha
RRM170.20	Rei Ramiro (Rua de), 170 [Gaveto com Rua Pereira da Costa].	Castelo	Santa Marinha
RRT.08	Rei Ramiro (Rua do)/Cais de Gaia - Rei Ramiro Terraces (antigo Hard Club)	Castelo	Santa Marinha
RVC51.18	Viterbo de Campos (Rua de), 51-57	Castelo	Santa Marinha
SMR105.18	São Marcos (Rua de), 105-109	Castelo	Santa Marinha
TAYFON.99	Terrenos da Taylor's Fonseca	Castelo	Santa Marinha
ASM.00	Adro da Igreja Paroquial de Santa Marinha	*Vila Nova*	Santa Marinha
CV.17	Joaquim Magalhães (Lg.), 23 e Choupelo (R. do), 63, 105, 113, 125, 129, 191, 250 e 513 - Cidade do Vinho	*Vila Nova*	Santa Marinha
FRÇ4.16	França (Rua do), 4-26 (Gaveto com Rua Guilherme Gomes Fernandes, 69)	*Vila Nova*	Santa Marinha
GGFSM.11	Joaquim de Magalhães (Lg.), Santa Marinha (Lg. de), Santa Marinha (Rua de) e D. Afonso III (Rua)	*Vila Nova*	Santa Marinha
HAB.18	Serpa Pinto (Rua), 11-17 e Barão do Forrester (Rua), 69-145 - Hotel Adega Burmester (Edifícios Kopke)	*Vila Nova*	Santa Marinha
LMB.00	Miguel Bombarda (Largo de)	*Vila Nova*	Santa Marinha
RCR26.03	Cândido dos Reis (Rua), em frente ao n.º 26 - Renovação de arruamentos e infraestruturas	*Vila Nova*	Santa Marinha

Interv./ local	**Adro da Igreja Paroquial de Santa Marinha**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**ASM.00**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Santa Marinha
X:	-8.615032°	Y:	41.136277°	SRC	WGS89
Altit.	7	Inicio	01/01/1999	Fim	31/12/1999
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Maria da Graça dos Santos Peixoto	Entidade	C. M. Vila Nova de Gaia		

Descrição

No ano de 2000 foram iniciadas sondagens arqueológicas, por motivo de trabalhos de requalificação de pavimentos, no adro da igreja paroquial de Santa Marinha, templo de meados do século XVIII mas de ascendência medieval (SILVA, 2007: n.º 61).

A escavação foi interrompida e dela apenas se conhecem algumas notas da responsabilidade de outros autores, que aludem à identificação de fragmentos de tégula, a escassa profundidade (0,30 m), associados a um nível de derrube indeterminado (BARBOSA, 2000: 20, n.º 5), devendo ser um pouco excessivas as referências à descoberta dos «alicerces da primitiva igreja» (GUIMARÃES, 2000c; 2000a: 165).

Espólio

Referência à localização de fragmentos de tegulae.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Desconhecida

Ref.

BARBOSA, Sandra C. P. (2000) – Património Arqueológico: estações e sítios. In GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (coord.) – Património Arqueológico («Caracterização do Património Histórico e Cultural da Zona Histórica de Gaia», Vol. 2). Vila Nova de Gaia: Gab. História e Arqueologia de V. N. Gaia. Texto datilog.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000a) – Um século de Arqueologia em Vila Nova de Gaia. Al-Madan, 2.ª série, 9, Almada, p. 155-168

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000c) – Património Construído. In GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (coord.) – Caracterização do Património Histórico e Cultural da Zona Histórica de Gaia, Vol. 5. Vila Nova de Gaia: Gab. História e Arqueologia de V. N. Gaia. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico, V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf.

Observ.

Acrónimo convencional atribuído por nós.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Igreja do Bom Jesus**	Sítio	Castelo	Acrón.	**BJES.88**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.623556	Y:	41.140242	SRC	WGS84
Altit.	47	Inicio	01/01/1988	Fim	31/12/1992
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Tardo-antiguidade	Datação precisa	Século VI-VII
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Joaquim A. Gonçalves Guimarães	Entidade	Gab. Hist. Arqueologia V. N. Gaia		

Descrição

O projeto de execução de obras de restauro do pequeno templo do Bom Jesus de Gaia (atualmente N.ª Senhora da Bonança), na vertente Este do Castelo de Gaia, suscitou uma escavação arqueológica de avaliação e diagnóstico, que se desenvolveu, em várias fases, entre 1988-1989 e 1992, encontrando-se os resultados largamente divulgados (GUIMARÃES, 1989; 1995a; 1995b; 2018; 2019). Na ficha do Inventário Regional AE7 destacamos este mesmo sítio com maior detalhe.

Para além de espólio antigo muito diverso, tanto de cronologia romana (com muita sigillata e vidros tardios, nomeadamente), como cerâmica indígena descontextualizada, fruto de fenómenos coluvionares e de aterros vários, destaca-se nesta intervenção a descoberta de parte de um edifício de vulto.

Definia-se este edifício por dois muros perpendiculares, com restos de um outro a nascente, delineando um espaço com, pelo menos, dois compartimentos, com quase oito metros de um lado, aparecendo junto a um dos muros restos de revestimento estucado. Este espaço encontrava-se rebaixado em relação ao solo natural, a ele se acedendo por escadaria, de que apareceram alguns degraus no alçado poente (GUIMARÃES, 1995a: 131-134).
Entre os entulhos apareceram tijolos (bessales), eventualmente pertencentes a um piso superior e alguns restos arquitetónicos de relevo, designadamente tambores e fustes de colunas, fragmentos de um capitel de pilastra e outros dois, corintizantes, materiais que Gonçalves Guimarães crê poderem ter sido reaproveitados de um edifício anterior (Idem, 137-138, est. XIV; GUIMARÃES, 1995b: 436-437).
Este mesmo Autor data a destruição deste edifício - que crê intencional e fruto de episódios bélicos - por alturas do ano de 585, com base no espólio associado, designadamente a sigillata tardia (GUIMARÃES, 2019: 21-22).

Espólio

O espólio da intervenção, bastante diversificado, conta já com diversos estudos, nomeadamente respeitantes à cerâmica (GUIMARÃES, 2002; 2017a; GUIMARÃES, PINTO, 2000; RAMOS, 2017, 2020). Inclui, principalmente, cerâmicas romanas (e castrejas, descontextualizadas), vidros e alguns elementos arquitetónicos de interesse.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Solar dos Condes de Resende - C. M. V. N. Gaia

Ref.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1989) - Escavações arqueológicas na Igreja do Bom Jesus de Gaia. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia. 28. Vila Nova de Gaia, p. 17-25

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995a) – Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia de uma área ribeirinha, Porto: Universidade Portucalense

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995b) – Escavações arqueológicas na Igreja de Gaia. In Actas da IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispânica (Lisboa, 1992). Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Univ. Nova de Lisboa, 429-41

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2002) – Vestígios arqueológicos paleocristãos de Portucale Castrum Antiquum (Gaia). In Actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Vol. I. Porto/Arouca: CEDDPB; Univ. Católica; FLUP, p. 543-556

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2017a) - 131. Plato de TSAD de Vila Nova de Gaia / 170. Pendiente de Vila Nova de Gaia / 171. Copa de Vila Nova de Gaia. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio (coord.) – In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Ourense: Deputación Provincial, p. 187-188, 255

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2018) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia (Vila Nova de Gaia – Portugal) destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Vol. de Estudios. Ourense: Deputación Provincial, p. 409-11

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2019) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. Revista de Portugal, 16. Vila Nova de Gaia, p. 16-24

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves; PINTO, Carla T. (2000) – Cerâmica arqueológica de Gaia. Análise de elementos de uma sequência de longa duração. In JORGE, Vítor O. (coord.) – Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. I. Porto: ADECAP, p. 491-510

RAMOS, Joaquim F. (2017) - Contributo para o estudo das cerâmicas finas tardias da Igreja do Bom Jesus de Gaia (Estágio no Solar Condes de Resende). Dissertação de Mestrado (Relatório de Estágio) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RAMOS, Joaquim F. (2020) – Cerâmicas e vidros da antiguidade tardia do edifício sob a igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea (coords.) – Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1479-1491. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25 1/arqa109

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Castelo de Gaia**	Sítio	Castelo	Acrón.	**CAND.83**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.624639°	Y:	41.139660°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	78	Inicio	27/09/1983	Fim	31/12/1985
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	Armando Coelho Ferreira da Silva	Entidade	Universidade do Porto; Gab. Hist. Arqueologia V. N. Gaia		

Descrição

Com exceção de pequenas pesquisas pontuais e inconsequentes, nos começos do século XX (FORTES, 1909: 15), datam de 1983 as primeiras escavações arqueológicas no Castelo de Gaia, trabalhos dirigidos por A. Coelho Ferreira da Silva e que teriam uma segunda campanha, em 1985 (SILVA, AF, 1984b; 1986).

Os dados vindos a público referem-se, quase exclusivamente, à campanha de 1983 (SILVA, AF, 1984b). Foram então abertas quatro sondagens (16 m2), depois ligadas, das quais apenas foi publicado e descrito um corte estratigráfico e duas fotografias (SILVA, AF, 1984b). Pelos dados disponíveis, A. Coelho identificou sete camadas estratigráficas ao longo de cerca de dois metros de possança, datando o estrato 5 «em torno do séc. IV» e o estrato 6 de meados do século I, época a que pertenceria uma base de lareira ladrilhada com ânfora (Idem: 44-46). Temos conhecimento (por visita ao local e consulta de alguns planos e fotografias da campanha de 1985) que na campanha de 1985 ter-se-á definido parte de uma construção ortogonal, parecendo também haver vestígios de uma habitação indígena de planta redonda. Embora não tenham aparecido estruturas do período pré-romano, a identificação de cerâmicas manuais com decoração mamilar levaram o mesmo autor a apontar para o Bronze Final as origens do povoado.

Devendo-se a importância desta escavação à sua localização e pioneirismo, trabalhos mais recentes têm vindo a revelar, talvez em maior grau de conservação, outros pontos do povoado castrejo, como se vê por diversas entradas deste inventário. Não obstante, aguarda-se com muito interesse a oportunidade da publicação integral destas escavações.

Espólio

O espólio recolhido é bastante diversificado, integrando, além de cerâmica indígena, comum romana, cinzenta fina, sigillata, ânfora, vidros, etc.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Solar dos Condes de Resende - C. M. V. N. Gaia

Ref.

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – Mea Villa de Gaya: guia illustrado do Concelho de Gaya. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

SILVA, Armando C. Ferreira da (1984b) - Aspectos da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento. Gaya. 2. Vila Nova de Gaia, p. 39-58

SILVA, Armando C. Ferreira da (1986) – A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

A consulta dos arquivos da intervenção, incluindo algumas fotos de sua autoria, foi-nos facultada por J. A. Gonçalves Guimarães (Solar Condes de Resende, C. M. Vila Nova de Gaia), a quem agradecemos a gentileza.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Castelo (Largo do), 7-9**	Sítio	Castelo	Acrón.	**CTL7.20**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.624980°	Y:	41.140313°	SRC	WGS84
Altit.	68	Inicio	02/12/2020	Fim	15/12/2020
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	8	Interv. local	**1**
Resp.	Mário Gonçalves; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

O diagnóstico patrimonial prévio de um projeto de arquitetura, em pleno Largo do Castelo, fez-se através da abertura de duas sondagens arqueológicas, totalizando uma superfície de 8 metros quadrados.

A fraca possança dos depósitos e o seu revolvimento proporcionaram um escasso espólio artefactual (255 fragmentos de cerâmica, dos quais 96 de construção) (SOARES; GONÇALVES, 2020b: 18), sendo os materiais de possível produção romana muito pequenos e rolados, além de descontextualizados.

Ainda assim, graças a uma aturada observação da cerâmica, os Autores do relatório distinguiram dois fragmentos de ânfora e alguns de tegulae, podendo ainda ocorrer alguma cerâmica comum da mesma cronologia, materiais aparentemente inclassificáveis, não obstante o cuidado da sua ilustração por fotografia (SOARES; GONÇALVES, 2020b: 22-23, 28-30).

Espólio

Diminuto e descontextualizado, registando-se apenas um par de fragmentos de ânfora e poucos mais de material de construção romano (SOARES; GONÇALVES, 2020b: 22-23, 28-30).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

SOARES, Sofia Pinho; GONÇALVES, Mário (2020b) – Sondagens arqueológicas. Largo do Castelo, 7-9. Santa Marinha, V.N. Gaia. Relatório Preliminar. Dezembro 2020. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original da empresa: CTL7-VNG.20

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Joaquim Magalhães (Lg.), 23 e Choupelo (R. do), 63, 105, 113, 125, 129, 191, 250 e 513 - Cidade do Vinho**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**CV.17**		
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar			
X:	-8.613584°	Y:	41.135188°	SRC	WGS84 (ponto central)	Altit.	35
Inicio	15/12/2017	Fim	31/12/2019				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	1437	Interv. local	**1**		
Resp.	Carlos Alberto Loureiro; Filipe Manuel Soares Pinto	Entidade	Empatia Arqueologia				

Descrição

Um grande projeto de natureza turístico-cultural em pleno centro histórico de Gaia, a Cidade do Vinho/World of Wine, foi sujeito à necessária pré-avaliação de impacte arqueológico, através de sondagens e de acompanhamento arqueológico de obra, tendo sido escavadas 27 sondagens, com alargamentos pontuais, que totalizaram uma superfície de 1437 m2, provavelmente a maior área já escavada num sítio arqueológico gaiense.

Os resultados - por ora divulgados apenas em relatório preliminar (LOUREIRO; PINTO, 2018) - foram surpreendentes. Além dos vestígios da construção e alterações dos armazéns de vinhos já ali existentes, surgiram elementos da época moderna e, para tempos mais antigos, indícios de dois momentos de ocupação: um, talvez, no Baixo-Império Romano, representado apenas por materiais avulsos; e o mais antigo, de datação ainda imprecisa entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, com materiais e estruturas.

Na área de avaliação, que compreendia cerca de uma dezena de edifícios, alguns de grandes dimensões, a maior parte dos vestígios surgiram no armazém situado mais a sul, a menos de 200 metros da plataforma sobreelevada onde se situa o Yeatman Hotel (Área 6, espaço AS, na terminologia do relatório); os testemunhos tardo-romanos, mais residuais, localizaram-se sobretudo num espaço situado um pouco a sul (espaço CC).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Um significativo conjunto de cerâmicas manuais, proto-históricas, e materiais romanos não descritos, referidos apenas como cerâmica comum, vidros e, aparentemente, também materiais cerâmicos de construção (LOUREIRO; PINTO, 2018).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

LOUREIRO, Carlos Alberto; PINTO, Filipe M. Soares (2018) – Sondagens arqueológicas no conjunto de armazéns (Cidade dos Vinhos) sito no Largo Joaquim Magalhães, 23 e Rua do Choupelo, 63, 105, 113, 125, 129, 191, 250 e 513. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original da empresa: CV-VNG.17

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

As cerâmicas proto-históricas, ainda em estudo, são relativamente abundantes e estão representadas por olaria manual, de pastas escuras, frequentemente bastante micáceas, detetando-se, aparentemente, diversas formas e dimensões de potes, sendo notório o seu aspeto arcaico. Surgem em associação com um vasto conjunto de estruturas negativas, configurando buracos de poste, que parecem relacionar-se com um fundo de cabana circular (LOUREIRO; PINTO, 2018: 17-18) e, muito em especial pela sua singularidade, alinhamentos de valas e buracos de poste, paralelos e equidistantes, que se estendem por amplas áreas da escavação (LOUREIRO; PINTO, 2018: 16, 30-33, 74-75, passim). Não é ainda clara a natureza deste «complexo da Idade do Bronze» (Idem: 36-38).

De época romana, aparentemente com destaque para o Baixo Império, surgem descontextualizados, na mesma área mas, em particular, no armazém CC (sondagem 14), um pouco mais a norte, cerâmicas e vidros, não descriminados (Idem: 50, 64, 69, 74-75, passim).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Inscrição funerária das Escadas da Boa Passagem**	Sítio	Castelo	Acrón.	**E42**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Escadas da Boa Passagem
X:	-8.623640°	Y:	41.141134°	SRC	WGS (localização estimada)
Altit.	10	Inicio		Fim	
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império	Datação precisa	Século I
Tipo trabalho ou achado		Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.		Entidade			

Descrição

Aparecido casualmente por alturas de 1917, «nas fundações do muro de um quintal», junto às escadas da Boa Passagem, na encosta nascente do Castelo de Gaia, o monumento epigráfico - um «cipo» troncocónico, em granito, algo irregular, fragmentado na parte inferior - foi revelado por Armando de MATOS (1937: 17-20), que todavia o interpretou como um marco viário. Foi Patrick Le Roux que efetuou a revisão da epígrafe, que desdobrou e interpretou como: L(ucius) Lauius L(uci) F(ilius) / Aemilia Tri(bu) / Tuscus / Felicitis Iul(iae) / Miles Leg(ionis) X / Gem(inae) Vics[it / ann(is) …/…] (LE ROUX, 1982: 179).

Trata-se do epitáfio de um militar da Legião X Gemina, natural de Felicitas Iulia (Lisboa), datado forçosamente de antes do ano de 63, altura em que a legião se despediu da Península. Sobre esta epígrafe têm vindo a lume outros importantes contributos, discutidos no corpo da dissertação.

Espólio

Estado espólio		Localização espólio	C. M. Gaia - Solar Condes de Resende

Ref.

MATOS, Armando de (1937) – As estradas romanas no concelho de Gaia. V. N. Gaia: Museus Municipais e Biblioteca Pública de Gaia (= Brotéria. Revista contemporânea de cultura. Vol. 24 (6). Lisboa, p. 660-679)

LE ROUX, Patrick (1982) – L'Armée Romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409. Paris: Diffusion de Bocard

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Entre-Quintas (Rua de) e São Marcos (Gaveto)**	Sítio	Castelo	Acrón.	**EQ-SM.05**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.625932°	Y:	41.139913°	SRC	WGS84
Altit.	58	Inicio	28/07/2005	Fim	11/08/2005
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	50	Interv. local	**1**
Resp.	Francisco Reimão Queiroga	Entidade	Perennia Monumenta		

Descrição

Um loteamento para construção foi sujeito a avaliação arqueológica prévia, para acautelar eventuais vestígios arqueológicos relevantes existentes no local. Em função do estado do terreno - no qual se havia acumulado espessa capa de detritos e entulhos modernos - foi decidido proceder a sondagens mecânicas, tendo sido escavadas três valas, as quais (segundo nossa estimativa) terão ultrapassado uma área de 50 m2.

A vala 1, de orientação Norte-Sul, tinha cerca de 24,5 m de extensão (por um metro de largura) e as valas S2 e S3, em sentido Este-Oeste, respetivamente, 16,8 e 12,5 m, tendo sido escavadas, com máquina, até uma profundidade variável, no máximo, cerca de 1,75m, após o que foram feitas limpezas e escavações manuais em locais precisos (QUEIROGA, 2006: 5-6; NASCIMENTO et al., 2020: 278).

Um dos principais achados desta intervenção foi a descoberta de um duplo fosso que rodearia o povoado castrejo, pelo menos, pelo sector poente - onde o terreno é mais aberto e a defesa mais difícil (QUEIROGA, 2006: 13; SILVA, 2017a: 112-113). De acordo com os elementos observados, a estratigrafia evidenciava grandes revolvimentos, e o próprio enchimento dos fossos revelava, quase até ao fundo, materiais de diferentes épocas, não tendo sido possível, por isso, efetuar a sua datação, limitando-se F. Queiroga a informar que, de acordo com o respetivo enchimento, pelo menos o fosso interior terá «servido como elemento de defesa até uma fase avançada do processo de romanização» (QUEIROGA, 2006: 14).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

De acordo com a listagem constante do relatório (QUEIROGA, 2006), os materiais da Idade do Ferro são bastante escassos. Os de época romana estão melhor representados, documentando-se ânforas, sigillata tardia africana, oriental e hispânica, alguma cerâmica comum, e diversos fragmentos classificados como ânforas e outras louças de importação púnica, com produção datada desde o século IV a.C. (QUEIROGA, 2006: 11-14). Ilustram-se igualmente no mesmo relatório importantes elementos arquitetónicos de feição romana.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

QUEIROGA, Francisco R. (2006) – Relatório de trabalhos arqueológicos. Loteamento do Gaveto Entre Quintas-S. Marcos. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Famalicão: Perennia Monumenta, s.d. [2006]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2017a) – As construções do lugar. História(s) e Arqueologia(s) do Centro Histórico de Gaia. In SILVA, António Manuel S. P. (coord.) – Cidades de Rio e Vinho. Memória, Património, Reabilitação. Conferência internacional de Vila Nova de Gaia, 2015. Vila Nova de Gaia/Porto: Gaiurb, EEM; Afrontamento, p. 100-137

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições». Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

Observ.

Por desconhecimento do acrónimo original utilizamos, convencionalmente, EQ-SM.15 para referenciar esta intervenção.

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

Em recente revisão destes dados, porém, e por analogia com outro tramo do mesmo fosso aparecido a Norte, na intervenção da Quinta de Santo António (QSA), valoriza-se a presença de algumas cerâmicas indígenas na base do fosso, o que poderá aproximar-nos da data da sua abertura (NASCIMENTO et al., 2020: 285).

Além deste achado - a que nos referimos mais detalhadamente no corpo da dissertação - apareceram nesta intervenção diversos elementos arquitetónicos romanos indiciadores de construções monumentais, como uma base de coluna, um fuste, aduelas de arco, pedras almofadadas, etc. (QUEIROGA, 2006, 14; Nascimento et al., 2020: 279).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**França (Rua do), 4-26 (Gaveto com Rua Guilherme Gomes Fernandes, 69)**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**FRÇ4.16**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	
X:	-8.614030°	Y:	41.136973°	SRC	WGS84
Altit.	5	Inicio	01/05/2016	Fim	31/01/2017
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**
Resp.	André Nascimento; Carlos Alberto Loureiro	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

As obras de remodelação de um armazém situado na ribeira gaiense foram sujeitas a acompanhamento arqueológico de obra, para acautelar ou minimizar eventuais impactes negativos sobre elementos de interesse arqueológico. Durante a primeira fase dos trabalhos, os desaterros atingiram cerca de 0,50 m e não revelaram vestígios de particular antiguidade, mas a escavação de um poço para o elevador, mais funda, permitiu detetar um depósito (UE 104) caracterizado da seguinte forma: «coloração negra e granolumetria média, com textura areno-argilosa e medianamente compacto. Contém inclusões muito pontuais de nódulos de saibro. As inclusões culturais traduzem-se em material cerâmico moderno/contemporâneo, a par de vários fragmentos de tegulae inseríveis em época romana» (NASCIMENTO; LOUREIRO, 2017: 8).

Numa segunda fase da obra de construção, que implicou um rebaixamento do solo na ordem dos 1,5 a 2 metros, apareceram fragmentos de tegulae em maior quantidade, ainda que, ao que tudo indica, «em contexto secundário e [que] não estavam associados a quaisquer estruturas ou níveis estratigráficos selados» (Idem, 27). Aliás, todo o restante espólio, muito escasso, é de cronologia moderna ou contemporânea.

Em conclusão, afirmam A. Nascimento e C. Loureiro que «apesar de não considerarmos efectivamente este período [o Romano] como umas das fases de ocupação do local, uma vez que não foram detectadas estruturas ou níveis selados atribuíveis à época Romana, consideramos relevante deixar aqui uma nota de destaque ao considerável número de fragmentos de tegulae que foram exumados durante a primeira fase de acompanhamento.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio de época romana resume-se a fragmentos de tegula, em quantidade muito significativa no âmbito do volume de espólio exumado.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

NASCIMENTO; André; LOUREIRO, Carlos Alberto (2017) – Acompanhamento arqueológico na Rua do França, 4-26 e Rua Guilherme Gomes Fernandes, 69. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Final. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original da empresa: FRÇ4-VNG.16

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

O facto de estarem depositados em contextos secundários não permite naturalmente saber o local de onde são oriundos, mas tendo em conta os importantes achados inseríveis neste grupo cronológico em locais próximos, não será negligente admitir uma eventual ocupação também nas áreas limítrofes do edifício acompanhado» (Idem, 31).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Joaquim de Magalhães (Lg.), Santa Marinha (Lg. de), Santa Marinha (Rua de) e D. Afonso III (Rua de)**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**GGFSM.11**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	
X:	-8.615292°	Y:	41.136300°	SRC	WGS86
Altit.	6	Inicio	28/10/2011	Fim	03/02/2012
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento - Via Pública	Área escav. (m2)		Interv. local	**1(?)**
Resp.	Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património		

Descrição

O projeto público de requalificação de um conjunto de arruamentos nas imediações da igreja matriz de Santa Marinha foi sujeito a acompanhamento arqueológico de obra como medida de salvaguarda patrimonial.
Os trabalhos consistiram, essencialmente, na observação e registo estratigráfico, com recolha de materiais, dos desaterros e de um conjunto de valas, abertas mecanicamente, para a colocação de infraestruturas relacionadas com águas pluviais e telecomunicações.

Numa das valas de obra, na rua de Santa Marinha, duas dezenas de metros a poente da paroquial, detetou-se «um conjunto de depósitos associados a cerâmica de época romana, nomeadamente dois níveis de circulação, associados a duas estruturas em granito, sendo que uma é constituída por grandes pedras, com argamassa alaranjada» (FONSECA, 2012: 18, 31).

Com sensibilidade e boa articulação com o promotor, estas estruturas puderam ser preservadas, mas J. Fonseca não deixou de assinalar, perante a evidência de outras infra-estruturas «instaladas recentemente», que estas, provavelmente, «terão destruído inúmeros contextos arqueológicos de extrema importância científica para o estudo da evolução da ocupação histórica da cidade de Vila Nova de Gaia ao longo dos tempos». (Idem: 19).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

Foram recolhidos neste trabalho 5 fragmentos de ânfora e, aparentemente, outros tantos de tegula e material de construção romano, ilustrados os primeiros em relatório (FONSECA, 2012: 27-28, 30).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

FONSECA, Jorge (2012) – Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação urbanística da área de intervenção de Guilherme Gomes Fernandes – Santa Marinha. Vila Nova de Gaia, 2011-2012. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

Muito possivelmente, estas estruturas romanas poderão estar associadas a outros vestígios da mesma época, aparecidos no ano de 2000 numa intervenção feita no adro da Igreja de Santa Marinha (cfr. ASM.00).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Serpa Pinto (Rua de), 11-17 e Barão do Forrester (Rua do), 69-145 - Hotel Adega Burmester (Edifícios Köpke)**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**HAB.18**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	
X:	-8.617257°	Y:	41.135339°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	15	Inicio	01/12/2018	Fim	31/12/2019
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	100	Interv. local	**1**
Resp.	Bárbara Costa; Helena Marçal	Entidade	Arqueologia e Património		

Descrição

No amplo espaço de um complexo de armazéns vinícolas, um projeto hoteleiro foi sujeito a medidas de avaliação arqueológica prévia, através da realização de sondagens e acompanhamento de obra.

As 13 sondagens, distribuídas pela área a afetar pelo empreendimento, totalizaram cerca de uma centena de metros quadrados; o acompanhamento arqueológico visou, numa primeira fase, a abertura de 46 «poços de inspeção» do terreno, para efeitos da construção; estes poços, escavados tanto manual como mecanicamente, tinham dimensões médias na ordem de 1,5 x 1,5 metros e atingiram profundidade variável, entre 0,50 e 2,3 metros, acabando, assim, por ampliar largamente a área do subsolo observada pela escavação mais convencional (COSTA; MARÇAL, 2020).

Nas sondagens 5 e 11, localizadas na designada «Área 3», junto ao limte nascente do complexo abrangido pelo projeto, foram recolhidos fragmentos de tégula e ânfora, descontextualizados mas eventualmente indiciadores, como reconhecem as autoras, de ocupação romana nas proximidades (COSTA; MARÇAL, 2020: 33, 35), ignorando-se se ocorreram outros elementos em fases ulteriores do projeto.

Espólio

Referência a fragmentos de tegulae e de ânfora, sem outros detalhes, uma vez que o relatório disponível é ainda preliminar (COSTA; MARÇAL, 2020

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

COSTA, Bárbara; MARÇAL, Helena (2020) – Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Rua Serpa Pinto, n.º 11-17 e Rua Barão de Forrester, n.º 69-73, 87, 137 e 145. Hotel Adega Burmester. Vila Nova de Gaia, 2018-2019. Matosinhos: Arqueologia e Património Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Castelo (Largo do), 22**	Sítio	Castelo	Acrón.	**LC22.17**		
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo		
X:	-8.624768°	Y:	41.140006°	SRC	WGS84	Altit.	76
Inicio	01/01/2017	Fim	31/12/2017				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Alto Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Prospeção; Sondagens	Área escav. (m2)	12,8	Interv. local	**1**		
Resp.	Jorge Fonseca	Entidade	Arqueologia e Património				

Descrição

Um projeto de construção em licenciamento para o local, precisamente no topo do Castelo de Gaia, foi iniciado sem que as respetivas medidas de salvaguarda fossem cumpridas, tendo-se aberto uma extensa vala, que destruiu importantes vestígios arqueológicos, de forma ilegal. Numa segunda fase, com outro proprietário, puderam iniciar-se os trabalhos de minimização, precisamente com o reconhecimento e registo estratigráfico dos desaterros ilegais, desde logo se detetando, entre outros vestígios, depósitos e estruturas de época romana. Em consequência, foram implantadas duas sondagens arqueológicas, totalizando uma superfície de quase 13 metros quadrados (FONSECA, 2017).

Os resultados da intervenção - entretanto aguardando uma segunda fase de trabalhos - revelaram a presença de uma construção de época romana, da qual se encontraram dois muros angulares, com orientação N/S e E/O, no interior da qual se conservavam dois níveis de pisos de circulação, sendo que o inferior, por sua vez, cortava uma «calçada de pedra em granito», que incorporava à superfície uma possível mó circular (FONSECA, 2017: 15, 16). Temos, assim, dois momentos de ocupação, sendo a «calçada (…) provavelmente enquadrável em período alto-imperial», segundo o responsável pela escavação (Idem: 19).

Espólio

Refere-se, de forma geral, apenas espólio romano e cerâmicas da Idade do Ferro (FONSECA, 2017).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

FONSECA, Jorge (2017) – Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Largo do Castelo nº 22. Vila Nova de Gaia, 2017. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Miguel Bombarda (Largo de)**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**LMB.00**		
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar			
X:	-8.612524°	Y:	41.137796°	SRC	WGS84	Altit.	4
Inicio	01/02/2000	Fim	31/05/2000				
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Baixo-Império	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)		Interv. local	**1**		
Resp.	António Pereira; António Sérgio Pereira; Jaqueline Pereira	Entidade	Novarqueologia				

Descrição

Em trabalhos arqueológicos feitos no Largo de Miguel Bombarda (também conhecido como Largo Sandeman), na ribeira gaiense, efetuadas por motivo de obras de requalificação do espaço público, apareceram vestígios de época moderna, medieval e romana.

Segundo as informações de que dispomos, sob um muro medieval encontrava-se um outro, associado a fragmentos de tegula, vidros e cerâmicas de pasta fina, que apontam para uma cronologia tardo-romana (BARBOSA, 2000: 25, n.º 10; PEREIRA, PEREIRA, PEREIRA, 2000; PEREIRA, PEREIRA, 2000).

Espólio

Referência sucinta, nos elementos consultados, a tegulae, vidros e «cerâmica de pasta fina».

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

BARBOSA, Sandra C. P. (2000) – Património Arqueológico: estações e sítios. In GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves – Património Arqueológico («Caracterização do Património Histórico e Cultural da Zona Histórica de Gaia», Vol. 2). Vila Nova de Gaia: Gab. História e Arqueologia de V. N. Gaia. Texto datilog.

PEREIRA, António Sérgio; PEREIRA, Jacqueline; PEREIRA, José António (2000) – Relatório prévio das sondagens arqueológicas no Largo Miguel Bombarda. Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Gaia: Novarqueologia. Texto datilog.

PEREIRA, António Sérgio; PEREIRA, Jacqueline (2000) – Relatório prévio das sondagens arqueológicas no Largo Miguel Bombarda. 2ª fase. Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Gaia: Novarqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo atribuído, por desconhecimento do original. O «Portal do Arqueólogo», que regista o sítio com o n.º 14422, não refere o achado de vestígios romanos, mas a ficha estará incompleta, pois tão pouco menciona qualquer relatório (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=58577).

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Castelo (Rua do) - Lar Pereira de Lima**	Sítio	Castelo	Acrón.	**LPL.09**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.624228°	Y:	41.140018°	SRC	WGS84
Altit.	79	Inicio	01/01/2009	Fim	12/05/2011
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados		Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	16	Interv. local	**1**
Resp.	André Nascimento; Carlos Alberto Loureiro; Nuno Garcia	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

As obras de construção e remodelação do espaço exterior de um equipamento social instalado praticamente no topo do Castelo foram sujeitas a medidas de avaliação e salvaguarda arqueológica, considerando a particular sensibilidade da área, designadamente através de uma sondagem de 16m2, prévia às obras, e posterior acompanhamento arqueológico dos desaterros e fundações.

Todavia, não obstante o local situar-se a meia centena de metros a nordeste do ponto mais elevado do castro e dos locais onde foram feitas as sondagens de 1983-1984, quer a sondagem, quer os trabalhos complementares, não revelaram qualquer estrutura antiga ou, tão só, um simples fragmento de cerâmica castreja ou telha romana.

Na sondagem, feita em 2009, apareceram apenas os canteiros do antigo jardim da residência, que haviam sido aterrados para elevação de cota, mas deve notar-se, porém, que, por razões de segurança, a escavação não atingiu a rocha natural.

No posterior acompanhamento de obra, realizado em 2011, apesar dos significativos desaterros e movimentações de terras, o resultado continuou a ser nulo, o que faz supor que a construção da moradia oitocentista deve ter cortado profundamente aquele ponto da encosta do povoado sidérico, eliminando quaisquer traços da ocupação antiga.

Espólio

Inexistente, para as épocas que nos interessam.

Estado espólio

Localização espólio

Ref.

NASCIMENTO, André; LOUREIRO, Carlos A.; GARCIA, Nuno (2012) – Sondagem e acompanhamento arqueológico no Lar Pereira Lima, Rua do Castelo, Santa Marinha, (…), Relatório Final, Vila Nova de Gaia, Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Não obstante os nulos resultados da intervenção para o período que nos interessa, quisemos manter este registo, dada a localização da intervenção e o contributo que não deixa de dar para compreender as alterações a que o Castelo foi sujeito em tempos relativamente recentes. O acrónimo original da empresa é LPL-VNG.09.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Quinta de Santo António**	Sítio	Castelo	Acrón.	**QSA.07**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X: 8,627161	Y: 41,140807	SRC	WGS84	Altit.	50
Inicio	01/01/2007	Fim	28/02/2008		
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Alta Idade Média; Idade do Ferro; Tardo-antiguidade	Datação precisa	sécs. IV-V - sécs. VIII-IX
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	300	Interv. local	**1**
Resp.	André Nascimento; Laura C. P. Sousa; Nuno Garcia	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

Neste local, uma antiga propriedade do vizinho Convento de Santo António de Vale da Piedade, realizaram-se trabalhos arqueológicos de emergência, na sequência de extensos desaterros para uma construção, feitos à revelia da legislação de salvaguarda arqueológica e do condicionamento do terreno no Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007: ficha 159). Felizmente, como depois se viu, estas movimentações de terra não terão afetado substancialmente os depósitos arqueológicos do terreno, pelo menos os de época tardo-romana. O sítio é igualmente caracterizado na ficha do Inventário Regional AE8, onde poderão ser consultados maiores detalhes.

Os trabalhos arqueológicos, desenvolvidos em várias fases, entre 2007 e 2008 (NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2007; 2008; SILVA, 2017a: 113-114), e entretanto interrompidos por desistência do promotor imobiliário, revelaram, no essencial, um amplo edifício alongado, cuja planta não pôde ainda reconstituir-se, associado ao qual apareceu uma necrópole com sepulcros de vários tipos, incluindo sarcófagos. Ocorreram também, nos mesmos contextos, fragmentos arquitetónicos indiciadores da excecionalidade do complexo, como fustes de colunas em mármore e outras pedras lavradas, bem como o resto de uma inscrição funerária, igualmente feita sobre uma placa de mármore (NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008). Trata-se, com toda a evidência, de um edifício religioso, que poderemos, para já, categorizar talvez como uma basílica, de época tardo-antiga, devendo ter estado em uso até, talvez, os séculos VIII ou IX, como foi proposto (NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2008: 11; NASCIMENTO et al., 2020: 283; NASCIMENTO, SOUSA, e.v.p.).

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio artefactual móvel é bastante diversificado e excecional, incluindo materiais cerâmicos de construção, alguma cerâmica doméstica, fragmentos arquitetónicos de vulto, como fustes de coluna e silhares almofadados, parte de uma epígrafe em mármore, um relógio de sol em pedra, objetos metálicos, etc. (NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura C. P.; SILVA, Nuno G. (2007) – Relatório de Progresso: Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07 Quinta de Santo António (Santa Marinha, Vila Nova de Gaia). Vila Nova de Gaia: Empatia - Arqueologia, Lda. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura P.; SILVA, Nuno G. (2008) – Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07. Quinta de Santo António, Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório de Progresso (2ª e 3ª Fases). Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições». Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Acrónimo original da empresa: QSA-VNG.07

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

Recentemente, foi revelado que, além deste templo, tinha sido descoberto no local um tramo de um dos fossos defensivos do povoado castrejo, já em tempos identificado num terreno contíguo, a sul (NASCIMENTO et al., 2020). Nem os responsáveis pela escavação da Quinta de Santo António, nem F. QUEIROGA (2006), que primeiro descobriu esta estrutura defensiva, avançam uma proposta cronológica para a abertura do fosso, uma vez que o seu enchimento possuía depósitos muito heterogéneos, mas admitem um contexto da Idade do Ferro (NASCIMENTO et al., 2020: 285), o que nos parece o mais provável.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (e.v.p.) – Intervenção arqueológica na Quinta de Santo António: uma basílica altomedieval em Gaia?. In SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (coord.) – Castelo de Crestuma: a Arqueologia em busca da História: estudos sobre o Castelo de Crestuma e o noroeste peninsular na tardo-antiguidade. Vila Nova de Gaia: ASCR-CQ, em vias de publicação

QUEIROGA, Francisco R. (2006) – Relatório de trabalhos arqueológicos. Loteamento do Gaveto Entre Quintas-S. Marcos. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Famalicão: Perennia Monumenta, s.d. [2006]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico, V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (2017a) – As construções do lugar. História(s) e Arqueologia(s) do Centro Histórico de Gaia. In SILVA, António Manuel S. P. (coord.) – Cidades de Rio e Vinho. Memória, Património, Reabilitação. Conferência internacional de Vila Nova de Gaia, 2015. Vila Nova de Gaia/Porto: Gaiurb, EEM; Afrontamento, p. 100-137

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Quinta de São Marcos (Ruas de São Marcos e do Salgado)**	Sítio	Castelo	Acrón.	**QSM.07**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.625016°	Y:	41.141087°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	40	Inicio	17/05/2007	Fim	17/04/2008
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Tardo-antiguidade	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Sondagens	Área escav. (m2)	235	Interv. local	**1**
Resp.	Laura C. P. Sousa; Marta M. G. Piedade	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

Os terrenos da antiga Quinta de São Marcos localizam-se na vertente norte do Castelo de Gaia, distribuídos por quatro patamares, sensivelmente entre as cotas de 50 e 33 metros. O lançamento de um projeto imobiliário, em 2007, suscitou uma intervenção arqueológica de diagnóstico e salvaguarda, que se estenderia para o ano seguinte (SOUSA; PIEDADE, 2008), com intervenções pontuais posteriores.

As escavações, repartidas por diversas sondagens nas várias plataformas, atingiram a superfície total de 235 m2 e revelaram uma grande densidade de ações construtivas, referindo-nos apenas ao período romano e anterior, como aliás se expressa em trabalho recente: «com particular pujança e intensidade nos períodos proto-histórico, romano e tardo-antigo, indiciada pela contínua sucessão entre níveis de ocupação, abandono e destruição/derrube» (NASCIMENTO et al., 2020: 288). Relativamente à ocupação da Idade do Ferro, encontraram-se os alicerces de duas construções circulares, distanciadas cerca de seis metros entre si, truncadas mas com suficiente segmento de arco para o cálculo dos respetivos diâmetros (respetivamente 4,10 e 4,50 m, medidos pelo exterior), pertencendo também a esta fase dois silos de armazenamento escavados no saibro natural (Idem: 289). Um destes silos (e não sabemos se alguma das casas) foi «parcialmente destruído pela construção de um muro alti-imperial (…), a que se sobrepôs um outro muro de época tardo-romana» (Idem, ibid.). Na verdade, as construções de muros retilíneos parecem dominantes entre as ruínas, aguardando-se a publicação de uma planta geral para apreciar eventuais articulações planimétricas.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio recolhido, que se presume muito diversificado, é escassamente referido nas fontes utilizadas, pelo que haverá que aguardar pelo relatório final da intervenção ou algum estudo mais dedicado aos materiais.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Ref.

SOUSA, Laura C. P.; PIEDADE, Marta (2008) – Intervenção Arqueológica QSM-VNG.07/08 – Quinta de São Marcos - Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Gaia, Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições». Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original atribuído pela empresa: QSM-VNG.07

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

Uma observação destacamos neste trabalho, por providenciar um elemento de sequência ocupacional muito significativo: «à semelhança do descrito na intervenção da Taylor's Fonseca [ficha TAYFON], os estratos da Idade do Ferro encontram-se cobertos por níveis de abandono e destruição/derrube (…), nalgumas zonas acompanhado por uma camada de incêndio residual, onde assentou um conjunto de construções de época romana, cuja funcionalidade não foi ainda possível estabelecer, mas que datámos dos séculos I-II d.C. (Sousa & Piedade, 2008)» (NASCIMENTO et al., 2020: 289).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Salgado (Escadas do), Lote 10**	Sítio	Castelo	Acrón.	**QSM.15**		
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo		
X:	-8.624469°	Y:	41.140809°	SRC	WGS84	Altit.	41
Inicio	13/10/2015	Fim	11/12/2015				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	20	Interv. local	**2**		
Resp.	André Nascimento; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia				

Descrição

Numa área para onde foi prevista a construção de um empreendimento imobiliário - e que já tinha sido sujeita a vários trabalhos arqueológicos desde 2007-2008 (QSM.07) - foi sujeito a sondagens de diagnóstico um lote que ainda não havia sido intervencionado.

As duas sondagens realizadas, que totalizaram uma superfície de escavação de 20m2, não revelaram estruturas ou materiais antigos, salvo a ocorrência de fragmentos de tegulae, descontextualizados, documentados, pelo menos, nas UE 107 a 109 e 111 da Sondagem 1 (NASCIMENTO; SOARES, 2015: 7-8).

Espólio

Apenas são referidos fragmentos de tégulas, mas como o relatório disponível é preliminar e foram previstos outros trabalhos arqueológicos no local, poderão vir a ser identificados outros materiais de similar cronologia.

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

NASCIMENTO; André; SOARES, Sofia Pinho (2015) – Sondagens arqueológicas na Rua de Entre Quintas e Escadas do Salgado, Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar. Dezembro 2015. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original atribuído pel empesa: QSM-VNG.15

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Cândido dos Reis (Rua de), em frente ao n.º 26 - Renovação de arruamentos e infraestruturas**	Sítio	Vila Nova	Acrón.	**RCR26.03**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	
X:	-8.612699°	Y:	41.137202°	SRC	WGS84
Altit.	6	Inicio	04/08/2003	Fim	03/09/2004
Tipo	**Núcleo de Povoamento**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento - Via Pública	Área escav. (m2)		Interv. local	
Resp.	António Sérgio Pereira	Entidade	Serviço liberal		

Descrição

O acompanhamento arqueológico de uma empreitada municipal de remodelação de arruamentos e infraestruturas no centro histórico de Gaia conduziu à deteção de vários elementos interessantes.

Entre outros vestígios, realça-se a identificação, frente ao n.º 26 da Rua de Cândido dos Reis, a 1,76 metros de profundidade em relação à cota da rua atual, de «um derrube in situ de um telhado, provavelmente de uma casa romana (tégula e imbrices)» (PEREIRA, comunic. pessoal).

Espólio

Referência apenas a cerâmica romana de cobertura (tegulae e imbrices).

Estado espólio	Desconhecido	Localização espólio	Desconhecida

Ref.

Dados obtidos por comunicação pessoal e de apontamentos do arqueólogo responsável, uma vez que o relatório original ter-se-á extraviado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo convencional, atribuído por nós.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Cais de Gaia (Rua do); Rei Ramiro (Rua de); Pereira da Costa (Rua de) - Rebello Hotel**	Sítio	Castelo	Acrón.	**REB.18**		
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar			
X:	-8.620605°	Y:	41.137830°	SRC	WGS84	Altit.	7
Inicio	10/04/2018	Fim	04/06/2020				
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa			
Tipo trabalho ou achado	Acompanhamento; Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	450	Interv. local	**1**		
Resp.	Francisco Raimundo; José Carvalho; Rui Ramos	Entidade	Era Arqueologia				

Descrição

A construção de um estabelecimento hoteleiro num vasto conjunto de antigos armazéns e oficinas marginais ao rio Douro, ocupando uma área de mais de 5600 m2, levou à avaliação arqueológica prévia da zona, para efeitos de diagnóstico e salvaguarda.

Numa primeira fase, foram escavados cerca de 350 m2, em várias sondagens, que não revelaram quaisquer vestígios anteriores, talvez, aos séculos XIX ou XVIII (RAIMUNDO; CARVALHO; RAMOS, 2020). Posteriormente, em fase de acompanhamento arqueológico de obra detetaram-se cerâmicas romanas (tégula e ânfora) associadas a uma estrutura murária, o que levou à realização de novas sondagens. Na conclusão destas, observou-se, na verdade, a presença de um muro, de aparelho irregular, orientação sensivelmente Norte-Sul e, a avaliar pelas imagens da Nota Técnica, com cerca de uma dezena de metros de extensão; nos depósitos que se lhe adossavam recolheu-se cerâmica romana, sobretudo tegula, que estava igualmente presente no seu miolo.

As condições da escavação - dado ser uma zona continuamente inundada por água de mina - e a presença de outros muros e uma canalização moderna, que certamente perturbaram a estratigrafia original, não permitiram propor qualquer função para esta estrutura (RAIMUNDO, 2020).

Espólio

Referência a fragmentos de ânfora e de tegulae.

Estado espólio: Desconhecido — Localização espólio: Empresa responsável

Ref.

RAIMUNDO, Francisco; CARVALHO, José; RAMOS, Rui (2020) – Nota técnica. The Rebello Hotel and Apartments. Sondagens e escavação arqueológica (2ª fase). Lisboa: Era – Arqueologia. Texto datilog.

RAIMUNDO, Francisco (2020) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. The Rebello Hotel and Apartments. Escavação Arqueológica. Lisboa: Era – Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo convencional, atribuído por nós. A área total escavada é estimativa.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Rei Ramiro (Rua de)/Cais de Gaia (Rua do)/ Pereira da Costa (Rua de) - (antigo Hard Club)**	Sítio	Castelo	Acrón.	**RR.16**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.622795°	Y:	41.140274°	SRC	WGS84
Altit.	19	Inicio	16/02/2016	Fim	30/10/2018
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Romano-República	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação; Sondagens	Área escav. (m2)	756	Interv. local	**2**
Resp.	José Carvalho; Rui Ramos	Entidade	Era Arqueologia		

Descrição

Esta intervenção veio dar continuidade aos trabalhos de RRT.08, devendo consultar-se a ficha respetiva para o enquadramento do local e os resultados dessas sondagens, agora continuadas e ampliadas. Aliás, a intervenção não foi ainda concluída, respeitando as datas indicadas às duas grandes fases de trabalhos já executadas.

O recomeço das escavações, em 2016, visava a escavação integral de uma superfície de 756 m2, incluindo algumas sondagens pontuais mas, sobretudo, escavação em área, de modo a compreender os contextos aparecidos em 2008 (RAMOS; CARVALHO, 2016).

Reservando para o corpo da dissertação outros detalhes, destacamos entre os resultados dos trabalhos de 2016-2018 (RAMOS; CARVALHO, 2016, 2018) a completa definição do grande edifício alongado, com orientação sudeste-noroeste, que mede, pelo menos, 33 metros de eixo maior por 7,6 metros de largura máxima, dimensões incompletas uma vez que a fachada nascente foi destruída já em época antiga e o limite meridional se encontra sob um arruamento contíguo (RAMOS; CARVALHO, 2020: 70-72; RAMOS, 2020). Este complexo foi agora entendido como um conjunto de horrea, confirmando-se a sua construção no século I a.C (RAMOS, 2020; RAMOS; CARVALHO, 2020). Ressaltam ainda desta escavação a identificação de outras estruturas de cronologia alto-imperial; a identificação de depósitos e construções de época tardo-romana; e, ainda, a descoberta de um conjunto de quatro ou cinco habitações da Idade do Ferro, com numerosas lareiras e pormenores de particular interesse, como os vestígios de paredes rebocadas e a evidência de construção em adobe, de que, inclusive, se encontraram tijolos.

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio da intervenção é, naturalmente, muito volumoso e diverso, tanto no que toca aos materiais indígenas como aos exógenos, entre os quais figura um representativo lote de importações meridionais. Uma primeira caracterização geral foi já feita em RAMOS; CARVALHO, 2020, merecendo o tipo particular da ânfora Dressel 1 um estudo dedicado (CARVALHO; RAMOS, 2020).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2016) – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Construção do empreendimento imobiliário Rei Ramiro Terraces (Cais de Gaia/Capelo Ivens). Vila Nova de Gaia. Escavação e sondagens arqueológicas (fase prévia à obra). Lisboa: ERA-Arqueologia, S.A. Texto datilog.

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2018) – Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos. Rua Rei Ramiro; Rua Cais de Gaia; Rua Pereira da Costa. Vila Nova de Gaia. Lisboa: Era – Arqueologia. Texto datilog.

RAMOS, Rui (2020) – Um horreum augustano na foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1309. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa95

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Acrónimo convencional atribuído por nós.

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

Estes ambientes foram datados como tendo uma primeira fase balizada entre os séculos IV e III a.C. (RAMOS; CARVALHO, 2020: 72-22), época a que pertencerão, também, um conjunto de 14 estruturas de combustão, de função artesanal, ainda em estudo (RAMOS; CARVALHO, 2020: 74-75).

Por todos estes achados, aqui tão só vertidos em súmula, esta intervenção assume-se como uma das mais importantes jamais ocorridas no Castelo de Gaia, iluminando muitos aspetos ignorados e, sobretudo, abrindo à discussão novas linhas interpretativas.

REFERÊNCIAS

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2020) – O sítio do Rei Ramiro: contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia). Apontamentos de Arqueologia e Património. 14 (abr. 2020). Lisboa: Era Arqueologia, SA, p. 67-81. Em linha: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos

CARVALHO, José; RAMOS, Rui (2020) – A Ânfora Romana Dressel 1 (Rei Ramiro, Castelo de Gaia): características e contextualizações. Apontamentos de Arqueologia e Património. 14 (abr. 2020). Lisboa: Era Arqueologia, SA, p. 57-65. Em linha: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Rei Ramiro (Rua de), 170 [Gaveto com Rua de Pereira da Costa]**	Sítio	Castelo	Acrón.	**RRM170.20**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.621526°	Y:	41.138494°	SRC	WGS84
Altit.	23	Inicio	23/11/2020	Fim	11/03/2021
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	68	Interv. local	**1**
Resp.	Filipe Manuel Soares Pinto	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

A avaliação arqueológica que antecedeu a execução de um projeto construtivo fez-se através da escavação de seis sondagens, realizadas cinco no exterior e uma na cave do edifício existente, cobrindo uma superfície de 68m2.

Foram encontrados espessos aterros, genericamente com materiais e, provavelmente, estruturas de época moderna e contemporânea. A presença de espólio mais antigo foi praticamente residual, limitando-se a algum material de construção e outra cerâmica, o que surpreendeu o responsável pela escavação, que não deixou de comentar, nas conclusões do relatório, a raridade do espólio medieval e/ou romano: «dada a proximidade do núcleo ocupacional da Idade do Ferro e de época Romana do Castelo de Gaia, seria expectável um maior volume de materiais destas cronologias, mesmo em contextos de deposição secundária». (PINTO, 2018: 49).

Todavia, deve notar-se, dada a espessura dos aterros e a instabilidade dos taludes, que algumas das sondagens, mesmo tendo atingido profundidades entre os 1,60 e os 2,50 metros, não chegaram à rocha natural.

Espólio

Referência a fragmentos de tegulae, ilustrando-se também um fragmento de ânfora tardo-antiga, do Mediterrâneo oriental (PINTO, 2018: 56, Fotografia 66).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

PINTO, Filipe M. Soares (2018) – Sondagens arqueológicas na Rua de Rei Ramiro, 170 [Gaveto com Rua Pereira da Costa]. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar. Março 2021. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original atribuído pela empresa: RRM170-VNG.20

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Rei Ramiro (Rua de)/Cais de Gaia (Rua do) - Rei Ramiro Terraces (antigo Hard Club)**	Sítio	Castelo	Acrón.	**RRT.08**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.622795°	Y:	41.140274°	SRC	WGS84
Altit.	19	Inicio	07/07/2008	Fim	16/09/2008
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Romano-República	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	224	Interv. local	**1**
Resp.	João Paulo G. Barbosa; Roger Prieto de la Torre	Entidade	Logiark		

Descrição

Um projeto imobiliário previsto para o edifício e terrenos anexos a um conhecido estabelecimento de lazer obrigou a medidas de avaliação arqueológica prévia. A área situa-se no sopé nordeste do monte do Castelo, desenvolvendo-se em três plataformas: a superior com uma cota média de 21,5 m, a intermédia a 18,5 m e a inferior (ocupada pelo edifício) a 6 m acima do nível médio da água do mar. Os trabalhos arqueológicos implicaram a escavação de 14 sondagens, com 16m2 cada, totalizando assim 224 m2 (BARBOSA; PRIETO, 2011).

Nas sondagens feitas a cota mais próxima do rio, não se encontraram depósitos ou estruturas antigas, tão só alguns materiais descontextualizados. As restantes 11 sondagens, porém, realizadas na plataforma mais elevada, permitiram a identificação de diversas estruturas de época romana e de materiais romanos e da Idade do Ferro.

Concretamente, detetaram-se diversos muros de construções romanas, com realce para um longo edifício, com, pelo menos, 20 metros de extensão, compartimentado em espaços idênticos, ao qual se atribuiu uma possível função de armazenamento (BARBOSA; PRIETO, 2011: 16-21, 42; SILVA et al., 2017a: 318-319). Foi também encontrado um muro espesso, com cerca de 1,20 de largura, na ocasião interpretado como uma possível muralha (BARBOSA; PRIETO, ibid.; SILVA et al., ibid.), o que trabalhos posteriores não confirmariam. Os contextos cronológicos então apontados, sugerindo a construção do grande edifício no século I a.C. (SILVA et al., 2017a: 319), viriam a ser reconhecidos em trabalhos ali executados posteriormente (cfr. ficha RR.16).

Espólio

O espólio encontra-se devidamente descrito e quantificado (BARBOSA; PRIETO, 2011: Anexo I.3), atingindo perto de 10.500 objetos, com destaque para os vários tipos de cerâmica romana - da qual se efetuou já um estudo sobre os produtos importados, sobretudo as ânforas (SILVA et al., 2017a) - mas estando também bem representada a olaria indígena. Ocorreram também vidros romanos, metais e líticos de bastante interesse.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Solar dos Condes de Resende - C. M. V. N. Gaia

Ref.

BARBOSA, João P.; PRIETO, Roger (2011) – Rei Ramiro Terraces (RRT08). Sondagens de avaliação prévia. Rua do Rei Ramiro/Cais de Gaia. Santa Marinha. Vila Nova de Gaia. Relatório Final. Porto: Logiark. Serviços Arqueológicos. Relatório datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; MORAIS, Rui; PINA-BURÓN, María R.; PRIETO DE LA TORRE, Roger (2017a) – Cerâmica romana importada na foz do Douro: uma escavação arqueológica no Castelo de Gaia (V. N. Gaia, Norte de Portugal). In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana C.; BARREIRA, Hugo (eds.) – Genius Loci: lugares e significados; places and meanings. Vol. 2. Porto: CITCEM-FLUP, p. 315-331

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Viterbo de Campos (Rua de), 51-57**	Sítio	Castelo	Acrón.	**RVC51.18**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	8°37'25.16	Y:	41° 8'26.24	SRC	WGS84
Altit.	35	Inicio	03/02/2019	Fim	09/05/2019
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	260	Interv. local	**1**
Resp.	Hernâni Lamego; João Silva; Martinha Serras; Nuno Gomes	Entidade	Civitas Arqueologia		

Descrição

A avaliação prévia de um terreno para o qual foi projetada uma construção fez-se através da escavação arqueológica de uma superfície de 230 m2, distribuída por 11 sondagens, por forma a cobrir a área de afetação do projeto, tendo sido diversas sondagens sujeitas a alargamentos pontuais. O terreno é vizinho, pelo norte, da capela do Bom Jesus de Gaia, onde outras escavações (BJES.88) identificaram um edifício tardo-antigo.

A maior parte das sondagens revelaram estruturas romanas e da Idade do Ferro, tanto pisos como restos de construções, por vezes a grande profundidade (c. de 4 metros), o que indicia que foram feitos aterros para a criação da plataforma onde se ergue o imóvel atual.

Os autores da escavação referem um «nível romano selado», correspondente à UE 701 (GOMES et al., 2019: 17) e entre as fotografias das sondagens parece ver-se o troço de uma construção circular da Idade do Ferro, com vestíbulo, ocorrendo outra estrutura, de grande porte, que o relatório sugere poder corresponder a um troço de muralha (o que, pelo aspeto e orientação, parece plausível).

O espólio, embora heterogéneo, é de muita qualidade, tanto nas cerâmicas castrejas como nas romanas, com presença de terra sigillata, ânfora, um fragmento de lucerna, contas em vidro, um acus crinalis em bronze, etc. Aguarda-se que a 2ª fase dos trabalhos (alargamento de escavações) possa clarificar estes contextos, que parecem ser excecionais.

Espólio

O material ilustrado em relatório, ainda não classificado, inclui sigillata (alguma tardia, focense), ânforas e outras cerâmicas, além de vidros e objetos em bronze. Parece existir, igualmente, um bom lote de cerâmicas da Idade do Ferro.

Estado espólio: Tratado — Localização espólio: Empresa responsável

Ref.

GOMES, Nuno; LAMEGO, Hernâni; SILVA, João; SERRAS, Martinha (2019) – Rua Viterbo de Campos, 51-57, Vila Nova de Gaia. Sondagens Arqueológicas. Relatório Preliminar. Porto: Civitas Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**São Marcos (Rua de), 105-109**	Sítio	Castelo	Acrón.	**SMR105.18**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Castelo
X:	-8.625022°	Y:	41.140592°	SRC	WGS84
Altit.	53	Inicio	26/11/2018	Fim	31/01/2019
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Sondagens	Área escav. (m2)	10	Interv. local	**1**
Resp.	Mário Gonçalves; Sofia Rodrigues Pinho Soares	Entidade	Empatia Arqueologia		

Descrição

Como avaliação prévia da sensibilidade arqueológica do terreno perante um pedido de licenciamento de reconstrução de uma moradia, foram realizadas duas sondagens, uma no exterior (Sondagem 1) e outra no interior do imóvel (Sondagem 2).

Os depósitos achavam-se bastante perturbados por movimentações antrópicas contemporâneas, mas recolheu-se alguma cerâmica comum e de construção romana (tégulas), bem como castreja, designadamente nas UE 107, 108, 110 e 214, encontrando-se todo o material descontextualizado e em depósito secundário (SOARES; GONÇALVES, 2019b: 7-8, 12, 20).

Espólio

Referência à exumação de fragmentos de tegulae, cerâmica comum romana e da Idade do Ferro, aparentemente em pequena quantidade.

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Empresa responsável

Ref.

SOARES, Sofia; GONÇALVES, Mário (2019b) – Sondagens arqueológicas na Rua de São Marcos, 105-109. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar. Janeiro 2019. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observ.

Acrónimo original da empresa: SMR105-VNG.18

Conclusão de texto

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interv./ local	**Terrenos da Taylor's Fonseca**	Sítio	Castelo	Acrón.	**TAYFON.99**
Concelho	Vila Nova de Gaia	Freguesias	Santa Marinha	Lugar	Quinta da Barca
X:	-8.623045°	Y:	41.140104°	SRC	WGS84 (ponto central)
Altit.	32	Inicio	01/09/1999	Fim	31/12/2002
Tipo	**Castro romanizado**	Datação achados	Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo-Império; Tardo-antiguidade	Datação precisa	
Tipo trabalho ou achado	Escavação	Área escav. (m2)	650	Interv. local	**1**
Resp.	Teresa Pires de Carvalho	Entidade	Serviço liberal		

Descrição

O projeto de construção de um edifício administrativo, por parte de uma conhecida firma do ramo vinícola, levou a uma extensiva intervenção arqueológica de avaliação prévia, que se estendeu por vários anos, na encosta nascente do Castelo de Gaia, sobre a qual não há ainda estudo monográfico mas conhecem-se já diversas sínteses (CARVALHO; FORTUNA, 2000; CARVALHO, 2003; NASCIMENTO et al., 2020).

O terreno encontrava-se, originalmente, socalcado em três plataformas, com cotas que variavam entre os 27,5 e os 36,5 metros.

Os vestígios arqueológicos do período que nos interessam podem distribuir-se, sinteticamente, de acordo com os dados vindos a lume, em cinco momentos temporais: a fase de ocupação mais antiga (Bronze Final/Ferro inicial); a fase do Ferro pleno (genericamente séculos IV-II a.C.); a fase tardo-republicana e de conquista; os meados do século I e o Baixo-Império e período tardo-antigo.

Da época mais antiga não se encontraram estruturas, mas uma camada de nivelamento do terreno granítico original que incluía cerâmicas manuais, lisas, e mesmo formas características como vasos de largo bordo horizontal, contexto a que se seguiu uma lareira associada a materiais cerâmicos datáveis dos séculos V-III (CARVALHO, 2003: 826-7; CARVALHO, FORTUNA, 2000: 160) ou IV-II a.C. (NASCIMENTO et al., 2020: 275), devendo pertencer ainda

(CONTINUA NO VERSO)

Espólio

O espólio é, naturalmente, muito diversificado. Encontra-se parcialmente descrito, sem quantificação, em CARVALHO, 2003, que destaca os exemplares mais característicos da cerâmica de cada fase de ocupação. Um primeiro e valioso estudo sobre as cerâmicas castrejas de uma das habitações circulares foi entretanto publicado (CARVALHO; NASCIMENTO; SOUSA, 2020).

Estado espólio	Tratado	Localização espólio	Arqueólogo responsável

Ref.

CARVALHO, Teresa P. (2003) – As ocupações no Castelo de Gaia - problemas de arqueologia urbana. Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património. 2. Porto, p. 823-841

CARVALHO, Teresa P.; FORTUNA, Jorge (2000) – Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia. Al-Madan. 9. Almada, p. 158-62

CARVALHO, Teresa P.; NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (2020) – O Castelo de Gaia: a cerâmica dos contextos castrejos. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições». Vol. 2. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 353-369

(CONTINUA NO VERSO)

Observ.

Conclusão de texto

DESCRIÇÃO

a esta fase uma das casas circulares encontradas na escavação (CARVALHO, 2003: 828). Teresa P. Carvalho isola depois um outro nível, informado por ânforas e outra cerâmica da transição do milénio, sobre o qual terá sido, algumas décadas depois, instalada a muralha (Idem, ibid.).

Esta foi a estrutura mais surpreendente, sendo constituída por um troço com cerca de 45 metros, com largura entre os 1,90 e os 2,20 metros e alçado preservado entre os 0,8 e os 1,8 metros; era formada por dois muros com enchimento de pedra, exibindo aparelho irregular ligado por pedra miúda argamassada nas juntas (CARVALHO; FORTUNA, 2000: 160; CARVALHO, 2003: 828). Segundo os AA., esta muralha «seguramente envolveria todo o monte, um pouco abaixo da sua cota média (…) entre os 26 e os 27 metros» (CARVALHO; FORTUNA, 2000: ibid.). No Baixo-Império esta estrutura terá sido desfuncionalizada, uma vez que foi sobreposta por outras construções (CARVALHO, 2003: 829).

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições». Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.
INVENTÁRIO REGIONAL

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

II.A
CASTROS (IDADE DO FERRO)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte do Castelo	Castro		**C01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Covelo	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.093865; -8.449301	220	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Localizado nos contrafortes da Serra das Flores, dominando os vales dos ribeiros do Couço e das Longras, Teresa Soeiro identificou um «povoado fortificado», com base, sobretudo, na «irregularidade das vertentes e a abundância de pedra (xisto) à superfície», uma vez que não observou qualquer espólio; menciona ainda a presença de vestígios de uma corta mineira nas imediações, designada como Chão do Fojo (SOEIRO, 1984: 111-2).
O sítio, do qual não se conhecem outras informações, corresponde certamente ao indicado por Camilo de OLIVEIRA, a sul das «pedreiras» do Chão do Fojo (1934: 22), povoado também inventariado por A. C. Ferreira da SILVA (2007a: 141, n.º 522) e F. QUEIROGA (2003: 166, n.º 178).

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
OLIVEIRA, Camilo de (1934) – *O Concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Vol. 2. Porto: Imprensa Moderna

QUEIROGA, Francisco R. (2003 [1992]) – *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. Series, 1198)

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e atualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel, 112 e fig. V

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Alto do Castelo	Castro	22827	**C02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Medas	Alto do Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.04975; -8.437616	121	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
O Portal do Arqueólogo descreve o sítio, sem indicação de fonte, como um «povoado muito destruído, particularmente na vertente NE, por uma corta mineira, da qual parte pelo menos uma galeria», desconhecendo-se a existência de achados ou bibliografia específica. O local, com um declive muito acentuado para Sudoeste, encontra-se atualmente, em parte, urbanizado e em parte pouco acessível por causa da vegetação (DELINDRO, 2012: 142-4), achando-se também perturbado pela referida corta mineira (SOEIRO, 1984: 112; ver ficha T01).
Esta Autora, citando um manuscrito oitocentista conservado no arquivo municipal de Penafiel, refere que no local seriam então visíveis «ruínas e pedras trabalhadas» (SOEIRO, *ibidem*).
A. Coelho F. Silva, designa o local como «Alto do Castro», aparentemente por lapso, e apresenta coordenadas geográficas que não correspondem (SILVA, 2007a: 141, n.º 524).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
DELINDRO, Liliana dos Santos (2012) – *Condicionantes do Ambiente Físico no Povoamento Proto-Histórico no Vale do Douro Inferior: Entre a Foz e Entre-os-Rios*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e atualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel, 112 e fig. V

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2498266

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Broalhos	Castro	1585	**C03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Medas	Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.07086; -8.454966	80	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Registam-se apenas trabalhos de relocalização do sítio feitos em 2002, no âmbito de um Estudo de Impacte Ambiental para uma Central de Gás Natural (dir. Alexandre Canha), não muito conclusivos, segundo informação pessoal do Autor.

Descrição

O castro implantava-se sobre «um cabeço xistoso, num meandro do ribeiro de Canas, em posição proeminente sobre o Douro» (SOEIRO, 1984: 112), visão que a moderna urbanização do local alterou substancialmente.

Nas imediações terão existido trabalhos mineiros antigos, registando-se o achado, em Agra de Canas, de «três cilindros de granito, três mozitas também em granito e alguns tijolos de barro», ao mesmo tempo que se menciona o que parecem ser tanques de decantação de minério (OLIVEIRA, 1934: 401). Para além destes indícios de mineração arcaica, T. Soeiro menciona notícias de outros achados que parecem apontar para uma eventual necrópole (SOEIRO, 1984: 112).

O Portal do Arqueólogo, transcrevendo o Plano Diretor Municipal (GIPP, 2015: 14) descreve o sítio como um «povoado com dupla ou tripla muralha a envolver o conjunto habitacional», situação não totalmente confirmada por trabalhos de prospeção feitos no âmbito de um EIA (inf. pessoal de Alexandra Canha).

As condições atuais do local, bastante alterado pela construção de uma central termoelétrica e com densa vegetação, não permitem observar quaisquer elementos arqueológicos (DELINDRO, 2012: 139-41).

O Portal do Arqueólogo regista, com a designação de «Crastos» um sítio (CNS 6914) sem quaisquer outras informações, não sendo possível, por isso, localizar a estação, que não parece ser referida por outros autores, devendo a referência provir, possivelmente, apenas do topónimo (Rua dos Crastos) e relacionar-se com o Castro de Broalhos. Junto à rua que conserva o topónimo encontram-se uma escola secundária e as piscinas municipais, não se observando quaisquer evidências arqueológicas.

Todavia, o Plano Diretor Municipal de Gondomar associa o topónimo «Crastos» ao povoado do Alto do Castelo (GIPP, 2015: 14).

Achados ou espólio

Desconhecido.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

DELINDRO, Liliana dos Santos (2012) – *Condicionantes do Ambiente Físico no Povoamento Proto-Histórico no Vale do Douro Inferior: Entre a Foz e Entre-os-Rios*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GIPP, Lda. – Gestão Integrada de Projectos e Planeamento (2015a) – *Plano Diretor Municipal de Gondomar. Património Cultural. Relatório*. Texto datilografado

OLIVEIRA, Camilo de (1934) – *O Concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Vol. 2. Porto: Imprensa Moderna

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira, p.87 [n.º 428]

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel, p. 112 e fig. V.

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=55882

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Santa Cruz	Castro	17458	**C04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Barca	Santa Cruz; Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
	110	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Pequeno povoado castrejo, mencionado genericamente por diversos autores (AZEVEDO, 1939: 105; ALMEIDA, 1969: 21; MOREIRA, 1969: 21). Encontra-se muito destruído pela exploração de pedra, pela construção da capela e outras ações antrópicas, mas Álvaro MOREIRA (2009: 195) indica que se preservam ainda, na vertente leste, «duas plataformas que poderão corresponder aos taludes formados pela muralha e respectivas plataformas intermédias».

Achados ou espólio
Foi recolhida no local «parte de um dormente de uma mó de rebolo (…), assim como fragmentos cerâmicos referentes à Idade do Bronze» (RIBEIRO, 2014: 37-8).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

AZEVEDO, Agostinho de (1939) – *A terra da Maia: subsídios para a sua monografia*. vol. 1. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae. *Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

MOREIRA, Domingos A. (1969) – *Paisagem Toponímica da Maia*. Maia: Câmara Municipal

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Custóias	Castro	3553	**C05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Custóias	Matalto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.198867; -8.653281	65	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Não registados, para além de prospeções realizados pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

Deve-se ao investigador local Joaquim Neves dos Santos a identificação de um «pequeno crasto sem muralhas na bifurcação de caminhos que davam para o *oppidum* do Monte Castêlo (Castro de Guifões)» que aliás interpreta como «guarda avançada» do mesmo Castro de Guifões (SANTOS, 1959: 44-5). O mesmo Autor (*id., ibid*.) relaciona o sítio com o *mons* ou *alpe Custodias*, mencionado em perto de quatro dezenas de documentos ao longo do século XI como elemento de referência ou controle territorial, podendo corresponder a um castelo ou a uma atalaia (BARROCA, 2017b: 235-6; MARIANI, 2020: 196-8).

Porém, o monte *Custodias* (> Custóias), atual Monte de São Gens encontra-se totalmente descaracterizado pela urbanização e extração de pedra e nele não se observaram até à data quaisquer vestígios de ocupação antiga. Todavia, os técnicos do Gabinete de História e Arqueologia do Município de Matosinhos detetaram numa pequena elevação de cota inferior, a cerca de 650 metros a noroeste de São Gens, um fragmento de cerâmica pré-histórica (PIRES, 2012: 68; 2016b: Cod. Inv. 1104; 2018: 61-2), levando-os a propor que aí se situasse o povoado castrejo sugerido por Neves dos Santos.

A localização do sítio é, na verdade, problemática, pois a proposta de implantação de Conceição Pires não parece coincidir claramente com a de Neves dos SANTOS (1959: mapa), e A. C. Ferreira da SILVA (2007a: 136), por sua vez, em inventário geral, localiza um «Castro de Matalto» na área do Monte dos Pipos, cerca de 700 metros a Noroeste, indicando como «Fonte do Cuco» (que Neves dos Santos refere existir no sopé do castro) um povoado congénere um pouco a sul (*idem, ibid*.), se bem que em trabalho mais recente ignore o sítio (SILVA; MOREIRA, 2011: 88).

Seja como for, dada a escassez de vestígios, não nos parece sustentável a hipotética romanização do sítio, que porventura propiciaria maior evidência arqueológica.

Achados ou espólio

Alguns materiais cerâmicos, aparentemente pouco expressivos foram identificados em trabalhos de prospeção e são referenciados na respetiva ficha de sítio. Supomos terem sido conservados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

BARROCA, Mário J. (2017b) – *Prope litore maris*. O sistema defensivo da orla litoral da Diocese do Porto (Séc. IX a XII). In AMARAL, Luis C. (coord) – *Um poder entre poderes. Nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense*. Porto: Cabido Portucalense; Universidade Católica Portuguesa, p. 199-243

MARIANI, Andrea (2020) – *Le strutture fortificate medieval nel território della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX-XII secolo).* Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

SILVA, Armando C. Ferreira da; MOREIRA, Álvaro B. (2011) – O Rio da Memória. Proto-história no vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 89-124

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Esposade	Castro		**C06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Custóias	Esposade

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.214461; -8.650408	79	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

As designações de arruamentos «Travessa do Crasto» e «Viela do Crasto» parecem ser o que de mais substantivo restou de um povoado castrejo que terá existido numa elevação do lugar de Esposade de Cima, com o topónimo antigo de «Monte da Vela», cota máxima na ordem dos 79 metros, dominando o vale do rio Leça e pontuada pela ermida setecentista de Nossa Senhora das Dores. O aglomerado da Idade do Ferro parece ter sido por completo destruído ou descaracterizado pela urbanização e pela extração de pedra nos séculos XIX e XX, que deixou larga cratera a norte (PIRES, 2012: 68; 2016b: Cod. Inv. 1105; 2018: 62).

Com base nas características geomorfológicas do local, Conceição Pires sugere que o povoado poderia originalmente ter estado organizado em três plataformas, constituindo talvez a penedia mais escarpada, a Norte e a Este, parte integrante do sistema defensivo (PIRES, 2018: 62), mas de mais concreto regista-se apenas o aparente achado de *tegula* na encosta nascente (PIRES, 2012: 68; 2016b: Cod. Inv. 1105; 2018: 62), que todavia nos parece insuficiente para sustentar a romanização do castro, como pretende a mesma autora (2016b: *ibid*.).

A informação de Neves dos Santos, segundo o qual haveria, no penedo onde se ergue a capela de Nossa Senhora das Dores, uma «pégada de boi», com o correspondente aparato lendário (SANTOS, 1959: 66), pode sugerir alguma ritualização desse alto pedregoso consistente com a sua ocupação antiga; porém, desaparecida a suposta gravura rupestre com a urbanização do sítio, fica apenas a sugestão, sem maiores consequências.

Achados ou espólio

A referência a materiais cerâmicos de superfície é vaga, individualizando-se apenas «alguns fragmentos de tégula e um fragmento de cerâmica comum», não sabemos se esta romana (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1105), tanto mais que em trabalho posterior, estes fragmentos são classificados como «informes» (*Idem*, 2018: 68). Desconhecemos se tais materiais foram conservados, admitindo-se que sim.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

SILVA, Armando C. Ferreira da; MOREIRA, Álvaro B. (2011) – O Rio da Memória. Proto-história no vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 89-124

Observações

Armando C. F. SILVA, certamente por lapso de coordenadas, localiza este povoado cerca de 1,3 km a nascente (2007a: 136, n.º 454) e, numa carta de outro trabalho, mesmo na margem direita do Leça (SILVA; MOREIRA, 2011: 88).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta da Conceição	Castro (?)		**C07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Leça da Palmeira	Quinta da Granja ou da Conceição

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.196667; -8.686389	17	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Não registados, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

A conhecida Quinta da Conceição, o principal parque público municipal de Matosinhos, designou-se também Quinta da Granja, sendo o local nomeado ainda como «o Castro» (FARIA, 1899: 239). O relevo original dessa colina sobranceira ao rio Leça encontra-se muito alterado, desde que em 1481 aí se instalou o Convento de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem de São Francisco, por construções posteriores e mais recentemente pelo complexo portuário de Leixões.

O antigo topónimo *Castro* apenas começou a ser valorizado, como indiciador de um possível assentamento proto-histórico, desde que em 2008 os técnicos do serviço municipal de arqueologia ali detetaram alguns materiais de superfície, designadamente «um fragmento de asa de rolo, cerâmica manual micácea, (…) fragmento de vidro romano» e, noutro ponto da quinta, «um moinho manual em granito de grandes dimensões», materiais ilustrados na respetiva ficha de inventário (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1267), se bem que a mó de vai-vém pareça algo atípica para poder ser integrável numa cronologia proto-histórica.

Seja como for, atendendo à toponímia e não parecendo muito admissível que estes materiais sejam procedentes de qualquer aterro ou mobilização de terras externas ao local, entendemos justificável a proposta da ocupação do local durante a Idade do Ferro, como proposto (PIRES, 2012: 95; 2016b: Cod. Inv. 1267; 2018: 63-4).

Achados ou espólio

A ficha de inventário arqueológico da carta de salvaguarda municipal identifica vários materiais de superfície, incluindo aparentes fragmentos de cerâmica castreja micácea e um moinho manual em granito (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1267).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

FARIA, Francisco F. Godinho (1899) – *Monographia do Concelho de Bouças. O concelho de Bouças sob os pontos de vista histórico, demográfico (1.ª parte), hygienico, administrativo […], commercial e archeologico*. S.l.: Ed. A.

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Recarei	Castro		**C08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Leça do Balio	Alto de Recarei de Cima

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.206667; -8.623056	50	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além de algumas ações de prospeção de campo, nomeadamente as realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

Se bem que recenseado em diversos inventários arqueológicos, organizados com base quer em estudos locais (SANTOS, 1959), quer a partir de critérios académicos (SILVA, 1986; 2007; QUEIROGA, 2003 [1992]; MOREIRA, 2009; PIRES, 2012), como ainda de salvaguarda patrimonial (PIRES, 2016a; 2016b), a evidência arqueológica do «castro de Recarei» é extremamente frágil e equívoca, desde logo pela circunstância do «castro» estar assinalado em três distintas localizações, em uma e outra margem do rio Leça, mediando cerca de 950 metros a distância entre as implantações mais extremadas.

A primeira referência à existência de um povoado castrejo «no Alto de Recarei de Cima (capela de São Sebastião», deve-se ao curioso local Joaquim Neves dos SANTOS (1959: 47), que define a suposta estação arqueológica como um «pequeno castro da época romana ou mesmo anterior, sem muralha» (*Idem, ibidem*). A favor da descoberta, Neves dos Santos aduz apenas dois argumentos: a identificação de uma ara dedicada a Júpiter na Quinta do Alão, situada na encosta da elevação voltada a Sul[1] e uma referência documental do ano de 993 que menciona certas propriedades «*suptus kastro rekaredi*» (*Ibid*., 47-48), que Santos relaciona erradamente com o lugar de Matosinhos, quando, na verdade, se reporta a um outro «castro Recarei», situado no concelho de Oliveira de Azeméis, bem a sul do Douro (MARIANI, 2020: 301).

Com base nestas informações de Neves dos Santos, Armando Coelho inventaria o Castro de Recarei, em listagem simples, todavia, por lapso ou opção, localiza-o quase 500 m a ONO. (SILVA, 1986: 85, n.º 370; 2007a: 136, n.º 456) do ponto aparentemente indicado por Neves dos Santos, sobre uma pequena colina, atualmente descaracterizada por um empreendimento industrial e «encaixada» entre a via férrea e diversas rodovias (41.208025°; -8.628419°).

Francisco QUEIROGA (2003 [1992]: 168, n.º 199) reproduz o sítio de Ferreira da Silva, sem coordenadas de localização. Álvaro MOREIRA, citando os dois autores anteriores, opta por localizar o castro de Recarei na margem oposta do rio Leça (41.207475°; -8.617477°)[2], num outeiro que define como uma «plataforma de reduzidas dimensões de planta oval», com poucas condições naturais de defesa e uma topografia «profundamente alterada devido à construção de habitações e

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[1] Ver ficha E08.

[2] Esta localização, deve notar-se, foi recolhida da cartografia de sítios romanos apresentada pelo autor (MOREIRA, 2009: carta não numerada entre as páginas 128 e 129), pois as coordenadas apresentadas na ficha respetiva (MOREIRA 2009: 230) estão claramente equivocadas.

terraceamentos agrícolas», não evidenciando materiais arqueológicos de superfície e parecendo beneficiar de uma implantação geográfica estratégica em época romana, «sobranceira à ponte da Pedra que corresponde à travessia do Leça da via de ligação de *Bracara Augusta* a *Cale*» (MOREIRA, 2009: 230). Curiosamente, num cartograma de trabalho posterior subscrito por Álvaro Moreira e Armando Coelho F. Silva (SILVA; MOREIRA, 2011: 88), a localização do Castro de Recarei não coincide com nenhuma das anteriormente propostas por ambos os autores, parecendo aproximar-se da indicação de Neves dos Santos, mas a escala da carta e da simbologia não permite maior rigor.
Finalmente, o levantamento realizado por Conceição Pires, quer em versão académica (PIRES, 2012: 68-9; 2018: 62-3) quer na respetiva adaptação para a carta arqueológica municipal de Matosinhos (PIRES, 2016a; 2016b: Cod. Inv. 1113) retoma a localização do castro de Recarei proposta por Neves dos Santos, indicando que a expressiva urbanização do local e a existência de explorações de pedra descaracterizaram o sítio, não se identificando quaisquer materiais arqueológicos ou outra evidência arqueológica substancial. Todavia, em visita à Quinta do Alão, esta autora recolheu informação sobre um achado ali feito respeitante a um fragmento de uma estátua em pedra, correspondendo a uma cabeça «com traços muito antigos», peça entretanto desaparecida mas que poderia, porventura, corresponder a um guerreiro galaico-lusitano, segundo a mesma autora (PIRES, 2012: 97; 2018: 63).
Mesmo considerando todas estas dúvidas e imprecisões, entendemos que se justifica manter o registo do sítio até à aquisição de maiores dados, optando-se pela localização geográfica de Neves dos Santos e do Gabinete de Arqueologia de Matosinhos.

Achados ou espólio
Não se conhece qualquer espólio arqueológico de superfície, salvo os achados próximos da Quinta do Alão, mencionados na descrição.

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências
MARIANI, Andrea (2020) – *Le strutture fortificate medieval nel território della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX-XII secolo).* Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016a) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

QUEIROGA, Francisco R. (2003 [1992]) – *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. Series, 1198) [= Dissert. Doutoramento apresentada à Universidade de Oxford, UK]

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

SILVA, Armando C. Ferreira da; MOREIRA, Álvaro B. (2011) – O Rio da Memória. Proto-história no vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 88-124

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Freixieiro	Castro		**C09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Perafita	Monte Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.224167; -8.683611	50	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da Câmara Municipal de Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

Joaquim Neves dos Santos localizou «numa pequena colina do lugar do Freixieiro» um «pequeno crasto originário da época do ferro, sendo mais tarde romanizado» (SANTOS, 1959: 45), sítio que relaciona com outros topónimos de relevância arqueológica mas sem lhe acrescentar outros detalhes, para além de o considerar «destituído de muralhas» (*Idem, ibidem*).

No local ou nas proximidades do sítio apontado por este autor – uma vez que a área se encontra hoje bastante urbanizada e topograficamente descaracterizada, conservando-se ainda, porém, as designações de Rua e Travessa «do Castro» em dois arruamentos – Conceição Pires individualizou uma área provável para a implantação do povoado, não tendo, todavia, detetado outros vestígios e dando o sítio como destruído, se bem que um perímetro de salvaguarda tenha sido assinalado na carta de património do plano diretor municipal de Matosinhos (PIRES, 2012: 66-67; 2016b: Cod. Inv. 1387; 2018: 60).

Armando Coelho, baseado também em Neves dos Santos, inventaria o povoado no seu *corpus* castrejo do norte de Portugal mas sugere uma localização significativamente distinta, cartografando-o cerca de 1400 metros para ESE., nas imediações da colónia penal de Santa Cruz do Bispo (SILVA, 2007a: 136, n.º 453), divergência que a falta de vestígios de superfície não permite por ora esclarecer. Do mesmo modo, não é sustentável, face à falta de evidências, a «romanização» do povoado, como foi apontado por Neves dos Santos.

Achados ou espólio

Não são conhecidos quaisquer achados nem se encontra documentada a identificação de espólio arqueológico.

Estado do espólio	Localização do espólio
Não referenciado.	

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Moalde	Castro	3542	**C10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	São Mamede de Infesta	Moalde, monte dos Castros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.195267; -8.596925	75	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Não registados, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

Neves dos Santos descreve o «Monte dos Castros» como «um pequeno castro com boas defesas naturais», propiciadas quer pelo relevo, quer pela presença de duas linhas de água – o ribeiro das Teivas a nascente e a norte, e o regato da Azenha, a sul – se bem que não lhe assinale quaisquer achados ou outros elementos particulares (SANTOS, 1959: 46).

Não obstante a moderna urbanização da envolvente, o sítio mantém ainda o topónimo e aquelas características, como tal inventariadas e cartografadas na carta de salvaguarda arqueológica de Matosinhos (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 14125). A prospeção identificou alguma topografia sugestiva, designadamente a presença de três plataformas na encosta poente e um talude voltado a norte, eventualmente a testemunhar áreas de habitação ou linhas defensivas, mas não foi recolhido qualquer espólio artefactual revelador da ocupação antiga do local (PIRES, 2012: 67), não sendo por isso sustentável a proposta de romanização do povoado, assente apenas na sua proximidade à via XVI do Itinerário de Antonino (PIRES; 2018: 60-61), segundo o traçado apontado por C. A. Ferreira de ALMEIDA (1969: 16).

A. C. Ferreira da SILVA (2007a: 136, n.º 457) regista este castro mas implanta-o (talvez por gralha) a cerca de um quilómetro a sudeste da localização indicada por Neves dos Santos e confirmada pelos serviços técnicos de arqueologia do Município de Matosinhos.

Achados ou espólio

Não são referidos na bibliografia quaisquer achados ou identificados materiais arqueológicos de superfície.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Santa Iria	Castro		**C11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes/Gondomar	Sobreira/Melres	Serra de Santa iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.096843; -8.410378	408	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços de arqueologia e património do município de Paredes.

Descrição
Povoado basicamente inédito, com única referência constante dos trabalhos de levantamento dos serviços municipais de arqueologia para o respetivo Plano Diretor Municipal. O local, por onde passa a divisória concelhia com o município de Gondomar, é descrito como possuindo boas condições naturais de defesa e grande domínio visual para o território envolvente.
Nas proximidades observam-se vários trabalhos mineiros romanos e uma área de oficina, ou povoado, ligado à mineração, na vertente nordeste.
A profunda alteração topográfica resultante do plantio mecânico de eucaliptal justificará a falta de outras evidências materiais do povoado fortificado (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr008A).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Sobreira	Castro		**C12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,166273; -8,388555	255	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Na pista de uma informação de Teresa Soeiro, que chamou a atenção para o microtopónimo «Castro» a designar uns campos «que estão na vertente de proeminente cabeço granítico, sobranceiro à freguesia de Parada Todeia», sem contudo encontrar espólio ou outras informações mais significativas (SOEIRO, 1986: 115), os serviços municipais de arqueologia e património observaram «possíveis alinhamentos pétreos» e registaram o sítio como eventual povoado castrejo (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Id Sbr022A), identificação todavia aguarda confirmação mais segura.

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1985-1986) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portugalia*. Nova série, 6-7. Porto, p. 107-119

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Abragão	Castro		**C13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Abragão	Alto do Cavaleiro, Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.154036; -8.226418	200	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos trabalhos particulares, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 21.7).

Descrição

Instalado numa pequena mas destacada cumeada dominante sobre a ribeira dos Pedreiros, afluente do rio Tâmega, este pequeno castro foi descoberto por Teresa SOEIRO (1984: 50-51), encontrando-se já então bastante descaracterizado por construções e outras ações, o que, desde esse levantamento mais se acentuou. De planta quase circular e pouco mais de uma centena de metros de eixo maior, poderá ter possuído um sistema defensivo algo complexo, pois aquela investigadora detetou evidências de três linhas amuralhadas (*Idem, ibid*.).

Os materiais arqueológicos de superfície cingiram-se a cerâmica castreja, não evidenciando o sítio sinais de ocupação, pelo menos expressiva, em época romana, como igualmente observa Soeiro (*ibidem*).

Achados ou espólio

Referência a evidência superficial de cerâmica castreja, não se sabe se recolhida (SOEIRO, 1984: 50-51).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castelões de Ordins	Castro		**C14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Lagares	Ordins

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,129349;-8,359532	275	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos que podem ser elencados nesta estação respeitam apenas às ações de prospeção e reconhecimento superficial, tanto em programas de estudo regional (SOEIRO, 1984: 104-105), como especificamente com propósitos de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro da elaboração de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.2).

Descrição

Não muito distante do povoado aberto de Agras de Ordins (P19) situa-se um cabeço bastante destacado, de configuração cónica, cerca de quarenta metros destacado sobre o terreno envolvente. Teresa Soeiro, que assim o descreve, encontrou ainda indícios de três ordens de muralhas, concêntricas, feitas com pedra e ainda o negativo de um tramo de fosso regional (SOEIRO, 1984: 104-105). Ao contrário do que é habitual na região, o exame superficial do solo não revelou qualquer traço de tégulas ou cerâmica de fabrico romano, tão só cerâmica de produção castreja, de superfícies bastante micáceas (*Idem, ibid*.).

Perto da base deste povoado indígena, um achado antigo de necrópole, cujos materiais se dispersaram, terá dado o nome à «Presa dos Vasos» (N29) (*Idem,* 104).

Achados ou espólio

Cerâmica castreja não descriminada. Ignoramos se foi recolhida.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Alto do Castro	Castro (?)		**C15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Lagares	Monte Santo; Os Castelos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,126831;-8,356752	284	Romano (?)	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Não foram levados a cabo trabalhos arqueológicos, para além daqueles decorrentes da simples prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 104), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.1).

Descrição

O local tem uma implantação algo atípica para um povoado da Idade do Ferro, delimitado por uma vertente abrupta num dos sectores e quase espraiado pelo planalto, com pequena elevação, pelo outro (SOEIRO, 1984: 104-105, fig. XLVIII). Trata-se de um sítio pedregoso, de superfície reduzida, tendo sido identificado apenas «um circuito de muralhas (…) marcado por uma coroa de pedras talhadas entre grandes penedos». (SOEIRO 1984: 104). Não há qualquer referência a espólio superficial.

Respeitando, não obstante, a opinião desta autora e dos arqueólogos do Museu Municipal, que mantêm o sítio inventariado com a (hipotética) classificação como «castro» da Idade do Ferro, temos algumas dúvidas quanto à natureza do sítio, cuja descrição e ausência de espólio melhor se adequam a um povoado muito mais antigo (Bronze Final, ou anterior) ou, em alternativa ou cumulativamente, a um castelo da alta Idade Média.

Achados ou espólio

Sem referências.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Condessa	Castro (?)		**C16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Luzim	Condessa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,156275;-8,240497	230	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos
Os trabalhos arqueológicos neste sítio respeitam apenas a prospeção e reconhecimento superficial, feitos especificamente com propósitos de salvaguarda arqueológica, no âmbito da elaboração e atualização de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 20.8).

Descrição
A identificação deste local e a sua tipificação arqueológica, como «pequeno reduto instalado entre terrenos de uso agrícola» decorrem de trabalhos de campo do corpo técnico de arqueologia do Museu Municipal, não se encontrando ainda disponível uma caracterização mais detalhada.

Achados ou espólio
Não referenciados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências
MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Áspero	Castro (?)		**C17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Vila Cova/Duas Igrejas	Santa Luzia, Moazares

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,164287;-8,247323	415	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos neste sítio respeitam apenas a prospeção e reconhecimento superficial, tanto no âmbito de estudos regionais (SANTOS, 2005), como especificamente com propósitos de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro da elaboração de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 14.2).

Descrição

O local foi caracterizado como «povoado castrejo», sem outras indicações, por Maria José Santos, no quadro de prospeções dirigidas a estruturas defensivas medievais, aproximando mesmo aquela investigadora da referência a um «*mons asperon*(is)», constante de vários diplomas medievais (por exemplo, no ano de 1079 - PMH, DC 569) (SANTOS, 2005, CD anexo, Inventário, n.º 116).

Achados ou espólio

Não referenciados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SANTOS, Maria José F. (2005) – *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308).* «Cadernos do Museu», 10. Penafiel: Câmara Municipal, p. 3-100

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Quintela	Castro	15586	**C18**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Rio de Moinhos	Crasto; Os Crastos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.096756; -8.276207	119	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Apenas trabalhos de prospeção e reconhecimento. Primeiro, Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão identificaram o sítio (LANHAS; BRANDÃO, 1967: 36-37); depois, Teresa Soeiro, confirmou aqueles vestígios arqueológicos e identificou claramente o povoado proto-histórico (SOEIRO, 1984: 53, 55). Mais recentemente, os serviços de arqueologia do Museu Municipal de Penafiel verificaram todos estes indícios e, em acréscimo, deram conta de profundas destruições da estação, motivadas pela exploração florestal intensiva (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 23.6).

Descrição

O interesse arqueológico deste local foi pela primeira vez revelado por F. Lanhas e D. P. Brandão, que todavia adiantam poucas informações, para além dom achado de uma «pedra de amolar», que ilustram, e «paredes e alinhamentos de pedras grandes (muralhas)» (LANHAS; BRANDÃO, 1967: 36-37).

Recuperando estes dados, T. Soeiro, nos começos dos anos ’80 caracterizou melhor o sítio, salientando, desde logo, a sua excelente posição sobre o rio Tâmega, e grande visibilidade, que chega até Entre-os-Rios. Considerou-o, sem dúvidas, um povoado fortificado de altura, reconhecendo «vários circuitos de muralhas», adiantando ainda que «ao centro há uma pequena coroa e entre esta e a segunda muralha há uma ampla plataforma elíptica horizontalizada onde podem existir habitações» SOEIRO, 1984: 55). À superfície, a par de muita pedra aparelhada, como já haviam topado Brandão e Lanhas, recolheu esta investigadora pequenos fragmentos de cerâmica, toda indígena, sem qualquer resto de telhas romanas, o que levou a investigadora a sugerir uma datação essencialmente da Idade do Ferro, talvez entrando um pouco na nossa era (SOEIRO, *ibidem*).

Achados ou espólio

Há referência, tanto em SOEIRO, 1984, como nas recentes prospeções do Museu Municipal, à localização de cerâmicas de superfície, aparentemente todas de origem castreja. Desconhecemos se foram recolhidas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Museu Municipal de Penafiel (?)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1967) – Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico [Parcela 135-2, nos Concelhos de Penafiel e Marco de Canaveses]. *Revista de Etnografia*, 8:1. Porto, p. 5-73

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

A ficha do levantamento do Plano Diretor Municipal, em preparação, regista que, entretanto, a estação terá sido muito destruída pelo surribamento mecânico para plantio de eucaliptal; sem que, em resultado desta destruição, se detetem cerâmicas de cronologia romana entre os materiais de superfície, mas tão só castrejas (MUNICIPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 23.6, revisão de H. Bernardo).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta do Castro	Castro		**C19**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	São Martinho de Recezinhos	Quinta do Castro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.218807; -8.216583	320	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos
Realizadas apenas trabalhos de prospeção por Teresa Soeiro (SOEIRO, 1984) e, mais recentemente, por técnicos do Museu Municipal, com vista à revisão do inventário e cartografia do Plano Diretor Municipal.

Descrição
Esta estação arqueológica foi reconhecida, principalmente, pela existência de uma necrópole romana (cfr. ficha N45), depreendendo Teresa Soeiro, que recolheu estas informações, que, pelo modelo de ocupação da região que bem conhece, e por certos indícios topográficos, existiria um povoado (castrejo) contíguo ao cemitério, «muito mal documentado por todo o esporão ter sido ocupado com casas rurais» (SOEIRO, 1984: 44). Não obstante a singeleza da informação disponível, a carta municipal de património arqueológico, mantém o registo do sítio (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 3.1).

Achados ou espólio
Não registados, salvo o relacionado com a necrópole vizinha.

Estado do espólio	Localização do espólio
Não registado	

Referências
SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações
Cerca de 750 metros a noroeste desta estação situa-se o castro de Recezinhos (ficha C20), podendo existir, talvez, alguma confusão entre ambos os sítios, dada a sua proximidade.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Recezinhos	Castro		**C20**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	São Martinho de Recezinhos	Cristelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.221555; -8.224783	420	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos
Realizadas apenas trabalhos de prospeção por M. J. Santos (SANTOS, 2005) e, mais recentemente, por técnicos do Museu Municipal, com vista à revisão do inventário e cartografia do Plano Diretor Municipal.

Descrição
O local corresponde a uma pequena elevação, proeminente sobre os terrenos envolventes, atualmente «invadido pela vegetação e eucaliptos e já muito afectado pela construção urbana a Poente» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 3.2, por H. Bernardo). Não se regista a evidência de estruturas nem materiais de superfície. Maria J. SANTOS (2005, vol. II: 54, n.º 114) coloca a hipótese de tratar-se de uma fortificação medieval situada sobre um castro da Idade do Ferro.

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Não registado.	

Referências
MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SANTOS, Maria José F. (2005) – *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308).* «Cadernos do Museu», 10. Penafiel: Câmara Municipal, p. 3-100

Observações
Cerca de 750 metros a sudeste desta estação situa-se o castro da «Quinta do Castro» (ficha C19), podendo existir, talvez, alguma confusão entre ambos os sítios, dada a sua proximidade

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Olaia	Castro		**C21**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Macieira da Maia	Olaia

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.342500; -8.647167	79	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Não registados.

Descrição
Este pequeno castro terá sido visitado, nos finais do século XIX, por Francisco Martins Sarmento (1884; 1999: 440), que todavia não registou qualquer informação particular sobre o sítio ou eventuais achados.
O povoado ocupa um pequeno outeiro nos limites das freguesias de Macieira e Fornelo, mas prospeções modernas por parte dos arqueólogos municipais de Vila do Conde não observaram espólio superficial ou outros indícios sobre a natureza do sítio, que todavia permanece inventariado como castro da Idade do Ferro (SILVA, 2013b: 63; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

SARMENTO, Francisco Martins (1883-1884) – A propósito de castros. *O Panorama Contemporâneo.* 1º. Coimbra 1.º p. 9, 17 e 25 [*apud* «Dispersos», vol. 1. Coimbra, 1933]

SARMENTO, Francisco Martins (1999) – *Antíqua, Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento [notas de 1878-1898]

SILVA, Armando Coelho F. (2013b) – O passado proto-histórico de Vila do Conde. In *Museu de Vila do Conde. Vila do Conde: tempo e território. Exposição permanente.* Vila do Conde: Câmara Municipal, p. 61-71

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de São Paio	Castro		**C22**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Labruge	Moreiró; Os Crastos; Mota

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.281813; -8.730866	20	Idade do Ferro	Sécs. III-II a.C. – I d.C. (?)

Trabalhos arqueológicos

O castro foi objeto de sondagens arqueológicas em 1993, sob responsabilidade dos serviços municipais de arqueologia de Vila do Conde, permanecendo os respetivos resultados praticamente inéditos.

Descrição

Testemunhando um tipo de implantação da Idade do Ferro verdadeiramente singular na costa do norte de Portugal (PINTO, 1997: 34), este pequeno castro atlântico encontra-se implantado num cabeço rochoso, à cota de 14 metros, de escarpado desnível sobre o mar, que constituía assim a sua defesa pela parte poente. A este e nordeste, porém, é ainda bem visível um expressivo talude, associado a um fosso, menos claros do lado sul (DINIS, 1993: 101-2). Noticiado pela primeira vez por LANHAS e BRANDÃO (1969: 38-43; v. também ALMEIDA, 1969: 34) só um quarto de século depois seria objeto de intervenção arqueológica, a qual – não obstante a significativa erosão e destruição do sítio, por razões naturais, pela construção de uma capela no século XIX e pela utilização balnear da zona – revelou diversos muros e construções de planta circular, incluindo lareiras e pisos em argila com decoração impressa (SILVA, 2005c).

Os materiais arqueológicos exumados documentam um povoado de matriz indígena, aparentemente com fundação ainda no Ferro pleno, tirando partido da exploração económica do particular ecossistema em que se situa (LANHAS; BRANDÃO, 1969; DINIS, 1993: 102; SILVA, 2013b: 64), com ocupação que chega ainda à época de Augusto, mas sem todavia revelar elementos de cultura material tipicamente romanos (PINTO, 2000: 149; MOREIRA, 2009: 321, n.º 71).

Achados ou espólio

Além de significativos materiais cerâmicos, noticiam-se mós de vai-vém e circulares, uma fíbula e uma conta em pasta vítrea (LANHAS; BRANDÃO, 1969; DINIS, 1993: 102).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Em exposição no local e nos serviços de arqueologia da C. M. Vila do Conde

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

DINIS, António Pereira (1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I Milénio a.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. [1969] – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4]. Sep. «Revista de Etnografia», 24. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

PINTO, Paulo Costa (2000) – Vila do Conde Arqueológica. *Al-Madan*, 2ª série, 9. Almada, p. 147-150

SILVA, António Manuel S. P. (2005c) – A cultura castrexa [Roteiro da parte portuguesa]. In HIDALGO CUÑARRO, José M. (coord.) – *Rutas arqueolóxicas do Eixo Atlântico/Roteiro arqueológico do Eixo Atlântico*. Vigo: Eixo Atlântico, p. 165-166

SILVA, Armando Coelho F. (2013b) – O passado proto-histórico de Vila do Conde. In *Museu de Vila do Conde. Vila do Conde: tempo e território. Exposição permanente.* Vila do Conde: Câmara Municipal, p. 61-71

Observações

Um pequeno polo interpretativo, no local, exibe alguns dos objetos exumados das escavações.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castelo de Crestuma	Castro	14200	**C23**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Crestuma	Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.068738; -8.504242	57	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Depois de diversas notícias de achados e pesquisas amadoras, ao longo do século XX, só no presente século se iniciaram trabalhos arqueológicos neste sítio, graças a um projeto de investigação que decorreu entre 2010 e 2015 (*cfr.* SILVA *et al*., 2017b para síntese; bibliografia completa no final) Mais recentemente, outras pesquisas (SILVA *et al.*, no prelo) e uma intervenção arqueológica pontual (COUTO; SILVA; RODRIGUES, 2021) – feita em consequência da inventariação e condicionamento arqueológico legal da área (SILVA, 2007: n.º 24) – confirmaram a localização de uma necrópole tardo-antiga e medieval.

Descrição

As informações sobre este curioso sítio – uma pequena colina dominante sobre o rio Douro – limitava-se, em começos do nosso século, a alguns achados avulsos, pesquisas de amadores locais (SOUSA, 1945: 405-406, n. 5; 1957: 16-18) e recolhas de espólio superficial (GUIMARÃES, 1993b), do que resultaram, no geral, uma lápide funerária romana, indicações sobre o achado de contextos cemiteriais, material de construção e outra cerâmica, além de apontamentos sobre «covas» abertas na rocha e outros elementos pouco claros. Como síntese possível, a comunidade científica estabeleceu que ali teria estado estabelecido um «castelo roqueiro», do período da reconquista cristã, embora se lhe apontassem características *sui generis* e origens que remontariam, talvez, ao século V (ALMEIDA, 1978: 11, 36, 51; 1989: 43; 1992: 374; SILVA, 1994: 66; 2007: ficha 24).

O projeto de investigação desenvolvido entre 2010 e 2015 rapidamente comprovou que as referidas «covas», aliás bem visíveis e extensivamente distribuídas por toda a elevação (SILVA; GUIMARÃES, 2013b; GUIMARÃES *et al*., 2013), correspondem a buracos de poste, desmontes, aplanamentos e muitos outros entalhes, de diferente tipologia, que testemunham uma intensa arquitetura em madeira que ali foi instalada, não, necessariamente, como recurso construtivo exclusivo, uma vez que há também alguns restos de tramos murários feitos em pedra, mas certamente dominante.

A estratigrafia, de fraca possança nas superfícies culminantes e bastante perturbada nos terrenos da encosta, não permite uma clara atribuição cronológica a esta arquitetura de madeira, mas o espólio arqueológico exumado (TSA e focense, TSHT, cerâmicas cinzentas tardias, ânforas do Mediterrâneo oriental, vidros, etc.), bem como outros elementos, demonstram uma clara predominância de materiais tardo-antigos, o que foi confirmado por um significativo lote de datações de carbono 14, fixando-se assim uma das fases de ocupação do sítio – certamente a mais pujante – em torno dos séculos V-VI.

Não obstante, detetaram-se significativas ocorrências de materiais da Idade do Ferro, quer em achados esparsos, por toda a área, quer, muito em especial, em depósitos de coluvião na base da encosta noroeste, entre a elevação e o areal de Favais (SILVA; GUIMARÃES, 2011; 2013a; 2013b). Curiosamente, sondagens feitas na encosta, não revelaram quaisquer depósitos pré-romanos ou espólio significativo. Os materiais mais antigos identificados no local referem-se sobretudo a um significativo lote de típicas cerâmicas micáceas, claramente «castrejas», como também a alguns objetos em bronze, nomeadamente uma fíbula, em duas partes, aparentemente de tipo Sabroso, e

um pendente de «xorca» ou sanguessuga (SILVA; SOUSA; PINTO, 2018), materiais que, em conjunto, sugerem uma cronologia, talvez, entre os séculos IV e II a.C., proposta que avançamos com a necessária prudência.

Considerando as características topográficas do sítio, uma vez que não se encontraram estratigrafias ou estruturas de cronologia pré-romana, entendemos que no local terá estado instalado um pequeno castro, cujos vestígios estruturais terão sido por completo elididos pela intensa ocupação tardo-antiga. Sendo muito escassos os materiais cerâmicos tardo-republicanos e do Alto Império, é crível que tenha havido, durante algum tempo, o abandono ou retração da ocupação do local, que terá sido depois retomado, ou desenvolvido, nos séculos tardo-romanos, questão que melhor se discute na ficha respeitante ao sítio no Inventário dos povoados romanos (Inventário II.D).

Achados ou espólio

Além de materiais tardo-antigos e medievais (SILVA, CARVALHO; 2014; SILVA, PEREIRA, CARVALHO, 2015; SILVA *et al*., 2015; SILVA; SOUSA, 2014), recolheu-se importante acervo (meio milhar) de fragmentos de cerâmica castreja (SILVA; SOUSA; PINTO, 2018) e dois objetos em bronze, já descritos, de idêntica datação sidérica.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Solar Condes de Resende (C. M. V. N. Gaia)

Referências

ALMEIDA, Carlos A. F. (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Trabalho complementar para provas de Doutoramento apresentado à Universidade do Porto

ALMEIDA, Carlos A. F. (1989) – Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII. In: MOREIRA, R. (dir.) – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Alfa, 38-54

ALMEIDA, Carlos A. F. (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In: *Finis Terrae*. *Estudios en Lembranza do Prof. Dr. Alberto Balil.* Santiago de Compostela: Universidade, 371-85

COUTO, Marcos; SILVA, António Manuel S. P. Silva; RODRIGUES, Miguel (2021) – *Sondagens arqueológicas de avaliação e salvaguarda na Estrada da Vessada, Crestuma, Vila Nova de Gaia (2.ª fase de trabalhos). Relatório final.* Porto: Império Arqueologia; GHAP-CQ. Texto datilog.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993b) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*. *Lvcerna*, 2.ª série, n.º 3 (Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia, 1987). Porto, p. 217-235

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves; SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C. P.; PINTO, Filipe M. S. (2013) – O Complexo Arqueológico de Crestuma – Resultados da primeira campanha de escavações arqueológicas. *In* Pinto, F. M. S. (coord.) – *Terra de Santa Maria: espaços de cultura em debate no 10º aniversário da revista Villa da Feira*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 45-67

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf.

SILVA, António Manuel S. P.; CARVALHO, Teresa P. (2014) – Originalidade e tradição clássica na cerâmica local e regional tardo-antiga do castelo de Crestuma (V. N. Gaia, Portugal). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, M.ª José (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. S.l. [Porto-Madrid]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Ex Officina Hispana, p. 381-396

SILVA, António Manuel S. P., GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2011) – O castelo de Crestuma revelado pela arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia.* 73 (Dez. 2011). Vila Nova de Gaia, p. 5-13

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013a) – *Castelo de Crestuma: a arqueologia em busca da história.* Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM; ASCR-Confraria Queirosiana

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013b) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia e a ocupação tardo-antiga no Baixo Douro. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. [DVD]. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 883-893

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J.; PINTO, F.; SOUSA, L.; LEITE, J.; LEMOS, P.; PEREIRA, P.; TEIXEIRA, M. (2017b) – O projeto CASTR'UÍMA (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para um balanço prospetivo. *In* ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (coord.) – *Arqueologia em Portugal. 2017, Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 137-54. Edição digital

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Pedro; CARVALHO, Teresa P. (2015) – Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal): primeiros elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XI). In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves, 22-27 de Outubro de 2012).* Silves: Câmara Municipal de Silves; Campo Arqueológico de Mértola, p. 401-419

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Pedro; CARVALHO, Teresa P.; PINTO, Filipe; SOUSA, Laura; (2015) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*. In QUARESMA, José C.; MARQUES, João A. (coord.) – *Contextos estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia).* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 149-167

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura (2014) – Cerâmica do período da "Reconquista" (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (V. N. Gaia). *In* De Man *et al.* (coord.) – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: IEM, 205-222

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C.; PINTO, Filipe M. S. (2018) – Materiais proto-históricos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos Publicaciones, p. 327-340

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura; PINTO, Filipe; LEMOS, Paulo (no prelo) – As sepulturas escavadas na rocha do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal): contextos e problemáticas. In Atas do Congresso Internacional *Sepulturas Escavadas na Rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica.* Porto: CITCEM

SOUSA, Arlindo de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana: Do antigo castro ao castelo actual. Origens dos nomes: Civitas, Terra de Santa Maria, Vila e Feira. *Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, Ano 10, 2, 399-412

SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa.* Rio de Janeiro: s.e.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Madalena	Castro	3600	**C24**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Madalena	Coteiro do Crasto; Monte Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.102660; -8.639835	59	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Além de achados antigos (VELOSO, 1963: 141) e prospeções com finalidades de investigação (SILVA, 1994) e para informar a carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 016), o castro da Madalena[3] está atualmente integrado num projeto de investigação, tendo sido escavado, pela primeira vez, em 2020 (SILVA; SÁ, 2021), tendo sido pouco esclarecedoras para a ocupação do povoado outras escavações feitas na envolvente (PEREIRA 2000).

Descrição

Pequeno povoado proto-histórico litoral, a menos de dois quilómetros do mar, instalado num cabeço de baixa altitude (59 metros) mas bastante destacado na paisagem envolvente. Com uma área disponível não superior a hectare e meio, deverá corresponder a um modelo de implantação, que tem vindo a ser detetado na região litorânea a sul do Douro, de pequenos castros cuja ocupação se extingue sensivelmente na mudança de era (SILVA, 1994: 63-64; SILVA; PEREIRA, 2010; SILVA *et al*., 2019)[4]. Situado num meandro da ribeira da Madalena, poderá ter sido circuitado por duas ou três ordens de muralhas ou taludes defensivos, talvez complementados a sul por um fosso, mas esta possibilidade, indiciada apenas pela topografia, carece de confirmação.

Algumas notícias esparsas, de autores antigos e modernos (CORREIA 1924: 277, 280, 283; GUIMARÃES 1993a: 19; QUEIROZ, 1997) limitaram-se a apontar o povoado, sem poder caracterizá-lo, por falta de escavações, sendo raros e descontextualizados os materiais acolhidos em museus, aliás reduzidos a uma dezena de fragmentos de olaria castreja (VELOSO 1963: 141), limitação que a recente integração do castro num programa de investigação pretende mitigar (SILVA *et al.*, 2019).

Nesta linha de pesquisa, as sondagens de 2020, localizadas numa plataforma média da encosta nascente, tendo abrangido apenas 16 m^2, serviram essencialmente para diagnosticar a possança e homogeneidade estratigráfica. Todavia, detetaram-se pisos em terra batida e, numa das sondagens, os restos de uma construção, com alicerce em granito, seguramente datável da Idade do Ferro. Aliás, todo o espólio cerâmico – que ocorreu em apreciável quantidade – corresponde a produções indígenas, não surgindo, por enquanto, qualquer evidência da «romanização material» do povoado, embora alguns testemunhos de visitas o sugiram (SILVA; SÁ, 2021: 5). Não obstante, a apreciação preliminar do espólio recolhido, mormente a cerâmica – evoluída e com ornamentação clássica no mundo dos castros «tardios», parece apontar para uma ocupação da fase final da Idade do Ferro.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Achados ou espólio

[3] Por vezes designado, erroneamente, como Castro de Valadares – erro em que vários autores (GUIMARÃES, 1993: 19) e nós próprios incorremos (SILVA, 1994) – por situar-se no limite das freguesias da Madalena e Valadares.

[4] Como se exemplifica pelos castros de Ovil (Espinho) e Salreu (Estarreja). Cfr. SILVA *et al*., 2019.

Uma dezena de fragmentos cerâmicos (Museu da Ciência e História Natural da UP) procedem de recolhas antigas (1937). Os materiais da recente campanha de escavações incluem c. de 2 800 fragmentos de cerâmica, restos de «barro de construção», alguns objetos em pedra (uma mó manual giratória e utensílios sobre sílex e seixo), parte de uma fíbula em bronze e duas contas de colar em pasta vítrea.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Museu da Ciência e História Natural da Univ. do Porto; Centro de Arqueologia de Arouca

Referências

CORREIA, A. A. Mendes (1924a) – *Os povos primitivos da Lusitânia.* Porto: Figueirinhas

GUIMARÃES, Gonçalves (1993) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal; Solar Condes de Resende

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995a) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto: Universidade Portucalense

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000) – Um século de Arqueologia em Vila Nova de Gaia. *Al-Madan*, 2.ª série, 9, Almada, p. 155-168

PEREIRA, José António (2000) – *Sondagens Arqueológicas no Castro de Valadares/Monte Crasto. Valadares – Vila Nova de Gaia. Relatório Final*. Vila Nova de Gaia: Novarqueologia. Texto datilog.

QUEIROZ, Francisco (1997) – Do megalitismo à romanização. In CIDADE, José Carlos *et al. – Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – V. N. Gaia): subsídios para uma Monografia*. Vol. 1. Madalena: Junta de Freguesia, p. 34-38

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R. (2010) – Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural. In BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Maria I. C.; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (eds.) – *Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular.* S.l.: APEQ/CITCEM, 2010, p. 189-203

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite Martins de (2021) – *Castro da Madalena (V. N. Gaia, Porto). Relatório da 1ª campanha de trabalhos arqueológicos. MDL. 20.* Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Texto datilog

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite M.; SALVADOR, Jorge F.; LEMOS, Paulo; ALMEIDA E SILVA, Sara (2019) – O castro de Salreu, um dos povoados proto-históricos atlânticos do Entre Douro e Vouga. *Terras de Antuã. Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja.* 13. Estarreja, p. 24-44

VELOSO, Manuel Pires (1963) – Valadares em demanda das suas raízes. Notas preliminares. In *Vila Nova de Gaia (Terras de Rey Ramiro). II Festival Folclórico e Etnográfico de Gulpilhares*. Vila Nova de Gaia: Rancho Regional de Gulpilhares, p. 139-144

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Sandim	Castro	23534	**C25**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Sandim	Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.027138; -8.491143	106	Idade do Ferro-Romano	

Trabalhos arqueológicos

Excetuando alguns trabalhos de prospeção com finalidades de investigação (SILVA, 1994: 62-63) e para informar a carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 004), não se conhecem outras intervenções, se bem que haja indícios no terreno de valas de escavação, provavelmente clandestinas.

Descrição

Vagamente referenciado em várias publicações antigas, geralmente apenas pela própria sugestão do topónimo (CORREIA 1935: 40; MATOS 1937: 665; SOUSA 1957: 13-14), o pequeno castro de Sandim foi instalado sobre uma pequena elevação em esporão, de cota pouco superior à centena de metros, dominando a confluência do rio Uíma com a ribeira da Candieira, tendo por isso boa visibilidade envolvente, especialmente para o setor voltado a Norte. Topograficamente, distribui-se por dois cabeços graníticos, pouco destacados, unidos por um colo relativamente aplanado e propício à instalação residencial. Ainda que bastante descaracterizado pela extração de pedra em tempos modernos, parecem observar-se obras defensivas artificiais – complementando as naturais, que lhe advêm das encostas abruptas, particularmente dos lados Norte e Este – traduzidas por uma pequena muralha, que parece circuitar a área mais elevada, podendo existir uma segunda cerca a cota inferior, melhor conservada na encosta Nascente, se bem que reaproveitada como talude de acesso à pedreira. Também a Oeste, parecem ainda divisar-se vestígios, pouco pronunciado, de um possível fosso (SILVA, 1994: 62-63; 2007, ficha 004).

Achados ou espólio

À superfície ocorrem, com alguma frequência, fragmentos de cerâmica, mas sobretudo de fabrico indígena, sendo muito esparsa a de produção da época do domínio romano.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

CORREIA, A. A. Mendes (1935) – *As origens da cidade do Porto (Cale, Portucale e Porto).* 2ª ed. Porto: Fernando Machado & C.ª editores

MATOS, Armando de (1937) – As estradas romanas no concelho de Gaia. *Brotéria. Revista contemporânea de cultura*. Vol. 24 (6). Lisboa, p. 660-679

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História – Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações pré-romana, romana e romano-portuguesa*. Rio de Janeiro: s.e

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.B
OUTROS VESTÍGIOS (IDADE DO FERRO)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Pia rupestre de Esposade	Santuário rupestre (?)		**OF01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Custóias	Esposade de Cima

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.215750; -8.652278	61	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

Num conjunto de afloramentos graníticos da parte superior do que resta do Castro de Esposade, ou em zona muito próxima dele, área desde há muito objeto de destruição sucessiva em resultado da extração industrial de pedra, identificaram os arqueólogos do gabinete municipal de arqueologia de Matosinhos, um entalhe regular, de clara origem antrópica, que aproximaram de certas evidências relacionadas com os designados santuários rupestres proto-históricos.

Nesse cabeço dominante sobre o rio Leça, quase no extremo de um afloramento granítico alongado e elevado sobre o terreno circundante, observa-se uma pequena cavidade quadrangular, com cerca de 40 cm de lado, e apenas uns 10 cm de profundidade (PIRES, 2016b: Cod Inv. 1108; 2018: 116). Aparentemente, não se detetaram outros vestígios, por vezes comuns neste género de sítios, como degraus, inscrições ou cavidades múltiplas (SANTOS, 2010), mas não foi feita qualquer investigação específica e o avanço da pedreira pode ter destruído eventuais elementos de interesse, pelo que, considerando o enquadramento arqueológico e, até, a proximidade ao «santuário» rupestre dos Mecos (ver ficha OF03), apenas uns dois quilómetros a sul, parece-nos ser de relevar este vestígio, que conta com crescente número de paralelos, com especial incidência no noroeste peninsular (ver, entre outros trabalhos, os de MACIEL, 2007; SANTOS, 2010; SEOANE-VEIGA; GARCÍA QUINTELA; GÜIMIL FARIÑA, 2013; GARCÍA QUINTELA; GONZÁLEZ-GARCÍA, 2016).

Achados ou espólio

Não se registam.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

GARCÍA QUINTELA, Marco V.; GONZÁLEZ-GARCÍA, A. César (2016) – Entre el cielo, el mar y la tierra: el santuario rupestre del castro de Baroña (Porto do Son, A Coruña). *Gallæcia*, 35. Santiago de Compostela, p. 1-38

MACIEL, Manuel Justino (2007) – Imagens de Arquitecturas: *Quadrata*, *Lacus* e *Laciculi* nos santuários rupestres do período romano em Portugal. Revista do Instituto de História de Arte (Universidade Nova de Lisboa), 3. Lisboa, p. 24-39

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Maria João C. (2010) – Santuários rupestres no ocidente da Hispânia indo-europeia. Ensaio de tipologia e classificação. *Palaeohispanica*. 10. [*Serta Palaeohispanica J. de Hoz*] Zaragoza, p. 147-172

SEOANE-VEIGA; Yolanda; GARCÍA QUINTELA, Marco V.; GÜIMIL FARIÑA, Alejandro (2013) – Las pilas del Castro de Santa Mariña de Maside (Ourense): hacia una tipología de los lugares con función ritual en la Edad del Hierro del NW de la Península Ibérica. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 60 (126). Santiago de Compostela, p. 13-50. DOI: 10.3989/ceg.2013.126.01

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Gatões	Indefinido		**OF02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Guifões	Gatões

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.207250; -8.656872	72-73	Pré-história; Idade do Ferro; Tardo-antiguidade	

Trabalhos arqueológicos

No quadro das medidas preventivas decorrentes do Estudo de Impacte Ambiental da construção de uma plataforma logística do Porto de Leixões, foram realizados trabalhos de acompanhamento arqueológico de obra, que passaram a uma fase de escavação após a identificação de vestígios arqueológicos relevantes (BARBOSA; DÂMASO; RODRIGUES, 2015).

Descrição

O sítio arqueológico, muito extenso, define-se pela presença, quase exclusiva, de estruturas negativas, nomeadamente fossas e valados, umas de conteúdo artefactual heterogéneo; outras de homogeneidade estratigráfica. O espólio associado a estes interfaces negativos revelou uma extraordinária amplitude cronológica, desde a pré-história (neolítico, calcolítico, Idade do Bronze) até à época contemporânea.

Destacam-se, nomeadamente, os enchimentos de algumas estruturas negativas com cerâmicas típicas da Idade do Ferro, como vasos de asa interior (BARBOSA; DÂMASO; RODRIGUES, 2015: 46-54), além de outros contextos – estes mais estendidos – com materiais de construção e cerâmicas tardo-antigas.

Não foram claras as condições do uso do espaço durante a Idade do Ferro, colocando os responsáveis a hipótese de atividades produtivas de qualquer natureza.

Achados ou espólio

Bastante espólio cerâmico da Idade do Ferro, descrito em relatório.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado.	Empresa responsável pelos trabalhos

Referências

BARBOSA, Liliana R.; DÂMASO, Pedro; RODRIGUES, Zélia (2015) – *Relatório final. Intervenção arqueológica. Plataforma logística de Leixões. Pólo 2. Gatões/Guifões. PLLP2.13*. Matosinhos: Arqueologia e Património; Histórias & Tempus. Texto datilog.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Mecos	Santuário rupestre (?)		**OF03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Guifões	Mecos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.198061; -8.658869	75	Idade do Ferro (?)	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal.

Descrição

As prospeções dos arqueólogos do gabinete municipal de Matosinhos levaram à descoberta de um local identificado na ficha patrimonial do Plano Diretor Municipal como «santuário» ou «altar rupestre» (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1136).

Sobre um grande afloramento granítico, pouco destacado do solo, observa-se – a partir das imagens publicadas na ficha – um entalhe ou cavidade de plano subretangular, medindo cerca de 25-30 cm de lado e com c. de 10 cm de profundidade, pontuada por um pequeno rebordo ou moldura com cerca de 10 cm de espessura, segmentado transversalmente por um pequeno sulco em cada um dos quatro lados. Esta concavidade parece situar-se no extremo ou ponto mais elevado, a nascente, do afloramento, pouco emergente, mas que parece ter uma orientação geral este-oeste., vendo-se ainda um entalhe ou rebaixamento transversal que, de algum modo, parece isolar ou destacar a concavidade do resto do penedo, enquanto de outro lado (aparentemente a sul) parece notar-se nas imagens disponíveis um pequeno entalhe ou degrau.

Se bem que o afloramento esteja pouco visível e não tenha sido realizado qualquer trabalho de escavação ou mesmo de limpeza mais aprofundada, a proposta de que este rochedo possa corresponder a um eventual santuário rupestre (sem de todo descartar outros usos) parece-nos bastante plausível, tendo em conta os elementos observáveis e outros indícios, nomeadamente a proximidade (cerca de 0,5 km) deste afloramento ao Castro de Custóias e ao Monte Guifões (1,5 km) (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1267; 2018: 116, cfr. fichas C05 e CR05) e os estudos que vem sendo desenvolvidos nos últimos anos nesta temática, que noutro ponto se abordam (ver, entre outros, MACIEL, 2007; SANTOS, 2010; SEOANE-VEIGA; GARCÍA QUINTELA; GÜIMIL FARIÑA, 2013; GARCÍA QUINTELA; GONZÁLEZ-GARCÍA, 2016).

Achados ou espólio

Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

GARCÍA QUINTELA, Marco V.; GONZÁLEZ-GARCÍA, A. César (2016) – Entre el cielo, el mar y la tierra: el santuario rupestre del castro de Baroña (Porto do Son, A Coruña). *Gallæcia*, 35. Santiago de Compostela, p. 1-38

MACIEL, Manuel Justino (2007) – Imagens de Arquitecturas: *Quadrata*, *Lacus* e *Laciculi* nos santuários rupestres do período romano em Portugal. Revista do Instituto de História de Arte (Universidade Nova de Lisboa), 3. Lisboa, p. 24-39

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

SANTOS, Maria João C. (2010) – Santuários rupestres no ocidente da Hispânia indo-europeia. Ensaio de tipologia e classificação. *Palaeohispanica*. 10. [*Serta Palaeohispanica J. de Hoz*] Zaragoza, p. 147-172

SEOANE-VEIGA; Yolanda; GARCÍA QUINTELA, Marco V.; GÜIMIL FARIÑA, Alejandro (2013) – Las pilas del Castro de Santa Mariña de Maside (Ourense): hacia una tipología de los lugares con función ritual en la Edad del Hierro del NW de la Península Ibérica. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 60 (126). Santiago de Compostela, p. 13-50. DOI: 10.3989/ceg.2013.126.01

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vilela – Depósito votivo	Achado avulso (deposição)		**OF04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Vilela	Costa Figueira

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.245758; -8.381505	335	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos

Os dois objetos – um carro votivo e um espeto de carne, ambos feitos em bronze – são provenientes de um achado avulso, ocorrido cerca do ano de 1920 na elevação designada como Costa Figueira. Desconhecem-se as condições ou o local exato da descoberta, referenciado apenas como «Bouça do Custódio» (FREITAS, 1923: 9-11; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Id. Vil001A).

Descrição

O carro votivo, em bronze, achado em 1920 em Vilela, juntamente com um espeto em bronze – devendo, por isso, corresponder a uma deposição ritual – constitui uma notável representação do mundo religioso e simbólico das populações proto-históricas da região. A peça, depositada no museu da Sociedade Martins Sarmento, mede 38,5 cm de extensão (considerando o eixo do carro, que estrutura a composição), por 8 cm de largura e 12,4 cm de altura; as rodas do carro têm um diâmetro de 6 cm por 0,2-0,4 cm de espessura.

O carro é constituído por um longo eixo central, do qual saem, para ambos os lados, sete braços, dois destinados ao encaixe dos eixos e das rodas, e outros cinco para suporte de figuras antropomórficas e outros elementos. A peça foi encontrada em diversos fragmentos e a sua reconstituição levanta algumas dúvidas. Tal como se encontra atualmente, o carro está atrelado a uma junta de bois, de dimensão reduzida em relação às figuras humanas, apresentando na parte posterior, com orientação inversa, outro par de bovídeos; mas A. C. Ferreira da Silva propôs, de forma mais lógica, que as duas juntas de bois estariam originalmente do mesmo lado, puxando o carro (SILVA, AF, 1986: 183, 208, Est. XCVII, 2).

O longo espeto de carne mede 87,5cm de comprimento, incluindo-se nesta medida a lâmina, as guardas e o punho, estando todos estes elementos, de secção quadrangular, ligados entre si por um bolo esferóide, maciço, com 4 cm de diâmetro máximo (SILVA, AF, 1986: 183, 210, Est. XCVII, 1).

Armando C. F. Silva inclui o local do duplo achado, com a designação de «Monte da Costa Figueira» entre a sua lista de castros do Norte de Portugal (SILVA, AF, 1986: 85, n.º 379; 2007a: 137, n.º 470, embora toda a bibliografia elencada na ficha de sítio respeite, quase exclusivamente, aos objetos em bronze), replicado entretanto por QUEIROGA (2003: 170, n.º 213). Na mesma linha, o inventário do património arqueológico elaborado para o Plano Diretor Municipal de Paredes, regista o sítio, com a única informação de tratar-se de uma «elevação, hoje completamente descaracterizada pelo avanço de urbanização e indústria, onde em 1920 se encontrou o carro votivo e o espeto de bronze» (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Id. Vil001A). É verdade que, na primeira notícia publicada sobre o achado, E. Freitas reconhece que o monte de Costa Figueira «faz lembrar o local de um pequeno castro», mas diz também que nele «nada descobrimos que nos pudesse indicar ter sido habitado»,

especulando ainda sobre a possibilidade do lugar da Pena, situado no sopé do primeiro, ter sido uma «fortificação luso-romana» (FREITAS, 1923: 10-11).

De facto, se bem que a datação proposta por A. C. SILVA para aqueles itens, dentro da sua fase cronológica IIA, 500-200 a.C. (1986: 208, n.º 306; 210, n.º 315) – na linha de M. CARDOSO (1946 [1994: 507-508]) – seja compatível com uma ocupação castreja, as condições do achado metálico (FREITAS, 1923: 9) sugerem fortemente estarmos perante um depósito ritual, que nada obriga a que estivesse dentro de um povoado.

Achados ou espólio
Os indicados.

Estado do espólio
Tratado

Localização do espólio
Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

Referências

CARDOSO, Mário (1946) - Carrito votivo de bronce del Museo de Guimarães (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*, 19 (62). Madrid, p. 1-28 [seguiu-se a paginação de *Obras de Mário Cardozo*, vol. I, Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1994]

FREITAS, Eduardo de (1923) – *Estudo sobre dois bronzes arqueológicos*. Porto: Imprensa Comercial

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património*. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilog.

QUEIROGA, Francisco R. (2003 [1992]) – *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. Series, 1198) [= Dissert. Doutoramento apresentada à Universidade de Oxford, UK]

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

Obs.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.C
CASTROS ROMANIZADOS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Crasto	Castro romanizado	3752	**CR01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	São Cosme	Monte Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.141991; -8.536666	194	Idade do Ferro; Romano-Baixo-Império; Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos

Foram feitos trabalhos de relocalização do sítio, em 2002, no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental para o Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto - Prolongamento da Linha C: Campanhã – Gondomar, além do EIA - IC24 Campo (A4)/ Argoncilhe (IC2) e IC29 Gondomar/Aguiar de Sousa (IC24), sem qualquer resultado relevante em relação a esta estação.

Descrição

Apesar de bastante conhecido na comunidade arqueológica, o sítio conta com escassa bibliografia. Camilo de Oliveira regista a tradição, apontada por diversos corógrafos e dicionaristas do Monte do Crasto corresponder a um antigo povoado fortificado, identificado em documentos medievais como *castro gondemari* (OLIVEIRA, 1932: 287-300), referindo também o achado de mós circulares, em granito, fragmentos de telha de rebordo e outra cerâmica, «metade dum gral de granito» e moedas romanas, objetos que, em parte, foram na ocasião oferecidos ao Museu Municipal do Porto (OLIVEIRA, 1934: 18-20)

O Plano Diretor Municipal de Gondomar refere, sem indicação de fonte, que o local corresponde a um «castro provavelmente romanizado, onde foi identificado também uma sepultura, uma inscrição em granito e uma estela» (GIPP, 2015a: 14), informação recolhida no Portal do Arqueólogo.

Um conjunto de achados monetários traduzidos por 173 numismas de bronze e 3 de prata (OLIVEIRA, 1932: 7, 33-34; HIPÓLITO, 1961: 48, n.º 58) foram completados com outras moedas da mesma proveniência e interpretados como um tesouro, de perto de 600 moedas, o qual, pela datação dos espécimes mais recentes, terá sido ocultado já na segunda metade do século V, «provavelmente na sequência das guerras civis e dos raides suévicos de 465-468» (MENDES-PINTO, 1999b: 66; 1999a: 413; 2007: 110).

O sítio parece ter ganho particular importância no período tardo-antigo, tendo sido reocupado com uma fortificação medieval e bastante usado como referencial topográfico na documentação («*castro gundemari*» ou «*gundemir*») entre meados do século X e a primeira metade do século XII (MARIANI, 2020: 147-149).

Achados ou espólio

Mós, cerâmica, inscrição em granito, estela e moedas romanas de cobre, bronze e prata; tesouro monetário tardo-antigo.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

GIPP, Lda. – Gestão Integrada de Projectos e Planeamento (2015a) – *Plano Diretor Municipal de Gondomar. Património Cultural. Relatório.* Texto datilografado

HIPÓLITO, Mário de Castro (1961) - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*, 2-3. Coimbra, p. 11-66

MARIANI, Andrea (2020) – *Le strutture fortificate medieval nel território della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX-XII secolo)*. Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MENDES-PINTO, José M. (1999a) – Circulação monetária em torno a Cale no Baixo-Império. In CENTENO, Rui M. S. *et al*., coord. (1999) – *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania* [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, p. 401-413

MENDES-PINTO, José M. (1999b) – O tesouro de Monte Crasto (Gondomar) – subsídios para o estudo da circulação monetária baixo-imperial na bacia inferior do Rio Douro. *Gaya. Revista do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia*, 7 [Actas do 2º Congresso Internacional sobre o Rio Douro – 1º vol.]. Vila Nova de Gaia, p. 61-68

MENDES-PINTO, José M. (2005-2007) – *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega.* [Sep. de Nvmmvs, 2ª série, 28-30]. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática

OLIVEIRA, Camilo (1932) - *O concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Vol. 1. Porto: Imprensa Moderna; OLIVEIRA, Camilo (1934). O concelho de Gondomar: apontamentos monográficos. Vol. 2. Porto: Imprensa Moderna

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2498266

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte das Pedras/Pedras Rubras	Castro romanizado	3539	**CR02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Moreira da Maia	Monte das Pedras; Crestins

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.234696; -8.657833	74	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Pequeno povoado, situado numa pequena elevação entre duas linhas de água. O espaço, referido em documentação medieval (ALMEIDA, 1978: 41), encontra-se profundamente urbanizado e alterado, tendo ainda sido possível localizar, no sopé da encosta nordeste, um pequeno talude de eventual função defensiva e alguma tégula e cerâmica comum romana (MOREIRA, 2009: 213). A carta de salvaguarda patrimonial do concelho da Maia regista o sítio arqueológico, mas valoriza essencialmente a sua cronologia medieval (RIBEIRO, 2014: 64-5, n.º 48).

Achados ou espólio
Foi recolhida alguma tégula e cerâmica comum romana (MOREIRA, 2009: 213).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1978) – *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho - desde as origens a 1220.* Trabalho complementar para prestação de provas doutoramento em História de Arte apresentado à Universidade do Porto

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela*

RIBEIRO, André Tomé (2014) - Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Barroso	Castro romanizado		**CR03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Nogueira	Barroso

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.236946; -8.584152	90	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	Alto Império (?)

Trabalhos arqueológicos
Foram realizadas sondagens arqueológicas por parte dos serviços de arqueologia do município da Maia.

Descrição
Povoado inédito, localizado em resultado de trabalhos realizados pelo Gabinete de Arqueologia do Município da Maia. Localizado nas encostas do Monte da Senhora da Hora, foi objeto de escavações que detetaram estruturas negativas da Idade do Bronze, e na vertente nascente, uma área de ocupação romana e da Idade do Ferro. As estruturas romanas incluem «vestígios de muros, buracos de poste, valas de fundação» (RIBEIRO, 2014: 68).

Achados ou espólio
Os materiais do Ferro incluem panelas de assa interior e cossoiros; de época romana mencionam-se fragmentos de *dolia* e de ânfora Haltern 70 (RIBEIRO, 2014: 68)

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Serv. arqueologia C. M. Maia

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Avioso/Santo Ovídio	Castro romanizado		**CR04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Santa Maria de Avioso	Santo Ovídeo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.265492; -8.612401	108	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Foram feitas sondagens arqueológicas sob a direção dos serviços de arqueologia da Câmara Municipal da Maia.

Descrição

Pequeno castro, noticiado por C. A. Ferreira de ALMEIDA (1969: 33), muito alterado pela construção de uma capela e pela urbanização. A. B. MOREIRA (2009: 214) interpreta um talude artificial como vestígios de uma muralha; e Artur J. ALMEIDA (1988: 115) indica o achado de restos de tégulas, relacionando o sítio com a próxima necrópole da Forca. Também C. A. F. ALMEIDA (*Ibidem*) noticia que foram encontradas moedas romanas no local.

Trabalhos arqueológicos recentes, desenvolvidos pelo Município da Maia, detetaram importantes vestígios da fortificação medieval documentada no monte (inf. pessoal de A. Tomé Ribeiro, C. M. Maia).

Achados ou espólio

Referências, na bibliografia citada, a *tegulae* e moedas romanas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

ALMEIDA, Artur J. (1988) – A necrópole da Forca (Maia). In *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura-1985. Vol. 2 – Arqueologia*. Esposende: Casa da Cultura, p. 113-151

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – A romanização das Terras da Maia. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave.* Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Guifões	Castro romanizado	779	**CR05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Guifões	Monte Castêlo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.200214; -8.675536	65	Bronze Final - Romano	Ferro – Tardo-antiguidade

Trabalhos arqueológicos

Desde os finais do século XIX, o castro de Guifões atraiu praticamente a maioria dos mais destacados arqueólogos portugueses, fosse pela qualidade ou abundância dos materiais de superfície ou pelas muralhas e outras ruínas ainda percetíveis. Registam-se, assim, numerosas visitas e pequenas escavações, iniciadas, ao que parece, pelo próprio Francisco Martins Sarmento, que em 1878 aí empreende uma pequena escavação de apenas três dias, interrompida pelas dificuldades criadas pela densa vegetação, mas suficiente para descobrir os alinhamentos de construções ortogonais, como regista nos seus cadernos e comunica por carta, em 1880, a Leite de Vasconcelos, ano em que também este visita o «Monte Castêlo» (VASCONCELOS, 1901: 35); mais na encosta, Sarmento escava ainda o que parece descrever como um forno (SARMENTO, 1999 [1878]: 40-42; VASCONCELOS, 1898: 270; CLETO, VARELA, s.d.: 9-11).

O vasto elenco de visitantes e escavadores circunstanciais de Guifões foi já apresentado (CLETO; VARELA, 1999; s.d.: 8-14), pelo que basta sumariar. Após Sarmento e Vasconcelos, passam pela estação arqueológica Rocha Peixoto e José Fortes, que nos começos do século XX, encarregados pelo Gabinete de Geologia da Academia Politécnica do Porto, empreendem algumas «explorações» no castro (CLETO; VARELA, 1999: 468). Mais tarde, também Mendes Correia e Rui de Serpa Pinto realizam sondagens em Guifões, bem como, já na década de 1940, F. Russel Cortês; por fim, na década de 1950, um empenhado estudioso local, Joaquim Neves dos Santos, inicia escavações mais ou menos regulares (muitas vezes aproveitando obras e outras intervenções intrusivas) e uma denodada cruzada de defesa e divulgação do povoado castrejo, sobre ele publicando uma monografia em dois volumes (SANTOS, 1955; 1956), a que se seguiram diversos trabalhos sobre o castro e achados diversos (PIRES, 2006: 74-116).

Interrompidas as escavações de Neves dos Santos, os trabalhos só serão retomados, em 1993, agora sob a responsabilidade do recém-criado gabinete de arqueologia do Município de Matosinhos, realizando-se várias campanhas até 1999 e depois, uma segunda fase, em 2009-2010, trabalhos cujos resultados se encontram praticamente inéditos (CLETO, 1993; CLETO; FORTUNA, 1996; CLETO, VARELA, s.d.; VARELA, PIRES, CLETO, 2015; AREZES; VARELA, 2017: 130). Por fim, em 2016 iniciou-se um projeto de investigação programada, em articulação entre a Câmara Municipal de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (AREZES; VARELA, 2017; AREZES, 2019a), que tem enquadrado campanhas anuais de escavação arqueológica.

Descrição

A, pouco usual, extensão do campo anterior tem explicação pela própria importância do sítio arqueológico, que convocou a curiosidade e o interesse de numerosos estudiosos; mas também pelo facto do conhecimento depender dos agentes e processos da própria investigação, pelo que aquela micro-história da pesquisa nos guiará agora na mais detalhada apresentação do castro de Guifões.

Primeiro o sítio, que importa sempre mas aqui de uma forma particular. Implantado sobre uma elevação da margem esquerda do estuário do Rio Leça, conhecida popularmente por *Monte Castêlo*, à cota, não muito expressiva, de 65 metros, mas que, no contexto orográfico local, lhe garante

extraordinária abrangência visual, quer sobre a foz do rio e o Atlântico, quer para o interior, dele se divisando, em dias claros, castros importantes como a Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim) ou a Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira (VARELA, 2010; 2013: 78), o principal aspeto desta localização, que já os visitantes mais antigos do castro haviam intuído, é a da sua estratégica litoraneidade.

Na verdade, a foz do Leça, nos nossos dias profundamente assoreada, descaracterizada e quase reduzida à insignificância pela construção das docas do porto de Leixões, em 1927, constituía na Antiguidade um estuário importante e convidativo a que ali fundeassem embarcações de significativo calado. Ainda nas primeiras décadas do século XIX, o estuário, bastante aberto, constituía uma alternativa à sempre perigosa barra do Douro, tendo o canal de navegação uma profundidade entre 7 e 10 braças marítimas, ou seja, no mínimo, cerca de 13 metros (VARELA, 2013: 76). Até ao século XV, de facto, o Leça formava uma pequena enseada de proteção da banda sul da sua foz e rio era perfeitamente navegável até ao sopé do Castro de Guifões; e só a partir dessa época, devido a alterações paleoambientais que provocaram progressivo assoreamento e à construção de uma ponte a jusante, tal trânsito ficou impedido ou severamente limitado (*Idem, ibidem*). Da circulação de embarcações e da, mais que provável, existência de cais de atracagem, informam-nos algumas poitas recolhidas por Neves dos Santos e blocos aparelhados, de grande dimensão, compatíveis com o uso em construções portuárias, entre outros indícios (*Id., ibid*.).

Podemos, portanto, sequenciar a atenção dos arqueólogos sobre Guifões em três fases. A primeira, entre finais do século XIX e a década de 1940, que designaríamos por «curiosidade antiquarista» (não obstante o alto gabarito de alguns dos intervenientes e o seu lugar na história da arqueologia portuguesa); um momento central (1950-1979), de «curiosidade voluntarista», protagonizada pela figura de Joaquim Neves dos Santos; e a fase científica, correspondendo já a novos paradigmas e abordagens técnico-epistemológicas, iniciada na década de 1990.

Os resultados do primeiro meio século de visitas e «explorações» são, no plano do conhecimento arquitetónico e urbanístico do castro, praticamente nulos, reduzidos a poucas linhas com alusões vagas a estruturas do povoado, valendo apenas pela publicação de algumas informações e materiais descontextualizados (CLETO; VARELA, s.d.: 8-14), e pela recorrente sinalização da importância do sítio no panorama do povoamento do norte de Portugal em época «luso-romana», como então se dizia.

As pesquisas de Neves dos Santos obrigam-nos a apresentar o homem antes da obra. Pequeno industrial local, *amador* do passado histórico do seu torrão natal no sentido mais genuíno do termo (PIRES, 2006), Neves dos Santos (1918-1979) foi um autodidata, que complementou a sua formação técnica na área da metalomecânica com a constituição de uma vultosa biblioteca de história e arqueologia e a frequência de aulas de arqueologia, epigrafia e outros temas num centro de estudos ligado à Universidade do Porto, decorrendo desta paixão pelas antiguidades a apresentação de comunicações a diversos colóquios e a reunião de um curioso museu particular (PIRES, 2006: 11-34). Com naturais dificuldades decorrentes do isolamento científico em que trabalhou, mas refletindo limitações comuns em Portugal, à época, Neves dos Santos documentou e ilustrou o melhor que pôde as suas escavações e os materiais exumados, embora esteja praticamente ausente, ou seja muito esquemático, o registo estratigráfico.

Este investigador levantou a primeira (e ainda única) planta geral do castro, em 1955, que utilizou como planta de trabalho, onde foi sinalizando construções circulares e de planta angular e o que entendia como arruamentos antigos do castro e certos edifícios singulares. Conceição PIRES (2006, 2012, 2018) tem vindo a analisar a obra de Neves dos Santos, e em particular os seus cadernos e apontamentos inéditos, mas ainda assim é difícil obter uma imagem de conjunto dos resultados dos trabalhos daquele investigador em Guifões, porque muitas notas são sumárias e pontuais, destinadas mais a individualizar qualquer achado do que a tentar uma leitura espacial abrangente.

J. N. Santos, todavia, entendeu bem os grandes ciclos cronológicos do povoado, determinando a sua ascendência e abertura ao exterior: «é um povoado do final da Idade do Bronze, como se verifica

pelo seu numeroso e rico espólio arqueológico, onde são notadas profundas influências culturais, provenientes de outras culturas exógenas» (SANTOS, 1956: 1). Estaria rodeado, para Neves dos Santos, por três ordens de muralhas, estando a última, aparentemente, quase à cota do Leça (cit. em PIRES, 2018: 65, n. 207; 72); curiosamente, interpretava o microtopónimo *Castelinhos*, aplicado à encosta sudoeste da elevação, como aludindo a fortins que defenderiam uma das portas da muralha (SANTOS, 1955: 16-18). As construções de plano ortogonal e circular, das quais implanta cerca de duas dezenas, estariam mais ou menos associadas por todo o povoado, todavia dotado de eixos ordenadores, que designava como *viae* (SANTOS, 1955: 25-26 e cit. em PIRES, 2018: 69).

Entre 1961 e 1962, Neves dos Santos escavou um vasto edifício de planta mais ou menos quadrangular, com uma área de 100 metros quadrados e cerca de 13 compartimentos (ignora-se se da mesma fase), num local conhecido como «Campo da Ponte», que designou como ZB9. Ignora-se a sua funcionalidade, sendo certa a sua utilização em época romana, provavelmente tardia; mas já não é razoável aceitar a função funerária de uma das salas, como pretendia Santos, mas a construção sobrepunha-se, segundo o autor, à muralha e a uma construção circular e incorporava, reutilizada, uma pedra com a gravação de uma suástica (cit. em PIRES, 2018: 77-80; COIMBRA, 1999). Do mesmo modo, sugestões de Neves dos Santos acerca da existência de templos ou mesmo de um «*forum*» carecem de evidência plausível. Todavia, na década de 1970 a construção de alguns equipamentos desportivos na acrópole deverá ter destruído alguns vestígios, mas, sobretudo, e sepultado outros sob espesso aterro de vários metros (CLETO, VARELA, s.d.: 5-6), sendo por isso muito difícil validar ou contradizer algumas das interpretações ou intuições de Joaquim Neves dos Santos, cujo contributo para o conhecimento da estação é, todavia, incontornável (SANTOS, 1955, 1956, 1962a, 1962b, 1962c, 1963a, 1963b, 1996; SANTOS, ALMEIDA, 1975).

Os trabalhos de 1993-1999 (CLETO; VARELA, s.d.) incidiram na encosta sudeste do castro, tendo sido escavadas duas áreas, totalizando mais de 250 m^2. Em ambos os núcleos foram exumados restos de conjuntos habitacionais, de época romana. Na «Área 1», revelaram-se muros de dois conjuntos de compartimentos abrindo, ambos, para um pátio lajeado comum, estruturas de época tardia mas, sob as quais, se identificaram níveis e pavimentos do século I (*Idem*: 28-35; CLETO, 1993); na Área 2, mais perturbada por violações modernas, encontraram os arqueólogos restos de outro núcleo habitacional, com várias compartimentos associados a um corredor, e ainda restos de uma aparente forja metalúrgica, tudo traduzindo, igualmente, um momento de ocupação tardo-romana do povoado (*Idem*: 49-52).

Os trabalhos arqueológicos de 2009-2010 (VARELA; PIRES; CLETO, 2015), em colaboração com uma empresa da especialidade, visaram, por um lado, a recuperação das estruturas escavadas na fase anterior e, por outro, a escavação de uma área que ligasse os dois sectores previamente intervencionados, gerando uma melhor compreensão das construções exumadas, permitindo, assim, clarificar e lançar numa única planta os dois núcleos residenciais detetados, efetivamente refletindo a habitação do castro entre o século IV e os finais do século V, como já se antevira, mas confirmando, igualmente, a constatação de que estes edifícios se haviam sobreposto a construções do século I, ocorrendo também abundante quantidade de cerâmica indígena, e alguns buracos de poste, como testemunho da ocupação anterior da Idade do Ferro (*Idem*: 39-41).

As intervenções arqueológicas em curso desde 2016 têm lugar no sopé do castro, junto ao rio Leça, em terreno contíguo ao Campo da Ponte, onde Neves dos Santos havia escavado o edifício romano ZB9. Os trabalhos têm vindo a exumar, paulatinamente, os muros e pisos de um edifício de datação também tardia, mas com segura evidência de ocupação, com a presença de lareiras e outras estruturas, correspondentes a ocupações prévias, tanto do período alto-imperial, como, mesmo, da Idade do Ferro (AREZES, 2019a).

Achados ou espólio

Com o histórico de trabalhos arqueológicos que exibe o Castro de Guifões, é impossível, mesmo de forma resumida, rastrear o volumoso acervo de materiais, tanto cerâmicos como de outra natureza,

de ali provenientes, com cronologias que variam desde a Idade do Bronze ou momentos antigos da Idade do Ferro, até à tardo-antiguidade. Além dos trabalhos já citados, têm vindo, nos últimos anos, a ser publicados relevantes estudos sobre o espólio da estação, do que são exemplo trabalhos sobre as ânforas (MORAIS, 2013), cerâmica doliar (PIRES; PEREIRA, 2014); almofarizes vidrados (VARELA; MORAIS, 2014), os vidros romanos (AREZES, 2019) ou a numismática (MENDES-PINTO, 2014).

Estado do espólio

Tratado

Localização do espólio

Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de Almeida; SANTOS, Joaquim Neves dos (1975) – Cerâmica romana, tardia, de Guifões. *Archeologica Opuscula*, I. Porto, p. 49-56

AREZES, Andreia (2019a) – Castro de Guifões (Matosinhos): evidências de uma ocupação diacrónica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22. Lisboa, p. 183-191

AREZES, Andreia (2019b) – Vidros tardios do Castro de Guifões: formas, técnicas e trajectos. *Portugalia*. Nova Série, 40. Porto, p. 59-84

AREZES, Andreia; VARELA, José Manuel (2017) – Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados preliminares de um projeto de investigação. In ARNAUD, José M.; MARTINS, Andrea (coord.) – *Arqueologia em Portugal 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 125-136

CLETO, Joel (1993) – Castro de Guifões: a primeira «cidade» de Matosinhos. *Matosinhos. Revista Municipal*, 4. Matosinhos, p. 38-44

CLETO, Joel; FORTUNA, Jorge (1996) – Monte Castêlo. Um tesouro escondido do património histórico-natural de Matosinhos. *Matosinhos: Revista Municipal*, 14. Matosinhos, p. 42-46

CLETO, Joel; VARELA, José M. (1999) – O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmento às investigações da actualidade. *Revista de Guimarães, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999*. Vol. 2. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 467-479

CLETO, Joel; VARELA, José M. (s.d.) – *Castro do Monte Castêlo, Guifões, Matosinhos. Trabalhos arqueológicos realizados entre 1993 e 1999. GUIF-1999. Relatório Final*. Matosinhos: Câmara Municipal. Texto datilog. [c. 2014]

COIMBRA, Fernando A. (1999) – A suástica do Castro de Guifões e alguns paralelos europeus. *Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, 3 [Actas das I Jornadas de História e Património Local]. Matosinhos, p. 106-112

MENDES-PINTO, José M. (2014) – Circulação monetária e entesouramento no Castro de Guifões (Matosinhos) nos séculos IV e V. *Nummus*. 2.ª série, 37. Porto, p. 21-42

MORAIS, Rui (2013) – *Durius* e *Lethes*: dois percursos de um mesmo itinerário. Problemáticas em torno das ânforas Haltern 70. *Portvgalia*. Nova Série. 34 (2013). Porto, p. 101-136

PIRES, Maria da Conceição (2006) – *Joaquim Neves dos Santos: o amor pelo Passado.* S.l.: Edium editores

PIRES, Maria da Conceição (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Maria da Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

PIRES, Conceição; PEREIRA (2014) – Os recipientes de tipo *dolium* do Castro de Guifões (Guifões, Matosinhos) – novos dados para o estudo da romanização de um castro marítimo. *Al-Madan Online*, 2.ª série, 18: 2. Almada, p. 125-130

SANTOS, Joaquim Neves dos (1955) – *Guifões. Notas arqueológicas, históricas e etnográficas.* Vol. I - *Castrum Quiffiones*. Matosinhos: Ed. A.

SANTOS, Joaquim Neves dos (1956) – *Guifões. Notas arqueológicas, históricas e etnográficas. Vol. 2º.* Matosinhos: Ed. A.

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SANTOS, Joaquim Neves dos (1962a) – Altar com covinhas no castro de Guifões. *Studium Generale*, 9 (1). Porto, p. 111-117

SANTOS, Joaquim Neves dos (1962b) – Marcas «dedadas» nas telhas romanas do castro de Guifões. *Studium Generale*, 9 (1). Porto, p. 230-282

SANTOS, Joaquim Neves dos (1963b) – Coberturas vitrificadas em louça doméstica do castro de Guifões. *Lucerna*, 3. Porto, p. 157-166

SANTOS, Joaquim Neves dos (1963c) – Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiformes do Castro de Guifões. Lucerna. 3, p. 136-155.

SANTOS, Joaquim Neves dos (1995-1996) – Sobre uma sítula do Castro de Guifões. *Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos,* 1-2. Matosinhos, p. 20-22

SARMENTO, Francisco Martins (1999 [1878-1898]) – *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia*. Leitura e organização de António Amaro das Neves. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento [notas de cadernos pessoais]

VARELA, José Manuel (2010) – Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos). In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 108-111 e 142-145

VARELA, José Manuel (2013) – O sítio do Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos), o Rio Leça e as Navegações na Antiguidade. *Al-madan*, 2,ª série, 18 (julho 2013). Almada, p. 75-81

VARELA, José Manuel; MORAIS, Rui (2014) – Almofarizes tardios com revestimento vidrado interior do sítio do Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo, SOUSA, M.ª José (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Tomo 2 (Monografias da SECAH II). Porto; Madrid: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Ex Officina Hispana, p. 407-416

VARELA, José M.; PIRES, Conceição; CLETO, Joel (2015) – *Relatório Final. Intervenção arqueológica. Monte Castêlo – Castro de Guifões. Matosinhos, 2009-2010*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

VASCONCELOS, José Leite de (1898) – O «Castêllo» de Guifões. *O Archeologo Português*, vol. 4. Lisboa, p. 270-272

VASCONCELOS, José Leite de (1901) – F. Martins Sarmento. Extractos da correspondência de F. Martins Sarmento (1881-1883). *O Archeologo Português*, vol. 6. Lisboa, p. 30-48 (= *Rev. Guimarães*, 1900)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Angeses; Monte Castro	Castro romanizado	3550	**CR06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Angeiras; Monte Castro; Crastos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.269064; -8.716256	25	Idade do Ferro – Romano – Alto Império	Séculos I-II

Trabalhos arqueológicos

Não registados, com exceção das prospeções realizadas pelo Gabinete de História e Arqueologia da Câmara Municipal de Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica.

Descrição

A localização de um pequeno aldeamento castrejo num «lugar elevado, sobranceiro ao rio de Labruge [também conhecido como rio Onda ou de Calvelhe] e chamado Crasto», nome que se estendia, no plural, às «bouças e campos desse lugar» foi primeiro noticiada pelo pároco local António Francisco Ramos em 1943 (RAMOS, 1992: 17), daí passando a outros autores, como G. FELGUEIRAS (1958: 3) e sobretudo J. N. SANTOS, que faz corresponder o microtopónimo «Crastos» à mesma colina, que classifica como um «pequeno Crasto sem muralhas e oriundo da época do ferro» (1959: 46). Uma década mais tarde, Fernando Lanhas e Domingos P. Brandão acrescentam ao sítio a informação e ilustração de uma «estela funerária», conservada nas imediações do castro e cujo campo epigráfico teria sido picado para receber uma inscrição moderna e a indicação de que Neves dos Santos teria recolhido fragmentos de *sigillata* no sopé do Monte Crasto (LANHAS; BRANDÃO, 1969: 36-7), dados reproduzidos por Ferreira de ALMEIDA (1969: 34).

Armando Coelho inventariou o castro no seu *corpus* do norte de Portugal (SILVA, 2007a: 136, n.º 450) e mais recentemente, com A. B. Moreira, surgiu a primeira descrição mais abrangente do arqueossítio, caracterizado agora como um castro «de vocação agrícola complementada com a exploração de recursos marinhos, uma vez que dista do mar apenas cerca de 1 km», instalado sobre «um pequeno promontório com um *plateau* de planta circular definida pela curva de nível dos 20 m» (SILVA; MOREIRA, 2011: 106). Contrariamente à opinião de Neves dos Santos, que não vira indícios de linhas fortificadas, Silva e Moreira observaram um talude que admitem que possa corresponder à «única muralha que circundaria o povoado», confirmando a sua «romanização intensa», atestada não só pelas informações anteriores, como pela recolha de abundantes fragmentos de tégula e cerâmica comum romana, levando estes autores a propor uma ocupação do sítio durante o século I e eventualmente II (SILVA; MOREIRA, *idem, ibid*.).

Recolhendo estas informações dispersas, os técnicos do serviço municipal de arqueologia de Matosinhos acrescentam também a identificação, em prospeção superficial, de fragmentos de *tegulae* e cerâmica comum romana, embora admitam que a estação possa estar significativamente destruída pela ação antrópica moderna (PIRES, 2012: 91; 2016b: Cod. Inv. 13107; 2018: 59-60).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram recolhidos ou conservados os materiais cerâmicos descritos na bibliografia.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos (?)

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

FELGUEIRAS, Guilherme (1958) - *Monografia de Matosinhos*. Lisboa: s.e. [Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Mota, Lda.]

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1969) – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4, nos Concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde]. Sep. «Revista de Etnografia», 12-2. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

PIRES, [Maria] Conceição [L.] (2012) – *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-história ao século VIII*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

RAMOS, António F. (1992) – *Lavra: apontamentos para a sua monografia*. 2ª ed. S.l.: [Lavra, Matosinhos]: Paróquia de Lavra (reedição da edição original de 1943)

SANTOS, Joaquim Neves dos (1959) – *A Torre de Linhares na Época Romana*. Matosinhos: Ed. A.

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC [ed. orig. 1986]

SILVA, Armando C. Ferreira da; MOREIRA, Álvaro B. (2011) – O Rio da Memória. Proto-história no vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 89-124

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de São Silvestre	Castro romanizado	3702	**CR07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Baltar	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.185431; -8.397867	395	Romano-Baixo-Império	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos, além de prospeção pontual dos serviços municipais de arqueologia de Paredes.

Descrição
Situado a menos de dois quilómetros a sudoeste do importante povoado do Muro, o castro de São Silvestre implanta-se numa elevação de morfologia cónica, pontuada por grandes afloramentos de granito.
Para além de referências pontuais em diversas publicações (SILVA, 1963: 127; MEDEIROS; PEREIRA; MOREIRA, 1980; SILVA, 1992: 9; SILVA, 2007a: 138, n.º 474), as informações mais substantivas referem a evidência de derrubes pétreos de estruturas e cerâmica castreja e romana de construção à superfície, entre outro espólio (DELINDRO, 2012: 146-8; PINHEIRO, 2012; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Id Bal001A), vendo-se claramente o alinhamento de dois panos de muralha (PINHEIRO, 2012).
Segundo proposta recente, o local pode ter sido referido em documentação medieval, a partir do ano de 1086, como «Castro de Sanda» (MARIANI, 2020: 948).

Achados ou espólio
Referências a uma mó manual, de vai-vém, a um possível fragmento arquitetónico lavrado (PINHEIRO, 2012) e a cerâmica castreja e romana de construção.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serviços municipais de arqueologia

Referências
DELINDRO, Liliana dos Santos (2012) – *Condicionantes do Ambiente Físico no Povoamento Proto-Histórico no Vale do Douro Inferior: Entre a Foz e Entre-os-Rios*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MARIANI, Andrea (2020) – *Le strutture fortificate medieval nel território della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX-XII secolo).* Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MEDEIROS, Artur C., PEREIRA, Eurico, MOREIRA, *Armando (1980) – Notícia explicativa da folha 9 – D (Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000 – Penafiel).* Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

PINHEIRO, Rui (2012) – Castro de Baltar (Paredes): notícia preliminar. *Al-Madan online*, 2ª Série, 17 (1), jun. 2012. Almada, p. 165-166. Disp. em https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_17_1

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e atualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

SILVA, José da (1963) – Os recintos fortificados de Baltar e do Montemuro. *Lucerna*, 3. Porto, p. 126-135

SILVA, Maria Antónia (1992) – A Necrópole de Vandoma – Concelho de Paredes. *Revista de Ciências Históricas*. 7, Porto, p. 7-14

Observações

O sítio é designado como «Castro de Baltar» em PINHEIRO, 2012.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de São Domingos	Castro romanizado		**CR08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Besteiros	São Domingos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.218834; -8.356884	337	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeções dos serviços municipais de arqueologia e património do concelho de Paredes.

Descrição
Povoado proto-histórico, desde há muito referenciado, de forma genérica, por diversos autores (BARREIRO, 1922-1924; MEDEIROS; PEREIRA; MOREIRA, 1980), não constando, todavia, do inventário de A. C. F. SILVA (1986; 2007a). Os trabalhos de reconhecimento e prospeção dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes confirmaram o povoado, instalado sobre uma elevação com adequadas condições defensivas, de encostas particularmente acentuadas sobre o vale do Mezio e bom alcance visual para a envolvente, como é próprio deste género de sítios. No topo observam-se vestígios de exploração superficial de filões pegmatíticos, de cronologia incerta, e recolhem-se materiais cerâmicos castrejos e romanos, nomeadamente na vertente sudeste do monte (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr008A).

Achados ou espólio
Fragmentos de cerâmica castreja e romana.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serv. arqueologia C. M. Paredes

Referências
BARREIRO, José do (1922-1924) – *Monografia de Paredes*. 2 vols. Porto: Tipografia Mendonça

MEDEIROS, Artur C., PEREIRA, Eurico, MOREIRA, Armando (1980) – *Notícia explicativa da folha 9 – D (Carta Geológica de Portugal escala 1:50 000 – Penafiel).* Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SILVA, Armando C. Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte do Crasto	Castro romanizado	15220	**CR09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Cristelo	Monte do Crasto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.229610; -8.358006	333	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeções dos serviços de arqueologia e património da C. M. Paredes.

Descrição
O povoado implanta-se sobre uma elevação destacada na paisagem, de encostas bastante acentuadas, contorno subcircular e grande alcance visual sobre a região envolvente, sobretudo para o vale do Mezio. Situa-se imediatamente a nascente da igreja paroquial e cemitério de Cristelo, cuja construção afetou marginalmente o sítio arqueológico.
Mencionado, por simples enumeração em diversos trabalhos (BARREIRO, 1922; SILVA, 2007a: 137, n.º 472) foi objeto de ações de prospeção por parte dos serviços municipais de arqueologia, que detetaram evidência de estruturas defensivas e de outra natureza, além de espólio cerâmico superficial castrejo e romano, para além de mós e outros materiais (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Id Cri001A).

Achados ou espólio
Evidência de fragmentos de cerâmica castreja superficial.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serviços municipais de arqueologia

Referências
BARREIRO, José do (1922-1924) – *Monografia de Paredes*. 2 vols. Porto: Tipografia Mendonça

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e actualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte de Santiago	Castro romanizado		**CR10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Rebordosa	Monte de Santiago

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.206923; -8.413501	370	Idade do Ferro; Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Sítio descoberto em prospeções dos serviços municipais de arqueologia e património.

Descrição
Povoado aparentemente inédito, identificado em trabalhos de reconhecimento do serviço municipal de arqueologia e património. O sítio foi apontado como uma «elevação com condições naturais de defesa e excelente domínio visual para o Vale Ferreira» e ainda que a vegetação não tenha permitido uma melhor observação, foi registado o achado de fragmentos de cerâmica castreja e romana (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Reb003A).

Achados ou espólio
Cerâmica castreja e romana.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serviço municipal de arqueologia

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro do Muro de Vandoma	Castro romanizado	3505	**CR11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Vandoma/Baltar	Passais

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.201009; -8.401805	519	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Pequenas sondagens arqueológicas feitas em 1990 pela administração regional do património arqueológico resultaram inconclusivas; mais recentemente, no âmbito de um estudo de impacte ambiental foi recolhido no Muro um machado polido (*cfr*. SILVA *et al*., 2020 para referências).

Descrição

O povoado do Muro ou Vandoma tem significativa tradição na bibliografia arqueológica (SILVA, 1963; 1966; ALMEIDA, CF, 1980b) graças às suas impressionantes muralhas, com um perímetro de quase quatro quilómetros e largura entre 3,5 e 4 metros, se bem que a cronologia desta estrutura defensiva permaneça por apurar.

Trabalhos recentes sobre o sítio (SILVA *et al*., 2018; 2020; SILVA; SILVA; FÉLIX, 2021) permitem constatar a evidência de uma ocupação entre a pré-história recente e a Idade Média. No que se refere à proto-história, ali se instalou um importante povoado, entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, com vestígios traduzidos por achados metálicos, cerâmicos e um fragmento arquitetónico decorado, se bem que a proposta de Armando Coelho de considerar o Muro como um «lugar central» (SILVA, AF, 2007a: 25, 137, n.º 473) careça, a nosso ver, de fundamento, face aos dados disponíveis. De época romana ressalta a identificação superficial de cerâmica de cobertura, havendo também notícia da descoberta, nas proximidades, de uma ara dedicada a *Nabia* (CIL, II, nº 2378; VASCONCELOS, 1905: 277).

Achados ou espólio

Achados metálicos e cerâmicos, tanto da Idade do Ferro como de época romana, para além de um fragmento arquitetónico decorado, de tipo castrejo.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

SILVA, José da (1963) – Os recintos fortificados de Baltar e do Montemuro. *Lucerna*, 3. Porto, p. 126-135

SILVA, José da (1966) – Os recintos fortificados e a cultura castreja. *Lucern*a. 5. Porto, p. 519-525

SILVA, Armando C. Ferreira da (2007a) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. [revista e atualizada] Paços de Ferreira: Câmara Municipal/MACS/CACEC

SILVA, Maria Antónia; BETTENCOURT, A.; SILVA, A.; FÉLIX, N. (2020) – O Castro do Muro (Vandoma/Baltar, Paredes). Notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média. In ARNAUD, J.; NEVES, C.;

MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1015-30. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa73

SILVA, Maria Antónia; CASTRO, F.; BETTENCOURT, A.; SILVA, A.; MANTEIGA, A. (2018) – Archaeometalurgical analysis and archaeological contextualization of a bronze spearhead from Gralheira (Muro, Mountain Range, Baltar, Paredes, North Portugal). In HERNÁNDEZ, N.; LARRAZABAL, J.; PORTERO, R. (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 (…).* Valladolid: Glyphos, p. 204-13

SILVA, Maria Antónia; SILVA, António Manuel S. P.; FÉLIX, Natália (2021) – O Castro do Muro (Vandoma/Baltar, Paredes). Um sítio arqueológico excecional (ainda) à espera da arqueologia. *Orpheu Paredes – Revista Cultural*. 3. Paredes, p. 48-51

VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – *Religiões da Lusitânia* (…). Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional

Observações

Na base de dados oficial Portal do Arqueólogo, este sítio arqueológico surge, sem razão, com ficha duplicada, apresentando os números de código (CNS) 3505 e 6586 (*cfr.* https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Penha Grande	Castro romanizado	33202	**CR12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Abragão	Maninho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.159122; -8.231612	248	Idade do Ferro – Romano indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Não registados, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 21.4).

Descrição

Devem-se ao investigador local Abílio Miranda as primeiras notícias sobre o interesse arqueológico deste local. Em 1945, aquele autor noticiou o achado na Penha Grande de uma base de coluna em granito, romana, e de um objeto em bronze que descreveu como uma espécie de «resplendor» de imagem religiosa (MIRANDA, 1945b: 1); anos mais tarde, recorda esses achados, que enquadra no «vasto e variado material que ai tem sido encontrado» (MIRANDA, 1957: 1-2). Foi Teresa Soeiro a especificar, pelo menos em parte, a natureza desses achados, acrescentando àquelas peças outros fragmentos arquitetónicos depositados por A. Miranda no Museu de Penafiel, nomeadamente «um capitel toscano provincial em granito, alguns tambores de fustes de colunas e um outro capitel (?) com toro e escócia picada e muito desgastada por reutilizações como base ou capitel adaptado a um fuste estreito» (SOEIRO, 1984: 50).

O povoado castrejo assenta sobre uma elevação, à cota máxima dos 248 metros, dominado visualmente a região envolvente entre a ribeira dos Pedreiros, afluente do rio Tâmega, e este mesmo rio. A área encontra-se bastante urbanizada, mas T. Soeiro pôde ainda detetar «vários circuitos de muralhas de que restam grandes blocos alinhados» e a informação de restos de construções circulares, para além de cerâmicas e outros materiais de superfície de tipo castrejo e romano (SOEIRO, 1984: 50).

Nos afloramentos graníticos existentes no local, em posição sub-horizontal, identificaram-se diversos motivos gravados, nomeadamente a representação de uma mão e a figuração humana de um guerreiro, com 21 cm de altura, munido de um escudo e uma arma, indistinta, que T. Soeiro diz apresentar semelhanças com o conhecido petróglifo do Castelo de Penafiel (SOEIRO, *id., ibidem*).

Achados ou espólio

Para além dos fragmentos arquitetónicos enunciados por Abílio MIRANDA (1945b) e Teresa Soeiro, esta autora refere também o achado superficial de «escória de ferro, carvões, moinhos circulares e cerâmica galaico-romana» (SOEIRO, 1984: 50).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MIRANDA, Abílio (1945b) – Uma Igreja Romana. *O Penafidelense: Semanário Independente*. Ano 63, n.º 24 (25 de Setembro de 1945). Penafiel, p. 1

MIRANDA, Abílio (1957) – Freguesia de Melhundos (Continuação). *O Penafidelense: Jornal Independente*. Ano 80, n.º 15 (11 de Junho de 1957). Penafiel, p. 1-2

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Côto da Cividade	Castro romanizado		**CR13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Eja	Côto, Senhora da Suvidade

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.082914; -8.302139	207	Idade do Ferro (?) - Romano	(?) – Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

Conhecido a partir de diversas referências em autores dos começos do século XX (ANDRADE, 1918; PINHO, 1929, entre outros), o sítio foi sendo progressivamente melhor tipificado, a partir de ações de prospeção e reconhecimento cientificamente orientadas (ALMEIDA; LOPES, 1982; SOEIRO, 1984: 77-76) e, ultimamente, também por parte dos arqueólogos da Autarquia, designadamente no âmbito da atualização da carta municipal do património arqueológico, para informar o respetivo PDM (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.2). Em 2012 e 2014 foram realizadas escavações na plataforma inferior – localmente dita da *suvidade* – dirigidas por Maria José Santos, do Museu Municipal, cujos resultados não foram ainda publicados, se bem que tenhamos conhecimento, por visita ao local, que não incidiram em área de arquitetura castreja ou claramente romana.

Descrição

O povoado, estrategicamente localizado na confluência do rio Tâmega com o Douro, instalou-se num cabeço em esporão, de pequenas dimensões, caracterizado por duas áreas a cotas significativamente distintas: na parte mais elevada, é o *Côto* propriamente dito; numa plataforma inferior, onde existe a capela moderna dedicada à Senhora da Cividade, é a zona que os habitantes locais designam mais especificamente como «*Subidade*» (ALMEIDA; LOPES, 1982: 132).

De acordo com a planta geral e descrição destes autores, acolhida por Teresa SOEIRO (1984: 77-78), o castro situado na parte superior, de configuração ovalada, era circuitado por duas linhas de muralha (a exterior envolvendo ainda a plataforma da Cividade), vendo-se ainda restos de um fosso a noroeste e, talvez, a sul da elevação.

Os materiais arqueológicos ali aparecidos, como referido por autores mais antigos, parecem incluir pontas de seta, machados em pedra polida e em bronze, um fuste de coluna, uma inscrição com o nome *Camali* e outros objetos entretanto desaparecidos (ALMEIDA; LOPES, 1982: 132; SOEIRO, 1984: 77), mas estes estudiosos referem também a presença de abundantes *tegulae* e *imbrices*, a par de cerâmicas do Baixo-Império e da tardo-antiguidade. O sítio terá tido uma importância acrescida enquanto castelo roqueiro medieval, designadamente enquanto cabeça da «Terra de Anegia» (ALMEIDA; LOPES, 1982: 132-133; SANTOS, 2005 e MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 35.1, com bibliografia atinente mais completa).

Achados ou espólio

Materiais mencionados no ponto anterior, descriminando-se, além da cerâmica comum, um fragmento de TSC, datável do século III (ALMEIDA; LOPES, 1982: 132). Desconhece-se se foram conservados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira; LOPES, Francisco G. A. (1981-1982) – Eja (Entre-os-Rios): a *ciuitas* e a igreja de S. Miguel. *Portugalia*. Nova série. 2-3. Porto, p. 131-136

ANDRADE, Vieira de (1918) – Castro de Entre-os-Rios. *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, 23. Lisboa, p. 74-76

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

PINHO, José de (1929) – A Cividade de Eja. *Penha Fidelis*, 1. Penafiel, p. 182-187

SANTOS, Maria José F. (2005) – *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308).* «Cadernos do Museu», 10. Penafiel: Câmara Municipal, p. 3-100

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Abujefa	Castro romanizado		**CR14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Galegos	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,162639;-8,322803	330	Idade do Ferro (?) - Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Embora sejam numerosas as notícias sobre recolhas de objetos e diversos os tesouros monetários referenciados com referência a este local, o Castro de Abujefa nunca teve trabalhos arqueológicos, para além daqueles que decorrem da mera prospeção superficial, para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 96-98) ou salvaguarda arqueológica no âmbito de instrumentos de planeamento regional (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 16.1).

Descrição

Em apreciação de conjunto, Teresa Soeiro foi perentória ao considerar este povoado como um dos «quatro grandes povoados fortificados» do Entre Douro e Tâmega durante a primeira metade do século I, a par da Cividade de Eja, do castro de Quires (Marco de Canaveses) e do Monte Mozinho (SOEIRO, 1984: 24).

Trata-se de um povoado da margem esquerda do rio Cavalum, afluente do Sousa, encimado por uma extensa coroa aplanada e rodeado com, pelo menos, três ordens de muralhas (*Idem, id*., 96). Muros e restos de casas circulares observam-se à superfície do terreno, assim como grande quantidade de *tegula*, *imbrex* e outros materiais; T. Soeiro recorda ainda o achado de, pelo menos dois tesouros monetários (outros mais inseguros) e vultoso acervo de cerâmicas de várias classes, na sua maior parte de tipo romano, tanto do alto Império como tardias, enquanto que – entre os objetos que observou – só um pequeno número de fragmentos cerâmicos são correlacionáveis com fabricos castrejos (SOEIRO, 1984: 97-98).

Achados ou espólio

Alguns dos objetos descritos por T. SOEIRO (1984) integravam o antigo Museu do Instituto de Antropologia do Porto.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Museu de História Natural e da Ciência da U.P. (?)

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

Veja-se MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep., ficha 16.1) para um elenco bibliográfico completo sobre as notícias e achados relacionáveis com esta estação.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Irivo	Castro romanizado		**CR15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Irivo	Santa Luzia, Moazares

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,177773; -8,333446	157	Romano (?)	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Não se realizaram quaisquer trabalhos arqueológicos, para além daqueles que decorrem da mera prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 100), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 11.1).

Descrição

Este pequeno castro de baixa altitude, implantado a menos de três dezenas de metros acima da cota do rio Cavalum, não possuía, como nota Teresa Soeiro, particulares condições defensivas, podendo ainda assim ter possuído uma muralha, que parece adivinhar-se num pequeno desnível topográfico da encosta; pedras trabalhadas e tégulas foram observadas à superfície do solo pela mesma autora (SOEIRO, 1984: 100). Não existindo informações sobre a sua cronologia, para além da presença de *tegulae*, este sítio parece corresponder ao que alguns estudiosos designam ainda por «castros agrícolas».

Achados ou espólio

Apenas existe menção a material cerâmico de cobertura de tipo romano.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Mozinho	Castro romanizado	185	**CR16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Oldrões, Galegos, Valpedre	Mozinho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.146294; -8.311183	408	Idade do Ferro; Romano	Séculos I a.C. – século V

Trabalhos arqueológicos

Conhecido desde longa data, o Monte Mozinho teve os primeiros estudos arqueológicos publicados desde década de 1920 (MACHADO, 1920; PINHO, 1931; MENEZES, 1937), feitos com base em achados fortuitos ou, talvez, em pequenas pesquisas amadoras, não documentadas. A «cidade morta», como por vezes foi designada, começou a ser escavada, com trabalhos devidamente autorizados, em 1943, enquadrados pela Comissão e Museu de Etnografia e História da Junta de Província do Douro Litoral, que se prolongariam até 1958, tendo passado pelo sítio destacados arqueológos portugueses da época, o que levou à sua classificação oficial, como Imóvel de Interesse Público em 1948. Após a sua interrupção em 1958, as escavações arqueológicas apenas foram retomadas em 1974, com direção de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, cujas publicações (ALMEIDA, 1974; 1975; 1977; 1980) projetaram largamente o sítio e renovaram os estudos sobre a «cultura castreja» do noroeste peninsular, encetando-se profícua colaboração com diversos arqueólogos galegos (SOEIRO; CALO LOURIDO, 2014). Após este ciclo dirigiu os trabalhos arqueológicos Teresa SOEIRO (1984; 1998a; 1998d; 2001; 2018; 2019), e entre 2000 e 2012 Teresa Pires de CARVALHO (1994; 1998a; 2002; 2008a; 2008b; 2009; CARVALHO; QUEIROGA, 2005), estando entretanto o sítio sob gestão do Museu Municipal.

Descrição

O castro do Monte Mozinho ocupa uma extensa elevação, de cota superior a 400 metros s.n.m., na sua maior parte pertencente à freguesia penafidelense de S. Miguel de Oldrões. A área do povoado, que ronda os 20 hectares, sendo uma das maiores «citânias» da zona meridional da «cultura castreja» é delimitada por um fosso (a noroeste, separando-o do vizinho castro da Abujefa – *vd*. ficha CR14) e por uma extensa muralha que corre por um perímetro de cerca de dois quilómetros. Podem existir também algumas linhas defensivas em plataformas intermédias, que ainda não puderam ser confirmadas, mas a cerca mais monumental (muralha I), de planta ovalada e que rodeia a acrópole, delimita uma superfície de cerca de um hectare e meio. Existe ainda um recinto menor, coroando o topo do povoado, inicialmente interpretado como muralha mas sobre o qual se averiguou não ter sido habitado, devendo ter servido como espaço cerimonial, religioso, de reuniões ou comércio.

As escavações no Mozinho não documentaram quaisquer materiais anteriores à época de Augusto, pelo que o aglomerado deverá ter sido fundado, de raiz, nos finais do século I a.C., provavelmente após a conclusão das guerras cântabras[1]. Ao longo do século I da nossa era, o povoado foi sendo monumentalizado, se bem que as construções permanecessem, maioritariamente, de planta circular, com ou sem vestíbulo anterior. A partir do último terço do século I, durante a dinastia dos

[1] Por esta razão, ponderámos mesmo a alternativa de o classificarmos como «povoado» e não como «castro romanizado», acabando, todavia, por seguir a nomenclatura consagrada pela historiografia, para não causar qualquer equívoco desnecessário.

imperadores flávios, o castro foi reformulado e alguns quarteirões arrasados para a edificação de novas construções, privilegiando já as plantas ortogonais. Esta fase de apogeu do povoado parece não ter estado circunscrita a uma zona particular, distribuindo-se o urbanismo augustano por toda a área (se bem que apenas na acrópole tenha sido exumado em maior extensão).
A quantidade de elementos arquitetónicos decorados, que integravam os muros das residências, é das maiores do mundo castrejo, existindo também uma construção monumental, de desenho clássico, que deveria alojar uma grande estátua equestre, de que apareceram alguns fragmentos. A porta nordeste da muralha I – rasgada por uma larga e extensa «avenida» calcetada e com valetas laterais para escoamento de águas – foi monumentalizada com torreões, sobre os quais assentavam duas estátuas de guerreiros «galaicos», cujas bases se encontraram igualmente. Conhecem-se, também, vários tesouros monetários provenientes do castro mas, em contrapartida, é escassa a epigrafia proveniente do castro e não se registam achados de jóias.
Aparentemente, ao mesmo tempo que se reformulava urbanisticamente, o povoado terá começado a perder população, chegando mesmo a ser abandonado (ou pelo menos reduzido a uma população muito escassa) entre os séculos II e III. Em finais desta centúria, o povoamento parece reanimar-se (como atestado pelos achados arqueológicos) e o sítio permaneceu habitado, pelo menos, até ao século V. As necrópoles, situadas fora da muralha mais exterior, a norte e a nordeste, documentam tanto incinerações como inumações, datáveis desde a segunda metade do século I até ao Baixo-Império, oferecendo, no geral, excecionais mobiliários funerários, tanto cerâmicos como de peças em vidro e outros itens.
O contexto fundacional deste grande *oppidum*, provavelmente «lugar-central» de uma comunidade ainda não identificada[2], é muito interessante, nomeadamente para avaliar qual o papel que as autoridades romanas poderão ter tido na planificação do lugar e na eventual deslocação de populações para o ocuparem (QUEIROGA, 2007: 176). Por outro lado, a escavação do Mozinho tem sido um verdadeiro «laboratório» para a compreensão do urbanismo, organização dos núcleos residenciais familiares e, no geral, das técnicas edilícias no norte de Portugal ao longo do período de domínio romano.

Achados ou espólio

O espólio proveniente dos trabalhos arqueológicos, essencialmente de época romana, é muito abundante e diversificado. Com exceção de algum proveniente dos trabalhos mais antigos, que se encontra perdido ou descontextualizado, os materiais resultantes das intervenções feitas desde a década de 1970 encontram-se no Museu Municipal, existindo diversas publicações onde se encontram descritos e ilustrados (*vd*. bibliografia final; materiais mais antigos recolhidos em SOEIRO, 1984), para além de muitos estudos temáticos onde peças de Mozinho se encontram representadas.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado (escavações modernas)	Museu Municipal de Penafiel

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1974) – *Escavações no Monte Mozinho: 1974*. Penafiel: Centro Cultural Penafidelis

[2] Armando Coelho F. SILVA (2011a; 2013a) propôs que o Mozinho fosse o povoado dos *Anaeci*, ou *Danaeci*, mas a sugestão não é consensual, como pode ver-se em PEREIRA-MENAUT (1998a); de outro modo, outros autores atribuem, mais genericamente, o povoado aos *Callaeci.*

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1975) – *Escavações no Monte Mozinho: 1974*. Porto [= ALMEIDA, 1974, editado em Penafiel pelo Centro Cultural Penafidelis, com paginação distinta]

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1977) – *Escavações no Monte Mozinho. II. 1975-1976.* Penafiel: Centro Cultural Penafidelis

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1980) – O templo do Mozinho e o seu conjunto. *Portugalia*. Nova série. 1. Porto, p. 51-56

CARVALHO, Teresa P. (1993-1994) – As marcas de oleiro da *sigillata* de Mozinho. *Cadernos de Arqueologia*, 10-11. Braga, p. 91-112

CARVALHO, Teresa P. (1998a) – A *terra sigillata* do Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado. *Cadernos do Museu,* 3. Penafiel [corresponde à dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1994].

CARVALHO, Teresa P. (2002) – Monte Mozinho: a *terra sigillata* recuperada no sector B. *Portugalia*. Nova Série, 23. Porto, p. 117-154

CARVALHO, Teresa P. (2008a) – As necrópoles de Monte Mozinho. Resultados preliminares. In *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa*. «Oppidum». Número Especial. Lousada: Câmara Municipal, p. 20 (resumo); p. 83-113 (CD-Rom, anexo)

CARVALHO, Teresa P. (2008b) – Castro de Monte Mozinho. Que futuro para o nosso pasado. In *A Cultura Castrexa: accións e estratéxias para o seu aproveitamento socio-cultural*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, p. 157-164

CARVALHO, Teresa P. (2008-2009) – Monte Mozinho: uma cerâmica de pasta branca. *Portugalia*. Nova Série, 29-30. Porto, p. 153-168

CARVALHO, Teresa P.; QUEIROGA, Francisco (2005) – O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos. *Cadernos do Museu*, 11. [«Colóquio Castro: um lugar para habitar»] Penafiel, p. 121-153

MACHADO, Francisco S. Lacerda (1920) – *Uma cidade morta no Monte Mozinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões. Estudo de arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade

MENEZES, Ludovico de (1937) – A necrópole calaico-romana do Mosinho. *Feira da Ladra*, 8. Lisboa, p. 131-140

PEREIRA-MENAUT, Gerardo (1998a) – Reflexions en clave histórica sobre Monte Mozinho. In *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida - I* [«Cadernos do Museu», 2]. Penafiel, p. 37-50

PINHO, José de (1931) – *A necrópole calaico-romana do Mòsinho*. [Sep. de «Penha-Fidelis», 2]. Penafiel : s.n. [Tipografia Minerva]

QUEIROGA, Francisco R. (2007) – The Late Castro Culture of Northwest Portugal: Dynamics of Change. In GOSDEN, Chris; HAMEROW, Helena; DE JERSEY, Philip; LOCK, Gary (eds.) – *Communities and Connections: Essays in Honour of Barry Cunliffe*. Oxford: Oxford University Press, p. 169-179

SILVA, Armando C. Ferreira da (2011a) – Museu Municipal de Penafiel. Memória e Identidade. *A fonte. Fonte de estímulo intelectual*, 6. Porto, p. 20-25

SILVA, Armando C. Ferreira da (2013a) – A ocupação do espaço e a modelação da paisagem proto-histórica no norte de Portugal. *Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 13 (2). São Luís [Maranhão], p. 22-51. Disponível em http://ppg.revistas.uema.br/index. php/brathair/index

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1998a) – *Monte Mozinho: sítio arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Museu Municipal

SOEIRO, Teresa (1998d) – Monte Mozinho: a escavação do sector D. In *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, I* [«Cadernos do Museu», 2]. Penafiel: Museu Municipal, p. 79-114

SOEIRO, Teresa (2000-2001) – Monte Mozinho. A recuperação do Sector *B*. *Portugalia*. Nova Série, 21-22. Porto, p. 103-136

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro do Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

SOEIRO, Teresa (2019) – *Castro de Monte Mozinho: roteiro*. Penafiel: Museu Municipal

SOEIRO, Teresa; CALO LOURIDO, Francisco (2014) – Escavações de Monte Mozinho (1974-1998): projecto territorial e lugar de encontro de *Callaecia*. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, 13. Porto, p. 143-158

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Outeiro do Dino	Castro romanizado		**CR17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Pinheiro	Outeiro do Dino

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,121553; -8,306202	274	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Um brevíssimo apontamento de Elísio Ferreira de Sousa noticia que em escavações ali realizadas aquele estudioso local «pôs a descoberto uma habitação» (SOUSA, 1962: 128). As prospeções de Teresa SOEIRO (1984: 60) permitiram uma caracterização geral do povoado, tendo sido o sítio, mais recentemente, de novo visitado, agora pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito da atualização da carta arqueológica e patrimonial para a revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.3).

Descrição

No vale da ribeira da Camba, afluente do Tâmega, vale dominado, mais a norte, pelo castro do Monte Mozinho, localiza-se cerca de 2,5 quilómetros a sul daquele povoado, um importante castro, referenciado já por autores mais antigos (AGUIAR: 1936: 116) e até objeto de escavações pontuais (SOUSA, 1962: 128). O sítio foi, na década de 1980, reconhecido por Teresa Soeiro, não obstante se encontrar «bastante desfigurado» pela construção de moradias e abertura de caminhos (SOEIRO, 1984: 60). Esta investigadora identificou aí notórios e relevantes vestígios de um castro fortificado, definido por um perímetro de muralhas de configuração elítica, dentro do qual detetou ainda «três socalcos sensivelmente concêntricos», provavelmente decorrentes da presença de outras muralhas ou taludes artificiais (SOEIRO, 1984: 60). Restos de outras estruturas eram ainda visíveis, designadamente correspondentes a «paredes rectas», bem como a construção exumada por Elísio Sousa «na plataforma exterior» (*Idem, ibidem*). À superfície, além de numerosa pedra aparelhada resultante das construções derruídas, observou T. Soeiro numerosos pedaços de *tegula* e *imbrex*, bem como um peso de tear e um fragmento de sigillata hispânica; registando-se ainda numerosos bocados de moinhos manuais circulares e «tambores pertencentes a fustes de colunas lisos», informando ainda a mesma autora que em uma moradia das proximidades se achara um capitel coríntio em granito, que aliás ilustra (*Idem*, 60-61). A nascente deste aglomerado antigo (*vd. infra*, Observações), em local «contíguo à última muralha», teria aparecido uma necrópole de sepulturas de incineração, provavelmente em covachos simples (SOEIRO, *id., ibid*., *vd*. ficha N38).

Achados ou espólio

Encontra-se descrito, genericamente, no apartado anterior, resenhado da apresentação de Teresa SOEIRO (1984: 60-61). Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

AGUIAR, José Monteiro de (1936) – Penafiel Antigo. *Câmara Municipal de Penafiel*, vol. III, p. 116

ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer (inventário). Fascicule 1. 1. Porto, 2. Bragança, 3. Viseu.* Warminster: Aris & Phillips

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOUSA, Elísio Ferreira de (1962) – A Citânia («Cidade Morta») situada no Sul do Concelho de Penafiel e seus castros. *Studium Generale*, Vol. IX. N.º 1 (Actas I Colóquio Portuense de Arqueologia). Porto, p. 126-132

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

Certamente pela falta de materiais da Idade do Ferro e pela aparentemente monumentalidade de alguns restos arquitetónicos (fustes de coluna, capitel, etc.), onde parecem dominar as construções de planta ortogonal, T. Soeiro designa este local como «povoado fortificado» (SOEIRO, 1984: 60), e tipificado como povoado se mantém na respetiva ficha de inventário do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.3). A descrição topográfica e a, aparente, presença de várias linhas de muralhas sugerir-nos-ia a sua classificação como «castro», porventura já de fundação «romana», como o Mozinho («castro consideravelmente romanizado», como foi designado por Jorge de ALARCÃO, 1988b: 27) . Numa ou noutra opção, a evidência observada é um tanto *sui generis*, pelo que optámos por respeitar a classificação feita pelos especialistas na arqueologia do concelho.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Suvidade	Castro romanizado		**CR18**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	São Mamede de Recezinhos	Suvidade

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.231948; -8.208633	285	Ferro-Romano	Séc. II aC (?) – sécs. V-VI (?)

Trabalhos arqueológicos

O sítio foi descoberto em 1983 e objeto de uma pequena notícia pouco tempo depois (SOEIRO, 1984: 45-48). Entretanto, quer a singularidade da estação, quer a eminência da sua destruição, em parte muito substancial, pela abertura da autoestrada A4, levaram à realização de trabalhos arqueológicos, dirigidos por Teresa Soeiro, no verão de 1985, tendo sido sondada uma área bastante significativa (c. de 256 m^2), cujos resultados foram prontamente publicados (SOEIRO, 1986b).

Descrição

O povoado tem uma implantação, a todos os títulos, estratégica, dominante sobre o vale do ribeiro da Bufa, afluente do Tâmega, e a via antiga, romana, que por essa zona conduzia à ponte de Canaveses, sobre aquele rio.

Desde o seu reconhecimento – induzido pelo topónimo *Suvidade* – chamaram a atenção a sua morfologia e dimensões, pois tratava-se de um pequeno cabeço, com uma área superior, relativamente aplanada, na ordem dos 12 800 metros quadrados, no meio de bons campos agrícolas, dos quais se destacava, altimetricamente, cerca de uma dezena de metros, sugerindo a sua ocupação em época romana os materiais cerâmicos de superfície (SOEIRO, 1984: 46-48; 1986b: 15).

Face a estas expectativas, a escavação arqueológica não viria a ser, porém, tão esclarecedora quanto se augurava. Na verdade, pese embora a significativa área sondada, o sítio revelou-se extremamente destruído, os depósitos pouco possantes ou revolvidos e avaro de restos significativos. Não se detetou qualquer evidência de estruturas defensivas ou construções habitacionais, salvo fragmentos de pisos em saibro, um deles com restos de uma lareira. Os materiais arqueológicos traduziram-se por fragmentos de moinhos em granito, tanto planos como rotativos, e um leque de cerâmicas datáveis de entre a pré-história recente e, pelo menos a Idade Média (SOEIRO, 1986b).

A criteriosa análise deste espólio permitiu a Teresa Soeiro propor diversos momentos de ocupação, nomeadamente no Bronze Final, numa fase avançada da Idade do Ferro – talvez anterior ao século I a.C. – dos começos da dominação romana e, ainda, do Baixo-Império e tardo-antiguidade (*Idem, ibidem*).

Desta forma, os parcos testemunhos conservados não parecem fazer jus ao rasto documental do sítio, designado no século XIII como «*mons qui vocatur Civitas fuit muratus et fuit castrum ex veteri*» (Inquirições de D. Afonso III, citadas por SOEIRO, 1986b: 15), permanecendo pouco clara a natureza e tipificação deste pequeno castro.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Conforme acima se refere, os materiais provenientes da escavação são muito diversificados, incluindo – no que se refere ao período que nos interessa, tanto materiais proto-históricos como de cronologia romana.

Estado do espólio

Tratado.

Localização do espólio

Museu Municipal de Penafiel

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1986b) – A *Suvidade* de S. Mamede de Recezinhos. Campanha de escavações 1985. *Penafiel, Boletim Municipal de Cultura*, 2.ª Série, n.º 2-3 (1985-1986). Penafiel, p. 15-31

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Santa Catarina	Castro romanizado		**CR19**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Lordelo do Ouro	Santa Catarina

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.149507; -8.651356	40	Idade do Ferro; Romano	

Trabalhos arqueológicos

No âmbito de medidas preventivas à execução de projetos de construção, infraestruturas e outras obras, realizaram-se nesta área, desde 2001, e na sequência do condicionamento da zona na carta patrimonial do Plano Diretor Municipal, algumas dezenas de trabalhos arqueológicos (sondagens e acompanhamentos de obra). Pelo menos em 8 casos, ocorreram materiais romanos ou da Idade do Ferro, como pode ser visto nas fichas do Inventário IA.

Descrição

O local corresponde a uma colina bastante destacada, sobranceira ao Douro, à cota de 40 metros, onde em finais do século XIV foi erguida uma ermida, muito de devoção das gentes do rio e do mar, servindo o ponto de baliza de navegação até ao século XIX.

Os achados de 2001, feitos numa pequena sondagem realizada no sopé da elevação, a nascente, junto de uma linha de água (ficha de inventário IA, CLO.01), proporcionaram a recolha de abundante e diversificado espólio, tanto da Idade do Ferro como romano, aparentemente, fruto de deslizamentos da elevação de Santa Catarina, como foi sugerido (ABRANCHES, 2001: 13), indiciando a ocupação antiga do local (SILVA, 2010c: 254, n.º 65).

Outros trabalhos desde, tanto em zonas de encosta como no topo da colina, têm confirmado a antiguidade da ocupação, com frequente achado de fragmentos de *tegula* e outros elementos, todavia, sempre em quantidade reduzida e descontextualizados, o que faz supor que o povoado seria de dimensões reduzidas, ou, talvez, a principal mancha de ocupação se situe na encosta poente, por enquanto menos abrangida pelos trabalhos arqueológicos. Num dos locais intervencionados, achava-se uma escultura em granito, representando uma cabeça humana (ACH18), cuja origem proto-histórica não pode ser descartada. Em época romana, passou por ali a *Via Veteris*, dinamizando-se junto ao rio, muito provavelmente, uma zona de atracagem de embarcações, o que certamente potenciou o desenvolvimento do núcleo de povoamento.

Achados ou espólio

O espólio da primeira intervenção (CLO.01) inclui 2 frags de uma panela em S dos séculos II-I aC; 1 frag. da idade do Ferro "podendo ser de importação"; 1 frag. TSH Drag. 35/36 (?) 70-120/150 - período flávio; 1 frag. de lucerna "talvez pertencente ao Baixo Império"; 1 objeto semelhante a um cossoiro, podendo pertencer ao Alto Império (p. 9); 2 frags. cerâmica cinzenta polida (I aC- meados I dC); frags. de cerâmica comum romana (I aC-IdC); 1 prato de engobe vermelho - III-V dC (p.10). Além deste espólio antigo, contabilizam-se 11 frags. de ânfora e 34 frags. de tegula. Entre 488 fragmentos cerâmicos, o material romano e do Ferro representa, no mínimo, cerca de 24%.

As restantes intervenções feitas na área têm fornecido elementos bastante mais esparsos.

Estado do espólio

Variável

Localização do espólio

O de CLO.01 na C. M. Porto; o restante, de modo geral, nas empresas.

Referências

ABRANCHES, Paula B. (2001) – *Intervenção arqueológica no Largo da Calçada do Ouro. Porto. Relatório final*. Perosinho: Archeo'estudos. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002a) – *Relatório das sondagens arqueológicas. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Lordelo do Ouro - Porto - 2002*. Vila do Conde. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003b) – *Relatório do acompanhamento arqueológico. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Porto*. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto dactilografado

COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2017) – *Nota Preliminar. Projecto de recuperação e ampliação de uma moradia unifamiliar sito na Rua Luís Cruz nº 143/145, freguesia Lordelo do Ouro, concelho do Porto*. Porto: Império Arqueologia. Texto datilog., s.d. [c. 2017]

COUTO, Rui (2017) – *Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Execução de Sondagens Arqueológicas de Avaliação. (…) Nota técnica/Relatório Preliminar, 2017*. Vila Nova de Gaia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

COUTO, Rui (2019) – *Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Sondagens Arqueológicas Prévias. Acompanhamento Arqueológico de Obra. Relatório Final.* Moreira da Maia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

MARÇAL, Helena; SAMPAIO, Maria da Luz; FONSECA, Jorge; SOUSA, Paulo, P. (2013) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Central Termoeléctrica do Ouro. Porto 2012.* Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

PEREIRA, Graça (2019) – *Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Travessa Luís Cruz n.º 130. Porto 2019*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

RAIMUNDO, Francisco (2018) - *Requalificação de Edifícios sitos na Rua de Luís Cruz, n.º 150-160, Porto. Minimização de Impactes. Sondagens Arqueológicas. Nota Técnica*. Porto: Omniknos Arqueologia

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 254, n.º 65

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Penaventosa	Castro romanizado		**CR20**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Sé/São Nicolau	Morro da Sé

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.142693; -8.611661	75	Bronze/Ferro/Romano	VII aC (?) – Tardo-antiguidade

Trabalhos arqueológicos

Para além de diversos achados avulsos, feitos ao longo do século XX, os primeiros trabalhos arqueológicos feitos no morro da Penaventosa datam de 1984 e foram realizados na casa número 5 da rua de D. Hugo (REAL, 1984; REAL, *et al*., 1986). Desde então, fruto do condicionamento legal resultante da classificação da área, têm sido desenvolvidos na elevação e zonas imediatas numerosas intervenções arqueológicas (rondando já a centena), podendo consultar-se nas fichas do Inventário IA as informações sobre aquelas que proporcionaram elementos de cronologia proto-histórica ou romana.

Descrição

A polémica – que vinha desde a década de 1930 – sobre a localização do núcleo original da cidade, romano ou da Idade do Ferro, no morro da Sé ou na vizinha elevação da Cividade, resolveu-se, definitivamente, na década de 1980, com os resultados das escavações da Rua D. Hugo, 5, que proporcionaram uma completa estratigrafia, com níveis desde, talvez, os séculos V-IV a.C., até à tardo-antiguidade (REAL, 1984; REAL, *et al*., 1986). Ainda no século XX, outros trabalhos arqueológicos confirmaram a extensão da ocupação antiga ao longo das encostas da colina, sobretudo nas vertentes norte e oeste.

Passados 35 anos desses primeiros trabalhos, os dados de mais de meia centena de intervenções permitem-nos configurar bastante melhor a natureza do povoado, se bem que o quadro geral da ocupação seja, ainda, grandemente desconhecido.

Do ponto de vista cronológico, é seguro que a ocupação do sítio remonta ao Bronze Final, como se detetou na Rua D. Hugo, 5 (REAL *et al*., 1986: 26-28, *passim*; REAL; OSÓRIO, 1993: 23; SILVA, AF, 1994: 40) e mais recentemente, com depósitos mais homogéneos e boa quantidade de material, no prédio n.º 33 da mesma rua (HUG33.10; FONSECA, 2011). Os registos mais frequentes, todavia, dizem respeito a construções e materiais dos finais da Idade do Ferro e do período de ocupação romana, parecendo – a avaliar pelos contextos datados pelos escavadores – que os vestígios do Baixo-Império predominam sobre os alto-imperiais, questão que aqui não podemos discutir ou ilustrar.

As construções de planta circular, de tradição castreja, têm aparecido, essencialmente na área da rua D. Hugo, não só na casa n.º 5, como em outros locais (HUG37.14; BARBOSA, 2016 e HPC.09; MARÇAL, PEREIRA, 2013), mas nenhuma de planta completa; havendo, ainda, outros vestígios mais dispersos, de menor expressão.

As arquiteturas de planta ortogonal estão muito mais documentadas nas escavações realizadas, mas também apenas através de tramos de muro, ocasionalmente ângulos de construções, mas sem que possa reconstituir-se qualquer planta.

Um tramo de muralha datado de época pré-romana (talvez dos séculos II ou I a.C.) foi descoberto na Bainharia (BAI.09; FONSECA, TEIXEIRA, FONSECA, 2009a; 2009b; TEIXEIRA, 2011b), aparentemente

no mesmo alinhamento de outras identificações da linha de muralha, em diversos locais, parecendo ter diversas fases construtivas entre o século I e o Baixo-Império (SILVA, 2011). Mas apenas se conhece uma linha de muralhas, não havendo indícios de quaisquer outras obras defensivas.
A única sepultura romana encontrada na cidade, provavelmente do século V, achou-se na encosta poente do povoado (SNT12.98 / LGC12.04; CLETO, VARELA, 2000; VARELA, CLETO, 2001; RIBEIRO, SILVA, em prep.) na parte interna da muralha, a confirmar a sua datação tardia (SILVA, 2010c). Com base no achado e referências de algumas epígrafes (como a conhecida ara dedicada aos Lares Marinhos) e alguns fustes de colunas, eventualmente romanos, alguns estudiosos sugerem que no topo da elevação poderia situar-se um templo ou área monumental romana, o que entendemos mui pouco seguro.
O espólio arqueológico recolhido nas intervenções é abundante e diversificado, predominando os materiais tardo-romanos, mas também com bons materiais de começos do século I, como sucede numa provável lixeira, ou vertedouro, localizada em São Sebastião, com grande quantidade de ânfora Haltern 70, por exemplo (SEB42.96; CLETO, 1997; MORAIS, 2013).
Várias sínteses têm procurado reunir e analisar a informação arqueológica sobre o povoado na sua fase de ocupação proto-histórica e romana, os últimos melhor informados devido ao acréscimo de dados arqueológicos (SILVA, AF, 1994; SILVA, 2010c; 2011; 2018; SILVA, MONTEIRO-RODRIGUES, 2020).

Achados ou espólio

Os estudos monográficos sobre os diversificados espólios arqueológicos da Penaventosa são ainda muito lacunares, destacando-se, porém, importantes aproximações feitas ao material anfórico (MORAIS, 2013), à circulação monetária romana (MENDES PINTO, 1999; 2004) e às cerâmicas tardo-antigas da Rua D. Hugo, 5 (VELOSO, 2020; 2021), para além do contributo de diversos relatórios e outros trabalhos mais pontuais que aqui não podem ser mencionados.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Variável	C. M. Porto e outros

Referências

BARBOSA, João P. (2016) – *Escavações arqueológicas. Rua D. Hugo, 37/39, Sé – Porto (HUG37.14). Relatório Preliminar*. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

CLETO, Joel A. C. (1997) – *Relatório preliminar do acompanhamento arqueológico na Intervenção do "Edifício do Aljube" – Rua de S. Sebastião (Sé, Porto)*. S.l.: Matriz – Sociedade de Construções. Texto datilog.

CLETO, Joel A. C.; VARELA, José M. (2000) – Largo do Colégio, 9-12: entre a muralha romana e a românica? *Al-Madan*. 2ª Série. 9. Almada, p. 133-135

FONSECA, Jorge (2011) – *Relatório Preliminar. Intervenção arqueológica. Rua D. Hugo, nº 33. Freguesia da Sé. Porto. HUG33.10*. Matosinhos: Arqueologia & Património. Texto dactilografado

FONSECA, Jorge; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2009a) – *Relatório de Progresso. Quarteirão da BaInharia. Sé. BAI.09*. Porto: Arqueologia e Património. Texto dactilografado

FONSECA, Jorge; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2009b) – *Relatório Preliminar. Intervenção Arqueológica. Quarteirão da Bainharia. Sé. BAI.09.* Porto: Arqueologia e Património. Texto dactilografado

MARÇAL, Helena; PEREIRA, Graça (2013) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação do Espaço Público no Morro da Sé. Porto 2009-2010*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MENDES-PINTO, José M. (1999) – Circulação monetária em torno a Cale no Baixo-Império. In CENTENO, Rui M. S. et al., coord. (1999) – *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania* [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, p. 401-13

MENDES-PINTO, José M. (2004) – Circulação monetária em torno a Cale nos finais da época romana. *O Tripeiro*. 7ª Série. 23 (11). Porto, p. 328-331

MORAIS, Rui (2013) – *Durius* e *Lethes*: dois percursos de um mesmo itinerário. Problemáticas em torno das ânforas Haltern 70. *Portugalia*. Nova Série. 34 (2013). Porto, p. 101-136

REAL, Manuel L. (1984) – Arqueologia portuense em 1984. Notícia sobre as operações de salvamento no morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB. *Arqueologia*. 10. Porto, p. 75-9

REAL, Manuel L. *et al*. (1985-1986) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série (3/4). Porto, p. 7-60

REAL, Manuel L.; OSÓRIO, Maria Isabel (1993) - A Cidade: lugares primeiros. Rua D. Hugo, nº 5. In OSÓRIO, Maria Isabel P. (coord.) - *O Porto das Mil Idades. Arqueologia na Cidade*. Porto: Câmara Municipal, p. 15-24

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (em prep.) – Trabalhos arqueológicos de levantamento da base da sepultura romana do Largo do Colégio, Porto. Relatório. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2000b) – Rua D. Hugo, 5 – um arqueossítio fundador. *Al-Madan*. 2ª Série. 9. Almada, p. 136-137

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 249, n.º 23

SILVA, António Manuel S. P. (2011) – As muralhas romanas do Porto: um balanço arqueológico. *Portugalia*. Nova Série. 31-32 (2010-2011). Porto, p. 43-64

SILVA, António Manuel S. P. (2018) – *Cale Callaecorum locus?* Notas arqueológicas sobre a ocupação indígena e romana da foz do Douro. In DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro (coord.) — *Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade*. Porto: CITCEM, p. 45-67. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8351-95-1/cons

SILVA, António Manuel S. P.; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2020) – Das origens da ocupação humana às origens da cidade. In FERNANDES, José A. Rio, coord. – *Geografia do Porto*. Porto: BKC, Book Cover Editora, p. 26-37

SILVA, Armando C. Ferreira da (1994) – Origens do Porto. In RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) - *História do Porto.* Porto: Porto Editora, p. 46-117

TEIXEIRA, Ricardo (2011b) – Aljube eclesiástico, muralha castreja, rua de S. Sebastião 53-55. In DELGADO, A.; VALENÇA, P.; GUIMARÃES, M. (coord.) – *Morro da Sé de porta a porta*. Porto: Porto Vivo, SRU, p. 50

VARELA, José M.; CLETO, Joel A. C. (2001) – *Intervenção arqueológica no edifício do Largo do Colégio, nº 9/12 (Freguesia da Sé, Porto). Relatório dos trabalhos realizados*. Porto: Ed. A. Texto datilog.

VELOSO, João L. (2020) – «Portucalem Castrum Nouum». Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do Arqueossítio da Rua de D. Hugo, n.º 5 (Porto). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1619-1625. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa119

VELOSO, João L. (2021) – *Ocupação e Consumos no Porto através do Arqueossítio da Rua de D. Hugo, Nº. 5 (séculos V-VIII)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Couce	Castro	18255	**CR21**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Valongo	Alto do Castro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.165588; -8.485461	150	Idade do Ferro Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, com exceção de trabalhos circunstanciais de prospeção e registo, nomeadamente para efeitos de salvaguarda patrimonial (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010).

Descrição

Situa-se o castro de Couce sobre um pequeno outeiro arredondado, numa plataforma intermédia da vertente SSE. da serra de Santa Justa, voltada para o rio Ferreira, e a menos de 500 metros do «castro de Pias», por sua vez instalado numa elevação do lado sul do rio.

Se bem que o espólio superficial se reduza a abundante cerâmica de construção romana e louça da mesma época, tanto comum como *sigillata* (MENDES-PINTO, 1993: 305; TEIXEIRA, 2010: Anexo, fichas, p. 8, V-06), este último autor identificou «amontoados de pedra de construção e alguns taludes reveladores de muralhas ou plataformas de construção», bem como, «no flanco Norte e Nordeste (…) um provável fosso que reforçava a defesa do lado mais vulnerável», admitindo assim a sua tipificação como castro, mesmo sem evidência de materiais pré-romanos (TEIXEIRA, 2010: *ibidem*).

Com grande probabilidade, porém, deve acentuar-se a relação do povoado com a exploração mineira vizinha, para o que concorre «*la gran cantidad de molinos rotativos y de impacto (pilones) que han aparecido en el Castro de Couce hacen pensar en un procesamiento de mineral en este sitio*» (MATÍAS RODRIGUEZ *et al*., 2015: 485; MATÍAS RODRIGUEZ *et al*., 2014a: 41). Nesta linha, também os amontoados de inertes presentes no local poderão ser classificados como escombreiras resultantes da exploração mineira (MATÍAS RODRIGUEZ *et al*., 2014a: 45, fig. 4).

Sendo notória a sua coetaneidade com os contextos mineiros, se vier a confirmar-se a ocupação pré-romana do castro de Couce, é bem possível que os seus habitantes possam bem «ter sido os primeiros prospetores do ouro», como concluem LIMA *et al*., 2018: 59.

Achados ou espólio

Cerâmica romana, tanto de construção como doméstica, incluindo tanto louça comum como terra *sigillata* (TEIXEIRA, 2010: ibid. = MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014), para além de mós giratórias e apiloadores (MATÍAS RODRIGUEZ *et al*., 2014a; 2015).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios.*

Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto (2014a) – Contextualización e importancia de la minería aurífera romana en Valongo-Paredes. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).* Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, 37 págs. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracaoRomana Valongo2014.pdf

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto; FONTE, J.; LIMA, A.; MONTEIRO, A.; GANDRA, V.; MOUTINHO, J. SILVA, J.; AGUIAR, P. (2015) – Evidencias de minería hidráulica romana en la Sierra de Pias (Valongo, Portugal). In MATA-PERELLÓ, J. M.ª; HUNT ORTIZ, M.; ORCHE GARCÍA, E. (eds.) – *Patrimonio geológico y minero: de la investigación a la difusión. Actas del XV Congreso Internacional sobre Patrimonio geológico y minero*… Logrosán (Cáceres): Ayuntamiento de Logrosán; SEDPGYM, p. 481-498

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Farilhe	Castro romanizado (?)		**CR22**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Canidelo	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.319740; -8.650374	160	Idade do Ferro (?); Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Não registados.

Descrição
Álvaro B. Moreira, seguindo informações da carta arqueológica municipal de 1995 (ALMEIDA, 1995a), regista que em um pequeno cabeço, a cerca de 0,5 km a noroeste de Farilhe, sem particulares condições defensivas, se observavam pedras afeiçoadas e alguma cerâmica romana e medieval, classificando o local como um possível «castro agrícola» e atalaia da Idade Média (MOREIRA, 2009: 315, n.º 64).

Achados ou espólio
Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae: *Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

Observações
Localização cartográfica revista com base nas indicações descritivas de Moreira (*idem, ibid*.), uma vez que as coordenadas fornecidas por este autor estão equivocadas.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Retorta	Castro romanizado		**CR23**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Retorta	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
- 41.357778; 8.724444	40	Idade do Ferro; Romano-Alto Império; Romano-Baixo Império (?)	

Trabalhos arqueológicos
Não registados

Descrição
Localizado numa colina de baixa altitude mas bem destacada na paisagem e naturalmente defendida, a oeste e noroeste, pelo rio Ave, que lhe corre mesmo ao lado, o castro da Retorta foi reconhecido nos finais do século XIX por F. Martins Sarmento, que disso deu nota em correspondência para Leite de VASCONCELOS (1901: 46-7; *cfr*. também SARMENTO, 1884: 9), tendo sido poucos anos depois cartografado na mesma qualidade de povoado pré-romano (SEVERO; CARDOSO, 1899-1903: 179-80). Na atualidade, a elevação encontra-se bastante descaracterizada pela atividade agrícola e florestal, mas António Dinis observou, em especial na encosta sudeste, vestígios de um fosso e de duas muralhas em pedra (DINIS, 1993: 93-4), estruturas provavelmente muito mais evidentes algumas décadas antes (CUNHA E FREITAS, 1949: 21). Os materiais de superfície incluem cerâmica castreja e romana, estando depositados na Sociedade Martins Sarmento alguns vidros romanos, nomeadamente taças do século I e um exemplar do século IV (ALARCÃO; ALARCÃO, 1963; ALMEIDA, 1969: 33; ALMEIDA, 1995b: 55; MOREIRA, 2009: 324-5, n.º 77), talvez a documentar uma ocupação tardia que deixaria marcas, ainda nos séculos XI-XII pela referência ao sítio na gestão de propriedades vizinhas (MARIANI, 2020: 269, 775). Seja como for trata-se do único castro verdadeiramente romanizado da margem esquerda do curso terminal do Ave, como recorda Brochado de ALMEIDA (1995b: 55).
Tanto A. DINIS (1993: 93-4) como Brochado de ALMEIDA (1995a; 2017: 12, 16) assinalam quer a natureza essencialmente agrícola deste povoado, como a sua proximidade a uma via antiga e importância no controle da transposição do curso fluvial, sugerindo-se mesmo a eventual existência de um ancoradouro (PINTO, 1997: 32).

Achados ou espólio
A bibliografia menciona a ocorrência de cerâmicas castrejas e romanas, desconhecendo-se se recolhidas. Registam-se alguns vidros e cerâmicas no museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Sociedade Martins Sarmento, Guimarães (vidros)

Referências

ALARCÃO, Jorge; ALARCÃO, Adília (1963) – Vidros romanos do Museu de "Martins Sarmento". Revista de Guimarães, 73: 1-2 (jan-jun. 1963). Guimarães, p. 175-209

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995b) – A Romanização no Concelho de Vila do Conde. Alguns apontamentos sobre a ocupação do território localizado entre os rios Ave e Este. In *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*. Guimarães, p. 51-72

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (2017) – A rede viária pré-jacobeia no Minho litoral. In *Caminho Português da Costa. Estudos*. S.l.: Câmara Municipal do Porto [e outros municípios], p. 6-25

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

CUNHA E FREITAS, Eugénio A. (1949) – Santa Marinha de Retorta: origem de uma freguesia rural. *Douro-Litoral*, 3ª série, 5. Porto, p. 20-27

DINIS, António Pereira (1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I Milénio a.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MARIANI, Andrea (2020) – *Le strutture fortificate medieval nel território della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX-XII secolo).* Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

SARMENTO, Francisco Martins (1883-1884) – A propósito de castros. *O Panorama Contemporâneo.* 1º. Coimbra 1.º p. 9, 17 e 25 [*apud* «Dispersos», vol. 1. Coimbra, 1933]

SEVERO, Ricardo; CARDOSO, Fonseca (1899-1903) – O ossuário da freguesia de Ferreiró: estudo anthropologico. *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 1 (fascs. 1-4). Porto, p. 177-200

VASCONCELOS, José Leite de (1901) – F. Martins Sarmento: extractos da correspondência de F. Martins Sarmento (1881-1883). *O Arqueólogo Português*. 1ª série, 6. Lisboa, p. 30-48

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Boi	Castro romanizado	3634	**CR24**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Vairão	Crasto; Santo Ovídeo; Santo António

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.324167; -8.676667	123	Idade do Ferro	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
O sítio arqueológico ocupa uma colina bem destacada na paisagem litoral, dominando, com os seus mais de 120 metros de altitude, toda a corda litoral até ao Atlântico. A designação dessa elevação, onde no século XIX se ergueu a capela de Santo Ovídeo, como «Castro de Boi», vem-lhe da grande frequência com que esse castro ou castelo «*de Bove*» surge nos diplomas medievais a pontuar a transmissão da propriedade num alargado aro envolvente (AZEVEDO, 1939: 102), importância estratégica que aliás parece já vir, pelo menos, do eixo viário romano que lhe passava no sopé (ALMEIDA, 1980: 163; 2017: 20). Aliás, se bem que por mera intuição documental e corográfica, J. Alarcão aventa mesmo a hipótese do povoado ter constituído lugar central na Idade do Ferro, eventualmente designado como *castellum Labrensi* (ALARCÃO, 2000: 48).
Conhecido desde os primórdios da arqueologia portuguesa (VASCONCELOS, 1901: 46-7), o povoado nunca suscitou qualquer ação de investigação mais aprofundada, registando Carlos A. Ferreira de Almeida a identificação de «aparelho pertencente a casas redondas, de tipo castrejo» e «muitos pedaços de *imbrices*» nos cortes de terreno (ALMEIDA, 1969: 34), podendo porém o material de construção estar também relacionado com a fortificação que em tempos medievais ali foi instalada (*Idem, ibid*.; ALMEIDA, 1978b: 34).
À superfície ocorre «abundante material cerâmico romano» (MOREIRA, 2009: 325, n.º 78) e escassa cerâmica castreja (DINIS, 1993: 95; ALMEIDA, 1995a), e apesar da grande descaracterização e destruição sofrida pelo povoado proto-histórico, estes mesmos autores observaram ainda o que parecem ser restos de um talude de muralha, a sudoeste, e vestígios de construções na encosta poente (*Idem, idem: ibidem*).

Achados ou espólio
A bibliografia recolhida refere a existência de cerâmica castreja, louça comum romana e material cerâmico de construção, não se sabe se recolhidos.

Estado do espólio	Localização do espólio
	Desconhecida

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências
ALARCÃO, Jorge de (2000) – Sobre cantões proto-históricos do Noroeste de Portugal. *Santo Tirso Arqueológico. 2ª Série. 2-3.* Santo Tirso, p. 46-50

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1980) – *Via Veteris.* Antiga via romana? In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 3. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 151-170

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (2017) – A rede viária pré-jacobeia no Minho litoral. In *Caminho Português da Costa. Estudos*. S.l.: Câmara Municipal do Porto [e outros municípios], p. 6-25

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1978b) – *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho - desde as origens a 1220*. Trabalho complementar para prestação de provas doutoramento em História de Arte apresentado à Universidade do Porto

AZEVEDO, Agostinho de (1939) – *A Terra da Maia: subsídios para a sua monografia*. vol. 1. Maia: Câmara Municipal

DINIS, António Pereira (1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I Milénio a.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

VASCONCELOS, José Leite de (1901) – F. Martins Sarmento: extractos da correspondência de F. Martins Sarmento (1881-1883). *O Arqueólogo Português*. 1ª série, 6. Lisboa, p. 30

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Murado	Castro romanizado	634	**CR25**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Pedroso/Perosinho	Monte da Senhora da Saúde

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,057714; -8,574647	240	Idade do Ferro-Romano	Séc. IV aC (?) – Séc. IV (dC)

Trabalhos arqueológicos

Com exceção de eventuais pesquisas antigas, não documentadas, os únicos trabalhos de escavação arqueológica, feitos com propósitos de investigação, continuam a ser os de Armando Coelho Ferreira da Silva, em 1983, na sequência da descoberta, acidental, das *tesserae hospitales* no lugar da Idanha; e no ano seguinte, em outro local do povoado (SILVA, AF, 1983; 1984b; 1986). Entretanto, na sequência da classificação do sítio arqueológico como Imóvel de Interesse Público, em 1992 (LIMA, 1989), e, mais recentemente, da definição de uma área de proteção no Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 007), diversos trabalhos de avaliação e salvaguarda têm sido realizados, tanto de escavação como de acompanhamento arqueológico de obras, como foi o caso dos recentes arranjos na Alameda de acesso à Capela da Senhora da Saúde (COSTA; PINHEIRO; DÂMASO, 2016) ou das sondagens prévias à construção de moradias no lugar da Idanha, em 2006-2007 (OLIVEIRA, 2010) e 2018 (RODRIGUES; VILARINHO, 2018).

Descrição

O povoado castrejo, conhecido na microtoponímia e na literatura arqueológica como Monte Murado ou da Senhora da Saúde – invocação do templo e da importante romaria que desde o século XIX tornou popularizou o lugar – implantou-se sobre um cerro elevado da plataforma litoral, a 240 metros de altitude, e por isso bem destacado e com extensa visibilidade para o território circundante. Tal situação favoreceu condições naturais de defesa e segurança, complementadas pela construção de três linhas de muralha e um largo fosso pelo exterior da última, da qual podem ainda topar-se restos, assim como do circuito intermédio (LIMA, 1989).

Como acontece com todos os grandes povoados da Idade do Ferro do norte do país, a tradição, as lendas e, sobretudo, as notícias de achados casuais, acumulam-se desde os finais do século XIX, altura em que o gosto pela arqueologia seduziu muitos espíritos cultos para os estudos locais. Deste modo, são numerosas as referências à descoberta de muitos objetos, desde os pré-históricos a mós giratórias, cerâmicas ou pedras lavradas, bem como à destruição de ruínas como consequência das diversas obras de ampliação do santuário e da abertura dos acessos (FORTES, 1909: 13; ARAÚJO, 1920: 27-46; BELEZA, 1992 [1913]; SOUSA, 1957: 20-26; LIMA, 1989; COSTA, 2005: 25ss.).

Dessas ocorrências antigas conservam-se relevantes restos arquitetónicos nas instalações da Confraria da Senhora da Saúde e na próxima Capela de São Bartolomeu, designadamente elementos de colunas, como bases e fustes (LIMA, 1989, COSTA, 2005: 34), elementos que, a par de «portais lavrados» (ARAÚJO, 1920: 36) e da indicação do achado de, pelo menos, duas necrópoles (LIMA, 1989), um forno e do que parece, de forma muito verosímil, corresponder a um balneário castrejo – «um lavadouro de pedra lavrada», encontrado em terrenos fundos, junto a uma linha de água (ARAÚJO, *id*.: 37) – indiciam, sem qualquer dúvida, um povoado de grande expressão e dotado de arquiteturas monumentais durante o período de dominação romana.

Não por acaso, certamente, aqui se deu a notável descoberta do par de *tabulae* de hospitalidade, dos primeiros anos da nossa era, testemunhando as dinâmicas de acolhimento, fidelidade e patronato,

entre um cidadão romano, Decimus Iulius Cilo e as lideranças locais, expressamente identificadas como pertencentes aos *Turduli Veteres* (SILVA, AF, 1983). Escavado o local, a meia encosta da vertente nascente do monte, detetou-se que as duas *tesserae* adornavam as paredes de uma construção de bom gosto, de paredes rebocadas, provável *domus* de plano e gosto bem romanizado, ainda em tempos de Augusto ou, quando muito, de Tibério, uma vez que a casa terá sido abandonada ainda antes dos flávios chegarem ao poder (SILVA, AF, 1983; 1984b: 42-43; Silva, 1994: 100).

No ano seguinte, A. Coelho Ferreira da Silva, já na encosta sul, entre a segunda e a terceira ordens de muralhas, escavou parte de um núcleo «castrejo», com duas habitações de planta circular, uma delas com átrio, voltadas para um pátio lajeado comum, concluindo aquele investigador, todavia, a partir da arquitetura e do espólio exumado, que a ocupação deste núcleo terá sido genericamente sincrónica à da casa de Decimus Cilo (SILVA, AF, 1984b: 43-44, 53), embora aqui o maior peso percentual da cerâmica castreja pareça indiciar o carácter notoriamente indígena do núcleo (*Idem, Ibid*.).

Dos trabalhos arqueológicos mais recentes, merecem destaque as sondagens feitas na Rampa de N.ª Senhora da Saúde, um local de meia encosta, à cota de 200 m, e a poucas dezenas de metros do local do aparecimento das *tesserae* em bronze. No quadro das medidas condicionantes da construção de uma moradia, foram escavadas oito sondagens, totalizando cerca de 34m^2, e feito acompanhamento arqueológico dos desaterros requeridos pela obra (OLIVEIRA, 2006; 2007; 2010). A presença de materiais cerâmicos indígenas e derrubes da ocupação de época romana, com espólio próprio (cerâmica comum, *sigillata*, etc.) verificou-se logo na escavação das sondagens da primeira fase dos trabalhos, em 2006 (OLIVEIRA, 2006: 10-13), ampliando-se – agora com evidência de muros de construções dessa época – com a escavação de novas sondagens nos locais abertos para as fundações do edifício (OLIVEIRA, 2007).

Deste modo, entre outras evidências e muros de traçado mais impreciso, detetou-se neste local um edifício, assinalado por um cunhal angular que conservava ainda mais de um metro de alçado, associado a dois pisos de circulação, num dos quais se achou um *as* de Calígula (37-41 d.C.), numisma consentâneo com a maior parte do espólio cerâmico, nomeadamente o de importação (*sigillata* sudgálica, ânforas béticas, itálicas e lusitanas, cerâmica de paredes finas, etc.), para datar este ambiente do século I da nossa era (OLIVEIRA, 2010: 25-29, 48-50, 56-57).

Em conclusão, e análise mais fina da sequência ocupacional, Ana Oliveira, deteta três momentos de utilização antiga naquele ponto do Monte Murado: o nível 01, mais antigo, marcado pelo predomínio da cerâmica micácea indígena, se bem que já com bastantes louças importadas, dos finais do século I a.C. e começos do seguinte; e os níveis 02 e 03, assinalados pela construção daquele núcleo residencial em momento algo posterior (OLIVEIRA, 2010: 58-59). Pela nossa parte, notamos apenas que, no plano cronológico (baseando-nos apenas no desgaste do *as* de Calígula, fotografado no relatório), talvez este momento de ocupação possa estender-se até ao período dos flávios (se bem que a moeda seja proveniente, segundo entendemos, de um segundo piso, que reformula um pavimento antecedente); por outro lado, a orientação da construção «romana» revelada por esta construção, não parece divergir muito da imediatamente vizinha, onde se encontraram as *tesserae*, podendo até corresponder ao mesmo núcleo ou, pelo menos, apontar uma orientação urbanística geral do século I naquele ponto do povoado. Curiosamente, outras sondagens arqueológicas efetuadas por motivo idêntico em terreno apenas uns 150 metros para NNE, a cota inferior, não revelaram quaisquer traços de ocupação antiga (RODRIGUES; VILARINHO, 2018).

Por enquanto, os dados disponíveis não permitem avaliar com a clareza as cronologias mais antigas do castro do Monte Murado ou o seu desenvolvimento durante a Idade do Ferro, mas documenta-se também a sua ocupação, talvez significativa, no período do Baixo-Império, designadamente através dos achados numismáticos, onde são frequentes as moedas do século IV (LIMA, 1989; SILVA, 1997).

Achados ou espólio

O espólio recolhido por achados casuais mais antigos (em grande parte perdido ou disperso por várias instituições) e, em especial, nas diferentes intervenções arqueológicas, é muito diversificado, como se vê no ponto anterior, e impossível de descrever nesta ficha com o necessário rigor. Como os trabalhos de 1983-1984 não foram publicados monograficamente com estudo de materiais, a melhor série estratigráfica para uma aproximação crono-estratigráfica ao Monte Murado resulta das sondagens na Rampa de N.ª Senhora da Saúde de 2006-2007 (OLIVEIRA, 2010), de que resultaram, num acervo de cerca de 2500 objetos, 23% de cerâmicas micáceas e 59% de itens romanos, publicando-se igualmente um estudo preliminar e classificação de *sigillatae* (destacando-se as sudgálicas), ânforas itálicas (Dr. 2-4), lusitanas (Dr. 14) e béticas (Halt 70, Belt. 72; Dr. 7-11 e 20), além de cerâmica de paredes finas, cinzentas finas e comuns, louça engobada e outros espécimes, tanto de cerâmica, como de vidros e metais (OLIVEIRA, 2010: 39-57, *passim*).

Estado do espólio

No geral, aparentemente tratado.

Localização do espólio

Disperso por várias entidades.

Referências

ARAÚJO, José Ribeiro d' (1920) – *Perosinho: apontamentos para a sua monographia*. Porto: Tipografia Fonseca

BELEZA, José D. Rocha (1991-1992) – Monografia de Pedroso. *Jornal dos Carvalhos. Suplemento*. Vila Nova de Gaia, Nº 13 (15.08.1991) – Nº 25 (15.08.1992) [manuscrito inédito de 1913-1936]

COSTA, Bárbara; PINHEIRO, Rui; DÂMASO, Pedro (2016) – *Relatório final. Acompanhamento arqueológico. Alameda Senhora da Saúde – 1ª Fase. Vila Nova de Gaia, 2016*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

COSTA, Francisco Barbosa da (2005) – *Santuário de Nossa Senhora da Saúde*. Vila Nova de Gaia: Confraria de N.ª Senhora da Saúde

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

LIMA, António Manuel (1989) – *O Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso/Perosinho, Vila Nova de Gaia). Proposta de classificação como Imóvel de Interesse Público. Memória descritiva e justificativa*. Vila Nova de Gaia: s.e. Texto datilog.

OLIVEIRA, Ana Maria C. (2006) – *Construção de moradia unifamiliar. Rampa Nossa Senhora da Saúde. Carvalhos. V. N. Gaia. RNSS 06. Sondagens Arqueológicas. Relatório Preliminar*. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

OLIVEIRA, Ana Maria C. (2007) – *Intervenção Arqueológica na Rampa Nossa Srª da Saúde – Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar.* Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

OLIVEIRA, Ana Maria C. (2010) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Rampa Nossa Senhora da Saúde. Carvalhos 2006/2007.* Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

RODRIGUES, Miguel; VILARINHO, Gil (2018) – *Sondagens arqueológicas de avaliação prévia na Rua das Oliveiras e Rampa da Nossa Srª da Saúde. Pedroso, V. N. de Gaia. Relatório Preliminar. Julho 2018*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, Armando C. F. (1983) – As *tesserae* do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia). Contributo para o estudo das instituições e povoamento da Hispânia Antiga. *Gaya*. 1. Vila Nova de Gaia, p. 9-26

SILVA, Armando C. F. (1984b) – Aspectos da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento. *Gaya*. 2. Vila Nova de Gaia, p. 39-58

SILVA, Armando C. Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

SOUSA, Arlindo de (1957) – Estudos de Arqueologia, Etnologia e História – Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações pré-romana, romana e romano-portuguesa. Rio de Janeiro: s.e.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castelo de Gaia	Castro romanizado		**CR26**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.139660; -8.624639	78	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Com exceção de pequenas pesquisas pontuais e inconsequentes, nos começos do século XX (FORTES, 1909: 15), datam de 1983 as primeiras escavações arqueológicas no Castelo de Gaia, trabalhos dirigidos por A. C. Ferreira da Silva e que teriam uma segunda campanha, em 1985 (SILVA, 1984b; 1986). Estes trabalhos foram os únicos, aliás, feitos com propósito exclusivo de investigação, pois todas as intervenções levadas a cabo deste então, já em número de várias dezenas, tiveram carácter de prevenção e salvaguarda, antecedendo a execução de projetos de construção, instalação de infraestruturas e outros trabalhos com afetação do subsolo, indispensáveis pelo estatuto de classificação da área. Perto de duas dezenas de trabalhos arqueológicos, inventariados no apartado respetivo (IB) forneceram informações sobre a ocupação proto-histórica ou romana da colina do Castelo (SILVA, 2017a; 2020b; GUIMARÃES, 1994a; SILVA, NASCIMENTO *et al*., 2020).

Descrição

Por toda a colina do Castelo de Gaia, uma elevação dominante sobre a entrada do Douro, à cota máxima de 78 metros, têm sido realizados – em especial nas últimas duas décadas – trabalhos arqueológicos que vêm revelando traços muito relevantes da ocupação proto-histórica e romana do sítio, tanto no topo como nas encostas, mesmo a altitudes muito baixas, já próximas do rio. Por felicidade, várias dessas escavações incidiram em áreas relativamente extensas, o que possibilitou a identificação de estruturas de vulto e com articulação entre as construções (SILVA, 2018).

Não é possível, numa ficha como esta sintetizar os resultados de todas essas intervenções, devendo consultar-se o Inventário dos trabalhos à escala urbana (apartado IB) para as devidas pormenorizações. Todavia, regista-se o aparecimento de diversas construções «castrejas», com datações que poderão recuar, em alguns casos, até ao século IV a.C., como, por exemplo, usando apenas os acrónimos dos projetos, em QSM.07 (SOUSA; PIEDADE, 2008; NASCIMENTO *et al*., 2020); em TAYFON.99 (CARVALHO, FORTUNA, 2000; CARVALHO, 2003, NASCIMENTO *et al*., 2020) ou, muito especialmente, em RRT.08/RR.16, com casas de alçados bem preservados, revestidos a estuque, numerosas lareiras e uma rara evidência de construção com tijolos de adobe (RAMOS, CARVALHO, 2016, 2018, 2020). Em alguns destes casos, como QSM.07, são também notórias as construções de muros lineares, já de ambiência romana.

Deve destacar-se o extraordinário achado recente de um conjunto de alicerces de *horrea*, tardo-republicanos, localizados na encosta nascente do Castelo, a cotas muito baixas, cuja datação mais precisa e contexto de construção (militar ou civil) está ainda em discussão (BARBOSA, PRIETO, 2011; SILVA et al., 2017a; RAMOS, 2020; RAMOS, CARVALHO, 2016, 2018, 2020).

O sistema defensivo conta com a identificação de um extenso tramo de muralha, datado do século I, em TAYFON.99 (CARVALHO, FORTUNA, 2000; CARVALHO, 2003, NASCIMENTO *et al*., 2020), e também de um duplo fosso, concêntrico e aparentemente exterior aquela estrutura, que rodearia o castro, pelo menos, pelos lados poente e norte, elementos que foram identificados nas intervenções

EQ-SM.05 e QSA. 07 (QUEIROGA, 2006; NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2007, 2008; NASCIMENTO *et al*., 2020).
Os períodos do Baixo-Império e da Tardo-Antiguidade contam, igualmente, no Castelo de Gaia com testemunhos notáveis, como os do edifício soterrado sob a capela do Bom Jesus (BJES.88; GUIMARÃES, 1989, 1995a; 1995b, 2002, 2018, 2019) ou a basílica, com necrópole, que foi exumada, mais a norte, na Quinta de Santo António (QSA. 07; NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2007, 2008; NASCIMENTO *et al*., 2020).
O achado de fragmentos arquitetónicos de algum vulto (EQ-SM.05; QUEIROGA, 2006; NASCIMENTO *et al*., 2020) permite supor a existência de arquiteturas monumentais em época romana, aspeto que aguarda confirmação mais segura.

Achados ou espólio
O espólio procedente de todas as intervenções referidas, e de outras aqui não mencionadas, é já volumoso, diversificado e valioso, integrando tanto objetos da Idade do Ferro, especialmente cerâmicas, incluindo importações mediterrânicas e orientais, como de época romana, aqui não só cerâmica (*terra sigillata*, ânfora, louça comum, etc.), como bronzes, moedas, vidros e muitos outros itens, com cronologias que vão desde os tempos tardo-republicanos até ao período suevo-visigótico. Alguns estudos têm vindo a público sobre estes espólios, com destaque para as cerâmicas e os vidros (GUIMARÃES, PINTO, 2000; GUIMARÃES, 2017a; SILVA *et al*., 2017a; RAMOS, 2017, 2020; CARVALHO, NASCIMENTO, SOUSA, 2020).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Variável	Localizações diversas

Referências
BARBOSA, João P.; PRIETO, Roger (2011) – *Rei Ramiro Terraces (RRT08). Sondagens de avaliação prévia. Rua do Rei Ramiro/Cais de Gaia. Santa Marinha. Vila Nova de Gaia. Relatório Final*. Porto: Logiark. Serviços Arqueológicos. Relatório dactilog.

CARVALHO, Teresa P. (2003) – As ocupações no Castelo de Gaia - problemas de arqueologia urbana. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*. 2. Porto, p. 823-41

CARVALHO, Teresa P.; FORTUNA, Jorge (2000) – Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia. *Al-Madan*. 9. Almada, p. 158-62

CARVALHO, Teresa P.; NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (2020) – O Castelo de Gaia: a cerâmica dos contextos castrejos. In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*. Vol. 2. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 353-369

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya: guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1989) - Escavações arqueológicas na Igreja do Bom Jesus de Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 28. Vila Nova de Gaia, p. 17-25

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995a) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto: Universidade Portucalense

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995b) – Escavações arqueológicas na Igreja de Gaia. In *Actas da IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispânica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Univ. Nova de Lisboa, 429-41

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2002) – Vestígios arqueológicos paleocristãos de Portucale Castrum Antiquum (Gaia). In *Actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória*. Vol. I. Porto/Arouca: CEDDPB; Univ. Católica; FLUP, p. 543-556

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2017a) – 131. Plato de TSAD de Vila Nova de Gaia / 170. Pendiente de Vila Nova de Gaia / 171. Copa de Vila Nova de Gaia. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial, p. 187-188, 255

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2018) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia (Vila Nova de Gaia – Portugal) destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Vol. de Estudios*. Ourense: Deputación Provincial, p. 409-11

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2019) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. *Revista de Portugal*, 16. Vila Nova de Gaia, p. 16-24

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves; PINTO, Carla T. – (2000) – Cerâmica arqueológica de Gaia. Análise de elementos de uma sequência de longa duração. In JORGE, Vítor O. (coord.) – *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. I. Porto: ADECAP, p. 491-510

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*. Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura C. P.; SILVA, Nuno G. (2007) – *Relatório de Progresso: Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07 Quinta de Santo António (Santa Marinha, Vila Nova de Gaia).* Vila Nova de Gaia: Empatia - Arqueologia, Lda. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura P.; SILVA, Nuno G. (2008) – *Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07. Quinta de Santo António, Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório de Progresso (2ª e 3ª Fases).* Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilografado

QUEIROGA, Francisco R. (2006) – *Relatório de trabalhos arqueológicos. Loteamento do Gaveto Entre Quintas-S. Marcos. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Famalicão: Perennia Monumenta, s.d. [2006]. Texto datilog.

RAMOS, J, Joaquim F. – (2020) – Cerâmicas e vidros da antiguidade tardia do edifício sob a igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1479-1491. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25 1/arqa109

RAMOS, Joaquim F. (2017) – *Contributo para o estudo das cerâmicas finas tardias da Igreja do Bom Jesus de Gaia (Estágio no Solar Condes de Resende).* Dissertação de Mestrado (Relatório de Estágio) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RAMOS, Rui (2020) – Um *horreum* augustano na foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1309. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa95

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2016) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Construção do empreendimento imobiliário Rei Ramiro Terraces (Cais de Gaia/Capelo Ivens). Vila Nova de Gaia. Escavação e sondagens arqueológicas (fase prévia à obra).* Lisboa: ERA-Arqueologia, S.A. Texto datilografado

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2018) – *Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos. Rua Rei Ramiro; Rua Cais de Gaia; Rua Pereira da Costa. Vila Nova de Gaia.* Lisboa: Era – Arqueologia. Texto datilog

RAMOS, Rui; CARVALHO, José (2020) – O sítio do Rei Ramiro: contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia). *Apontamentos de Arqueologia e Património.* 14 (abr. 2020).

Lisboa: Era Arqueologia, SA, p. 67-81. Em linha: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos

SILVA, António Manuel S. P. – (2017a) – As construções do lugar. História(s) e Arqueologia(s) do Centro Histórico de Gaia. In SILVA, António Manuel S. P. (coord.) – *Cidades de Rio e Vinho. Memória, Património, Reabilitação. Conferência internacional de Vila Nova de Gaia, 2015.* Vila Nova de Gaia/Porto: Gaiurb, EEM; Afrontamento, p. 100-137

SILVA, António Manuel S. P. – (2020b) – O Castelo de Gaia, um sítio arqueológico excecional e um valor cultural a potenciar. In: Santa Casa da Misericórdia do Porto (coord.) – *Pessoa(s), Arte, Benemerência. IV Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: SCMP, p. 519-536, ilust. em extra-texto

SILVA, António Manuel S. P. (2018) – *Cale Callaecorum locus?* Notas arqueológicas sobre a ocupação indígena e romana da foz do Douro. In DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro (coord.) — *Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade*. Porto: CITCEM, p. 45-67. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8351-95-1/cons

SILVA, António Manuel S. P.; MORAIS, Rui; PINA-BURÓN, María R.; PRIETO DE LA TORRE, Roger (2017a) – Cerâmica romana importada na foz do Douro: uma escavação arqueológica no Castelo de Gaia (V. N. Gaia, Norte de Portugal). In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana C.; BARREIRA, Hugo (eds.) – *Genius Loci: lugares e significados; places and meanings*. Vol. 2. Porto: CITCEM-FLUP, p. 315-331

SILVA, Armando C. Ferreira da (1984b) - Aspectos da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento. *Gaya*. 2. Vila Nova de Gaia, p. 39-58

SILVA, Armando C. Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

SOUSA, Laura C. P.; PIEDADE, Marta (2008) – *Intervenção Arqueológica QSM-VNG.07/08 – Quinta de São Marcos - Santa Marinha, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia, Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro da Baiza	Castro romanizado	3382	**CR27**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Vilar de Andorinho	Mata; Baiza; *Castro do Guedes*

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.112769; -8.567437	88	Idade do Ferro – Romano	Sécs. IV-III a.C. – Séc. I d.C.

Trabalhos arqueológicos

Para além de trabalhos de investigação que envolveram apenas prospeções (SILVA, 1994: 60-61) ou levantamentos para informar a carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 015), o povoado proto-histórico contou com diversas campanhas de escavação arqueológica, tanto para fins de investigação, em 1985 (SILVA, PAIVA, SÁ, 1987; SÁ; PAIVA 1994a; GUIMARÃES, 1993: 38), como – incidindo em área mais extensa, no ano de 1994 – de salvaguarda patrimonial (LOPES, 1996), uma vez que uma parte marginal da área do castro foi destruída pela abertura de uma via rodoviária na década de 1990.

Descrição

Bem destacado sobre uma pequena elevação vizinha do rio Febros, o castro da Baiza – ou «do Guedes», como também era conhecido, pelo nome de um dos proprietários – complementou as suas condições defensivas naturais com a edificação de três circuitos amuralhados, ainda bem percetíveis em alguns tramos, a que se terá juntado a escavação de um fosso, este pouco nítido (SILVA, 1994: 60-61).

No ano de 1985, o povoado contou com os primeiros trabalhos de escavação arqueológica, focados na muralha superior, que apresentava três metros de espessura. Nessa área, os responsáveis pela intervenção identificaram um núcleo habitacional – em parte sobreposto àquela muralha, indiciando a anterioridade da estrutura defensiva – constituído por diversas estruturas de plano circular, uma delas, pelo menos, provida de átrio, ou vestíbulo, ladeando o vão de acesso, e todas abrindo para um pátio lajeado comum (SILVA, PAIVA, SÁ, 1987; SÁ; PAIVA 1994a: 44-45).

Entre outros aspetos de interesse, documentou-se nesta campanha a rara evidência de uma oficina indígena de olaria, testemunhada por «uma grande concentração de barro alaranjado, bolos de barro amassado, fragmentos de cerâmica em fase de modelagem e uma placa de ardósia, subrectangular, que pode ser interpretada como um teque de oleiro.» (SÁ; PAIVA 1994a: 46).

Já no ano de 1994, teve lugar nova – e agora mais extensiva – intervenção arqueológica, mas agora no âmbito da minimização dos impactes negativos da abertura de uma autoestrada de acesso à nova ponte do Freixo, sobre o Douro, que destruiu grande parte da encosta poente do povoado, implicando a sua prévia escavação e registo. Ainda que os dados vindos a público sejam relativamente escassos e pouco contextualizados, estes trabalhos levaram à exumação de diversas construções – aparentemente, todas de plano circular – algumas das quais providas de pisos decorados e lareiras feitas com fragmentos de ânfora, para além de espólio muito significativo, essencialmente indígena, estando os materiais importados representados, especialmente, por ânforas, muito em especial Haltern 70, como seria de esperar, mas também outras formas precoces e menos comuns no Noroeste, como a Dressel 1C itálica (LOPES, 1996: 9-18, figs. 12-14).

Desta forma, o resultado destas intervenções parece apontar para uma ocupação balizada entre os séculos IV-III a.C. e os meados do século I da nossa era (SÁ; PAIVA 1994a: 46-47), reduzindo-se as importações cerâmicas, segundo parece depreender-se, aos contentores anfóricos, que aparecem em grande quantidade, nomeadamente de tipo Halt70, que poderão datar, a par de uma fíbula tipo

Aucissa, as últimas décadas de vida do castro. Para tal concorrerão ainda, em nossa opinião, a aparente inexistência, nos sectores intervencionados em 1985 e 1994, de construções de planta ortogonal, bem como a generalizada ausência de *sigillata*[3] (LOPES, 1996: 14-15), indiciando, talvez, o que poderíamos designar como «romanização material» algo incipiente.
Curiosa, também, a identificação de «bolas esféricas em barro e em pedra com um diâmetro médio de 3,5 cm, espalhadas por todas as quadrículas e pela zona envolvente, no estrato de ocupação castreja mais recente», itens interpretados pelo autor como projéteis de funda (LOPES, 1996: 15).

Achados ou espólio

Não se encontrando publicados dados quantitativos ou séries de espólio significativas, do ponto de vista tipológico ou estratigráfico, os elementos divulgados sobre as duas intervenções mencionam, em especial, abundante cerâmica castreja e bastante ânfora, referindo-se, igualmente, algumas peças metálicas, contas em pasta vítrea, mós circulares e de rebolo e outros itens.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Parte no Solar dos Condes de Resende (C. M. V. N. Gaia)

Referências

LOPES, António B. (1996) – *Acompanhamento Arqueológico da Construção dos Acessos à Ponte do Freixo. Relatório.* Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural, Lda. Texto datilog.

SÁ, Manuel M.; PAIVA, Maria B. (1994) – Para uma carta arqueológica do concelho de Vila Nova de Gaia. O Castro de Baiza (Avintes/Vilar de Andorinho, V. N. Gaia). *Gaya*. 6. Vila Nova de Gaia, p. 43-56

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto datilog.

SILVA, Armando C. F.; PAIVA, Maria Belém C.; SÁ, Manuel M. A. (1987) – *Sondagem arqueológica no Castro de Baiza (Avintes/Vilar de Andorinho, V. N. Gaia). BAIZ 85 – Relatório*. Vila Nova de Gaia: s.e. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[3] Não obstante, regista-se o achado de alguma louça de provável proveniência meridional, não descriminada, e «cerâmica vermelha de importação» (LOPES, 1996: 14-15, 17).

II.D
POVOADOS (NÚCLEOS DE POVOAMENTO)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Penouço	Povoado, Casal	31531	**P01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Águas Santas	Granja, Penouço

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.195336; -8.563282	107	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Trabalhos de prospeção realizados pelos serviços de arqueologia da Câmara Municipal da Maia, no âmbito do levantamento da carta de salvaguarda patrimonial do Plano Diretor Municipal (RIBEIRO, 2014).

Descrição
Nesta área foi localizada, em prospeção de superfície, uma mancha de dispersão de cerâmica romana de construção e doméstica, colocando os achadores a hipótese do sítio, eventualmente um «casal rústico» - na sua própria categorização - poder relacionar-se com a necrópole do Monte Penouço, Rio Tinto, Gondomar (SEVERO, 1905a; ALARCÃO, 1988b: 24, n.º 1/400; *cfr.* ficha N01), dada a proximidade do sítio (RIBEIRO, 2014: 77).

Achados ou espólio
Referência a cerâmica doméstica e de construção romana.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer (inventário). Fascicule 1. 1. Porto, 2. Bragança, 3. Viseu.* Warminster: Aris & Phillips

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

SEVERO, Ricardo (1905a) – O cemitério romano do Monte do Penouço (Rio Tinto). *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 2 (fascs. 1-4). Porto, p. 111-113

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Barreiros	Povoado, Casal		**P02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Moreira da Maia	Barreiros/Quinta da Boavista

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.234884; -8.635315	70	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Numa mancha de terrenos agrícolas foi noticiada a localização, em meados do século XX, de materiais cerâmicos de tipo romano (MAIA, 1954; FELGUEIRAS, 1958: 15). Não obstante a topografia do local ter sido entretanto bastante alterada, Álvaro B. Moreira identificou ainda fragmentos de *tegulae* e cerâmica comum, levando este autor a sugerir que ali poderia ter estado instalado um casal agrícola (MOREIRA, 2009: 213-4).

Achados ou espólio
Tegulae e cerâmica comum.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
FELGUEIRAS, Guilherme (1958) - *Monografia de Matosinhos*. Lisboa: s.e. [Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Mota, Lda.]

MAIA, Manuel da Costa (1954) - Romeiros da Saudade - Relance sobre a história geral e local. *Boletim dos Amigos do Porto*, vol. 2, n.º 1, Porto, p. 15-21

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Agra da Portela	Povoado; Casal	3830	**P03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Vermoim	Agra da Portela

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.240728; -8.617168	107	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Foram feitas no local sondagens arqueológicas, registadas na ficha de levantamento arqueológico (RIBEIRO, 2014), cujos resultados aguardam publicação.

Descrição
As observações superficiais feitas nesta área incluem pedras de construção, mós, *tegulae* e cerâmica comum e de armazenamento dispersas por uma área de cerca de 2 000 metros quadrados, levando A. B. MOREIRA (2009:217-218) a desdobrar a ocupação entre uma área habitacional (casal) e uma eventual necrópole, aliás na linha da proposta de J. ALARCÃO (1988b: 23, n.º 1/396), que seguiu informações de Carlos A. F. ALMEIDA (1969: 42). Numa intervenção arqueológica recente detetaram-se estruturas indeterminadas, apontando para uma ocupação tardo-antiga/alti-medieval (RIBEIRO, 2014: 63-64).

Achados ou espólio
Cerâmica doméstica e de construção, mó, pedras de construção.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer (inventário). Fascicule 1. 1. Porto, 2. Bragança, 3. Viseu.* Warminster: Aris & Phillips

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave.* Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro	Povoado, Casal		**P04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Vermoim	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.241659; -8.617284	105	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Local identificado com base no achado de restos de tijolos e mós giratórias (ALMEIDA, 1969: 42) e, mais recentemente, cerâmica comum e *tegulae*, levando Álvaro B. MOREIRA (2009: 217) a propor ali a localização de um casal.

Achados ou espólio
Cerâmica comum, material cerâmico de construção, mós.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave.* Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Bicas	Povoado, Casal		**P05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Vila Nova da Telha	Bicas

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.248753; -8.664437	81	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Situado perto da necrópole das Bicas, o sítio havia já sido referenciado por Serpa PINTO (1928: 10) pela presença de uma mó e cerâmica de construção romanas, levando C. A. Ferreira de ALMEIDA (1969: 43) a propor a natureza habitacional do sítio. Na mesma linha interpretativa seguiu A. B. MOREIRA (2009: 223), que também ali encontrou pedras trabalhadas e materiais cerâmicos de construção.

Achados ou espólio
Referências várias a pedras trabalhadas, mós e material cerâmico de construção romano.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave.* Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Rui de Serpa (1928) – Cemitério luso-romano do lugar das Bicas. *O Povo da Maia*, n.º 53. Maia, p. 10

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Montedouro	Povoado (?)		**P06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Perafita	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.230556; -8,712222	25	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Além de ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b), registam-se trabalhos de prospeção e escavação numa área sepulcral muito próxima, feitos quer pelos serviços municipais (1996), quer, mais recentemente, no quadro de trabalhos preventivos de um empreendimento (BATATA, 2009).

Descrição

O sítio de Montedouro é particularmente conhecido pela sua necrópole de sepulturas escavadas na rocha, mas a área a que se reportam os presentes achados é contígua, localizando-se a pouco mais de 200 metros para NNO.

Na verdade, tanto na zona da necrópole como nos terrenos vizinhos têm aparecido – tanto em prospeção como nas duas escavações efetuadas – materiais arqueológicos de diferentes cronologias, mas com destaque para os romanos, identificando a respetiva ficha de inventário «tégulas, cerâmica comum, ânfora e cerâmica de engobe vermelho», acrescentando-se ainda cerâmica comum, *sigillata* e fragmentos de ânfora, nomeadamente Halt 70 (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1382; BATATA, 2009).

Poderá assim, tratar-se de um povoado (?) ou núcleo residencial menor a que terá sido anexa, porventura em época tardo-antiga, uma necrópole rupestre.

Achados ou espólio

A ficha do inventário arqueológico quantifica em mais de uma centena os materiais cerâmicos de cronologia romana, ilustrando alguns fragmentos de ânfora (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1382)

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

BATATA, Carlos (2009) – *Sondagens arqueológicas em Pampelido/sepultura 1 de Montedouro (CNS783) (Perafita) no âmbito da empreitada de construção do ramal de Leça – TRP (Relatório Final)*. Abrantes: Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Ldª. Texto datilog.

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

Observações

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vinha da Bouça	Povoado (?)		**P07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Perafita	Campo do Cardeal

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,226467; -8,700689	25	Romano	Alto-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Registam-se apenas ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1388).

Descrição

Trabalhos de prospeção feitos pelos serviços municipais de arqueologia no âmbito do projeto de regularização e manutenção do Ribeiro de Joane, em 1997, levaram à identificação, numa zona de terrenos agrícolas, de um sítio inédito, onde recolheram «mais de uma centena de materiais de cronologia pré-histórica e romana», ilustrados na respetiva ficha de inventário e que incluem, dentro da cronologia que nos interessa, material de construção, cerâmica comum e ainda diversos fragmentos de ânforas de tipo Lusitano e Haltern 70 (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1388).

Analisando outros vestígios das proximidades, os arqueólogos do município sugerem que ali possa ter existido um polo de ocupação em época romana, talvez um casal, como adiantam (PIRES, *ibidem*); eventualmente um povoado algo maior, se bem que não seja indicada a área de dispersão dos vestígios, podendo a sua cronologia fixar-se, pelo menos, no século I, atendendo à presença de ânfora Halt 70.

Achados ou espólio

A ficha de inventário menciona mais de uma centena de materiais romanos e pré-históricos. Entre os primeiros enumeram-se explicitamente «material de construção, cerâmica comum (oitenta fragmentos), apresentando também cerâmica comum fina e cinzenta e ainda fragmentos de ânfora Lusitana e Haltern 70» (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1388).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Cruz	Habitat		**P08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Mouriz	Cruz/Barreiras

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.197855; -8.356526	196	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição
Trabalhos de reconhecimento e prospeção arqueológica dos serviços próprios do Município de Paredes detetaram uma chã de uso agrícola onde identificaram, à superfície do solo, fragmentos de olaria doméstica de claro aspeto romano (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Mou001A). O local, situado a menos de 200 metros a oes-sudoeste da presumida área da necrópole, poderá talvez relacionar-se com esta, ou porventura documentar um dos povoados abertos de vale que Teresa SOEIRO (1989: 109) crê que poderiam explicar este género de necrópoles tardias.

Achados ou espólio
Não descrito nas fontes bibliográficas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1988-1989) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portugalia*. Nova série, 9-10. Porto, p. 109-111

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Outeiro da Mó	Povoado		**P09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.089198; -8.391149	285	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos, além de prospeção de diversos arqueólogos, nomeadamente dos serviços de arqueologia e património da C. M. Paredes.

Descrição
Teresa Soeiro parece ter sido quem primeiro identificou e descreveu com clareza este povoado, situado mesmo sobre a galeria-mestra das minas de Montezelo. Segundo a sua caracterização, naquele vasto esporão aplanado, voltado a nordeste, o revolvimento dos solos provocado pelo plantio mecânico de eucaliptos, trouxe à luz do dia «centenas de mós circulares em granito de grão grosso», apiloadores em quartzito e xisto duro, tégulas e imbrices, cerâmica comum galaico-romana e fragmentos de *terra sigillata* hispânica nomeadamente das formas Drag. 29, pratos 15/17 e 36 e tigelas 27 e 35, materiais que aliás ilustrou e a partir dos quais propôs uma cronologia dos «últimos quartéis do século I dC.» (SOEIRO, 1984: 115), resumindo, em revisão mais recente, que «estamos certamente perante um espaço técnico, em que se concentrava o processamento do minério, particularmente a moagem, e em que também reconhecemos tégulas e ímbrices que atestam a existência de edifícios» (COUTO; SOEIRO, 2006: 472).
Posteriormente, outros autores se referem a este sítio, como H. COUTO (1993: I, 124 e II, Mapa 6, parecendo-nos que, neste mapa, a localização do Outeiro da Mó se acha deslocada) e, desde então, sem acrescentarem informação inovadora particular para além de fotografias de alguns objetos, também N. FÉLIX (2008: 64, 75-77), SILVA e FÉLIX (2008: 75, figs. 8 e 9) e diversos outros autores nos últimos anos (LIMA *et al*., 2011a: 46; LIMA *et al*., 2011b: Figs. 2, 3, *passim*; LIMA *et al*., 2011c: 240, 242, figs. 2 e 3; LIMA *et al*., 2018: 21, *passim*), encontrando-se o local registado no inventário patrimonial do concelho de Paredes (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr013A).

Achados ou espólio
Mós rotativas em granito, apiloadores em quartzito, *terra sigillata*, cerâmica comum romana e de construção (*tegula*, *imbrex*).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
COUTO, Helena M. (1993) - *As mineralizações de* Sb-Au *da região Dúrico-Beirã*. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – *Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes.* Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

LIMA, Alexandre; FÉLIX, Natália: DIAS, A.; SILVA, Maria A, (2011a) – Mineração romana no Concelho de Paredes (Portugal). In MATA PERELLÓ, José; TORRÓ I ABAT, Lisard; FUENTES PRIETO, María; NEIRA CAMPO, Ana; PUCHE RIART, Octavio (coord.) – Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008): libro en homenaje a Claude Domergue. Madrid: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, p. 463-470

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011b) - A Mineração Romana de Ouro no Município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (coord.) - Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010). Abrantes: ed. Carlos Batata, p. 125-142

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018*. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália (2008) - Mineração Romana no concelho de Paredes. *Oppidum*. Número especial [Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa]. Lousada [edição em CD-Rom], p. 67-81

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado/oficina do Poço Romano	Povoado		**P10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Santa Comba

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.109976; -8.412505	200	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Prospeções dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição

Em trabalhos de campo nas áreas mineiras os técnicos do serviço de arqueologia e património da C. M. Paredes detetaram, numa área de encosta relativamente aplanada da vertente NE. da serra de Santa Iria uma zona com vestígios ocupacionais de época romana.

O profundo revolvimento dos solos provocado pela plantação industrial do eucalipto impede a identificação de quaisquer estruturas construídas, mas entre os relevantes materiais de superfície contam-se mós giratórias em granito, apiloadores em quartzito, material cerâmico de construção e pavimento e ainda louça de uso doméstico, tanto comum como fina, designadamente *terra sigillata* (LIMA *et al*., 2011b: s.n.º, figs. 5 a 9; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr005A).

Embora se proponha relacionar esta área de povoado e/ou de processamento do minério com as minas do Poço Romano, as «de maior tradição» naquele complexo (LIMA *et al*., 2011a: 467), o sítio fica a menos de um quilómetro tanto desta exploração como das minas de Santa Iria Norte, conjunto que, na verdade, parece menos expressivo que o anterior.

Achados ou espólio

Mós rotativas de granito, apiloadores de quartzito, *terra sigillata*, cerâmica comum romana e de construção (*tegula*, *imbrex* e tijolo de pavimento).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serv. municip. arqueologia

Referências

LIMA, Alexandre; FÉLIX, Natália: DIAS, A.; SILVA, Maria A, (2011a) – Mineração romana no Concelho de Paredes (Portugal). In MATA PERELLÓ, José; TORRÓ I ABAT, Lisard; FUENTES PRIETO, María; NEIRA CAMPO, Ana; PUCHE RIART, Octavio (coord.) – Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008): libro en homenaje a Claude Domergue. Madrid: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, p. 463-470

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011b) - A Mineração Romana de Ouro no Município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (coord.) - Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010). Abrantes: ed. Carlos Batata, p. 125-142

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Bouça do Ouro	Povoado		**P11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Boelhe	Abelheira, Bouça do Ouro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.125920; -8.236077	125-134	Romano	2ª met. séc. I - séc. V

Trabalhos arqueológicos

A Bouça do Ouro foi objeto de várias campanhas de escavação arqueológica, dirigidas por Teresa Soeiro, entre 1990 e 1994 (SOEIRO, 1998b).

Descrição

O sítio da Bouça do Ouro foi identificado inicialmente por Fernando Lanhas e Domingos P. Brandão, os quais, em nota sumária, registaram a ocorrência de cerâmica e «partes de paredes soterradas» (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 298). Posteriormente, Teresa Soeiro relocalizou o sítio arqueológico, assinalando estar situado num local aberto e de economia agrícola mas entendendo que, dada a reduzida extensão dos vestígios, deveria tratar-se de «um núcleo reduzido» (SOEIRO, 1984: 53-4).

Poucos anos volvidos, surgiu a possibilidade de se realizarem escavações arqueológicas, bastante extensivas, que permitiram observar a existência de dois núcleos habitacionais, separados cerca de uma centena de metros e designados como Edifícios A e B (SOEIRO, 1998b).

O edifício A, o primeiro a ser intervencionado, está situado a uma cota superior (134 m), numa zona de encosta suave, em largos socalcos cultivados, implantando-se, porém, no rebordo de um talude, a cerca de 250 metros do Tâmega.

A intervenção arqueológica revelou uma habitação de planta retangular, assimétrica, com uma área de pouco mais de 200 m^2. O edifício é aberto a es-nordeste, fazendo-se a entrada através de um corredor largo (2,5 m) mas de pouca extensão, que dá acesso a uma grande sala, à direita, e a duas menores no lado oposto, ficando em frente um outro vasto compartimento, mais alongado. Frente à entrada parecia haver uma espécie de pátio, delimitado a norte por um muro de sustentação de terras, havendo também indícios de um outro terreiro, talvez com alpendre, do lado oposto. Os dois compartimentos menores foram interpretados como uma área de cozinha (pela presença de uma lareira feita com *tegulae* invertidas dispostas no solo) e arrumos, não se descortinando a função das salas maiores (SOEIRO, 1998b: 6-11, 27).

Com base na análise da sequência estratigráfica e no espólio arqueológico exumado, que inclui cerâmicas domésticas de tradição castreja, comuns romanas e alguma louça mais requintada, como bracarenses, paredes finas e *terra sigillata* hispânica e sudgálica (CARVALHO, 1998), para além de alguns vidros e adereços de vestuário em bronze, Teresa Soeiro aproximou este ambiente dos níveis de Cláudio-Nero e dos Flávios do Monte Mozinho, propondo que a ocupação desta casa não se terá estendido por mais que uma geração, certamente entre a segunda metade do século I e os primeiros anos do século II, sublinhando até a coincidência temporal entre o início do abandono de castros como o do Mozinho com a ocupação das agras baixas como esta (SOEIRO, 1998b: *ibid*., 7, 11).

O edifício B, a uma centena de metros para nascente e situado a uma cota levemente mais baixa, no rebordo de um talude voltado ao rio, distingue-se do anterior pela distinta planimetria e amplitude cronológica; porém, o mau estado de conservação das ruínas e a relativa escassez de espólio

arqueológico dificultam significativamente a sua interpretação funcional (SOEIRO, 1998b: 11-19, 44-5).

Da construção mais antiga – aparentemente sincrónica com a do Edifício A – observa-se um edifício vasto, com uma área superior a 270 m^2 e planta alongada, medindo as ruínas conservadas cerca de 36 metros por apenas 7,5 metros de largura; a entrada seria feita a sudeste, dando acesso a um corredor de 25 x 4 metros, com dois compartimentos alongados a norte. As alterações posteriores e a má conservação das ruínas não permitem perceber bem a compartimentação interna, mas considerando a localização de um significativo conjunto de bases, fustes e capitéis toscanos (curiosamente, todos distintos e encontrados amortizados, como material de construção e aterro, na fase ocupacional seguinte), T. Soeiro sugere que a planta original poderia incluir uma galeria porticada voltada ao Tâmega, aproximando-se do tipo definido por J-G. Gorges como dos mais comuns na Hispânia e descrito no grupo «*villas linéaires a galeries et tours d'angle*» (GORGES, 1979: 123-4; SOEIRO, 1998b: 12). A similitude do aparelho construtivo, em *opus incertum* de granito, e analogia da generalidade do espólio cerâmico, enquadrável entre as décadas de 60 e 90 da nossa era, apontam para essa época a construção e uso inicial deste edifício (SOEIRO, *Ibid*. e 13).

Após um abandono de quase dois séculos, o edifício B é reconstruído e ampliado nas últimas décadas do século III, sendo ocupado, pelo menos, até «data avançada do século V» (*Idem, ibid.*). Mantendo o plano alongado, em grande medida por condicionamentos topográficos, a nova construção amplia-se levemente em largura (passando de 7,5 para 9 metros) e estende para 51 metros o eixo maior do imóvel, do que resultaria uma área útil na ordem dos 400 m^2.

Se a cronologia deste novo complexo, feito agora basicamente em *opus uittatum*, é relativamente segura, aferida pela louça recolhida e ainda por uma dezena de moedas em bronze, a sua organização interna e função levantaram acrescidos problemas, sobretudo pela erosão da vertente e afetações antrópicas modernas. Da reformulação da construção do Alto Império parece ter resultado, no extremo poente, uma área oficinal dedicada ao trabalho do ferro, testemunhada por uma mancha de detritos de forja, vizinha de uma grande sala pontuada por uma grande lareira no vértice sudeste; o prolongamento do edifício para nascente, ainda mais erodido, evidencia vários níveis de ocupação, testemunhando quer utilização doméstica, quer, mais seguramente, oficinal. Na verdade, aí se detetaram várias lareiras e uma aparente zona de fundição metalúrgica; uma outra área de combustão, de função industrial, acompanhava em grande extensão a parede sul, enquanto no lado oposto se desenharam três compartimentos menores, de área aproximada e função desconhecida (SOEIRO, 1998b: 14-15).

O espólio arqueológico do edifício B inclui tanto cerâmicas comuns, *sigillatae* hispânicas, cerâmicas bracarenses e vidros de datação flávia, similares, com pouca variação, aos materiais encontrados no edifício A, como materiais do Baixo-Império. Entre estes sobressaem uma dúzia de moedas dos séculos III e IV (um asse de Augusto, com a *caetra* no reverso, destoa pela sua singularidade) e séries cerâmicas coevas, parecendo talvez fechar a cronologia um grande prato de *sigillata* tardia foceiana Hayes 3C (SOEIRO, 1998b: 15-16; CARVALHO, 1998).

Ensaiando a interpretação destes dois edifícios no marco da ocupação romana da região, Teresa Soeiro começa por sublinhar as excelentes condições da Bouça do Ouro para a prática agrícola e a exploração de outros recursos, como a pesca (*Idem*: 5-6, 20-1). Perante os testemunhos arqueológicos exumados, reconhece a grande dificuldade em «hierarquizar ou ver como complementares» os dois edifícios, colocando a hipótese de serem «duas explorações equivalentes», descrevendo-as mais adiante como «duas casas isoladas» (*Idem*: 21-2) mas mais assertivamente, em outra publicação, como um casal, eventualmente dois (SOEIRO, 2010: 70).

No quadro de uma discussão que não pode ser feita aqui, a taxonomia destes aglomerados agrários suscita outras considerações. Convencionalmente, a carta de salvaguarda arqueológica do município de Penafiel tipifica a Bouça do Ouro como um «povoado» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 23.3); pela nossa parte, concordando com T. Soeiro, temos vindo a assimilar este género de ocupações relativamente singulares e de espacialidade discreta à modalidade de «casal», tendo em

vista outros paralelos arqueológicos e, nomeadamente, o sítio da Malafaia (Arouca, Aveiro), cuja escavação coordenámos (SILVA; LEMOS; RIBEIRO, 2017, com bibliografia anterior).

Achados ou espólio

As escavações proporcionaram a recolha de abundante espólio cerâmico, lítico, vítreo, metálico, moedas e outros itens (parcialmente descrito e ilustrado graficamente em SOEIRO, 1998b e CARVALHO, 1998), que deu entrada e se conserva nas coleções do Museu Municipal de Penafiel.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

CARVALHO, Teresa P. (1998) – A *terra sigillata* de Boelhe. *Cadernos do Museu*, 4 [Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida – III]. Penafiel, p. 63-78

GORGES, Jean-Gérard (1979) – *Les Villas hispano-romaines. Inventaire et problématique archéologiques*. Paris: Centre Pierre Paris; Diffusion E. De Boccard

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1965) – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 124-6, no Concelho de Penafiel]. Revista de Etnografia, 4:2. Porto: Museu de Etnografia e História, p. 275-321

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2017) – O sítio romano da Malafaia: um casal agrícola no vale de Arouca (Norte de Portugal). In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana C.; BARREIRA, Hugo – *Genius Loci: lugares e significados; places and meanings.* Vol. 2. Porto: CITCEM-FLUP, p. 645-657

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1998b) – O sítio romano da Bouça do Ouro. Boelhe – Penafiel. *Cadernos do Museu*, 4 [Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida – III]. Penafiel, p. 5-62

SOEIRO, Teresa (2009-2010) – Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 5-221

Observações

Nos trabalhos mais antigos (LANHAS; BRANDÃO, 1965 e SOEIRO, 1984), certamente por lapso de registo de informações orais, o sítio surge identificado como «Bolsa» do Ouro, o que posteriormente se retificou.

Por critério cartográfico, localizámos os dois conjuntos edificados da Bouça do Ouro por um único ponto intermédio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Passinhos	Povoado		**P12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Boelhe	Passinhos; Capela de S. Miguel

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.122792; -8.240258	125	Romano indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 22.4).

Descrição

Os vestígios de ocupação romana foram localizados na área envolvente à Capela de São Miguel de Passinhos, na vizinha quinta dos Aidinhos e ainda junto a um caminho antigo que conduz ao rio, onde se encontraram tégulas (SANTOS 2005, vol. II, inv.º n.º 55: 37). A ficha de inventário do Museu Municipal refere ainda o achado de «um tambor de coluna de fuste liso, reaproveitado na cozinha da Casa dos Aidinhos» e «uma base/capitel toscano que foi recolhido pelo proprietário da Quinta dos Lameirões num campo próximo da Casa dos Aidinhos» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 22.4, rev. de H. Bernardo), indícios considerados seguroa da existência de um povoado romano.

Achados ou espólio

Os referidos. Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido.	Desconhecida.

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SANTOS, Maria José F. (2005) – *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308).* «Cadernos do Museu», 10. Penafiel: Câmara Municipal, p. 3-100

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Monteiras	Povoado		**P13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Bustelo	Monteiras; Lugar Novo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.232575; -8.277115	195	Romano – Baixo Império	Século IV

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 21.4).

Descrição

Situado numa zona aplanada, de pouca vocação agrícola, da margem esquerda do rio Sousa, de que dista apenas cerca de meio quilómetro, o povoado de Monteiras foi descoberto na sequência do achado de um tesouro monetário romano, com cerca de 250 numismas, em 1986 [ver ficha M04].

Inspecionado o local, verificou-se a presença de «alguns fragmentos de cerâmica comum baixo-imperial e escassos fragmentos de telha», havendo indícios de vestígios similares nas proximidades (SOEIRO, 2010: 10), tendo, na verdade, vindo a aparecer alguns anos mais tarde, a cerca de uma centena de metros da área anterior, uma necrópole romana de inumação e incineração [ver ficha N17].

Em relação à zona do povoado, hoje em dia bastante urbanizada, não foram recolhidos outros elementos que possam contribuir para a melhor caracterização ou definição espacial desta verdadeira aldeia, considerando o significativo número de enterramentos da necrópole vizinha (SOEIRO, 2010: 70). No que respeita à sua cronologia, será certa, em função da cronologia do tesouro monetário (MENDES-PINTO, 2007: 34-36) e dos materiais de superfície, uma ocupação de começos do século IV, provavelmente prolongada até finais dessa centúria (SOEIRO, 2010: 71), mas se a necrópole possui incinerações a partir da segunda metade do século I (SOEIRO, 2010: 19), uma ocupação permanente coeva deve também pressupor-se nas imediações.

Achados ou espólio

Há referência a cerâmicas de superfície, mormente telha e «cerâmica comum baixo-imperial» (SOEIRO, 2010: 10), não se sabe se recolhidas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

MENDES-PINTO, José M. (2005-2007) – *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*. [Sep. de «Nvmmvs, 2ª série, 28-30]. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (2009-2010) – Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 5-221

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado da Póvoa	Povoado		**P14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Canelas	Póvoa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.082750; -8.314346	270	Romano – Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Não se conhecem trabalhos particulares, além de prospeções feitas no âmbito de levantamentos regionais (SOEIRO, 1984: 76, 79) e, mais recentemente, novos reconhecimentos realizados pelo Museu Municipal, no contexto do inventário da carta de património arqueológico que consta do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 34.6).

Descrição

Situado numa área de pendente suave, junto a uma linha de água, em agras de boa capacidade produtiva, o povoado da Póvoa foi registado por Teresa SOEIRO (1984: 79) a partir de informações de Abílio MIRANDA (1943a), segundo o qual aí terão aparecido ruínas de construções e uma moeda em ouro, aparentemente vendida na ocasião do achado. Outras informações sobre achados em Canelas (ANDRADE, 1918), não é certo que se refiram a este local.

O sítio, sobre o qual não se obtiveram outros elementos que possam contribuir para a sua caracterização ou melhor definição espacial, dista cerca de meio quilómetro, para norte, da necrópole, talvez tardo-imperial, da Belavista, ou Boavista (ficha N19), com a qual pode hipoteticamente ser relacionado.

Achados ou espólio

Sendo vagas as informações de Vieira de ANDRADE (1918), há apenas menção ao achado de uma moeda de ouro, aparentemente romana, que terá sido vendida (MIRANDA, 1943a).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

ANDRADE, Vieira de (1918) – Castro de Entre-os-Rios. *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, 23. Lisboa, p. 74-76

MIRANDA, Abílio (1943a) – *XI. Cale*. Penafiel: s.e. [Tipografia de «O Penafidelense]

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Chaves	Povoado		**P15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Canelas	Ufe

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.076220; -8.321168	110	Romano – Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 21.4).

Descrição
Este local de povoamento foi inventariado por Teresa SOEIRO (1984: 77) com base em informações do investigador penafidelense Abílio MIRANDA (1945), que terá observado, num local sobranceiro ao Douro construções de planta ortogonal, romanas, que relacionou com o comércio fluvial, dada a aparente inaptidão desses terrenos para a prática agrícola.
Revendo a implantação original de T. SOEIRO (1984: 76), os serviços municipais de arqueologia de Penafiel relocalizaram o sítio na zona da Quinta da Ufe, com a identificação de materiais arqueológicos de superfície.

Achados ou espólio
Não descriminados (informação serviços de arqueologia do Museu Municipal).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências
MIRANDA, Abílio (1945a) – *Gallaicia, Gallacie, Galegano*. Penafiel: s.e.

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Montes Novos	Povoado		**P16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Croca	Montes Novos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,222199;-8,245937	191	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não se conhecem trabalhos particulares. Segundo uma curta notícia de Teresa SOEIRO (1984: 85, n. 1), os primeiros vestígios deste povoado terão sido descobertos em 1965. No âmbito da escavação da necrópole associada, em 1987-1988 (PINTO, 1996; 1998), Gilda Pinto recolhe outras notícias, e na sequência desses dados, a área foi inventariada na carta de património arqueológico que consta do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 4.2).

Descrição

Teresa Soeiro – em breve nota de rodapé quando o seu trabalho se encontrava já no prelo – refere, sem outros comentários, o achado em Montes Novos de «algumas tégulas com impressões de patas de animais e um capitel toscano em granito», peças que haviam dado entrada no Museu Municipal e que indiciavam a existência de outro povoado aberto (SOEIRO, 1984: 85, n. 1). No marco da escavação da necrópole associada, Gilda Pinto recolheu localmente outras informações; porém, além de mencionar o capitel, apenas acrescenta que em terreno vizinho, a cota inferior, haviam sido referenciadas «paredes, telhas, cerâmica» (PINTO, 1988: 188).

Curiosamente, a própria área da necrópole romana revelou curiosos traços de ocupações anteriores, nomeadamente pela localização de diversos vasos da Idade do Bronze, ou até anteriores, materiais que também têm vindo a ser estudados (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 4.2).

Achados ou espólio

Além do capitel e das tégulas mencionadas por SOEIRO (1984: 85, n. 1), desconhecemos o depósito de outros materiais.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

PINTO, Gilda C. (1996) – *A Necrópole de Montes Novos - Croca, um cemitério da* Gallaecia Tardorromana. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PINTO, Gilda C. (1998) – A necrópole romana de Montes Novos, Croca, Penafiel. In SOEIRO, Teresa (coord.) – *Monte Mozinho, 25 anos de trabalhos arqueológicos*. [«Cadernos do Museu», 2]. Penafiel: Museu Municipal, p. 187-244

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Quelha Velha	Povoado		**P17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Duas Igrejas	Castanheira de Baixo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.194134; -8.269767	325	Romano – Baixo-Império	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 21.4).

Descrição

Situada na margem esquerda do rio Cavalum, afluente do Sousa, esta possível área habitacional romana, aberta, foi localizada numa extensa zona agrícola, disposta em socalcos, reconhecendo-se na ocasião apenas pelo achado de fragmentos de telha romana, não adiantando Teresa SOEIRO (1984: 95) outros elementos de caracterização, sendo possível, todavia, tratar-se de um povoado ainda relacionado com duas necrópoles vizinhas, nomeadamente a de Eirô (SOEIRO, 1984: 90-95), reescavada recentemente (SOUSA; SOEIRO, 2020) e da qual o sítio da Quelha Velha dista menos de um quilómetro (se bem que aquelas autoras proponham a eventual existência de um outro povoado mais próximo das duas áreas funerárias (*Idem*, *id*.: 1444).

Achados ou espólio

Desconhecidos, para além da «telha» indicada por T. Soeiro (1984: 95).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOUSA, Laura; SOEIRO, Teresa (2020) – A necrópole romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016. In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1439-1455. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa106

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado das Agras de Ordins	Povoado		**P18**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Lagares	Ordins

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,131685;-8,350466	285	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não foram realizados outros trabalhos arqueológicos, para além daqueles decorrentes da simples prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 104), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.3).

Descrição

Situada no troço médio do vale da ribeira de Ribas, ou de Lagares, esta área de ocupação de época romana foi identificada pela observação, nos campos agrícolas dispostos em socalcos, de pedra esquadriada de antigas construções, além de tégulas, ímbrices e «fragmentos de barro», elementos indiciadores de construções soterradas e revolvidas pelas lavras dos terrenos (SOEIRO, 1984: 104). Nas proximidades, a recolha de três vasos completos foi interpretada como sinalizando uma área de necrópole (N28) (*Idem, ibidem*).

Achados ou espólio

Não foram referenciadas recolhas, mencionando-se apenas cerâmica de cobertura de tipo romano.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado do Outeiro	Povoado		**P19**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Luzim	Cerrado do Papeiro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,151114; -8,242693	250	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Apenas se registam trabalhos de prospeção, nos anos ’60 por parte de F. Lanhas e D. P. Brandão (LANHAS; BRANDÃO, 1965), na década de 1980 por Teresa SOEIRO (1984) e, mais recentemente, de responsabilidade da equipa do Museu Municipal de Penafiel, designadamente no âmbito de atualização da carta arqueológica do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 20.6).

Descrição

A descoberta deste sítio arqueológico deve-se a Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão, que documentam «vestígios luso-romanos» diversos, nomeadamente elementos de construção, como fustes de coluna e muita pedra aparelhada, em granito, reaproveitada em muros divisórios de propriedade, a par de fragmentos de material cerâmico de cobertura de feição romana, vestígios para os quais arriscam até uma datação, entre os séculos II e IV (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 296-297). Mais de década e meia depois, Teresa Soeiro relocalizou estes vestígios e confirmou as informações, recolhendo naquele «Cerrado do Papeiro», um local aberto e de meia encosta entre bouças e campos agrícolas, os vestígios de um povoado de época romana, aberto e de reduzidas dimensões, preferindo não sugerir qualquer cronologia (SOEIRO, 1984: 51-52).

Achados ou espólio

Indicação e ilustrações de material de construção (*tegula* e *imbrex*), e elementos construtivos (fustes e pedra aparelhada).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1965) – Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico [Parcela 124-6, no Concelho de Penafiel]. *Revista de Etnografia*, 4:2. Porto, p. 275-321

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta de Crestelo	Povoado? Castro ?		**P20**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Paço de Sousa	Quinta de Crestelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,161115;-8,337142	290	Idade do Ferro (?); Romano?	

Trabalhos arqueológicos

Não há notícia de trabalhos arqueológicos, para além daqueles decorrentes da mera prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 100), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 15.8).

Descrição

O povoado é referenciado por Teresa SOEIRO (1984: 100), que descreve alguns indícios topográficos eventualmente correspondentes a «muralhas concêntricas», desfiguradas por minas de água e frentes de exploração de pedra; curiosamente não refere quaisquer materiais de superfície, tão só, em campos próximos, pedras aparelhadas detetadas nas lavras e uma necrópole romana (N36).

Achados ou espólio

Não referido expressamente em relação a este povoado.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

No processo de revisão da carta arqueológica municipal para o novo PDM em elaboração, a respetiva ficha informa que uma construção recente terá destruído parte significativa da coroa, propondo-se a alteração da designação de «povoado» para «castro» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 15.8), o que, pela nossa parte, e face à informação disponível, não entendemos relevante (se bem que o diminutivo *Crestelo* o sugira) optando por manter a designação original de T. Soeiro.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Santa Luzia	Povoado		**P21**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Penafiel	Santa Luzia, Moazares

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,201682;-8,299638	230	Romano (?)	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Documentam-se, essencialmente, ações de prospeção, feitas por Teresa SOEIRO (1984: 85-86), Paulo Amaral e R. Teixeira (AMARAL; TEIXEIRA, 1998) e outros investigadores; em anos mais recentes, também por parte dos arqueólogos municipais de Penafiel, para monitorização da respetiva carta arqueológica municipal, nomeadamente para informar a cartografia patrimonial do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 6.8). Mas entretanto, algumas escavações foram realizadas nas imediações, designadamente sob responsabilidade de Francisco Queiroga, na década de 1990, no Monte de Santa Luzia, que apenas proporcionou elementos de época moderna (AMARAL; TEIXEIRA, 1998: 53, n. 2); e a cerca de 500 metros a norte da Capela de Santa Luzia, onde trabalhos dirigidos por Maria José Santos em 2001 permitiram detetar «espólio e estruturas de aparelho construtivo de época romana» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 6.8, citando o respetivo relatório técnico).

Descrição

O sítio arqueológico localiza-se junto à antiga igreja de Santa Luzia e é, por vezes, designado entre os técnicos como «núcleo» de Santa Luzia ou Moazares, sublinhando talvez a sua complexidade espacial e cronológica. Registado por curiosos locais, foi inventariado por Teresa Soeiro no seu amplo levantamento da região, autora que registou a presença de grande cópia de material cerâmico de cobertura romano, mós manuais circulares e fustes de colunas, concluindo que deveria ter sido «um povoado aberto vocacionado para a exploração agrícola dos campos que descem até ao rio» (SOEIRO, 1984: 89), eventualmente de época tardia.

A oeste deste local, a elevação de Santa Luzia é por vezes interpretada como um castro apontando-se a existência de muros e muralhas e a recolha de espólio arqueológico diverso, como telha romana (MENDES, 1967: 57, 59), mas a intervenção arqueológica aí realizada, que acima referimos (AMARAL; TEIXEIRA, 1998: 53, n. 2) nada detetou de época tão antiga. A escavação de M. J. Santos, não muito longe, identificou vestígios que a responsável atribuiu, talvez, «a um casal rústico, cronologicamente atribuível à antiguidade tardia» (cit. em MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 6.8).

Deste modo, parece que estamos na presença de um sítio de grande densidade temporal e ocupacional, certamente com raízes, pelo menos, na época romana e perduração medieval evidente por outras notícias e achados (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, *cit*., com bibliografia exaustiva), que só estudos mais abrangentes poderão delimitar e enquadrar mais convenientemente.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram conservados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

AMARAL, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – Elementos para a Carta Arqueológica de Penafiel. In *Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, I* [«Cadernos do Museu», 2]. Penafiel: Museu Municipal, p. 51-77

MENDES, Joaquim J. (1966/1967) – O castro de Santa Luzia (Penafiel). *Penafiel*, 2.ª série, volume 4-5. Penafiel, p. 57-62

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado do Souto Novo	Povoado		**P22**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Peroselo	Outeiro; Outrela

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,141905;-8,269636	300	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Há apenas registo de trabalhos de prospeção, que se sucederam aos achados casuais, feitos por volta de 1984 (SOEIRO, 1984: 55), nomeadamente, e mais recentemente, os reconhecimentos realizados pelo Museu Municipal, no contexto do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 19.5).

Descrição

A notícia registada por Teresa Soeiro relata a descoberta acidental, por alturas de 1984, refere que «ao alargar a estrada e abrir alicerces de habitações», se acharam «segmentos de muro em pequeno aparelho de faces quadrangulares, pedaços de tégulas e ímbrices e ainda mós circulares», que interpreta como indícios de outro povoado aberto, «instalado próximo do limite dos campos» (SOEIRO, 1984: 55), sem que se saiba se a descoberta teve outros desenvolvimentos.

Na mesma nota, a autora refere outros vestígios por si localizados nas imediações, designadamente um possível povoado fortificado, situado sobre um outeiro à cota de 343 metros, a OSO. do local do achado acima descrito.

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MIRANDA, Abílio (1952) – Bois ou vacas? *Terras de Penafiel*, n.º IV, Penafiel: [s.p.]

MIRANDA, Abílio (1955) – Freguesia de Santa Maria do Banho. Sep.do jornal *O Penafidelense,* de Abril de 1955, [In *Terras de Penafiel,* vol. IV]. Penafiel: [s.p.]

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

Entre a localização que nos foi facultada pelos serviços do Museu Municipal de Penafiel e indicada por SOEIRO (1984: 55), parece haver algum desfasamento, ficando a primeira cerca de 700 metros a sul da mencionada por esta última investigadora. Como fizemos em outros casos de divergência pontual, dados o benefício da dúvida a quem conhece o terreno e privilegiamos as fontes institucionais, considerando até, neste caso, a vantagem decorrente da utilização das novas ferramentas cartográficas.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado da Póvoa	Povoado		**P23**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Rans	Póvoa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,178504;-8,308046	270	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Para além de prospeções feitas no âmbito de levantamentos regionais (SOEIRO, 1984: 28-29) e, mais recentemente, novos reconhecimentos realizados pelo Museu Municipal, no contexto do inventário da carta de património arqueológico que consta do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 10.2), o principal trabalho arqueológico executado nas imediações foi o acompanhamento das obras de requalificação da envolvente da Capela de Nossa Senhora do Desterro (Marecos), em 2001, trabalho que permitiu a identificação de fragmentos de tégula e de cerâmica comum romana (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., *ibid*.).

Descrição

O lugar onde se localiza o povoado, que fica próximo da via romana que se dirigia ao Douro, é, na expressão de Teresa Soeiro, «um desses núcleos implantados nas zonas baixas, com restos cobrindo uma pequena extensão aberta, em que as pedras de construção, a tégula e *imbrex* e a cerâmica comum abundam» (SOEIRO, 1984: 28), não se encontrando, desde então outras informações especialmente relevantes (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 10.2).

A mesma investigadora associa a este povoado a conhecida Ara de Marecos (registo E17), datada do ano de 147, encontrada junto da Capela de Nossa Senhora do Desterro (MIRANDA, 1952; 1955) e que testemunha o rito sacrificial anual de alguns animais, feito pela comunidade dos *Danigi* a um conjunto de deidades indígenas e romanas, colocando a hipótese da cerimónia ter tido lugar no povoado.

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MIRANDA, Abílio (1952) – Bois ou vacas? *Terras de Penafiel*, n.º IV, Penafiel: [s.p.]

MIRANDA, Abílio (1955) – Freguesia de Santa Maria do Banho. Sep.do jornal *O Penafidelense,* de Abril de 1955, [In *Terras de Penafiel,* vol. IV]. Penafiel: [s.p.]

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado de Codes	Povoado		**P24**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Rio de Moinhos	Quinta de Codes

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,113550; -8,255488	215	Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Apenas foram levados a cabo trabalhos de prospeção e reconhecimento. Primeiro, Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão identificaram e noticiaram o interesse arqueológico do local (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 298-299); posteriormente, Teresa Soeiro, confirmou aqueles vestígios arqueológicos e estudou os materiais conservados no Museu (SOEIRO, 1984: 53, 55). Mais recentemente, os serviços de arqueologia do Museu Municipal de Penafiel verificaram todos estes indícios no marco do processo de revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 23.1).

Descrição

Este é outra das situações, frequentes em Penafiel, onde ao que parecem constituir restos de um «povoado» se associa uma área de necrópole. Ambos foram, pela primeira vez, noticiados por Domingos de Pinho Brandão e Fernando Lanhas – sem fazer esta distinção –, no quadro dos seus trabalhos de levantamento de uma ambiciosa carta arqueológica regional. Lanhas e Brandão atribuem os achados aos campos designados como da Vinha de Baixo e da Vinha de Cima, sem precisar muito a natureza dos vestígios, se bem que ilustrem cerâmicas (certamente da necrópole), a par de um vidro romano tardio e dois pesos, um em pedra e outro em chumbo com uma argola em ferro (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 298-299).

A reavaliação destes achados, feita por Teresa Soeiro, pretendeu, desde logo, deslindar os artefactos que poderiam ser atribuídos à necrópole daqueles que indiciam o povoado. Ao cemitério, que terá aparecido, em trabalhos agrícolas, entre 1956 e 1957, como informaram ainda os autores anteriores, correspondem mais de duas dezenas de recipientes cerâmicos, dos comuns em necrópoles tardias da região, e fragmentos de quatro peças em vidro (havendo, também, notícia de moedas, que não puderam ser localizadas), materiais cuja análise levou T. Soeiro a propor que poderia tratar-se de uma necrópole de inumação (dada a boa conservação das louças) do Baixo-Império (SOEIRO, 1984: 54-55). Indiciadores de uma área residencial serão «mais de uma dezena de moinhos circulares, muitas pedras com face aparelhada e algum tambor de fuste liso» (*Ibidem*, 54).

Em síntese, propõe-se que em Codes tenham sido observados os restos de uma «ocupação romana tardia, implantada numa zona aberta, agricolamente fértil» e, aparentemente, de extensão reduzida (*Idem, Ibid.*, 55).

Achados ou espólio

Considerando que o espólio cerâmico e vítreo que deu entrada no Museu Municipal provirá de contextos funerários, os materiais relacionáveis com o povoado serão, essencialmente, as mós giratórias, pedra aparelhada e algum fuste de coluna, além, porventura, do peso em chumbo. Ignora-se se algum daqueles restos arquitetónicos terá sido recolhido.

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Museu Municipal de Penafiel (?)

Referências

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1965) – Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico [Parcela 124-6, no Concelho de Penafiel]. *Revista de Etnografia*, 4:2. Porto, p. 275-321

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Povoado do Outeiro	Povoado		**P25**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Santiago de Subarrifana	Outeiro, Marquinho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,220283;-8,301306	191	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Na sequência de uma descoberta casual, no contexto de trabalhos agrícolas (plantação de vinha), no ano de 1965, o Município de Penafiel, através da «Comissão Municipal de Cultura», mandou proceder a breves escavações no local, do que resultou a identificação desta necrópole (N44) e de vestígios de uma área habitacional (SOEIRO, 1987). Entretanto, trabalhos de reconhecimento mais recentes, feitos pelo Museu Municipal, cartografaram o sítio, com área de proteção, para informar o processo de revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 9.1).

Descrição

A história da descoberta e consequente escavação destes achados encontra-se bem documentada, graças a documentação interna da Autarquia e à cobertura da imprensa local (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 9.1). A ocorrência dos primeiros vestígios foi casual, ao remover terras para plantação de vinhas, tendo-se dispersada uma parte do espólio, enquanto outros objetos foram confiados ao Museu Municipal (MUNICÍPIO…, *ibid*.; SOEIRO, 1987: 235). Na sequência dos achados, e da localização de uma nova sepultura, as entidades municipais tomaram a iniciativa de promover escavações no local, tendo sido abertas três valas, uma para caracterizar a sepultura detetada e outras duas de avaliação de terrenos envolventes, totalizando a escavação cerca de 15 m^2 (SOEIRO, 1987: 235-236).

Destas últimas valas, a segunda não revelou estruturas antigas, mas a terceira, alongada numa extensão de oito metros, permitiu a descoberta de «um muro com 45 cm de largura, prolongado em arco», conservando ainda 25 a 40 cm de altura (SOEIRO, 1987: 236). A mesma autora informa que à data em que publicava esta notícia (1987) ainda podia «ser recolhido espólio» no local, ainda que não precise de que natureza (*Idem, ibid*.).

Considerando que a sepultura foi datada, pela mesma investigadora, como do século IV (*Idem, ibid*.), talvez possa presumir-se cronologia idêntica para a construção revelada pela escavação.

Achados ou espólio

Respeitante especificamente à área habitacional não é referenciado na bibliografia qualquer espólio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1987) – Povoado e necrópole do Outeiro (Santiago de Subarrifana, Penafiel). *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Vol. XXVII, fasc. 1-4. Porto, p. 235-236

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Cedofeita	Núcleo de povoamento		**P26**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Cedofeita	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.155781; -8.621731	80	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Foram feitas, pelo menos, quatro intervenções arqueológicas, com sondagens, que concorreram para a definição deste núcleo de povoamento na área urbana do Porto.

Descrição

Correspondendo à grande tradição do templo românico como igreja de fundação alto-medieval, o que certamente terá potenciado a ocupação da área envolvente (REAL; SILVA, 2018: 206; SILVA; REAL, no prelo), vários trabalhos arqueológicos têm vindo a confirmar vestígios, por ora ainda ténues, de ocupação romana na região.

Tais testemunhos ocorreram na envolvente imediata da pequena igreja medieva, nomeadamente fragmentos de vidro romano (CDF.01; CDF.02; ARGÜELLO MENÉNDEZ, 2002; 2003) e, mais recentemente, em ruas próximas, onde têm vindo a ser detetados, mais correntemente, fragmentos de *tegulae*, como se verificou no Largo do Priorado, n.º 20 (PRD20.11; ALMEIDA; SOARES, 2012a); no mesmo largo, n.º 94-100 (PRD94.19; LAMEGO *et al*., 2019; ou na Rua da Igreja de Cedofeita, n.º 11 (RIC11.06; PIEDADE; LOUREIRO, 2006).

Temos, assim, um núcleo de povoamento romano «em construção», ou seja, aguardando o contributo de novas intervenções que ali tenham lugar.

Achados ou espólio

Fragmentos de *tegulae* e também vidros.

Estado do espólio	Localização do espólio
Variável	C. M. Porto; empresas

Referências

ALMEIDA, CB, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2012a) – *Relatório final. Sondagens Arqueológicas. Largo do Priorado, nº 20 – Porto – 2011.* Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto datilog.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge (2002) – *Igreja de Cedofeita. Porto. Relatório preliminar das sondagens de avaliação arqueológica.* Porto: J. Menéndez, Lda. Texto datilog.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge (2003) – *Informação preliminar dos resultados do Acompanhamento Arqueológico das obras de renovação de infra-estruturas de águas pluviais no exterior da Igreja românica de Cedofeita - Porto. Junho de 2003.* Porto: J. Menéndez, Lda. Texto datilog.

LAMEGO, Hernâni; GOMES, Nuno; SILVA, João; SERRAS, Martinha (2019) – *Largo do Priorado n.º 94 a 100, Porto. Nota Técnica*. Porto: Civitas Arqueologia. Texto datilog.

PIEDADE, Marta G.; LOUREIRO, Carlos F. (2006) – *Relatório Preliminar. Sondagens arqueológicas. Rua da Igreja de Cedofeita, nº 11. Porto.* V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda.. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; SILVA, António Manuel S. P. (2018) – Portumcalem Castrum Novum na época sueva. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 205-210

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo) – A cidade do Porto no período tardo-antigo e alto-medieval. In *Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança».* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Mouteira/Serralves	Casal (?)		**P27**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Lordelo do Ouro	Condominhas, Mouteira

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.152916; -8.649178	45-50	Romano-Indeterm.; Baixo-Império	

Trabalhos arqueológicos

O local foi identificado com as sondagens feitas nas Condominhas, junto à igreja paroquial de Lordelo do Ouro, em 2004. Duas intervenções sucessivas no mesmo local (ILD.04 e ILD.07), a que se junta um achado recente (MOU.21), possivelmente relacionado com o anterior, configuram este núcleo de povoamento.

Descrição

Nos terrenos contíguos à igreja matriz apareceu um vasto conjunto de ruínas de construções, de planta ainda indefinida, correspondendo a vários edifícios ou compartimentos dispersos por uma área relativamente ampla (ILD.04; NASCIMENTO, DELGADO, SOUSA, 2004; *Centro Social*…, 2006; e ILD.07; SILVA *et al*., 2007; no prelo).

Poderá tratar-se de um simples casal rural, como também alguma forma de povoamento concentrado de nível intermédio, em ambos os casos sendo notória a modéstia do espólio romano exumado, praticamente reduzido a cerâmica comum e de cobertura e apontando para uma cronologia tardo-antiga.

A descoberta, muito recentemente, a poucas centenas de metros a nor-noroeste deste local, de um talude de terreno de onde se recolheu tégula e outros materiais tardo-romanos (MOU.21) poderá sugerir, ou não, o alargamento até esse ponto do *sítio* da Igreja de Lordelo, mas há que aguardar que uma intervenção arqueológica com escavação valide ou aprofunde estas sugestões.

Achados ou espólio

Espólio romano diversificado, com predomínio do material de construção.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	C. M. Porto; empresa

Referências

NASCIMENTO, André M.; DELGADO, Carlos S.; SOUSA, Laura P. (2004) – *Sondagens arqueológicas na Rua das Condominhas, nº 701, Lordelo do Ouro, Porto. Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos*. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto dactilografado

Centro Social e Paroquial de Lordelo do Ouro. Intervenção Arqueológica. V. N. Gaia: Empatia – Arqueologia, Lda., 2006. Desdobrável

SILVA, António Manuel S. P.; RODRIGUES, Miguel; SOUSA, Laura; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (2007) – Sondagens arqueológicas na área prevista para a construção do Centro Social e Paroquial de S.

Martinho de Lordelo do Ouro – Porto. Relatório preliminar. Porto: Câmara Municipal/Direcção Regional de Cultura do Norte. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 256, n.º 78

SILVA, António Manuel S. P.; RODRIGUES, Miguel; SOUSA, Laura; BARBOSA, Sandra; RIBEIRO, Manuela C. S. (no prelo) – Trabalhos arqueológicos na área prevista para a construção do Centro Social e Paroquial de S. Martinho de Lordelo do Ouro – Porto. Relatório final. Porto: Câmara Municipal/Direção Regional de Cultura do Norte. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Santa Catarina/Ouro	Núcleo de povoamento		**P28**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Lordelo do Ouro	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.149507; -8.651356	42	Idade do Ferro; Romano	Indeterminado

Trabalhos arqueológicos

Foram já feitas, nas últimas duas décadas, perto de uma dezena intervenções arqueológicas, com sondagens, que concorreram para a progressiva definição deste núcleo de povoamento na área urbana do Porto.

Descrição

Numa pequena elevação, à cota de 40 metros, de localização estratégica para o controlo da entrada da barra e do curso terminal do Douro (e que por isso serviu, durante séculos, de baliza para as embarcações) ergueu-se no século XIV uma ermida de invocação marinheira (BARROS, 2016: 76-77, 218-219).

Após uma primeira sondagem, de apenas, oito metros quadrados, feita no sopé, a nascente, ter revelado significativos materiais da Idade do Ferro e época romana (CLO.01; ABRANCHES, 2001), o sítio começou a ser sinalizado como potencial habitat sidérico (SILVA, 2010c: 233), o que várias intervenções mais recentes têm vindo a confirmar, não só pela presença de espólio da Idade do Ferro, como também romano, tanto materiais de construção, como cerâmica doméstica e outros itens, todavia quase sempre em pequena quantidade e descontextualizado.

Não ocorreram ainda quaisquer vestígios de estruturas. Como no texto se descreve, uma escultura antropomórfica aparecida nas vizinhanças pode, eventualmente, ser aproximada de contextos proto-históricos, mas a cabeça humana (ACH-18) não tinha enquadramento arqueológico seguro (COUTO; RODRIGUES, 2017) e, entretanto, extraviou-se. Em época romana, o local, situado entre duas ribeiras afluentes do Douro, deve ter estado associado a um ponto de atravessamento deste rio e área de fundeadouro, ali tendo início a *Via Veteris*, um eixo de comunicação com as povoações do litoral nortenho (ALMEIDA, CB, 1980).

Os trabalhos arqueológicos que têm vindo a permitir delimitar este núcleo de povoamento são, por ora, os seguintes: CAL.02, CLO.01, CTO.09, LCR143.17, LCR160.18, SBM59.18, SCT1.17, TLC130.19, cujas referências, quando disponíveis, se indicam abaixo, devendo ver-se as fichas próprias de inventário para maiores detalhes.

Achados ou espólio

Na principal intervenção (CLO.01) regista-se a identificação de cerâmica micácea, *terra sigillata*, ânfora e outros elementos; posteriormente, tem aparecido, especialmente, material cerâmico de construção e louça doméstica romana, mas também em peso de tear e outros objetos, descritos nas fichas de intervenção.

Estado do espólio	Localização do espólio
Variável	C. M. Porto; empresas

Referências

ABRANCHES, Paula B. (2001) – *Intervenção arqueológica no Largo da Calçada do Ouro. Porto. Relatório final.* Perosinho: Archeo'estudos. Texto dactilografado

ALMEIDA, CB, Carlos A. Brochado de (1980) – *Via Veteris.* Antiga via romana? In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 3. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 151-170

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002a) – *Relatório das sondagens arqueológicas. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Lordelo do Ouro - Porto - 2002.* Vila do Conde. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003b) – *Relatório do acompanhamento arqueológico. Empreendimento "D'Ouro Villa" - Porto.* Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto dactilografado

BARROS, Amândio J. M. (2016) – *Porto. A construção de um espaço marítimo no início dos tempos modernos*. Lisboa: Academia da Marinha

COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2017) – *Nota Preliminar. Projecto de recuperação e ampliação de uma moradia unifamiliar sito na Rua Luís Cruz nº 143/145, freguesia Lordelo do Ouro, concelho do Porto*. Porto: Império Arqueologia. Texto datilog., s.d. [c. 2017]

COUTO, Rui (2017) – *Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Execução de Sondagens Arqueológicas de Avaliação. (…) Nota técnica/Relatório Preliminar, 2017*. Vila Nova de Gaia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

COUTO, Rui (2019) – *Rua do Senhor da Boa Morte, 215A/Largo de Santa Catarina, 1 (Lordelo do Ouro, Porto) – Sondagens Arqueológicas Prévias. Acompanhamento Arqueológico de Obra. Relatório Final*. Moreira da Maia: AFA – Arqueologia e Formação Aplicada. Texto datilog.

MARÇAL, Helena; SAMPAIO, Maria da Luz; FONSECA, Jorge; SOUSA, Paulo, P. (2013) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Central Termoeléctrica do Ouro. Porto 2012*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

PEREIRA, Graça (2019) – *Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Travessa Luís Cruz n.º 130. Porto 2019*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

RAIMUNDO, Francisco (2018) - *Requalificação de Edifícios sitos na Rua de Luís Cruz, n.º 150-160, Porto. Minimização de Impactes. Sondagens Arqueológicas. Nota Técnica*. Porto: Omniknos Arqueologia

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Campo do Rou/Cristelo	Núcleo de povoamento		**P29**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Massarelos	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.147239; -8.630566	16-18	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Um trabalho de acompanhamento de obra (CRM.00) na via pública (instalação de infraestruturas e requalificação de pavimentos, permitiu, há cerca de 20 anos, identificar a ocupação romana deste local da cidade (SILVA, 2010c: 253-254, n.º 61-62) e condicionar patrimonialmente outras intervenções projetadas para a área. Em resultado destas medidas cautelares, detetaram-se vestígios romanos em outras sete intervenções, um núcleo de povoamento que assim começa a definir-se.

Descrição

O Campo do Rou, lugar antigo da cidade, é um pequeno núcleo de casario a arredondar uma pequena colina, sobranceira ao Douro, que não chega aos vinte metros de altitude. Perto, a nascente, outro lugar de ressonância arcaica, o Cristelo – separado do Rou pela ribeira de Vilar – evoca, talvez, qualquer povoado proto-histórico das imediações (eventualmente no morro onde no século XIX se edificou o Palácio de Cristal), castro que, porém, nunca foi identificado.

Na maior parte dos trabalhos ali realizados, entre os que interessam a esta época, registaram-se materiais romanos correspondentes a achados dispersos e descontextualizados (OTR25.01, CSP3.13, CSPE3.13, CPR21.17), como pode ver-se nas fichas respetivas. Todavia, nos trabalhos de CRM.00 detetaram-se estratigrafias preservadas de época romana (RIBEIRO; NOGUEIRA, em prep.); e mais recentemente, também numa parcela situada entre a Rua da Flora e a Rua do Campo do Rou (ROU9.17), observou-se um nível homogéneo, provavelmente de preparação de um piso, com espólio romano abundante e diversificado (SÁ; SOARES, 2017). Ainda, na Rua da Restauração, 105-117/Entrequintas, 7-11 (RST105.18), em trabalhos ainda em curso, encontrou-se um forno, talvez de cronologia tardo-antiga (SOARES; VILARINHO, 2018).

É prematuro, por enquanto, precisar a cronologia ou a natureza deste núcleo de povoamento romano.

Achados ou espólio

Os materiais cerâmicos romanos respeitam, essencialmente, a tégula, registando-se, no entanto, cerâmica comum e outra, ainda não estudada.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serv. municip. arqueologia

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003c) – *Relatório preliminar das sondagens arqueológicas. Rua Casal de Pedro, nº 3 - Porto - 2003.* Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2013) – *Relatório final. Sondagens arqueológicas. Rua Casal de Pedro, nº 5, Porto – 2003.* Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto dactilog.

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge; COSME, Susana R. (2001) – *Rua do Outeiro, 25. Massarelos, Porto. Relatório das sondagens de avaliação arqueológica.* Porto: [s.n.]. Texto dactilografado

BARBOSA, João Paulo (2013) - *Acompanhamento arqueológico. Rua Casal do Pedro, 3 (CSP-E3.13) (Painhas, SA/EDP), Massarelos - Porto.* Relatório Final. Porto: Logiark, Serviços Arqueológicos Unipessoal, Lda. Texto datilog

PEREIRA, Gabriel R. (2017) - *Intervenção Arqueológica Imóvel sito na Travessa Campo de Rou, n.º 21-23 (Porto). CPR21.17. Nota técnica*. Esmoriz: Nexo, Património Cultural

PRIETO, Roger; PAZ, Alexandra (2018) - *Acompanhamento Arqueológico. Relatório Final. FLR19.17. Rua da Flora, 19-23 (…).Porto.* Porto: Barqueno. Texto datilografado

RIBEIRO, Manuela C. S.; NOGUEIRA, Sandra (em prep.) - *Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação dos "Caminhos do Romântico". Relatório Final.* Porto: Câmara Municipal, Texto datilog.

SÁ, Edite Martins; SOARES, Sofia Pinho (2017) - *Sondagens arqueológicas no Campo do Rou, 9 e Rua da Flora, Massarelos, Porto. Nota técnica.* Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

SOARES, Sofia Pinho; VILARINHO, Gil (2018) – *Sondagens arqueológicas na Rua da Restauração, 105-107, 111-117, e Rua de Entre-Quintas, 7-11. Massarelos, Porto. Nota Técnica.* Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Miragaia	Núcleo de povoamento		**P30**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Miragaia	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.142896; -8.619747	4-60	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

A par de algumas notícias de achados antigos, numismáticos e epigráficos, várias intervenções arqueológicas, desde a década de 1990, têm vindo a confirmar, de forma esparsa mas repetida, a ocupação romana deste núcleo de povoamento (SILVA, 2010c).

Descrição

Antigo arrabalde medieval da cidade portuense, ligado ao comércio e às gentes do rio (BARROS, 2016: 31, 198, *passim*), o núcleo de Miragaia, parece ter já constituído aglomerado distinto do *uicus* de *Cale* em tempos romanos.

Aqui se concentram notícias de achados vários: uma ara votiva (E23) e um tesouro monetário tardo-romano (ACH-02), perdidos, a que acresceu modernamente uma estela funerária romana (E22). Em várias intervenções arqueológicas têm sido documentas tanto *tegulae* como louça comum romana, como é o caso de MIRG.96, MRGA.96, TGN3.04, SPM26.16, SPM20.17, podendo consultar-se as fichas individuais para pormenorização.

Recentemente, o alicerce de um ângulo de construção tardo-romana, aparentemente de grandes dimensões, foi observado durante as obras de uma casa frente à igreja paroquial (LPM1.19; SOARES; GONÇALVES, 2020: 38). Curiosamente, a ocupação romana não parece subscrever-se à zona baixa do lugar, junto ao rio Frio, com altimetria entre os 4 e os 8 metros, ocorrendo também materiais em zonas de encosta mais elevadas (BAN78.04 e TGN3.04), circunstância, por ora, de difícil explicação.

Achados ou espólio

Principalmente material cerâmico de construção, mas também, mais ocasionalmente, louça comum e vidros.

Estado do espólio	Localização do espólio
Variável	C. M. Porto; empresas

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2016) – *Relatório final (Sondagens arqueológicas). Rua de S. Pedro de Miragaia, nº 26-58, – Porto – 2016.* Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto dactilog.

ERASUN, Ricardo (2017a) - *Rua de S. Pedro de Miragaia, n.º 18-20, Porto. Nota técnica*. S.l. [Guimarães]: S.e. [Arqueoges]. Texto datilog.

OSÓRIO, Maria Isabel P.; SILVA, António Manuel S. P. (1996a) – *Intervenção arqueológica de emergência na Rua de Miragaia, 75-76 – Porto. Relatório preliminar.* Porto: Câmara Municipal. Texto dactilografado

PEREIRA, Graça; FONSECA, Vítor (2004a) – *Sondagens arqueológicas. Rua da Bandeirinha, 78-80. Relatório preliminar. Porto. 2004.* Porto: Arqueologia & Património. Texto dactilografado

PEREIRA, Graça; FONSECA, Vítor (2004b) – *Relatório. Trabalhos arqueológicos no âmbito do projecto imobiliário de remodelação do edifício na Rua da Bandeirinha 78-80.* Porto: Arqueologia & Património. Texto dactilografado

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (no prelo) – *Uma sondagem arqueológica na Fábrica de Louça de Miragaia (Rua de Tomás Gonzaga, 3-13, Porto). Relatório.* Porto: Câmara Municipal. Texto dactilografado

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (2008) – Uma sondagem arqueológica na Fábrica de Cerâmica de Miragaia. In CORREIA, Margarida R. (Coord.) – *Fábrica de Louça de Miragaia. Museu Nacional de Soares dos Reis (…) Museu Nacional do Azulejo (…) [Catálogo].* Lisboa: Ministério da Cultura/IMC, p. 85-89

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

SILVA, António Manuel S. P.; OSÓRIO, Maria Isabel P.; (1996) – *Sondagem arqueológica de avaliação. Rua de Miragaia, 123-124 – Porto. Relatório preliminar.* Porto: Câmara Municipal. Texto dactilografado

SOARES, Sofia; GONÇALVES, Mário (2020) – *Sondagens Arqueológicas no Largo de São Pedro de Miragaia, 1-2. Miragaia, Porto. Nota Técnica. Dezembro 2019 – Janeiro 2020*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Cividade	Núcleo de povoamento		**P31**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Sé	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.144563; -8.610128	79	Idade do Ferro; Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Na colina da antiga *Cividade*, topónimo que, documentalmente, se alarga na Baixa Idade Média ao sopé da elevação, correspondente às atuais Rua do Loureiro e Praça de Almeida Garrett, os primeiros trabalhos arqueológicos foram realizados por Mendes Correia, em 1932, com resultados pouco promissores. Em 1990-1991 tiveram lugar novas sondagens, com direção conjunto de arqueólogos do Município e da Universidade do Porto (CIV.90). Já no século XXI tiveram lugar diversas intervenções comerciais, feitas ao abrigo do regime de salvaguarda arqueológica daquela área, registando-se materiais destes horizontes culturais apenas nos projetos SBT.01-05, CAT22.10 e CHA109.17.

Descrição

Ao sítio da *Cividade* portuense – particularmente, a zona do antigo Largo do Corpo da Guarda, destruído nos começos da década de 1950 para a abertura da Avenida Afonso Henriques – ficará sempre reservado lugar de destaque na historiografia das origens do núcleo urbano, em resultado da tese de A. A. Mendes Correia, que na década de 1930 propôs que ali tivesse tido sede o primitivo aglomerado romano e pré-romano, muito embora tivessem sido pouco conclusivas algumas escavações que chegou a promover (CORREIA, 1932a; 1934a; 1935; 1950). Não obstante algumas vozes discordantes (MACHADO, 1955, 1956; ALBUQUERQUE, 1962, 1965), a teoria de Mendes Correia resistiu durante décadas, e só nos começos dos anos ’80, com as primeiras escavações arqueológicas no morro da Penaventosa (REAL *et al*., 1986), o «berço» da cidade do Porto foi para aqui deslocado.

A revisão dos materiais arqueológicos exumados por Mendes Correia nos trabalhos de 1932, bem como de outras recolhas e escavações da década de 1950 (BARROCA, 1984), conduziu à constatação de que, na verdade, foram ali recolhidos cerâmicas e outros materiais romanos e da Idade do Ferro, mas em escassa percentagem, conclusão que também pode colher-se do espólio de CIV.90 (OSÓRIO *et al*., 2008).

Os trabalhos mais recentes, incidindo tanto na parte mais elevada do que resta da colina original – atuais Rua Chã, Rua do Cativo e parte superior da Rua do Loureiro – como no sopé, sensivelmente a norte, só pontualmente tem revelado materiais romanos ou de cronologia anterior. No primeiro caso, registam-se tais recolhas apenas em CAT22.10 (PRIETO; BARBOSA, 2011) e CHA109.17 (SOARES; GONÇALVES, 2018); na área de cota baixa, tão só em SBT.01-05 (uma vez que outros achados, já na margem direita do rio de Vila, foram agregados ao núcleo de povoamento da Vitória). Em todos estes casos apenas apareceram materiais relativamente dispersos e descontextualizados, ainda que na parte baixa (SBT.01-05; BOTELHO, 2007; BOTELHO, CHENEY, 2006; BOTELHO, GOMES, 2011, 2017; COSME, 2003a, 2003b;) a sua distribuição pareça mais uniforme e recorrente.

Desta forma, tendo de admitir-se a ocupação romana (e talvez pré-romana) da Cividade, os dados são ainda insuficientes para aferir a sua cronologia e modalidades.

Achados ou espólio

O espólio mais relevante é o de CIV.90, que inclui *tegula* e *imbrex*, cerâmica comum romana, ânfora, cerâmica romana pintada, cinzenta fina, algum vidro romano e uma moeda do séc. IV (total 4,7% do conjunto), para além de espólio da Idade do Ferro, muito residual (1,2%), segundo os registos (OSÓRIO et al. 2008). Os materiais das intervenções mais recentes resumem-se, praticamente a tégulas, sendo mais raros a louça comum romana, os vidros ou as moedas.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Variável	C. M. Porto; empresas

Referências

ALBUQUERQUE, José A. de Pina Manique e (1962) – *Cale Civitas in Gallia*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências

ALBUQUERQUE, José A. de Pina Manique e (1965) – *Cale Civitas in Gallia*. *Lucerna*, 4 [Actas 3º Colóquio Portuense de Arqueologia]. Porto, p. 89-96

BARROCA, Mário J. (1984) – II - As escavações de Mendes Correia na Cividade (1932) e as origens da cidade do Porto. *Arqueologia*. 10. Porto, p. 21-9

BOTELHO, Iva T. (2007) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de São Bento). MP-SBT07.05. Acompanhamento e escavação arqueológica na Rua do Loureiro de minimização dos desvios de rede (Santo Ildefonso, Porto). Relatório final. M1-LS-0109-PT-RT-AOH-SBT701-01. Setembro de 2007.* [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T.; CHENEY, António (2006) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT07-05. Acompanhamento e Escavação Arqueológica na Rua do Loureiro de Minimização dos Desvios de Redes (Santo Ildefonso, Porto). Relatório Preliminar. MP-569751/06*. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T.; GOMES, Luís F. C. (2011) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT – Final. Trabalhos Arqueológicos na Praça de Almeida Garrett e na Rua do Loureiro – 2001-2005 (Santo Ildefonso, Porto). M1-LS-0109-PT-RT-AOH-SBT001-03*. [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

BOTELHO, Iva T.; GOMES, Luís F. C. (2017) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha S – Troço T01.09 (Estação de S. Bento). MP-SBT – Resumo Não Técnico. Trabalhos Arqueológicos na Praça de Almeida Garrett e na Rua do Loureiro – 2001-2005 (Santo Ildefonso, Porto). M1-LS-0109-PT- MD-AOH-SBT007-07. março de 2017.* [Porto]: Metro do Porto; Arqueohoje. Texto datilog.

CORREIA, A. A. Mendes (1932a) – *As Origens da cidade do Pôrto*. V. N. Gaia: Edições Pátria

CORREIA, A. A. Mendes (1934a) – *Cale, Portucale e Porto*. [Sep. de «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», 6]. Santiago: Imprenta Paredes

CORREIA, A. A. Mendes (1935) – *As Origens da cidade do Porto (Cale, Portucale e Pôrto)*. 2.ª ed. rev. e ampl., Porto: Fernando Machado & C.ª

CORREIA, A. A. Mendes (1950) – O Porto, suas origens, evolução e perspectivas. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 13 (3-4). Porto, p. 218-37

COSME, Susana M. R. (2003a) – *Intervenção Arqueológica na Rua do Loureiro e Praça Almeida Garrett (Porto). Fase 3 – MP-SBT.03.02. Fase 4 – MP-SBT.04.02. Relatório final*. Porto: Archeo'Estudos. Texto datilog.

COSME, Susana M. R. (2003b) – *Intervenção Arqueológica na Rua do Loureiro e Praça Almeida Garrett (Porto). Fase 3 – MP-SBT.03.02 e Fase 4 – MP-SBT.04.02. Resumo não técnico*. Porto: Archeo'Estudos. Texto datilog.

MACHADO, António C. Sousa (1955) – Novas versões sobre o problema de Cale e Portucale. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 18 (3-4), p. 344-79

MACHADO, António C. Sousa (1956) – *As origens da cidade do Porto. O problema de Portucale*. Porto: Tavares MartIns

OSÓRIO, Maria Isabel P.; REAL, Manuel L.; SILVA, Armando C. F.; SILVA, António Manuel S. P. Silva (2008) – *Sondagens arqueológicas no Morro da Cividade (Sé, Porto). Relatório dos trabalhos realizados em 1990-1991*. Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

PRIETO DE LA TORRE, Roger; BARBOSA, João Paulo (2011) – *Rua do Cativo, 22 a 28. Sé, Porto. Sondagem de avaliação prévia e acompanhamento arqueológico. Relatório final*. Matosinhos: Logiark, Serviços Arqueológicos Unipessoal, Lda. Texto dactilog.

REAL, Manuel L. et al. (1985-1986) – Escavações arqueológicas no Morro da Sé. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. 2ª Série (3/4). Porto, p. 7-60

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

SOARES, Sofia Pinho; GONÇALVES, Mário (2018) - *Sondagens arqueológicas na Rua Chã, 109-115. Sé, Porto. Nota Técnica. Janeiro 2018*. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vila Baixa	Núcleo de povoamento		**P32**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Sé/São Nicolau	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.140795; -8.613862		Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Para além de alguns achados avulsos e observações pontuais feitas em valas de obra, na década de 1980, sobretudo na área da Ribeira/Barredo (ACH07 a ACH13; MENDONÇA, 1984), os primeiros trabalhos arqueológicos feitos na frente ribeirinha da cidade foram na Praça da Ribeira (PRI.80) e, depois, as escavações na Casa do Infante (CI.91), a que se seguiram muitas outras intervenções, das quais apareceram materiais ou estruturas de época romana em mais de duas dezenas.

Descrição

O núcleo da «Vila Baixa», designação medieval para nomear o núcleo urbano no sopé da Penaventosa, especialmente junto ao rio Douro, foi também na época romana um aglomerado de população próprio, certamente ligado ao antigo castro que se erguia a norte/noroeste, mas com particulares condições urbanas, correspondendo ao que classificamos como um *uicus*.
Os achados de ruínas ou espólios de época romana são aqui recorrentes (e muito pontuais, como se compreende, os da Idade do Ferro).
As intervenções onde recolhemos dados para a configuração material deste núcleo de povoamento (além dos trabalhos, achados e observações já referidos) são as seguintes: PCH.96-98, FTA12.97, FTA87.97, PIF.98-99, GIM.00, RCR14.00, MZS56.02, FRB.02, BLS44.05, FTA101.06, NAL16.06, INF9.09, MZS54.09, MSF.12, BUR24.13, FTA14.13, FTB.13, REB52.14, INF19.15 e RIB17.21.
Não sendo razoável detalhar aqui os resultados de todas aquelas intervenções, que podem consultar-se nas fichas respetivas e na bibliografia aqui apresentada, cabe destacar aquelas que proporcionaram a exumação de estruturas ou conjuntos artefactuais mais relevantes. A este propósito, os diversos trabalhos desenvolvidos no quarteirão da Casa do Infante, tanto nesta escavação, propriamente dita (CI.91; GOMES, 2011; DORDIO, TEIXEIRA, em prep.), como nas intervenções que antecederam a construção e ampliação de um estabelecimento hoteleiro, situado a nascente (INF.09; principalmente TEIXEIRA, 2015; e INF19.15; NOGUEIRA *et al*., 2017, 2018 e 2019), forneceram as estruturas mais relevantes, constituídas por restos de diversas habitações do Baixo-Império, pelo menos uma delas (CI.91) com pavimentos musivos (GOMES, 2011), mas encontraram-se restos de muros em outros locais, como na Rua de Mouzinho da Silveira, 54-56, igualmente de cronologia tardo-romana (MZS56.02; ALMEIDA, 2002b, 2002c, e também ALMEIDA, ALMEIDA, 2002).

Deste modo, a maior parte das construções e espólios parecem corresponder ao período do Baixo-Império, ocorrendo, todavia, alguns materiais que sugerem que essa ocupação possa ter-se iniciado ainda no século I, questão que requer estudos de materiais mais especializados.

Achados ou espólio

O material romano é muito diversificado, sendo os conjuntos principais constituídos pelo espólio das intervenções de CI.91, INF.09, INF19.15, PCH.96-98 e MZS56.02, este último já publicado (ALMEIDA, ALMEIDA, 2002). Foram também já realizados alguns estudos com o material numismático (MENDES-PINTO, 1999, 2004).

Estado do espólio

Variável

Localização do espólio

C. M. Porto; empresas

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; ALMEIDA, Pedro Brochado (2002) – Vestígios romanos encontrados na Rua Mouzinho da Silveira – Porto. *Portugalia*. Nova Série. 23. Porto, p. 155-84

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2000c) – *Avaliação de impacte arqueológico - Gaveto da Rua Infante D. Henrique/Rua Mouzinho da Silveira (S. Nicolau, Porto, Porto). Relatório Preliminar.* Coimbra: Dryas Arqueologia, s.d. [2000]. Texto datilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002b) – *Relatório preliminar das sondagens arqueológicas. Rua Mouzinho da Silveira, 56 – Porto - 2002.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2002c) – *Relatório final das sondagens arqueológicas. Rua Mouzinho da Silveira, 56 – Porto - 2002*. Vila do Conde. Texto datilografado

ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009) – *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos nos edifícios do Hotel Carris (Porto).* Porto: Ed. A. Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2006) – *Arqueologia no Porto. Sondagens de avaliação preliminar prévia. Rua da Fonte Taurina 99/101 - Rua de Cimo do Muro dos Bacalhoeiros 111/114. S. Nicolau - Porto (FTA101.06). Relatório preliminar*. Matosinhos: Logiark. Texto datilografado

BARBOSA, João P. (2008) – *Arqueologia no Porto. Sondagens de avaliação prévia e Acompanhamento Arqueológico. Rua da Fonte TaurIna 99/101 - Rua de Cimo do Muro dos Bacalhoeiros 111/114. S. Nicolau - Porto (FTA101.06). Relatório final.* Matosinhos: Logiark. Texto datilografado

BOTELHO, Iva T.; SÁ, Anabela P. (s.d.) – *Relatório preliminar dos trabalhos de avaliação do potencial arqueológico do edifício nº 14, 16 da Rua Cais da Ribeira*. S.l.: Autores, s.d. [c. 2000]

CENTENO, Rui M. S.; MENDES-PINTO, José M.; SILVA, Maria C. F. (2006) – *Sondagens arqueológicas na Rua Nova de Alfândega, 16-18 (…). Informações preliminares.* Porto: Etnos, Turismo e Património Cultural. Texto datilog.

CENTENO, Rui M. S.; MENDES-PINTO, José M.; FÉLIX, Maria C. (2008) – *Sondagens arqueológicas na Rua Nova de Alfândega, 16-18 (NAL16.06). Relatório Final.* Porto: Etnos, Turismo e Património Cultural. Texto datilog

De onde se partiu… (2014) – De onde se partiu: a leitura histórica através da arqueologia. O Porto debaixo deste Porto. In VALENÇA, Paulo (coord.) – *Mouzinho/Flores – Um Eixo de Mudança para o Centro Histórico.* Porto: Porto Vivo, SRU, p. 25-53. [Texto não assinado]

DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (em prep.) – *Relatório da sequência estratigráfica da escavação arqueológica da Casa do Infante, Porto (1992-2002).* Porto: Ed. AA. Texto datilog.

EMPATIA ARQUEOLOGIA (s.d.) – *O acompanhamento arqueológico da requalificação urbana do Eixo de Mouzinho/Flores. Nota Técnica*. Vila Nova de Gaia: Empatia Arqueologia. Texto datilog.

ERASUN CORTÉS, Ricardo (2021) – *Praça da Ribeira, n.º 17, Porto. Relatório preliminar*. Guimarães: Arqueogês. Texto datilog.

FILIPE, Ana R.; RODRIGUES, Miguel; FREITAS, Teresa (2014) – *Relatório final dos Trabalhos Arqueológicos (…) na Rua da Reboleira, 52-62, S. Nicolau, Porto. Sondagens de diagnóstico*. Lisboa: Era, Arqueologia. Texto datilog.

FREITAS, Teresa A. (2004) – *Requalificação da Frente da Ribeira, Porto. Trabalhos Arqueológicos. Relatório final*. Lisboa: Era-Arqueologia, Lda.

GARCIA, Nuno; PEREIRA, Gabriel (2009) - *Sondagens arqueológicas na Rua de Mouzinho da Silveira, 54-56, São Nicolau, Porto. Relatório Preliminar*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilog.

GOMES, Paulo D. (2011) – Os Mosaicos da Casa do Infante e o contexto urbano na zona ribeirinha do Porto. In: O mosaico romano nos centros e nas periferias: originalidades, influências e identidades: actas do X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA), Museu Monográfico de Conimbriga (…) 2005. Lisboa: Inst. Museus e Conservação, p. 837-847

GONÇALVES, Alexandre [2002] – *Requalificação da Frente da Ribeira. Sondagens arqueológicas. Relatório Preliminar.* [Lisboa]: Era – Arqueologia, SA, s.d. [2002]. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2015) – *Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Viela do Buraco, nº 24.* Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MARÇAL, Helena (2018-2019) – Diacronia da ocupação do edifício N.P. 47-49/89-90, Rua da Fonte Taurina/Muro dos Bacalhoeiros. *Oppidum. Revista de Arqueologia, História e Património*, 11 (2008-2009). Lousada, p. 173-190

MARTINS, Carla B.; ABRANCHES, Paula B. (1999) – *Relatório final da Intervenção arqueológica realizada na Praça do Infante D. Henrique (S. Nicolau, Porto).* Porto: Archeo'estudos. Texto datilografado

MARTINS, Carla B.; ABRANCHES, Paula B. (2000) – *Intervenção arqueológica em área na Praça do Infante. Porto. Relatório final.* Porto: Archeo'estudos. Texto datilografado

MARTINS, Carla M. B.; ABRANCHES, Paula B. (2011) – Memória (i)material da Praça do Infante, Porto. *CEM – Cultura, Espaço & Memória*. 2. Porto, p. 95-119

MENDES-PINTO, José M. (1999) – Circulação monetária em torno a Cale no Baixo-Império. In CENTENO, Rui M. S. et al., coord. (1999) – *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania* [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, p. 401-413

MENDES-PINTO, José M. (2004) – Circulação monetária em torno a Cale nos finais da época romana. *O Tripeiro*. 7ª Série. 23 (11). Porto, p. 328-331

MENDONÇA, Manuel F. (1984) – Alguns materiais arqueológicos encontrados na zona de intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo. *Arqueologia*. 10. Porto, p. 58-63

NASCIMENTO, André M.; DELGADO, Carlos S.; SOUSA, Laura P. (2005) – *Sondagens arqueológicas na Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto. Rua da Bolsa, nº 44 (S. Nicolau, Porto). Relatório prelimInar dos trabalhos arqueológicos.* V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; LOUREIRO, Carlos Alberto; PEREIRA, Gabriel R. (2012) – À Redescoberta. In DELGADO, Ana P.; VALENÇA, Paulo Q.; GUIMARÃES, Margarida M. (coord.) – *Eixo Mouzinho/Flores: Território do Recolhimento e do Mercadejar*. Porto: Porto Vivo, SRU, p. 11

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P. (2005) – *Relatório de progresso. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto*. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilografado

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P. (2006) – *Relatório de progresso. 3ª fase – 1ª etapa. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto*. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto

NASCIMENTO, André M.; SOUSA, Laura P.; DELGADO, Carlos S. (2006) – *Relatório de progresso. 3ª fase – 2ª etapa. Intervenção arqueológica BLS44.05. Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Rua da Bolsa, nº 44. S. Nicolau, Porto*. V. N. Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilografadodatilografado

NOGUEIRA, Sandra; LEMOS, Paulo; COSTA, Rita; SILVA, João (2017) – Alargamento do Hotel Carris Porto Ribeira. Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos. *Oppidum. Revista de Arqueologia, História e Património.* 10. Lousada, p. 103-20

NOGUEIRA; Sandra; LEMOS, Paulo A. P.; COSTA, Rita; SILVA, João (2018) – Ampliação do Hotel Carris da Ribeira, Porto. Resultados Preliminares dos Trabalhos Arqueológicos. In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016).* Valladolid: Glyphos Publicaciones, p. 428-38

NOGUEIRA, Sandra; LEMOS, Paulo; COSTA, Rita; SILVA, João (2019) – *Alargamento do Hotel Carris Porto Ribeira, Porto. Escavação Arqueológica. Acompanhamento Arqueológico. Junho 2015 – Setembro 2017. Relatório Final.* Braga: Ed. dos Autores. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009a) – *Intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39. INF09.09. Relatório preliminar.* Porto: Ed. AA. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, Jorge (2009b) – *Intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39. INF09.09. Estudo histórico e relatório preliminar das sondagens de avaliação*. Porto: Ed. AA. Texto datilog.

REAL, Manuel L.; SILVA, António Manuel S. P. (2018) – Portumcalem Castrum Novum na época sueva. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – In *tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios*. Ourense: Deputación Provincial, p. 205-210

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo) – A cidade do Porto no período tardo-antigo e alto-medieval. In *Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança»*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses

SILVA, Armando Coelho F.; CENTENO, Rui M. S.; BARBOSA, Maria Benedita; BARBOSA, João Paulo. (1998) – *Escavações arqueológicas na Ribeira (Porto). Intervenção no Porto Carlton Hotel. Relatório.* Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural. Texto datilografado

SILVA, Armando Coelho F.; CENTENO, Rui M. S.; LOPES, António B. (1996) – *Escavações arqueológicas na Ribeira (Porto). Intervenção no Porto Carlton Hotel. Relatório.* Porto: Etnos – Património e Turismo Cultural. Texto datilografado

TEIXEIRA, Sofia A. S. [2010a] – *Relatório de progresso dos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito da construção do Hotel Carris. Porto, Ribeira*. Porto: Vessants, Arqueologia i Cultura, SL. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2010b) – *2º Relatório de progresso dos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito da construção do Hotel Carris. Porto, Ribeira*. Porto: Vessants, Arqueologia i Cultura, SL. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2011) – *INF.09. Intervenção arqueológica efectuada no âmbito da construção do Hotel Carris. Ribeira, Porto. Intervenção Arqueológica nos Edifícios B e C. Relatório de Progresso.* Porto: Ed. A. Texto datilog.

TEIXEIRA, Sofia A. S. (2015) – *Relatório preliminar da intervenção arqueológica. Imóveis sitos na Rua Infante D. Henrique, nº 1-15 e na Rua de São João, nº 1-39*. Porto: Ed. A. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vitória	Núcleo de povoamento		**P33**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Vitória/Sé	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.144652; -8.614451	45-80	Idade do Ferro (?); Romano-Indeterm.; Baixo-Império	

Trabalhos arqueológicos

A identificação de uma mancha de ocupação de época romana na colina da Vitória tem vindo a ser progressivamente acrescentada desde que em 2000, duas intervenções (PT50.00 e BP1.00) detetaram a ocorrência de tégula na margem direita do rio da Vila e no próprio topo da elevação. Desde então é já elevado o número de trabalhos arqueológicos nos quais se documentam materiais arqueológicos da mesma cronologia e até, eventualmente, de ordem proto-histórica (FLO137.13), elencando-se, além das citadas, as seguintes: FLO69.02, FLO326.07, MSF.12, CLD131.12, FLR304.13, MZS157.14 e FLO301.17.

Descrição

Situada a poente do morro da Penaventosa, dele separada apenas pelo pequeno vale do rio de Vila, a ampla colina da Vitória, entrou no dossiê arqueológico dos períodos romano e anterior em 2000. Desde então, sucederam-se os registos, tanto de materiais cerâmicos avulsos como, num ou noutro caso, também de restos murários (MZS157.14; BARBOSA, 2014b) e outras estruturas (FLO326.07; CAPELA, ARGÜELLO, REIS, 2007).

A vertente da encosta mais próxima do rio de Vila – atualmente compreendida entre as ruas de Mouzinho da Silveira e das Flores, concentra a maior parte desses vestígios (PTN50.00, FLO69.02, FLO326.07, MSF.12, FLO137.13, FLR304.13, MZS157.14, FLO301.17; referências no final), podendo, talvez, compreender-se por uma natural «contaminação» da ocupação romana da margem oposta, até porque o rio de Vila, mesmo em alturas de caudal engrossado, não seria, por certo, obstáculo difícil de transpor. Há também informações sobre eventuais cerâmicas proto-históricas na Rua das Flores (FLO137.13; PEREIRA, 2013; 2015), não longe do local onde apareceu uma pequena placa em xisto com gravações de motivos náuticos, eventualmente de cronologia pré-romana (ACH-19; PEREIRA, ARRUDA, 2017).

Porém, os testemunhos romanos, de forma mais pontual, é certo, pontuam também áreas de cota mais elevada, a meia-encosta (CLD131.12; ALMEIDA, SOARES, 2012b; 2014), e no topo da colina (Praça da Relação, BP1.00; ARGÜELLO; SILVA, em prep.) sugerindo o progressivo crescimento do *uicus* ribeirinho, não só para norte, como para poente, ao longo dos séculos da dominação romana.

Achados ou espólio

Essencialmente, ocorrem materiais cerâmicos de cobertura romana, mas, por vezes, também cerâmicas mais diversificadas, com ânfora e louça doméstica como em FLO301.17 (ERASUN, SOUSA, 2018) ou FLR304.13 (BARBOSA, 2014e).

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Variável	C. M. Porto; empresas

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2012b) – *Relatório final. Sondagens Arqueológicas. Rua dos Caldeireiros, nº 131-135 – Porto – 2012*. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto dactilog.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; SOARES, João M. (2014) – *Relatório final. Sondagens e Acompanhamento Arqueológico. Rua dos Caldeireiros, nº 131-135 – Porto – 2012*. Modivas [Vila do Conde]: Mola Olivarum, Património e Cultura. Texto dactilog

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2000d) – *Relatório preliminar de avaliação. Intervenção arqueológica de emergência na Rua da Ponte Nova, 50-54 (Porto).* Coimbra: Dryas Arqueologia, s.d. [2000]. Texto dactilografado

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2002) – *Intervenção arqueológica de emergência. Rua da Ponte Nova, nº 50 e 54 (S. Nicolau, Porto, Porto). Relatório final*. Coimbra: Dryas Arqueologia. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2003a) – *Relatório final da Intervenção arqueológica. Rua das Flores nº 69. Porto, 2002*. Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto dactilografado

ALMEIDA, Pedro Brochado (2005) – *Relatório final da Intervenção arqueológica. Rua das Flores nº 69. Porto, 2002-2003.* Vila do Conde: Mola Olivarum. Texto dactilografado

ARGÜELLO MENÉNDEZ, José Jorge; SILVA, António Manuel S. P. (em prep.) – *Acompanhamento arqueológico das obras de Requalificação Urbana da Baixa Portuense. Lote 1 – Clérigos/Cordoaria. Relatório Final.* Porto: Câmara Municipal (GAU). Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2014b) – *Rua de Mouzinho da Silveira, 157/167; Rua da Ponte Nova, 42/48. Sé – Porto. (MZS157.14). Relatório Preliminar*. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

BARBOSA, João P. (2014e) – *Acompanhamento arqueológico de obra. Rua de Mouzinho da Silveira, 311/315; Rua das Flores, 304/306, Sé – Porto (FLR304.13). Relatório Final*. Matosinhos: Logiark. Texto datilog.

CAPELA, Mafalda C. B.; ARGÜELLO MENÉNDEZ, José J.; REIS, António O. (2007) – *Relatório dos trabalhos de sondagens arqueológicas de avaliação. Mouzinho da Silveira 335-341/Rua das Flores 326-332 (Porto).* Porto: J. Menéndez Unip., Lda. Texto dactilografado

ERASUN CORTÉS, Ricardo (2017b) – *Rua das Flores, n.º 301, Porto. Nota Técnica*. Guimarães: Arqueoges. Texto datilog.

ERASUN CORTÉS, Ricardo; SOUSA, Ana Maria S. (2018) – *Escavação e Acompanhamento Arqueológico. Rua das Flores, n.º 301-305 e Praça de Almeida Garrett, n.º 7-10, Porto. Relatório Final.* Guimarães: Arqueoges. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R. (2013) – *Relatório Final dos Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico. FLO137.12 (Porto).* Esmoriz: Ed. A. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R. (2015) – *Relatório Final dos Trabalhos de Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico.FLO137.14 (Porto).* Esmoriz: Ed. A. Texto datilog.

PEREIRA, Gabriel R.; ARRUDA, Ana M. (2017) – Boats carved on the Atlantic coast of the Iberian peninsula. Landscape, symbols and people. In BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS ESTÉVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo A.; CARDOSO, Daniela (eds.) – *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock-art of the Iberian Atlantic north-west*. Oxford: BAR Int. Series 2878, p. 193-207

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castro de Pias	Povoado		**P34**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.159014; -8.473764	280	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Regista-se apenas informação resultante de trabalhos pontuais de prospeção e registo, nomeadamente para efeitos de salvaguarda patrimonial (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010).

Descrição
Os levantamentos efetuados para as revisões periódicas da componente patrimonial arqueológica do Plano Diretor Municipal de Valongo (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010) reuniram alguma informação sobre este povoado, designado convencionalmente como «castro» mas que não parece ajustar-se aos modelos mais correntes destes povoados fortificados proto-históricos.
O local, com a cota superior de 295 metros, corresponde a uma plataforma relativamente estreita, rematando um esporão da vertente norte da serra de Pias, sobranceiro ao rio Ferreira. Apesar de se encontrar muito degradado superficialmente, pela abertura de um estradão e um poste elétrico, ocorrem à superfície abundantes fragmentos de material de construção romano e alguma louça doméstica da mesma época (MENDES-PINTO, 1993: 305; TEIXEIRA, 2010: Anexo, fichas, p. 4, C-06).
Atendendo às características topográficas, à aparente ausência de espólio pré-romano e à falta de evidência de quaisquer defesas artificiais, R. TEIXEIRA sugere que o sítio possa corresponder a um povoado mineiro aberto (*Idem, ibidem*), articulado com as explorações situadas na envolvência imediata. Na mesma linha opinam outros autores, lembrando até a intervisibilidade do «castro» de Pias com o fronteiro castro de Couce e outros povoados mais afastados, como o Muro de Vandoma, se bem que admitam uma eventual ocupação do povoado de Pias em tempos sidéricos (MATÍAS *et al*., 2014a: 41; MATÍAS *et al*., 2015: 485; LIMA *et al*., 2018: 59).

Achados ou espólio
A bibliografia regista a presença de cerâmica doméstica e de construção romana, nomeadamente de cobertura – fragmentos de *tegulae* e *imbrice*s (MENDES-PINTO, 1993; TEIXEIRA, 2010: Anexo, fichas, p. 4, C-06 = MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecido

Referências
LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018*. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto (2014a) – Contextualización e importancia de la minería aurífera romana en Valongo-Paredes. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).*

Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, 37 págs. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracaoRomana Valongo2014.pdf

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto; FONTE, J.; LIMA, A.; MONTEIRO, A.; GANDRA, V.; MOUTINHO, J. SILVA, J.; AGUIAR, P. (2015) – Evidencias de minería hidráulica romana en la Sierra de Pias (Valongo, Portugal). In MATA-PERELLÓ, J. M.ª; HUNT ORTIZ, M.; ORCHE GARCÍA, E. (eds.) – *Patrimonio geológico y minero: de la investigación a la difusión. Actas del XV Congreso Internacional sobre Patrimonio geológico y minero*… Logrosán (Cáceres): Ayuntamiento de Logrosán; SEDPGYM, p. 481-498

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Corredoura	Habitat; villa (?)	6481	**P35**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo	Corredoura

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.174905; -8.469513	100	Romano-Alto Império	meados séc. I / iníc. séc. II

Trabalhos arqueológicos

Prospeção de superfície realizada por J. M. Mendes Pinto, em momento anterior e simultâneo com as escavações que dirigiu na necrópole romana existente no mesmo local (MENDES-PINTO, 1991; 1994).

Descrição

A identificação de uma necrópole de incineração tardo-romana neste local, que levaria a algumas sondagens arqueológicas feitas em 1992 (MENDES-PINTO, 1994) conduziu também ao reconhecimento de uma área de ocupação residencial nas imediações.

Aquele autor noticia primeiro a localização, em campos próximos à necrópole, de «*tegulae*, fragmentos de cerâmica comum e mós», que associa a um eventual «povoado aberto» (MENDES-PINTO, 1991: 151).

Porém, as escavações que ali conduziu em 1992, além de vasilhame cerâmico compatível com a cronologia apontada para a necrópole (finais séc. III – começos séc. IV), proporcionaram a recolha de um outro conjunto olárico – designadamente seis fragmentos de *sigillata* hispânica e um de sudgálica – que aponta para uma datação entre meados/3º quartel do séc. I e os começos da centúria seguinte, levando Mendes Pinto a sugerir que tais materiais tivessem sido remobilizados, em resultado de nivelamento de terrenos ou trabalhos agrícolas, de um sítio de ocupação muito próximo, fosse um povoado aberto, um casal ou uma *uilla* (MENDES-PINTO, 1994: 8, 17, 19).

Assim, estando determinada, parcialmente, a área funerária, não é possível apontar com precisão o local do habitat romano alto-imperial, para além de uma área de proteção relativamente ampla para cobrir ambas as realidades arqueológicas (TEIXEIRA, 2010: Anexo I, ficha C-05).

Achados ou espólio

Não há indicação sobre se os materiais observados em prospeção de superfície - «*tegulae*, fragmentos de cerâmica comum e mós» - foram recolhidos ou deixados no local.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Referências

MENDES-PINTO, José M. (1990-1991) – A necrópole Galaico-Romana de Corredoura (Campo – Valongo). *Portvgalia*, Nova Série, 11-12. Porto, p. 149-153

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1994) – *Escavações arqueológicas da necrópole romana Corredoura (Campo – Valongo).* Valongo: Câmara Municipal

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

Pelas razões apontadas na Descrição, a localização cartográfica da zona do habitat romano é convencional.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Fojo das Pombas/Quinta da Ivanta	Povoado	14180	**P36**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Valongo	Quinta da Ivanta

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.184729; -8.495251	160	Romano-Alto Império	

Trabalhos arqueológicos

A exposição acidental de uma estrutura muraria, por efeitos do escorrimento de águas e a previsão de um projeto imobiliário para o local deram origem a duas intervenções arqueológicas de avaliação e diagnóstico. A primeira, realizada em 1999 sob direção de J. M. Mendes Pinto abrangeu uma superfície de 108 m^2 (MENDES-PINTO, 2000). Em 2004 teve lugar um significativo alargamento da área de escavação, desta vez a cargo da empresa Arqueologia e Património (BAPTISTA *et al*., 2005a; 2005b; 2006b).

Descrição

Os primeiros trabalhos arqueológicos partiram de um muro que ficou exposto pela escorrência de águas na encosta e levaram à identificação de um conjunto de muros, feitos essencialmente com pedra de xisto mas incorporando também silhares graníticos, assentes diretamente no substrato xistoso, na maior parte dos casos talhado expressamente para o efeito. Não obstante parte muito substancial das estruturas se encontrar arrasada pela própria erosão da vertente, foi possível configurar, no final da intervenção, muros correspondentes a, pelo menos, cinco compartimentos, sem que as respetivas plantas pudessem ser completadas. A par destas estruturas murárias ocorreram igualmente diversos tramos de canalizações para escoamento de águas (o local encontra-se implantado sobre uma encosta de pendente bastante acentuado), talhadas na rocha natural e cobertas por placas de xisto (MENDES-PINTO, 2000, *passim;* fig. 3). Foi também identificada durante a intervenção, a poucos metros destas construções, a boca de um poço mineiro vertical, quadrangular e com cerca de um metro de lado, e a entrada de uma galeria – durante vários metros capeada por lousas e pedras de xisto e depois subterrânea – com, pelo menos, cerca de 30 metros de extensão (*Idem*, 406-7). A estratigrafia observada revelou-se pouco complexa, mostrando, após a camada superficial, um nível de abandono, quase estéril de espólio, sobre o estrato correspondente ao derrube dos muros e telhados, detetando-se ainda restos de alguns pisos, em terra batida, provavelmente endurecida ao fogo (*Ibid*., 409).

Complementando estes dados com a análise do espólio arqueológico, J. Mendes Pinto concluiu que o local, situado apenas a uma centena de metros do conhecido complexo mineiro do Fojo das Pombas, deve ter correspondido a uma área tanto de trabalho (atendendo às numerosas mós e até restos de utensílios encontrados, como uma ponta em ferro), como habitacional, sendo a primeira função talvez a principal, considerando a escassez de louça de cozinha detetada. Do ponto de vista cronológico, considerando essencialmente o material anfórico e, neste, o domínio das formas Haltern 70 e Dressel 14, propôs uma ocupação do sítio balizada ente os inícios do século I até aos seus finais, quando muito os começos do século II (MENDES-PINTO, 2000: 410-1).

A segunda intervenção arqueológica – de que apenas vieram a público, para além dos respetivos relatórios técnicos (BAPTISTA *et al*., 2005a; 2005b) e comunicações orais, uma apresentação preliminar das estruturas (BAPTISTA *et al*., 2006b) e o estudo das ânforas exumadas na escavação

(MORAIS, 2007) – aumentou significativamente a área escavada e o número de estruturas distribuídas, em patamares, pela encosta, sem que todavia possa discernir-se, com a clareza desejada, a organização planimétrica ou funcional do sítio. Podem salientar-se, entre outros resultados, o levantamento e caracterização da galeria mineira, com mais de uma centena de metros de extensão, pontuada por lucernários a cada um ou dois metros, até chegar a um filão quartzífero desmontado para obtenção de minério e depois atulhado (BAPTISTA *et al*., 2006b: 195-6; BAPTISTA *et al*., 2006a: 587-8); e, por outro, a identificação de alguns tanques, associados a condutas de água, interpretados como podendo estar ligados a trabalhos de lavagem e decantação do minério (*Idem*: 191-2), se bem que a outros compartimentos tenha sido atribuída utilização residencial (*Ibid*.: 193).
Assim, resultou destas escavações arqueológicas a identificação de um «povoado» mineiro, que aparentemente associaria funções de oficina ou área de processamento do minério e residenciais, sendo também coincidentes as perspetivas dos responsáveis sobre o período de ocupação do local (MENDES-PINTO, 2000: 410-1; BAPTISTA *et al*., 2006b: 194), o que foi confirmado pelo estudo sistemático das ânforas provenientes da segunda intervenção, que totalizaram 62 indivíduos, com o domínio das produções Haltern 70 do Guadalquivir (48%) e Dressel 14 lusitanas (26%), seguidas pelas Dressel 20 da Bética (18%) e, ainda, de alguns exemplares de *terra sigillata* itálica e sudgálica (MORAIS, 2007c: 273-4, Est. I). Entre outras considerações feitas por este autor, destacamos a confirmação das cronologias apontadas, reforçando a utilização do local desde o «período de Augusto a inícios do século II, com especial incidência na primeira metade do século I», ao mesmo tempo que propôs que «a pouca representatividade de materiais integráveis no último quartel do século I e os inícios do século II» poderá indiciar o abandono do sítio nessa época, porventura «pelo facto da jazida ter deixado de ser economicamente rentável» (*Idem*: 274, 278-9).

Achados ou espólio

Além de importante espólio cerâmico de época romana – tanto materiais de construção, como cerâmica doméstica (comum e *terra sigillat*a) e contentores de transporte como as ânforas – as duas intervenções arqueológicas proporcionaram a recolha de objetos em pedra, designadamente fragmentos de mós circulares rotativas e outros itens, nomeadamente metálicos.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Desconhecida.

Referências

BAPTISTA, Lídia; RODRIGUES, Liliana; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2005) – *Quinta da Ivanta, Valongo. Informação preliminar dos resultados dos trabalhos arqueológicos.* Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado

BAPTISTA, Lídia; RODRIGUES, Liliana; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor (2005a) – *Quinta da Ivanta, Valongo. Avaliação do impacte do projecto e medidas de minimização*. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado

BAPTISTA, Lídia, CARVALHO, A.; GANDRA, V.; MONTEIRO, A.; MONTEIRO, T. (2006a) – As minas de ouro romanas das Serras de Valongo – uma visão do seu interior. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 581-593

BAPTISTA, Lídia; FONSECA, Vítor; RODRIGUES, Liliana; TEIXEIRA, Ricardo (2006b) – Resultados preliminares da intervenção arqueológica na Quinta da Ivanta, Valongo. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 185-198

MENDES-PINTO, José M. (2000) – Instalações mineiras romanas no Fojo das Pombas (Valongo-Portugal). In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica. Vila Real 1999*. Vol. 6. Porto: ADECAP, p. 401-419

MORAIS, Rui (2007c) - Ânforas da Quinta da Ivanta: um pequeno «habitat» mineiro em Valongo. *Conimbriga*, 46. Coimbra, p. 267-280

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quintã	Habitat		**P37**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Árvore	Quintã

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.337633; -8.721894	25-30	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

No âmbito dos trabalhos de minimização de impacte ambiental da duplicação da Linha P do sistema de metro ligeiro do Porto, que liga esta cidade à Póvoa de Varzim, financiados pela empresa Metro do Porto, SA, foram detetados vestígios arqueológicos durante a fase de prospeção prévia à obra num local onde uma obra de arte (ponte) teria de ser remodelada. Foram assim realizadas sondagens arqueológicas, em 2005, pelas empresas Arqueohoje, Lda. e Arqueologia e Património, as primeiras meramente de confirmação e sinalização dos vestígios e estas últimas mais extensivas.

Descrição

Os trabalhos arqueológicos de avaliação, salvaguarda e minimização de impactes da construção da nova linha do Metropolitano (linha da Póvoa), na sua passagem pela freguesia de Árvore, permitiram a deteção de vestígios de ocupação antiga, primeiro em fase de prospeção e, depois, através de um significativo conjunto de sondagens arqueológicas, que totalizaram uma superfície de 321 m^2, ao longo de um eixo de cerca de 50 metros.

O sítio, que se encontra inédito no plano científico – apenas se lhe encontram breves referências em BOTELHO (2016: 355-356, *passim*, fig. 30) e uma ficha de sítio em BOTELHO (s.d.: 16-17) – revelou, para além de buracos de poste e espólio medieval, vestígios de ocupação medieval. No que se refere à época romana, identificaram-se três secções de muros em pedra, sem que pudesse entender-se a sua articulação, uma vala e diversos buracos de poste, parecendo igualmente a rocha natural estar intencionalmente nivelada em alguns pontos. O espólio associado, que abaixo se descreve, é relativamente numerosos e diversificado, se bem que muito fragmentado, em virtude das posteriores destruições daquele contexto, em épocas medieval e moderna, por efeitos da agricultura, como sugerem as autoras do relatório, que aliás consideram «vestigiais» os testemunhos da ocupação romana do sítio, se bem que o material cerâmico recolhido em fase de acompanhamento esteja melhor preservado, como igualmente notam (BARBOSA; BOTELHO, 2006: 70-71).

Se bem que o espólio não se encontre classificado, mas apenas parcialmente ilustrado por fotografia, no mesmo relatório de intervenção, L. Barbosa e I. Botelho propõem uma datação «tardo-romana» para esta ocupação (*Idem, ibidem*). Iva Botelho, aliás, considera que o sítio, não obstante estar algo distanciado do Corgo – cerca de 1500 metros (v. ficha P38) - pode estar relacionado com os achados feitos nesse local (BOTELHO, 2016: 355-356, *passim*, fig. 30).

Achados ou espólio

O relatório final dos trabalhos arqueológicos menciona a recolha de mais de 6500 objetos arqueológicos e de 650 kg de material cerâmico de construção, espólio, na sua maioria, de cronologia romana e que inclui, além da cerâmica de cobertura, fragmentos de ânfora, *dolia* e cerâmica comum,

bem assim como, em menor quantidade, *terra sigillata*, cerâmica de paredes finas, pratos de engobe pompeiano e vidros.

Estado do espólio

Tratado. Em depósito

Localização do espólio

Gabinete de Arqueologia do Município de Vila do Conde

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

BARBOSA, Liliana R.; BOTELHO, Iva M. (2006) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. MP-ARV 01.05, MP-ARV 02.05 e MP-ARV 03.05. Sondagens Arqueológicas nos lugares da Quintã e da Quinta da Faísca, Árvore, Vila do Conde, Porto. MP-585337/06. Relatório Final.* Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

BOTELHO, Iva [coord.] (s.d.). – *METRO DO PORTO: Arqueologia*. (Disponível em https://www.metrodoporto.pt/uploads/document/file/296/Arqueologia.pdf)

BOTELHO, Iva (2016) – *O Processo do Corgo. Do Princípio da Conservação pelo Registo Científico*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae: *Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

Observações

Recuperando uma informação de Carlos Alberto Ferreira de ALMEIDA (1969: 38) sobre «as coisas romanas (…) de Areias», Álvaro Brito MOREIRA (2009: 133, 314, n.º 63), que pôde ainda estudar uma bilha, tardia, remanescente daquele achado (MOREIRA, 2009: *id, ibid*.), coloca a hipótese de, na freguesia da Árvore ter existido um casal, ou necrópole, romanos. Na mesma ficha, relaciona o sítio arqueológico com as escavações feitas no âmbito da construção da linha do Metro, em local que indica ser «a noroeste da igreja paroquial de Árvore» (*Ibidem*: 314), o que, salvo pequeno lapso de localização, julgamos corresponder a este sítio e intervenção, se bem que a bilha recolhida por Ferreira de Almeida possa provir de outro local na freguesia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta da Faísca	Habitat		**P38**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Árvore	Faísca, Varziela

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.333752; -8.721118	25-30	Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Os trabalhos de prospeção arqueológica realizados no quadro das ações de avaliação preventiva da construção da «linha vermelha» do sistema de metro ligeiro do Porto levaram à identificação de várias ocorrências arqueológicas entre as freguesias de Árvore e Azurara, como os sítios do Corgo (v. ficha P38), da Quintã (ficha P36) e também este da Quinta da Faísca, correspondente ao local onde foi construída uma das estações daquela linha ferroviária. No âmbito dos trabalhos de minimização de impactes, foram realizadas sondagens de caracterização dos achados, no ano de 2005, por parte de arqueólogos da firma Arqueologia e Património.

Descrição

A caracterização arqueológica dos vestígios de ocupação antiga aqui detetados pelas prospeções prévias à obra do Metro do Porto (estação da Varziela) foi efetuada através da realização de um conjunto de sondagens que totalizaram uma superfície na ordem dos 60 metros quadrados.

Rapidamente se percebeu, porém, que aquela área se encontrava fortemente perturbada e os depósitos remexidos por ações antrópicas modernas e contemporâneas, relacionadas provavelmente com a prática agrícola, cuja afetação atingiu mesmo a rocha natural em alguns pontos das áreas sondadas. Desta forma, como concluem as autoras da escavação, os níveis contemporâneos sobrepõem-se diretamente aos romanos, que são, por sua vez, muito vestigiais, não se encontrando depósitos de cronologia anterior (BARBOSA; BOTELHO, 2006: 71-72). Na verdade, todo o material romano recolhido (basicamente cerâmica comum, um fragmento de ânfora, outro de peso de tear e alguns vidros), é proveniente dos enchimentos de uma vala alongada escavada no solo natural, de secção em «U» e orientação aproximada SE-NW, estrutura negativa cuja finalidade não pôde apurar-se (BARBOSA; BOTELHO, 2006: 71-72 e anexos).

As diretoras de escavação – à semelhança de outras notícias publicadas (BOTELHO, s.d.; 2016: 20, *passim*, fig. 30) – não apontam qualquer cronologia precisa para o espólio romano, que todavia poderá ser consentâneo com o que foi identificado no vizinho sítio da Quintã, cerca de 400 metros para N/NE. Sendo muito difícil, sem estudos complementares e, provavelmente, novas escavações, caracterizar melhor este sítio, nomeadamente na sua eventual relação com os próximos da Quintã e do Corgo, parece provável que estes achados testemunhem estruturas de estações de tipo *uilla* ou casal, próprias da exploração agrária dispersa dos tempos romanos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Em comparação com o sítio da Quintã, que lhe fica relativamente próximo, o espólio arqueológico apresentou-se aqui bastante rarefeito, mencionando o respetivo relatório arqueológico a recolha de apenas seis dezenas de objetos de cronologia romana, que incluíam fragmentos de cerâmica

doméstica, cerâmica de construção (*tegula*/*imbrex*) e de armazenamento, documentada por pedaços de *dolia*.

Estado do espólio

Tratado. Em depósito

Gabinete de Arqueologia do Município de Vila do Conde

Referências

BARBOSA, Liliana R.; BOTELHO, Iva M. (2006) – *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. MP-ARV 01.05, MP-ARV 02.05 e MP-ARV 03.05. Sondagens Arqueológicas nos lugares da Quintã e da Quinta da Faísca, Árvore, Vila do Conde, Porto. MP-585337/06. Relatório Final.* Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

BOTELHO, Iva [coord.] (s.d.). – *METRO DO PORTO: Arqueologia*. (Disponível em https://www.metrodoporto.pt/uploads/document/file/296/Arqueologia.pdf)

BOTELHO, Iva (2016) – *O Processo do Corgo. Do Princípio da Conservação pelo Registo Científico*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Corgo III	Habitat		**P39**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Azurara	Corgo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.344327; -8.730974	25-35	Romano – Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos

No âmbito dos trabalhos de minimização de impacte ambiental da duplicação da «linha vermelha» do metropolitano de superfície, que liga o Porto à Póvoa de Varzim, financiados pela empresa Metro do Porto, SA, foram realizadas sondagens no sítio do Corgo entre 2005 e 2008. Tais trabalhos foram executados por empresas comerciais (Arqueohoje, Lda. e Novarqueologia, Lda.), ocupando-se da intervenção na área com vestígios romanos o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde (PINTO, 2008).

Descrição

Os trabalhos arqueológicos de minimização da construção de uma nova linha do Metropolitano, na sua passagem pela freguesia da Azurara, levaram à descoberta de uma importante área arqueológica no sítio do Corgo, já nas proximidades do rio Ave. Os vestígios mais expressivos correspondem a estruturas negativas de fossos, valados e cabanas de um povoado da Idade do Bronze, mas verificaram-se igualmente, desde a fase de estudo de impacte ambiental, indícios da ocupação do local em época tardo-romana/alti-medieval, aferidos essencialmente pela associação de fragmentos de *tegulae* a cerâmicas históricas de aparência posterior (BOTELHO, 2013: 583).

Com o desenvolvimento das escavações, confirmou-se tal horizonte de ocupação, associado à camada 4 da estratigrafia geral (*Idem, ibid*.) e documentado «principalmente na vertente poente da suave colina atravessada pelo Arruamento Variante do Corgo» (BOTELHO, 2016: 420). Caracterizada, entre o faseamento crono-estratigráfico do sítio como «Fase CORGO III - Ocupação Romana-Altimedieval» concluiu-se que as evidências dessa ocupação eram já bastante vestigiais, em grande medida como resultado de perturbações de época moderna, resumindo-se praticamente a vestígios de *tegula* e outra cerâmica de construção romana e escassa cerâmica comum, com registo de um único fragmento de terra *sigillata*, materiais que apontam para uma datação entre o século IV e os séculos subsequentes (BOTELHO, 2016: 389, 420, n. 321).

Achados ou espólio

A bibliografia disponível menciona a exumação telha e outra cerâmica de construção romana, para além de cerâmica comum, aparentemente escassa, com registo de um único fragmento de terra *sigillata* (BOTELHO, 2016: 389, 420, n. 321).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

BOTELHO, Iva (2013) – O sítio do Corgo. Uma estação da Idade do Bronze em Vila do Conde. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. [DVD]. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 581-589

BOTELHO, Iva (2016) – *O Processo do Corgo. Do Princípio da Conservação pelo Registo Científico*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PINTO, Paulo Costa (2008) – *Relatório preliminar. Metro do Porto. Corgo. Fase V. Vila do Conde – 2008.* Vila do Conde: Gabinete de Arqueologia Municipal. Texto datilografado

Observações

No âmbito da mesma obra ferroviária, foram também identificados vestígios de ocupação antiga cerca de um quilómetro a sudeste deste local, na zona da Quintã (ficha P36) e ainda mais a sul, na Quinta da Faísca (ficha P37), ambos, igualmente, com vestígios da Idade do Bronze e da época romana, mas desconhece-se se há qualquer relação funcional entre estas ocorrências arqueológicas.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta de Vilas Boas	Habitat; Casal		**P40**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Fornelo	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.333775; -8.648750	112	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Uma referência singela, procedente dos levantamentos arqueológicos desenvolvidos para a carta de património arqueológico constante do Plano Diretor Municipal, alude ao aparecimento de fragmentos de *tegula* na «Quinta de Vilas Boas», propriedade nas imediações da igreja matriz da freguesia (ALMEIDA 1995a; PINTO, 1997: mapa).
Álvaro B. Moreira acrescenta a este dado a localização de cerâmica comum romana e pedras faceadas provenientes de antigas estruturas, classificando os vestígios como correspondentes a um casal agrícola (MOREIRA, 2009: 315, n.º 65).

Achados ou espólio
Desconhece-se se foi recolhido algum do espólio mencionado na bibliografia.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações
Localização com uma margem de erro máxima que estimamos em c. de 150 metros, uma vez que não tivemos acesso a dados de localização mais precisos.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Soutelo	Habitat, Casal		**P41**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Fornelo	Soutelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.318178; -8.647800	110	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Quando averiguaram o local onde teria sido descoberta a estatueta de Júpiter, em 1888 (ver ficha XXX), Ricardo Severo e Fonseca Cardoso encontraram nessa bouça, entre a «terra remexida (...) soltas e fragmentadas algumas telhas de rebordo» (SEVERO, 1899-1903: 129), o que indicia a existência de uma área residencial romana, de tipo indeterminado (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa).
Álvaro B. Moreira classifica o local como casal, principalmente com base nas boas condições topográficas para tal género de assentamento e proximidade a terrenos de boa capacidade agrícola, mencionando ainda, além do achado da estatueta de Júpiter, uma notícia de imprensa[1] sobre o achado de um tesouro de cerca de 500 moedas romanas, que considera eventualmente de datação tardo-romana (MOREIRA, 2009: 315-6, n.º 66).

Achados ou espólio
Apenas a citada referência a fragmentos de *tegulae*, não recolhidas.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-V

SEVERO, Ricardo (1899-1903) – Estatueta Romana de Soutelo. *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 1 (fascs. 1-4). Porto, p. 129-130

[1] Jornal *Público*. Porto, 5.5.2002.

Observações

Localização hipotética com base em informações da carta arqueológica de Vila do Conde (ALMEIDA, 1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Palmazão	Habitat, Casal		**P42**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Guilhabreu	Palmazão

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.297331; -8.625172	178	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Não registados.

Descrição
Situada a menos de um quilómetro a sudoeste da acrópole do castro de Alvarelhos, em terrenos de pendente suave, algo similares àqueles nos quais foi instalada a vizinha *uilla* do Paiço/Vila Boa (ALMEIDA, 1995b: 61), esta estação arqueológica foi identificada pela presença superficial de cerâmicas romanas, tanto *tegulae* como olaria comum ou cossoiros, num terreno agrícola marginal à estrada municipal que liga Monte Grande a Guilhabreu, apresentando a mancha de dispersão de materiais uma área de cerca de 100 m por 40 metros (MOREIRA, 2009: 316, n.º 67; ALMEIDA, 1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).
Álvaro Moreira descreve o sítio arqueológico como um «casal» (*Idem: ibid*.), enquanto Brochado de ALMEIDA (1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.) opta pela designação, mais neutra, de «habitat». A articulação destas manchas de ocupação, aparentemente pequenas, com a *uilla* de Paiço/Vila Boa parece muito plausível, mas a falta de elementos cronológicos ou mesmo de implantações mais precisas dos achados impede outras considerações.
Seja como for, este núcleo habitado de Palmazão terá resistido ou, pelo menos, mantido a designação em tempos medievos, uma vez que surge, sem dúvidas quanto à localização, como *uilla palmatiana* em diplomas dos séculos X e XI (ALMEIDA (1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).

Achados ou espólio
A bibliografia acima citada menciona a presença de cerâmica doméstica e de construção romanas, para além de cossoiros, mas desconhecemos se foram feitas e conservadas quaisquer recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995b) – A Romanização no Concelho de Vila do Conde. Alguns apontamentos sobre a ocupação do território localizado entre os rios Ave e Este. In *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*. Guimarães, p. 51-72

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae: *Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Calvelhe	Povoado		**P43**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Labruge	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.272572; -8.720854	20	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Os trabalhos de prospeção realizados para a carta arqueológica do Plano Diretor Municipal de Vila do Conde registaram nesta área, confinante com o rio Onda ou Calvelhe, nome do lugar aí existente, o achado de *tegulae* e cerâmica comum romana (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa), havendo ainda memória local do achado de outras estruturas «muito antigas» noutro local florestado, mais próximo da foz do Onda (https://www.cm-viladoconde.pt/pages/229), tudo isto indiciando uma ocupação romana de época e tipo indeterminados, se bem que Brochado de ALMEIDA (2013: 78) aponte a forte possibilidade da comunidade que se instalou em Calvelhe ter explorado, de forma particular, os recursos marinhos, como o pescado ou o sal.
Fernando Lanhas e Domingos P. Brandão informam também que nesta área existiria o «campo de Onda (…), propriedade dos herdeiros de Celestino Salvador, onde aparecem fragmentos de cerâmica luso-romana, tardia» (LANHAS; BRANDÃO, 1969: 36) local que deve aproximar-se do aqui descrito.

Achados ou espólio
Desconhece-se se foi recolhido algum do espólio mencionado na bibliografia.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado (2013) – A romanização no concelho de Vila do Conde. In *Museu de Vila do Conde. Vila do Conde: tempo e território. Exposição permanente.* Vila do Conde: Câmara Municipal, p. 73-79

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1969) – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4, nos Concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde]. Sep. «Revista de Etnografia», 12-2. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

https://www.cm-viladoconde.pt/pages/229

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja	Habitat		**P44**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Macieira da Maia	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.342397; -8.668125	65	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Os levantamentos de campo feitos para a carta arqueológica do Plano Diretor Municipal de Vila do Conde registaram numa antiga elevação a nascente da igreja paroquial - espaço hoje agricultado e urbanizado - o achado de pedras de construções antigas, olaria doméstica e material cerâmico de construção romano (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.), com uma área de dispersão de vestígios de cerca de 7 000 m^2 (MOREIRA, 2009: 322, n.º 72), sugerindo talvez um habitat romano de natureza e cronologia indeterminadas, talvez um casal, como propõe MOREIRA (*id., ibid*.).

Achados ou espólio
Aparentemente não foi conservado qualquer espólio arqueológico do indicado na bibliografia citada.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Modivas de Baixo	Casal, *Villa* (?)		**P45**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Modivas	Modivas de Baixo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.291756; -8.694647		Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção para a atualização da carta arqueológica de Vila do Conde, para efeitos da revisão do respetivo Plano Diretor Municipal.

Descrição
Os trabalhos de prospeção arqueológica para a carta patrimonial do Plano Diretor Municipal de Vila do Conde levaram à identificação de uma área de dispersão superficial de *tegulae* em terrenos agrícolas, elemento que os autores apontam como indiciador de um eventual casal ou *uilla*, tanto mais que o local se situa próximo do lugar do Paço (< *palatium*) e de um eixo viário medievo de ascendência romana, a *Via Veteris* (ALMEIDA, 1980: 162-3; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).
Reaproveitada na parede de uma casa foi encontrada em meados do século XX uma estela funerária, em granito (E32), a qual, invocando os deuses Manes pela fórmula tradicional, memora Severo, filho de Flávio, falecido com 30 anos, epitáfio datável de entre 131 e 230, segundo A. REDENTOR (2017a: 223-224, n.º 303) e que poderá apontar, por outro lado, para a existência de uma necrópole associada ao núcleo de povoamento.

Achados ou espólio
Fragmentos de *tegula* (ignora-se se recolhidos) e uma estela funerária.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1980) – *Via Veteris.* Antiga via romana? In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 3. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 151-170

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

REDENTOR, Armando (2017a) – *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana*. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Mosteiró	Casal, *Villa* (?)		**P46**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Mosteiró	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.279404; -8.669053	40	Romano - Baixo Império	Baixo Império

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Uma breve notícia de Ferreira de Almeida dá conta do achado de «tijolos e tégulas romanas e uma mó redonda, manual» (ALMEIDA, 1969: 37), sugerindo entretanto Brochado de Almeida, que o terreno onde apareceram tais vestígios pudesse situar-se um pouco a sul da igreja paroquial (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa).
Tais vestígios poderão relacionar-se, segundo Almeida, com um casal ou estabelecimento romano similar, mas A. Moreira, com base na classificação dos solos envolventes, de elevada aptidão agrícola, na área de dispersão de vestígios, onde inclui também «sigillatas hispânicas e africanas, assim como imitações de sigillatas em cerâmica de engobe vermelho não vitrificável», propõe a classificação do sítio como uma *uilla* tardia (MOREIRA, 2009: 118, 323, n.º 75).

Achados ou espólio
Desconhecemos se foi conservado qualquer espólio arqueológico entre os itens descritos na bibliografia.

Estado do espólio	Localização do espólio
	Desconhecida.

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações
Para além deste sítio e da necrópole, A. B. Moreira inventaria ainda outro local onde ocorrem *tegulae* e cerâmica comum romana, que classifica como casal (MOREIRA, 2009: 323-4, n.º 76), mas as

suas coordenadas e descrição revelam algum equívoco, pelo que não conseguimos localizar ou confirmar o achado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja	Casal, *Villa*(?)		**P47**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Vilar	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.290278; -8.668611	55	Romano – Baixo Império	Século IV

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Segundo notícia de Carlos A. Ferreira de ALMEIDA (1969: 37), acolhida em ALARCÃO (1988b: 19, 1/341), CARVALHO (2008: II, p. 83) e na carta arqueológica municipal (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa), «a leste da igreja paroquial, ao fazerem-se umas covas para plantações de árvores, apareceu uma mó dormente de um moinho manual giratório e, ainda, pedaços de tégulas, diversa cerâmica comum e três fragmentos de *terra sigillata* clara D», concluindo que «é, portanto, uma exploração agrícola do século IV.»
Álvaro B. Moreira confirmou, mais recentemente, a localização nesse pequeno outeiro, a sudeste da matriz, de uma área pontuada por «abundantes vestígios de ocupação romana», designadamente cerâmica de construção e alguma *sigillata* africana (MOREIRA, 2009: 118 e 326, n.º 79).

Achados ou espólio
Mó circular, cerâmica de construção e doméstica, nomeadamente louça comum e *terra sigillata* africana tardia. Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
	Desconhecida.

Referências

ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer (inventário). Fascicule 1. 1. Porto, 2. Bragança, 3. Viseu.* Warminster: Aris & Phillips

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

CARVALHO, Helena P. A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do* Conventus Bracarensis. 2 vol. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-VC

Observações

Certamente por lapso, a localização descrita por Moreira (2009: 326) não coincide com as suas coordenadas indicadas. Optámos por estas para a implantação do sítio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Castelo de Crestuma	Núcleo de povoamento	14200	**P48**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Crestuma	Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.068738; -8.504242	57	Romano-Tardo-antiguidade	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos

Após alguns achados e pesquisas amadoras, durante o século XX, só no presente século se iniciaram trabalhos arqueológicos neste sítio, graças a um projeto de investigação que decorreu entre 2010 e 2015 (*cfr.* SILVA *et al.*, 2017b para síntese; bibliografia completa no final) Mais recentemente, outras pesquisas (SILVA *et al.*, no prelo) e uma intervenção arqueológica pontual (COUTO; SILVA; RODRIGUES, 2021) – feita em consequência da inventariação e condicionamento arqueológico legal da área (SILVA, 2007: n.º 24) – confirmaram a localização de uma necrópole tardo-antiga e medieval.

Descrição

A informação disponível sobre este singular sítio arqueológico – uma pequena colina dominante sobre o rio Douro – resumia-se, a começos do nosso século, a alguns achados avulsos, pesquisas de amadores locais (SOUSA, 1945: 405-406, n. 5; 1957: 16-18) e recolhas de espólio superficial (GUIMARÃES, 1993b), do que resultaram, no geral, uma lápide funerária romana, indicações sobre o achado de contextos cemiteriais, material de construção e outra cerâmica, além de apontamentos sobre «covas» abertas na rocha e outros elementos pouco claros. Como síntese possível, a comunidade científica estabeleceu que ali teria estado estabelecido um «castelo roqueiro», do período da reconquista cristã, embora se lhe apontassem características *sui generis* e origens que remontariam, talvez, ao século V (ALMEIDA, 1978: 11, 36, 51; 1989: 43; 1992: 374; SILVA, 1994: 66; 2007: ficha 24).

O programa de investigação inaugurado em 2010 rapidamente comprovou as referidas «covas», aliás bem visíveis ainda antes das escavações e extensivamente distribuídas por toda a elevação (SILVA; GUIMARÃES, 2013b; GUIMARÃES *et al.*, 2013). Correspondem a buracos de poste, desmontes, aplanamentos e muitos outros entalhes, de diferente tipologia, que testemunham uma intensa arquitetura em madeira que ali foi instalada, não, necessariamente, como recurso construtivo exclusivo, uma vez que há também alguns restos de tramos murários feitos em pedra, mas certamente dominante. Todas estas construções seriam cobertas pelo sistema tradicional romano, atenta a extraordinária abundância de *tegulae* e *imbrices* recolhidos.

A natureza da estratigrafia, de fraca possança nas superfícies culminantes e bastante perturbada nos terrenos da encosta, não permite uma clara atribuição cronológica a esta arquitetura de madeira, mas o espólio arqueológico exumado (TSA e focense, TSHT, cerâmicas cinzentas tardias, ânforas do Mediterrâneo oriental, vidros, etc.), bem como outros elementos – como uma curiosa inscrição feita sobre uma *tegula* (VELÁZQUEZ SORIANO, 2017) – demonstram uma clara predominância de materiais tardo-antigos, o que foi confirmado por um significativo lote de datações de carbono 14, fixando-se assim uma das fases de ocupação do sítio – certamente a mais pujante – em torno dos séculos V-VI, havendo contudo testemunhos de ocupação entre a Idade do Ferro e a Alta Idade Média (SILVA; GUIMARÃES, 2011; 2013a; 2013b). A utilização do local entre o período tardo-republicano e os primeiros tempos do Império conta com vestígios muito residuais – basicamente dois ou três pequenos fragmentos de *sigillata* hispânica, inclassificáveis, e dois bordos de ânfora

Dressel 1A – mas que não deixam de marcar presença, assinalando um momento particular da vida do povoado que melhor se discute no corpo da dissertação a que este inventário serve de apoio.
Os principais desafios deste sítio arqueológico consistem, assim, fixando-nos, principalmente, no período tardo-romano ou do reino suevo, em compreender a natureza das estruturas ali constituídas, a sua finalidade e o estatuto e enquadramento «político-administrativo» das entidades que o ocuparam e governaram (SILVA, 2014). A par das áreas «residenciais», dispersas por toda a parte superior e encostas, a avaliar pela disseminação dos interfaces negativos escavados na rocha, identificou-se igualmente uma área «portuária», que se estende entre os dois pequenos (atualmente) areais imediatamente a montante e jusante da elevação, da qual se detetou um muro de «cais» a poente, no areal de Favaios. Tais estruturas, que certamente justificarão a abundância de *sigillata* tardia africana e focense, além de vidros e outros elementos, serviriam de apoio a uma zona de fundeadouro e, acreditamos, constituiriam um porto secundário, zona de abrigo, de Portucale no período tardo-antigo.
Naturalmente, como se percebe já a partir de relatos mais antigos e de inventariação recente, o sítio arqueológico não se resume ao morro do Castelo e ao seu «porto» (SILVA, 2007: n.º 24). No sopé deveriam desenvolver-se outras instalações (talvez armazéns) e um núcleo de povoação. Aliás, as necrópoles parecem traduzir melhor a diacronia de utilização do sítio, uma vez que a duas centenas de metros, para sul, parecem existir contextos cemiteriais, talvez de duas ou três fases: uma romana mais antiga, atestada pela placa funerária, datada de entre finais do século I e a primeira metade do séc. II, (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2001: 46 e, talvez pela notícia de informadores locais sobre a localização de sepulturas «com moedas» (mas estes elementos podem também atribuir-se a enterramentos do Baixo-Império, nos quais as deposições de moedas são frequentes); uma fase tardo-antiga (séculos VI-VII?), documentada pelas recentemente descobertas sepulturas de inumação escavadas na rocha (COUTO; SILVA; RODRIGUES, 2021) e, em algum momento entre esta fase e os séculos X ou XI, outro conjunto de sepulturas escavadas na rocha, de distinta tipologia e uma muito singular (SILVA, 2013; GUIMARÃES *et al*., 2014), ultimamente objeto de estudo particular (SILVA, *et al.*, no prelo).

Achados ou espólio
Além de materiais da Idade do Ferro (SILVA; SOUSA; PINTO, 2018) e do período da Reconquista (SILVA; SOUSA, 2014), as escavações proporcionaram significativo acervo de cerâmicas tardo-antigas, tanto louça de mesa e cozinha, como contentores, encontrando-se publicadas a generalidade das importações de *sigillata*, ânfora, cinzenta tardia e outros grupos (SILVA, CARVALHO; 2014; SILVA, PEREIRA, CARVALHO, 2015; SILVA *et al*., 2015), registando-se ainda vidros tardo-romanos, algumas moedas, cerâmica de construção, etc.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Solar Condes de Resende (C. M. V. N. Gaia)

Referências
ALMEIDA, Carlos A. F. (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Trabalho complementar para provas de Doutoramento apresentado à Universidade do Porto

ALMEIDA, Carlos A. F. (1989) – Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII. In: MOREIRA, R. (dir.) – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Alfa, 38-54

ALMEIDA, Carlos A. F. (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In: *Finis Terrae*. *Estudios en Lembranza do Prof. Dr. Alberto Balil.* Santiago de Compostela: Universidade, 371-85

COUTO, Marcos; SILVA, António Manuel S. P. Silva; RODRIGUES, Miguel (2021) – *Sondagens arqueológicas de avaliação e salvaguarda na Estrada da Vessada, Crestuma, Vila Nova de Gaia (2.ª fase de trabalhos). Relatório final.* Porto: Império Arqueologia; GHAP-CQ. Texto datilog.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993b) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*. *Lvcerna*, 2.ª série, n.º 3 (Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia, 1987). Porto, p. 217-235

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves, GUIMARÃES, Susana Gonçalves (2001) – O Castelo de Crestuma: uma estação arqueológica quase desconhecida. *Al-madan*, 2ª série, 10. Almada, p. 43-47

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves; SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C. P.; PINTO, Filipe M. S. (2013) – O Complexo Arqueológico de Crestuma – Resultados da primeira campanha de escavações arqueológicas. *In* Pinto, F. M. S. (coord.) – *Terra de Santa Maria: espaços de cultura em debate no 10º aniversário da revista Villa da Feira*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 45-67

GUIMARÃES Joaquim A. Gonçalves; SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C. P.; LEMOS, Paulo A. P.; LEITE, Joana N. (2014) – *Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma - Vila Nova de Gaia. Projeto CASTR'UÍMA. 4ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos (2013). Relatório Final.* Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR/CQ). Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf.

SILVA, António Manuel S. P. (2013) – Arqueologia do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). Resultados preliminares da campanha de 2013. *Revista de Portugal*. 10. Vila Nova de Gaia, p. 5-13

SILVA, António Manuel S. P. (2014) – El Castillo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Portugal). Entre la romanidad tardia y la edad media: los retos de un sitio complejo. In *Las fortificaciones en la tardoantigüedad: Elites y articulación del territorio (siglos V-VIII d.C.)*. Madrid: La Ergástula, 2014, p. 389-399

SILVA, António Manuel S. P.; CARVALHO, Teresa P. (2014) – Originalidade e tradição clássica na cerâmica local e regional tardo-antiga do castelo de Crestuma (V. N. Gaia, Portugal). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, M.ª José (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. S.l. [Porto-Madrid]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Ex Officina Hispana, p. 381-396

SILVA, António Manuel S. P., GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2011) – O castelo de Crestuma revelado pela arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia.* 73 (Dez. 2011). Vila Nova de Gaia, p. 5-13

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013a) – *Castelo de Crestuma: a arqueologia em busca da história.* Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM; ASCR-Confraria Queirosiana

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013b) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia e a ocupação tardo-antiga no Baixo Douro. In *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. [DVD]. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 883-893

SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J.; PINTO, F.; SOUSA, L.; LEITE, J.; LEMOS, P.; PEREIRA, P.; TEIXEIRA, M. (2017b) – O projeto CASTR'UÍMA (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para um balanço prospetivo. *In* ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (coord.) – *Arqueologia em Portugal. 2017, Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 137-54. Edição digital

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Pedro; CARVALHO, Teresa P. (2015) – Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal): primeiros elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XI). In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves, 22-27 de Outubro de 2012).* Silves: Câmara Municipal de Silves; Campo Arqueológico de Mértola, p. 401-419

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Pedro; CARVALHO, Teresa P.; PINTO, Filipe; SOUSA, Laura; (2015) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*. In QUARESMA, José C.; MARQUES, João A. (coord.) – *Contextos estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia).* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 149-167

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura (2014) – Cerâmica do período da "Reconquista" (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (V. N. Gaia). *In* De Man *et al.* (coord.) – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: IEM, 205-222

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C.; PINTO, Filipe M. S. (2018) – Materiais proto-históricos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia). In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos Publicaciones, p. 327-340

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura; PINTO, Filipe; LEMOS, Paulo (no prelo) – As sepulturas escavadas na rocha do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal): contextos e problemáticas. In Atas do Congresso Internacional *Sepulturas Escavadas na Rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica.* Porto: CITCEM

SOUSA, Arlindo de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana: Do antigo castro ao castelo actual. Origens dos nomes: Civitas, Terra de Santa Maria, Vila e Feira. *Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, Ano 10, 2, 399-412

SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa.* Rio de Janeiro: s.e.

VELÁZQUEZ SORIANO, Maria Isabel (2017) **–** *Tegula* con inscripción de Vila Nova de Gaia. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial, p. 256

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vila Nova	Núcleo de povoamento		**P49**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.136190; -8.614769	4-35	Idade do Ferro (?); Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos

Nesta área, onde existem vários perímetros classificados de proteção arqueológica (SILVA, 2007a), têm vindo a ser realizados, sobretudo nos últimos vinte anos, numerosos trabalhos arqueológicos, não sendo incomum a identificação de materiais de época romana e até anteriores. As intervenções que contribuem para a sua configuração são as seguintes: ASM.00, LMB.00, RCR26.03, GGFSM.11, FRÇ4-VNG.16, CV-VNG.17 e HAB.18.

Descrição

O núcleo de povoamento de «Vila Nova» – assim se chamava a área no trânsito entre a Idade Média e Moderna – foi, simbolicamente, cartografado com as coordenadas da igreja paroquial de Santa Marinha, que, eventualmente, seria uma das áreas centrais do povoamento antigo.

Efetivamente, pelo menos em sete intervenções arqueológicas (a que se juntam diversas informações avulsas e não publicadas; cfr. GUIMARÃES, 2010), ocorreram materiais cerâmicos de época romana e, até, de cronologia proto-histórica (CV-VNG.17; LOUREIRO, PINTO, 2018). Restos de estruturas – truncadas, porque observadas em valas de infraestruturas – apenas, por ora, nas imediações da igreja matriz da freguesia (GGFSM.11; FONSECA, 2012). Em outros locais, a abundância de *tegulae* sugeriu a existência de estruturas relevantes, mas a metodologia seguida (acompanhamento de obra) não permitiu mais informações (FRÇ4-VNG.16; NASCIMENTO, LOUREIRO, 2017).

Desta forma, a relativa frequência dos achados romanos permite-nos ter como segura a existência de um núcleo de povoamento, essencialmente à cota ribeirinha, compreendido entre o sopé do Castelo de Gaia, a poente, e, talvez, o eixo da Rua de Cândido dos Reis (Rua Direita), provavelmente correspondente ao traçado da via XVI do Itinerário, onde aliás também se observaram materiais romanos abundantes (RCR26.03, informação pessoal do responsável). Se tal núcleo constituiria um *uicus*, simétrico do portuense da «Vila Baixa», ou aglomerado mais disperso, é questão que só novos achados e trabalhos arqueológicos poderão corresponder.

Achados ou espólio

Os materiais arqueológicos referenciados dizem respeito, principalmente, a *tegulae*, mas também ocorre alguma ânfora (HAB.18) e cerâmica comum romana e proto-histórica.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Variável	C. M. Gaia; empresas

Referências

BARBOSA, Sandra C. P. (2000) – Património Arqueológico: estações e sítios. In GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves – *Património Arqueológico* («Caracterização do Património Histórico e Cultural da Zona Histórica de Gaia», Vol. 2). Vila Nova de Gaia: Gab. História e Arqueologia de V. N. Gaia. Texto datilog.

COSTA, Bárbara; MARÇAL, Helena (2020) – *Nota Técnica. Intervenção Arqueológica. Rua Serpa Pinto, n.º 11-17 e Rua Barão de Forrester, n.º 69-73, 87, 137 e 145. Hotel Adega Burmester. Vila Nova de Gaia, 2018-2019*. Matosinhos: Arqueologia e Património Texto datilografado

FONSECA, Jorge (2012) – *Relatório Final. Intervenção Arqueológica. Requalificação urbanística da área de intervenção de Guilherme Gomes Fernandes – Santa Marinha. Vila Nova de Gaia, 2011-2012*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilografado

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000a) – Um século de Arqueologia em Vila Nova de Gaia. *Al-Madan*, 2.ª série, 9, Almada, p. 155-168

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000c) – Património Construído. In GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (coord.) – *Caracterização do Património Histórico e Cultural da Zona Histórica de Gaia*, Vol. 5. Vila Nova de Gaia: Gab. História e Arqueologia de V. N. Gaia. Texto datilog.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2010) – Os Romanos em Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 70. Vila Nova de Gaia, p. 5-20

LOUREIRO, Carlos Alberto; PINTO, Filipe M. Soares (2018) – *Sondagens arqueológicas no conjunto de armazéns (Cidade dos Vinhos) sito no Largo Joaquim Magalhães, 23 e Rua do Choupelo, 63, 105, 113, 125, 129, 191, 250 e 513. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Preliminar*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilog.

NASCIMENTO; André; LOUREIRO, Carlos Alberto (2017) – *Acompanhamento arqueológico na Rua do França, 4-26 e Rua Guilherme Gomes Fernandes, 69. Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório Final*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia, Lda. Texto datilografado

PEREIRA, António Sérgio; PEREIRA, Jacqueline; PEREIRA, José António (2000) – *Relatório prévio das sondagens arqueológicas no Largo Miguel Bombarda. Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Novarqueologia. Texto datilog.

PEREIRA, António Sérgio; PEREIRA, Jacqueline (2000) – *Relatório prévio das sondagens arqueológicas no Largo Miguel Bombarda. 2ª fase. Vila Nova de Gaia.* Vila Nova de Gaia: Novarqueologia. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007a) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*, V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.E
VILLAE

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Fontão de Antela	*Villa*	1143	**V01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Fontão

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.259525; -8.720050	15	Romano	Alto Império – Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

Para além de ações pontuais de prospeção, designadamente por parte dos serviços municipais de arqueologia de Matosinhos (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1396), nunca foram efetuados outros trabalhos arqueológicos dirigidos expressamente ao complexo habitacional da *uilla*, com exceção de sondagens de diagnóstico, na Travessa do Fontão, cujos resultados não parecem ter evidenciado vestígios de particular antiguidade (AREZES, 2009).

Descrição

No lugar designado como Fontão da Antela, dito também Fontão dos Mouros, mora uma das mais extraordinárias – quanto desconhecidas – estações romanas do litoral atlântico português.

A descoberta deu algum brado, precisamente na passagem do século XIX para o XX: o proprietário de uma faixa de terreno que marginava a «praia da Certagem», mandando remover as capas arenosas superficiais para melhor rentabilizar o agro, deparou-se com ruínas e objetos, para si, de insuspeitada antiguidade. A história, mais ou menos nestes termos, é contada por várias fontes em pouco posteriores a este sucesso, como a monografia do pároco que sucedeu aquele que presenciou o achado (RAMOS, 1992 [1943]: 23). Infelizmente, apesar de rapidamente os estudiosos e curiosos da época terem reconhecido a importância do achado, cuja maior visibilidade foi resultante dos fragmentos de mosaicos policromos exumados, as referências cronologicamente mais próximas são mínimas (PEIXOTO, 1908: 288; GRAVE, 1911) e não restou, ao que parece, a mínima descrição sobre o tipo de ruínas ou da natureza mais precisa dos objetos que vieram então à luz do dia.

Entretanto, provenientes desse achado de cerca de 1900 ou de outras recolhas – algumas até relativamente recentes (PIRES, 2018: 86) – a envolvente e o pequeno museu da paroquial, bem como os muros do lugar, foram-se enchendo de restos arquitetónicos e outros objetos, avultando, por mais vistosos, os fustes de coluna[1], os capitéis (MOREIRA; SILVA, 2011: 167), e mesmo eventuais restos de escultura marmórea (ALMEIDA, 1969: 36), tendo os pedaços de mosaico dado entrada no Museu Municipal do Porto (LANHAS; BRANDÃO, 1969: 14-23; PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1396). Em rigor, no plano arqueológico, é praticamente o que se sabe sobre a *uilla* romana de Lavra.

Mas entretanto, nas zonas contíguas, continuando a aparecer tégula, pedaços de mós e um ou outro fragmento de louça miúda com ares de romanidade (RAMOS, 1992 [1943]: 24), ocorreram outros significativos achados, como foi o caso do complexo «industrial» de tanques para salicultura e preparados piscícolas (V. fichas AE02 e AE03) e algumas sepulturas romanas, ultimamente acrescidas com novas descobertas (V. ficha N05). Desta forma, bem andaram os serviços municipais de arqueologia em classificar esta área, para efeitos de proteção, como «Zona arqueológica de Lavra» (PIRES, 2016b, *ibid*.), uma vez que estas diversas classes de vestígios hão de, com vantagem, ser entendidas articulada e conjuntamente.

[1] Embora C. A. F. ALMEIDA (1969: 37) duvide da origem romana de algumas das peças ilustradas por LANHAS e BRANDÃO (1969).

E assim mesmo, em recente revisão regional, o Fontão de Antela foi reinterpretado, com grande acuidade, como uma «unidade de carácter proto-industrial implantada na várzea marítima, com acesso a recursos marinhos de indiscutível valor económico», como o sal ou os preparados de peixe, que podia articular com a prática agrícola (MOREIRA; SILVA, 2011: 135-136), sugerindo mesmo estes autores a eventual existência de «um pequeno ancoradouro na baía recortada de Lavra», para apoio à atividade piscatória (*Idem, ibid*.). Reconhecendo um intervalo de ocupação provável – tendo até em conta a datação de alguns dos mosaicos (ABRAÇOS, 2019: 204) – entre os séculos III e IV (GORGES, 1979: 456), Álvaro Moreira e Armando Coelho admitem a possibilidade de uma instalação ainda alto-imperial (*Idem, ibid*., 136), o que parece confirmado por recentíssimos achados na envolvente V. ficha N05).

Achados ou espólio

O destino dos restos musivos parece ter sido algo sinuoso (SANTOS, 1963; PIRES, 2006: 104; 2016b, *ibid*.), se bem que, aparentemente estejam hoje todos localizados (ABRAÇOS, 2019: 201-204). Restos arquitetónicos e alguns objetos esparsos, completamente descontextualizados, conservam-se no Museu Paroquial Padre Ramos e em outras instituições

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Museu Paroquial Padre Ramos (Lavra); Gab. Arq. C.M.M.

Referências

ABRAÇOS, Fátima, coord. (2019) – *O* Corpus *dos mosaicos romanos do* Conuentus Bracaraugustanus. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

AREZES, Andreia (2009) - *Relatório final de trabalhos arqueológicos - Travessa do Fontão – Lavra*. Famalicão: Perennia Monumenta. Texto datilog.

GORGES, Jean-Gérard (1979) – *Les Villas hispano-romaines. Inventaire et problématique archéologiques*. Paris: Centre Pierre Paris ; Diffusion E. De Boccard

GRAVE, João (1911) – *O Passado: história Leve e phantasia*. Porto: Liv. Chardron

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. [1969] – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4]. Sep. «Revista de Etnografia», 24. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

MOREIRA, Álvaro B.; SILVA, Armando C. Ferreira da (2011) – O Rio da Memória. A Romanização do Vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 125-198

PEIXOTO, Rocha (1905-1908) – Sepulturas abertas em rocha. *Portugalia. Materiaes para o estudo do Povo Portuguez*, tomo 2. Porto, p. 287-288

PIRES, Conceição (2006) – *Joaquim Neves dos Santos: o amor pelo Passado.* S.l.: Edium editores

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

RAMOS, António F. (1992 [1943]) – *Lavra: apontamentos para a sua monografia*. 2ª ed. S.l.: [Lavra, Matosinhos]: Paróquia de Lavra (reed. do original de 1943)

SANTOS, Joaquim Neves dos (1963) – *Temas Regionais de Arqueologia e Etnografia. II. Um Mosaico Romano de Lavra – Matosinhos*. Matosinhos: Ed. A.

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Parada de Todeia	*Villa*	4836	**V02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Parada de Todeia	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.165122; -8.371000	160	Romano-Baixo Império	Séculos IV-V (?)

Trabalhos arqueológicos

O sítio foi objeto de escavações amadoras, em 1921, todavia visitadas por A. A. Mendes Correia, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Em 1999, algumas sondagens realizadas pelos serviços municipais de arqueologia em local próximo, no adro da igreja, foram inconclusivas (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: PAT001A).

Descrição

Mendes Correia identificou, a «poucos metros» a nordeste do primeiro núcleo de sepulturas da necrópole aqui descoberta (aparentemente o mais recente), «restos de paredes, ocorrendo tratar-se de restos de uma habitação, que era de planta quadrangular» (CORREIA, 1923-1924: 7) e onde recolheu «carvões, fragmentos de cerâmica doméstica, escórias, pedaços de telha de rebordo, amoladores de pedra», registando também dormentes e moventes de mós giratórias (*Id., ibid*.). A sul deste conjunto de necrópole e habitação teriam sido noutra altura descobertos, segundo informadores locais, «um mosaico e muros», como regista na mesma passagem.

Reavaliando estes dados, T. SOEIRO (1986) sugere que esta área habitacional pudesse estar relacionada com o núcleo de sepulturas mais antigo (meados do séc. IV), aproximação baseada na analogia do espólio de ambos os contextos, acrescentado no caso do espaço doméstico, com panelas de lume, pratos e grandes *dolia* (Idem, 114). Interpretando este contexto como um «povoado aberto, com a sua necrópole, de clara vocação agrícola», dos séculos IV-V, a mesma autora sublinha o seu carácter modélico para a ocupação tardo-romana da região (*Id*., 115). Considerando a notícia do achado de um mosaico, parece-nos plausível a interpretação dos vestígios como restos de uma *uilla*.

Achados ou espólio

Cerâmica doméstica e de construção, objetos em ferro, mós, amoladores, escórias, etc.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Museu de História Natural da Univ. Porto

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

CORREIA, A. A. Mendes (1923-1924) – A necrópole de Parada Todeia. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 26. Lisboa, p. 1-14

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1985-1986) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgalia*. Nova série, 6-7. Porto, p. 107-119

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=125975

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Paiço/Vila Boa	*Villa*		**V03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Guilhabreu	Paiço/Vila Boa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.301917; -8.642958	95	Romano - Indeterminado	Alto-Império – meados séc. V

Trabalhos arqueológicos

Foram feitas pesquisas e escavações amadoras entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não se registando quaisquer trabalhos arqueológicos com metodologia científica.

Descrição

Os vestígios desta área residencial romana terão aparecido entre finais de 1893 e começos de 1894, pouco depois de, nas proximidades, terem vindo à luz do dia indícios de uma necrópole, designadamente duas aras anepígrafas e uma funerária, com uma interessante referência a duas entidades gentilícias locais (ver ficha E31). As primeiras escavações foram promovidas por um colecionador de antiguidades com residência no local, tendo sido feitos outros trabalhos (considerados, à luz dos critérios da época, como «arqueológicos», embora deles apenas tenham restado alguns objetos, sem qualquer registo de contexto) nas primeiras duas décadas do século XX, pelo abade Sousa Maia, pároco da freguesia vizinha de Canidelo.

O abade de Santo Tirso, Joaquim Pedrosa, em correspondências com Martins Sarmento, deu-lhe notícia, em outubro de 1894, de alguns dos achados feitos até então no campo «a que chamão Villa Boa», constando de «restos de cerâmica, algumas moedas de cobre, uma talha, mas pequena, mós, etc.» (LIMA, 1940: 210). No mês seguinte, visitando o colecionador na sua casa do Porto, o padre Pedrosa acrescentou ao elenco outras peças de cerâmica comum, moedas e vidros, incluindo o que parecem ser tesselas de mosaico, e ainda dois fragmentos de uma pequena escultura em mármore ao que parece figurando Vénus, parte do tronco e a peanha ainda com um pé (LIMA: ibid.; MOREIRA, 2009: 318; MOREIRA; CORREIA, 2011: 442).

Durante uma visita à região, entre janeiro e fevereiro de 1905, Félix Alves Pereira recolheu e levou para o Museu Etnológico Português (atual Museu Nacional de Arqueologia) um conjunto de objetos arqueológicos oferecidos pelo abade Sousa Maia, de variada cronologia e procedentes de estações da região (ACQUISIÇÕES…, 1905: 381-2) e que incluíam, além de algumas cerâmicas atribuídas ao «cemitério (de incineração) de Guilhabreu», uma série de peças identificadas como «do sítio dos Milreus», nomeadamente «um tijolo triangular» (provavelmente de coluna), «um cabo de bronze, pertencente a algum grande recipiente» (de uma patera?), «um bordo de vaso ornamentado com folhas» e «um cadinho (?) de barro, do mesmo lugar» (Idem, ibidem). A mesma nota, um pouco antes de elencar as doações do abade de Canidelo, regista a oferta «do Sr. António Ferreira Milreus (Guilhabreu), uma pequena peça de bronze de forma anular com pé ôco, proveniente da sua quinta em Villa-Boa» e ainda «do mesmo Sr., licença para ser excavada uma estação archeologica em terreno seu, da qual em tempo oportuno se fallará» (ACQUISIÇÕES…, 1905: 381).

Ora, tanto os vestígios da *uilla*, incluindo os mosaicos, como as três aras funerárias, apareceram «nas terras agrícolas da casa de Milreus», conforme se regista no sítio eletrónico da Câmara Municipal de Vila do Conde (https://www.cm-viladoconde.pt/pages/229), e o desdobramento de locais sugerido pela notícia do Arqueólogo Português, além da coincidência do nome do sítio com o do proprietário à época, António Ferreira Milreus[2], levaram à equivocada inventariação de um sítio arqueológico distinto, com a designação de Milreus, assim constando das listagens de J. ALARCÃO (1988b: 1/353) e H. CARVALHO (2008: II, 84, n.º 13161101) e com número de CNS próprio (5542) no «Portal do Arqueólogo» (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=58623).

Algumas décadas mais tarde, o abade Sousa Maia mencionou também outros achados, sintetizados por Carlos A. Ferreira de Almeida como tendo ocorrido no sítio do Paiço, do mesmo lugar de Vila Boa, e traduzidos pelos «alicerces de um vasto edifício romano, cuja pedra foi em parte aproveitada para se fazer uma casa. Devia tratar-se de uma *uilla* romana. Viram-se [continua o mesmo A.] diversas canalizações e também, segundo parece, mosaicos», tendo-se ainda encontrado um tesouro monetário do século IV, com centenas de moedas (ALMEIDA, 1969: 35-6[3]). J. Mendes Pinto conseguiu ainda classificar 14 moedas daquele tesouro, conservadas nos serviços municipais de arqueologia de Vila do Conde, correspondentes a 13 pequenos bronzes do século IV e um denário do reinado de Augusto (2007: 101-5).

O sítio arqueológico, se bem que significativamente destruído pela prática agrícola (ALMEIDA, 1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.) corresponde a «uma extensa plataforma de planta oval, definida por duas linhas de água» (MOREIRA, 2009: 317; MOREIRA; CORREIA, 2011: 442), revelando ainda Álvaro Moreira que os campos correspondentes às ruínas oferecem «inúmeros vestígios cerâmicos à superfície (tégulas, cerâmica comum, fragmentos de talhas, tijolos, sigilatas, etc.), assim como abundante pedra faceada», com uma área de dispersão de 200 por 100 metros, levando-o a descrever o sítio como um «amplo complexo de fundação alto-imperial» com perduração até meados do século V (MOREIRA, 2009: 317, 118).

Para além da necrópole de incineração descoberta em finais do século XIX, nos começos da década de 1960 apareceram outros vestígios funerários, assimiláveis, pela descrição, a um *columbarium* (ALMEIDA, 1969: 36), que registamos na ficha N50, elementos que, sem qualquer dúvida, permitem classificar estes vestígios arqueológicos como associados a uma *uilla* de considerável importância, considerando a presença de pavimentos musivos, de estatuária, da prática epigráfica e de construções de vulto. Álvaro MOREIRA (2009: 118), sublinhando a vocação agro-silvo-pastoril da propriedade, chama-lhe «amplo complexo de fundação alto-imperial».

Achados ou espólio

A generalidade do espólio referido na bibliografia dispersou-se ou perdeu-se. Com relação direta com a área residencial parece que apenas foram conservados alguns fragmentos de mosaicos (Museu Municipal de Viana do Castelo) e um pequeno conjunto de moedas do tesouro tardo-romano, depositado nos serviços de arqueologia de Vila do Conde.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[2] Indivíduo falecido em 1929, segundo anúncio necrológico do jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27.01.1929, p. 12.

[3] Com base no artigo «Nota Arcaica – Guilhabreu», publicado no jornal *A Renovação*, n.º 40, de Vila do Conde, com data de 10.11.1934, a que não pudemos aceder

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Museu Municipal de Viana do Castelo;
Gabinete de Arqueologia da C. M. de Vila do Conde

Referências

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Portugues (1905). *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 10. Lisboa, p. 379-382

ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer (inventário). Fascicule 1. 1. Porto, 2. Bragança, 3. Viseu.* Warminster: Aris & Phillips

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

CARVALHO, Helena P. A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do* Conventus Bracarensis. 2 vol. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho

LIMA, Augusto C. Pires de (1940) – A Correspondência Martins Sarmento - Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães*, 50 (3-4) Jul.-Dez. 1940, Guimarães, p. 181-214

MENDES-PINTO, José M. (2005-2007) – *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega.* [Sep. de *Nvmmvs*, 2ª série, 28-30]. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

MOREIRA, Álvaro B.; CORREIA, Francisco C. (2011) – *Santo Thyrso de Riba d'Ave.* Notas e comentários. In PIMENTEL, Alberto – *Santo Thyrso de Riba d'Ave*. 2ª ed. [coord. de Álvaro Brito Moreira]. Santo Tirso: Câmara Municipal, p. 397-562

https://www.cm-viladoconde.pt/pages/229

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=58623

Observações

A localização exata das ruínas da *uilla* não coincide, considerando o sítio apontado na carta arqueológica de Vila do Conde (ALMEIDA, 1995; ALMEIDA, em prep.) e as coordenadas geográficas registadas por H. CARVALHO (2008: II, 85, n.º 13161103) e A. B. MOREIRA (2009: 317), pelo que optámos por uma localização mais próxima da indicada pela primeira fonte.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

II.F
AEDIFICIAE

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Angeiras (Complexo industrial da Lavra)	Cetárias	778	**AE01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Praia de Angeiras Norte

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.265919; -8.727294	4	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Após a sua descoberta acidental, por ação do mar, em 1965, este núcleo foi alvo de diversos trabalhos de escavação, limpeza e registo, designadamente por parte dos serviços de arqueologia da Câmara Municipal de Matosinhos. Contam-se, nomeadamente, trabalhos realizados em 1991 (no grupo E), 1992 (grupo A), sob direção de Joel Cleto, e outras intervenções mais recentes de monitorização e conservação (CLETO, 1996; PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1397).

Descrição

Ao longo de três quilómetros, distribuem-se pelos afloramentos rochosos costeiros vários núcleos do maior complexo de cetárias e salinas romanas do norte de Portugal. Designamo-los como «complexo industrial», não obstante estarem por localizar as instalações de apoio a esta atividade, e repartimos os testemunhos registados por três núcleos, para facilitar a sua apresentação: o núcleo da praia de Angeiras (Monumento Nacional), situado mais a norte, e o primeiro a ser identificado; o conjunto da praia da Forcada, cerca de 650 metros a sul do primeiro; e o núcleo de tanques da praia da Agudela, a cerca de 2,3 quilómetros a sul do anterior.

Provavelmente, alguns destes tanques ou salinas seriam já conhecidos das populações locais, antevistos pontualmente em resultado da ação marinha sobre as praias arenosas; aliás, na mesma ocasião em se revelaram as antigualhas da *uilla* do Fontão, por alturas do ano de 1900, poderá também ter aparecido «um tanque de granito, (…) coberto com grande altura de areia», segundo testemunho do pároco de Lavra à época, o qual acrescenta, ainda, que durante a construção de casas na praia de Angeiras, ele próprio teria observado, soterradas na areia «umas como que eiras, feitas de barro e *burgos*[1]» (RAMOS, 1992 [1943]: 27-28), vestígios certamente análogos, ou coincidentes, com aqueles aqui tratados. Mas foram as marés vivas do Outono de 1965 a descobrir o primeiro e notável conjunto que chamou a atenção dos especialistas, que logo se desdobraram em interpretações e propostas cronológicas (CLETO, 1996: 30; LANHAS; BRANDÃO, 1969: 34).

Poucos anos depois veio a público o primeiro levantamento, minucioso, do complexo, feito por Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão, que distribuíram os tanques por cinco núcleos ou grupos. O mais extenso, e primeiro a ser reconhecido (A) é composto por 16 tanques escavados nos «Penedos da Borrenta»; cerca de 80 metros a norte, sobre a «Pedra da Frieira» (B), abrem-se outros dois tanques; um pouco mais a norte existe outro conjunto (C) de três[2] tanques, e ainda mais um, aparentemente isolado (D), logo adiante, no extremo setentrional da mancha de vestígios (LANHAS; BRANDÃO, 1969). Trabalhos posteriores, envolvendo limpeza e registos, em 1991 e 1992, afinaram um pouco este levantamento, contabilizando-se então 18 tanques no grupo A e detetando-se um novo conjunto, nomeado pela letra E, imediatamente a sul do grupo C, composto por mais quatro cavidades (CLETO, 1996: 33-35; PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1397).

[1] Termo local para *godos*, ou pequenos seixos de mar.

[2] No texto, por gralha, indica-se quatro, o que a planta corrige (LANHAS; BRANDÃO, 1969: 28 e 32).

Este conjunto de 28 tanques, escavados sobre o «granito do Porto» metamorfizado pelo contacto com as rochas do complexo xisto-grauváquico, apresenta plantas entre o retangular, o quadrangular e o subtrapezóidal, com os vértices arredondados, fundo aplanado, e, de comum, as paredes levemente inclinadas para o interior, em masseira. Reportando-nos aos grupos A e E (que não divergem dos restantes). são bastante variáveis as dimensões de abertura, oscilando os lados maiores entre os 96 e os 198 cm, e bem assim a profundidade que chega a atingir 110 cm, ficando-se pelos 10-20 cm em alguns casos (CLETO, 1996: 34-39).

Não se encontrando nestas estruturas, sujeitas às flutuações das marés e dos depósitos arenosos qualquer tipo de vestígio que explique a sua funcionalidade, está fora de dúvida a sua relação com a indústria dos preparados piscícolas, bem como a sua provável relação com a vizinha *uilla* do Fontão. Em função das dimensões dos tanques, e designadamente a variação da sua profundidade, as interpretações oscilaram entre a sua utilização para produção de molhos de peixe, o *garum* (LANHAS; BRANDÃO, 1969: 34), ou a conservação de peixe em salmoura (ALMEIDA, 1969: 38-39; PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 13-16), para o que se utilizaria o sal igualmente produzido nas proximidades, do que é testemunho o «piso de seixos» identificado no núcleo da Forcada, um pouco mais a sul (V. ficha AE02) e outras notícias que parecem aludir à existência de marinhas, como os vestígios encontrados no lugar próximo da «Bouça da Tapada», destruídos após a sua descoberta, de pequenos tanques de 80 cm de lado e outro tanto de profundidade, revestidos a barro[3], e dispostos em fiadas paralelas, separados por «passeios» ou corredores de seixos com 50 cm de largura (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 16).

De um modo geral, neste género de estabelecimentos, os tanques de maior dimensão são interpretados como destinados à preparação de conservas de peixe salgado (EDMONSON, 1987: 124), alimento muito difundido entre a população romana ou aculturada e que era comercializado a longas distâncias (BUGALHÃO, 2001: 46); enquanto a preparação do *garum* e outros molhos de peixe, *liquaminis*, *salsamenta*, exigiria maiores requisitos técnicos, por vezes mesmo o aquecimento artificial para acelerar a maceração do sangue e vísceras de peixe (FABIÃO; GUERRA, 1993: 1000-1001). Além a interpretação destes aspetos técnicos, é igualmente analisar a relação destas estruturas com o nível do mar em época romana (CLETO, 1996: 40), como também foi ensaiado por Pereira da Silva e Isabel Figueiral para sustentar a sua proposta de cronologia tardo-romana para o complexo (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 17-18).

Por fim, ao designarmos como «complexo industrial» este conjunto de cetárias e salinas, estamos cientes da distinção proposta por J. Edmonson para a Lusitânia (mas talvez admissível para a nossa região) entre as unidades industriais urbanas, cuja produção, intensiva e exclusiva, se destinava à distribuição; e as subsidiárias rurais, muito ligadas a *uillae*, que operariam apenas para autoconsumo e circulação local (EDMONSON, 1987: 189-190; MOREIRA; SILVA, 2011: 136). Porém, a larga extensão do complexo da Lavra – ainda que desconheçamos se todos os tanques são coevos – parece sugerir uma possibilidade de alguma forma intermédia entre aqueles dois modelos (BUGALHÃO, 2001: 43). Nesta linha, a cronologia destas estruturas permanece em aberto, podendo tanto admitir-se a proposta, mais convencional, de uma datação baixo imperial, sincrónica com a *uilla* vizinha, como – acompanhando os achados recentes nas imediações[4] que, certamente, farão recuar a datação proposta para o Fontão – admitir uma origem claramente mais antiga, provavelmente mesmo dentro do século I.

Achados ou espólio

Não registados.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[3] Joel CLETO (1996: 40, fig. 15) parece ilustrar este barro de revestimento.

[4] Vf. Ficha V01.

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

RAMOS, António F. (1992 [1943]) – *Lavra: apontamentos para a sua monografia*. 2ª ed. S.l.: [Lavra, Matosinhos]: Paróquia de Lavra (reed. do original de 1943)

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. [1969] – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4]. Sep. «Revista de Etnografia», 24. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

PEREIRA DA SILVA, Fernando A.; FIGUEIRAL, Isabel (1986) – *Escavações Arqueológicas em Lavra: as Salinas Romano-Medievais da Praia de Angeiras*. Sep. do «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», 30. Matosinhos

EDMONSON, Jonathan C. (1987) – *Two Industries in Roman Lusitania. Mining and Garum Production*. BAR Int. Series, 362. Oxford: BAR

FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1993) – Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas. In *II Congresso Peninsular de História Antiga*. *Actas.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 995-1016

CLETO, Joel (1995-1996) – A indústria de conserva de peixe no Portugal Romano. O caso de Angeiras (Lavra, Matosinhos). *Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, 1-2. Matosinhos, p. 23-45

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em* Olisipo*. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 15].

MOREIRA, Álvaro B.; SILVA, Armando C. Ferreira da (2011) – O Rio da Memória. A Romanização do Vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 125-198

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Forcada (Complexo industrial da Lavra)	Cetárias e salinas		**AE02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Praia da Forcada ou Angeiras Sul

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.260908; -8.725128	4	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Anos depois da descoberta acidental, por ação do mar, em 1965, do núcleo principal da praia de Angeiras (ficha AE01), situado cerca de 650 metros a norte daquele que é objeto desta ficha, as marés vivas voltaram a revelar novos vestígios de relevo em 1979, o que levou a uma intervenção arqueológica no local – promovida pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto em 1983 – a qual, não só permitiu caracterizar o «pavimento de seixos» que havia aparecido, como descobriu mais quatro tanques (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986). Já no presente século, medidas preventivas no quadro da execução de um Plano de Ordenamento da Orla Costeira, levaram à realização de uma sondagem arqueológica, a poucas dezenas de metros dos vestígios anteriores, que todavia não revelaram evidências da mesma natureza, tão só alguns traços de utensilagem pré-histórica (FONSECA *et al*., 2011; PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1393).

Descrição

Ao longo de três quilómetros, distribuem-se pelos afloramentos rochosos costeiros vários núcleos do maior complexo de cetárias e salinas romanas do norte de Portugal. Designamo-los como «complexo industrial», não obstante estarem por localizar as instalações de apoio a esta atividade, e repartimos os testemunhos registados por três núcleos, para facilitar a sua apresentação: o núcleo da praia de Angeiras (Monumento Nacional), situado mais a norte, e o primeiro a ser identificado (ficha AE01); o conjunto da praia da Forcada, cerca de 650 metros a sul do primeiro – de que trata a presente ficha de inventário –; e o núcleo de tanques da praia da Agudela, a cerca de 2,3 quilómetros a sul do anterior.

Possivelmente, alguns destes tanques ou salinas seriam já conhecidos das populações locais, antevistos pontualmente em consequência da ação marinha sobre as praias arenosas; aliás, na mesma ocasião em se revelaram as antigualhas da *uilla* do Fontão, por alturas do ano de 1900, poderá também ter aparecido «um tanque de granito, (…) coberto com grande altura de areia», segundo testemunho do pároco de Lavra à época, o qual acrescenta, ainda, que durante a construção de casas na praia de Angeiras, ele próprio teria observado, soterradas na areia «umas como que eiras, feitas de barro e burgos» (RAMOS, 1992 [1943]: 27-28), vestígios certamente análogos, ou coincidentes, com aqueles aqui tratados. Mas foram as marés vivas do Outono de 1965 a descobrir o primeiro e notável conjunto que chamou a atenção dos especialistas (o da praia de Angeiras, a norte), que logo se desdobraram em interpretações e propostas cronológicas (CLETO, 1996: 30; LANHAS; BRANDÃO, 1969: 34).

Publicados os levantamentos desse primeiro conjunto (LANHAS; BRANDÃO, 1969) e avançadas diversas teses explicativas sobre a sua função e cronologia (ALMEIDA, 1969: 38-39; LANHAS; BRANDÃO, 1969: 34), a natureza voltaria a surpreender labrenses e visitantes, quando em 1979 o mar voltou a deixar à vista novas obras antigas, desta vez um inusitado «piso de seixos», com cerca de 35 metros de extensão, apresentado pela imprensa do Porto como um troço de «caminho romano» (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 4).

Em 1983 realizou-se no sítio uma escavação arqueológica de caracterização, recolhendo-se a informação de moradores locais – mal o referido piso começou a ser ponto à vista, pois entretanto as areias haviam voltado a recobri-lo – que estruturas similares se encontravam, por vezes, nesse e em outros pontos do areal, designados por alguns como «caminhos de *bulgos*[5]», havendo também memória popular dos tanques, «onde os *mouros* salgavam o bacalhau» (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, *Idem*: 5, 6)[6].

A estrutura com a base composta por seixos[7], entretanto destruída parcialmente, pelo avanço do mar, após o achado de 1979, estava recoberta por um nível muito compacto de «barro arenizado»; após o seu levantamento, verificou-se que se tratava de uma espécie de tanque, cuja base, regularizada, era formada pelos referidos godos, incrustados num depósito barrento de preparação intencional, assente sobre o granito natural (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 11-12). Este recinto era delimitado por um murete baixo, feito com seixos maiores, sendo os interstícios colmatados com argila e pedras menores. A estrutura, plausivelmente de contorno retangular e bem esquadriado, apresentava no final dos trabalhos as dimensões de 20,75 metros de comprimento por 9 metros de largura, calculando os escavadores que apenas se terá conservado em cerca de um terço do seu tamanho original; o murete delimitador, por sua vez, teria uma altura máxima na ordem dos 40 centímetros (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 9-11).

A necessidade de alargamento da escavação, para a banda do Oeste, levou ainda à identificação de quatro tanques (que nomeamos como Conjunto G), situados a cerca de 35 metros da Estrutura F e já bastante destruídos. Os três melhor conservados mostraram dimensões em tudo análogas aos que se conheciam já na praia de Angeiras; de plano retangular ou trapezoidal, mediam entre 100 e 122 centímetros de eixo maior, tendo entre 72 e 90 cm de lado menor; a sua profundidade não ultrapassaria os 60 cm (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 12-13).

Discutindo a funcionalidade destes dispositivos (os quais, naturalmente, não propiciaram qualquer espólio), os responsáveis pela escavação inclinaram-se para que os tanques fossem utilizados para a conservação do peixe em salmoura, embora não descartem a possibilidade do fabrico de *garum*. Já no que concerne ao «tanque» de base em seixos, a pequena capacidade de contenção de águas, em relação com a grande superfície de exposição solar, são características que recomendaram a sua interpretação como salina, articulando-se assim a produção deste precioso bem com a necessidade dos tanques próximos, seguindo ainda as conclusões de Isabel Figueiral e Pereira da Silva. Já quanto à cronologia destas estruturas, os autores discorrem sobre as variações eustáticas observadas entre a Idade do Ferro e a época medieval, concluindo – a partir, em especial de bibliografia para a área atlântica francesa – que terá havido uma subida dos níveis marinhos entre os séculos II e IV da nossa era, pelo que, dada a conveniência de tanques e salinas estarem mais próximos do mar, tais estruturas poderiam bem datar dos séculos III-IV (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, *Idem*: 17-18).

Explorando esta possibilidade, diversos autores têm ligado estas estruturas salineiras e conserveiras – para usar terminologia moderna – à vizinha *uilla* do Fontão, salientando Joel Cleto a importância do consumo de preparados piscícolas para os seus proprietários e a possível rentabilização da mão-de-obra, que poderia ocupar-se nestas tarefas durante o Verão, até ao período das vindimas, em que seria chamada a outras tarefas (CLETO, 1996: 40). Esta «dupla frente» económica da *uilla* da Lavra, ou, talvez, de *Fontanus,* a exploração de recursos marítimos (pesca e conservas) articulada com o cultivo dos agros circundantes, a que não deixaria de somar-se uma terceira dimensão de pequeno comércio regional, são também aspetos salientados por Álvaro Moreira e Ferreira da Silva em síntese recente, que observam, até, como o território desta *uilla* poderia estar em complementaridade, sem

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[5] Termo usado na região como sinónimo de *godos*, ou pequenos seixos de mar.

[6] Achado idêntico, como já observamos noutra das fichas deste complexo, terá ocorrido no lugar próximo da Bouça da Tapada, do que igualmente dão nota estes autores (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 16).

[7] Que designaremos, no âmbito geral do complexo, como Estrutura F.

sobreposição, com o espaço de exploração dos residentes no castro de Guifões (MOREIRA; SILVA, 2011: 136)[8].

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências

RAMOS, António F. (1992 [1943]) – *Lavra: apontamentos para a sua monografia*. 2ª ed. S.l.: [Lavra, Matosinhos]: Paróquia de Lavra (reed. do original de 1943)

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. [1969] – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4]. Sep. «Revista de Etnografia», 24. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

PEREIRA DA SILVA, Fernando A.; FIGUEIRAL, Isabel (1986) – *Escavações Arqueológicas em Lavra: as Salinas Romano-Medievais da Praia de Angeiras*. Sep. do «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», 30. Matosinhos

CLETO, Joel (1995-1996) – A indústria de conserva de peixe no Portugal Romano. O caso de Angeiras (Lavra, Matosinhos). *Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, 1-2. Matosinhos, p. 23-45

FONSECA, Vítor; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Jorge; PIEDADE, Marta; PIRES, Conceição; VARELA, José M. (2011) – *Intervenção Arqueológica - Requalificação da Orla Costeira de Matosinhos. Relatório Final*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MOREIRA, Álvaro B.; SILVA, Armando C. Ferreira da (2011) – O Rio da Memória. A Romanização do Vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 125-198

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[8] Vd. também, a este propósito, as considerações que fazemos na ficha AE01.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Agudela (Complexo industrial da Lavra)	Cetárias		**AE03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Praia da Agudela

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.240306; -8.725903	4	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Neste amplo complexo de cetárias e estruturas conexas, os primeiros achados, feitos em 1965, levaram a vários trabalhos de escavação e caracterização (ficha AE01). Do mesmo modo, novas ocorrências, em 1979, foram também seguidas de trabalhos arqueológicos (ficha AE02). Por fim – e esse o objeto da presente ficha – também na praia da Agudela, mais a sul em relação aos vestígios precedentes, as ondas do mar deixaram à vista, no ano de 2003, outro conjunto de tanques, anos volvidos intervencionados no âmbito de trabalhos preventivos enquadrados nas obras do Plano de Ordenamento da Orla Costeira (FONSECA *et al*., 2011; PIRES, 2016b: Cod. Inv. 13104).

Descrição

Numa extensão de três quilómetros, distribuem-se pelos afloramentos rochosos costeiros vários núcleos do maior complexo de cetárias e salinas romanas do norte de Portugal. Designamo-los como «complexo industrial», não obstante estarem por localizar as instalações de apoio a esta atividade, e repartimos os testemunhos registados por três núcleos, para facilitar a sua apresentação: o núcleo da praia de Angeiras (Monumento Nacional), situado mais a norte, e o primeiro a ser identificado (ficha AE01); o conjunto da praia da Forcada, cerca de 650 metros a sul do primeiro ficha AE02); e o núcleo de tanques da praia da Agudela, a cerca de 2,3 quilómetros a sul do anterior, de que aqui tratamos.

Possivelmente, alguns destes tanques ou salinas seriam já conhecidos das populações locais, antevistos pontualmente em consequência da ação marinha sobre as praias arenosas; aliás, na mesma ocasião em se revelaram as antigualhas da *uilla* do Fontão, por alturas do ano de 1900, poderá também ter aparecido «um tanque de granito, (…) coberto com grande altura de areia», segundo testemunho do pároco de Lavra à época, o qual acrescenta, ainda, que durante a construção de casas na praia de Angeiras, ele próprio teria observado, soterradas na areia «umas como que eiras, feitas de barro e burgos» (RAMOS, 1992 [1943]: 27-28), vestígios certamente análogos, ou coincidentes, com aqueles aqui tratados e sobre os quais, aliás, resistia ainda alguma memória popular até há poucas décadas (PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986: 5, 16).

Mas tem sido o mar, todavia, pelas dinâmicas que imprime à orla costeira, a «oferecer» à arqueologia os sucessivos vestígios da antiga ocupação humana e exploração dos recursos que configuraram o que, hoje, podemos designar como «Complexo industrial da Lavra». Em 1965 apareceram os primeiros conjuntos de tanques (Angeiras), e em 1979 vieram à luz do dia as instalações de uma salina, que levariam à descoberta de outros tanques (LANHAS; BRANDÃO, 1969; CLETO, 1996; PEREIRA DA SILVA; FIGUEIRAL, 1986). A última revelação desta série, ocorreu em 2003 e teve lugar bem mais a sul que as anteriores, na praia da Agudela. Não tendo sido possível, na ocasião, proceder a trabalhos de arqueologia específicos, surgiu a oportunidade para tal no quadro das ações preventivas da execução de um projeto do Plano de Ordenamento da Orla Costeira, tendo sido levadas a cabo várias sondagens arqueológicas no areal, sem resultados apreciáveis, e feita também a escavação e caracterização dos tanques aparecidos anos antes.

Verificou-se, assim, que este núcleo – que vamos designar como conjunto H – é composto por «duas estruturas situadas numa diminuta elevação no afloramento rochoso de natureza granítica» (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 13104). Os dois tanques, de plano retangular, apresentam como dimensões, respetivamente, 1,83 x 0,77 x 0,47 metros de profundidade (Tanque 1) e 0,84 x 0,74 x 0,23 metros (Tanque 2) (FONSECA *et al*., 2011; PIRES, *ibidem*), distinguindo-se dos anteriormente registados, talvez, por uma menor profundidade, se bem que se desconheça se poderão existir outras cetárias neste núcleo mais meridional.

Para a discussão sobre a funcionalidade e cronologia destas obras, veja-se o que dissemos nas restantes fichas relativas a este complexo (fichas AE02 e AE02). A diferença que poderá aqui destacar-se é a, significativamente, maior distância (mais de dois quilómetros) entre este conjunto H de cetárias e a *uilla* do Fontão. Todavia, não temos a mínima noção das dimensões ou organização espacial desta propriedade e seus *fundi*, pelo que tal distanciamento resulta apenas da medida a um ponto «central», convencional, do local dos achados de 1900, nos termos em que foi descrito (RAMOS, 1992 [1943]: 23). Tudo o mais é, por enquanto, especulativo, mas tanto podemos estimar a hipótese da *uilla* centralizar a utilização de uma vasta extensão de cetárias, ou destas terem funcionado – admitindo que sejam todas da mesma época e o trabalho não se tenha deslocado geograficamente ao longo do tempo – sob qualquer outra modalidade, hipoteticamente noutro regime de exploração.

Achados ou espólio

Não registados.

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências

RAMOS, António F. (1992 [1943]) – *Lavra: apontamentos para a sua monografia*. 2ª ed. S.l.: [Lavra, Matosinhos]: Paróquia de Lavra (reed. do original de 1943)

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. [1969] – *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* [Parcela 109-4]. Sep. «Revista de Etnografia», 24. Porto: Museu de Etnografia e História, s.d. [1969]

PEREIRA DA SILVA, Fernando A.; FIGUEIRAL, Isabel (1986) – *Escavações Arqueológicas em Lavra: as Salinas Romano-Medievais da Praia de Angeiras*. Sep. do «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», 30. Matosinhos

CLETO, Joel (1995-1996) – A indústria de conserva de peixe no Portugal Romano. O caso de Angeiras (Lavra, Matosinhos). *Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, 1-2. Matosinhos, p. 23-45

FONSECA, Vítor; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Jorge; PIEDADE, Marta; PIRES, Conceição; VARELA, José M. (2011) – *Intervenção Arqueológica - Requalificação da Orla Costeira de Matosinhos. Relatório Final*. Matosinhos: Arqueologia e Património. Texto datilog.

MOREIRA, Álvaro B.; SILVA, Armando C. Ferreira da (2011) – O Rio da Memória. A Romanização do Vale do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 125-198

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

PIRES, Conceição (2018) – *Matosinhos: do Paleolítico ao Séc. X.* Vol. 1. Matosinhos: Seda publicações

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Oficina de Santa Comba	Trabalhos mineiros		**AE04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Santa Comba

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
Paredes	200	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção e recolha de informações dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição
De acordo com os registos dos serviços municipais de arqueologia, o sítio, localizado junto à confluência das ribeiras de Lagares e das Banjas, na encosta nascente da Serra das Banjas, terá ficado exposto em resultado de obras para a a abertura de um caminho, na década de 1930. Trata-se uma estrutura construída em granito, associada a «uma vala escavada na rocha com cavidades quadrangulares laterais» (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr006A), parecendo, pela imagem publicada, que parte das estruturas serão também feitas em xisto.
Na mesma ficha alude-se a informações orais que explicam a estrutura como «um forno de origem romana», mas as ruínas, junto das quais terá aparecido *tegula*, são tipificadas pelos mesmos autores como uma «oficina» (*Idem*), para o que poderá contribuir a sua relativa proximidade a vários trabalhos mineiros, de que dista cerca de 1,5 quilómetros.

Achados ou espólio
Fragmentos de *tegulae*

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serv. municip. arqueologia

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Balneário e termas do Pinheiro	Balneário; termas		**AE05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Pinheiro	Lameiro dos Lodos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,117902; -8,294510	150	Romano	Finais séc. I – começos séc. II

Trabalhos arqueológicos

As ruínas apareceram nos começos do século XX, casualmente, em instalação de tubagens para aproveitamento da captação aquífera. Reconhecida a antiguidade e interesse dos vestígios, muito de pronto José Fortes procedeu a escavações – talvez com a colaboração de uma personalidade local, Agostinho Lopes Coelho (ANDRADE, 1918: 75) – trabalhos de que nos deixou monografia modelar para a época (FORTES, 1902). Posteriormente, Teresa SOEIRO (1984: 67-75) procedeu ao estudo dos materiais que se haviam preservado e à reinterpretação das estruturas arquitetónicas. O complexo encontra-se registado na carta municipal do património arqueológico Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.2), tendo sido recentemente classificado como Monumento de Interesse Público (Portaria n.º 619 de 19/10/2020), dotado da respetiva área de proteção.

Descrição

Nos princípios do século XX, pretendendo-se retomar o aproveitamento das águas medicinais carbonatadas e sódicas que brotam de uma nascente situada junto da ribeira da Camba, encontrou-se, casualmente, importante ruína do balneário romano. A identificação do monumento de pronto levou à sua escavação integral, do que se ocupou, a contento, um dos mais reconhecidos arqueólogos da época, José FORTES (1902). Sintetizaremos a apresentação deste sítio arqueológico a partir deste trabalho e do acurado estudo que lhe votou Teresa SOEIRO (1984: 67-75).

Pelo facto de encontrar-se a cota bastante funda, o complexo exibia ainda paredes de alçado superior a um metro, conservando-se ainda, atendendo ao meio húmido, significativo espólio metálico e orgânico, nomeadamente de madeiras. As observações de J. Fortes levaram-nos à correta interpretação da natureza do conjunto edificado, notando aquele investigador, por um lado, que se tratava de um edifício «isolado no fundo de um vale estreito, sem dependência de qualquer outro prédio», pelo que se tratava de um estabelecimento público; por outro, que a escala do edifício e a natureza singela dos achados distinguia este complexo dos exemplos de instalações termais particularmente ricas e luxuosas (FORTES, 1902: 8-10).

O conjunto mineromedicinal, de planta genericamente em retângulo, ocupa uma área de 250 m^2. Possui apenas duas entradas, voltadas a Nascente, uma permitindo o acesso à área de banhos e a segunda de serventia técnica. Duas salas situadas a norte, serviriam por certo de receção e *apodyteria* dos aquistas; de aí acedia-se a um pátio central, com cerca de 7,5 metros de eixo maior que servia como espaço de redistribuição para vários compartimentos com piscinas de fundo revestido a *opus signinum* e bancos laterais, duas delas, sensivelmente simétricas, para banhos frios e as restantes com águas aquecidas, devendo uma sala mais interior ter servido de *laconicum*. As áreas técnicas, enquadrando o hipocausto, situavam-se da banda do sul. No exterior, localizaram-se tanto canalizações de condução das águas a partir da nascente, como o respetivo esgoto de escoamento, direcionado à ribeira (SOEIRO, 1984: 67-75).

A par das estruturas, excecionalmente conservadas, exumou-se ainda significativo espólio, quer de materiais de construção (cerâmica de cobertura, tijolos, canalizações, etc.), quer de alguma louça de

uso doméstico, bem como alguns objetos metálicos, com destaque para uma grande bacia em bronze para aquecimento de água (SOEIRO, 1984: 74-75, figs. XXVIII-XXX). A datação do complexo, entretanto aferida pelo desenvolvimento dos estudos regionais, é apontada para o período da dinastia dos imperadores flávios, como se recolhe na recente portaria de classificação do monumento.

Nas imediações do balneário registaram-se outros vestígios, nomeadamente os que parecem correspondentes a uma necrópole, localizada uma centena de metros a sul, onde J. Fortes arquivou o achado de «bastantes restos de lucernas, de bilhas e de outros vasos, com aspecto antiquado» (FORTES, 1902: 10), objetos de que se perdeu o rasto (*vd*. ficha N37).

Em comentário final a este sítio arqueológico, conveniente localizado junto a uma via romana que passava pelo Mozinho, em direção ao atravessamento do Douro, parece muito plausível que o complexo termal, estando isolado o próprio edifício, integrasse, contudo, um maior núcleo populacional de apoio aos viajantes. Helena Frade sugeriu que pudesse ter estado associado a uma *uilla* próxima (FRADE, 1993: 882), mas igualmente cobra sentido a hipótese de Álvaro B. MOREIRA (1989, I: 89) de que ali poderia ter existido um «*uicus* termal». Novos estudos anunciados poderão trazer proximamente maiores dados para o esclarecimento do balneário e do seu enquadramento (GONZÁLEZ SOUTELO; MATILLA SÉIQUER, 2017: 560).

Achados ou espólio

Conservam-se, essencialmente no Museu Municipal de Penafiel, diversos objetos aparecidos nos trabalhos arqueológicos.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

FORTES, José (1902) – *Balineum luso-romano do S. Vicente de Pinheiro (Penafiel).* Porto: Typ. Central

ANDRADE, Vieira de (1918) – Castro de Entre-os-Rios. *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, 23. Lisboa, p. 74-76

MACHADO, Francisco S. Lacerda (1920) – *Uma cidade morta no Monte Mozinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões. Estudo de arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

FRADE, Helena (1993) – As termas medicinais da época romana em Portugal. In *II Congresso Peninsular de História Antiga*. *Actas.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 873-916

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

GONZÁLEZ SOUTELO, Sílvia; MATILLA SÉIQUER, Gonzalo (2017) – Inventario y revisión de los principales enclaves de aguas mineromedicinales en Hispania. Un estado de la cuestión. In MATILLA SÉIQUER, Gonzalo; GONZÁLEZ SOUTELO, Sílvia (eds.) – *Termalismo Antiguo en Hispania. Un análisis del tejido balneário en época romana y tardorromana en la península ibérica*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 78. Madrid, p. 495-602

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Forno do Paranho	Forno	4094	**AE06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Canelas	Paranho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.067784; -8.596548	134	Romano-Alto Império	Século I

Trabalhos arqueológicos

O forno foi objeto de uma intervenção arqueológica de emergência no ano de 1982, sob responsabilidade de A. C. Ferreira da Silva (SILVA; LOPES; LOBATO, 1984), tendo posteriormente sido monitorizado para efeitos de salvaguarda patrimonial (SILVA, 2007: anexos, ficha 001).

Descrição

A escavação, feita em contexto de emergência, revelou um forno cerâmico de tipologia comum no mundo romano, composto por uma pequena galeria para a fornalha, coberta por abóboda de berço, e duas câmaras sobrepostas (para aquecimento e cozedura), separadas por uma grelha perfurada, medindo toda a estrutura industrial, cerca de 3,50 por 2,10 metros (SILVA; LOPES; LOBATO, 1984: 59-63).

Os restos de produção, encontrados ainda sobre a grelha, indicam que se tratava de *fornax tegularium*, dada a abundância e exclusividade de telha plana ali encontrada. A presença de alguns fragmentos de cerâmica doméstica, «integrados na massa da abóboda», designadamente quatro correspondentes ao fundo de um púcaro em cerâmica cinzenta fina polida, permitiram aos autores propor uma datação de meados do século I para esta estrutura fabril (*Idem*: 63-64).

Achados ou espólio

Identificaram-se numerosos fragmentos de *tegulae*, muito partida, e apareceram ainda seis fragmentos de cerâmica doméstica romana, permitindo propor uma datação para a estrutura.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Solar Condes de Resende – C. M. Gaia

Referências

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico.* [V. N. Gaia]: Gaiurb, EM; Município de Vila Nova de Gaia. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, Armando C. F.; LOPES, António B.; LOBATO, M.ª José F. (1984) – O forno cerâmico romano de Canelas (Vila Nova de Gaia). *Gaya: revista do Gab. de História e Arqueologia de V. N Gaia*, 2. Vila Nova de Gaia, p. 59-72

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja do Bom Jesus	Edifício	5832	**AE07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.140242; -8.623556	47	Tardo-antiguidade	Século VI-VII (?)

Trabalhos arqueológicos

O templo foi intervencionado arqueologicamente em 1988-1989 e 1992, trabalhos de que resultou ampla bibliografia, tanto sobre as ruínas e a estratigrafia observadas (GUIMARÃES, 1989; 1995a; 1995c; 2018; 2019), como sobre o significativo espólio ali recolhido (GUIMARÃES, 2002; 2017a; GUIMARÃES, PINTO, 2000; RAMOS, 2017, 2020). Mais recentemente, o sítio foi igualmente inventariado e descrito para efeitos de salvaguarda, no âmbito da carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 079).

Descrição

A escavação de uma capela na encosta nordeste do Castelo de Gaia (Ficha XXX), a igreja do Bom Jesus, templo de aspeto moderno mas documentada ascendência medieval, trouxe à luz do dia importantes ruínas tardo-antigas. Sob uma área cemiterial moderna e espessos níveis de aterro e derrube, encontrou-se um edifício, construído a uma cota dois metros e meio inferior à atual, cuja planta não pôde ser reconstituída, mas que apresentava diversos elementos notáveis (GUIMARÃES, 1989; 1995a; 1995c; 2002; 2018; 2019).

Na sequência estratigráfica, deve notar-se, o templo atual assentava sobre as ruínas de um edifício anterior – destruído ainda na alta Idade Média – e este último, sobre um espesso nível de derrube de telhado de *tegula* e *imbrex*, que selava a construção primitiva, preenchida por depósitos de derrube, aparentemente violento, convencionalmente identificados como «camada 3» (GUIMARÃES, 1995a: 292). O referido edifício definia-se por dois muros perpendiculares, com restos de um outro a nascente, definindo um espaço com, pelo menos dois compartimentos, com quase oito metros de um lados, aparecendo junto a um dos muros restos de revestimento estucado; este espaço encontrava-se rebaixado em relação ao solo natural, a ele se acedendo por escadaria, de que apareceram alguns degraus no alçado poente GUIMARÃES, 1995a: 131-134). Entre os entulhos apareceram tijolos (*bessales*), eventualmente pertencentes a um piso superior e alguns restos arquitetónicos de relevo, designadamente tambores e fustes de colunas, fragmentos de um capitel de pilastra e outros dois, corintizantes, materiais que Gonçalves Guimarães crê poderem ter sido reaproveitados de um edifício anterior (*Idem*, 137-138, est. XIV; GUIMARÃES, 1995b: 436-437).

A camada 3, subjacente ao derrube de telhado incluía como espólio significativa quantidade de *sigillata* tardia hispânica, africana (C e D) e focense – alguma dela com ornamentação simbólica paleocristã (GUIMARÃES, 2002) – além de vidros e outros itens (GUIMARÃES, 2017a), que permitiram ao mesmo autor sustentar que a destruição do edifício, que acredita ter sido intencional e liga, mesmo, aos conflitos dos finais da monarquia sueva (GUIMARÃES, 2018: 410; 2019: 22), terá acontecido por alturas de 580 ou 585, cronologia entretanto sustentada por estudos mais finos desse espólio arqueológico (RAMOS, 2017, 2020), devendo a sua construção remontar ao período tardo-romano. Quanto à função desse espaço, são parcos os elementos disponíveis para sustentar uma proposta fundamentada, aventando o mesmo anterior que poderia ter tido funções de copa ou sala de refeições, face ao repertório de louças finas exibido (GUIMARÃES, 1995a: 136).

Achados ou espólio

O espólio atribuível a este período (porque também o há de outras épocas, mesmo mais antigas, descontextualizado) é muito numeroso, contabilizando-se cerca de 15 000 fragmentos cerâmicos (GUIMARÃES. 2019: 19), além de um pendente áureo, vidros, moedas e muitos outros objetos, que só agora começam a ser estudados monograficamente.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Solar dos Condes de Resende (C. M. V. N. Gaia)

Referências

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1989) - Escavações arqueológicas na Igreja do Bom Jesus de Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 28. Vila Nova de Gaia, p. 17-25

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995a) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto: Universidade Portucalense

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995b) – Escavações arqueológicas na Igreja de Gaia. In *Actas da IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispânica (Lisboa, 1992).* Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Univ. Nova de Lisboa, 429-41

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2002) – Vestígios arqueológicos paleocristãos de *Portucale Castrum Antiquum* (Gaia). In *Actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória.* Vol. I. Porto/Arouca: Centro Est. D. Domingos de Pinho Brandão; Univ. Católica; Fac. Letras Univ. do Porto, p. 543-556

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2017a) – 131. Plato de TSAD de Vila Nova de Gaia / 170. Pendiente de Vila Nova de Gaia / 171. Copa de Vila Nova de Gaia. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial, p. 187-188, 255

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2018) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia (Vila Nova de Gaia – Portugal) destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 409-411

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2019) – O edifício de tradição romana sob a Igreja do Bom Jesus de Gaia destruído nos últimos dias do reino dos Suevos. *Revista de Portugal*, 16. Vila Nova de Gaia, p. 16-24

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves; PINTO, Carla T. (2000) – Cerâmica arqueológica de Gaia. Análise de elementos de uma sequência de longa duração. In JORGE, Vítor O. (coord.) – *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. I. Porto: ADECAP, p. 491-510

RAMOS, Joaquim Filipe (2017) – *Contributo para o estudo das cerâmicas finas tardias da igreja do Bom Jesus de Gaia.* Dissertação (Relatório de Estágio) de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RAMOS, Joaquim F. (2020) – Cerâmicas e vidros da antiguidade tardia do edifício sob a igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia). In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea (coords.) – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1479-1491. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25 1/arqa109

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*, V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta de Santo António	Templo		**AE08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Castelo de Gaia; Quinta de Santo António

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,140807; 8,627161	50	Tardo-antiguidade	sécs. IV-V - sécs. VIII-IX

Trabalhos arqueológicos

A área foi condicionada, do ponto de vista da salvaguarda arqueológica, no âmbito da carta patrimonial do Plano Diretor Municipal, em resultado da sua proximidade ao Castelo de Gaia e outras informações sobre ocupação ou utilização antigas do sítio (SILVA, 2007, ficha 159). Porém, só como consequência de desaterros e trabalhos de urbanização que desrespeitaram esta condicionante, viria a revelar-se o sítio arqueológico a que se refere esta ficha. Neste enquadramento, realizaram-se ali escavações arqueológicas, entre os anos de 2007 e 2008, cobrindo uma superfície de quase 300 metros quadrados (NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2007; 2008; SILVA, 2017a: 113-114; NASCIMENTO *et al*., 2020), ficando desde então os trabalhos interrompidos, por desistência do promotor imobiliário.

Descrição

Um espesso aterro de depósitos, estéreis do ponto de vista arqueológico ou contendo apenas materiais revolvidos, de diferentes épocas, cobria um expressivo nível de derrube, pontuado por numerosos restos de cerâmica de construção e silharia dispersa de tipo romano (NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2007; 2008). À medida que as camadas de destruição e abandono foram sendo levantadas pela escavação, evidenciaram-se importantes restos arquitetónicos e artefatuais, datáveis, de acordo com o espólio exumado, do período tardo-antigo. No essencial, parece encontrar-se ali um vasto edifício (ainda de planta incompleta, como resultado da interrupção das escavações), provavelmente de natureza religiosa, associado a pelo menos uma dezena de sepulturas de diferentes tipologias, incluindo a utilização de sarcófagos (NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008).

Recentemente foram apresentados importantes dados inéditos desta intervenção (NASCIMENTO *et al*., 2020), revelando que, além da construção mais notória, aí descrita como um «edifício público com funções administrativas-religiosas de carácter monumental associado a uma necrópole paleocristã (*Idem*: 270), apareceu também no local (sondagem 4) parte de um dos fossos defensivos do povoado (*Idem*: 284-286), no alinhamento do que já havia sido detetado na escavação de um terreno vizinho (QUEIROGA, 2006). A publicação citada não descrimina se a basílica se localiza no interior ou no exterior do fosso, o que importa muito para avaliar o seu enquadramento, dependendo também do mais aprofundado estudo do espólio e da estratigrafia a necessária afinação cronológica dos contextos, por ora datados pelos responsáveis entre os séculos IV-V e os séculos VIII-IX (NASCIMENTO, SOUSA, SILVA, 2008: 11; NASCIMENTO *et al*., 2020: 283; NASCIMENTO, SOUSA, e.v.p.).

Achados ou espólio

O espólio móvel é diversificado e valioso, incluindo materiais cerâmicos de construção, alguma cerâmica doméstica, fragmentos arquitetónicos de vulto, como fustes de coluna e silhares almofadados, parte de uma epígrafe em mármore, um relógio de sol em pedra, objetos metálicos, etc. (NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Empresa responsável

Referências

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura C. P.; SILVA, Nuno G. (2007) – *Relatório de Progresso: Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07 Quinta de Santo António (Santa Marinha, Vila Nova de Gaia).* Vila Nova de Gaia: Empatia - Arqueologia, Lda. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura P.; SILVA, Nuno G. (2008) – *Intervenção Arqueológica QSA-VNG.07. Quinta de Santo António, Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Relatório de Progresso (2ª e 3ª Fases)*. Vila Nova de Gaia: Empatia, Arqueologia. Texto datilografado

NASCIMENTO, André; QUEIROGA, Francisco; SOUSA, Laura; CARVALHO, Teresa P. (2020) – Elementos para o estudo da ocupação castreja no Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal). In CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERREIRA, Daniela (coord.) – *Atas do Congresso Internacional «Cultura Castreja: Identidade e Transições»*. Vol. 1. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, p. 265-294

NASCIMENTO, André; SOUSA, Laura (e.v.p.) – Intervenção arqueológica na Quinta de Santo António: uma basílica altomedieval em Gaia?. In SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (coord.) – *Castelo de Crestuma: a Arqueologia em busca da História: estudos sobre o Castelo de Crestuma e o noroeste peninsular na tardo-antiguidade*. Vila Nova de Gaia: ASCR-CQ, em vias de publicação

QUEIROGA, Francisco R. (2006) – *Relatório de trabalhos arqueológicos. Loteamento do Gaveto Entre Quintas-S. Marcos. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Famalicão: Perennia Monumenta, s.d. [2006]. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (2017a) – As construções do lugar. História(s) e Arqueologia(s) do Centro Histórico de Gaia. In SILVA, António Manuel S. P. (coord.) – *Cidades de Rio e Vinho. Memória, Património, Reabilitação. Conferência internacional de Vila Nova de Gaia, 2015.* Vila Nova de Gaia/Porto: Gaiurb, EEM; Afrontamento, p. 100-137

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.G
TRABALHOS MINEIROS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Alto do Castelo	Trabalhos mineiros		**T01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Medas	Alto do Castelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.051066; -8.438418	110	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Para além do povoado proto-histórico aqui referenciado (ver ficha C02), registam-se no local trabalhos mineiros antigos de uma certa expressão, de acordo com os registos de Camilo de OLIVEIRA (1934) e as observações de Teresa SOEIRO (1984).
O primeiro autor, assente em informadores locais, referiu a existência, nos sítios da Lagoas da Fisga e Vale de Amores, de «grandes explorações antigas: poços profundos e minas, bem como bem nítidos os processos da preparação do ouro» (OLIVEIRA, 1934: 401), mencionando ainda uma galeria subterrânea, com um declive de 70º, aberta na direção do rio Douro, que apresentaria, «em toda a sua extensão uma espécie de tijelas feitas na rocha onde devia talvez ficar depositado o ouro que da parte superior era feito correr», explicitando ainda que a água para a lavagem nesta galeria viria de um rego – do qual haveria ainda vestígios – com 12 quilómetros de extensão, desde os montes de Branzelo; descreve também o que parece ser uma escombreira (*idem, ibidem*).
T. Soeiro, que acolhe estas informações, regista ainda a existência de uma grande corta na vertente nordeste da elevação (que interpreta como a Lagoa da Fisga), a qual, aliás, é ainda bem visível na atualidade, mesmo por simples fotografia aérea. A mesma autora encontrou ainda, na face oposta da elevação, a entrada, entulhada, de uma galeria, porventura a mencionada por Oliveira (SOEIRO, 1984: 112, fig. V).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
OLIVEIRA, Camilo de (1934) – *O Concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Vol. 2. Porto: Imprensa Moderna

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Alto do Sobrido	Trabalhos mineiros		**T02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Medas	Alto do Sobrido

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.073806;-8.429556	160	Romano-Indeterminad	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A linha de cumeadas que constitui o flanco inverso do anticlinal de Valongo é composta pelas serras do Castiçal – compreendida (tal como sucede com a de Pias) entre os rios Ferreira e Sousa e com 322 metros de altitude – e a serra das Flores ou dos Açores, sua continuidade para sudeste, com cota máxima na ordem dos 319 metros, sendo ambas as elevações designadas, por vezes, como «Serra da Valongueda» nos escritos de autores mais antigos (FÉLIX, 2008: 30, n. 1).
Trata-se de uma área de orogenia paleozoica, com rochas de datação e litologia diversa, desenvolvendo-se as mineralizações no quadro do contacto dos quartzitos com os metassedimentos do complexo xisto-grauváquico mais brandos (no flanco oriental, entre Santa Justa e as Banjas) ou, como sucede no flanco ocidental das serras de Gondomar, no contacto das rochas do precâmbrico ou câmbrico (xistos e grauvaques com as rochas do carbonífero (COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss).
As mineralizações decorrem de várias associações paragenéticas, sendo as de *Au-As* mais comuns no flanco oriental das serras de Valongo, enquanto nas cumeadas ocidentais, como a Serra das Flores, predomina a associação *Sb-Au*, tal como se verifica no Alto do Sobrido (COUTO; SOEIRO, 2006: 469). Os minerais auríferos podem ocorrer em depósitos estratiformes, de «camadas negras» localizadas entre os quartzos (cuja exploração em época romana não é ainda segura), mas surgem essencialmente em bolsadas filonianas (CARVALHO, 1979: 144-5; COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; COUTO; SOEIRO, 2006: 469-70).
Descrevendo as minas de antimónio e quartzo aurífero de Gondomar, Camilo de Oliveira (1932), cita um relatório do engenheiro de minas G. Cudell, datado de 1885, o qual descreve várias minas então em exploração, anotando, a propósito do Alto do Sobrido, que «é indubitável encontrarem-se grandes concentrações de antimónio, *em vista dos monstruosos trabalhos antigos* que ali se acham e dos restos de minério que constantemente se encontram nos mesmos trabalhos» (OLIVEIRA, 1932: 208, itálico nosso; nas explorações auríferas romanas o antimónio não era aproveitado). Aliás, e à semelhança do que sucedeu com as modernas pesquisas auríferas, a intensa exploração de antimónio que nas últimas décadas do século XIX se verificou no concelho de Gondomar (SILVA, 2017) levou também à identificação de diversos trabalhos de época romana (CARVALHO, 1969: 127-8; 1978: 18-20).
Os vestígios de mineração antiga no Alto do Sobrido, tal como foram identificados em inventário recente constam, pelo menos, de uma trincheira estreita, com cerca de 25 metros de extensão, e uma corta, havendo também indícios de poços e galerias, além de um escombreira, evidências que se encontram a cotas entre os 150 e os 160 metros (MARTINS, 2008: Catálogo, 297-8, n.º 31).

Achados ou espólio
Sem qualquer registo.

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências
CARVALHO, Adalberto D. (1969) – Minas de antimónio e ouro de Gondomar. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Vol. 19 (1-2). Porto, p. 91-170

CARVALHO, Adalberto D. (1978) – *Quatro exemplos de jazigos auríferos portugueses*. Comunicação apresentada ao Congresso 78 da Ordem dos Engenheiros (Porto, 22-29 nov. 1978). Porto, texto datilografado

CARVALHO, Adalberto D. (1979) – Breves referências sobre jazigos auríferos portugueses. *Boletim de Minas*, 16:3-4 (jul.-dez. 1979). Lisboa, p. 139-150

COUTO, Helena M. (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – *Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva)*. Porto: Edições Afrontamento

MARTINS, Carla M. B. (2008) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 14). Inclui CD com o Catálogo das Explorações Mineiras

OLIVEIRA, Camilo de (1932) – *O Concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Vol. 1. Porto: Imprensa Moderna

SILVA, Guilherme L. Duarte (2017) – *A Indústria Mineira no Distrito do Porto no final do século XIX: o antimónio nos concelhos de Valongo e Gondomar*. Dissertação de Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Vargem da Raposa	Trabalhos mineiros		**T03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Melres	Serra das Banjas

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.084664;-8.393525	310	Romano-Alto Império	Século I

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
As minas da Vargem da Raposa constituíram em época moderna a penúltima concessão (com o número 248) do Couto Mineiro das Banjas, situando-se quase no extremo sudeste daquele relevo. Tal como sucede em toda aquela crista quartzítica, de orientação geral NO-SE e que representa ainda o prolongamento oriental do anticlinal de Valongo, observa-se um fenómeno de erosão diferencial entre os quartzitos e as rochas metassedimentares do complexo xisto-grauváquico encaixante, ocorrendo mineralizações de tipo filoniano, em veios de quartzo, de tipo auro-antímonífero, em associações de tipo *As-Au* (*Pb-Zn*), sendo as regiões mais voltadas a Gondomar de particular riqueza em antimónio (COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA *et al*. 2011c: 237).
Ao contrário do que sucede com as serras de Santa Justa/Pias ou das Banjas, em que não só existe uma grande tradição de trabalhos mineiros antigos, aliás atestados por importantes achados de objetos arqueológicos, como se verifica, sobretudo nas últimas décadas, um significativo esforço de investigação (cfr., como síntese, LIMA *et al*., 2018), as lavras antigas, porventura, de menor expressão, como as de Gondomar têm recebido menor atenção dos especialistas.
No seu levantamento de trabalhos mineiros da margem norte da bacia terminal do Douro, desenvolvido nos primeiros anos da década de 1980, Teresa Soeiro pôde ainda descrever os vestígios da exploração antiga em momento anterior ao da sua significativa destruição pelo plantio industrial de eucaliptos. Segundo o seu relato (hoje em dia, certamente, só em parte verificável) viam-se das minas «várias banjas das quais partem galerias a diversos níveis», ouvindo-se ainda a água que corria no fundo dos poços gémeos e das cortas, «longas e profundas, tão estreitas quanto o filão que nelas foi desmontado» (SOEIRO, 1984: 115-6, Est. XI). Mais recentemente, em análise perspetiva desses complexos mineiros, as minas da Vargem da Raposa foram consideradas «magnífico exemplo» dessa "corrida ao ouro" que se disseminou entre as serras das Banjas e das Flores ao longo do primeiro século da nossa era (COUTO; SOEIRO, 2006: 471-2).

Achados ou espólio
Não se registam.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
COUTO, Helena M. (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Serra de Pias	Trabalhos mineiros		**T04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Aguiar de Sousa	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,143438; -8,462866	336	Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços de arqueologia e património do município de Paredes.

Descrição
No sector sudeste do concelho de Valongo desenvolvem-se, separadas apenas pelo rio Ferreira, duas cumeadas do flanco normal da megadobra designada como anticlinal de Valongo, correspondendo-lhes, a noroeste, à Serra de Santa Justa, enquanto a sudeste se espraia a serra de Pias, com cota máxima na ordem dos 385 metros, e no seu extremo meridional pertencendo já ao território do município de Paredes. São relevos de erosão diferencial resultantes da maior dureza dos quartzitos sobre as rochas encaixantes do complexo xisto-grauváquico. Nestes cerros de litologia diversificada e de diferentes cronologias formativas ocorrem importantes mineralizações que tradicionalmente se integram no distrito mineiro auro-antimonífero dúrico-beirão, distribuídas por diversos tipos, designadamente, na área de Gondomar-Valongo-Paredes, de ouro e antimónio: *Au-As e Sb-Au* (COUTO, 1993: 2-10; BATEIRA, 2003; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA *et al*. 2011c: 237; COUTO; LOURENÇO, 2011: 55-7).
Nos complexos mineiros de Santa Justa-Pias os depósitos minerais são de tipo filoniano, correntemente associados à limonite ou às pirites no caso concreto das explorações de Pias, e foram objeto de lavras antigas, quer em explorações a céu aberto (cortas), quer através de galerias subterrâneas (MENDES-PINTO, 1993: 297). Porém, recentemente foram também identificados excecionais indícios de exploração de depósitos secundários, através da lavagem de depósitos de coluvião (LIMA *et al*., 2018: 40-51).
Entre os numerosos filões explorados na Serra de Pias, detalhados já em relatórios oitocentistas (MENDES-PINTO, 1993: 293-7), observam-se na área integrada no município de Paredes vários vestígios arqueológicos, aqui constituídos, essencialmente, por um conjunto de cortas decorrentes de explorações a céu aberto, em dois núcleos separados por menos de 500 metros, devidamente inventariados como áreas de salvaguarda no respetivo Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Ags005A).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

BATEIRA, Carlos (2003) – *Valongo: a paisagem, a urbanização e riscos naturais*. S.l.: Ed. A. [texto policopiado divulgado no Colóquio Desenvolvimento e Urbanismo, realizado pelo GEDES, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 27 de Junho de 2003]

COUTO, Helena (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; LOURENÇO, Alexandre (2011) – *História geológica do anticlinal de Valongo: evolução da Terra e da Vida*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Serra de Santa Iria Norte	Trabalhos mineiros		**T05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Aguiar de Sousa	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.106387; -8.418323	349	Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição
Situa-se esta área mineira a cerca de 500 metros para Noroeste das minas do Poço Romano do complexo das Banjas. Identificadas em trabalhos de campo dos serviços de arqueologia do município de Paredes, encontram-se praticamente inéditos (SILVA *et al*., 2011: 195, fig. 9), constando de um conjunto expressivo de cortas a céu aberto e poços, de origem provavelmente romana com possível reutilização moderna (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Ags003A).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália; CARVALHO, Luís; LIMA, Alexandre; GUERNER- DIAS, António (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do Património Geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica. In ALMEIDA, Maria J.; CARVALHO, António (eds.) – *Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, p. 183-197

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Serra do Facho	Trabalhos mineiros		**T06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Aguiar de Sousa	Facho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.125182; -8.427979	157	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição
Os registos históricos, entre os séculos XVIII e XIX, que documentam a exploração mineira antiga nas «Serras de Valongo» referem por vezes a «Serra do Raio», designação que parece corresponder à área montanhosa entre o rio Sousa e a Serra de Santa Iria (LIMA *et al*., 2011c: 238-239).
Confirmando essas indicações, no extremo norte da Serra das Banjas, já nas proximidades do Rio Sousa, identificaram os serviços de arqueologia da Câmara Municipal de Paredes uma outra zona de trabalhos mineiros, neste caso traduzidos por diversas cortas, de dimensões variadas, resultantes de desmontes a céu aberto e que consideraram de ascendência romana (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Ags001A; SILVA *et al*., 2011: 195, fig. 9).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália; CARVALHO, Luís; LIMA, Alexandre; GUERNER- DIAS, António (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do Património Geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica. In ALMEIDA, Maria J.; CARVALHO, António (eds.) – *Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, p. 183-197

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Ribeira da Castanheira	Trabalhos mineiros		**T07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.101912; -8.407102	254	Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços de arqueologia e património do município de Paredes.

Descrição
Informação inédita sobre trabalhos mineiros, considerados de origem romana, e descritos como apresentando poços de ventilação e/ou acesso aos desmontes em profundidade, para além de cortas para exploração a céu aberto, ilustrando-se ainda a boca de um poço e o que aparenta ser a entrada de uma galeria (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr010A).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas da Serra de Montezelo	Trabalhos mineiros		**T08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.087390; -8.390356	329	Romano-Alto Império	Meados/2ª met. séc. I

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Integrando o couto mineiro moderno das Banjas, com o número de concessão 233, entre as minas de Vale Fundo (a NO.) e as de Vargem da Raposa, localizadas a sudeste, temos o conjunto mineiro designado como da Serra de Montezelo, considerado como «o centro de exploração das Banjas» (SOEIRO, 1984: 115; COUTO, 1993: 124).
O enquadramento geomorfológico destas cumeadas e o contexto geológico onde ocorrem as mineralizações de *Au-As* é similar ao descrito para outras minas deste complexo, ocorrendo o ouro tanto em regime filoniano, ocorrendo livre ou em sulfuretos na ganga quartzítica, ou também em bolsas estratificadas de tonalidade escura formadas entre os mesmos quartzitos (COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA et al. 2011c: 237).
Foi sobre estas mineralizações, e aproveitando certamente lavras arcaicas, que incidiu a principal exploração dos séculos XIX e XX, que chegou até à década de 1990 (COUTO, 1993: 124; LIMA *et al*., 2011c: 243). Mas também aqui, como nas minas vizinhas, foram, essencialmente, os trabalhos modernos que permitiram, pela primeira vez, identificar os que remontam à época romana. Disso dá testemunho, por exemplo, o Engº Frederico d'Orey num relatório técnico datado de 1888: «Numerosos trabalhos antigos encontram-se principalmente na encosta oriental desta serra [Montezelo] e denotam que em tempos remotos se desenvolveu aqui uma importante indústria mineira, tendo por objectivo segundo todas as probabilidades a exploração de filões auríferos» (OREY, 1888, cit. por LIMA et al., 2018: 53).
T. Soeiro menciona a existência nestas minas de uma grande galeria, com sete poços de acesso à superfície, reutilizada como eixo principal nos trabalhos modernos (SOEIRO, 1984: 115), precisando outros autores que tal galeria terá cerca de 300 metros de extensão, embora apenas registem três poços (LIMA *et al*., 2011b: s.n.º). De acordo com os dados dos serviços municipais de arqueologia de Paredes, a galeria horizontal de época romana, onde se observam ainda os lucernários, e que foi reutilizada nas lavras do século XIX e XX, tem mais de 360 metros de extensão, e os três poços visíveis, espaçados uma centena de metros entre si, apresentam profundidades na ordem dos 20, 35 e 70 metros. Referem ainda os mesmos dados a existência de duas grandes cortas, uma de orientação norte-sul, com cerca de 115 metros de extensão, e uma segunda, mais curta, de orientação este-oeste, com c. de 35 metros de longitude (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr014A).
A par destes vestígios, Soeiro menciona ainda o povoado vizinho do Outeiro da Mó, onde aparentemente se faria o processamento do minério, e refere a questão do necessário abastecimento de água, sugerindo que a lavaria poderia estar situada a cota inferior, próximo do ribeiro das Banjas, citando John ALLAN (1965: 16), segundo o qual aí terão ficado acumuladas cerca de 10 000 toneladas de areias com um teor aurífero não despiciendo, e José do BARREIRO (1922:

664), que apontava que o represamento da massa de água necessária à lavagem seria feito no Açude da Retorta (SOEIRO, 1984: 115).
A mesma investigadora (1984: 115) perpetua também uma importante informação oral do encarregado das minas, segundo o qual, nos trabalhos mais recentes, terão mesmo sido encontradas lucernas em alguns nichos das paredes. Em 1988, Helena Couto efetuou um levantamento planimétrico dos vestígios mineiros, assinalando vários fojos, entradas de galerias, poços romanos e escombreiras (COUTO, 1993: Mapa 6), lamentando poucos anos depois que o cultivo do eucalipto tivesse destruído ou ocultado a maior parte desses elementos arqueológicos (*Idem*: 124).

Achados ou espólio
Os achados arqueológicos (lucernas, moedas e outros itens) mencionados na bibliografia (TEIXEIRA, 1941; ALLAN, 1965: 16; SOEIRO, 1984: 115-6; COUTO; SOEIRO, 2006; LIMA et al., 2011c: 239-40) não podem normalmente atribuir-se a uma mina em particular. Todavia, T. Soeiro sugere que a lucerna ilustrada por C. TEIXEIRA (1941), e que julga datável, talvez, de época cláudia, possa ser proveniente deste local (SOEIRO, 1984: 115).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALLAN, John C. (1965) – A Mineração em Portugal na Antiguidade. [Sep. do «Boletim de Minas», vol. 2, n.º 3 - Jul-set. 1965]. Lisboa

BARREIRO, José do (1922-1924) – *Monografia de Paredes.* 2 vols. Porto: Tipografia Mendonça

COUTO, Helena (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011b) - A Mineração Romana de Ouro no Município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (coord.) - Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010). Abrantes: ed. Carlos Batata, p. 125-142

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

OREY, Frederico A. de (1888) – *Relatório de 9 de Novembro de 1888.* Processo 248 do Arquivo da Repartição de Minas.

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 1. Penafiel

TEIXEIRA, Carlos (1941) – Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo). Prisma. Revista de Filosofia, Ciência e Arte. Vol. 5:1. Porto, p. 24-25

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas de Castromil	Trabalhos mineiros		**T09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Castromil/Serra da Quinta

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.153715; -8.387303	128	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A área mineira correspondente às concessões modernas de Covas de Castromil e Serra da Quinta – fisicamente divididas pelo rio Sousa (e modernamente pela via ferroviária do Douro) mas agrupadas numa única unidade para efeitos de salvaguarda arqueológica (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr001A) – terá sido pela primeira vez individualizada, enquanto exploração de raízes romanas, por J. ALLAN (1965), merecendo depois a atenção de T. SOEIRO (1984: 117-8; 1986: 107-10) e outros autores mais recentes. Trata-se de uma zona, do ponto de vista geológico, marcada pelo contacto entre o granito e metassedimentos xistosos, se bem que as mineralizações auríferas ocorram apenas nas rochas ígneas, sendo essencialmente de tipo filoniano, com ganga quartzosa (LIMA; MENDONÇA; FÉLIX, 2008: 237-42; LIMA *et al*., 2011a: 465).
A expressiva evidência arqueológica dos trabalhos romanos é constituída, quer por vestígios de desmonte a céu aberto, nomeadamente um conjunto de cortas, trincheiras (localmente designadas por «covas») paralelas entre si; quer por explorações subterrâneas, com poços e galerias (FÉLIX, 2008: 78-82; MARTINS, 2008, Catálogo: 294; LIMA; MENDONÇA; FÉLIX, 2008) estendendo-se todo o conjunto, que inclui ainda escoriais e escombreiras, por cerca de 1600 metros. Se bem que alguns autores registem a falta de vestígios dos dispositivos técnicos relacionados com o processamento do minério (SILVA; FÉLIX, 2008: 77), T. SOEIRO (1984: 118) discerniu áreas de trabalho com aquela finalidade junto ao Sousa, do lado de Castromil.

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALLAN, John C. (1965) – *A Mineração em Portugal na Antiguidade*. [Sep. do «Boletim de Minas», vol. 2, n.º 3 - Jul-set. 1965]. Lisboa

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – *Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes.* Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

LIMA, Alexandre; MENDONÇA, A.; FÉLIX, Natália (2008) – As minas de ouro de Castromil (Norte de Portugal). In *Actas del VI Congreso Internacional sobre Patrimonio Geológico y Minero. X Sesión Científica de la SEDPGYM: Fabero del Bierzo (Leon-España), (…) 2005*. [Madrid]: Sociedad Española para la Defensa de Patrimonio Geológico y Minero, p. 237-250

LIMA, Alexandre; FÉLIX, Natália: DIAS, A.; SILVA, Maria A, (2011a) – Mineração romana no Concelho de Paredes (Portugal). In MATA PERELLÓ, José; TORRÓ I ABAT, Lisard; FUENTES PRIETO, María; NEIRA CAMPO, Ana; PUCHE RIART, Octavio (coord.) – *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008): libro en homenaje a Claude Domergue.* Madrid: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, p. 463-470

MARTINS, Carla M. B. (2008) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 14). Inclui CD com o Catálogo das Explorações Mineiras

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]*. Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1985-1986) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgalia*. Nova série, 6-7. Porto, p. 107-119

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vale Braçal	Trabalhos mineiros		**T10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.096627; -8.403069	230	Romano-Alto Império	Meados/2ª met. séc. I

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Situadas no flanco normal do anticlinal de Valongo e incorporando o couto mineiro moderno da Serra das Banjas, uma expressiva crista quartzítica, com 368 metros de altitude máxima e orientação NO-SE, que prolonga, pelo flanco oriental a Serra de Santa Justa, as minas de Vale Braçal (concessão nº 187 do referido couto mineiro) foram instaladas sobre uma área de litologia dominante traduzida por rochas de diferentes idades, essencialmente conglomerados, quartzitos e xistos, ocorrendo mineralizações de tipo *Au-As*, quer de tipo filoniano, associadas a alternâncias de xistos, grauvaques e quartzitos, surgindo o ouro, de forma livre ou sob a forma de sulfuretos, quer ainda em estruturas estratificadas (camadas negras) entre os quartzitos, havendo notícia de que, em época contemporânea, além do ouro se exploraria ali o chumbo (SOEIRO, 1984: 115; COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA et al. 2011c: 242ss).
A evidência arqueológica dos trabalhos de mineração antiga reflete-se em diversas trincheiras e cortas deixadas como testemunho da exploração a céu aberto, bem como alguns poços e galerias de acesso aos desmontes subterrâneos e ventilação ou drenagem (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr011A). Com base nas materialidades que pôde observar, Teresa Soeiro manifestou algumas dúvidas quanto à antiguidade dos trabalhos visíveis (SOEIRO, 1984: 115), que todavia foram já reconhecidos num relatório técnico de 1882 (FÉLIX, 2008 : 73-74) e se dissiparam perante observações recentes, as quais, segundo o parecer de vasta equipa de especialistas, destacam estas minas «pela sua grandiosidade», como pode ver-se «pelo encontro desfasado de galerias [nas quais] houve várias equipas a trabalhar a partir dos poços Romanos verticais existentes», acrescentando, com o apoio de várias fotografias, que «um dos maiores desmontes subterrâneos dos Romanos bem preservado sem alteração posterior é o exemplo da grande estrutura mineralizada subvertical totalmente desmontada com várias centenas de metros de extensão e alguns metros de lado» (LIMA et al 2018: 57).

Achados ou espólio
A informação publicada dá conta de diversos achados de lucernas, moedas e outros objetos arqueológicos na área das Banjas, sem que todavia seja possível relacioná-los com este núcleo de mineração em concreto (TEIXEIRA, 1941; ALLAN, 1965: 16; SOEIRO, 1984: 115-6; COUTO; SOEIRO, 2006; LIMA et al., 2011c: 239-40).

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

ALLAN, John C. (1965) – A Mineração em Portugal na Antiguidade. [Sep. do «Boletim de Minas», vol. 2, n.º 3 - Jul-set. 1965]. Lisboa

COUTO, Helena M. (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 1. Penafiel

TEIXEIRA, Carlos (1941) – Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo). Prisma. Revista de Filosofia, Ciência e Arte. Vol. 5:1. Porto, p. 24-25

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas de Vale Fundo	Trabalhos mineiros		**T11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.091693; -8.394991	287	Romano-Alto Império	Meados/2ª met. séc. I

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Constituindo a concessão mineira com o n.º 212 do moderno couto mineiro das Banjas, o núcleo de trabalhos de Vale Fundo situa-se no prolongamento para sudeste das minas de Vale Braçal, no mesmo cerro quartzítico que dá continuidade, pelo flanco oriental ao anticlinal de Valongo, pontuado mais a norte pela Serra de Santa Justa.
Sobre um soco rochoso de diferentes morfogéneses e idades, constituído principalmente por conglomerados, quartzitos e xistos, as mineralizações dominantes são de ouro e arsénio, surgindo quer em filões, onde o ouro, em forma livre ou em sulfuretos, ocorre em camadas alternadas de xistos, grauvaques e quartzitos; quer também em estruturas estratificadas entre os quartzitos, dando origem às «camadas negras» descritas já na bibliografia mais antiga sobre estas minas (COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA et al. 2011c: 242ss).
Tendo testemunhado as primeiras grandes destruições recentes daqueles vestígios arqueológicos, por efeito do plantio mecânico de eucaliptal na década de 1980, Teresa Soeiro, pôde ainda documentar várias banjas, poços e galerias, observando, nomeadamente, as grandes dimensões da Banja ou Cova do Gato, de onde partem duas galerias (SOEIRO, 1984: 115), confirmando assim as informações fornecidas quase duas décadas antes por John Allan, que descreve aquele desmonte «em forma de cunha, com cerca de 90 metros de comprimento, 30 metros de largura e, na parte mais larga, 26 metros de profundidade». (ALLAN, 1965: 16; SILVA; FÉLIX, 2008: 74).
Aliás a dimensão e antiguidade destes trabalhos mineiros foi já apontada num relatório técnico datado de 1882 e conservado nos serviços oficiais de minas, subscrito pelo Eng. Frederico de
Albuquerque de Orey, que, a propósito, precisamente, da mina de Vale Fundo, dizia «suspeitar que a água que corria pelos barrancos era proveniente daqueles trabalhos», sublinhando que «estes trabalhos antigos adquirem às vezes dimensões importantes; ora são poços e galerias bem conservadas e de secção definida e regular; ora são cortas ou escavações muito irregulares...» (OREY, 1882, cit. por LIMA *et al*., 2018: 52; cfr. também, sobre esta fonte, FÉLIX, 2008 : 73-74; LIMA et al., 2011b: s.n.º).
A variedade e significativa presença dos vestígios mineiros é assinalada na ficha patrimonial de salvaguarda dos serviços municipais, que além de identificarem banjas decorrentes de explorações a céu aberto ou ensaios de prospeção e vários poços de acesso aos desmontes subterrâneos ou feitos para ventilação, destacam «duas cortas de grande dimensão, com orientações muito semelhantes, aproximadamente N-S, em que uma tem cerca de 60m de comprimento e 28 m de largura (na zona mais larga) e com dois poços, um a norte e outro a sul, associados; a outra corta tem cerca de 73m de comprimento e um poço associado com 16m de profundidade» (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr012A).

Um outro aspeto merece realce, até por ser relativamente incomum. Na sua visita ao local, T. Soeiro identificou, nas imediações das duas cortas atrás descritas, a existência de apreciável quantidade de *tegulae* e *imbrices*, que considerou «índices da presença de níveis de povoado» (SOEIRO, 1984: 115).

Achados ou espólio

A bibliografia temática regista achados de lucernas, moedas e outros objetos arqueológicos na área das Banjas, sem que, no entanto, seja possível relacioná-los com estes trabalhos mineiros em particular (TEIXEIRA, 1941; ALLAN, 1965: 16; SOEIRO, 1984: 115-6; COUTO; SOEIRO, 2006; LIMA et al., 2011c: 239-40). Mais concretamente, deve assinalar-se o material cerâmico de construção romano atrás referenciado (SOEIRO, 1984: 115).

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Desconhecida

Referências

ALLAN, John C. (1965) – A Mineração em Portugal na Antiguidade. [Sep. do «Boletim de Minas», vol. 2, n.º 3 - Jul-set. 1965]. Lisboa

COUTO, Helena (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011b) - A Mineração Romana de Ouro no Município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (coord.) - Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010). Abrantes: ed. Carlos Batata, p. 125-142

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

OREY, Frederico A. (1882) – *Relatório sobre o reconhecimento da mina de Valefundo. 28 de Dezembro de 1882.* Processo n.º 212 (Valefundo) do Arquivo da Repartição de Minas

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 1. Penafiel

TEIXEIRA, Carlos (1941) – Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo). Prisma. Revista de Filosofia, Ciência e Arte. Vol. 5:1. Porto, p. 24-25

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Minas do Poço Romano	Trabalhos mineiros		**T12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Serra de Santa Iria

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.103924; -8.412932	316	Romano-Alto Império	Meados/2ª met. séc. I

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A Serra das Banjas, uma vigorosa crista quartzítica, com 368 metros de altitude máxima e orientação NO-SE, constitui o complexo orográfico oriental do conjunto das «Serras de Valongo» situado mais próximo do Douro. A litologia dominante é constituída por rochas de diferentes idades, essencialmente conglomerados, quartzitos e xistos, ocorrendo mineralizações de tipo *Au-As*, quer de tipo filoniano, associadas a alternâncias de xistos, grauvaques e quartzitos, surgindo o ouro, de forma livre ou sob a forma de sulfuretos, quer ainda em estruturas estratificadas (camadas negras) entre os quartzitos (COUTO, 1993: 2-10; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA et al. 2011c: 237).
O reconhecimento da evidência de mineração antiga deu-se sobretudo a partir de finais do século XIX. Desde então, e ao longo do século XX, muitas minas foram reabertas e exploradas, ocorrendo diversos achados de objetos arqueológicos, até que a perda de rentabilidade dos filões ditou o seu abandono (ALLAN, 1965: 15-7; LIMA *et al*. 2011c: 238-40). Foi assim delimitado o Couto Mineiro das Banjas, do qual as Minas do Poço Romano constituem a concessão localizada mais a norte (SOEIRO, 1984: 112-3).
Os vestígios arqueológicos dos trabalhos mineiros de época romana são constituídos por cortas e trincheiras resultantes da exploração a céu aberto e diversos poços e galerias de acesso aos desmontes subterrâneos e ventilação, designadamente um, de clara ascendência romana, com dois metros de largo e cinquenta metros de profundidade (SOEIRO, 1984: 112-5; COUTO; SOEIRO, 2006; FÉLIX, 2008: 72-8; SILVA; FÉLIX, 2008; MARTINS, 2008, Catálogo: 301-4; LIMA et al., 2011a: 2011b; 2011c; 2018: 52-7; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr009A).

Achados ou espólio
A bibliografia regista frequentes achados de lucernas, moedas e outros objetos na zona das Banjas, sem que todavia seja possível relacioná-los com este conjunto mineiro em particular (TEIXEIRA, 1941; ALLAN, 1965: 16; SOEIRO, 1984: 115-6; LIMA et al., 2011c: 239-40), se bem que CARVALHO e FERREIRA (1954) atribuam à Mina do Poço Romano o achado de algumas moedas romanas e a lucerna noticiada por C. TEIXEIRA (1941).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALLAN, John C. (1965) – A Mineração em Portugal na Antiguidade. [Sep. do «Boletim de Minas», vol. 2, n.º 3 - Jul-set. 1965]. Lisboa

CARVALHO, J. Silva; FERREIRA. Octávio V. (1954) – Algumas lavras auríferas romanas. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço do Fomento Mineiro*, 9 (1-4). Lisboa: Direcção-Geral de Minas, p. 20-46

COUTO, Helena M. (1993) - As mineralizações de Sb-Au da região Dúrico-Beirã. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; SOEIRO, Teresa (2006) – O ouro na região do Baixo-Douro (Portugal): da Serra das Banjas à Serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 465-476

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva). Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; FÉLIX, Natália: DIAS, A.; SILVA, Maria A, (2011a) – Mineração romana no Concelho de Paredes (Portugal). In MATA PERELLÓ, José; TORRÓ I ABAT, Lisard; FUENTES PRIETO, María; NEIRA CAMPO, Ana; PUCHE RIART, Octavio (coord.) – Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008): libro en homenaje a Claude Domergue. Madrid: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, p. 463-470

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011b) - A Mineração Romana de Ouro no Município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (coord.) - Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010). Abrantes: ed. Carlos Batata, p. 125-142

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MARTINS, Carla M. B. (2008) – A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 14). Inclui CD com o Catálogo das Explorações Mineiras

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália; CARVALHO, Luís; LIMA, Alexandre; GUERNER- DIAS, António (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do Património Geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica. In ALMEIDA, Maria J.; CARVALHO, António (eds.) – Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias. Cascais: Câmara Municipal, p. 183-197

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, 1. Penafiel

TEIXEIRA, Carlos (1941) – Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo). Prisma. Revista de Filosofia, Ciência e Arte. Vol. 5:1. Porto, p. 24-25

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Trabalhos mineiros (1)	Trabalhos mineiros		**T13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.097550; -8.412476	367	Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços de arqueologia e património do município de Paredes.

Descrição
Informação inédita sobre trabalhos mineiros, considerados de origem romana, e descritos, sem ilustração, como apenas de exploração a céu aberto (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr015A). Estão localizados na encosta poente do maciço das Banjas, sensivelmente entre as minas do Vale Braçal e do Poço Romano, de que distam perto de um quilómetro (SILVA *et al*., 2011: 195, fig. 9).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália; CARVALHO, Luís; LIMA, Alexandre; GUERNER- DIAS, António (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do Património Geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica. In ALMEIDA, Maria J.; CARVALHO, António (eds.) – *Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, p. 183-197

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Trabalhos mineiros (2)	Trabalhos mineiros		**T14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.114119; -8.426489	340	Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição
Em resultado de trabalhos de campo dos serviços de arqueologia da Câmara Municipal de Paredes detetou-se uma área de trabalhos mineiros inédita e aparentemente sem relação com os complexos já identificados. Os vestígios, descritos como constando de um poço e uma corta a céu aberto, são considerados como evidenciando tanto trabalhos romanos como contemporâneos (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr016A) e encontram-se também registados em cartografia geral (SILVA *et al*., 2011: 195, fig. 9).

Achados ou espólio
Desconhecido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio]. Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; FÉLIX, Natália; CARVALHO, Luís; LIMA, Alexandre; GUERNER- DIAS, António (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do Património Geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica. In ALMEIDA, Maria J.; CARVALHO, António (eds.) – *Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, p. 183-197

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Complexo Mineiro do Alto do Castelo	Trabalhos mineiros		**T15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.171683; -8.477167	135	Romano-Alto Império	Séculos I e II

Trabalhos arqueológicos

Há apenas informação de trabalhos pontuais de prospeção e registo, nomeadamente para efeitos de salvaguarda patrimonial (TEIXEIRA, 2010; MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014).

Descrição

O Alto do Castelo corresponde a um complexo mineiro que não se encontra individualizado ou descrito na bibliografia da especialidade, embora conste dos levantamentos que vêm sendo realizados pela associação de montanhismo e espeleologia de Valongo Alto Relevo (GANDRA; MOUTINHO, 2014: 60, fig. 1). Trata-se de um conjunto de evidências de trabalhos mineiros, localizados numa área que, do ponto de vista geográfico, se distingue dos complexos de Santa Justa e Pias por aproveitar uma elevação de média altitude (c. de 135 metros), situada num meandro do rio Ferreira, precisamente na confluência deste curso de água com o rio Simeão, seu afluente, que corre precisamente no sopé de Santa Justa.

Assim «encaixado» entre as serras de Santa Justa e de Pias, o Alto do Castelo partilha, no geral, da tectónica e orogenia do flanco normal (o oriental) da megadobra do anticlinal de Valongo, estando inserido na mesma área de mineralizações de *Au-As* que ocorrem, mais comumente em regime filoniano, nos veios quartzíticos das serras de Valongo (FERNANDES, 2007: 35ss.; COUTO, 1993; 2014: 50-2).

Neste relevo, as prospeções mais recentes destinadas à atualização do levantamento arqueológico do Plano Diretor Municipal de Valongo identificaram 7 locais de clara mineração antiga, alguns dos quais aparentemente em muito bom estado de preservação, incluindo cortas a céu aberto, poços verticais quadrangulares e galerias subterrâneas (TEIXEIRA, 2010, Anexo fichas de caracterização, p. 18ss; MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014).

J. M. Mendes Pinto noticiou o aparecimento, no Alto do Castelo, de fragmentos de tégula e cerâmica comum romana, especulando mesmo sobre a possibilidade de ali poder ter estado instalada a sede da administração mineira romana ou qualquer corpo militar de controlo da exploração (MENDES-PINTO, 2000: 404).

Não sendo nosso objetivo neste inventário regional o estudo sistemático ou particular destes trabalhos mineiros, nem possível a sua cartografia integral, seguimos como critério de recenseamento o que foi utilizado, para efeitos de salvaguarda patrimonial, pelos serviços técnicos da Câmara Municipal de Valongo (MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014), de acordo com levantamento específico feito por R. TEIXEIRA (2010: 17 e Anexos). Assim, foram individualizadas e cartografadas no complexo mineiro do Alto do Castelo, sem descrição de pormenor, as sete ocorrências propostas por aquele investigador, tipificadas apenas como «entradas/respiros de explorações mineiras» na carta de património arqueológico do PDM (MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014: Carta de Salvaguarda Arqueológica, Sul, n.º 11.0), registando-se no quadro seguinte as designações com que surgem no

referido relatório e os identificadores (*Id*.) com que figuram no mesmo, na versão final da cartografia do Plano Diretor Municipal e no nosso próprio inventário, como se indica na tabela seguinte.
Tratando-se de uma área mineira extensa, optámos por sinalizar apenas um ponto, sensivelmente central, na cartografia geral, reservando a implantação detalhada das restantes ocorrências para cartografia própria.

Id. TEIXEIRA, 2010	Id. – MUN. VALONGO, 2014	Nosso Id.	Designação TEIXEIRA, 2010
C-16	C21		Minas
C-17	C22		Minas
C-18	C23		Minas
C-19	C24		Minas
C-20	C25		Fojo das Fragas Amarelas
C-21	C26		Fojo das Fragas do Castelo
C-22	C27		Mina

Achados ou espólio
Não se encontra registado qualquer espólio arqueológico expressamente proveniente dos contextos mineiros do Alto do Castelo.

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências
COUTO, Helena (1993) - *As mineralizações de* Sb-Au *da região Dúrico-Beirã*. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena (2014) – Ouro explorado pelos Romanos em Valongo: controlos das mineralizações auríferas. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).* Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, p. 48-57 10. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracao RomanaValongo2014.pdf

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – *Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva).* Porto: Edições Afrontamento

GANDRA, Vítor; MOUTINHO, João (2014) – Projeto espeleológico do Alto Relevo – Clube de Montanhismo na proteção, valorização e interpretação do Património Mineiro Romano. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).* Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, 10 págs. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracao RomanaValongo2014.pdf

MENDES-PINTO, José M. (2000) – Instalações mineiras romanas no Fojo das Pombas (Valongo-Portugal). In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica. Vila Real 1999*. Vol. 6. Porto: ADECAP, p. 401-419

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Complexo Mineiro de Santa Justa	Trabalhos mineiros		**T16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Valongo	Serra de Santa Justa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.183234; -8.496059	376	Romano-Alto Império	Séculos I e II

Trabalhos arqueológicos

Apenas trabalhos pontuais de prospeção e registo (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010).

Descrição

O extremo norte das «Serras de Valongo», um conjunto orográfico, com orientação geral NO.-SE. que se desenvolve uma dezena de quilómetros a nascente da cidade do Porto, é marcado pela Serra de Santa Justa. Integrando, do ponto de vista tectónico, a megadobra conhecida como anticlinal de Valongo, estrutura geológica rasgada pelo vale do rio Ferreira, a crista quartzítica de Santa Justa, com uma altitude que chega aos 376 metros, constitui um relevo resultante de erosão diferencial sobre as rochas encaixantes do complexo xisto-grauváquico. Neste contexto geológico, de litologia diversificada e de diferentes génese e cronologia, ocorrem relevantes mineralizações, tradicionalmente incluídas no chamado «distrito mineiro auro-antimonífero dúrico-beirão» e distribuídas por diversos tipos, concretamente, nesta área, por ouro e antimónio: *Au-As* e *Sb-Au* (COUTO, 1993: 2-10; BATEIRA, 2003; FERNANDES, 2007: 35-46; FÉLIX, 2008: 28ss; LIMA *et al*. 2011c: 237; COUTO; LOURENÇO, 2011: 55-7).

Na Serra de Santa Justa – como, mais a Sudoeste, na de Pias – os níveis de quartzito são atravessados por filões de quartzo onde o ouro surge associado à limonite ou à antimonite, levando a uma exploração essencialmente de desmonte em depósitos primários, tanto em explorações superficiais (cortas), como através de galerias subterrâneas (MENDES-PINTO, 1993: 297). Recentemente, porém, foram detetados pela primeira vez importantes testemunhos da exploração de depósitos secundários, através da lavagem de depósitos de coluvião (LIMA *et al*., 2018: 40-51).

A exploração mineira destes cumes em época antiga, nomeadamente durante o período do domínio de Roma, conta com impressionante documentação histórica, que remonta, pelo menos, aos inícios do século XVIII, do que são exemplo as referências do P.^{e} Carvalho da Costa, que registou, referindo-se à serra de Santa Justa, os «vestígios das minas antigas com muitos fojos inda abertos, de que he tradição tirarão os Romanos grande quantidade de ouro, & prata» (COSTA, 1706: I, 374); ou, poucos anos volvidos, aos trabalhos de Manuel da Cruz Santiago, administrador geral das minas no reinado de D. João V, que na mesma região, por volta de 1711, se dedicou a desentulhar «minas velhas dos romanos», tanto em Santas Justa como nos complexos mais meridionais de Santa Iria e Banjas, com achados surpreendentes a confirmar a mineração desses tempos, segundo circunstanciado relato feito, um século depois, numa comunicação à Academia Real das Ciências de Lisboa pelo naturalista luso-brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, conforme manuscrito recentemente publicado (VARELA, 2001: 200-06; VARELA; LOPES; FONSECA, 2002: 418-26).

A par destas notícias, complementadas nos finais do século XIX, com outros relatórios de engenheiros de minas (CABRAL, 1883; CABRAL; MONTEIRO; BARATA, 1889: 256-60), a importância da exploração das minas de ouro de Santa Justa no período romano ficou definitivamente atestada pelo achado de diversos artefactos arqueológicos, como sucedeu no Fojo das Pombas em 1961, durante a

desobstrução de um poço, a 42 metros de profundidade, onde apareceram uma lucerna, ainda colocada num nicho original, outros fragmentos cerâmicos e, muito em especial, um excecional conjunto de doze recipientes metálicos, feitos em cobre, latão e bronze, incluindo especialmente caldeiros e recipientes de transporte, mas também uma *patera*, uma *patina*, uma *lagoena* e dois notáveis *oinochoai* (ALBUQUERQUE E CASTRO, 1961; 1962; MARTINS, 2008: II, Catálog., 270-4, figs. 24-32).

O Complexo Mineiro Norte de Santa Justa, como aparece designado em modernos instrumentos de planeamento territorial (LIMA *et al*., 2018: 34ss.), está centralizado no conhecido Fojo das Pombas mas enquadra um número muito vasto de vestígios arqueológicos distribuídos por toda a área envolvente. Dada a morfologia subvertical dos principais depósitos mineralizados, a exploração rapidamente esgotou os desmontes mais superficiais (cortas ou fojos), tornando-se necessário escavar galerias subterrâneas, com os devidos poços de acesso e ventilação (*Idem*: 25). Os fojos podem apresentar largura entre os três metros (fojos das Talhadas ou da Confraria, junto à capela de Santa Justa) até aos 8-10 metros (Fojo das Pombas) ou mesmo 60 metros (Fojo da Pirâmide), podendo atingir dezenas de metros quer a sua extensão, quer a profundidade (MENDES-PINTO, 1993: 292). Destes fojos partem muitas vezes extensas galerias, por vezes bifurcadas ou estratificadas em diversos níveis, com centenas de metros de extensão, utilizadas quer para escoamento de águas, quer para acesso aos filões; muitos poços verticais, normalmente quadrangulares com 1,50-2,00 metros de lado, ligavam as galerias à superfície, servindo quer para ventilação quer para acesso às minas e escoamento das rochas provenientes do desmonte (*Idem, ibid*.; LIMA *et al*., 2018: 25). A topografia destas lavras subterrâneas, registada pelos serviços da administração mineira (MENDES-PINTO, 1993: figs. 3-4; MARTINS, 2008: II, Ficha n.º 29, plantas 1 a 8) tem recentemente beneficiado de levantamentos mais precisos e completos, com resultados verdadeiramente impressionantes, graças ao trabalho de associações de espeleologia (MERGULHO *et al*., 2001; BAPTISTA *et al*., 2006a; GANDRA; MOUTINHO, 2014; AGUIAR *et al*., 2015).

A cronologia dos labores mineiros da Antiguidade no complexo da Serra de Santa Justa constitui uma questão ainda em aberto, até porque nas explorações propriamente ditas, todos os achados foram casuais e nunca se realizaram escavações arqueológicas. Provavelmente, iluminarão melhor este problema as escavações que venham a fazer-se em áreas de povoados (como sucedeu já na Quinta da Ivanta, no topo setentrional do complexo – v. Ficha P36) do que as que possam realizar-se nas cortas ou galerias, além do mais bastante perturbadas pelos trabalhos mineiros dos séculos XIX e XX. Não obstante, a generalidade dos autores admite – com base nos aspetos tecnológicos e nos objetos romanos que têm sido exumados – a exploração regular de Santa Justa desde os tempos de Augusto até, pelo menos, ao século II (DOMERGUE, 1970: 156-7; ALARCÃO, 1988a: 128; MENDES-PINTO, 1993: 288, 297; MORAIS, 2007c), continuando problemática, nesta como noutras minas do noroeste ibérico, a datação e a explicação do seu abandono (DOMERGUE, 1970: 279; PELLETIER *et al*., 1985: 475; ALARCÃO, 1988a: 126; SÁNCHEZ-PALENCIA, 1995: 148; MARTINS, 2008: 119-25; MATÍAS RODRÍGUEZ, 2014a: 13; 2014b: 58-9).

Não sendo propósito de um inventário como o nosso o estudo sistemático destes trabalhos mineiros, nem viável a sua cartografia integral, adotámos como critério de recenseamento o seguido, para efeitos de salvaguarda patrimonial, pelos serviços técnicos do Município de Valongo (MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014), de acordo com levantamento específico feito por arqueólogos (TEIXEIRA, 2010). Nesta linha, foram individualizadas e cartografadas no complexo mineiro de Santa Justa, sem descrição específica, as 32 ocorrências propostas por Ricardo Teixeira, tipificadas como «entradas/respiros de explorações mineiras» (TEIXEIRA, 2010: 16-7), devendo anotar-se as designações com que surgem no referido relatório e os identificadores (*Id*.) com que figuram no mesmo, na versão final da cartografia do Plano Diretor Municipal e no nosso próprio inventário, como se descrimina na tabela seguinte. Tratando-se de uma área mineira extensa, optámos por sinalizar apenas um ponto na cartografia geral (neste caso, o do Fojo das Pombas, certamente a

ocorrência mais conhecida do complexo mineiro), reservando a implantação detalhada para cartografia própria.

Id. TEIXEIRA, 2010	Id. – MUN. VALONGO, 2014	Nosso Id.	Designação TEIXEIRA, 2010
V-15	V27		Galeria da Quinta da Ivanta
V-16	V28		Fojos Sagrados
V-17	V29		Fojo das Pombas
V-18	V30		Complexo Mineiro de Santa Justa
V-19	V31		Complexo Mineiro de Santa Justa
V-20	V32		Fojo da Barroca da Viúva
V-21	V33		G1 / Fojo
V-22	V34		Minas
V-23	V35		Minas
V-24	V36		Fojo das Valérias
V-25	V37		Fojo das Talhadas
V-26	V38		Minas
V-27	V39		Minas
V-28	V40		Minas
V-29	V41		Mina
V-30	V42		Mina
V-31	V43		Minas
V-32	V44		Fojo das Linhas de Água
V-33	V45		Fojo do Diero
V-34	V46		Fojo do Tecto
V-35	V47		Fojo das Fragas do Tecto
V-36	V48		Fojo da Fraga Lisa
V-37	V49		Minas
V-38	V50		Fojo das Fragas Religiosas
V-39	V51		Fojo do Vale da Tranquilidade
V-40	V52		Mina
V-41	V53		Mina
V-42	V54		Mina
V-43	V55		Mina
V-44	V56		Fojo das Águas Férreas
V-45	V57		Mina
V-46	V58		Mina

Achados ou espólio

Além dos 12 recipientes metálicos acima referidos (ALBUQUERQUE E CASTRO, 1961; 1962; MARTINS, 2008: II, Catálog., 270-4, figs. 24-32) e de um espeto em ferro, noticiado por C. MARTINS (2008: II, Catálog., 270, n.º 2.1; 282, fig. 22), conhecem-se duas lucernas encontradas no Fojo das Pombas e outras duas atribuídas à Serra de Santa Justa, para além da menção a *tegulae* e fragmentos de *terra sigillata* nas imediações daquele fojo (DOMERGUE, 1970b: 156-7; 1987: 526). Interessará detalhar um pouco alguns destes materiais, pelas informações que nos podem transmitir acerca da cronologia de exploração destas minas.

As lucernas com contexto arqueológico são a descoberta em 1961, colocada ainda num lucernário (ALBUQUERQUE E CASTRO, 1961: 433-5, Est. II; 1962: 166-8, fig. 5.1; DOMERGUE, 1987: 526; MARTINS, 2008: II, Catálog., 270, n.º 3.1, fig. 23), cuja classificação e datação foi ultimamente revista, correspondendo a uma lucerna de volutas, de tipo Loeschcke V, produzida à escala regional entre meados do século I e começos do II (ESTEVES, 2016: 456) e um segundo exemplar, recolhido «num dos poços das minas situadas na Serra de Santa Justa no decorrer dos trabalhos de topografia deste local, (…) no meio de entulho» (MARICATO, 2001), exatamente do mesmo tipo e cronologia mas com

marca MVNTREPT, do fabricante *[Lucius] Mun[atius] T[h]rept[us]* (ESTEVES, 2016: 763, 149). Atribuída a este complexo mineiro foi também estudada uma lucerna conservada no Museu de História Natural da Universidade do Porto, do mesmo tipo, cronologia e com a mesma marca de fabrico (ESTEVES, 2016: 761), que J. Ferreira de ALMEIDA (1953: 158, n.º 66; Estampa XXXIV) registou como tendo sido encontrada «num fojo da Serra de Santa Justa». Por fim, identificada como pertencendo à Companhia Mineira de Valongo (FERREIRA; TEIXEIRA, 1955: Est. II, 11), existe uma lucerna de produção bética, derivada do tipo Dressel 3, com cronologia de meados do século I (NUNES, 2016: 456).

Se estas lucernas apresentam uma notável coincidência cronológica, apontando para a exploração mineira durante a segunda metade do século I, outros materiais, como a *sigillata* itálica referenciada por Claude Domergue nas imediações do Fojo das Pombas (DOMERGUE, 1970b: 156-7; 1987: 526) permitem retroceder a lavra até aos começos da centúria (ALARCÃO, 1988: 128), como recentemente pôde constatar-se pelo estudo dos materiais anfóricos do povoado mineiro vizinho da Quinta da Ivanta (MORAIS, 2007c).

Na sua análise dos recipientes metálicos, Carla Martins propõe uma cronologia do Baixo- Império para quatro das *situlae* exumadas do Fojo das Pombas, concretamente entre os séculos II e IV para o vaso ilustrado por Albuquerque e Castro (1961) na sua Estampa III, n.º 5; e entre os séculos III-IV para os recipientes que na mesma publicação são representados na Est. III, números 6, 8 e 10 (MARTINS, 2008: II, Catálog., 270-4), o que poderá sustentar um horizonte tardio da exploração mineira em Santa Justa.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Parte em instituições museológicas, designadamente o LNEG (São Mamede de Infesta)

Referências

AGUIAR, Pedro: VIEIRA, Eduardo; LEITE, André; FERREIRA, Pedro (2015) – Resultado preliminar do inventário e cartografia de cavidades artificiais na vertente oeste da Serra de Santa Justa – Valongo (Portugal). *Meandro*, 1 (maio 2015). Amadora: GEM, Grupo de Espeleologia e Montanhismo, p. 106-119

ALARCÃO, Jorge de (1988a) – *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América

ALBUQUERQUE E CASTRO, Luís de [1961] – Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Vol. 15 (3-4). Porto, p. 431-448 [s.d., imp. 1961]

ALBUQUERQUE E CASTRO, Luís de [1962] – Hallazgos romanos en la mina «do Fojo das Pombas», Valongo (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*, 35 (105-106). Madrid, p. 166-176

ALMEIDA, José A. Ferreira (1953) – Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Nova Série, 2. Lisboa, p. 5-208

BAPTISTA, Lídia, CARVALHO, A.; GANDRA, V.; MONTEIRO, A.; MONTEIRO, T. (2006a) – As minas de ouro romanas das Serras de Valongo – uma visão do seu interior. In *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.* [Porto]: SEDPGYM/IPPAR, p. 581-593

BATEIRA, Carlos (2003) – *Valongo: a paisagem, a urbanização e riscos naturais*. S.l.: Ed. A. [texto policopiado divulgado no Colóquio Desenvolvimento e Urbanismo, realizado pelo GEDES, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 27 de Junho de 2003]

CABRAL, José A. Neves (1883) – Reconhecimento mineiro da Serra de Santa Justa. *Revista de Obras Públicas e Minas*. Tomo 14 (161-162). Maio-jun. 1883. Lisboa, p. 166-176

CABRAL, José A. Neves; MONTEIRO, Severiano; BARATA, João A. (1889) – *Catalogo descriptivo da Secção de Minas (…). Associação Industrial Portugueza. Exposição Nacional das Industrias Fabris.* Lisboa: Imprensa Nacional

COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia Portugueza e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal…* Tomo I. Lisboa: Na oficina de Valentim da Costa Deslandes

COUTO, Helena M. (1993) - *As mineralizações de* Sb-Au *da região Dúrico-Beirã*. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; LOURENÇO, Alexandre (2011) – *História geológica do anticlinal de Valongo: evolução da Terra e da Vida*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

DOMERGUE, Claude (1970a) – Introduction à l'étude des mines d'or du Nordouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité. In VIÑAYO GONZÁLEZ, António (ed.) **–** *Legio VII Gemina.* León: Diputación de Léon; Catedra de San Isidoro, Instituto Leones de Estudios Romano-Visigoticos, p. 253-286

DOMERGUE, Claude (1970b) – Les exploitations aurifères du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique sous l'occupation romaine. In *La Minería Hispana y Iberoamericana. Contribución a su investigación histórica – Estudios*. Vol. I. León, p. 151-193

DOMERGUE, Claude (1987) – *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Tome II. Madrid : Diffusion de Boccard [Public. Casa de Velazquez, Archeólogie, 8]

ESTEVES, Andreia (2016) – *Contributo para o estudo das lucernas de produção local/regional no Norte de Portugal.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FÉLIX, Natália A. S. Monteiro (2008) – Contribuições para o Estudo do património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – *Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva).* Porto: Edições Afrontamento

FERREIRA, Octávio V.; TEIXEIRA, A. Pires (1955) – Sobre uma lucerna romana de bronze da Mina de Jales. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4), jul.-dez. 1955. Guimarães, p. 392-398

GANDRA, Vítor; MOUTINHO, João (2014) – Projeto espeleológico do Alto Relevo – Clube de Montanhismo na proteção, valorização e interpretação do Património Mineiro Romano. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).* Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, 10 págs. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracao RomanaValongo2014.pdf

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018*. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MARICATO, Carla (2001) – Breve notícia sobre a Lucerna de Valongo. *TROGLE. Boletim da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente*. 3 (maio 2001). Torres Vedras, p. 14

MARTINS, Carla M. B. (2008) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 14). Inclui CD com o Catálogo das Explorações Mineiras

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto (2014a) – Contextualización e importancia de la minería aurífera romana en Valongo-Paredes. In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).*

Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, 37 págs. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_1oCongressoMineracaoRomanaValongo2014.pdf

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto (2014b) – La investigación de la minería aurífera romana en España: planteamientos del pasado y nuevas perspectivas. In FONTES, Luís (coord.) – *Paisagens Mineiras Antigas na Europa Ocidental: Investigação e Valorização Cultural. Atas do Simpósio Internacional…* Boticas: Câmara Municipal, p. 31-64

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MERGULHO, Rui [*et al*.] (2001) – Conclusão da topografia das Minas Romanas de Valongo – Porto: Fojo das Pombas, Fojo Sagrado, Mina G1. *TROGLE. Boletim da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente*. 3 (maio 2001). Torres Vedras, p. 15-17

MORAIS, Rui (2007c) - Ânforas da Quinta da Ivanta: um pequeno «habitat» mineiro em Valongo. *Conimbriga*, 46. Coimbra, p. 267-280

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

NUNES, Flávia M. (2016) – *Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal. Contributo para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PELLETIER, Agnès; JACOB, Pierre; DOMERGUE, Claude; HERAIL, Gérard (1985) – Projection du film «Mines d'or romaines en Espagne». *Mélanges de la Casa de Velázquez*, t. 21, Madrid, p. 473-476

SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier (1995) – Minería y metalurgia de la región astur en la antigüedad. In *Astures. Pueblos y Culturas en la frontera del Imperio Romano*. Gijón: Asociación Astures; Gran Enciclopedia Asturiana, p. 141-157

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

VARELA, Alex Gonçalves (2001) – *«Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português»: filósofo natural e homem público – Uma análise das Memórias Científicas do Ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1819)*. Dissertação de Mestrado em Geociências apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas [Brasil]

VARELA, Alex G.; LOPES, M.ª Margaret; FONSECA, M.ª Rachel F. (2002) – Os minerais são uma fonte de conhecimento e de riquezas: as memórias mineralógicas produzidas por José Bonifácio de Andrada e Silva. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Vol. 9:2 (ag. 2002). Rio de Janeiro, p. 405-409. https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000200009.

Observações

Por gralha, há uma duplicação de fichas no relatório do levantamento arqueológico. Registou-se em Santa Justa uma ocorrência mineira C-15 com as mesmas coordenadas do ponto C-14 do complexo de Pias (TEIXEIRA, 2010, Anexo I). Certamente só o segundo estará correto, pelo que fica a nota para evitar futuros equívocos.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Complexo Mineiro de Pias	Trabalhos mineiros		**T17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo; Valongo	Serra de Pias

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.167148; -8.474909	384	Romano-Alto Império	Séculos I e II

Trabalhos arqueológicos

Há apenas informação de trabalhos pontuais de prospeção e registo, nomeadamente para efeitos de salvaguarda patrimonial (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010).

Descrição

Desenvolvendo-se imediatamente a sudeste da Serra de Santa Justa, o conjunto orográfico de Pias, com cota máxima de 384 metros no vértice geográfico do mesmo nome e que separa os rios Ferreira e Sousa, constitui a ramificação oriental do anticlinal de Valongo e partilha de idêntica orogenia e identidade tectónica. Trata-se assim, do mesmo modo, de um relevo estrutural, talhado nos quartzitos, que emergem por efeito da erosão diferencial do contacto com o complexo xisto-grauváquico encaixante (FERNANDES, 2007: 36-9). As mineralizações desta área são habitualmente descritas como pertencendo ao «distrito mineiro auri-antimonífero Dúrico-Beirão», com predomínio, na área de Pias, das associações paragenéticas de ouro e antimónio: *Au-As.* Os quartzitos da serra de Pias são atravessados por filões de quartzo mineralizados, normalmente com orientação Este-Oeste, surgindo aqui o ouro habitualmente associado à limonite ou às pirites, embora possa também ocorrer em depósitos estratiformes (COUTO, 1993: 2-10, 142, 175, *passim*; MENDES-PINTO, 1993: 290-1; FERNANDES, 2007: 35-46; LIMA *et al*. 2011c: 237; COUTO; LOURENÇO, 2011: 55-7).

A maior expressão das explorações em depósitos primários do complexo de Santa Justa e a popularidade científica granjeada em função das evidências técnicas da mineração romana e dos diversos achados arqueológicos, de algum modo tem subalternizado as lavras antigas da Serra de Pias, em certos casos ignoradas (DOMERGUE, 1987) ou simplesmente associadas ao conjunto mineiro mais setentrional das serras de Valongo (MARTINS, 2008, II, Catálog.: 265ss.). Todavia, uma clara distinção entre os dois complexos mineiros encontra-se já atestada, por exemplo, mas «Memórias Paroquiais» de 1758, onde se especificava que na 'Serra da Pia' existiam «sete fojos grandes», enquanto na serra de Santa Justa existiam trinta, «e tanto nesta como na Serra da Pia se achão princípios de muitos mais» (AZEVEDO, 1897: 236).

Deste modo, tanto para efeitos de inventário, como de investigação, importa distinguir os dois complexos mineiros, independentemente da eventual coetaneidade da sua exploração antiga, tendo em conta, entre outros aspetos, a quantidade de vestígios da exploração, de diferente natureza, ainda visíveis em Pias (LIMA *et al*., 2018: 40ss., 49 – fig. 2.53).

Segundo antigos relatórios mineiros, como o elaborado por A. J. Cosyn, em 1935 (*Relatório sobre os filões de quartzos auríferos de Valongo, particularmente os filões de Pias*, relatório não publicado conservado nos Arquivos do Fundo de Fomento Mineiro, citado por MENDES-PINTO, 1993), registam-se, pelo menos, 23 filões auríferos explorados pelos romanos em Pias, tendo também aquele técnico observado que os trabalhos mineiros subterrâneos em Pias nunca se aproximaram do nível hidroestático, tendo atingido profundidades muito menores que os de Santa Justa (MENDES-PINTO, 1993: 299-300).

O número de depósitos filonianos explorado em Pias nos tempos romanos é hoje muito superior, graças a levantamentos modernos (LIMA *et al*., 2018: 49, fig. 2.53), mas neste complexo deve ser sublinhada, essencialmente, a diversidade de técnicas empregues para a recuperação do ouro, que fazem da Serra de Pias um caso singular na região.

Do ponto de vista espacial, os vestígios de trabalhos de mineração primária concentram-se sobretudo nos cumes e nas encostas a nascente da serra, enquanto as evidências de exploração secundária se distribuem pela vertente oposta, numa e outra margem do rio Ferreira (LIMA *et al*., 2018: 40, fig. 2.31). Entre os primeiros destacam-se muitas cortas, ainda «em ótimo estado de conservação» (*Id., ibidem*) e a impressionante Corta do Castelo, a poente do rio, onde igualmente se detetam indícios de um açude e uma eventual oficina de lavagem do minério, obras que terão implicado o próprio desvio daquele curso fluvial; porém, há igualmente notáveis testemunhos de exploração subterrânea, como a emblemática Mina das Moiramas (*Id*.: 42-8).

Nos últimos anos, o progresso da investigação arqueomineira tem vindo a revelar, em especial numa área de 6 km^2 distribuída por ambas as margens do rio Ferreira, inéditos e importantes vestígios de mineração secundária antiga, traduzidos pela evidência da lavagem de grandes massas coluvionares, suscitando complexos sistemas de abastecimento de água, designadamente através de um aqueduto com vários quilómetros de extensão, atividade da qual resultaram enormes acumulações de rochas estéreis (conheiras) na base das explorações (MATÍAS RODRÍGUEZ *et al*., 2015; LIMA *et al*., 2014 ; 2018: 49-50).

Não constituindo objetivo de um inventário como este o estudo específico ou sistemático destes trabalhos mineiros, nem viável a sua cartografia integral, adotámos como critério de recenseamento o seguido, para efeitos de salvaguarda patrimonial, pelos serviços técnicos do Município de Valongo (MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014), de acordo com levantamento específico feito por arqueólogos (TEIXEIRA, 2010). Nesta linha, foram individualizadas e cartografadas no complexo mineiro de Pias, sem descrição específica, as 15 ocorrências propostas por Ricardo Teixeira, tipificadas como «entradas/respiros de explorações mineiras» (TEIXEIRA, 2010: 17-8), devendo registar-se as designações com que surgem no referido relatório e os identificadores (*Id*.) com que figuram no mesmo, na versão final da cartografia do Plano Diretor Municipal e no nosso próprio inventário, como se indica na tabela seguinte.

Tratando-se de uma área mineira extensa, optámos por sinalizar apenas um ponto, sensivelmente central, na cartografia geral, reservando a implantação detalhada das restantes ocorrências para cartografia própria.

Id. TEIXEIRA, 2010	Id. – MUN. VALONGO, 2014	Nosso Id.	Designação TEIXEIRA, 2010
C-07	C12		Fojo das Fragas Robulentas
C-08	C13		Complexo Mineiro de Pias
C-09	C14		Complexo Mineiro de Pias
C-10	C15		Complexo Mineiro de Pias
C-11	C16		Mina
C-12	C17		Mina
C-13	C18		Mina
C-14	C19		Mina
C-15	C20		Mina
V-09	V21		Minas
V-10	V22		Minas
V-11	V23		Minas
V-12	V24		Minas
V-13	V25		Fojo de Vale dos Castores
V-14	V26		Fojo da Tirolesa

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Achados ou espólio

Não se encontra referenciado espólio arqueológico expressamente proveniente dos contextos mineiros da Serra de Pias.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

AZEVEDO, Pedro A. (1897) – Extractos archeologicos das «Memorias Parochiaes» de 1758. *O Arqueólogo Português*. 1ª série, 3. Lisboa, p. 225-244

COUTO, Helena M. (1993) - *As mineralizações de* Sb-Au *da região Dúrico-Beirã*. 2 vols. (Vol. Texto; Vol. Anexos). Tese de Doutoramento em Geologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

COUTO, Helena; LOURENÇO, Alexandre (2011) – *História geológica do anticlinal de Valongo: evolução da Terra e da Vida*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

DOMERGUE, Claude (1987) – *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Tome II. Madrid : Diffusion de Boccard [Public. Casa de Velazquez, Archeólogie, 8]

FERNANDES, Isabel Magalhães (2007) – *Percursos geológicos no Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Valongo-Gondomar-Castelo de Paiva).* Porto: Edições Afrontamento

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011c) – Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, Carla M. B.; BETTENCOURT, Ana. M. S.; MARTINS, José F. P.; CARVALHO, Jorge (coord) - Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FONTE, João; ARCM (2014) – A Exploração de Depósitos Secundários de ouro nas Serras de Santa Justa e Pias (Município de Valongo). In *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo (7 e 8 de Novembro de 2014).* Valongo: Alto Relevo – Clube de Montanhismo; Câmara Municipal de Valongo, p. 40-47. Edição digital disp. em http://www.altorelevo.org/cmr/pdf/Atas_ 1oCongressoMineracaoRomanaValongo 2014.pdf

LIMA, Alexandre; MOUTINHO, J.; MATIAS, R.; LEAL, S.; GANDRA, V.; SILVA, A.; BESSA, R.; FÉLIX, N.; MARTINS, G. (2018) – Mineração: uma história milenar. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018*. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 18-83. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP2-Mineracao-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MARTINS, Carla M. B. (2008) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 14). Inclui CD com o Catálogo das Explorações Mineiras

MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto; FONTE, J.; LIMA, A.; MONTEIRO, A.; GANDRA, V.; MOUTINHO, J. SILVA, J.; AGUIAR, P. (2015) – Evidencias de minería hidráulica romana en la Sierra de Pias (Valongo, Portugal). In MATA-PERELLÓ, J. M.ª; HUNT ORTIZ, M.; ORCHE GARCÍA, E. (eds.) – *Patrimonio geológico y minero: de la investigación a la difusión. Actas del XV Congreso Internacional sobre Patrimonio geológico y minero*… Logrosán (Cáceres): Ayuntamiento de Logrosán; SEDPGYM, p. 481-498

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.H
VIAS E PONTES

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Caminho Municipal 1352	Via		**VP01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	São Pedro de Avioso	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.282983; -8.625624	130-160	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Ações de reconhecimento e prospeção dos serviços municipais de arqueologia da Maia.

Descrição
Este caminho municipal tem o seu início lugar de Vilarinho de Cima (São Pedro de Avioso) e desenvolve-se para norte, passando por entre áreas florestais e agrícolas, até ao sopé do importante castro de Alvarelhos, já no município da Trofa. Esta via antiga, com um traçado relativamente retilíneo e que preserva ainda zonas calçadas a lajedo granítico ou com o afloramento natural a evidenciar profundas rodeiras, a indiciar trânsito desde há muito, foi bastante utilizada até épocas recentes. Vasco MANTAS (1996: 843-845) propôs que este traçado do C. M. 1352 pode ter constituído uma variante à via romana principal *Bracara-Cale* (via XVI do Itin. Anton.), cujo trajeto poderá, em alguns pontos do município maiato, coincidir com a estrada Nacional n.º 14 (RIBEIRO, 2014: 50-51).

Achados ou espólio
Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MANTAS, Vasco G. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponte da Pedra	Ponte	3795	**VP02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Leça do Balio	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,205331; -8,614622	50	Época Romana e Medieval	

Trabalhos arqueológicos

Não são conhecidos particulares trabalhos arqueológicos, com exceção de ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1116).

Descrição

A ponte, lançada sobre o rio Leça, é constituída por um tabuleiro retilíneo, com guardas em granito, assente sobre arco de volta perfeita. Mede 45 metros de extensão por quatro de largura.

Ainda que o seu aspeto atual não testemunhe a sua ascendência romana, mas antes a sua fábrica medieval e arranjos modernos, esta obra de arte incorpora ainda «muitas pedras de aparelho romano, algumas almofadadas» (ALMEIDA, 1969: 16); constituía um ponto de atravessamento importante no eixo de uma das principais vias que ligava *Cale* ao norte da região, neste caso a designada via XVI, em direção a *Bracara Augusta* (TEIXEIRA, 2011a: 211). A ela deverá referir-se a expressão de um documento de 1034 que menciona a «*carrariam antiquam que vadit pro ad illum pontem petrinem*» (PMH, DC, doc. 37, cit. em ALMEIDA, 1980: 155-156).

Todavia, a informação de que ponte da Pedra datará do século II (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1116), baseada numa sugestão de C. A. Ferreira de ALMEIDA (1969: 18), com base na grande quantidade de marcos do imperador Adriano que a balizam, é hoje pouco sustentável, tudo indicando que, não obstante eventuais reformas dessa época, a sua abertura poderá ser anterior, embora V. MANTAS (1996: 842) não arrisque uma datação.

Achados ou espólio

Não se aplica, salvo os silhares almofadados, atualmente pouco discerníveis.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1980) – *Via Veteris.* Antiga via romana? In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 3. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 151-170

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

TEIXEIRA, Ricardo (2011a) – Idade Média. Dados e perspetivas arqueológicas sobre o território do Leça no período medieval (sécs. IX-XIV). In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 199-232

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponte de Ronfes	Ponte	3797	**VP03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Leça do Balio	Azenha, Barreiros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,224694; -8,631814	50	Romano - Medieval	

Trabalhos arqueológicos

Para além de ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b), a ponte foi alvo de uma intervenção arqueológica e de conservação em 2004 (FONSECA; TEIXEIRA, 2004; TEIXEIRA, 2011a) que revelou diversos detalhes de muito interesse.

Descrição

Esta ponte sobre o rio Leça exibe, presentemente, um tabuleiro plano apoiado sobre três arcos de meio ponto (um deles constitui um acrescento do século XVIII) com dois talhamares de recorte triangular na face voltada a montante. Mede 18,70 metros de extensão por 3,95 metros de largo (FONSECA; TEIXEIRA, 2004) O trabalho de caracterização executado antes dos trabalhos de conservação, modelar do ponto de vista da arqueologia da arquitetura, permitiu fasear diversos arranjos e momentos construtivos, com base nas siglas de pedreiro; e, bem assim, detetar ainda alguma silharia romana, nomeadamente sete aduelas de arco almofadadas (FONSECA; TEIXEIRA, 2004: 7-31; TEIXEIRA, 2011a: 221-223), sensivelmente como havia contabilizado Brochado de Almeida duas décadas antes (ALMEIDA, 1980: 160-161).

Estes elementos confirmam a longa tradição e a observação de diversos especialistas que se manifestaram acerca da ascendência romana desta ponte (ALMEIDA, 1969: 18; ALMEIDA, 1980: 160-161, lançada sobre o eixo de uma estrada romana, conhecida nos diplomas medievos como «*Carraria Antiqua*», que a partir de Cale servia a faixa marítima, ligando mais tarde, as cidades do Porto, Barcelos e Viana e um dos traçados de peregrinação a Santiago (TEIXEIRA, 2011a: 221).

Achados ou espólio

Não se aplica, salvo os silhares almofadados, integrados na estrutura.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1980) – *Via Veteris.* Antiga via romana? In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 3. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 151-170

FONSECA, Vítor; TEXEIRA, Ricardo (2004) – *Intervenção Arqueológica Ponte de Ronfos – RNF 04 – Matosinhos. Relatório Final*. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

TEIXEIRA, Ricardo (2011a) – Idade Média. Dados e perspetivas arqueológicas sobre o território do Leça no período medieval (sécs. IX-XIV). In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, s.d. [2011], p. 199-232

Observações

Esta ponte tem várias designações, podendo ser conhecida como ponte de Ronfes, de Barreiros ou da Azenha.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponte de Santa Marta	Ponte		**VP04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Santa Marta	Ponte

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,21235;-8,259156	330	Romano	

Trabalhos arqueológicos
Apenas se documentam ações de prospeção, feitas por Teresa SOEIRO (1984: 86), retomadas ultimamente pelos arqueólogos municipais de Penafiel, para monitorização da respetiva carta arqueológica municipal, para informar a cartografia patrimonial do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição
Trata-se de uma ponte de tabuleiro, em cavalete, assente num único arco volta perfeita, de clara ascendência medieval e com muitas alterações modernas, que permite transpor o rio Cavalum, num eixo viário antigo este-oeste, com ligação à estrada em direção a Quires e Canaveses.
Segundo informações de Monteiro de AGUIAR (1943) e, segundo Teresa SOEIRO (1984: 86), de Abílio Miranda, terão sido vistos no leito do rio alguns silhares com marcas de *fórfex*, o que permitiria atribuir à obra uma ascendência romana, aliás bem provável pelo contexto viário, se bem que outros autores apenas atribuam a esta ponte uma origem medieval (ALMEIDA; ALMEIDA; GONÇALVES, 2008: 56).

Achados ou espólio
Não se aplica.
.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências
AGUIAR, José Monteiro de (1943b) – Terra de Penafiel. *Boletim da Câmara Municipal de Penafiel*, 1936-1943, Penafiel

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; ALMEIDA, Pedro Brochado; Mário C. S. Gonçalves (2008) – *Caminhos antigos e de peregrinação em Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponte de São Lázaro	Ponte	3673	**VP05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Alfena	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.239840; -8.522588	95	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Para além dos trabalhos de inventariação e caracterização sumária do imóvel, para efeitos de salvaguarda patrimonial corrente (TEIXEIRA, 2010; MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014), a ponte foi objeto de uma intervenção municipal de restauro e requalificação em 1994, trabalhos que proporcionaram o acompanhamento arqueológico de uma parte da intervenção (LOPES *et al*., 1994).

Descrição

Constituindo o atravessamento do rio Leça do antigo traçado medievo entre as cidades do Porto e de Guimarães, «seguindo desde o Alto da Maia até Alfena e daqui pelo vale do Leça até à ponte romana de S. Martinho do Campo onde transpunha o Ave» (TEIXEIRA, 2010: Anexo I: Fichas de caract., p. 35, n.º A-02), esta ponte, feita em cantaria de granito, constituía um importante ponto de confluência e passagem do rio, em certas alturas do ano muito caudaloso e propenso a cheias, o que terá contribuído para que nesse local se tivesse instalado, em tempos medievais, um hospital e leprosaria, ativos entre os séculos XIII e XVIII, embora se desconheça a sua implantação exata (TEIXEIRA, 2010; *ibidem*).

Trata-se de uma ponte em cavalete, com o tabuleiro assente em dois arcos de meio ponto de dimensão bastante desigual, devendo ser de feitura posterior o mais pequeno. Alguns dos silhares exibem as características siglas de pedreiro indicadoras da fábrica medieval. Durante as ações de reabilitação ficaram evidentes diversas obras e reconstruções, tendo aparecido sob o lajeado do tabuleiro quatro cabeceiras de sepultura discóidais, de época medieval e provavelmente pertencentes ao antigo cemitério do hospital/leprosaria (LOPES *et al*., 1994; TEIXEIRA, *Idem, ibid*.).

Mais importante para o nosso propósito, porém, foi a identificação, nas mesmas obras de restauro, de um silhar almofadado com os característicos entalhes dos *ferrei forfices*, elemento indiciador de ponte ou pontão de época romana, situado próximo ou no mesmo local da ponte medieva (LOPES *et al*., 1994: 163).

Achados ou espólio

Desconhecidos.

Estado do espólio	Localização do espólio

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

LOPES, António B.; SILVA, Armando Coelho F.; MOTA, Magna A.; CENTENO, Rui M. S. (1994) - A ponte medieval de São Lázaro (Alfena, Valongo): Notas sobre o acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro. *Portvgalia*, Nova Série, 15. Porto, p. 161-166

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponte de Luriz	Ponte		**VP06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.180256; -8.459377	90	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Apenas se registam ações de inventariação e caracterização sumária do imóvel, para efeitos de salvaguarda patrimonial (MENDES-PINTO, 1992; TEIXEIRA, 2010; MUNICÍPIO DE VALONGO, 2014).

Descrição

A antiguidade de algumas das pontes em pedra lançadas sobre o rio Ferreira pode discutir-se com base, quer nas características técnicas e aparelho dessas obras, quer pela análise histórica do traçado viário em que se inserem. Tal é o caso da ponte de Luriz ou da Morte. Trata-se de uma ponte granítica, de tabuleiro em cavalete, apoiada em três arcos, o central apontado e de meia volta os laterais, conservando-se talhamar a montante.

Sendo notórios os indícios de várias obras e reconstruções, como é comum nestas obras de arte, a sua ascendência romana tem sido apontada por vários autores, essencialmente com base nas características arquitetónicas de um dos arcos de volta perfeita (MENDES-PINTO, 1993: 306), que aliás inclui silhares com aparelho almofadado (TEIXEIRA, 2010, Anexo, fichas de caracterização: p. 39, c_04).

Este cruzamento do rio Ferreira, troço da estrada tradicional que liga Valongo a Penafiel, pode ter estado inserido numa via romana, de orientação geral norte-sul, que, a partir da ponte de Luriz, para sul, passava pela «Corredoura, Alto de São Gemil, seguindo para Bustelo em direção à ponte medieval de Alvre, sobre o rio Sousa, passava próximo da Valdeira e de Santa Comba, subia à serra das Banjas e descia em direção a Rio Mau, onde transpunha o rio Douro numa travessia de barca (ANDRESEN *et al*., 2018: 213).

Achados ou espólio

Desconhecidos.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ANDRESEN, Teresa; ANDRADE, Gonçalo; FRANÇA, Natércia; SILVA, Antónia; MADUREIRA, Cristina (2018) – Património Cultural. In: *Plano de Gestão do Parque das Serras do Porto. Estudos prévios. Fevereiro 2018*. Valongo: Associação de Municípios Parque das Serras do Porto, p. 194-247. Disp. em http://serrasdoporto.pt/wp-content/uploads/2018/02/CAP6-Patrimonio-Cultural-PSeP-Estudos-Previos-Fev-2018.pdf

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1993) – A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo). In *Galicia: da Romanidade á Xermanización, Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 287-311

MUNICÍPIO DE VALONGO (2014) – *Plano Diretor Municipal. Carta de Salvaguarda Arqueológica (11.0.N e 11.0.S) e Relatório de Caracterização – Arqueologia*. Valongo: Câmara Municipal [= TEIXEIRA, 2010]

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

A ponte de Luriz é também conhecida como «Ponte da Morte».

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Calçada da Senhora do Monte	Via	3276	**VP07**

Concelho	Freguesias	Lugares
Vila Nova de Gaia	Pedroso/Canelas	Senhora do Monte/Jaca

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.086354; -8.588591	186-199	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Em 1980, um tramo com cerca de 30 metros de calçada foi objeto de limpeza e registo por A. C. Ferreira da SILVA, trabalho não publicado mas do qual V. Mantas utilizou a informação e reproduziu a planta (MANTAS 1996: 830-831, figs. 141-142). A área, encontra-se inventariada e descrita, para efeitos de salvaguarda, no âmbito da carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 022).

Descrição

Após algumas notas de J. Fortes sobre a viação romana em Vila Nova de Gaia (FORTES, 1909: 14-15), coube a Armando de MATOS (1937) o primeiro ensaio mais desenvolvido sobre o tema.

Este autor propunha que o território gaiense teria sido cruzado por três vias na época romana, a principal, ou militar (via XVI da publicação do Itinerário), uma variante desta, que correria mais perto do litoral, e ainda uma outra, de orientação poente-nascente de ligação a Viseu e (MATOS, 1937: 11-13).

No que respeita ao traçado da via que ligava *Olisipo* a *Bracara*, A. Matos, discorrendo sobre o seu traçado conjetural (de que tratamos no corpo da dissertação), apontou os vestígios do antigo leito da via localizados sobre o talude marginal da, então, Estrada Nacional n.º 10 (atual EN1), junto ao lugar da Senhora do Monte, que aliás ilustrou com fotografia (MATOS, 1937: 13-15, il.). Matos, conhecedor, da estratigrafia «clássica» das quatro camadas (Bergier), pretendeu ver essa estrutura na calçada, que observou em corte, em resultado de obras de alargamento da estrada (*Idem, ibid*.). A limpeza de A. Coelho, em 1980, documentou um tramo de cerca de 29 metros de extensão por 3,8 metros de largura, que apresentava um empedrado seccionado por fiadas transversais, mais ou menos equidistantes (MANTAS, 1986: Fig. 142; COSTA, 1980: 35-37), não sendo muito visíveis guias laterais, talvez destruídas pelo talude da Estrada Nacional do lado Nascente e encobertas por um muro então existente a Poente.

Estando fora de dúvida, parece-nos, o traçado romano desta via arcaica, será mais duvidosa a datação do pavimento documentado por Ferreira da Silva, que Vasco Mantas (1996: 830-831) admite resultar de uma obra moderna efetuada sobre o leito do caminho original.

Achados ou espólio

Não registados.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio **Localização do espólio**

Referências

COSTA, Francisco Barbosa da (1980) – *S. João Baptista de Canelas: notas monográficas*. Canelas: Paróquia de Canelas

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

MANTAS, Vasco G. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

MATOS, Armando de (1937) – *As estradas romanas no concelho de Gaia*. V. N. Gaia: Museus Municipais e Biblioteca Pública de Gaia (= *Brotéria. Revista contemporânea de cultura*. Vol. 24 (6). Lisboa, p. 660-679)

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Calçada da Belavista	Via		**VP08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Perosinho/Pedroso	Belavista

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.070763; -8.584853 (interm.)	175-195	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Nunca foram realizados trabalhos no local, salvo os atinentes ao seu inventário para efeitos de salvaguarda patrimonial (SILVA, 1993; LOPES, 1996: 20), em resultados dos quais a área encontra-se inventariada e descrita, no âmbito da carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 023).

Descrição

Este troço de caminho antigo, sobre cujo traçado temos forte convicção de ter ascendência romana, faria a ligação entre o importante castro romanizado do Monte Murado e o troço de calçada localizada na Senhora do Monte (*vd*. ficha VP…..). A partir do lugar de Crasto, no sopé poente daquele povoado, o caminho dirige-se às imediações da igreja paroquial de Perosinho, onde tem início o troço objeto desta ficha.

Numa extensão de mais de um quilómetro, o caminho apresenta apreciável regularidade e traçado convenientemente retilíneo. Existem diversos troços lajeados, nomeadamente o que se encontra mais próximo da Rua da Belavista, com cerca de 200 metros de extensão e uma largura entre os 3 e os 4,5 metros, se bem que o pavimento evidencie bastantes arranjos modernos. Ao aproximar-se da Senhora do Monte, perde-se um pouco o caminho, fruto das intervenções urbanas mais recentes, mas mantém-se o traçado, que entronca, como dissemos, no troço da Senhora do Monte. Não obstante, V. Mantas não parece, sequer, conhecer este traçado viário antigo, optando por fazer passar a via a nascente do Monte Murado (MANTAS, 1996: 830-831).

Achados ou espólio

Não registados.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

LOPES, António B. (1996) – Acompanhamento Arqueológico da Construção dos Acessos à Ponte do Freixo. Relatório. Porto: Etnos-Património e Turismo Cultural, Lda. Texto datilografado

MANTAS, Vasco G. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SILVA, António Manuel S. P. (1993) – Construção dos Acessos à Ponte do Freixo. Caracterização arqueológica do corredor. Relatório geral. Porto: Etnos-Património e Turismo Cultural, Lda. Texto dactilografado

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Calçada de Brito	Via		**VP09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	São Félix da Marinha	Brito

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.029140; -8.634026 (intermédias)	15-42	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Nunca se realizaram trabalhos arqueológicas na calçada ou em zonas adjacentes que iluminassem esta questão. Um estudo de impacte ambiental feito para um parque empresarial cerca de 800 metros a nascente identificou um caminho, estruturado e de aspeto antigo (BARBOSA, 2009: 17-19), mas sensivelmente paralelo à Calçada de Brito, com a qual não parece ter qualquer relação. O sítio, todavia, encontra-se inventariado e descrito para efeitos de salvaguarda, no âmbito da carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 055).

Descrição

Terá sido José Fortes um dos primeiros autores a abordar a questão da viação romana no território de Vila Nova de Gaia (FORTES, 1909: 14-15), mas foi com um estudo, mais abrangente, de Armando de MATOS (1937) que o tema conheceu maiores desenvolvimentos. Este autor propunha que o concelho teria sido cruzado por três vias na época romana, a principal, ou militar (via XVI da publicação do Itinerário), uma outra, de orientação poente-nascente de ligação a Viseu e uma variante da primeira, que correria mais perto do litoral (MATOS, 1937: 11-13).

Desta última documentou, precisamente no lugar de Brito, «uns restos de calçada», observando até que a caixa da estrada apresentava em certo ponto um leito de seixos rolados (*Idem*: 13). Mas já antes, em monografia da década de 1920, o P.^{e} André de Lima registara a existência, igualmente em Brito, de um caminho antigo que seria designado como «Estrada dos Cavaleiros», assinalando outros vestígios, já no lugar de Além do Rio, que igualmente relacionou com a «estrada mourisca» (LIMA, 1982: 194-197), referência aliás abundante na documentação medieval da zona, a par da «carreira» ou «*karraria antiqua*», esta aparentemente referida à via principal de ligação a Braga (FORTES, 1909: 14; DURAND, 1971: 260, *passim*). O traçado de uma via secundária por esta região litoral é admitido, com prudência, dada a falta de vestígios mais seguros, por Vasco MANTAS (1996: 901-903).

Aliás, é grande a tradição deste caminho arcaico (do qual se recordam pavimentos lajeados) naquela área geográfica, aliás perpetuado na toponímia com arruamentos como a Rua da Calçada Romana ou a Rua Velha da Calçada Romana. Em observação de campo, admitimos que possam ainda conservar-se eventuais restos desse caminho antigo, cruzando uma zona de pinhal, entre o extremo da Rua Velha da Calçada Romana e a Rua de Brito. Por outro lado, na Rua Velha da Calçada Romana observa-se ainda a rocha cortada, junto ao leito da estrada atual, testemunhando, sem dúvida, a antiguidade do traçado e do caminho. O traçado desta antiga calçada coincide, aparentemente, com o das ruas Velha da Calçada Romana, da Calçada Romana, dos Ligustres e da Carreira Velha.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Não se registam

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

BARBOSA, Liliana R. (2009) – *Estudo de Impacte Ambiental. Descritor Património Cultural. Parque Empresarial de S. Félix da Marinha*. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilog.

DURAND, Robert (1971) – *Le Cartulaire Baio-Ferrado du Monastère de Grijó (XIe-XIIIe siècles)*. Introd. e notas de Robert Durand. Paris: Centro Cultural Português

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

LIMA, André de (1982) – S. Félix da Marinha (Monografia). *Espinho. Boletim Cultural*. Vol. 4. Nº 14. Espinho, p. 183-199

MANTAS, Vasco G. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

MATOS, Armando de (1937) – *As estradas romanas no concelho de Gaia*. V. N. Gaia: Museus Municipais e Biblioteca Pública de Gaia (= *Brotéria. Revista contemporânea de cultura*. Vol. 24 (6). Lisboa, p. 660-679)

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.I
NECRÓPOLES

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Penouço	Necrópole	3826	**N01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Gondomar	Rio Tinto	Monte do Penouço; Laje; Seixo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.194635; -8.562890	125	Romano-Indeterminado	Sécs. II-III a IV-V (?)

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A necrópole apareceu em 1905, durante a realização de trabalhos agrícolas, e foi noticiada poucos meses depois por Ricardo Severo. Descobriu-se, na ocasião, uma sepultura, aparentemente de inumação, constituída por uma caixa em perpianho de granito, coberta por um conjunto de cinco lajes do mesmo material, três das quais correspondentes a inscrições funerárias reaproveitadas.
O espólio funerário do sepulcro, que se achou inviolado, era constituído por cinco peças, ilustradas por desenho: um botão em bronze, uma garrafa baixa de secção hexagonal, em vidro, e formas cerâmicas – um jarro (*lagoena*) com decoração em bandas castanhas e brancas, um outro jarro, de bocal trilobulado; e um prato (SEVERO, 1905a), materiais comuns nas necrópoles romanas do século IV, embora a garrafa de vidro aparente ser mais antiga. Nas imediações observavam-se restos de pedras e cerâmicas indiciadoras de outras sepulturas entretanto destruídas. (*Idem, ibid*.).
Três das cinco pedras reutilizadas como lajes de cobertura eram lápides funerárias com cabeceira triangular ornada de estrela e crescente, de estilo epigráfico similar e evidente contemporaneidade, pertencentes a elementos de uma mesma família e com a particularidade de uma delas ter as letras avivadas a corante vermelho (SEVERO, 1905b).
A sua anterioridade em relação à sepultura que capeavam, já observada por R. Severo (1905a: 112), foi recentemente evidenciada por Armando Redentor, que datou os monumentos epigráficos entre os anos de 151 e 230 (REDENTOR, 2017a, II: 157-9, 220-1). Uma vez que estas estelas estavam reutilizadas numa sepultura mais tardia, devemos admitir uma fase final da necrópole entre os séculos IV e V, o que condiz com o espólio recolhido.
Camilo de Oliveira reproduz o estudo de R. Severo, com outros informes sobre a incorporação das três lápides no Museu Municipal do Porto, e ilustra as três epígrafes com fotografia (OLIVEIRA, 1934: 6-18; cfr. MAGALHÃES *et al*., 1999: 21-2 para atualização sobre as lápides).
Nos começos da década de 1980, trabalhos mecanizados realizados no local da necrópole (a antiga quinta Marques de Sá, situada entre as atuais ruas do Penouço, da Granja e de António Marques de Sá, propriedade entretanto desmembrada) levantaram outras sepulturas e puseram à vista «potes com moedas», o que terá levado diversos curiosos a fazer escavações no terreno, sem que se conheçam outros pormenores ou o resultado de tais pesquisas[1].

Achados ou espólio
O espólio funerário do sepulcro, que se achou inviolado, era constituído por cinco peças, ilustradas por desenho: um botão em bronze, uma garrafa baixa de secção hexagonal, em vidro, e formas

[1] Informação pessoal do nosso colega Manuel Araújo (técnico do DMAH-CMP), natural de Rio Tinto.

cerâmicas – um jarro (*lagoena*) com decoração em bandas castanhas e brancas, um outro jarro, de bocal trilobulado; e um prato (SEVERO, 1905a).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Desconhecido	Museu Nacional de Soares Reis (Porto) - lápides

Referências

MAGALHÃES, Albano; SILVA, Fátima; ARMADA, Fina d'; LOPES, Licínia; CORREIA, Natália; CASTRO, Olga (1999) – *Rio Tinto. Apontamentos monográficos*. Vol. I. Rio Tinto: Junta de Freguesia de Rio Tinto

OLIVEIRA, Camilo de 1934) – O Concelho de Gondomar: apontamentos monográficos. Vol. 2. Porto: Imprensa Moderna

REDENTOR, Armando (2017a) – *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2 vols.

SEVERO, Ricardo (1905a) – O cemitério romano do Monte do Penouço (Rio Tinto). *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 2 (fascs. 1-4). Porto, p. 111-113

SEVERO, Ricardo (1905b) – Tres inscripções funerárias inéditas do cemitério romano do Monte do Penouço (Rio Tinto). *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 2 (fascs. 1-4). Porto, p. 126-127

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Forca	Necrópole	3829	**N02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Gemunde	Castelo da Maia, Forca

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
	108	Romano-Baixo Império	2ª met. séc. III – séc. V

Trabalhos arqueológicos

Foram feitas algumas sondagens arqueológicas, em 2005, por parte dos serviços de arqueologia do Município da Maia.

Descrição

Grande necrópole romana, aparentemente de incineração e inumação, descoberta acidentalmente em 1947 (ALMEIDA, 1969: 42) e da qual foi publicado um conjunto de materiais cerâmicos composto por mais de meia centena de peças, encontrando-se outros objetos, incluindo vidros e moedas, dispersos por coleções particulares (ALMEIDA, 1988). A datação dos objetos atesta a sua utilização no Baixo-Império (ALMEIDA, 1988: 120-122), cronologia confirmada pela revisão de parte significativa da coleção ceramológica e algumas moedas por parte de A. B. Moreira, que adianta mesmo um intervalo entre a segunda metade do século III e a primeira do século V (MOREIRA, 2009: 218).

Trabalhos arqueológicos feitos na presumível área da necrópole, no ano de 2005, foram inconclusivos (RIBEIRO, 2014: 44-5).

Achados ou espólio

Abundante material cerâmico, moedas, vidros e metais, em parte dispersos (ALMEIDA, 1988; MOREIRA, 2009).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

ALMEIDA, Artur J. (1988) – A necrópole da Forca (Maia). In *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura-1985. Vol. 2 – Arqueologia*. Esposende: Casa da Cultura, p. 113-151

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – A romanização das Terras da Maia. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, p. 196-209

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quelha Funda	Necrópole	20430	**N03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Gueifães	Quelha Funda

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
	74	Romano – Baixo Império	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A necrópole, eventualmente tanto de inumação como de incineração (ALMEIDA, 1969: 42; MOREIRA, 2009: 130; RIBEIRO, 2014: 43-4), foi descoberta durante a realização de uma construção particular, em 1962, tendo-se dispersado a maior parte do espólio, que constaria de duas dezenas de vasos, dos quais A. B. MOREIRA (*Idem*: 210-212) publicou cinco jarros e uma bilha, que datou dos séculos IV-V (*Id., ibid*.).

Achados ou espólio
Conservam-se, pelo menos, seis vasos cerâmicos (MOREIRA, 2009: 210-212).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Bicas	Necrópole	21574	**N04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Vila Nova da Telha	Bicas

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
	62	Romano – Baixo Império	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos

Apenas uma escavação antiga (1908), amadora, sem critérios científicos.

Descrição

A necrópole das Bicas foi descoberta no ano de 1908, durante a abertura da Rua das Bicas, tendo sido escavadas, sem grande rigor metodológico, cerca de uma dezena de sepulturas, de acordo com o posterior testemunho de Serpa PINTO (1928; *cfr*. também ALMEIDA, 1969: 42). A maior parte do espólio perdeu-se, tendo sido possível recentemente estudar oito peças cerâmicas e duas vítreas, datáveis dos séculos IV-V (MOREIRA, 2009: 218-222). A intensa urbanização do local impede outros estudos no sítio dos achados (RIBEIRO, 2014: 45-46).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) - *A romanização das Terras da Maia*. Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae*. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Rui de Serpa (1928) – Cemitério luso-romano do lugar das Bicas. *O Povo da Maia*, n.º 53. Maia, p. 10

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Morouços	Necrópole		**N05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Rua de Antela/Rua de Morouços

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.261389; -8.719722	18	Romano	

Trabalhos arqueológicos

O inventário desta necrópole tem a sua origem na informação sobre o achado acidental de uma sepultura, na década de 1980, minimamente registada mas destruída de seguida (PIRES, 2016b: Inv. 1398).

Descrição

Na década de 1980, numa propriedade privada da Rua do Morouço, núcleo antigo do lugar da Lavra, as obras para a construção de um silo deixaram à vista «uma espécie de caixa tumular, constituída por paredes de alvenaria e o fundo revestido com lages de tijolo de duas cores. Em cima dos muros, na junção das paredes com a tampa, apareceram também fragmentos de tégulas, as quais se encontram depositadas no Museu Paroquial de Lavra» (PIRES, 2016b: Inv. 1398). A descoberta foi visitada pelo pároco local, que descreveu o sepulcro como «uma construção rectangular, de pedra bem trabalhada e apresentava de comprimento 2,45 m, de largura 0,86m e de fundo 0,90 m. As placas de tijolo mediam 0,60x0,44 m.», informação transcrita na ficha de carta arqueológica, com a sugestão que deveria tratar-se de uma sepultura de inumação, tardia, porventura relacionada com a *uilla* romana do Fontão (PIRES, *Idem, ibid*.), em cujo aro apareceu, uma vez que se situa apenas a duas centenas de metros para sul.

Quis o acaso que, no momento em que fechávamos esta ficha para impressão, a imprensa trouxesse a notícia, recolhida em comunicado da Autarquia, da descoberta de novas sepulturas neste local. O achado foi feito no âmbito da arqueologia preventiva (uma vez que a área estava condicionada no Plano Diretor Municipal em consequência da descoberta antecedente) na abertura de uma vala para construção de um muro na Rua da Antela, cerca de uma centena de metros a sul da primeira sepultura.

Guiando-nos pelo comunicado do Município e pelas notícias replicadas na imprensa local e nacional, nos trabalhos arqueológicos (dirigidos por Lídia Batista e Lurdes Oliveira, da empresa Arqueologia e Património) apareceram quer sepulturas de inumação, aparentemente do Baixo-Império, quer sepulturas de incineração feitas em covacho, propondo-se que a cronologia das mais antigas, aferida pelo espólio associado, seja dos séculos I ou II, o que constitui, sem dúvida, uma novidade na região, não podendo agora avançar outros comentários uma vez que os dados da intervenção estão ainda em análise por parte dos respetivos responsáveis. Curiosamente, além destes contextos funerários, apareceram também no mesmo local fossas atribuíveis ao Bronze Final.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Algum do material construtivo da sepultura encontrada no século passado conserva-se no pequeno Museu Paroquial da Lavra. Sobre os materiais das escavações recentes – importantes em quantidade e valor, como se pode avaliar por algumas fotografias divulgadas – teremos de aguardar o seu estudo e publicação.

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Museu Paroquial da Lavra

Referências

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

Descoberta confirma a zona de Lavra como um importante núcleo do povoamento da região durante a pré-história. Comunicado do Município de Matosinhos datado de 16.07.2021. Disponível em https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/novos-achados-arqueologicos-em-matosinhos

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Campo do Freixieiro	Necrópole		**N06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Leça do Balio	Custió

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.227064; -8.626111	50	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Apenas se registam ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b), na sequência de uma informação sobre um achado de sepultura (SANTOS, 1959: 67).

Descrição

O investigador local Joaquim Neves dos Santos (1918-1979) registou uma informação, com bastante precisão, indicando que em meados do século XX terão aparecido em Custió, num campo ainda hoje conhecido como do Freixieiro, «sepulturas de inumação construídas em tijolo, cobertas com grossas lajes também de barro cosido», destruídas pelo proprietário (que identifica) no momento do achado, receoso que o mesmo lhe pudesse trazer contratempos (SANTOS, 1959: 67).

Na senda deste registo, os serviços municipais de arqueologia relocalizaram o sítio da necrópole – certamente romana, a avaliar pela descrição – que se acha perto da rua de Custió, que corresponde a um traçado viário antigo; embora não tenham detetado evidências arqueológicas significativas, foi determinada uma área de proteção que previna ações destrutivas em resultado de operações urbanísticas ou de outra natureza (PIRES, 2016b: Inv. 1115).

Achados ou espólio

Não se registam

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Calvário	Necrópole	15220	**N07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Baltar	Calvário

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.186387; -8.383223	280	Romano-Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A notícia da necrópole é dada por Teresa Soeiro (1989), que informa que o achado ter-se-á dado nos começos da década de 1960, em trabalhos no quintal de uma casa particular, tendo aparecido novas sepulturas na década de 1980. Foram observados diversos recipientes cerâmicos, que se dispersaram, ignorando-se igualmente a tipologia ou quantidade de sepulturas (SOEIRO, 1989: 109).

Em julho de 2000, em resultado da escavação de uma vala para a edificação de um muro encontraram-se algumas cerâmicas, o que motivou uma pequena intervenção arqueológica de emergência, para recolha das peças e crivagem de terras (SILVA, RIBEIRO, 2000; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Ficha de PA, Id Bal003A).

Achados ou espólio
De acordo com as informações recolhidas junto dos residentes no local, terão aparecido, segundo T. Soeiro, pratos grandes, tigelas, almotolias e púcaros (SOEIRO, 1989: 109). Outras peças, provenientes do achado recente, são reproduzidas na ficha do PDM, citada.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia e RIBEIRO, F. (2000) – *Necrópole Romana do Calvário, Baltar-Paredes. Relatório*. Paredes: s.e. Texto datilografado

SILVA, Maria Antónia; RIBEIRO, Flávio (2001) - *Herança Romana no Concelho de Paredes: Práticas de Culto*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes (Catálogo de Exposição Arqueológica Temporária, Policopiado)

SOEIRO, Teresa (1988-1989) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgalia*. Nova série, 9-10. Porto, p. 109-111

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Tanque	Necrópole	15220	**N08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Baltar	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.191785; -8.381231	290	Romano-Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
O cemitério apareceu em 1982, na abertura de fundações para uma residência particular. Terão sido perturbadas pelo menos duas sepulturas, sem evidência de pedras, *tegulae* ou qualquer outra estrutura (SOEIRO, 1989: 109-10). Recolheram-se numerosas peças, de formas variadas, que se fragmentaram de imediato e não foram conservadas, com exceção de um púcaro e uma tigela, inteiros, e ainda o fundo de um outro vaso, que T. SOEIRO pôde ainda desenhar (Idem, 110, fig. II; SILVA, 2001: 16).

Achados ou espólio
Referência a peças cerâmicas romanas de diferentes tipos, não conservados. Preservou-se apenas uma tigela, um púcaro e o fundo de um vaso, que supomos ainda em posse de particulares.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Particulares (?)

Referências
SILVA, Maria Antónia (2001) – *Herança Romana no Concelho de Paredes: Práticas de Culto. Catálogo da Exposição*. Paredes: Câmara Municipal

SOEIRO, Teresa (1988-1989) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgalia*. Nova série, 9-10. Porto, p. 109-111

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Cruz	Necrópole	3834	**N09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Mouriz	Cruz

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
	200	Romano-Baixo Império	Finais do século III - século IV

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Identificada nos finais de década de 1960, ao arrotear uma leira de mato, a necrópole localiza-se em área agrícola, sobre uma pequena elevação. Era constituída por múltiplas sepulturas em covacho, tendo sido, naquela ocasião, esvaziado um número indeterminado delas, contendo numerosos recipientes cerâmicos, que foram depois dispersos por vários curiosos, estando algumas peças depositadas nos serviços de arqueologia de Paredes. Para além de mais alguns detalhes das sepulturas, T. Soeiro estudou e ilustrou um conjunto de 6 vasos, a partir dos quais propôs uma cronologia entre os finais do século III e o século IV (SOEIRO, 1989: 110, fig. III; SILVA, 2001; MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Mou002A).
T. Soeiro sugere, ainda, com base na notícia de outros achados, a eventual existência de um povoado próximo (1989: 110).

Achados ou espólio
Recipientes diversos de cerâmica:prato,copos, bilhas, almotolias, jarro de bocal trilobado, etc.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Uma coleção no serviço municipal de Arqueologia

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SILVA, Maria Antónia; RIBEIRO, Flávio (2001) - *Herança Romana no Concelho de Paredes: Práticas de Culto*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes (Catálogo de Exposição Arqueológica Temporária, Policopiado)

SOEIRO, Teresa (1988-1989) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgali*a. Nova série, 9-10. Porto, p. 109-111

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Parada de Todeia	Necrópole	15220	**N10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Parada de Todeia	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.169015; -8.370080	160	Romano-Baixo Império	Meados séc.IV - século V (?)

Trabalhos arqueológicos

Escavações informais acompanhadas por A. A. Mendes Correia em 1921 (CORREIA, 1924; MUNICÍPIO DE PAREDES,2014: PAT001A).

Descrição

Descoberta acidentalmente, em 1921, em terrenos situados a cerca de 350 metros a nor-nordeste da igreja matriz de Parada Todeia, esta necrópole ocupa uma área muito extensa, entre o local do achado de 1921 e a área do cemitério paroquial, onde, antes e depois dessa data, apareceram também sepulturas. A. A. Mendes Correia, que acampanhou as escavações, feitas por trabalhadores e sem qualquer registo estratigráfico ou associação do espólio às sepulturas, elaborou, no entanto, um estudo bastante circunstanciado sobre os sepulcros identificados, seguramente em número superior às três dezenas (CORREIA, 1924).

Reexaminando as informações de Mendes Correia, conjuntamente com o estudo de mais de duas dezenas de vasos cerâmicos e outros objetos depositados no antigo Museu do Instituto de Antropologia do Porto, T. SOEIRO (1986: 110-5) atualizou os dados da necrópole, registando o faseamento entre dois dos conjuntos de sepulturas - compostos por inumações em caixas de pedra, lousa ou cerâmica contendo ossos e raro ou nulo espólio - e uma terceira série, feita em covacho, com espólio abundante. O espólio estudado, presumivelmente proveniente, em especial, destes covachos, a que parecem associar-se algumas moedas, data o conjunto mais antigo de meados do século IV, podendo as sepulturas estruturadas ser mais recentes, talvez do século V, ligando-se talvez aos vestígios de construções noticiados por Correia e que Soeiro interpreta como um povoado (Ibid., 114-5).

Achados ou espólio

Recipientes cerâmicos, um anel, uma fivela de bronze, pregos, moedas e ainda mós e outros objetos, em parte no atual Museu de História Natural da UP e dispersos por coleções particulares.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Museu História Natural UP (uma coleção)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

CORREIA, A. A. Mendes (1923-1924) – A necrópole de Parada Todeia. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 26. Lisboa, p. 1-14

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

SOEIRO, Teresa (1985-1986) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portvgalia*. Nova série, 6-7. Porto, p. 107-119

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Rebordosa	Necrópole; Sepultura		**N11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Rebordosa	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.218792; -8.416536	225	Romano-Baixo-Império	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Recolhendo uma notícia da imprensa de Lisboa (jornal "O Século", 21.2.1932), Mário C. HIPÓLITO (1961: 47, n.º 56), transcreveu uma nota sobre o achado, em trabalhos agrícolas, de «objetos de barro muito antigos» que incluíam «dois pratos, um sobre o outro, formando caixa, e dentro deles várias moedas romanas, a maioria muito gasta e danificada. Numa delas pôde ainda ser observada uma efígie e ler-se, na legenda circular, IMP CONSTANTINVS».
Ao estudar os tesouros monetários baixo-imperiais da região, J. M. Mendes Pinto interpretou este achado não, propriamente, como um tesouro, mas antes como uma «deposição votiva em contexto funerário» (MENDES-PINTO, 2007: 174-5), o que nos fornece evidência indireta de uma sepultura isolada ou, mais provavelmente, de uma necrópole.

Achados ou espólio
«Várias moedas romanas» (HIPÓLITO, 1961: 47).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
HIPÓLITO, Mário de Castro (1960-61) – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*. 2-3. Coimbra, p. 1-166

MENDES-PINTO, José M. (2005-2007) – *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*. [Sep. de *Nvmmvs*, 2ª série, 28-30]. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática

Observações
Sendo ignorada a localização desta necrópole, optámos, para efeitos de mera representação cartográfica a pequena escala, por atribuir-lhe as coordenadas da igreja paroquial da freguesia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Valdeira	Necrópole		**N12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobreira	Valdeira

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,119097; -8,409091	100	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A notícia desta necrópole, descoberta em 1943 em resultado de movimentação de terras e que se encontrava inédita, deve-se aos serviços de arqueologia e património do município de Paredes, que observaram um conjunto de peças cerâmicas, em posse de particulares, que incluem, pelo menos, cerâmica comum, *terra sigillata* e lucernas (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sbr004A)

Achados ou espólio
Recipientes diversos de cerâmica e lucernas

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Coleção particular

Referências
MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Sepultura de Sobreiros	Sepultura		**N13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Sobrosa	Sobreiros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,257845; -8,359296	363	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Intervenção de emergência dos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes.

Descrição

No talude norte da Rua das Sobreiras, integrando um terreno que separa este arruamento da autoestrada A42, foi detetada pelos serviços municipais de arqueologia e património de Paredes, a ocorrência de fragmentos de um recipiente cerâmico, levando a uma intervenção de emergência, do que resultou a identificação de uma pequena sepultura, constituída por quatro pequenas lajes de pedra dispostas na vertical, em plano regular e outras duas lajes, servindo uma de base e outra de tampa.

O interior da caixa continha apenas sedimento de cor negra, sem qualquer tipo de espólio. Os materiais recolhidos na envolvente incluem fragmentos cerâmicos de dois vasos diferentes, de aspeto romano (MUNICÍPIO DE PAREDES, 2014: Sob002A).

Achados ou espólio

Fragmentos de cerâmica pertencentes a um vaso e ao bordo de outro vaso.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Serv. arqueologia C. M. Paredes

Referências

MUNICÍPIO DE PAREDES (2014) – *Plano Diretor Municipal de Paredes. Dossiê de Património. [1ª Revisão do PDM, Diário da República, 2.ª série, Aviso 6327/2014 de 22 de maio].* Relatório datilografado

Observações

Este contexto precisaria de ser mais clarificado, designadamente no que se refere à relação (espacial e estratigráfica) dos fragmentos cerâmicos com a caixa sepulcral inviolada, que não forneceu qualquer espólio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vandoma	Necrópole		**N14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Paredes	Vandoma	Cabo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,190632; -8,399538	330	Romano-Baixo-Império	Séculos III-V

Trabalhos arqueológicos
Apenas registo do espólio conservado.

Descrição
A notícia da necrópole, transmitida por M. A. Silva (1992) refere que o achado de sepulturas terá tido lugar entre 1978 e 1979, ao abrir uma vala para a construção de um depósito de água. A cerca de um metro de profundidade terá surgido um depósito de terras escuras, onde, além de pedras, apareceram «uma série de vasos de vários 'feitios'» que logo se desfizeram, à exceção de duas peças, que foram conservadas em posse de particulares (SILVA, 1992: 8).
As duas peças, publicadas no mesmo trabalho, são um jarro de boca trilobulada e o corpo de uma bilha globular, decorada com barras pintadas a castanho claro, delimitadas por faixas vermelhas, materiais que M. SILVA sugere, por paralelos regionais, poderem enquadrar-se nos séculos III-IV (Idem, 9; SILVA, 2001: 15).
O local do achado fica no sopé da vertente Sudoeste do importante povoado do Muro de Vandoma, sítio com o qual poderá talvez relacionar-se este contexto funerário.

Achados ou espólio
Conservam-se dois recipientes cerâmicos (bilha e jarro) tardo-romanos, em posse de particulares.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Coleção particular

Referências
SILVA, Maria Antónia (1992) – A Necrópole de Vandoma – Concelho de Paredes. *Revista de Ciências Históricas*. 7, Porto, p. 7-14

SILVA, Maria Antónia (2001) – *Herança Romana no Concelho de Paredes: Práticas de Culto. Catálogo da Exposição*. Paredes: Câmara Municipal

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Penha Grande	Necrópole	33202	**N15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Abragão	Maninho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.158448; -8.231455	248	Romano indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição
Ao descrever o Castro da Penha Grande (ficha CR12), Teresa Soeiro interpretou, plausivelmente, as informações sobre o achado de «vasos inteiros» nas proximidades do povoado, como a referência a uma necrópole romana, embora não pudesse apurar a exata localização da ocorrência (SOEIRO, 1984: 51).
Abílio Miranda refere-se à descoberta de sepulturas noutros locais da freguesia, nomeadamente no lugar da Aldeia (MIRANDA, 1957: 1-2), que todavia nos parece demasiado distante para ser interpretado como necrópole do castro da Penha Grande.

Achados ou espólio
Menciona-se o achado de «vasos inteiros», mas desconhece-se a sua natureza e paradeiro (SOEIRO, 1984: 51).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências
MIRANDA, Abílio (1957) – Freguesia de Melhundos (Continuação). *O Penafidelense: Jornal Independente*. Ano 80, n.º 15 (11 de Junho de 1957). Penafiel, p. 1-2

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações
Desconhecendo-se a localização exata do espaço funerário – que aliás a carta municipal de património faz coincidir exatamente com o Castro da Penha Grande – introduzimos uma pequena variação convencional na implantação, por motivos exclusivamente de representação cartográfica.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Tapada da Grama	Necrópole		**N16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Boelhe	Tapada da Grama

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.129853; -8.234052	130	Romano - Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos

Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

São muito vagas as informações sobre esta necrópole, situada numa pequena elevação, em grande medida hoje agricultada, a poucas centenas de metros do rio Tâmega. Teresa Soeiro registou a presença de uma peça cerâmica, atribuída a esta necrópole (na altura ainda por localizar), nas coleções do Museu de Penafiel (SOEIRO, 1984: 54).

O sítio encontra-se registado na carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.) e foi recentemente cartografado num mapa de sítios tardo-romanos (SOEIRO, 2018: 216), sendo muito provável a sua relação com o núcleo romano da Bouça do Ouro (ficha P11), do qual a necrópole dista menos de 400 metros.

Achados ou espólio

Desconhecidos, com exceção de uma pequena tigela em cerâmica, depositada no Museu Municipal de Penafiel.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monteiras	Necrópole		**N17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Bustelo	Monteiras; Lugar Novo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.232144; -8.278725	195	Romano	Séculos I - III

Trabalhos arqueológicos

Após a sua descoberta acidental, a necrópole foi objeto de escavações arqueológicas entre 1993 e 1995, sob direção de Gilda Correia Pinto e Teresa Soeiro (SOEIRO, 2010), ficando o sítio registado na carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

A necrópole foi descoberta casualmente, junto ao campo de jogos de Bustelo, onde haviam sido feitos alguns desaterros, levando à sua escavação arqueológica entre 1993 e 1995, abarcando uma área de cerca de 575 m^2.

Foram identificadas 111 sepulturas, documentando tanto o rito de cremação como o da inumação, registando-se 73 incinerações e 38 inumações, valores que, naturalmente, não traduzem o efetivo número de deposições funerárias, devido a várias perturbações modernas, nomeadamente a abertura do recinto desportivo, que deverá ter destruído uma parte da necrópole; bem como antigas, pelo próprio ritmo de reutilização da necrópole e pela escavação das sepulturas de inumação, mais tardias, que certamente perturbou cremações pré-existentes (SOEIRO, 2010: 12-31; SOEIRO, 2015).

O estudo dos enterramentos de incineração revelou uma mancha de deposições, com orientação geral Este-Oeste, aparentemente estruturada em função de um grande *ustrinum* mais ou menos central. Estes sepulcros acham-se a cotas muito superficiais, por vezes a escassos dez centímetros do topo do solo atual, dispostos diretamente sobre o saibro natural ou mesmo em terra, podendo apresentar ou não covacho percetível e tendo por vezes ao lado os restos da cremação (*Idem*: 18). A análise do espólio votivo das 50 sepulturas que o continham – onde se destaca, como elemento a relevar, a permanência de formas e pastas de clara tradição castreja na cerâmica do grupo mais antigo (MORAIS; SOEIRO; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 1014) – permitiu agrupar estas deposições em quatro conjuntos que são, simultaneamente, ciclos cronológicos, balizados entre os meados do 3º quartel do século I e o 3º quartel do século III (*Idem*: 20). O *ustrinum*, localizado sensivelmente ao centro da necrópole, com cerca de 7x5 metros, assinalava-se pelo nivelamento e preparação do solo com uma camada de barro, fortemente tisnada pelas combustões, mas certamente correspondia essencialmente a uma das fases da necrópole, pois continha algumas sepulturas em cima e localizou-se, também, evidência de um possível segundo *ustrinum* a poente (*Idem*: 19, 65).

Os enterramentos de inumação, em número menor, distribuíam-se espacialmente em vários conjuntos de sepulturas com orientações divergentes, genericamente coincidentes com as diversas fases de utilização do cemitério, verificando-se que a orientação das tumbas dos finais do século III é claramente distinta da dos sepulcros do século IV (SOEIRO, 2015: 172), sem que de tal variação possam tirar-se particulares conclusões, designadamente de cariz religioso. As covas funerárias eram de um modo geral de planta retangular e sempre abertas no saibro natural, a cota inferior à das

incinerações, muitas vezes perturbadas pela escavação daquelas. Pelo espólio recolhido, que além de cerâmica incluía maior número de moedas, foram definidos três ciclos cronológicos, entre as últimas décadas do século III e o início da 2ª metade do século IV, não sendo impossível que a mudança de ritual tenha sido progressiva e enterramentos dos dois ritos possam ainda ter convivido (*Idem*: 23-5).

Achados ou espólio

A necrópole proporcionou espólio abundante, tanto cerâmico, como metálico, numismático ou vítreo, modelarmente inventariado e estudado (SOEIRO, 2010; CARVALHO, 2010), a par, aliás, dos restos antropológicos (SILVA; SANTOS, 2010).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

CARVALHO, Teresa P. (2009-2010) – Análise da *Terra Sigillata*: necrópole de Monteiras (Bustelo, Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 247-267

MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – Necrópolis de finales del s. I a.C. a mediados del s. I d.C. en el C*onventus Bracaraugustano*. El caso de la necrópolis de la Vía XVII de *Bracara Augusta* (Braga) y de Monteiras (Bustelo, Penafiel). In ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José Mª; NOGALES BASARRATE, Trinidad; RODÀ DE LLANZA, Isabel (eds.) – *Centro y periferia en el mundo clásico: actas XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Vol. 2. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 1259-1264

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SILVA, Filipa C.; SANTOS, Ana L. (2009-2010) – Análise antropológica: restos ósseos cremados da necrópole romana de Monteiras (Bustelo - Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 223-245

SOEIRO, Teresa (2009-2010) – Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 5-221

SOEIRO, Teresa (2015) – A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III-IV d.C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal). In BRANCO, Gertrudes; ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália; OLIVEIRA, Jorge de; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (eds.) – *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição*. Évora: Universidade de Évora; CHAIA, p. 159-174

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Jugueiros	Necrópole		**N18**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Cabeça Santa	Jugueiros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.115131; - -8.278284	245	Romano – Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos
Não registados, para além das ações de prospeção realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição
Situa-se esta necrópole a meia encosta de um cabeço de média altitude, localizado sobre a margem direita da ribeira das Lajes, afluente do Tâmega. É escassa a informação disponível sobre o sítio ou os achados que levaram à sua inventariação e datação entre as necrópoles tardo-romanas da região de Penafiel (SOEIRO, 2016).

Achados ou espólio
Desconhecidos.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências
MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Belavista	Necrópole		**N19**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Canelas	Silvosa, Quinta da Boa Vista

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.078257; -8.312312	270	Romano	Baixo Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Não se conhecem trabalhos particulares, além de prospeções feitas no âmbito de levantamentos regionais (SOEIRO, 1984: 76, 79) e, mais recentemente, novos reconhecimentos realizados pelo Museu Municipal, no contexto do inventário da carta de património arqueológico que consta do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 34.6).

Descrição

A necrópole foi identificada nos inícios da década de 1940 e dada a conhecer, em notas sumárias, por Abílio MIRANDA (1943a; 1943b), tendo-se conservado algum espólio cerâmico no Museu de Penafiel e no antigo Museu de Etnografia do Porto. Os registos daquele investigador referem-se a três sepulturas de inumação com recipientes cerâmicos, pregos e algum material osteológico, havendo igualmente referência a algumas moedas e um anel, que não foram conservados (MIRANDA, 1943a; 1943b, cit. por SOEIRO, 1984: 77).

Analisando o enxoval cerâmico dos sepulcros, T. Soeiro estuda e ilustra um total de 16 recipientes, com a curiosidade de três deles apresentarem notórias deformações de cozedura que os tornavam inadequados para uso, sendo por isso destinados para espólio funerário (SOEIRO, 1984: 77-9, Figs. XXXIII e XXXIV; 2015: 172). Do ponto de vista cronológico parece haver alguma incongruência entre a presença de um prato de sigilata hispânica 15/17, com marca OSMAIR, e duas peças em cerâmica cinzenta fina, de cronologia alto-imperial, e a generalidade dos restantes vasos, como jarros e pratos, a denunciar datação tardia mais condizente com o ritual inumatório, o que lança dúvidas sobre a sincronia da necrópole ou a própria proveniência dos materiais (SOEIRO, 1984: 79), tendo em conta, até, como recorda a mesma autora, notícias que aparentemente sugerem outros contextos funerários romanos na mesma freguesia de Canelas (ANDRADE, 1918: 75).

Localiza-se a área funerária numa mancha de bons terrenos agrícolas, junto a uma linha de água, podendo talvez relacionar-se, segundo o modelo de ocupação proposto por Teresa SOEIRO (1984; 1997; 1998b; 2018), com o povoado da Póvoa, situado apenas a cerca de 500 metros para norte (ficha P14).

Achados ou espólio

Conservaram-se 16 vasos cerâmicos do espólio das sepulturas, havendo notícia de moedas e um anel, que se dispersaram (SOEIRO, 1984: 77-79, Figs. XXXIII e XXXIV).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel; antigo Museu de Etnografia e Histª do Porto

Referências

ANDRADE, Vieira de (1918) – Castro de Entre-os-Rios. *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, 23. Lisboa, p. 74-76

MIRANDA, Abílio (1943a) – *XI. Cale*. Penafiel: s.e. [Tipografia de «O Penafidelense]

MIRANDA, Abílio (1943b) – *IX.Canelas*. Penafiel: s.e. [Tipografia de «O Penafidelense]

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1997) – O esplendor do Sur da *Callaecia*. In PEREIRA MENAUT, G. (coord.) – *O Feito Diferencial Galego. A Historia*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 213-236

SOEIRO, Teresa (2009-2010) – Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). In *Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos*. [«Cadernos do Museu», 12-13]. Penafiel: Museu Municipal p. 5-221

SOEIRO, Teresa (2015) – A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III-IV d.C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal). In BRANCO, Gertrudes; ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália; OLIVEIRA, Jorge de; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (eds.) – *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição*. Évora: Universidade de Évora; CHAIA, p. 159-174

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

Observações

A revisão da designação do sítio arqueológico de «Boavista», como identificado originalmente por Teresa Soeiro, para «Belavista», ou «Bela Vista», decorre de uma retificação dos serviços municipais de arqueologia (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 34.6).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja	Necrópole		**N20**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Capela	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.103142; -8.347342	285	Romano – Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição
Seguindo informações do abade Vieira de Andrade, segundo o qual, nas imediações da igreja paroquial da Capela, uma zona baixa junto a uma linha de água, se teriam encontrado, ao abrir a estrada que liga Curveira a Recarei, «fragmentos de cerâmica, moedas e pias», que corresponderiam ao conteúdo de «algumas sepulturas romanas, que um proprietário daquela freguesia aproveitou para a construção dum muro» (ANDRADE, 1918: 75; 1920: 277), Teresa SOEIRO (1984: 104) identificou esta área cemiterial, que aparentemente incluiria sepulturas estruturadas com blocos de pedra, nada mais podendo acrescentar-se desde então sobre o local.

Achados ou espólio
Dos materiais recolhidos por Vieira de Andrade (1918) não há notícia do paradeiro.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida.

Referências
ANDRADE, Vieira de (1918) – Castro de Entre-os-Rios. *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, 23. Lisboa, p. 74-76

ANDRADE, Vieira de (1920) – Monte Mozinho. *Boletim da Associação dos Archeólogos Portugueses*. 5.ª série, tomo 13, n.º 7. Lisboa, p. 275-277

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Montes Novos	Necrópole		**N21**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Croca	Montes Novos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,222624;-8,245803	191	Romano	Séc. II/III (?) – Séc. IV

Trabalhos arqueológicos

Na sequência de uma descoberta casual, motivada pelos desaterros para a construção de uma moradia particular, em 1987, foi identificada a necrópole e determinados trabalhos de emergência pelas autoridades competentes, que decorreram entre 1987 e 1988 sob a direção de Gilda PINTO (1996; 1998). A par do cemitério, tem vindo a ser identificada uma área residencial, igualmente de cronologia romana, pelo que o sítio e respetiva área de proteção constam da carta arqueológica integrada no Plano Diretor do Município (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 4.2).

Descrição

A escavação arqueológica revelou uma extensa área de necrópole – das maiores intervencionadas no norte de Portugal – com perto de centena e meia de sepulturas, tanto de incineração como de inumação, por vezes sobrepondo-se e intersectando-se, parecendo cobrir um arco cronológico, aferido principalmente pelo abundante espólio numismático, com especial incidência no século IV, podendo recuar, talvez, até aos séculos II ou III (PINTO, 1996; 1998: 191-192).

Tanto as sepulturas de incineração como as do rito inumatório foram feitas em covacho simples, não estruturado e de planos variáveis, embora nas últimas predomine a planta sub-retangular, para permitir a deposição em posição anatómica comum, sendo também bastante evidentes, em certas sepulturas, as marcas de caixão ou padiola de madeira (PINTO, 1996; 1998).

O espólio cerâmico, normalmente mais ou menos padronizado na composição das sepulturas, a que se junta por vezes, em algumas, uma vasilha em vidro e, como marca distintiva em toda a necrópole, um grande volume de moedas – por vezes às dezenas por sepulcro – constituem elementos de particular interesse neste cemitério, muito embora não tenha ainda sido estudada a totalidade do mobiliário funerário, mas apenas inventariado com algum detalhe (PINTO, 1998: 194-227).

Comentando o significado desta necrópole no quadro das redes de povoamento local e regional, G. Pinto sugere que a sua proximidade a uma importante via que ligava *Bracara Augusta* à travessia do Douro (talvez perto do balneário de São Vicente do Pinheiro), a par de certas particularidades do espólio e os vestígios de um povoado, com alguns elementos de relevo arquitetónico, nas vizinhanças, sustentam a possibilidade de naquela área ter existido um aglomerado concentrado, como seja um *uicus* (PINTO, 1998: 188, 192).

Achados ou espólio

Muito numeroso, incluindo cerâmicas, objetos em vidro e em metal e ainda mais de um milhar de numismas romanos (PINTO, 1996; 1998).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

PINTO, Gilda C. (1996) – *A Necrópole de Montes Novos - Croca, um cemitério da* Gallaecia Tardorromana. Dissertaç ão de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PINTO, Gilda C. (1998) – A necrópole romana de Montes Novos, Croca, Penafiel. In SOEIRO, Teresa (coord.) – *Monte Mozinho, 25 anos de trabalhos arqueológicos*. [«Cadernos do Museu, 2]. Penafiel: Museu Municipal, p. 187-244

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Antas	Necrópole		**N22**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Duas Igrejas	Antas

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.185656; -8.269776	400	Romano – Baixo Império	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos

Não registados, para além de prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.). Após o achado inicial (1933), Abílio MIRANDA (1942) registou algumas observações e recolheu espólio para o Museu de Penafiel.

Descrição

No coração da freguesia de Duas Igrejas, numa zona aplanada, bem irrigada para a prática agrícola e corredor natural de passagem desde tempos antigos (SOUSA; SOEIRO, 2020: 1440) apareceram na primeira metade do século XX duas necrópoles romanas. A primeira, veio à luz do dia em 1933, durante a abertura das fundações para a construção de uma escola, segundo notícia de Abílio Miranda, que quando se deslocou ao local apenas pôde observar «uma ou duas cavidades de sepulturas», de plano retangular, recebendo do pároco da freguesia algum espólio, que incluía vasos cerâmicos, um anel em bronze e 41 moedas do século IV (MIRANDA, 1942; SOEIRO, 1984: 89-90).

Como este espólio, confiado na altura à guarda do Museu de Penafiel, se misturou com peças da outra necrópole, muito próxima, a de Eirô (SOUSA; SOEIRO, 2020), no primeiro estudo científico sobre estes achados, T. SOEIRO (1984: 90-95) apenas atribui à necrópole de Antas as quatro dezenas de numismas, cunhados entre 337-339 e 394-395 (PEREIRA, 1975). Em trabalho recente, porém, foi possível identificar como proveniente de Antas o anel de bronze, com dois bustos afrontados na mesa e datando do século III ou IV (SOEIRO, 1984: 91, 95) e ainda um estilete, também em bronze, para escrita (BRANDÃO, 1961).

Este espaço funerário, com uma cronologia que chegará ao século V, a avaliar pelo conjunto numismático, bem como a vizinha necrópole de Eirô, deverão relacionar-se com algum povoado próximo, seja o da Quelha Velha (ficha P17), seja algum outro ainda mais próximo, como sugerem L. Sousa e T. Soeiro (2020: 1444).

Achados ou espólio

Dos materiais recolhidos por Abílio Miranda (vasos cerâmicos, moedas, um anel e um estilete) não é possível individualizar as cerâmicas, distinguindo as provenientes da necrópole de Antas com as de Eirô (SOEIRO, 1984: 89-95).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1961a) – *Atramentarium* e *stilus* do Museu de Penafiel. *Lucerna*. Vol. 1, n.º1. Porto, p. 29-34

MIRANDA, Abílio (1941) – Sepulturas abertas na rocha. *Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 3. Porto, p. 27-29

MIRANDA, Abílio (1942) – Anel de Casados. *Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 5. Porto, p. 65-66

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

PEREIRA, Isabel (1975) – Moedas tardo-romanas da necrópole das Duas Igrejas (concelho de Penafiel). *Conimbriga*. Coimbra. 14, p. 185-197

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOUSA, Laura; SOEIRO, Teresa (2020) – A necrópole romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016. In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1439-1455. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa106

Observações

Em SOUSA; SOEIRO (2020: 1439), corrige-se o ano de descoberta da necrópole (1933), indicada como tendo acontecido depois de 1941 em trabalho prévio (SOEIRO, 1984: 90).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Eirô	Necrópole		**N23**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Duas Igrejas	Eirô

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.185656; -8.269776	400	Romano – Baixo Império	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos

Após o achado inicial, no ano de 1941), Abílio Miranda publicou um pequeno artigo (MIRANDA, 1941) e recolheu espólio diverso para o Museu de Penafiel. Para além das prospeções realizadas pelos arqueólogos do Museu Municipal de Penafiel para o levantamento da respetiva carta arqueológica municipal, do que resultou o condicionamento da área (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.), foi realizada uma escavação arqueológica de avaliação e salvaguarda em 2016, o que permitiu detetar algumas das sepulturas aparecidas em 1941 e escavar outras (SOUSA; SOEIRO, 2020).

Descrição

No centro da freguesia de Duas Igrejas, numa área fértil do vale da ribeira de Lamas, afluente do rio Cavalum apareceram entre as décadas de 1930 e 1940 dois cemitérios romanos, muito próximos um do outro, que foram, na ocasião, noticiados por um investigador local (MIRANDA, 1941; 1942), todavia com descrições algo sumárias e sem que o espólio de uma e outra fosse convenientemente identificado, nomeadamente no que se refere às cerâmicas (SOEIRO, 1984: 89-95). Da primeira, a necrópole de Antas (ficha N22), aguarda-se ainda oportunidade para o seu reestudo; já a de Eirô – entretanto salvaguardada na carta de património arqueológico municipal – foi objeto de escavação parcial, por motivo de uma nova construção, em 2016 (SOUSA; SOEIRO, 2020).

As primeiras sepulturas apareceram em 1941, durante obras realizadas junto à paroquial de Duas Igrejas. De acordo com a descrição de Abílio Miranda, tratava-se de «uma vasta necrópole mixta de sepulturas circulares, rectangulares e uma antropomórfica aberta na rocha», destacando ainda o mesmo autor que entre as seis sepulturas que individualizou, uma era infantil, quatro apresentavam-se estruturadas com lajes colocadas verticalmente nas quatro faces, sendo algumas cobertas com o mesmo material, e a restante tinha evidência de antropomorfismo (MIRANDA, 1941). Estas sepulturas continham espólio votivo cerâmico, mas o mesmo autor apenas releva peças da sepultura infantil e da antropomórfica, que incluía duas vasilhas, pregos, restos têxteis de calçado e um anel em azeviche (*Idem*: 28-29).

A escavação de 2016 abrangeu uma superfície de cerca de 325 m^2 e possibilitou a identificação de cinco destas sepulturas (incluindo aquela que Miranda considerara «antropomórfica», e que, na verdade, não exibe essas características) e de mais seis sepulcros, em área imediatamente contígua aos anteriores (SOUSA; SOEIRO, 2020: 1441-2). As inumações agora escavadas – sem qualquer vestígio osteológico, como é habitual em muitas necrópoles do noroeste peninsular – foram escavadas no saibro natural e exibiam plantas ordinariamente subretangulares, não evidenciando qualquer cobertura conservada, além da terra (*Idem, ibidem*). O espólio, porém, mostrou-se muito interessante e relativamente diversificado, incluindo perto de quatro dezenas de vasilhas cerâmicas (entre cinco e nove por sepultura, com exceção da sepultura 8, apenas com um púcaro), treze moedas, tachas, alguns metais e outros objetos (*Idem: ibid*., 1445).

Pela análise deste espólio, considerando quer o conjunto cerâmico, quer, em especial, o numismático, as sepulturas escavadas em 2016 foram datadas do terceiro quartel do século IV, podendo corresponder as exumadas em 1941, estruturadas com lajes, a uma cronologia um pouco posterior, já do século V (*Ibidem*, 1444; AREZES, 2017: 195), datações, aliás, totalmente condizentes com os objetos recolhidos durante o primeiro achado, incluindo o anel em azeviche (SOEIRO, 1984: 90-95). Talvez o núcleo de povoamento da Quelha Velha (ficha P17), ou outro ainda mais próximo, como admitem Laura Sousa e Teresa Soeiro (2020: 1444), possam no futuro vir a ser articulados com estes dois cemitérios romanos de Duas Igrejas.

Achados ou espólio

Quer os materiais recolhidos em 1941, quer os provenientes das escavações de 2016, já devidamente descritos e estudados (SOUSA; SOEIRO, 2020), guardam-se no Museu Municipal de Penafiel.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

AREZES, Andreia (2017) – *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII.* Porto: CITCEM; Edições Afrontamento

MIRANDA, Abílio (1941) – Sepulturas abertas na rocha. *Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 3. Porto, p. 27-29

MIRANDA, Abílio (1942) – Anel de Casados. *Douro Litoral*. Porto. 1.ª série, 5. Porto, p. 65-66

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOUSA, Laura; SOEIRO, Teresa (2020) – A necrópole romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016. In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1439-1455. DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa106

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Entre-os Rios	Necrópole		**N24**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Eja	Póvoa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,081856;-8,298048	65	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

A informação e a localização deste sítio, genericamente inventariado em cartograma (SOEIRO, 2018: 216) resultam de informações pessoais e trabalhos de prospeção, de momento em processo de revisão pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

O sítio encontra-se inventariado apenas de forma geral, como uma das necrópoles romanas tardias da região (SOEIRO, 2018: 216). Pelas razões acima indicadas, não se encontram ainda disponíveis outros dados sobre a estação.

Achados ou espólio

Desconhecidos

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Cortinhas do Trago	Necrópole		**N25**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Fonte Arcada	Vales

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,149097;-8,356996	220	Romano	

Trabalhos arqueológicos
Não há registo de qualquer trabalho arqueológico, tão só a notícia de uma descoberta fortuita, em 1931, na sequência da qual um amador interessado por antiguidades mandou proceder a escavações relativamente extensivas, encontrando diversas sepulturas com mobiliário cerâmico (SOEIRO, 1993: 285-286).

Descrição
O achado inicial, que motivou as escavações amadoras, deu-se ao abrir um caminho de monte.
Não há qualquer indicação quanto ao número ou à tipologia dos sepulcros, aparentemente covachos abertos no saibro, e o respetivo espólio foi levado do concelho e dispersou-se (SOEIRO, 1993: 285-286).

Achados ou espólio
A partir de uma foto ilustrativa do espólio, conservada pelos proprietários da Casa de Valbom, Teresa Soeiro identificou, genericamente, mais de vinte peças, que aparentemente se perderam (SOEIRO, 1993: 286).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecido

Referências
SOEIRO, Teresa (1992-1993) – Notícia sumária acerca de duas necrópoles romanas, Paço de Sousa, Penafiel. *Portugalia*, Nova Série, vol. XIII-XIV. Porto, p. 282-288

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja	Necrópole		**N26**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Galegos	Igreja

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,161821;-8,313809	225	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

A informação e a localização deste sítio, genericamente inventariado em cartograma (SOEIRO, 2018: 216) resultam de informações pessoais e trabalhos de prospeção, de momento em processo de revisão pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

O sítio encontra-se inventariado apenas de forma geral, como uma das necrópoles romanas tardias da região (SOEIRO, 2018: 216). Pelas razões acima indicadas, não se encontram ainda disponíveis outros dados sobre a estação.

Achados ou espólio

Desconhecidos

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

MIRANDA, Abílio (1952) – Bois ou vacas? *Terras de Penafiel*, n.º IV, Penafiel: [s.p.]

MIRANDA, Abílio (1955) – Freguesia de Santa Maria do Banho. Sep.do jornal *O Penafidelense,* de Abril de 1955, [In *Terras de Penafiel,* vol. IV]. Penafiel: [s.p.];

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Passal	Necrópole		**N27**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Galegos	Bairro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,161555;-8,319952	235	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Há apenas registo de trabalhos de prospeção, na sequência de achados feitos nas abas do castro da Abujefa (SOEIRO, 1984: 98). Mais recentemente, têm sido desenvolvidos reconhecimentos de campo pelo Museu Municipal, no contexto do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 16.3).

Descrição

A identificação do sítio como necrópole romana advém da informação sobre ofertas de alguns vasos cerâmicos, provenientes quer de sepulturas encontradas no passal da residência paroquial de Galegos, quer de outro ponto do lugar, sem outra indicação de contexto (SOEIRO, 1984: 98), elementos todavia validados pelos serviços do museu municipal e integrados na respetiva cartografia arqueológica (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 16.3).

Achados ou espólio

Referência a três vasilhas, descritas por T. SOEIRO (1984: 98).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel, Antigo Museu do Instituto de Antropologia do Porto

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Candaídos	Necrópole		**N28**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Irivo	Candaídos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,171786;-8,326083	170	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não se registam quaisquer trabalhos arqueológicos, para além daqueles que decorrem da mera prospeção superficial, para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 96-98) ou salvaguarda arqueológica no âmbito de instrumentos de planeamento regional (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 11.4).

Descrição

Há poucos dados sobre este sítio, referenciado apenas com base em algumas notícias na imprensa local da autoria de Abílio Miranda, sobre umas louças aparecidas em 1952 e que deram entrada no Museu Municipal, não sendo atualmente possível identificá-las por falta de registo adequado na altura (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 11.4; SOEIRO, 1984: 100). Teresa Soeiro pôde ainda recolher a informação de que os vasos estariam na terra, sem qualquer delimitação física, devendo por isso corresponder a sepulturas do rito de incineração (SOEIRO, *Id., ibidem*).

Achados ou espólio

Referência a cerâmicas, atualmente impossíveis de localizar.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Agras de Ordins	Necrópole		**N29**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Lagares	Ordins

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,133668;-8,348982	285	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não foram levados a cabo trabalhos arqueológicos, para além daqueles decorrentes da simples prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 104), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.3).

Descrição

Localizada no troço médio do vale da ribeira de Ribas, ou de Lagares, esta zona de ocupação de época romana foi sinalizada pela observação, nos campos agrícolas dispostos em socalcos, de pedra trabalhada e cerâmica de construção (P19), mas, na mesma ocasião, foi recolhida a informação de que, na década de 1930, ao preparar um socalco agrícola, haviam sido recolhidos três vasos cerâmicos completos, sem que haja outros elementos sobre a condição de deposição ou a natureza da necrópole; tais peças foram observadas e descritas por T. Soeiro, não permitindo, contudo, qualquer atribuição cronológica (SOEIRO, 1984: 104).

Achados ou espólio

Foram recolhidos três vasos cerâmicos completos, uma taça, uma jarra e um jarro de bocal trilobado.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Casa de Ordins, Lagares (coleção particular)

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Presa dos Vasos	Necrópole		**N30**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Lagares	Ordins; Presa dos Vasos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,128312;-8,360873	230	Romano	

Trabalhos arqueológicos

O sítio «resulta» da recolha de informações orais. Os trabalhos arqueológicos nesta estação respeitam apenas às ações de prospeção e reconhecimento superficial, tanto no âmbito de estudos regionais (SOEIRO, 1984: 104-105), como especificamente com propósitos de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro da elaboração de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.2).

Descrição

Não longe do sopé do castro indígena dos Castelões de Ordins (C17), notícias locais deram conta da descoberta de cerâmicas, certamente associadas a uma necrópole, que entretanto se dispersaram, restando o nome dos campos – *Presa dos Vasos* – como memória popular do achado (SOEIRO, 1984: 104; MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 29.2).

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram conservados.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Marecos	Necrópole		**N31**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Marecos	Marecos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,184258;-8,291529	315	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Há apenas registo de trabalhos de prospeção, desenvolvidos principalmente pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 12.7).

Descrição

A área potencial desta necrópole tem vindo a ser reconstituída, laboriosamente, pelos serviços municipais de arqueologia, cruzando informações de achados antigos com a prospeção de terreno, razão pela qual a necrópole foi também já designada como da Quinta da Naia, ou da Quinta da Vinha, expressões de achados mais localizados, nem sempre rigorosas ou fidedignas (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 12.7).

Situada «num extenso outeiro aplanado sobranceiro ao vale do rio Cavalum, no topo do qual se instalou a igreja paroquial de Marecos» (*Idem, ibidem*), desta área funerária será proveniente um púcaro de cerâmica cinzenta fina (SOEIRO 1984: 96). Um pouco a norte deste local, os arqueólogos do Museu Municipal detetaram recentemente um possível povoado fortificado (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 12.7).

Achados ou espólio

Referência a um vaso cerâmico e outros achados, designadamente tesouros numismáticos SOEIRO (1984: 96).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

A revisão desta ficha por parte dos serviços do museu municipal – simultânea à nossa própria redação – alterou a localização do ponto central do sítio para cerca de 600 metros a sudoeste do ponto que cartografámos, distância irrelevante para a escala com que nós próprios trabalhamos, pelo que optámos por não corrigir o ponto, mas fica a justificação do desfasamento.

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Necrópoles do Monte Mozinho	Necrópole	185	**N32**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Oldrões	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,149553;-8,310663	360	Romano	Séculos I - V

Trabalhos arqueológicos

As necrópoles tiveram lugar de destaque entre as primeiras publicações monográficas da «cidade morta» do Mozinho (PINHO, 1931; MENEZES, 1937), recolhendo-se mais dados após o início das escavações sistemáticas do sítio, entre 1943 e 1958, se bem que com escassa publicação. Retomadas as escavações em 1974, agora sob liderança de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, as áreas funerárias não podiam deixar de estar na agenda de investigação (ALMEIDA, 1974; 1975; 1977; SOEIRO, 1984; 1998c), verificando-se novo ciclo de escavação em áreas sepulcrais mais recentemente (CARVALHO; QUEIROGA, 2005; CARVALHO, 2008a; 2019; SOEIRO, 2019).

Descrição

Situados fora de muros, como impunham o costume e a lei romanos, os espaços funerários dos habitantes do Mozinho parecem agrupar-se junto à última muralha, a norte e nordeste do coração do povoado, provavelmente em articulação com as vias de acesso à citânia, permanecendo em aberto a possibilidade de tratar-se de uma área funerária contínua ou de várias núcleos mais discretos, porventura sequenciados cronologicamente (CARVALHO, 2008: 102, 105), não sendo impossível, bem entendido, que outras necrópoles possam ainda vir a encontrar-se, dadas as dimensões do castro.

As primeiras intervenções arqueológicas modernas, cientificamente conduzidas, na área cemiterial devem-se a Carlos A. Ferreira de Almeida, que identificou, então, quatro sepulturas de inumação, de cronologia tardia, estruturadas com pedras e lousas de xisto; aproveitando este investigador, ao publicar os resultados da escavação, para sugerir a localização de outras áreas sepulcrais e estudar materiais provenientes de escavações antigas em contextos funerários (ALMEIDA, 1975: 88-103). Posteriormente, Ferreira de Almeida escavou também, nas proximidades das sepulturas anteriores, duas sepulturas de rito incineratório, certamente de cronologia mais antiga, que publicou juntamente com uma estela funerária, em granito, de ali mesmo exumada (ALMEIDA, 1977: 29-30).

Compilando estes dados, Teresa Soeiro, alguns anos depois, viria a calcular em cerca de 250 metros a extensão da necrópole norte, que terá estado em utilização durante mais de trezentos anos, se bem que o escasso número de sepulcros até então devidamente estudados (apenas cinco) não permitissem visão melhor informada (SOEIRO, 1984: 293, 299; 1998a: 31-32).

Mais recentemente, novas escavações, feitas entre 2002 e 2004, permitiram identificar mais duas necrópoles – ou núcleos de sepulturas – um pouco mais a nordeste e sempre no exterior da cerca mais larga. Num desses núcleos exumaram-se uma dezena de inumações, do século IV; e em zona contígua, perto de seis dezenas de cinzeiros, parcialmente sobrepostos, e uma caixa sepulcral quadrangular em pedra, correspondendo a incinerações do período dos flávios (CARVALHO; QUEIROGA, 2005: 132; 2008: 89ss.).

Em síntese, conhecem-se já no Monte Mozinho testemunhos funerários diversificados e que percorrem quase toda a diacronia de ocupação do povoado, com exceção das sepulturas da primeira

metade do século I, que permanecem por localizar (CARVALHO, 2008a: 105; 2019: 53; SOEIRO, 2019: 47; 51), o que sugere, talvez, a existência de outros espaços funerários que o acaso e a investigação ainda não detetaram.

Achados ou espólio

O espólio proveniente dos contextos funerários do Mozinho é muito rico e diversificado, nomeadamente o resultante das campanhas mais recentes, que ultrapassa as 500 peças (CARVALHO, 2005; 2008: 84), embora não se encontre ainda integralmente estudado, dada a sua quantidade.

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado.	Museu Municipal de Penafiel

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1974) – *Escavações no Monte Mozinho: 1974*. Penafiel: Centro Cultural Penafidelis

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1975) – *Escavações no Monte Mozinho: 1974*. Porto [= ALMEIDA, 1974, editado em Penafiel pelo Centro Cultural Penafidelis, com paginação distinta]

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1977) – *Escavações no Monte Mozinho. II. 1975-1976.* Penafiel: Centro Cultural Penafidelis

CARVALHO, Teresa P. (2008a) – As necrópoles de Monte Mozinho. Resultados preliminares. In *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa*. «Oppidum». Número Especial. Lousada: Câmara Municipal, p. 20 (resumo); p. 83-113 (CD-Rom, anexo)

CARVALHO, Teresa P. (2019) – Escavações recentes. In SOEIRO, Teresa – *Castro de Monte Mozinho: roteiro*. Penafiel: Museu Municipal, p. 50-53

CARVALHO, Teresa P.; QUEIROGA, Francisco (2005) – O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos. *Cadernos do Museu*, 11. [«Colóquio Castro: um lugar para habitar»] Penafiel, p. 121-153

MENEZES, Ludovico de (1937) – A necrópole calaico-romana do Mosinho. *Feira da Ladra*, 8. Lisboa, p. 131-140

PINHO, José de (1931) – *A necrópole calaico-romana do Mòsinho*. [Sep. de «Penha-Fidelis», 2]. Penafiel : s.n. [Tipografia Minerva]

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

SOEIRO, Teresa (1998a) – *Monte Mozinho: sítio arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Museu Municipal

SOEIRO, Teresa (2019) – *Castro de Monte Mozinho: roteiro*. Penafiel: Museu Municipal

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
As Campas	Necrópole		**N33**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Paço de Sousa	As Campas; Casal do Ouro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,157295;-8,362172	140	Romano – Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos

Foi realizada uma intervenção arqueológica de emergência, por técnicos do Museu Municipal de Penafiel, pelo achado inesperado de sepulturas durante o alargamento de um caminho de mato (SOEIRO, 1993). Mais recentemente, foram feitos trabalhos de prospeção na envolvente, para delimitação de uma área de salvaguarda arqueológica, no âmbito da elaboração e atualização de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., s. número).

Descrição

O local onde se deu o achado corresponde a uma zona aberta, antiga área agrícola entretanto abandonada a matos, junto de um pequeno outeiro que não revelou interesse arqueológico.

A descoberta – e concomitante destruição – teve lugar em abril de 1991, quando operários municipais procediam, com máquinas, ao alargamento de um caminho de ligação entre os lugares de Esmegilde, Paço de Sousa a Preisal, em Fonte Arcada (SOEIRO, 1993: 281).

Detetado o vasilhame cerâmico, foram os trabalhos suspensos e chamadas as entidades competentes, que verificaram a existência de diversas sepulturas, abertas no saibro. Tendo-se procedido à sua limpeza e registo, observou-se que se tratava de sete sepulturas, de tipologia e rito funerário indeterminados, das quais eram provenientes dez vasos e fragmentos de outros, não sendo possível averiguar a sua correspondência com as sepulturas. Não obstante, a impressão geral é que se trata de uma necrópole do Baixo-Império que teria já sido afetada anteriormente, o que talvez justifique o microtopónimo «As Campas» (SOEIRO, 1993: 281-285).

Achados ou espólio

Teresa Soeiro descreve e ilustra dez peças cerâmicas, razoavelmente completas, havendo menção a fragmentos de outras, da mesma proveniência (SOEIRO, 1993: 281-285).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1992-1993) – Notícia sumária acerca de duas necrópoles romanas, Paço de Sousa, Penafiel. *Portugalia*, Nova Série, vol. XIII-XIV. Porto, p. 282-288

Observações

A revisão desta ficha por parte dos serviços do museu municipal – simultânea à nossa própria redação – alterou a localização do ponto central do sítio para cerca de 160 metros a nor-noroeste do ponto que cartografámos, distância irrelevante para a escala com que nós próprios trabalhamos (e eventualmente, para a própria extensão da necrópole), pelo que optámos por não corrigir o ponto, mas fica a justificação do desfasamento.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Covelo	Necrópole		**N34**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Paço de Sousa	Covelo; Quinta de Crestelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,15764;-8,341285	175	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não há notícia de trabalhos arqueológicos, para além daqueles decorrentes da mera prospeção superficial, seja para efeitos de estudo (SOEIRO, 1984: 100), ou de salvaguarda arqueológica, designadamente no quadro de instrumentos de planeamento como o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 15.8).

Descrição

A necrópole é referenciada por Teresa SOEIRO (1984: 100), em associação direta ao povoado de Covelo ou Cristelo (*vd. infra*, Obs.), como é corrente em muitos sítios romanos de Penafiel. O contexto funerário está documentada por breve notícia e, particularmente, por uma tigela de época romana oferecida ao Museu Municipal.

Achados ou espólio

Uma peça de cerâmica romana, descrita como uma tigela de forma similar a Drag. 35 (SOEIRO, 1984: 100, Fig. XLVII).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

No processo de revisão da carta arqueológica municipal para o novo PDM em elaboração, a respetiva ficha sugere este sítio seja designado como «necrópole do Covelo» (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 15.8), aparentemente para solucionar um aparente equívoco de T. Soeiro, que referenciou, praticamente no mesmo local, os sítios de Cristelo, o povoado e a necrópole de Covelo, distinção que no texto alusivo não fica clara (SOEIRO, 1984: 85 e 100).

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Casa da Laje	Povoado		**N35**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Paredes	Casa da Laje

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,123778;-8,281059	250	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

A informação e a localização deste sítio, genericamente inventariado em cartograma (SOEIRO, 2018: 216) resultam de informações pessoais e trabalhos de prospeção, de momento em processo de revisão pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

O sítio encontra-se inventariado apenas de forma geral, como uma das necrópoles romanas tardias da região (SOEIRO, 2018: 216). Pelas razões acima indicadas, não se encontram ainda disponíveis outros dados sobre a estação.

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecidos	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Rebolido	Necrópole		**N36**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Pinheiro	Rebolido, Outeiro do Dino

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,122482; -8,306027	250	Romano	Alto Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Não foram feitos quaisquer trabalhos arqueológicos, salvo diversas visitas de prospeção, primeiro por parte de Teresa SOEIRO (1984: 60-64) e, mais recentemente, dos técnicos do Museu Municipal, no âmbito da atualização da carta arqueológica e patrimonial para a revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.3).

Descrição

No vale da ribeira da Camba, afluente do Tâmega, vale dominado, mais a norte, pelo castro do Monte Mozinho, localiza-se cerca de 2,5 quilómetros a sul daquele povoado, um importante castro, reconhecido por Teresa Soeiro, não obstante se encontrar «bastante desfigurado» pela construção de moradias e abertura de caminhos (SOEIRO, 1984: 60). Esta investigadora identificou aí vários vestígios, de que se trata em ficha própria (CR17), registando também a informação de que a nascente deste povoado, em local «contíguo à última muralha», teria aparecido uma necrópole de sepulturas de incineração, provavelmente em covachos simples (SOEIRO, *id., ibid*.). Desta área funerária procedem oito fragmentos de vasos cerâmicos, que se conservam no pequeno museu das termas de São Vicente, correspondendo aparentemente a contextos alto-imperiais (*Idem*, 60-64)

Achados ou espólio

Apenas referência a cerâmicas, muitas fragmentadas mas correspondendo a perto de uma dezena de peças, comuns às necrópoles da área, que T. Soeiro estudou e reconstituiu formalmente (*Idem, ibid*., 60-64).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Museu Municipal de Penafiel (?)

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
São Vicente	Necrópole		**N37**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Pinheiro	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,114565; -8,293531	155	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Não se registam quaisquer trabalhos arqueológicos. As notícias antigas que sugerem a presença da necrópole, localizada nas imediações do balneário romano (FORTES, 1902: 10; LACERDA, 1920: 23) não puderam ser confirmadas, encontrando-se a zona, na atualidade, totalmente urbanizada, restando apenas o registo da área, para efeitos de salvaguarda do que possa restar, no âmbito da atualização da carta arqueológica e patrimonial para a revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 26.1).

Descrição

Ao descrever as escavações que, nos começos do século passado, realizou no balneário medicinal romano de São Vicente do Pinheiro (ficha AE5), José Fortes menciona, circunstancialmente, alguns achados arqueológicos feitos nas proximidades, entre os quais, a cem metros a sul do balneário, durante obras de uma estrada, «bastantes restos de lucernas, de bilhas e de outros vasos, com aspecto antiquado» (FORTES, 1902: 10), materiais aparentemente passíveis de interpretar-se como correspondentes a uma necrópole, mas que o próprio Fortes não deve ter visto, recolhendo apenas informação local, como nota Teresa SOEIRO (1984: 75), não podendo por isso adiantar-se quaisquer outros dados sobre o contexto.

Achados ou espólio

Referência a cerâmicas romanas variadas, as quais, se foram recolhidas, encontram-se em parte incerta.

.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

FORTES, José (1902) – *Balineum luso-romano do S. Vicente de Pinheiro (Penafiel).* Porto: Typ. Central

MACHADO, Francisco S. Lacerda (1920) – *Uma cidade morta no Monte Mozinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões. Estudo de arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Obs

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Giesta	Necrópole		**N38**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Pinheiro/Cabeça Santa	Tapada de Barreiros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,118511; -8,288575	196	Romano	Alto Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Não se registam trabalhos arqueológicos, salvo visitas de prospeção por parte de Teresa SOEIRO (1984: 64-66) e, mais recentemente, dos técnicos do Museu Municipal, no âmbito da atualização da carta arqueológica e patrimonial para a revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 24.7).

Descrição

Situada no vale da ribeira da Camba, afluente do Tâmega, vale dominado, mais a norte, pela «cidade morta» do Monte Mozinho, a necrópole da Giesta, ou da Tapada de Barreiros, localiza-se em zona agrícola, nas terras baixas e férteis do vale. Nunca foram observados quaisquer elementos *in situ*, devendo-se a identificação da área funerária a vagas notícias antigas (MACHADO, 1920: 25) e, sobretudo, às ofertas de um vaso e numerosos fragmentos de cerâmica, feitas ao Museu Municipal durante o século XX. O último achado, em 1975, veio acompanhado do testemunho de que as louças terão sido encontradas em conjuntos, depositadas sem qualquer proteção, levando T. Soeiro a interpretar o sítio como correspondente a uma necrópole de incineração (SOEIRO, 1984: 64). Não obstante, o estudo das cerâmicas – em quantidade ainda significativa, não obstante a sua grande fragmentação (SOEIRO, 1984: 64-66), não permitiu a esta autora propor uma datação concreta ao cemitério, provavelmente do Alto Império (*Ibid*., 64).

Achados ou espólio

Apenas referência a cerâmicas, muitas fragmentadas mas correspondendo a cerca de duas dezenas de peças, comuns às necrópoles da área, que T. Soeiro estudou e reconstituiu formalmente (*Idem, ibid*., 65-66).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

MACHADO, Francisco S. Lacerda (1920) – *Uma cidade morta no Monte Mozinho ou Castro de Santo Estêvão de Oldrões. Estudo de arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

Com base em outros achados, nomeadamente uma sepultura escavada na rocha, Helena Bernardo sugere a revisão da caracterização deste sítio, alargando talvez o intervalo de ocupação até à Alta Idade Média (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 24.7).

No âmbito da revisão da carta arqueológica municipal, os serviços do museu municipal identificaram também como necrópole – com base em um achado, verificado, ocorrido em 1960 – um local a cerca de 700 metros, para NE. do sítio a que se refere a presente ficha, que designam como necrópole do Amial ou da Quinta da Giesta. A 400 metros a ESE. do referido Amial existe outra necrópole registada, a da Casa da Laje. Sendo bastante densa a rede de povoamento em época romana no território do atual concelho de Penafiel – como se comprova pelo extraordinário número de necrópoles e povoados – ainda assim, neste caso concreto, parece-nos, talvez, algo excessivo compaginar três necrópoles romanas num raio de 400 metros, sensivelmente, pelo que suspeitámos que estejam a ser atribuídos a locais diferentes achados correlacionáveis com o mesmo cemitério, porventura bastante extenso ou distribuído em núcleos, pelo que optámos por não inventariar a «nova» necrópole nesta ocasião.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Pedreira	Necrópole		**N39**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Rans	Santa Luzia, Moazares

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,175072;-8,307795	195	Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos
O sítio é impreciso, e dele apenas se conhece uma curta notícia de Teresa SOEIRO (1984: 96).

Descrição
Descrevendo a evidência arqueológica da bacia do rio Cavalum, Teresa Soeiro noticia, exprimindo dúvidas, a eventual existência de uma necrópole romana, do qual examinou apenas «um prato com fabrico muito evoluído», relacionando eventualmente o sítio com o próximo povoado da Póvoa, situado imediatamente a norte (P15), dúvidas que, aliás, permanecem no inventário do sítio na atual carta arqueológica municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 17.4).

Achados ou espólio
Apenas o prato acima referido.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de P de Penafiel

Referências
MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Codes	Necrópole		**N40**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Rio de Moinhos	Quinta de Codes

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,114135; -8,255257	210	Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Apenas se registam ações de prospeção e reconhecimento. Num primeiro momento, Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão identificaram e noticiaram o interesse arqueológico do local (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 298-299); posteriormente, Teresa Soeiro, confirmou aqueles vestígios arqueológicos e estudou os materiais conservados no Museu (SOEIRO, 1984: 53, 55). Mais recentemente, os serviços de arqueologia do Museu Municipal de Penafiel verificaram todos estes indícios no marco do processo de revisão do Plano Diretor Municipal (*vd*. MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 23.1).

Descrição

Este é outro dos casos, frequentes em Penafiel, onde ao que parecem ser restos de um «povoado» (ver ficha P26) se associa uma área de necrópole. Ambos foram, pela primeira vez, noticiados por Domingos de Pinho Brandão e Fernando Lanhas – sem fazer esta distinção –, no quadro dos seus trabalhos de levantamento de uma ambiciosa carta arqueológica regional. Lanhas e Brandão atribuem os achados aos campos designados como da Vinha de Baixo e da Vinha de Cima, sem precisar muito a natureza dos vestígios, se bem que ilustrem cerâmicas (certamente da necrópole), a par de um vidro romano tardio e dois pesos, um em pedra e outro em chumbo com uma argola em ferro (LANHAS; BRANDÃO, 1965: 298-299).

A reavaliação destes achados, feita por Teresa Soeiro, pretendeu, desde logo, deslindar os artefactos que poderiam ser atribuídos à necrópole daqueles que indiciam o povoado. Ao cemitério, que terá aparecido, em trabalhos agrícolas, entre 1956 e 1957, como informaram ainda os autores anteriores, correspondem mais de duas dezenas de recipientes cerâmicos, dos comuns em necrópoles tardias da região, e fragmentos de quatro peças em vidro (havendo, também, notícia de moedas, que não puderam ser localizadas), materiais cuja análise levou T. Soeiro a propor que poderia tratar-se de uma necrópole de inumação (dada a boa conservação das louças) do Baixo-Império (SOEIRO, 1984: 54-55). Indiciadores de uma área residencial serão «mais de uma dezena de moinhos circulares, muitas pedras com face aparelhada e algum tambor de fuste liso» (*Ibidem*, 54).

Em síntese, propõe Teresa Soeiro que esta necrópole esteja ligada a uma «ocupação romana tardia, implantada numa zona aberta, agricolamente fértil» e, aparentemente, de extensão reduzida (*Idem, Ibid.*, 55).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Considerando que o espólio cerâmico e vítreo que deu entrada no Museu Municipal provirá de contextos funerários, os materiais relacionáveis com o povoado serão, essencialmente, as mós giratórias, pedra aparelhada e algum fuste de coluna, além, porventura, do peso em chumbo. Ignora-se se algum daqueles restos arquitetónicos terá sido recolhido.

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Museu Municipal de Penafiel (?)

Referências

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos P. (1965) – Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico [Parcela 124-6, no Concelho de Penafiel]. *Revista de Etnografia*, 4:2. Porto, p. 275-321

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Estrada	Necrópole		**N41**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Santa Marta	Estrada

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,218235;-8,259488	318	Romano	Baixo-Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Apenas se documentam ações de prospeção, feitas por Teresa SOEIRO (1984: 85-86), retomadas, em anos mais recentes, pelos arqueólogos municipais de Penafiel, para monitorização da respetiva carta arqueológica municipal, nomeadamente para informar a cartografia patrimonial do Plano Diretor Municipa (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep. ficha 5.6)

Descrição

São as escassas as informações sobre este cemitério, situado a Nordeste do Monte de Castro, possível povoado sidérico no qual a densidade de construções não permitiu visibilizar qualquer vestígio arqueológico relevante (SOEIRO, 1984: 85). Ao abrir os alicerces para uma habitação, no lugar da Estrada, terão aparecido umas «caixas grandes», que conteriam cerâmicas e algumas moedas; destes materiais chegariam ao Museu de Penafiel apenas um jarro trilobado e mais de duas dezenas de pequenas tachas em ferro, parecendo depreender-se destes informes que se trataria de uma necrópole de inumação, eventualmente tardia, o que não pode ser aferido com segurança por falta de outros dados (SOEIRO, 1984: 85-86).

Achados ou espólio

Apenas foram recolhidos a peça cerâmica mencionada e as tachas em ferro.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Outeiro	Necrópole		**N42**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Santiago de Subarrifana	Outeiro, Marquinho

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,216724;-8,302774	191	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Na sequência de uma descoberta casual, no contexto de trabalhos agrícolas, no ano de 1965, o Município de Penafiel, através da «Comissão Municipal de Cultura», mandou proceder a breves escavações no local, do que resultou a identificação desta necrópole e de vestígios de uma área habitacional (P27) (SOEIRO, 1987). Entretanto, trabalhos de reconhecimento mais recentes, feitos pelo Museu Municipal, cartografaram o sítio, com área de proteção, para informar o processo de revisão do Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 9.1).

Descrição

A história da descoberta e consequente escavação destes achados encontra-se bem documentada, graças a documentação interna da Autarquia e à cobertura da imprensa local (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep., ficha 9.1). A ocorrência dos primeiros vestígios foi casual, ao remover terras para plantação de vinhas, tendo-se dispersada uma parte do espólio, enquanto outros objetos foram confiados ao Museu Municipal (MUNICÍPIO…, *ibid*.; SOEIRO, 1987: 235). Na sequência dos achados, e da localização de uma nova sepultura, as entidades municipais tomaram a iniciativa de promover escavações no local, tendo sido abertas três valas, uma para caracterizar a sepultura detetada e outras duas de avaliação de terrenos envolventes, totalizando a escavação cerca de 15 m^2 (SOEIRO, 1987: 235-236).

Foi determinado, deste modo, que a sepultura, de inumação, apresentava um plano retangular e era delimitada por pedra miúda, contendo seis vasos cerâmicos. A partir da análise deste espólio, que, em parte, se conserva no Museu Municipal, juntamente com fragmentos de outras peças da mesma área e uma moeda de Constantino, Teresa Soeiro propôs que a necrópole pudesse ter uma cronologia em torno do século IV (SOEIRO, *id., ibidem*).

Achados ou espólio

Teresa Soeiro descreve e ilustra quatro vasos provenientes da mesma sepultura atrás mencionada e outras duas peças, da mesma necrópole (SOEIRO, 1987).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1987) – Povoado e necrópole do Outeiro (Santiago de Subarrifana, Penafiel). *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Vol. XXVII, fasc. 1-4. Porto, p. 235-236

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Quinta do Castro	Necrópole		**N43**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	São Martinho de Recezinhos	Quinta do Castro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,218367; -8,215421	300	Romano – Baixo Império	Século IV

Trabalhos arqueológicos

Realizadas apenas trabalhos de prospeção por Teresa Soeiro (SOEIRO, 1984) e, mais recentemente, por técnicos do Museu Municipal, com vista à revisão do inventário e cartografia do Plano Diretor Municipal.

Descrição

Em trabalhos de campo de inícios da década de 1980, Teresa Soeiro recolheu informações, sobre o achado, por alturas de 1930, ao surribar um terreno de meia encosta para o plantio de vinhas, de algumas sepulturas de incineração, de onde haviam sido provenientes diversos vasos cerâmicos, encontrados «em conjuntos, enterrados sem qualquer protecção»; deste espólio, acabaram por ser doados ao Museu Municipal, apenas restos de quatro vasos, que T. Soeiro descreve e propõe que possam datar de finais do século I ou já do século II, o que – como reconhece – é muito escasso para situar cronologicamente uma necrópole que, podendo não ser muito vasta, teria, pelo menos diversas sepulturas (SOEIRO, 1984: 44, 46).

Achados ou espólio

Foram doados ao Museu Municipal de Penafiel restos de uma jarra, dois jarros e um púcaro em cerâmica comum romana (SOEIRO, 1984: 48, fig. XIII).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu Municipal de Penafiel

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Mesão Frio	Necrópole		**N44**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Valpedre	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41,142469;-8,324862	370	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

A informação e a localização deste sítio, genericamente inventariado em cartograma (SOEIRO, 2018: 216) resultam de informações pessoais e trabalhos de prospeção, de momento em processo de revisão pelos técnicos do Museu Municipal, no âmbito do inventário da carta de património arqueológico que integra o Plano Diretor Municipal (MUNICÍPIO DE PENAFIEL, em prep.).

Descrição

O sítio encontra-se inventariado apenas de forma geral, como uma das necrópoles romanas tardias da região (SOEIRO, 2018: 216). Pelas razões acima indicadas, não se encontram ainda disponíveis outros dados sobre a estação.

Achados ou espólio

Desconhece-se se foram feitas recolhas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	

Referências

MUNICÍPIO DE PENAFIEL (em prep.) – *Plano Diretor Municipal. Revisão. Relatório de Património Arqueológico*. Penafiel: Câmara Municipal; Serviço de Gestão do Património Cultural

SOEIRO, Teresa (2018) – O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios.* Ourense: Deputación Provincial, p. 211-216

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Sepultura do Largo do Colégio	Sepultura		**N45**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Sé	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.142321; -8.613091	49	Romano	Baixo-Império

Trabalhos arqueológicos

A sepultura, isolada, apareceu durante uma intervenção arqueológica feita no interior de um imóvel na Rua de Sant'Ana/Largo do Colégio, 9-12 (SNT12.98), tendo então sido escavada e levantados os restos osteológicos. Posteriormente, por razões de segurança, foi levantada a base e o que restava do sepulcro (LGC12.04).

Descrição

A sepultura, que só pôde escavar-se parcialmente, uma vez que está sobreposta por outras estruturas, é de inumação e é constituída por uma base feita de *tegulae*, assente no saibro natural e com as paredes laterais feitas no mesmo material, formando uma cobertura em duas águas colmatada superiormente por *imbrex* (CLETO; VARELA 2000). Todo o conjunto estava recoberto por um amontoado de pequenas pedras. A sepultura, com as medidas aproximadas de 1,60 x 0,60 metros, está orientada no sentido Leste/Oeste e foi datada dos séculos IV-V (*Idem*: 36). O enterramento pertencia a um indivíduo adulto, do século feminino, deposto em decúbito dorsal (SILVA, AM 1999). Aparentemente, a sepultura, que se achava inviolada, não integrava mobiliário funerário, devendo talvez interpretar-se como inclusões ocasionais os «4 pequenos e incaracterísticos fragmentos de cerâmica romana» (VARELA; CLETO, *ibidem*), de cor negra, localizados nas terras que a preenchiam.

Os trabalhos de 2004 (RIBEIRO; SILVA, em prep.) limitaram-se a concluir o levantamento da sepultura, por razões de segurança, dado que no local teve de construir-se um pilar para estabilização do edifício.

A sepultura, isolada, encontra-se no interior da muralha romana (talvez a mais tardia), o que só reforça a datação tardo-antiga do enterramento, como adiantaram os seus escavadores, que adiantam, até, a possibilidade de um contexto paleocristão (VARELA; CLETO, *Id.*, *ibidem*).

Achados ou espólio

Diretamente relacionado com o contexto funerário, apenas *tegulae*.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Serv. Arqueologia C. M. Porto

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

CLETO, Joel A. C.; VARELA, José M. (2000) – Largo do Colégio, 9-12: entre a muralha romana e a românica? *Al-Madan*. 2ª Série. 9. Almada, p. 133-135

RIBEIRO, Manuela C. S.; SILVA, António Manuel S. P. (em prep.) – *Trabalhos arqueológicos de levantamento da base da sepultura romana do Largo do Colégio, Porto. Relatório*. Porto: Câmara Municipal. Texto datilog.

SILVA, Ana Maria (1999) – *Relatório antropológico do esqueleto exumado de uma sepultura tardo-romana descoberta no Largo do Colégio junto à Igreja de São Lourenço (Porto).* Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 252-253, n.º 52

VARELA, José M.; CLETO, Joel A. C. (2001) – *Intervenção arqueológica no edifício do Largo do Colégio, nº 9/12 (Freguesia da Sé, Porto). Relatório dos trabalhos realizados*. Porto: Ed. A. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Corredoura	Necrópole	6481	**N46**

Concelho	Freguesias	Lugar
Valongo	Campo	Corredoura

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.173416; -8.469013	100	Romano-Baixo Império	

Trabalhos arqueológicos

Foram realizadas sondagens arqueológicas de salvaguarda em 1992, para avaliação do eventual impacte negativo do plantio de uma vinha e algumas construções, sob a responsabilidade de J. M. Mendes-Pinto (MENDES-PINTO, 1994).

Descrição

Os levantamentos efetuados para a revisão do Plano Diretor Municipal de Valongo (MENDES-PINTO, 1992) levaram à recolha de informações sobre o achado ocasional, pelo menos em duas ocasiões, nas décadas de 1950 e 1970, de sepulturas, com espólio cerâmico e numismático de época romana, por sorte conservado, pelo menos parcialmente (MENDES-PINTO, 1991; 1994).

Numa primeira notícia da necrópole, J. Mendes Pinto sistematiza as informações antigas, que indicam a identificação de uma ou duas sepulturas em covacho, abertas no solo xistoso natural, revestidas e/ou cobertas por lajes de xisto, que continham algumas peças cerâmicas «com restos de carvão e cinzas dentro» (MENDES-PINTO, 1991: 149); do achado mais recente, feito a cerca de 30 metros do anterior durante a abertura de fundações para a construção de uma moradia, não se conhecem quaisquer dados, para além de três peças cerâmicas e cinco moedas romanas (*Idem, ibid*.).

Analisando os recipientes cerâmicos, que desenhou, Mendes Pinto concluiu que são peças análogas às que ocorrem nas necrópoles do Baixo-Império a norte do Douro, classificando também as numismas associadas, que correspondem, a emissões feitas entre os reinados de Gallienus e Tetricus I, c. de 260-273, materiais compatíveis com uma necrópole de finais do século III/começos do séc. IV (MENDES-PINTO, 1991: 151-3).

Os resultados das sondagens de 1992 evidenciaram uma profunda alteração dos depósitos arqueológicos estratificados, provavelmente em consequência da atividade agrícola, mas ainda foi possível encontrar o contorno basal de, pelo menos, duas sepulturas (MENDES-PINTO, 1994: 10-1, figs. 4-6), além de espólio cerâmico, associado tanto à necrópole como ao povoado que existiria nas imediações (*Idem, passim*).

J. Mendes Pinto sugere também que entre os dois contextos de sepulturas de incineração poderá haver algum desfasamento cronológico (Ibid., 153, n. 10) e relaciona a necrópole, hipoteticamente, quer com a proximidade a uma via de circulação romana, atestada pelos topónimos «Corredoura» e «MIlharia», nas proximidades, quer com a aparente área habitacional vizinha, como referido, documentada pelo achado de cerâmica comum e telhas romanas, além de mós, em campos próximos (*Idem*, 149-151; MENDES-PINTO, 1994: 5-6; TEIXEIRA, 2010: Anexo I, ficha C-05).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Além dos materiais publicados em MENDES-PINTO, 1991, correspondentes a cinco vasos cerâmicos e cinco moedas romanas, as escavações de 1992 proporcionaram a recolha de material cerâmico de construção, cerâmica comum romana (de que se descreve uma dezena de peças) e, pelo menos, sete fragmentos de *terra sigillata* (MENDES-PINTO, 1994: 14ss.).

Estado do espólio

Desconhecido

Localização do espólio

Parte dos objetos no museu municipal de Valongo e na Soc. Port. de Numismática (Porto)

Referências

MENDES-PINTO, José M. (1990-1991) – A necrópole Galaico-Romana de Corredoura (Campo – Valongo). *Portvgalia*, Nova Série, 11-12. Porto, p. 149-153

MENDES-PINTO, José M. (1992) – *Património Arqueológico de Valongo. Estudo no âmbito da elaboração do PDM de Valongo*. Valongo: Câmara Municipal

MENDES-PINTO, José M. (1994) – *Escavações arqueológicas da necrópole romana Corredoura (Campo – Valongo).* Valongo: Câmara Municipal

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – *Revisão do Plano Director Municipal de Valongo. Estudo sectorial de Arqueologia.* Relatório Final. Porto: Arqueologia e Património. Texto datilografado [Anexo I: Fichas de caracterização e proposta]

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Paiço	Necrópole		**N47**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Guilhabreu	Paiço

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.304167; -8.636111	159	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Na mesma área do Paiço/Vila Boa onde, entre 1893 e os primeiros anos do século XX, foram feitas extraordinárias descobertas, como três aras funerárias, uma necrópole e as ruínas de uma *uilla* romana de certa imponência (ver fichas N50, V03 e E31), registou-se por volta de 1960 um achado bastante singular, um sepulcro coletivo de tipo *columbarium*.
Álvaro B. Moreira informa que a descoberta da sepultura terá sucedido no decurso de trabalhos agrícolas e que foi localizada pelo investigador tirsense Carlos Faya Santarém, sem indicar fonte (MOREIRA, 2009: 317, n.º 68) mas Brochado de Almeida, certamente com base em informadores locais, diz que o achado se deu quando algumas pessoas da localidade «arrancavam uma raiz num dia de chuva» (ALMEIDA 1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).
Nesse local, situado «não longe» do sítio da *uilla* (ALMEIDA, 1969: 36), terá aparecido (talvez por súbito abatimento do solo) uma construção «de planta oval, abobadada, de dimensões relativamente pequenas e que tinha seis nichos, três de cada lado. Neles havia vasos com carvões e cinzas» (ALMEIDA, 1969: *ibid*.). Este autor não conseguiu já ver as urnas cerâmicas – «de pasta grosseira e cor escura – mas tão só alguns fragmentos, que confirmaram a sugestão da cronologia tardia do sepulcro familiar (*Idem, ibid*.).
Segundo Carlos Alberto e Pedro Brochado de Almeida, o local, densamente florestado e «abandonado desde então, está entulhado, não sendo possível reconhecer quaisquer estruturas» (ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).

Achados ou espólio
Desconhece-se, se foram conservados, o paradeiro dos fragmentos cerâmicos citados por Ferreira de Almeida (1969: 36).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Paiço/Vila Boa	Necrópole		**N48**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Guilhabreu	Paiço/Vila Boa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.303097; -8.639023	130	Romano - Indeterminado	Baixo Império (?)

Trabalhos arqueológicos

Foram feitas pesquisas e escavações amadoras entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não se registando quaisquer trabalhos arqueológicos com metodologia científica.

Descrição

Após o achado de uma ara funerária e duas anepígrafas, em 1893 (ver ficha E31), feito num campo então designado por «Agra», como comunicou o abade Joaquim Pedrosa, de Santo Tirso, ao seu amigo Martins Sarmento (LIMA, 1940: 206), certamente nas proximidades do sítio de Paiço/Vila Boa, onde pela mesma data ocorreram claros vestígios de uma *uilla* romana (ver ficha V03) continuaram as pesquisas e explorações (MOREIRA, 2009: 317-9), em que viria a envolver-se outro apaixonado pelas antiguidades regionais, o abade da freguesia vizinha de Canidelo, padre Sousa Maia.

Em local que não sabemos se coincidente ou distinto daquele onde haviam sido descobertas os três altares, o padre Sousa Maia terá promovido escavações, em data anterior a 1905, que levaram à identificação de uma necrópole. Dela temos notícia indireta a partir de uma excursão que nos inícios desse ano de 1905, Félix Alves Pereira, colaborador do Museu Etnológico que Leite Vasconcelos fundara em Lisboa, fez ao Entre Douro e Minho, com o propósito de recolher novas peças para o museu, por venda, depósito ou oferta. Por carta de fevereiro do mesmo ano, o diretor do museu agradece ao abade de Canidelo (CASTELO BRANCO, 1963: 37-8); e pouco tempo depois, os materiais angariados são registados em nota d'*O Archeologo Portuguez*, boletim do museu. Aí se enumeram «um vaso ritual com confetti» e «vasos votivos em fragmentos», recebidos de Sousa Maia e dados como provenientes de um cemitério de incineração em Guilhabreu (ACQUISIÇÕES…, 1905: 381-2), materiais cerâmicos que A. B. Moreira pôde estudar no Museu Nacional de Arqueologia, verificando a existência de fragmentos de três jarros, dos quais apenas um permite obter perfil completo (MOREIRA, 2009: 319). É mesmo possível que as pesquisas de Sousa Maia na área da necrópole tenham continuado depois dessa data (MOREIRA, 2009: 318; MOREIRA; CORREIA, 2011: 442), considerando que, bastante mais tarde, Serpa Pinto enumera ainda uma *ampulla* de Guilhabreu, aparentemente de contexto funerário, que vira na coleção do abade (PINTO, 1929: 159-60, n. 2).

Já na segunda metade do século XX, registou-se no Paiço ou Vila Boa, a descoberta de uma outra importante estrutura sepulcral que pode ser interpretada como um *columbarium* (ALMEIDA, 1969: 36; ver ficha N49), porventura articulada com a *uilla* romana, mas sem que se conheça a sua eventual relação com a necrópole de incineração que descrevemos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Achados ou espólio

Além dos três jarros, fragmentados, descritos por Álvaro B. MOREIRA (2009: 319), desconhece-se a localização de outros objetos desta necrópole.

Estado do espólio	Localização do espólio

Desconhecida, salvo as peças conservadas no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)

Referências

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Portugues (1905). *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 10. Lisboa, p. 379-382

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

CASTELO BRANCO, Fernando (1963) – Correspondência de Leite de Vasconcelos com o Abade Sousa Maia. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 26 (1-2), mar.-jun. 1963. Porto, p. 29-73

LIMA, Augusto C. Pires de (1940) – A Correspondência Martins Sarmento - Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães*, 50 (3-4) Jul.-Dez. 1940, Guimarães, p. 181-214

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

MOREIRA, Álvaro B.; CORREIA, Francisco C. (2011) – *Santo Thyrso de Riba d'Ave.* Notas e comentários. In PIMENTEL, Alberto – *Santo Thyrso de Riba d'Ave*. 2ª ed. [coord. de Álvaro Brito Moreira]. Santo Tirso: Câmara Municipal, p. 397-562

PINTO, Rui de Serpa (1929) – Nótulas ceramográficas. I – Um vaso pintado, de Lamego. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 27 (1925-1926). Lisboa, 1929, p. 159-164

Observações

Esta necrópole não é individualizada, como sítio arqueológico, na carta patrimonial de Vila do Conde e as coordenadas indicadas por MOREIRA (2009: 318) estão equivocadas, pelo que optámos por cartografar o sítio convencionalmente, à falta de melhores indicações, sensivelmente a meia distância entre os locais apontados para a *uilla* e para o *columbarium*.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Arões	Necrópole		**N49**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Mosteiró	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.283466; -8.652534	80	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Prospeção para a atualização da carta arqueológica de Vila do Conde, para efeitos da revisão do respetivo Plano Diretor Municipal.

Descrição
Neste lugar de Arões foi noticiada a existência de vestígios de uma necrópole romana (AZEVEDO, 1939: 108; ALMEIDA, 1969: 45) mas desconhecem-se outros detalhes ou mesmo a sua exata localização, podendo porventura situar-se nuns campos onde ocorrem fragmentos de *tegula* à superfície, cerca de 1,4 km a noroeste da suposta área habitacional romana inventariada na ficha P46 (ALMEIDA, 1995a; PINTO, 1997: mapa; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.; CARVALHO, 2008: II, 85, n.º 13161802; MOREIRA, 2009: 323, n.º 74), se bem que não fique claro a qual dos sítios deva atribuir-se a função residencial ou cemiterial.

Achados ou espólio
Fragmentos de *tegula* (ignora-se se recolhidos).

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1969) – *A Romanização da Terra da Maia.* Maia: Câmara Municipal

AZEVEDO, Agostinho de (1939) – *A Terra da Maia: subsídios para a sua monografia*. vol. 1. Maia: Câmara Municipal

CARVALHO, Helena P. A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do* Conventus Bracarensis. 2 vol. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho

MOREIRA, Álvaro B. (2009) – Castellum Madiae*: Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

PINTO, Paulo Costa, coord. (1997) – *Raízes de Vila do Conde*. Vila do Conde: APPA-V

Observações
Localização cartográfica hipotética tomada de MOREIRA, 2009: 323, n.º 74.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Necrópole da Serra de Negrelos	Necrópole (?)		**N50**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Canelas	Serra de Negrelos

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.072748; -8.590809	213	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Não há registo de quaisquer trabalhos arqueológicos, para além de prospeções para informar a carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 052).

Descrição

A identificação deste arqueossítio, insegura até na localização exata, resulta de uma informação bibliográfica, segundo a qual, por alturas de 1945, em trabalhos de exploração de uma pedreira de granito, teriam aparecido, a uma profundidade de cerca de dois metros, «umas cântaras borcadas feitas de barro muito fino, escuro e liso», achado interpretado – a nosso ver, plausivelmente – como uma possível necrópole romana (COSTA, 1980: 34; 1994: 60).

Achados ou espólio

Desconhece-se se foi efetuada alguma recolha.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

COSTA, Francisco Barbosa da (1980) – *S. João Baptista de Canelas: notas monográficas*. Canelas: Paróquia de Canelas

COSTA, Francisco Barbosa da (1994) – *S. João Baptista de Canelas: uma comunidade rural da Terra de Santa Maria. Estudo demográfico (1588-1808)*. V. N. Gaia: Afons'eiro

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

A implantação do sítio é meramente hipotética, se bem que baseada na descrição do local do achado.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Vessada	Necrópole		**N51**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Crestuma	Vessada

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.067006; -8.505307	70	Tardo-antiguidade	

Trabalhos arqueológicos

A área de proteção arqueológica do Castelo de Crestuma (v. ficha P48; SILVA, 2007a) inclui uma zona onde, de acordo com registos antigos (SOUSA, 1945, 1957; SILVA *et al*., no prelo) terá sido localizada uma necrópole. Em 2018, algumas sondagens feitas como medida de avaliação prévia a um projeto construtivo, (COUTO; RODRIGUES, 2018), não se revelaram conclusivas. Porém, o posterior alargamento da área escavada, com a intervenção dos responsáveis pelo programa de investigação naquele sítio arqueológico, viria a revelar a necrópole, escavada até data recente (COUTO; SILVA; RODRIGUES, em prep.).

Descrição

A necrópole é constituída por um conjunto de cerca de duas dezenas de sepulturas escavadas na rocha xistenta, de inumação, com plantas subretangulares e profundidade variável, por vezes muito apreciável. De orientação, de um modo geral, canónica, os sepulcros não apresentavam qualquer espólio votivo nem restos osteológicos conservados. Em contrapartida, a maior parte conservavam grandes pregos em ferro no fundo da tumba, muitas vezes aos cantos, indicador da utilização de ataúdes ou esquifes para a deposição dos cadáveres.

Ainda que o relatório da intervenção, e correspondente estudo, esteja ainda em execução, tudo indica tratar-se de uma necrópole tardo-antiga, talvez do século V ou VI, situada junto a um caminho antigo de acesso ao Castelo de Crestuma (COUTO; SILVA; RODRIGUES, em prep.).

Achados ou espólio

Apenas pregos em ferro.

Estado do espólio	Localização do espólio
Em tratamento	Empresa responsável

Referências

COUTO, Marcos; RODRIGUES, Miguel (2018) – *Relatório Preliminar. Obras de Construção de um Edifício sito na Estrada da Vessada, Lugar de Vessada, Sandim - Vila Nova de Gaia*. Porto: Império Arqueologia. Texto datilog.

COUTO, Marcos; SILVA, António Manuel S. P.; RODRIGUES, Miguel (em prep.) – *Sondagens arqueológicas de avaliação e salvaguarda na Estrada da Vessada, Crestuma, Vila Nova de Gaia (2.ª fase de trabalhos). Relatório final.* Porto: Império Arqueologia; GHAP-CQ. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura; PINTO, Filipe; LEMOS, Paulo (no prelo) – As sepulturas escavadas na rocha do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal): contextos e problemáticas. In Atas do Congresso Internacional *Sepulturas Escavadas na Rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica.* Porto: CITCEM

SOUSA, Arlindo de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana: Do antigo castro ao castelo actual. Origens dos nomes: Civitas, Terra de Santa Maria, Vila e Feira. *Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, Ano 10, 2, p. 399-412

SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa.* Rio de Janeiro: s.e.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Alto da Vela II	Necrópole	1198	**N52**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Gulpilhares	Alto da Vela; Coteiro da Vela

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.072528; -8.631508	82	Romano/Tardo-antiguidade	Séculos IV-V

Trabalhos arqueológicos

Aparecida, acidentalmente, em 1908, a necrópole foi de imediato objeto de escavações arqueológicas, promovidas pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e conduzidas por José FORTES (1908a; 1909; AZEVEDO, 1911). Novas intervenções tiveram lugar em 1979, prévias a um projeto imobiliário, e em 1987, fruto de novos achados ocasionais, ambas dirigidas por A. C. Ferreira da SILVA (1980c; LOBATO, 1995). Mais recentemente, o sítio foi igualmente inventariado e descrito para efeitos de salvaguarda, no âmbito da carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 010).

Descrição

Trabalhos ocasionais levaram à descoberta de uma meia dúzia de sepulturas, no ano de 1908, suscitando ao próprio executivo municipal, em decisão sem precedentes (SILVA, 2015a: 1-2), a iniciativa da «exploração» desse cemitério arcaico, do que encarregou José Fortes, que orientou os trabalhos, com o apoio do regedor da freguesia, José Barbosa (LOBATO, 1995: 32), que levariam à exumação de 98 sepulturas, de tipologia diversa, com um mobiliário que incluía perto de duas centenas de vasos cerâmicos e outros objetos (FORTES, 1908, 1909; CORREIA, 1924: 255, 292; BRANDÃO, 1963b; VALLE, 1987: 31-39). Não ficou totalmente claro na ocasião, mas perceber-se-ia mais recentemente, que o achado era duplo, além do cemitério de época romana, havia igualmente sido identificada uma necrópole proto-histórica. Já o próprio José Fortes tinha estranhado a ocorrência de «humílimos vasos trabalhados à mão, d'uma factura bárbara e aspecto ingrato na irregularidade das suas superfícies rugosas (…) e na indigência do ornamento rudimentar» (FORTES, 1908, não paginado), mas só a reanálise moderna do sítio arqueológico (SILVA, 1980; LOBATO, 1995) permitiu interpretar devidamente os dois horizontes de utilização funerária do sítio, distribuídos por uma superfície, estimada pelo próprio J. Fortes, em cerca de 1700 m^2. O cuidado de clarificação levou Gonçalves Guimarães a propor a designação de Alto da Vela I para as deposições datáveis do «Bronze Final e *Hallstatt*», e Alto da Vela II, para o cemitério tardo-romano (GUIMARÃES, 1993: 32, 41), nomenclatura que adotámos (SILVA, 1994: 99; 2007, ficha 010).

Como o relatório de José FORTES (1908) nunca chegou a ser publicado, o sítio entrou na literatura arqueológica graças a apontamentos mais ou menos circunstanciais e à ilustração de vasos cerâmicos, fíbulas ou outros objetos (FORTES, 1909; CORREIA, 1924: 255, 292; PINTO, 1929; BRANDÃO, 1963b; VALLE, 1987: 31-39). Só na década de 1990 surgiu o ensejo de um estudo de conjunto dos contextos romanos (LOBATO, 1995), atualizando, com base nos estudos de Fortes (1908 e 1909) mas, naturalmente, à luz de novos conceitos e metodologias, a informação disponível sobre a necrópole.

Concluiu M. J. Lobato, neste trabalho, que a necrópole documenta apenas o ritual da inumação, definindo sete tipos de deposições funerárias, coincidindo grandemente com a tipologia de Fortes. A vasta maioria das sepulturas (83%) era composta por simples covas abertas no solo, de planta retangular, distribuindo-se as restantes por subtipos mais particulares. A simples covachos de planta

retangular correspondem 83 sepulturas exumadas em 1908; em uma delas, exibia-se uma *tegula* como apoio da cabeça do defunto, sendo a base de outra toda revestida do mesmo material; em duas delas, não só o fundo como as paredes e, presumivelmente, a cobertura, seriam feitos com telha plana; quatro sepulcros utilizavam pequenas pedras, articuladas ou não com tégulas, para a estrutura; por fim, uma sepultura, mais cuidada, apresentava «paredes de pedras internamente forradas a tijolo, pavimento de *tegulae* e cobertura com capas de pedra» (LOBATO, 1995: 36). A estas 92 inumações resultantes das escavações antigas, juntaram-se em 1979-1980 uma «sepultura de tijolos» e uma «sepultura antropomórfica, sem espólio, aberta no solo» (*Idem*, 33, est. XXXIV, XXXV). Em 1987 apareceram ainda casualmente algumas peças cerâmicas, em trabalhos de revolvimento de terrenos, que apenas suscitaram a recolha de alguns materiais.

A distribuição do mobiliário funerário por estas 92 sepulturas de tradição romana (contabilizaram-se em quatro as deposições do Bronze Final), averiguou que, pelo menos 35 delas não continham quaisquer oferendas, sendo muito variável o espólio das restantes, em alguns casos, uma simples vasilha cerâmica; em situações também singulares, seis ou sete recipientes; numa ocorrência não existiam cerâmicas mas, tão só, «duas pulseiras e uma pequena argola em ferro» (LOBATO, 1995: 44, 40-45). Além do esmerado catálogo de peças, com 114 formas cerâmicas reconstituíveis, normalmente correspondentes às comuns em necrópoles tardias da região, a autora ensaiou uma análise de distribuição espacial dos conjuntos de sepulturas e da sua orientação, na sua maioria NO-SE, mas com algumas dezenas SO-NE, sem que disse inferisse informação particular, e concluiu que a utilização da necrópole terá ocorrido durante os séculos IV e V (*Idem*, 69)[2].

Achados ou espólio

O espólio de filiação romana inclui, além de fragmentos não constituíveis, cerca de 120 vasilhas, tanto de cerâmica comum como, em pequena quantidade, duas anforetas, duas lucernas e um fragmento de TSCD, para além de algumas moedas, vidros e itens metálicos (LOBATO, 1995: 46-69).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Solar dos Condes de Resende (C. M. V. N. Gaia)

Referências

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1972a) – Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal. *Revista da Faculdade de Letras* – História. 3. Porto, p. 113-136

AZEVEDO, Pedro A. (1911) – Miscelânea Arqueológica. As escavações de Gulpilhares. *O Arqueólogo Português*. 1ª Série. 16. Lisboa, p. 201

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1963b) – Gulpilhares. Nota Arqueológica. In *Vila Nova de Gaia (Terras de Rey Ramiro). II Festival Folclórico e Etnográfico de Gulpilhares*. Vila Nova de Gaia: Rancho Regional de Gulpilhares, p. 47-51

CORREIA, A. A. Mendes (1924a) – *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Figueirinhas

FORTES, José (1908a) – *A necrópole de Gulpilhares*. S. l. Relatório datilografado [Transcrição do manuscrito original conservado na Biblioteca Municipal de V. N. Gaia].

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[2] C. A. Ferreira de ALMEIDA (1972a: 131), apreciando a cronologia de duas lucernas de disco ilustradas por José FORTES (1909: 22-23), sugeriu que a cronologia da necrópole pudesse recuar aos séculos III ou II, mas tal opinião não colhe, face à reavaliação desse (LOBATO, 1995: 66-67) e do restante material, podendo tratar-se, a admitir-se a cronologia mais antiga daqueles objetos, de sobrevivência ou reutilização, o que não é incomum.

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal; Solar Condes de Resende

LOBATO, Maria José F. (1995) – A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portugalia.* Nova Série. 16. Porto, p. 31-72

PINTO, Rui de Serpa (1929) – Nótulas ceramográficas. I – Um vaso pintado, de Lamego. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 27 (1925-1926). Lisboa, 1929, p. 159-164

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto dactilografado

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (2015a) – Mais de um século de arqueologia em Vila Nova de Gaia: investigação e gestão de um património em risco. *Estudos do Quaternário*. 13 (2015). Braga: APEQ, p. 1-22. Disponível em http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1980c) – *Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos realizados na Necrópole de Gulpilhares*. Porto. Texto datilog.

VALLE, Carlos (1987) – *A freguesia de Santa Maria de Gulpilhares*. Gulpilhares: Junta de Freguesia

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Murado I	Necrópole		**N53**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Pedroso	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.059119; -8.570105		Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos

A notícia sobre esta necrópole resulta de um achado fortuito e de uma escavação amadora. Não se realizaram quaisquer trabalhos arqueológicos no Monte Murado onde tenham sido observados contextos funerários.

Descrição

O importante povoado castrejo do Monte Murado, ou da Senhora da Saúde (CR25) desde há muito atrai a atenção de especialistas e curiosos ou interessados pelas antiguidades locais. Entre estes últimos conta-se Rocha Beleza, o qual registou, em 1913, tendo aparecido, alguns anos antes, uma *tegula* inteira numa tapada da vertente nascente do castro, ali realizou uma pequena escavação, tendo exumado «telhas em pedaços, duas bilhas de barro inteiras, e um fragmento de estela de sepultura» (BELEZA, 1992), bem como algumas moedas, segundo interpretação de A. LIMA (1989). Fotografias das duas bilhas cerâmicas e da estela chegaram a ser reproduzidas em algumas publicações (FORTES, 1909: 24-25; ARAÚJO, 1920: 131, 209) e ainda foram vistas por Rui de Serpa Pinto em 1928, que recolheu (provavelmente com pequenas escavações expeditas) mais peças cerâmicas da necrópole (GONÇALVES, 1984b; LIMA, 1989). Entretanto, estes materiais dispersaram-se ou perderam-se (LIMA, 1989; GUIMARÃES, 2010: 14) e o sítio da necrópole, tanto quanto sabemos, não foi ainda relocalizado (SILVA, 1994: 100).

Achados ou espólio

A bibliografia faz referência a *tegulae*, várias vasilhas cerâmicas (duas ilustradas), um fragmento de estela funerária em granito (fotografada), moedas e outros objetos, materiais que se dispersaram ou perderam.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ARAÚJO, José Ribeiro de (1920) – *Perosinho: apontamentos para a sua monographia*. Porto: Tipografia Fonseca

BELEZA, José D. Rocha (1991-1992) – Monografia de Pedroso. *Jornal dos Carvalhos. Suplemento*. Vila Nova de Gaia, Nº 13 (15.08.1991) – Nº 25 (15.08.1992) [manuscrito inédito de 1913-1936]

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

GONÇALVES, António Huet B. (1984b) – Notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto sobre o litoral entre Douro e Vouga. *Gaya*, 2. Vila Nova de Gaia, p. 73-82

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2010) – Os Romanos em Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 70. Vila Nova de Gaia, p. 5-20

LIMA, António M. Carvalho (1989) – *O Castro de Nossa Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso/Perosinho, Vila Nova de Gaia). Proposta de classificação como Imóvel de Interesse Público. Memória descritiva e justificativa*. Vila Nova de Gaia: s.e. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007a) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

A localização da necrópole é hipotética, para mera representação cartográfica aproximada.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte Murado II	Necrópole		**N54**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Perosinho	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.060015; -8.575857		Romano-Indeterm.	

Trabalhos arqueológicos

A informação sobre a necrópole decorre de achado ocasional, não havendo registo de escavações realizadas no local, com fins arqueológicos.

Descrição

Depois de, nos princípios do século XX, José FORTES (1909), e depois Rocha BELEZA (1913, *apud* BELEZA, 1992), terem noticiado a descoberta de uma necrópole romana na encosta nascente do importante castro do Monte Murado (CR25), poucos anos volvidos, o padre José Ribeiro de ARAÚJO (1920) informa sobre a identificação de outra sepultura, desta vez na vertente oposta do povoado, a poente, no lugar de Crasto, próximo da capela de N.ª Senhora do Crasto. Segundo as suas palavras, o achado respeitava à «base e parte das paredes de uma sepultura, de tijolos, contendo os restos de uma ossada humana» (ARAÚJO, 1920: 118). Conjeturando, acertadamente, sobre a natureza do enterramento, o mesmo Autor acrescenta que «a sepultura aí encontrada fica um pouco distante da capela, e pelos tijolos de que é construída e pela sua proximidade do monte Murado, parece mais uma sepultura romana do que um sepulcro cristão» (*Idem*, 119). Não há notícia de espólio votivo, nem o local do achado voltou a ser referenciado (LIMA, 1989; SILVA, 1994: 101).

Achados ou espólio

Não registado.

Estado do espólio	Localização do espólio

Referências

ARAÚJO, José Ribeiro de (1920) – *Perosinho: apontamentos para a sua monographia*. Porto: Tipografia Fonseca

BELEZA, José D. Rocha (1991-1992) – Monografia de Pedroso. *Jornal dos Carvalhos. Suplemento*. Vila Nova de Gaia, Nº 13 (15.08.1991) – Nº 25 (15.08.1992) [manuscrito inédito de 1913-1936]

FORTES, José (1909) – Gaya no Passado. In ARROIO, António; FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim – *Mea Villa de Gaya*: *guia illustrado do Concelho de Gaya*. Porto: Empresa editora do Guia Illustrado de Portugal, p. 9-28

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2010) – Os Romanos em Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 70. Vila Nova de Gaia, p. 5-20

LIMA, António M. Carvalho (1989) – *O Castro de Nossa Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso/Perosinho, Vila Nova de Gaia). Proposta de classificação como Imóvel de Interesse Público. Memória descritiva e justificativa*. Vila Nova de Gaia: s.e. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto datilog.

SILVA, António Manuel S. P. (2007a) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

A localização da necrópole é hipotética, para mera representação cartográfica aproximada.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Sameiro	Necrópole	3312	**N55**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Valadares	Sameiro; Monte Sameiro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.103496; -8.631633	64	Romano	Séculos I-IV (?)

Trabalhos arqueológicos

A escavação da necrópole foi dirigida por A. A. Mendes Correia, Ramiro Mourão e José Domingos S. Almeida, na década de 1920, talvez em duas fases, uma vez que as primeiras notícias são de 1924 (CORREIA 1924a: 281, 292; CORREIA 1924c: 66-67), mas algumas peças oferecidas, muito depois, ao Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, mencionam escavações em 1925 (COUTO, 2011: Anexo D, Fichas 9 e 10). A área foi entretanto bastante urbanizada e o sítio não voltaria a ter trabalhos arqueológicos, sendo apenas mencionado em trabalhos gerais e de inventariação arqueológica (GUIMARÃES 1993a: 43-44; SILVA, 1994: 101-102; 2007: ficha 012; 2015a: 2; ABREU, 2002: 162, n.º 507) tendo, mais recentemente, sido elaborado completo estudo académico sobre o espólio arqueológico conservado (MACEDO, 2017).

Descrição

É escassa a informação publicada sobre esta necrópole do Sameiro, que deverá estar em grande parte destruída pela abertura da linha do caminho-de-ferro, pela exploração de uma pedreira e pela construção de habitações no local. Terá sido descoberta nos inícios da década de 1920 (ou, provavelmente, antes, *cfr*. GUIMARÂES, 2010: 15), mas os resultados das escavações que, de pronto, Mendes Correia e outros interessados locais realizaram nunca vieram a público, restando apenas esparsas notícias daquele autor, indicando que se tratava de uma necrópole de incineração (1924a: 292) mencionando, genericamente, algum do espólio recolhido, como também fizeram outros autores (CORREIA 1924a: 281, 292; CORREIA 1924c: 66-67; CORREIA 1935: 41; CORTEZ 1951: 14). Entretanto, a generalidade do espólio deu entrada no antigo museu do Instituto de Antropologia do Porto, dispersando-se outros objetos por diferentes coleções (MACEDO: 2017: 81-82). O espólio proveniente das sepulturas, descontextualizado, permaneceu por estudar e poucas informações se acrescentaram ao sítio arqueológico, salvo um par de imagens de alguma da louça ali recolhida (GUIMARÃES, 1993a: 44).

Recentemente, no âmbito de um trabalho académico, J. Macedo efetuou o estudo sistemático da coleção de cerca de oito dezenas de recipientes, ensaiando uma distribuição por grupos de pastas cerâmicos, classificando as peças morfologicamente mais distintivas e tentando, por analogia com as necrópoles romanas do vale do Douro, inserir cronologicamente a maioria das peças, uma vez que não se conservou qualquer relação no que se refere ao número, tipologia e distribuição das sepulturas e sua relação com o espólio votivo reunido.

Das conclusões deste estudo ressalta a ideia de que a necrópole escavada no Sameiro representará incinerações (admitindo que era este o único rito representado) com uma grande diacronia temporal, desde o século I, cronologia aferida por uma lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV e outra, de canal, do tipo Loeschcke X, e outras cerâmicas; até, eventualmente, o Baixo-Império, dado o aspeto tardio de algumas cerâmicas (MACEDO, 2017: 124-128).

Achados ou espólio

Do estudo da coleção do museu do antigo Instituto de Antropologia, J. Macedo resumiu o espólio atribuído à necrópole do Sameiro como «composto por uma grande variedade de cerâmica comum, incluída nos seguintes grupos formais: copos, taças, tigelas, bilhas, cântaros, pratos, *oinochoe*. A estas podem ainda adicionar-se imitações de terra *sigillata*, três lucernas para além de cerâmicas de construção e um curioso opérculo em cortiça.» (MACEDO, 2017: 87).

Estado do espólio	**Localização do espólio**
Tratado	Na maior parte: Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto

Referências

ABREU, João M. F. (2002) – *Necrópoles romanas do território português*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CORREIA, A. A. Mendes (1924a) – *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Figueirinhas

CORREIA, A. A. Mendes (1924c) – Nótulas arqueológicas. […] Cerâmica pintada. *Revista de Estudos Históricos*. 1. Porto, p, 66-68

CORREIA, A. A. Mendes (1935) – *As origens da cidade do Porto (Cale, Portucale e Porto)*. 2ª ed. Porto

CORTEZ, Fernando Russell (1951) – *Da «Terra Sigillata» tardia encontrada em Portugal*. Sep. «Beira Alta». Viseu: Instituto para a Alta Cultura

COUTO, Sónia A. Castro (2011) – *Objectos da colecção arqueológica do Museu Nacional Soares dos Reis: estudo e mediação*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História e Património apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MACEDO, José A. Coelho (2017) – *Contributo para o estudo dos materiais arqueológicos da necrópole do Monte Sameiro (Valadares, Vila Nova de Gaia).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1993a) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal; Solar Condes de Resende

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2010) – Os Romanos em Gaia. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 70. Vila Nova de Gaia, p. 5-20

SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto dactilografado

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

SILVA, António Manuel S. P. (2015a) – Mais de um século de arqueologia em Vila Nova de Gaia: investigação e gestão de um património em risco. *Estudos do Quaternário*. 13 (2015). Braga: APEQ, p. 1-22. Disponível em http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq

Observaçõest6y5

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.J
OUTROS SÍTIOS E ACHADOS (ROMANOS)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Barca/Forca	Achados dispersos	21623	**OR01**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Barca	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.252767; -8.630844	100	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Após a identificação do sítio arqueológico da Forca em 2004, no âmbito de ações de prospeção arqueológica para a Carta Arqueológica do concelho da Maia, feitos pelo respetivo serviço de arqueologia, foram levadas a cabo diversas escavações arqueológicos, quer como avaliação e minimização relacionadas com a construção de uma linha do Metro do Porto (empresa Arqueohoje Lda.), quer ligados, depois, à construção de uma superfície comercial (da responsabilidade das empresas ERA Arqueologia e Arqueologia e Património, Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Maia e Luís Loureiro e Luciano Vilas-Boas).

Descrição

Os vestígios arqueológicos revelados durante diversos anos de intervenções arqueológicas, permitiram caracterizar um importante sítio arqueológico pré-histórico, com estruturas negativas. Porém, entre materiais de épocas posteriores, encontraram-se fragmentos de mós giratórias e de telha romana, porventura ligadas à ocupação agrícola daquela área nesses tempos (RIBEIRO, 2014: 34-36).

Achados ou espólio

Materiais romanos relativamente esparsos, registando-se a identificação de fragmentos de mós giratórias e de *tegulae* romanas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Arcos	Achados dispersos		**OR02**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Folgosa	Pias

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.254898; -8.546492	123	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Local registado pelo gabinete municipal de arqueologia da Maia, com base na deteção de materiais de construção de época romana à superfície (RIBEIRO, 2014: 74-75).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) – *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Igreja de Gondim	Achados dispersos	21708	**OR03**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Gondim	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.262619; -8.601866	98	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Nas imediações da igreja paroquial de Gondim os serviços municipais de arqueologia da Maia detetaram restos de *tegulae*, cerâmica doméstica e outros elementos sinalizadores de uma ocupação romana e alto-medieval indeterminada (RIBEIRO, 2014: 49).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Brandinhães	Achados dispersos	20431	**OR04**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Maia	Brandinhães

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.239336; -8.627393	100	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Local registado no inventário municipal de sítios de interesse arqueológico a partir da identificação de alguns materiais de superfície, designadamente «um fragmento de dormente e um fragmento de uma mó de rebolo», não se conhecendo outros achados (RIBEIRO, 2014: 49-50).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Souto	Achados dispersos	20429	**OR05**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Maia	Souto

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.230876; -8.633156	90	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Prospeções do gabinete municipal de arqueologia da Maia nas imediações do lugar do Souto permitiram identificar cerâmicas domésticas interpretadas como de cronologia romana, materiais valorizados, conjuntamente com a informação do proprietário do terreno, que informou os arqueólogos municipais da presença de muros (?) no subsolo (RIBEIRO, 2014: 49-50).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Aldeia Nova	Achados dispersos		**OR06**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Santa Maria de Avioso	Pias

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.181082; -8.528257	90	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Sítio que se encontra inédito, identificado em prospeções do gabinete de arqueologia municipal e registado em função da localização de material cerâmico de construção romano, além de materiais pré-históricos (RIBEIRO, 2014: 73-74).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Bouça da Telheira	Achados dispersos		**OR07**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Santa Maria de Avioso	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.267364; -8.608228	86	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
A abertura de uma vala de obra para instalação de infraestruturas proporcionou o achado de um dormente de uma mó manual rotativa e materiais cerâmicos romanos, registado pelos serviços municipais de arqueologia (RIBEIRO, 2014: 46-47).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Paiço	Achados dispersos	21709	**OR08**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Santa Maria de Avioso	

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.270193; -8.591394	105	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Sítio inédito, referenciado pelo gabinete de arqueologia do Município da Maia a partir da deteção de fragmentos de cerâmica de construção romana (RIBEIRO, 2014: 60).

Achados ou espólio
Fragmentos de material cerâmico de construção romano, não descriminado.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
RIBEIRO, André Tomé (2014) - *Relatório Carta Arqueológica Concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal. Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Taím	Achados dispersos		**OR09**

Concelho	Freguesias	Lugar
Maia	Silva Escura	Taím

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.247885; -8.575559	90	Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Trabalhos de prospeção desenvolvidos pelos serviços de arqueologia da Câmara Municipal da Maia.

Descrição
Sítio arqueológico inédito, identificado a partir do achado, à superfície do terreno, de fragmentos de mós giratórias romanas e pedaços de *tegula*.

Achados ou espólio
Referência a cerâmica de construção romana (*tegula*) e mós rotativas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
Sítio inédito. Informação pessoal de A. Tomé Ribeiro (C. M. Maia), com base nos trabalhos de atualização da carta arqueológica para o Plano Diretor Municipal.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Gatões	Indefinido		**OR10**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Guifões	Gatões

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.207250; -8.656872	72-73	Pré-história; Idade do Ferro; Tardo-antiguidade	

Trabalhos arqueológicos

No âmbito das medidas preventivas impostas pelas conclusões do Estudo de Impacte Ambiental feito para a construção de uma plataforma logística do Porto de Leixões, foram realizados trabalhos de acompanhamento arqueológico de obra, que passaram para fase de escavação depois da identificação de vestígios arqueológicos relevantes (BARBOSA; DÂMASO; RODRIGUES, 2015).

Descrição

O sítio arqueológico, que é muito extenso (vários hectares), caracteriza-se pela presença, quase em exclusivo, de estruturas negativas, designadamente fossas e valados, umas de conteúdo artefactual heterogéneo; outras de homogeneidade estratigráfica. O espólio associado a estes interfaces negativos revelou uma inesperada amplitude cronológica, que vai desde a pré-história (neolítico, calcolítico e Idade do Bronze) até à época romana, medieval e contemporânea.

Para além do enchimentos de algumas estruturas negativas com cerâmicas típicas da Idade do Ferro (BARBOSA; DÂMASO; RODRIGUES, 2015: 46-54), objeto de ficha própria (OF02), destacam-se também numerosos contextos do período tardo-antigo, com estruturas negativas, derrubes de construções não caracterizadas e um ambiente funerário muito tardio, indiciando no sector G, por exemplo «a utilização do espaço de uma forma intensiva e continuada» (*Idem*, 55), sem que, todavia, se percebam as modalidades e funções desse uso, porventura de natureza económica.

Achados ou espólio

Bastante material cerâmico de construção de tipo romano, além de louça doméstica, de aspeto tardo-antigo, continuada, aliás, por peças de mais clara adscrição alto-medieval, descritas em relatório (Idem: 57, 61, *passim*).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado.	Empresa responsável pelos trabalhos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

BARBOSA, Liliana R.; DÂMASO, Pedro; RODRIGUES, Zélia (2015) – *Relatório final. Intervenção arqueológica. Plataforma logística de Leixões. Pólo 2. Gatões/Guifões. PLLP2.13*. Matosinhos: Arqueologia e Património; Histórias & Tempus. Texto datilog.

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Leira do Alvito	Achados dispersos		**OR11**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Lavra	Paiço; Campo do Castanhal

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.254939; -8.689769	50	Romano	

Trabalhos arqueológicos

Apenas se registam ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 13108).

Descrição

O registo do local, identificado em trabalhos de prospeção, acha-se perto do Lugar de Paiço, junto à Rua do Alvito, lugar também de ascendência medieval. Trata-se de terrenos agrícolas onde foram recolhidas diversas cerâmicas de feição romana, descritas como «um bordo, dez fragmentos de cerâmica comum e uma pega de um testo», que se ilustram (PIRES, 2016b: Inv. 13108). Trata-se, assim, de uma mancha de ocupação que não pode, pelos dados existentes, ser caracterizada com maior precisão, além da sua provável datação romana.

Achados ou espólio

De acordo com a ficha de inventário, recolheram-se em prospeção «um bordo, dez fragmentos de cerâmica comum e uma pega de um testo», que se ilustram (PIRES, 2016b: Inv. 13108).

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de Arqueologia e História do Município de Matosinhos

Referências

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Campo dos Castros	Vestígios dispersos		**OR12**

Concelho	Freguesias	Lugar
Matosinhos	Perafita	Lumbelo; Campo dos Castros

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.230000; -8.697778	36	Romano (?)	

Trabalhos arqueológicos

Registam-se apenas ações de reconhecimento e avaliação feitas pelo Gabinete de História e Arqueologia da C. M. Matosinhos para o levantamento e atualização da respetiva carta arqueológica municipal (PIRES, 2016b: Inv. Cod. 1385).

Descrição

Trabalhos de prospeção feitos pelos serviços municipais de arqueologia incidiram num terreno onde foi destruído um monumento megalítico, a mamoa de Lumbelo. Foram localizados alguns materiais arqueológicos, incluindo «três fragmentos cerâmicos de cronologia romana» (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1388), o que, atendendo também ao microtopónimo *Campo dos Castros*, permite suspeitar de ocupação posterior à pré-história recente, porventura de época romana, a avaliar pelos achados, mas nada mais é possível adiantar face aos dados disponíveis.

Achados ou espólio

Menciona-se a recolha de «três fragmentos cerâmicos de cronologia romana» (PIRES, 2016b: Cod. Inv. 1385)

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Gabinete de História e Arqueologia e Arqueologia da C. M. Matosinhos

Referências

PIRES, Conceição, coord. (2016b) – *Carta Arqueológica do Concelho de Matosinhos – 2016.* [Anexos: Fichas de Sítio]. Matosinhos: Câmara Municipal (Gabinete de Arqueologia e História). Texto datilografado

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Sameiro	Achado avulso		**OR13**

Concelho	Freguesias	Lugar
Penafiel	Penafiel	Monte do Sameiro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.208528; -8.275342	c. 540 m (?)	Romano	Séculos II-III

Trabalhos arqueológicos

Segundo Abílio Miranda, o primeiro autor a noticiar o achado, a estatueta de Marte, achava-se na posse de um particular e teria sido encontrada durante os trabalhos de abertura dos caboucos do santuário do Sameiro, na cidade de Penafiel (MIRANDA, 1940: 90), informação que Teresa SOEIRO (1984: 86) precisou, indicando o ano de 1886.

Descrição

A descoberta da estatueta, feita em bronze maciço, com 21 cm de altura e 570 gr. de peso, não terá sido acompanhada de quaisquer outros objetos, desconhecendo-se o contexto do achado, se bem que A. MIRANDA (1940: 90) registe o trânsito do objeto até chegar à posse do particular onde Miranda a identificou. Este mesmo investigador solicitou a José de Pinho a caracterização da peça, publicando uma descrição detalhada da estatueta (Idem: 91-93). Posteriormente, Domingos de Pinho BRANDÃO (1961) publicou sobre ela breve nota, enriquecida com boas fotografias; e também ACUÑA CASTROVIEJO (1975: 147-148) a incluiu no seu recenseamento de figurações bronzíneas de divindades romanas no convento bracaraugustano.

Trata-se de uma representação de Marte, inspirada na figuração de *Mars Ultor* do seu templo em Roma: figura barbada, de capacete coríntio com penacho, vestido com couraça sobre túnica; encontra-se bem conservado faltando-lhe apenas o suporte, a mão esquerda e a lança que, certamente, seguraria na direita (SOEIRO, 1984: 86). António N. Pinto descreve em detalhe a estatueta, apontando-lhe paralelos em vários museus e coleções, sem arriscar uma datação (PINTO, 2002: 126-129), mas Teresa Soeiro, referindo a boa qualidade artística da peça de Penafiel, sugere uma cronologia entre os séculos II e III (SOEIRO, *ibidem*). A mesma investigadora (*Idem, ibid*.) coloca a hipótese de no Monte do Sameiro poder ter existido um povoado castrejo, assim se contextualizando o achado desta figura, mas tal possibilidade não é sustentado por quaisquer outros dados ou indicação de achados.

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	Museu de Penafiel

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Referências

ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1975) – Divinidades romanas en bronce del convento bracarense. *Bracara Augusta*, XXIX (67-68). Braga, p. 145-155

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1961b) – Estatueta de Marte do Museu de Penafiel. *Lucerna*. Vol. 1, n.º 1. Porto, p. 18-21

MIRANDA, Abílio (1940) – Origem de um topónimo. *Douro Litoral*, vol. 1. Porto, p. 90-94

PINTO, António J. Nunes (2002) – *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia

SOEIRO, Teresa (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1. Penafiel

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Escultura romana	Achado casual		**OR14**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto	Massarelos	Rio Douro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.145991; -8.666868		Romano-Alto Império	Século I

Trabalhos arqueológicos

Achado ocasional. A estátua foi recolhida das águas do Rio Douro, em junho de 1868, encontrada por mergulhadores que trabalhavam nas obras de melhoria dos acessos da barra do rio. Foi recolhida, posteriormente, por Possidónio da Silva, dando entrada no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, onde ainda se encontra.

Descrição

Escultura de vulto, em granito, com 1,27 metros de altura, representando uma figura masculina, em pose, com a perna esquerda levemente avançada e a cabeça um pouco voltada à direita. Apresenta-se vestido com túnica curta e toga, apertada por um cinto, cujas dobras estão representadas de forma esquemática. O braço direito, truncado, está fletido sob a vestimenta e repousa na dobra da toga, enquanto o braço esquerdo, pendente, segura um objeto indeterminado (SILVA, 2006a).

Com a exceção de M. J. BARROCA (2001: 45, n. 43), que chegou a considerar a peça como uma réplica renascentista, opinião que rebatemos (SILVA, 2010c: 220-221, 247, n. 8) e que terá contribuído para alterar a opinião daquele investigador (BARROCA, 2012: 289), a generalidade dos autores (MATOS 1966; 2005; SOUZA 1990; SCHATTNER 2003; 2004) não tem dúvida em admitir a natureza da peça como exemplo de arte provincial dos inícios do domínio romano no noroeste ibérico, sendo mesmo apresentada como típica dos modelos de transição cultural e artística (GARCIA BELLIDO 1949: 192; CANTO, 2001: 466ss.; NOGALES BASARRATE, 2015a: 342-343). Aliás, o aspeto rude que apresenta, em parte decorrente da degradação a que foi sujeita no fundo do rio, dever-se-á à possibilidade de poder ter sido estucada e pintada, como acontecia com outra estatuária romana (NOGALES, *ibidem*).

Efetivamente, a estátua terá estado instalada num templete erguido no rio Douro, no século XVI, pelo bispo renascentista D. Miguel da Silva, prelado que projetou e executou diversas obras de uma certa monumentalização da barra do Douro (OSÓRIO, 1994b). Como D. Miguel foi titular da sé de Viseu, pode colocar-se a hipótese da estátua ser daí proveniente, o que uma eventual caracterização da variedade de granito em que foi talhada poderia ajudar a compreender.

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
	Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Referências

BARROCA, Mário J. (2001) – *As fortificações do litoral portuense*. Colecção Portucale. Lisboa: Inapa

BARROCA, Mário J. [2012] – Porto. In ALARCÃO, Jorge de; BARROCA, Mário (coord.) – *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas, [DL 2012], p. 288-289

CANTO, Alicia M.ª (2001) – Sinoicismo y stolati en Emerita, Caesaraugusta y Pax: Una relectura de Estrabón III, 2, 15. *Gerión. Revista de Historia Antigua*, 19. Madrid, p. 425-476

GARCIA Y BELLIDO, António (1949) – *Esculturas romanas de España y Portugal*. Madrid: CSIC

MATOS, José L. (1966) – *Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Texto dactilografado

MATOS, José L. (2005) – Escultura Romana. In ARNAUD, José M.; FERNANDES, C. V. (coord.) – *Construindo a Memória: as colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Assoc. Arqueólogos Portugueses, p. 235-240

NOGALES BASARRATE, Trinidad (2015a) – El lenguaje escultórico en Lusitania Romana. In ÁLVAREZ MARTINEZ, José M.; CARVALHO, António; FABIÃO, Carlos, eds. (2015) – *Lusitania Romana: Origen de dos pueblos/ Lusitânia Romana: Origem de dois povos*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 341-353

OSÓRIO, M.ª Isabel Pinto (1994b) – A intervenção arqueológica no Castelo de São João da Foz: novos elementos para a reconstituição dos espaços, In PAULINO, Francisco F. (coord.), *A arquitectura militar na expansão portuguesa. Porto (...) 1994* [Catálogo], s/l., CNCDP, p. 71-80

SCHATTNER, Thomas G. (2003) – Stilistische und formale Beobachtungen an den Kriegerstatuen. *Madrider Mitteilungen*. 44. Madrid, p. 127-49

SCHATTNER, Thomas G. (2004) – Novas aproximações às estátuas de guerreiros lusitano-galaicos. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 22. Lisboa, p. 9-66

SILVA, António Manuel S. P. (2006a) – O Togado, um enigma vindo do fundo do rio. Portvs. *Boletim de Arqueologia Portuense*. 10. Porto, p. 10

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-261

SOUZA, Vasco de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani. Corpus der Skulpturen der Römischen Welt.* Portugal. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra

Observações

Ver também, sobre a mesma peça, ficha ACH01 no Inventário IA.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Âncora	Achado casual		**OR15**

Concelho	Freguesias	Lugar
Porto		Rio Douro

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.147282; -8.678436		Romano (?)	

Trabalhos arqueológicos

O achado foi casual, não se registando quaisquer trabalhos arqueológicos no local da ocorrência

Descrição

Em 1995, a cerca de dez metros a norte do paredão do farolim de Felgueiras, na foz do Douro, e de três metros de profundidade, um praticante de caça submarina trouxe à superfície um cepo de âncora de embarcação, em chumbo, posteriormente entregue às autoridades e classificado como Bem Móvel de Interesse Cultural.

Tipologicamente, este cepo, variedade designada como «de cavilha mediana» (KAPITAN, 1984), é o modelo mais comum identificado no litoral português.

Nas águas portuguesas localizaram-se já cerca de uma centena de cepos de âncoras antigas em chumbo. A grande maioria dos exemplares estão distribuídos entre a costa algarvia e a Berlenga (ALVES *et al*. 1989), contando-se a peça do rio Douro e um cepo similar aparecido recentemente em Labruge, Vila do Conde (ficha OR16), entre os achados mais setentrionais.

Estes modelos de âncoras foram usados no Mediterrâneo e na fachada atlântica entre o século IV antes de Cristo e os séculos II-III da nossa era, sendo por isso romana a datação apontada para a maior parte dos exemplares.

Considerando o peso (56,5 kg) e as dimensões pouco significativas (1,02 m de comprimento), foi sugerido que âncoras deste tipo podem ter equipado qualquer embarcação de pequeno calado, talvez inferior a 25 toneladas e mais adequada à navegação de cabotagem ou fluvial (BLOT, 2000: 575 ss.), mas a relação entre este equipamento e a tonelagem ou tipo de navio de que fez parte é problemática, tanto mais que a maior parte das embarcações possuíam vários ferros de ancoragem, muitas vezes de calibre diverso.

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	C. M. Porto – Museu da Cidade

Referências

ALVES, Francisco J. S.; REINER, Francisco; ALMEIDA, Mário R.; VERÍSSIMO, Luís (1988-1989) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 6-7. Lisboa, p. 109-85

BLOT, Jean-Yves (2000) – Elementos para a tonelagem dos navios na costa ibero-atlântica na Antiguidade: o testemunho dos vestígios de âncoras (cepos em chumbo). In MARTINS, Manuela *et al.* (coord.) – "Terrenos" da

arqueologia na Península Ibérica [3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas, Vol. 8]. Porto: ADECAP, p. 571-94

KAPITAN, Gerhard — Ancient anchors - technology and classification. *International Journal of Nautical Archaeology*. 13:1 (Feb. 1984), p. 33-44

SILVA, António Manuel S. P. (2010c) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, p. 213-262

Observações

Ver também, sobre a mesma peça, ficha ACH16 no Inventário IA.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Soutelo	Achado avulso		**OR16**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Fornelo	Soutelo

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.318178; -8.647800		Romano - Indeterminado	Séculos I-III

Trabalhos arqueológicos
Desconhecidos.

Descrição
Por alturas de 1888 apareceu numa bouça do lugar de Soutelo, não se sabe em que circunstâncias, uma pequena estatueta em bronze. Ricardo Severo e Fonseca Cardoso tiveram conhecimento do achado e visitaram o local - por onde se viam, remexidos, fragmentos de telhas de rebordo, a indiciar ocupação romana - e conseguiram recuperar a pequena estátua, que publicaram na *Portugalia* (SEVERO, 1899-1903: 129-30). Media a estatueta 15 cm de altura e tinha 200 g de peso, figurando a representação do deus Júpiter.
A peça, entretanto desaparecida, foi depois citada por numerosos autores, sendo o mais recente A. MOREIRA (2009: 315-6, n.º 66) mas o principal estudo o de A. J. Nunes PINTO (2002), que compila a historiografia do objeto até à data. Este autor descreve o objeto torêutico em detalhe, discordando da rudeza ou estado inacabado que lhe notava Severo e apontando-lhe, pelo contrário, bom respeito pelo cânon clássico – aliás, com vários paralelos ibéricos (ACUÑA CASTROVIEJO, 1975: 145-146), se bem que não arrisque apontar-lhe oficina ou cronologia (PINTO, 2002: 123-5).
A ficha catalográfica desta peça para a exposição «Religiões da Lusitânia» salienta a importância do atributo que a figura sustenta na mão direita – a «pedra de raio» própria de um *Iupiter Fulgur* – elemento aliás já assinalado por A. PINTO (2002: 123), e data o exemplar entre os séculos I e III da nossa era (MUSEU NACIONAL…, 2002: 415).

Achados ou espólio
A peça encontra-se desaparecida.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências
ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1975) – Divinidades romanas en bronce del convento bracarense. *Bracara Augusta*, XXIX (67-68). Braga, p. 145-155, il.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1995a) – *O Concelho de Vila do Conde: análise histórico-arqueológica. Relatório XI – Arqueologia do Plano Director Municipal.* Vila do Conde. Texto datilografado

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – Castellum Madiae. *Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Santiago de Compostela

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (2002) – XIV – Estatueta de Júpiter, Soutelo da Maia (Vila do Conde). In RIBEIRO, José Cardim, coord. – *Religiões da Lusitânia:* loquuntur saxa. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia

PINTO, António J. Nunes (2002) – *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; FCT

SEVERO, Ricardo (1899-1903) – Estatueta Romana de Soutelo. *Portvgalia. Materiaes para o estudo do povo portuguez*. Tomo 1 (fascs. 1-4). Porto, p. 129-130

Observações

Localização cartográfica hipotética com base em informações da carta arqueológica de Vila do Conde (ALMEIDA, 1995a; ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Âncora	Achado casual	32187	**OR17**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Labruge	Oceano Atlântico

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.275383; -8.737058		Romano (?)	

Trabalhos arqueológicos

O avistamento do objeto, feito em Setembro de 2009, por particulares, foi casual, mas o seu levantamento foi efetuado com metodologia arqueológica, através de uma intervenção da Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática (DANS-DGPC)

Descrição

O cepo de âncora foi trazido à superfície em Agosto de 2010, em operação conjunta da DANS e dos serviços de arqueologia do Município de Vila do Conde. Pertencendo à tipologia mais comum das ocorrências no litoral português – «de cavilha mediana» tipo IIIc da tipologia geral de KAPITAN (1984) – tem a particularidade de constituir o achado efetuado mais a norte nas águas atlânticas de Portugal (O CEPO DE ÂNCORA…).

Coincidindo no tipo, as suas dimensões e peso (não publicados) são significativamente inferiores à peça do Porto, já de si de pequeno calibre, como registámos na ficha própria (OR14). A ocorrência desta parte de uma âncora poderá não representar a circunstância de um naufrágio, pois as perdas fortuitas eram na antiguidade comuns e sucedem ainda hoje. Não obstante, tanto o «ferro» de ancorar do Douro, como este de Labruge, contribuem para documentar o trânsito regular de embarcações, pelas costas nortenhas, em tempos romanos, como se evidencia tanto pelo comércio, como por outras ocorrências navais (NAVEIRO, 1991; MORAIS, 2013b: 319).

Achados ou espólio

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado	C. M. Vila do Conde

Referências

ALVES, Francisco J. S.; REINER, Francisco; ALMEIDA, Mário R.; VERÍSSIMO, Luís (1988-1989) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 6-7. Lisboa, p. 109-85

BLOT, Jean-Yves (2000) – Elementos para a tonelagem dos navios na costa ibero-atlântica na Antiguidade: o testemunho dos vestígios de âncoras (cepos em chumbo). In MARTINS, Manuela *et al.* (coord.) – "Terrenos" da arqueologia na Península Ibérica [3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas, Vol. 8]. Porto: ADECAP, p. 571-94

KAPITAN, Gerhard — Ancient anchors - technology and classification. *International Journal of Nautical Archaeology*. 13:1 (Feb. 1984), p. 33-44

MORAIS, Rui (2013b) – Um naufrágio bético, datado da época de Augusto, em Rio de Moinhos (Esposende, Norte de Portugal). In MORAIS, Rui; GRANJA, Helena; MORILLO CERDAN, Ángel, eds. (2013) – *O irado Mar Atlântico. O naufrágio bético augustano de Esposende (Norte de Portugal)*. Braga: CECH/Univ. Coimbra; CIIMAR; Univ. Porto, p. 309-334

NAVEIRO LÓPEZ, Juan L. (1991) – *El comercio antíguo en el NW. peninsular. Lectura histórica del registro arqueológico*. A Coruña: Museo Arqueolóxico e Histórico

O CEPO DE ÂNCORA da época romana de Labruge. In *Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. 18 de Abril a 29 de Maio de 2011. Exposição. Museu da Construção Naval em Madeira. Alfândega Régia de Vila do Conde.* [O Cepo de Âncora da época romana de Labruge]. S.l.; S.e.; S.d. [Desdob.]

https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2925369

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Ponta da Gafa	Achados dispersos		**OR18**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila do Conde	Mindelo	Ponta da Gafa

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.3122134; -8.7393882		Romano - Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos
Não registados.

Descrição
Durante as obras para a construção de um parque de estacionamento junto à ponta da Gafa foi descoberto um peso de tear de tipologia romana, a cerca de dois metros de profundidade, notícia recolhida pelos serviços de arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, que recolheu a peça, salientando-se o seu ineditismo naquela zona do concelho (ALMEIDA; ALMEIDA, em prep.).
Tratando-se de um achado singular e disperso, é possível, no entanto, que este objeto de algum modo documente a existência de qualquer área habitacional de época romana naquele ponto do cordão litoral.

Achados ou espólio
Um peso de tear em cerâmica.

Estado do espólio	Localização do espólio
Tratado.	Gabinete de Arqueologia da C. M. de Vila do Conde

Referências
ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Brochado de (em prep.) – *Plano Diretor Municipal de Vila do Conde. Relatório 7 – Património Arquitetónico, Arqueológico e Arqueológico Industrial*. Vila do Conde: Câmara Municipal; Gabinete de Arqueologia Municipal

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Sítio	Tipo de sítio	CNS	Cód. sítio
Monte de Santa Bárbara	Achados dispersos		**OR19**

Concelho	Freguesias	Lugar
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Monte de Santa Bárbara, Coimbrões

Coordenadas	Altitude	Datação geral	Datação específica
41.123390; -8.629745	105	Romano-Indeterminado	

Trabalhos arqueológicos

Não há registo de quaisquer trabalhos arqueológicos, para além de prospeções para informar a carta arqueológica patrimonial do Plano Diretor Municipal (SILVA, 2007, ficha 115).

Descrição

O antigo monte de Santa Bárbara, onde se ergue uma capela da mesma invocação é lugar de tradição e ocupação antigas. Atualmente totalmente urbanizado, era uma área essencialmente agrícola até começos do século XX, e ao mesmo tempo um centro oleiro tradicional de louça preta com alguma importância regional.

Registos de um memorialista local informam sobre três achados de objetos de cronologia romana em dois locais diferentes. Em 1932 encontrou-se uma moeda romana, aparentemente do séc. II, num quintal das imediações da igreja; por alturas de 1950 em outro terreno (Rua dos Oleiros, 128) achou-se, de uma vez, uma fíbula de metal; e em outro momento, duas moedas de cobre, uma delas, pelo menos, romana e do século primeiro, segundo ilustração apresentada (DUARTE 1987; DUARTE 1994: 13). A estas ocorrências, podemos juntar a identificação de alguns fragmentos cerâmicos, de fabrico manual e feição proto-histórica, numa intervenção arqueológica realizada na Rua da Soenga (RIBEIRO, 2008), naquele mesmo lugar[1].

Deste modo, entendemos que estas ocorrências indiciam alguma forma de ocupação do sítio em época romana, se bem que não necessariamente sob a forma de uma necrópole, como já foi sugerido (GUIMARÃES 1995a: 62; 2000a: 163).

Achados ou espólio

As moedas e a fíbula encontram-se perdidas.

Estado do espólio	Localização do espólio
Desconhecido	Desconhecida

Referências

COSTA, Francisco Barbosa da (1980) – *S. João Baptista de Canelas: notas monográficas*. Canelas: Paróquia de Canelas

COSTA, Francisco Barbosa da (1994) – *S. João Baptista de Canelas: uma comunidade rural da Terra de Santa Maria. Estudo demográfico (1588-1808)*. V. N. Gaia: Afons'eiro

DUARTE, Júlio (1987) - Coimbrões, povoação de remota antiguidade. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. 22. Vila Nova de Gaia, p. 62

[1] Materiais que tivemos ocasião de observar. Agradecemos a M. Ribeiro esta informação.

DUARTE, Júlio (1994) – *Apontamentos monográficos de Coimbrões*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (1995a) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto: Universidade Portucalense

GUIMARÃES, Joaquim A. Gonçalves (2000) – Um século de Arqueologia em Vila Nova de Gaia. *Al-Madan*, 2.ª série, 9, Almada, p. 155-168

RIBEIRO, Manuela C. S. (2008) – A cozedura de olaria preta em Coimbrões segundo os dados da intervenção arqueológica na Rua da Soenga (Vila Nova de Gaia). In *Actas das 4.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 367-380

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico,* V. N. Gaia, Gaiurb, E.M.; Câmara Municipal. Em linha: http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf

Observações

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

II.K
EPIGRAFIA (Tabela-síntese)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Tipologia	Natureza	Matéria-prima	Idiónimos	Teónimos	Topónimos/ etnónimos	Autoridades e outras entidades	Datação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E01	Melres	Gondomar	Melres	Ara	Funerária	Granito	Camala; [F]uscus; Maxumus. Proculus	Manes			171-230	REDENTOR, 2009
E02	Penouço 1	Gondomar	Rio Tinto	Estela	Funerária	Granito	Apronius; Apronia; Rufus; Rufa	Manes			151-230	REDENTOR, 2017a, II: 157-8, n.º 208
E03	Penouço 2	Gondomar	Rio Tinto	Estela	Funerária	Granito	Apronius Rufus; M(arcus) Apronius Rufus Nemori	Manes			151-230	REDENTOR, 2017a, II: 158-9, n.º 210
E04	Penouço 3	Gondomar	Rio Tinto	Estela	Funerária	Granito	Apronius Rufus; Rufonia Rufina	Manes			151-230	REDENTOR, 2017a, II: 220-1, n.º 298
E05	Barca	Maia	Barca	Miliário	Viária	Granito				[Hadrianus] ? (imperador)	133-134	RIBEIRO, 2016
E06	Ferronho	Maia	Santa Maria de Avioso	Miliário	Viária	Granito				[Marcus Aurelius] Car[us] (imperador)	283	MANTAS, 1996: IA, 345-348
E07	São Pedro de Avioso	Maia	São Pedro de Avioso	Ara	Votiva	Granito	C(aius) S(empronius) *uel* S(ulpicius) F(laus) *uel* F(ronto)	Valmui *uel* Valani *uel* Valmulu (?) [em dativo]			131-230	LE ROUX; TRANOY, 1973: 214, n.º 21; REDENTOR, 2017a: II, 50-1, n.º 41
E08	Quinta do Alão	Matosinhos	Leça do Balio	Ara	Votiva	Granito	Flaus; Rufus	Iupiter			101-200	ALMEIDA, 1969: 24-25; REDENTOR, 2017a: II, 70-1, n.º 74
E09	São Mamede de Infesta [desaparecido]	Matosinhos	São Mamede de Infesta	Miliário	Viária	Granito				[Caesar Traianus Hadrianus] (imperador)	133-134	CIL II, 4735; MANTAS, 1996: IA, 343-345
E10	Sobreira	Paredes	Sobreira	Ara	Funerária/Votiva	Granito	Calaetia/Calaecia (?); Flauus; Rufus	Calaetia/Calaecia (?)			131-200	TRANOY, 1977: 229-32; SILVA, 1986: 277; REDENTOR, 2017a: II, 170, n.º 226
E11	Sobreira	Paredes	Sobreira	Ara	Funerária/Votiva	Granito	Ca [---]				131-200	REDENTOR, 2017a: II, 244-5, n.º 337
E12	Castro do Muro	Paredes	Vandoma	Ara	Votiva	Indet.	Caturus; Pintamus	Nabia			51-150	CIL II, 2378; REDENTOR, 2017a: II, 36-7, n.º 21
E13	Capela	Penafiel	Capela	Estela	Funerária	Granito	Paterna	Manes			201-400	SOEIRO, 2013: 314-315; CORREIA; PIRES, 2014
E14	Cividade	Penafiel	Eja	Indet.	Marca de posse ?	Granito ?	Camalus				1-270	REDENTOR, 2017a: II, 248, n.º 344
E15	Ermida	Penafiel	Irivo	Ara	Votiva	Granito	Auitus; Ladronus	Lares Patri			101-150	LE ROUX; TRANOY, 1974: 250-251; REDENTOR, 2017a: II, 84-5, n.º 94
E16	Lagares	Penafiel	Lagares	Ara	Votiva	Granito	Hieron, Priscus	Lares Anaeci		Domitianus Augustus (imperador)	81-96	REDENTOR, 2017a: II, 103-4, n.º 123
E17	Póvoa	Penafiel	Marecos	Ara	Votiva	Granito	Lucretius Uitulinus; Lucretius Sabinus; Postumius Peregrinus *(uel* Lucretius Sabinus Postumius Peregrinus)	Ida; Iupiter; Nabia Corona; [---]urgo	Danigi	[L. Annius] Largus (cônsul), [C. Ulpius Pacatus Prastina] Messalinus (cônsul)	147	RIBEIRO; FERNANDES, 2002; REDENTOR, 2017a: II: 39-40, n.º 27
E18	Monte Mòzinho	Penafiel	Oldrões	Ara	Votiva	Granito	Medamus	Iupiter			31-130	ALMEIDA, 1975: 87; REDENTOR (2017a: II, 60-1, n.º 56

Tabela 12 – Documentação epigráfica da área de estudo (parte 1 de 3)

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Tipologia	Natureza	Matéria-prima	Idiónimos	Teónimos	Topónimos/ etnónimos	Autoridades e outras entidades	Datação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E19	Monte Mòzinho	Penafiel	Oldrões	Estela	Funerária	Granito	Celsus; Paterna				201-230	ALMEIDA, 1977: 30; REDENTOR, 2017a: II, 207-8, n.º 280
E20	Monte Mòzinho	Penafiel	Oldrões	Base/pedestal	Indet.	Granito		C[osus] (?)			1-70	ALMEIDA, 1975: 80, n. 45; SILVA, 1986: 294
E21	Castelo da Foz	Porto	Foz do Douro	Ara	Votiva	Granito	Aquila Gandi (?)	Aquis Magaudiis (?); Aeternis Diuis (?)			151-230	SILVA, 1994: 97; REDENTOR, 2017a: I, 272; II, 110-1, n.º 132
E22	Miragaia 2	Porto	Miragaia	Estela	Funerária	Granito					1-200	SILVA, 2009: 41, figs. 63-64
E23	Miragaia 1	Porto	Miragaia (?)	Indet.	Votiva ?	Indet.	C. Iulius Pylades; Durius (?)	Durius (?)			1-100	CIL II, 2370; REDENTOR, 2017a: II, 114-5, n.º 138
E24	Morro da Sé	Porto	Sé	Ara	Votiva	Granito	Ulpius Flaus	Lares Marini			101-200	LE ROUX; TRANOY, 1973: 205-206, n.º 15; REDENTOR, 2017a: II, 84, n.º 93
E25	Sé do Porto 1	Porto	Sé	Ara	Votiva	Granito	Val(eria) Materna				151-250	BRANDÃO, 1983: 69-71; REDENTOR, 2017a: II, 119-20, n.º 147
E26	Sé do Porto 2 [desaparecida]	Porto	Sé	Indet.	Funerária	Indet.	Cassia Dutia (?), M(arcus) (?)				1-100	CIL II, 2371; BRANDÃO, 1983: 71-72; REDENTOR, 2017a: II, 173, n.º 231
E27	Sé do Porto 3 [desaparecida]	Porto	Sé	Indet.	Funerária	Indet.	Iulia Auita (?), M(arcus) (?)				1-100	CIL II, 2372; BRANDÃO, 1983: 71-72; REDENTOR, 2017a: II, 191, nº 256
E28	Porto, arredores	Indet.	Indet.	Ara	Votiva	Xisto	Atheneus	Balmarcodes; Iupiter			201-270	ALMEIDA, 1968; REDENTOR, 2017a: II, 95, n.º 111, Est. VIII
E29	Susão	Valongo	Susão	Ara	Votiva	Granito	Apilus; Rufus	Alboco			101-200	SILVA, 2007: 399, 434, n.º 649; REDENTOR, 2017a: II, 22-3, n.º 3
E30	Santa Justa	Valongo	Valongo	Estela	Funerária	Ardósia	Bracarus; Flaus	Manes			101-150	SILVA, 2007: 428, n.º 599; REDENTOR, 2017a: II, 188-9, n.º 252
E31	Vila Boa	Vila do Conde	Guilhabreu	Ara	Funerária		Lauacus (Lanasus?); Mebdus;		Ↄ Uliainca; Ↄ Fi(dueneae ?, *uel* Fis[.....])		71-130	SILVA, 1980b: 83; REDENTOR, 2017a: II, 197, n.º 266
E32	Modivas	Vila do Conde	Modivas	Estela	Funerária	Granito	Flauus; Seuerinus (?); Seuerus	Manes			131-230	REDENTOR, 2017a: II, 223-4, n.º 303
E33	Crestuma 1	Vila Nova de Gaia	Crestuma	Estela	Funerária	Granito					69-150	GUIMARÃES, GUIMARÃES, 2001: 45-46
E34	Crestuma 2	Vila Nova de Gaia	Crestuma	Estela (?)	Funerária?	Granito		[Manes] (?)			1-200	GUIMARÃES et al., 2014: 36-37
E35	Crestuma 3	Vila Nova de Gaia	Crestuma	Ara	Indet.	Granito					1-200	Inédita
E36	Crestuma 4	Vila Nova de Gaia	Crestuma	*Instrumentum*	Indet.	Cerâmica					501-550	VELÁZQUEZ SORIANO, 2017

Tabela 12 – Documentação epigráfica da área de estudo (parte 2 de 3)

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Tipologia	Natureza	Matéria-prima	Idiónimos	Teónimos	Topónimos/ etnónimos	Autoridades e outras entidades	Datação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E37	Monte Murado 1	Vila Nova de Gaia	Pedroso	Tessera	Hospitium	Bronze	D(ecimus) Iulius Cilo; Nigrus; Priscus; Rufus		Turduli Veteres	A(ulus) Licinius; Q(uintus) Caecilius Metellus (cônsules); Galeria (tribo)	7	SILVA, 1983; FABIÃO; GUIMARÃES, 2016
E38	Monte Murado 2	Vila Nova de Gaia	Pedroso	Tessera	Hospitium	Bronze	D(ecimus) Iulius Cilo; Lugarius; Marcus; Septanius		Turduli Veteres	C(aius) Poppaeus Sabinus; Q(uintus) Sulpicius Camerinus (cônsules); Galeria (tribo)	9	SILVA, 1983; FABIÃO; GUIMARÃES, 2016
E39	Castelo de Gaia 1	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Arquitetónica ?	Monumental ?	Granito					1-200	Inédita
E40	Castelo de Gaia 2	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Placa	Funerária ?	Mármore	Modes[tus] *uel* Modes[ta]				1-200	NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008: 8; NASCIMENTO; SOUSA, e.v.p.
E41	Castelo de Gaia 3	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Placa	Funerária	Cerâmica						NASCIMENTO; SOUSA; SILVA, 2008: 8; NASCIMENTO; SOUSA, e.v.p.
E42	Castelo de Gaia 4	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Cipo	Funerária	Granito	L(ucius) Lauius Tuscus			Aemilia (tribo); Legio X Gemina	30-60 (?)	LE ROUX, 1982: 179
E43	Valadares	Vila Nova de Gaia	Valadares	Miliário	Viária	Granito				M. Aurelius Antoninus (Caracalla)	213-214	LEITE; BEITES; COELHO, 2013

Notas: Col. 4 - Localização de acordo com as freguesias anteriores à reorganização administrativa de 2013 (Lei n.º 11-A/2013, de 28/01); cols. 3 a 6 - Indet.: Indeterminado(a); cols. 8 a 12 - informações de acordo com as principais referências bibliográficas (col. 13) ou segundo o Autor.

Tabela **12** – Documentação epigráfica da área de estudo (parte 3 de 3)

II.L
ACHADOS MONETÁRIOS (Tabela-síntese)

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Lugar	Data achado	Composição	Qtd. numismas	Contentor	Data de ocultação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
M01	Monte Crasto	Gondomar	São Cosme	Monte Crasto	Princípios séc. XX ?	Um conjunto de achados monetários traduzidos por 173 numismas de bronze e 3 de prata (OLIVEIRA, 1934: 7, 33-4; HIPÓLITO, 1961: 48, n.º 58) foram completados com outras moedas da mesma proveniência e interpretados como um tesouro, de perto de 600 moedas, o qual, pela datação dos espécimes mais recentes, terá sido ocultado já na segunda metade do século V, «provavelmente na sequência das guerras civis e dos raides suévicos de 465-468» (MENDES-PINTO, 1999b: 66; 1999a: 413; 2007: 110). De acordo com a reconstituição feita por J. MENDES-PINTO (2007: 107-137), o tesouro numismático, do qual classificou 412 exemplares, tem representação dominante de numária do século IV, encerrando a série uma moeda de Valentiniano III, denunciando o caráter bastante tardio do tesouro (MENDES-PINTO, 1999b: 65; 2007: 110). Trata-se de uma moeda grega e dois denários republicanos, ilustrados por C. OLIVEIRA (1934: 34-35, nrs. 1 a 3) a par de moedas do tesouro do século V, mas com a indicação de que «devem pertencer a uma deposição diferente» (Ibid., 35). Confirmando observação anterior de Rui de Serpa Pinto, R. CENTENO registou que a suposta moeda grega constitui uma falsificação (1987: 190; CENTENO, 2020).	c. 600	Desconhecido	450 - 500	OLIVEIRA, 1934; HIPÓLITO, 1961; MENDES-PINTO, 1999a; 199b; 2007; CENTENO, 2020
M02	Vilar d'Alen	Gondomar	Valbom	Quinta de Vilar d'Allen. perto de Fonte Pedrinha	Finais séc. XIX	Domingos P. BRANDÃO (1969; 1984) noticiou um conjunto de 9 *nummi* , datadas de meados do século IV, que terão aparecido na Quinta de Vilar d'Allen em finais do século XIX. J. M. MENDES-PINTO (1999a: 406) não admitiu esta proveniência para o conjunto numismático, indicando que o pequeno tesouro (?) seria oriundo do castro da Abujefa, em Penafiel. Todavia, o mesmo autor, em publicação posterior, não repetiu a dúvida, classificando e datando as nove moedas (MENDES-PINTO, 2007: 159-161).	9	Desconhecido	375-400	BRANDÃO, 1969; 1984; MENDES-PINTO, 1999a; 2007
M03	Monte Castelo	Matosinhos	Guifões	Castro de Guifões	Década de 1950	Com base numa «Planta Geral do Castro de Guifões», elaborada por Joaquim Neves dos Santos, em 1955 (PIRES, 2006: 37), e em notas deixadas no espólio deste investigador local, Conceição Pires elencou algumas ocorrências de numária romana, nomeadamente junto à «Estrutura M», onde terá aparecido «um conjunto de moedas», e na «Estrutura U», onde terá sido descoberto o tesouro monetário tardio (PIRES, 2012: 76) estudado por J. M. MENDES-PINTO, a partir de fotografias do espólio de Neves dos Santos (2007: 73-88).	217	Desconhecido	Inícios séc. V	PIRES, 2006; MENDES-PINTO, 2007
M04	Monteiras	Penafiel	Bustelo	Lugar Novo	1985	O tesouro numismático apareceu em 1985, por ocasião de trabalhos agrícolas e constava de cerca de 250 moedas, guardadas num contentor cerâmico que se quebrou. As moedas, que foram dispersas, datariam, segundo testemunho de Teresa Soeiro, que as viu nessa altura, todas da época da Tetrarquia, o que parece confirmado pela classificação de 13 moedas, datadas efetivamente de entre finais do século III e começos do IV (MENDES-PINTO, 2007: 34-36).	c. 250	Contentor cerâmico	250 - 350	MENDES-PINTO, 2007
M05	São Julião	Penafiel	Capela	?	?	As referências a este tesouro, cartografado em SOEIRO, 2018: 216, são vagas. Desconhecemos a sua localização exata e outros detalhes, sendo que se trata de um tesouro tardio, como a generalidade dos restantes em Penafiel.	?	?	?	SOEIRO, 2018
M06	Boavista	Penafiel	Galegos	Boavista	Finais séc. XIX	J. MENDES-PINTO (2007: 33) transcreve notícias oitocentistas (VASCONCELOS, 1895: 16) que aludem ao aparecimento de «panelas de moedas romanas», na ocasião «vendidas a peso» e dispersas. O mesmo autor relaciona este tesouro - que propõe datar do século IV, pela quantidade de numismas - com o castro da Abujefa e outros tesouros monetários da região (Ibidem).	«panelas de moedas»	«panelas» ?	301 - 400	VASCONCELOS, 1895; MENDES-PINTO, 2007
M07	Quinta do Bairro	Penafiel	Galegos	Quinta do Bairro	1930	Grande tesouro, encontrado durante uma plantação de vides, em 1930. Estava depositado num dolium que continha cerca de «35 kg de moedas de bronze» e se achava «pousado sobre uma lousa e coberto por outra» (AGUIAR, 1945: 223-225; MENDES-PINTO, 2007: 161). Do conjunto monetal, estimado entre 20 e 25 000 moedas, só puderam ser observados por MENDES-PINTO 35 exemplares, que forneceram uma cronologia essencialmente do século IV (MENDES-PINTO, 2007: 161-9), podendo o seu ocultamento ter ocorrido, pela datação das peças mais recentes, já nos começos do século V. Teresa SOEIRO (1984: 98), que desenhou o vaso que lhe serviu de contentor, relaciona também este tesouro com o castro da Abujefa, em cujo sopé se localiza o local do achado.	c. 20.000 - 25.000	*Dolium*	401-425	AGUIAR, 1945; SOEIRO, 1984; MENDES-PINTO, 2007

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 13 - Documentação numismática da área de estudo - Tesouros (parte 1 de 3)

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Lugar	Data achado	Composição	Qtd. numismas	Contentor	Data de ocultação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
M08	Abujefa 1	Penafiel	Galegos	Castro da Abujefa	2ª met. séc. XIX (?)	Segundo um manuscrito oitocentista do investigador local Simão Rodrigues Ferreira, terão aparecido neste castro «uma colher de prata e uma moeda de ouro que foram para o Museu Alen no Porto e mais 15 quilos de moedas de cobre que foram vendidas a um latoeiro e fundidas. Conservo algumas destas moedas em cobre, a maior parte do reinado de Constantino». Teresa Soeiro, que recolheu esta notícia, individualiza a colher em prata e a moeda em ouro do tesouro, que diz ter aparecido noutra encosta do castro (Soeiro, 1984: 98). J. MENDES-PINTO (2007: 47-8) classifica este tesouro com a designação de Abujefa 1 e sugere que alguns dos numismas possam ainda conservar-se (sem registo ou identificação) no Gabinete de Numismática do Município do Porto.	c. 15 kg	Desconhecido	475 - 500 (?)	AGUIAR, 1945; SOEIRO, 1984; MENDES-PINTO, 2007
M09	Abujefa 2	Penafiel	Galegos	Castro da Abujefa	1891	De acordo com Monteiro de Aguiar (1945: 143), em 1891, ao arrancar uma árvore, terá aparecido «uma talha cheia de moedas», que foram dispersadas sem classificação, sendo todavia provável que se tratasse de um tesouro do século IV (Mendes-Pinto, 2007: 48).	«uma talha cheia de moedas»	*Dolium*	450 - 500 (?)	AGUIAR, 1945; MENDES-PINTO, 2007
M10	Marecos	Penafiel	Marecos		Finais séc. XIX	A fonte para este tesouro é a mesma da do tesouro da Boavista, Galegos, o estudioso local Simão Rodrigues Ferreira, citado por Leite de Vasconcelos (1895: 16). Refere-se, assim, apenas a um conjunto grande de moedas, aparentemente acondicionado em «panelas», que terá sido vendido a peso (Soeiro, 1984: 96; Mendes-Pinto, 2007: 105-106).	«panelas»	«panelas» (?)	Desconhecida	VASCONCELOS, 1895; SOEIRO, 1984; MENDES-PINTO, 2007
M11	Mòzinho 1	Penafiel	Oldrões/Galegos /Valpedre	Monte Mòzinho	c. 1918-1919	Com exceção da ocorrência ocasional de moedas romana em achados fortuitos ou durante as escavações feitas no povoado, o principal registo de moeda republicana parece relacionar-se com um conjunto de quatro denários, que R. Centeno interpreta como resultado de entesouramento, aparecidos «pouco antes de 1920 na zona residencial da Citânia, junto à terceira muralha», datados entre 69 e 32-31 a.C. (CENTENO, 1987: 50; BARBOSA, 2002: 63).	4	Desconhecido	1 - 50 (?)	CENTENO, 1987; BARBOSA, 2002
M12	Mòzinho 2	Penafiel	Oldrões/Galegos /Valpedre	Monte Mòzinho	?	O tesouro 2, aparecido em data desconhecida, aparentemente dentro de «um copo de cerâmica de cor rosada» foi reconstituído por Mendes-Pinto como integrando 24 moedas da primeira metade do século IV, propondo o autor que a sua proveniência poderá não ter sido exatamente o castro mas sim resultarem de deposição votiva numa das necrópoles das proximidades (MENDES-PINTO, 2007: 140-147).	24	«um copo de cerâmica de cor rosada»	350 - 400 (?)	MENDES-PINTO, 2007
M13	Mòzinho 3	Penafiel	Oldrões/Galegos /Valpedre	Monte Mòzinho	?	Do designado tesouro 3, aparentemente localizado num vaso que se fragmentou encontrado numa habitação do povoado, registaram-se 125 moedas, que poderão não ser a totalidade do conjunto, correspondendo por certo a um tesouro ocultado nos finais do século IV ou começos da centúria seguinte (MENDES-PINTO, 2007: 147-157).	mín. 125	vaso cerâmico	375 - 425	LIRA, 1985; CENTENO, 1987; BARBOSA, 2002; MENDES-PINTO, 2007;
M14	Mòzinho 4	Penafiel	Oldrões/Galegos /Valpedre	Monte Mòzinho	1948	O tesouro 4, aparecido provavelmente em 1948, dentro de um jarro cerâmico de bocal trilobulado, foi localizado numa coleção particular e seria composto por cerca de 300 moedas, das quais foram estudadas 236 (LIRA, 1985), datando-se da época da Tetrarquia (MENDES-PINTO, 2007: 157-158).	c. 300	jarro cerâmico de bocal trilobulado	300 - 350	MENDES-PINTO, 2007
M15	Mòzinho 5	Penafiel	Oldrões/Galegos /Valpedre	Monte Mòzinho	2004	Totalizando 1498 moedas, este tesouro inclui ainda alguns antoniani do século III mas é sobretudo composto por emissões do século IV, concluindo o responsável pelo estudo (FERREIRA, 2018) que o seu ocultamento deverá datar de entre o segundo quartel e meados do século V (Idem: 65). O aspeto talvez mais interessante deste tesouro é a circunstância de ter sido descoberto, em 2004, em contexto de escavação arqueológica, dentro de um pote cerâmico (Idem: 50-52).	1498	pote cerâmico	425 - 450	FERREIRA, 2018
M16	Peroselo	Penafiel	Peroselo	?	?	As referências a este tesouro, cartografado em SOEIRO, 2018: 216, são vagas. Desconhecemos a sua localização exata e outros detalhes, sendo que se trata de um tesouro tardio, como a generalidade dos restantes em Penafiel.	?	?	?	SOEIRO, 2018

Tabela 13 - Documentação numismática da área de estudo - Tesouros (parte 2 de 3)

Nº	Local	Concelho	Freguesia	Lugar	Data achado	Composição	Qtd. numismas	Contentor	Data de ocultação	Referências principais
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
M17	Miragaia	Porto	Miragaia	Miragaia	Princípios séc. XX	M. Castro Hipólito registou, por informação oral, que nos inícios do século XX terá aparecido um tesouro de «uns milhares de pequenos bronzes» em Miragaia, numismas que se terão perdido ou dispersado, sem mais detalhes (HIPÓLITO, 1961: 47; SILVA, 2010: 247, n.º 4). Reavaliando estes dados, J. MENDES-PINTO (2007: 106) considera que se trataria de um tesouro tardo-romano, datável entre o século IV e os meados do século V.	«uns milhares»	Desconhecido	350 - 450	HIPÓLITO, 1961; MENDES-PINTO, 1999a; 2004; 2007; SILVA, 2010
M18	Paiço/Vila Boa	Vila do Conde	Guilhabreu	Paiço/Vila Boa; Milreus	Meados séc. XX (?)	C. A. F. ALMEIDA (1969: 35-6), seguindo notícia da imprensa, refere o achado neste local, onde existe uma *uilla* e uma necrópole romanas, de um tesouro monetário do século IV, com centenas de moedas, que se dispersaram, das quais «grande parte eram de Constantino» (ALMEIDA, *ibid* .). J. MENDES-PINTO classificou 13 moedas deste tesouro, correspondentes, de facto, a pequenos bronzes do século IV (2007: 101-5)	«Centenas de moedas»	Desconhecido	Desconhecida	ALMEIDA, 1969: 35-6; MENDES-PINTO, 2007: 101-5
M19	Soutelo	Vila do Conde	Fornelo	Soutelo	Inícios de 2002	O tesouro apareceu num sítio com ocupação romana (talvez um casal), onde no século XIX foi encontrada uma estatuela em bronze figurando Júpiter. Álvaro B. Moreira (2009), que recolhe a notícia do achado da imprensa geral, aponta a possibilidade de tratar-se de um tesouro tardo-romano, o que parece plausível, atendendo à quantidade de numismas.	c. 500	Desconhecido	Desconhecida	MOREIRA, 2009: 315-6, n.º 66; Jornal *Público* . Porto, 5.5.2002
M20	Serra do Pilar	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Serra do Pilar		O tesouro original conteria entre 6 a 8 moedas. Às duas tetradracmas gregas, em prata, já conhecidas (CENTENO, 1987: 190-191) junta-se agora a divulgação de outras duas (CENTENO, 2020), podendo datar-se o ocultamento no séc. IV a.C.	entre 6 e 8	Desconhecido	séc. IV aC (?)	CENTENO, 1987; 2020

Tabela 13 – Documentação numismática da área de estudo - Tesouros (parte 3 de 3)

Concelho	Freguesia	Sítio	Tipo de sítio	Tipo_achado	Pré-imperiais	Augusto	Séc. I	Séc. II	Séc. III	Séc. III-IV	Séc. IV	Séc. IV-V	Séc. V	Indet.	Descrição	Referências
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Maia	Santa Maria de Avioso	Santo Ovídeo	Castro romanizado (?)	Achados avulsos										Referência não quantificada	A referência ao achado de moedas no local, sem maior detalhe, é feita por C. A. F. ALMEIDA (1969: 33).	ALMEIDA, 1969
Maia	Gemunde	Forca	Necrópole	Espólio votivo					2		2			Moedas em nº desconhecido	No espólio desta necrópole, disperso por várias instituições e particulares (ALMEIDA, 1988: 116), regista-se uma moeda de Constantino (ALMEIDA, 1969: 43), tendo sido mais recentemente classificados dois exemplares de Gallienus e um de Constans (MOREIRA, 2009: 209).	ALMEIDA, 1969; ALMEIDA, 1988; MOREIRA, 2009
Matosinhos	Guifões	Monte Castêlo	Castro romanizado	Escavação arqueológica		3			3		87				Na análise feita por J. M. Mendes-Pinto a fotografias do espólio numismático das escavações de Neves dos Santos no Castro de Guifões, de que este investigador mencionou raros exemplares (SANTOS, 1955: 55), o numismata encontrou ilustrações de 70 moedas com a legenda de «Moedas diversas», provenientes, por certo de recolhas avulsas no castro (MENDES-PINTO, 2007: 73-74). O estudo posterior desses exemplares, acrescidos dos que apareceram nas escavações de 1993-1999, totalizando 93 numismas (MENDES-PINTO, 2014) permitiu ao mesmo tempo observar a circulação de emissões essencialmente tardias, ainda que com raros exemplares do século I, dois *asses* e um *aureus* de Nero, já publicado por Neves dos SANTOS (*Ibidem*).	SANTOS, 1955; MENDES-PINTO, 2007; 2014
Matosinhos	Lavra	Fontão	*Uilla*	Achados avulsos										Moedas em nº desconhecido	Citando o testemunho de um escritor dos começos do século (GRAVE, 1911), Neves dos SANTOS (1963: 11-13) refere-se ao achado de moedas, sem descriminação, na área desta *uilla* romana.	
Paredes	Parada de Todeia	Igreja	Necrópole	Espólio votivo							3			2	Desta necrópole, datada de meados do século IV, são provenientes cinco moedas, duas atribuídas a Constante, uma a Constantino I e as restantes ilegíveis (SOEIRO, 1986: 114).	SOEIRO, 1986
Paredes	Rebordosa	Rebordosa	Necrópole	Espólio votivo							1			«Várias moedas romanas»	«Várias moedas romanas, a maioria muito gasta e danificada» terão aparecido, segundo notícia antiga recolhida por HIPÓLITO acondicionadas entre dois pratos cerâmicos. Numa delas pôde ainda s ler-se, na legenda, IMP CONSTANTINVS» (1961: 47, n.º 56). J. MENDES-PINTO (2007: 174-5), considera este achado como «uma deposição votiva em contexto funerário».	HIPÓLITO, 1961; MENDES-PINTO, 2007.
Penafiel	Boelhe	Bouça do Ouro	Povoado	Achados avulsos		1				12					Há referência a um asse de Augusto (*caetra*), mas sobretudo, uma dúzia de moedas dos séculos III-IV (SOEIRO, 1998b: 14-15)	SOEIRO, 1988b
Penafiel	Bustelo	Monteiras	Necrópole	Espólio votivo			3	2		47					Na monografia da escavação desta necrópole contabilizam-se, contadas pelas fichas de inventário das sepulturas, c. de 49 moedas, algumas do século I, mas a maior parte dos séculos III-IV (SOEIRO, 2010: 72ss.).	SOEIRO, 2010
Penafiel	Canelas	Póvoa	Povoado	Achados avulsos											Abílio Miranda noticia o achado de uma moeda em ouro neste sítio arqueológico, entretanto desaparecida (MIRANDA, 1943a)	MIRANDA, 1943a

Tabela 14 – Documentação numismática da área de estudo – Ocorrências diversas (parte 1 de 3)

Concelho	Freguesia	Sítio	Tipo de sítio	Tipo_achado	Pré-imperiais	Augusto	Séc. I	Séc. II	Séc. III	Séc. III-IV	Séc. IV	Séc. IV-V	Séc. V	Indet.	Descrição	Referências
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Penafiel	Canelas	Belavista	Necrópole	Espólio votivo											Referência a moedas, que não se conservaram (MIRANDA, 1943a; 1943b; SOEIRO, 1984: 77)	MIRANDA, 1943a; 1943b, SOEIRO, 1984
Penafiel	Capela	Igreja	Necrópole	Espólio votivo											Referência, vaga, ao achado de moedas nesta necrópole (SOEIRO, 1984: 104), em número e tipo indeterminados (ANDRADE, 1918: 75; 1920: 277).	ANDRADE, 1918; 1920; SOEIRO, 1984
Penafiel	Croca	Montes Novos	Necrópole	Espólio votivo	1		3	1	c. 83		c. 923				Na escavação desta necrópole, com cronologia entre os séculos II-III e o século IV, exumaram-se mais de um milhar de numismas romanos, classificados sumariamente (PINTO, 1996; 1998). Por contagem direta a partir das fichas de sepultura (PINTO, 1998: 194-227), contabilizámos 1011 exemplares, dos quais cerca de 91% são exemplares do século IV. No total, as emissões dos séculos III-IV registam 99,5% das ocorrências, observando-se apenas um exemplar hispânico e 4 moedas do Alto Império. Devem tomar-se os valores das colunas à esquerda como meramente indicativos, uma vez que o inventário normalmente não individualiza os exemplares dos séculos III e IV.	PINTO, 1996; 1998
Penafiel	Duas Igrejas	Antas	Necrópole	Espólio votivo							41				Referenciaram-se nesta necrópole 41 moedas «do século IV» (MIRANDA, 1942; PEREIRA, 1975; SOEIRO, 1984: 89-90).	MIRANDA, 1942; PEREIRA, 1975; SOEIRO, 1984
Penafiel	Duas Igrejas	Eirô	Necrópole	Espólio votivo							13				Apareceram neste cemitério romano 13 moedas (SOUSA; SOEIRO, 2020: 1443).	SOUSA; SOEIRO, 2020
Penafiel	Oldrões	Monte Mozinho	Castro romanizado	Escavação arqueológica										Quantidade e tipo desconhecidos	Nas escavações do Monte Mozinho, quer as da primeira fase (1943-1958), quer as mais modernas (desde 1974) tem aparecido significativo número de moedas. Tanto quanto sabemos, com exceção dos tesouros, não existe estudo de conjunto desse material numismático.	ALMEIDA, CF, 1974, 1975, 1977; SOEIRO, 1984, 1998d, 2001; CARVALHO, 2008a; CARVALHO, QUEIROGA, 2005
Penafiel	Rio de Moinhos	Codes	Necrópole	Espólio votivo											Referência a moedas, perdidas e em número indeterminado (SOEIRO, 1984: 54-55).	SOEIRO, 1984: 54-55
Penafiel	Santiago de Subarrifana	Outeiro	Necrópole	Espólio votivo							1				Noticia-se a identificação de uma moeda de Constantino (SOEIRO, 1987: 235-236).	SOEIRO, 1987
Valongo	Campo	Corredoura	Necrópole	Espólio votivo					5						Nesta necrópole apareceram cinco moedas, datadas de entre Galiennus e Tetricus (MENDES-PINTO, 1991: 153)	MENDES-PINTO, 1991
Vila do Conde	Guilhabreu	Paiço/Vila Boa; Milreus	Habitat romano	Achados avulsos		1		1							Entre um conjunto de moedas conservadas nos serviços de arqueologia da C. M. V. Conde encontra-se um denário de Augusto, em prata, que J. M. MENDES-PINTO considerou, pelo desfasamento cronológico, alheio ao tesouro do século IV procedente do mesmo local (2007: 101-105), podendo aquela moeda resultar, assim, de um achado avulso relacionado com a área habitacional romana. No mesmo sentido poderá talvez interpretar-se a notícia do achado, em 1894, de um bronze, talvez de Commodus, «num campo a que chamão Villa Bôa» (LIMA, 1940: 209-210; CENTENO, 1987: 136).	LIMA, 1940; CENTENO, 1987; MENDES-PINTO, 2007

Tabela 14 – Documentação numismática da área de estudo - Ocorrências diversas (parte 2 de 3)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Concelho	Freguesia	Sítio	Tipo de sítio	Tipo_achado	Pré-imperiais	Augusto	Séc. I	Séc. II	Séc. III	Séc. III-IV	Séc. IV	Séc. IV-V	Séc. V	Indet.	Descrição	Referências
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Vila Nova de Gaia	Gulpilhares	Alto da Vela	Necrópole	Escavação arqueológica							7				A descrição, imprecisa, refere 7 moedas de bronze (FORTES, 1908; 1909:18), aparentemente todas tardias. M. J. LOBATO (1995:68) classificou 2 *nummus* , de Constantino I e Constante (SILVA, 1997: 222, n.º 18)	FORTES, 1908, 1909; LOBATO, 1995; SILVA, 1997
Vila Nova de Gaia	Pedroso/Perosinho	Monte Murado	Castro romanizado	Achados avulsos		1		3	1		8			Registo de moedas, sem detalhe	Provenientes de coleções particulares, Lima (1989) classifica um conjunto de numismas que se iniciam com um asse de Augusto e dois de Cláudio, encerrando a série um nummus de Valentiniano I. ARAÚJO (1920: 33, 36) refere o achado frequente de moedas romanas, sem outros detalhes (SILVA, 1997: 222, n.º 19).	ARAÚJO, 1920; LIMA, 1989; SILVA, 1997
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Bom Jesus de Gaia	*Edificiae*	Escavação arqueológica							3				Três pequenos bronzes do século IV apareceram nestas escavações, segundo Gonçalves GUIMARÃES 1995: 71 (SILVA, 1997: 223-4, n.º 22)	GUIMARÃES, 1995a;
Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Monte de Sta. Bárbara	Indeterminado	Achados avulsos				1	1					1	Referências, pouco precisas, a achados de moedas, entretanto perdidas (DUARTE, 1987)	DUARTE, 1987; SILVA, 1997: 223, n.º 20
Vila Nova de Gaia	Valadares	Sameiro	Necrópole	Escavação arqueológica		1								1	Vasconcelos (1895b: 24) faz referência a uma moeda de Augusto, enquanto Correia (1924: 292) menciona outra, não descriminada, podendo até corresponder à mesma numisma (SILVA, 1997: 224, n.º 23).	VASCONCELOS, 1895b; CORREIA, 1924; SILVA, 1997
Vila Nova de Gaia	Crestuma	Castelo de Crestuma	Habitat romano	Escavação arqueológica							1				Deste sítio é proveniente, pelo menos, uma moeda do século IV (SILVA; GUIMARÃES, 2013a: 7), existindo, provavelmente, uma segunda.	SILVA; GUIMARÃES, 2013a

Tabela 14 – Documentação numismática da área de estudo - Ocorrências diversas (parte 3 de 3)